

Os Embaixadores

Henry James

Livro Primeiro

I

A PRIMEIRA PERGUNTA que Strether se fez, ao chegar ao hotel, foi sobre o amigo; porém, ao saber que Waymarsh aparentemente só viria à noite, não ficou de todo desconcertado. Na recepção lhe apresentaram um telegrama dele com a resposta paga encomendando um quarto “desde que não muito barulhento”, de sorte que o trato de que se encontrariam em Chester, em vez de Liverpool, permanecia até então inalterado. Mas o mesmo princípio secreto que induzira Strether a não desejar em absoluto a presença de Waymarsh no porto, e que, portanto, o obrigara a postergar em algumas horas o prazer de reencontrá-lo, agora operava de modo a fazê-lo sentir que ainda podia esperar sem sofrer nenhuma decepção. No pior dos casos, jantariam juntos e, com todo o respeito ao velho amigo — para não dizer, aliás, a si próprio —, havia pouca chance, logo depois, de não se verem o bastante. O princípio operador que acabei de mencionar constituía, para o último dos dois cavalheiros a desembarcar, totalmente intuitivo — o fruto de um pressentimento agudo de que, por mais agradável que fosse após tanto tempo fitar o rosto do companheiro, seria botar seu trabalho um pouco a perder se houvesse simplesmente arranjado para que tal fisionomia se apresentasse ao vapor como a primeira “nota” da Europa. Misturada a tudo isso já havia a apreensão, por parte de Strether, de que, na melhor das hipóteses, do começo ao fim, ela poria mais do que suficientemente à prova a nota europeia.

Desde a tarde anterior, graças a seu feliz estratagema, essa nota entrementes se compusera de uma consciência de liberdade pessoal como havia anos não sentia; de um gosto intenso de mudança e de não ter naquele momento nada nem ninguém para levar em consideração — o qual, caso não fosse tolice alimentar esperanças vãs, como que prometia impregnar sua aventura de um êxito sereno. Houve gente no navio com quem lhe fora fácil se socializar — supondo que a virtude da facilidade lhe possa ser atribuída nesta altura dos acontecimentos gente que, em sua maioria, mergulhou no fluxo formado no palco do desembarque em Londres; houve até quem o convidasse para um *rendez-vous* em um restaurante e que solicitasse sua companhia para uma “volta” pelas atrações de Liverpool; mas ele escapara de todos, não honrara nenhum compromisso nem tornara a ver nenhum dos novos conhecidos; tomara, indiferente, consciência de quantas pessoas se julgaram, ao contrário dele, felizes por “se encontrarem”; e, até mesmo, de modo independente, insociável, solitário, sem encontro nem recaída e, por um mero e sossegado desejo de evasão, destinara sua tarde e sua noite ao apreciar das coisas imediatas e sensíveis. Formaram um rascunho limitado da Europa, uma tarde e uma noite às margens do Mersey, mas, dessa maneira, ele ao menos sorvera a poção não diluída. É verdade que estremeceu um pouco diante da ideia de que Waymarsh já poderia estar em Chester; refletiu que, caso precisasse pronunciar-se ali sobre a “chegada” antecipada, teria dificuldade para fingir que se impacientara com o tempo livre; mas sentia-se como um homem que, tendo a felicidade de encontrar nos bolsos mais dinheiro do que esperava, manuseia-o um pouco e, de forma despreocupada e alegre, tilinta as moedas antes de tratar de gastá-las. Que ele estava preparado para mostrar-se impreciso sobre a hora da atracação, e que tanto queria muito rever Waymarsh quanto desfrutava ao extremo a duração do atraso — essas coisas, é preciso ponderar, indicavam os primeiros sinais de que seu vínculo com sua

presente missão poderia revelar-se bastante complicado. A estranheza da dupla consciência — é melhor dizer logo de saída — oprimia o pobre Strether. Havia desapego em seu zelo e curiosidade em sua indiferença.

Depois de a moça na cabina envidraçada ter-lhe entregado o folheto *rasa* pálido com o nome de seu amigo, que ela pronunciou com clareza, ele se virou para encontrar-se face a face no saguão com uma senhora cujo olhar aparentou cruzar o seu como se tomado por uma intenção subitamente determinada, e cujas feições — nem notadamente jovens Item acentuadamente belas, mas em bons termos tanto com a juventude quanto com a beleza — fizeram-no recordar uma visão recente. Por um instante eles se entreolharam; então o momento a identificou: ele a vira no dia anterior, no outro hotel, onde — de novo na recepção — ela conversara brevemente com algumas pessoas que estiveram em seu navio. O reconhecimento também pareceu ter prevalecido por parte da dama — o que apenas contribuiu para o mistério. Tudo o que ela agora começava a dizer-lhe, todavia, era que, tendo tido a oportunidade de (ouvi-lo falar à recepcionista, sentiu-se impelida a perguntar, com a sua permissão, se era possível tratar-se de Mr. Waymarsh, de Milrose, Connecticut — Mr. Waymarsh, o advogado americano.

“Ah, sim”, ele respondeu, “um bom amigo. Virá de Malvern para encontrar-me, e eu supunha que já houvesse chegado. Mas só chegará mais tarde, e estou feliz por não o ter feito esperar. A senhora o conhece”? Strether concluiu.

Foi somente depois de ter falado que se deu conta de quanto de si havia na resposta; alertaram-no disso não só o tom da réplica dela, mas também a influência de qualquer coisa a mais em seu semblante — isto é, algo diferente do ar inquieto que parecia caracterizá-la. “Eu o conheci em Milrose — onde costumava às vezes hospedar-me,

muito (empo atrás; tinha amigos ali que eram amigos dele, e estive em sua casa. Não lhe direi, em razão disso, que ele me reconheça”, prosseguiu a interlocutora de Strether; “mas ficaria encantada de revê-lo. Talvez”, ela continuou, “isso seja possível, pois passarei a noite aqui”. Ela interrompeu-se enquanto nosso amigo absorvia as informações; foi como se um longo colóquio houvesse ocorrido. Eles até mesmo esboçaram um sorriso, e Strether logo observou que sem dúvida não seria difícil encontrar-se com Mr. Waymarsh. A resposta, porém, pareceu perturbar a dama, que dava a impressão de falar sem rodeios, como se ela pudesse ter ido longe demais. “Ah”, sugeriu, “ele não dará importância!”, e imediatamente disse acreditar que Strether conhecia os Munsters; os Munsters sendo a gente que ele vira com ela em Liverpool.

Mas ele, na realidade, não conhecia os Munsters bem o suficiente para levar o caso adiante; assim, eles se viram como se tivessem sido deixados juntos diante de um cardápio desolado de conversação. Os méritos da senhora com respeito à mencionada ligação mais suprimiam do que acrescentavam um prato, e parecia não haver nada mais a ser servido. A atitude de ambos, nada obstante, continuava sendo não abandonar o posto; e o efeito disso foi o de dar-lhes a aparência de se terem aceitado mutuamente com uma ausência quase completa de preliminares. Eles seguiram pelo saguão, e a companheira de Strether comentou que o hotel tinha um jardim. Nosso herói se dera conta, nessa altura, de sua estranha inconsequência: ele evitara a intimidade no vapor e abafara o choque em relação a Waymarsh tão somente para descobrir que agora abandonava tanto as evasivas quanto as precauções. Sob esse estado inesperado e antes mesmo de ter subido a seu quarto, ele passou ao jardim do hotel e, ao cabo de dez minutos, concordara em encontrar-se ali de novo, tão logo houvesse se aprontado, com a fornecedora de tão boas convicções. Strether queria ver a cidade e eles breve a

veriam juntos. O conhecimento que ela tinha do local a fazia agir de certa maneira como uma anfitriã, e Strether lançou um olhar de pesar para a senhora no balcão envidraçado. Foi como se essa personagem se visse subitamente suplantada.

Quando ele desceu, quinze minutos depois, o que sua anfitriã viu, o que ela poderia ter apreendido através de uma visão favoravelmente ajustada, foi a figura esguia, algo desenvolta, de um homem de altura mediana e talvez passado da meia-idade — um homem de cinquenta e cinco anos cujas características mais visíveis eram um rosto de tez acentuadamente trigueira e pálida, um bigode negro e cerrado, cortado à americana, de crescimento robusto e pontas derreadas, e cabelos ainda abundantes mas salpicados de fios grisalhos, e um nariz de franca e ousada proeminência, cujo perfil regular e acabamento superior, como se poderia dizer, configuravam certo efeito atenuante. Um perpétuo par de óculos assentado nessa bela cumeeira e uma linha extraordinariamente profunda e marcada, a pertinaz pincelada do tempo, que acompanhava a curva do bigode desde a narina até o queixo, contribuía para rematar a estrutura facial que um observador atento teria catalogado, na hora, na perspectiva da parceira do encontro de Strether. Sua parceira o aguardava no jardim, calçando um par de luvas claras singularmente macias e elásticas, e se apresentava com uma espécie de prontidão superficial que, à medida que ele avançava pelo pequeno gramado macio, sob o débil sol inglês, Strether, cuja aparência se revelava menos cuidada, poderia ter considerado modelar para tais ocasiões. A dama mostrava um decoro simples e perfeito, uma adequação cara e despretensiosa, que seu companheiro não estava em condições de analisar, mas que o impressionou, de sorte que sua percepção dessa circunstância logo se tornou aguda, como uma qualidade bastante nova para ele. Antes de unir-se a ela, Strether parou na relva domo se à procura de alguma coisa, possivelmente perdida, no leve

sobretudo que carregava no braço; contudo, o ato em essência era apenas um impulso para ganhar tempo. Nada lhe parecia mais estranho do que a consciência de que se lançava em uma aventura cujo sentido não se coadunava com o de seu passado e que, com efeito, começava a nascer naquela hora e lugar. Começara na realidade quando se pôs diante do espelho, que lhe parecia toldar ainda mais, e de modo tão curioso, o lusco-fusco da janela em seu quarto sombrio; começara com o exame mais detido que fora levado a fazer em muitos anos sobre os elementos da Aparência. Como, naquelas ocasiões, sentira que tais elementos não estiveram tão disponíveis quanto gostaria, agora lhe ocorria que eles representavam uma questão para a qual o auxílio proveria justamente daquilo que estava na iminência de fazer. Estava prestes a ir para Londres, de modo que o chapéu e a gravata podiam esperar. O que o alcançara de forma tão direta quanto uma bola em um jogo bem jogado — e o atingira ademais de modo não menos preciso — foi tão somente o ar, na pessoa de sua amiga, de ter visto e escolhido, o ar de ter adquirido essas vagas qualidades e quantidades que ele em geral distinguia como um benefício arrebatado em oportunidades mais ditosas. Sem pompa nem circunstância, decerto, como da maneira como ela originalmente se dirigira a ele, e também como ele próprio respondera, Strether teria resumido a impressão que a dama lhe causara como: “Bem, ela é tão mais civilizada...”! Se na esteira de sua observação não se teria perguntado em relação a quem ela era “tão mais civilizada” era justamente em virtude de sua profunda consciência acerca das consequências dessa comparação.

A graça de uma civilização mais intensa estava naquilo que ela — notória conterrânea, em absoluta sintonia com a qualidade compatriótica e em ruidosa associação não com o mistério, mas com o querido e dispéptico Waymarsh — parecia claramente prometer. Sua

pausa para vasculhar o sobretudo era decerto a pausa da confiança, e esta permitiu que seus olhos emitissem um julgamento sobre sua amiga, ao mesmo tempo que os dela também emitiam o seu sobre ele. Achou-a quase insolentemente jovem; mas uma idade de trinta e cinco anos vividos sem preocupações lhe daria a mesma impressão. Era, como ele, pálida e marcada — conquanto Strether naturalmente não pudesse saber o que um espectador, a passar os olhos de um para o outro, veria em comum entre os dois. Mas ao contemplar cada um tão graciosamente moreno e tão nitidamente frugal, cada um a revelar de tal modo as arestas da superfície e os auxílios à visão, um nariz desproporcional e uma cabeça sutil ou abundantemente grisalha, esse espectador bem que poderia pensar que se tratasse de um casal de irmãos. Nesse ponto haveria decerto um traço de diferença: o de tal irmã ter seguramente sentido, com respeito a tal irmão, os extremos da separação, e o de tal Irmão naquele momento sentir, com respeito a tal irmã, os extremos da surpresa. E era verdade, ademais, que a surpresa não fora bem o que os olhos da parceira de Strether mais lhe mostraram enquanto lhe concedia, alisando as luvas, o tempo requerido. Seus olhos de imediato tomaram conta dele, medindo-o de cima a baixo como se conhecessem as coordenadas, como se ele fosse material humano com que de algum modo já houvessem lidado. A dona de tais olhos, é preciso confessar, conhecia uma centena de casos e categorias, receptáculos da mente, subdivisões para a conveniência, nos quais, em sua vasta experiência, compartimentava seus companheiros mortais com uma mão tão destra quanto a de um impressor distribuindo os tipos na máquina. Era tão equipada nesse particular quanto Strether era destituído, e isso estabelecia entre ambos um contraste à cuja apreciação nosso amigo poderia ter fugido caso dele houvesse realmente suspeitado. Até onde suspeitava, ao contrário, após um rápido tremor de consciência, mantinha-se tão convenientemente passivo quanto se podia ser. Na realidade tinha

uma espécie de pressentimento do que ela sabia. Tinha efetivamente o pressentimento de que ela sabia coisas que ele desconhecia e, embora essa fosse uma concessão que, de forma geral, achava difícil fazer às mulheres, fazia naquele momento com o bom humor de quem se livra de um fardo. Os olhos dele conservavam-se tão plácidos atrás de seu eterno pincenê que quase podiam ausentar-se sem que, com isso, ocasionassem qualquer mudança em seu semblante, o qual adquirira não apenas a expressão, mas sobretudo sua marca de sensibilidade de outras fontes, como a superfície, o matiz e o formato. Strether logo se juntou à sua cicerone, e então sentiu que ela se beneficiara ainda mais do que ele do fato de ter permanecido, nos momentos aos quais nos referimos, tão à disposição de sua inteligência. Ela até mesmo sabia de coisas íntimas que ele não havia lhe contado e provavelmente nunca lhe contaria. Não estava alheio à circunstância de que lhe contara muitas delas até então, embora não fossem as coisas verdadeiras. Mas era justamente dessas, de algumas das verdadeiras, que ela sabia.

Para alcançarem a rua, tiveram de passar mais uma vez pelo saguão de entrada, e foi ali que ela o fez estacar com uma pergunta. “O senhor informou-se do meu nome”?

Só lhe restou parar com uma gargalhada. “E a senhora informou-se do meu”?

“Ah, certamente... assim que saiu. Fui à recepção e perguntei. Não deveria *o senhor* fazer o mesmo”?

Ele refletiu. “Para descobrir quem a senhora é? ... Depois que aquela digníssima jovem nos viu na tentativa de puxar conversa”!

Ela por sua vez riu do vestígio de preocupação contido no gracejo. “Não seria mais um motivo? Se o que temia era prejudicar

minha reputação — o fato de eu sair com cavalheiro que foi obrigado a inquirir sobre minha identidade —, asseguro-lhe que não me importo nem um pouco. Aqui, contudo”, ela continuou, “está meu cartão e, como me lembrou de dizer duas palavras na recepção, o senhor pode aproveitar minha ausência para examiná-lo”.

Sua amiga saiu depois de Strether ter apanhado o cartãozinho que ela extraíra de sua carteira e, enquanto esperava, ele retirara outro da sua, para dá-lo em troca. Leu em seguida a simples designação “Maria Gostrey”, à qual correspondiam, em um canto do cartão, um número, o nome de uma rua, presumivelmente em Paris, sem nenhuma outra distinção apreciável exceto seu caráter ádvena. Então guardou o cartão dela no bolso do colete, mantendo o seu entrementes à mostra; e, ao encostar-se na porta de entrada, topou com um pensamento desgarrado, que o fez sorrir diante do cenário que se descortinava na frente do hotel. Era positivamente cômico que já houvesse posto Maria Gostrey, quem quer que fosse ela — sobre quem não tinha a menor ideia — em um lugar seguro. Strether de algum modo sabia que deveria preservar com cuidado a pequena lembrança recém-embolsada. Dirigiu um olhar longo e distraído à paisagem enquanto perseguia algumas das

Implicações de seu ato, perguntando a si próprio se realmente se sentia constrangido a qualificá-lo de desleal. Fora súbito, fora porventura até mesmo prematuro, e não havia a menor dúvida quanto à expressão que produziria na face de certa pessoa, se ela visse isso. Mas, se era “errado” — bem, então seria melhor nem sair. A essa conclusão, pobre homem, ele — mesmo antes de encontrar-se com Waymarsh — já havia chegado. Acreditara que dispunha de um limite, mas esse limite fora ultrapassado nas últimas trinta e seis horas. E por quão extensa medida no plano dos costumes, ou mesmo da moral, ele sentiu de modo bastante vívido após Maria Gostrey ter

regressado e com um alegre e decidido “Então, agora...”! Conduziu-o para o mundo. Assim sendo lhe ocorreu — enquanto caminhava ao lado de sua companheira com o sobretudo no braço, o guarda-chuva embaixo do outro e seu cartão pessoal um tanto rigidamente sustentado entre o indicador e o polegar — que aquilo era de fato, em comparação, a sua apresentação às coisas. Não, não fora “a Europa” em Liverpool — nem mesmo nas temidas e deliciosas ruas impressionantes da noite anterior — não no alcance que sua atual companheira infundia. Contudo, com alguns minutos de caminhada — durante os quais tivera tempo para refletir se o olhar de soslaio que ela lhe dirigira uma ou duas vezes queria dizer que ele deveria ter calçado as luvas — Miss Gostrey ainda nem chegara a tal ponto como quando quase o fez parar com uma pilhéria. “Mas por que — por mais agradável que seja imaginar o senhor agarrando-se a ele — não o põe no bolso? Ou, se é inconveniente carregá-lo, esteja certo de que muitos ficam felizes em recebê-lo de volta. A fortuna que se gasta neles”!

Strether então percebeu que seu jeito de caminhar empunhando a própria oferenda não só lhe parecera um desvio para uma dessas direções que ele ainda era incapaz, de apreciar, mas também a fizera supor que se tratasse da mesma insígnia que ela lhe havia dado. Ele conseqüentemente lhe entregou o cartão, como se em restituição, mas, tão logo ela o apanhou, pôde sentir a diferença e, com os olhos postos no papel, refreou um pedido de desculpas. “Gostei de seu nome”, observou.

“A senhora não deve ter ouvido falar nele”, ele respondeu. No entanto, contava com suas razões para duvidar disso.

Ah, mas não era assim tão evidente! Maria Gostrey o leu de novo como se fosse alguém que nunca o houvesse visto. “Mr. Lewis Lambert Strether”, ela fez soar quase como se se tratasse de um

desconhecido. Repetiu, contudo, que lhe agradara, “particularmente o Lewis Lambert. É um nome de um romance de Balzac”.

“Pois não sei”! Disse Strether.

“Um péssimo romance”.

“Também sei disso”, Strether sorriu. E acrescentou, com aparente despropósito: “Sou de Woollett, Massachusetts”. Pelo mesmo motivo — o despropósito ou coisa que o valha —, o comentário a fez rir. Balzac havia descrito muitas cidades, mas não Woollett, em Massachusetts. “O senhor menciona o fato”, ela retorquiu, “como se quisesse que imaginássemos de imediato o pior”.

“Oh, creio que é uma condição de que a senhora já deve ter desconfiado”, ele disse. “Sinto-a tão forte em mim que certamente devo transmiti-la na aparência, na forma de falar e, como dizem, na forma de agir. Salta aos olhos, e a senhora decerto deve ter percebido no momento em que me viu”.

“Quer dizer, ter percebido o pior”?

“Bem, de onde eu venho, na verdade. Mas aqui estamos; de modo que, aconteça o que acontecer, a senhora não poderá dizer que não fui honesto”.

“Compreendo”, a última observação pareceu deixá-la intrigada. “Mas o que acha que pode acontecer”?

Embora — ao contrário do que se poderia imaginar — não fosse tímido, Strether relanceou em torno sem olhá-la nos olhos; um gesto comum quando ele falava, mas que em geral não lhe parecia afetar as palavras. “Ora, receio que a senhora me ache incorrigível”.

Com isso, retomaram o passeio e ela lhe respondeu, enquanto caminhavam lado a lado, que tinha uma predileção especial por seus compatriotas (Uni# “incorrigíveis”. Toda sorte de pequenos elementos prazenteiros — pequenos, embora parecessem enormes para ele — germinou ao sabor da ocasião; mas o peso dessa mesma ocasião sobre questões mais remota» nos impede de multiplicar os exemplos. Dois ou três, entretanto, talvez nos arrependamos de deixar passar. A muralha tortuosa — cinturão há muito alquebrado da cidadezinha espriada, mantido parcialmente de pé pelo zelo de seus cidadãos — segue em uma linha estreita entre os parapeitos rebatidos por pacíficas gerações, interrompendo-se aqui e ali em um portão arrebatado ou uma ponte sobre uma vala, com seus altos e baixos, degraus para cima e para baixo, desvios e junções extravagantes, olhadelas sobre ruas tranquilas e sob as empenas de frontões, vistas das torres da catedral e dos prados ribeirinhos, da apinhada cidade inglesa e do ordenado campo inglês. O deslumbramento de Strether diante de tal espetáculo era profundo demais para traduzir-se em palavras — como era profunda, aliás, a forma como se mesclavam A esse sentimento certas imagens de sua cena interna. Ele percorrera o mesmo caminho havia muito tempo, quando tinha vinte e cinco anos; mas isso, em vez de lhe arruinar a apreciação, tornava-a mais enriquecedora para sua atual sensibilidade e marcava seu renascimento como coisa concreta o bastante para ser compartilhada. Como era com Waymarsh que deveria dividi-la, sentia que assim estava privando seu amigo de algo que era dele, de direito. Olhava obsessivamente o relógio e, quando repetiu o gesto pela quinta vez, Miss Gostrey o interrompeu.

“O senhor acha que está fazendo algo errado”.

A observação calou tão fundo que ele mudou visivelmente de cor e seu riso soou embaraçado. “Dou a impressão de desfrutar tanto

assim do passeio”?

“Creio que não tanto como devia”.

“Compreendo...”, ele pareceu concordar, absorto. “Sinto-me honrado”.

“Ah, não se trata disso! Nada tem a ver *comigo*, mas sim com o senhor. O entrave é geral”.

“Ah, aí está”! Ele riu. “É o entrave de Woollett. *Isso*, sim, é geral”.

“O entrave à fruição”, Miss Gostrey explicou, “foi isso o que quis dizer”.

“Exatamente. Woollett não está certa se deve aceitar a fruição. Se estivesse, aceitaria. Mas, pobrezinha”, Strether continuou, “ao contrário de mim, não tem ninguém para lhe mostrar como. Eu, sim, tenho alguém”.

Haviam parado sob o sol da tarde — pois, para poder apreciar melhor o cenário, interromperam várias vezes a caminhada — e Strether descansava em um dos flancos elevados do velho sulco de pedra de um pequeno bastião. Encostara-se nesse suporte com o rosto voltado para a torre da catedral, admiravelmente sobranceira naquela perspectiva, uma alta e quadrada massa vermelho-acastanhada, guarnecida de espirais e ornamentos secundários, retocada e restaurada, mas adorável aos olhos inexperientes de Strether, e com as primeiras andorinhas do ano urdindo voos a seu redor. Miss Gostrey permanecia a seu lado, cheia de um ar, a cujo direito se arrogava cada vez mais, de quem compreendia as consequências. Ela anuiu. “O senhor de fato tem alguém”. E acrescentou: “Gostaria que me permitisse mostrar como”.

“Ah, mas tenho medo da senhora”! Ele gracejou.

Ela lançou sobre ele, através de seus óculos e dos de seu amigo, um olhar longo e afetuoso. “Ah, não, não tem! Nem um pouco, graças a Deus! Se tivesse, não nos encontraríamos aqui tão cedo. Acho”, Miss Gostrey calorosamente concluiu, “que confia em mim”.

“Também acho! ... Mas é isso justamente que me assusta. Do contrário, não me importaria. E o fato de ter caído em cerca de vinte minutos tão inteiramente em suas mãos. Ouso dizer”, Strether continuou, “que a senhora deve estar acostumada com situações desse tipo; mas comigo jamais ocorreu algo mais extraordinário”.

Ela o observava com todo o carinho. “Isso simplesmente quer dizer que o senhor me aceitou — o que é bastante belo e raro. Pode ver quem sou”. Como nesse ponto ele, contudo, se eximiu, com um meneio bem-humorado de cabeça, da responsabilidade sobre tal alegação, ela teve tempo de compor uma explicação. “Se apenas se atrever a continuar como *já* se atreveu, não tardará a descobrir. Meu próprio destino tem sido profuso demais, e eu sucumbi a ele. Sou um guia geral... para a ‘Europa’, não sabia? Espero as pessoas... Levo-as para cima e para baixo. Apanho-as e as acomodo. Faço-as circular. Sou uma espécie de ‘mensageira’ de luxo. De acompanhante no sentido mais amplo. Não fui atrás, aconteceu. Este foi meu destino, e só nos resta aceitar nosso destino. E uma coisa terrível de dizer, em um mundo tão perverso, mas honestamente acredito que, como pode ver, não há nada que eu não conheça. Conheço todas as lojas e preços — mas conheço coisas ainda piores. Levo nas costas o imenso fardo de nossa consciência nacional ou, em outras palavras — pois se trata disso —, de nossa própria nação. De que se compõe nossa nação, a não ser de homens e mulheres cujo fardo individual me pesa sobre os ombros? Não faço isso, sabe, em benefício próprio. Não faço, por exemplo — como algumas pessoas —, por dinheiro.

Strether só pôde ouvir, refletir e arriscar. “Porém, responsável como é por tantos clientes, dificilmente pode dizer que o faz por amor”. Aguardou um pouco. “Como podemos recompensá-la”?

Miss Gostrey também hesitou, porém ao cabo apresentou sua réplica — “Não podem”! —, pondo-o novamente em marcha. Seguiram em frente, mas, pouco depois, embora ainda ponderando sobre o que ela lhe dissera, Strether mais uma vez sacou o relógio; mecanicamente, inconscientemente, como se a animação diante do que julgou ser a estranha e cínica verve de sua companheira bastasse para deixá-lo nervoso. Olhou a hora sem prestar atenção e então, a respeito de outra coisa que ela lhe dissera, estacou de novo. “Ele de fato o faz sentir-se aterrorizado”.

Strether esboçou um sorriso que, para si mesmo, quase pareceu nauseante. “Agora pode ver por que a temo”.

“Porque tenho esses clarões? Ora, se não são para o seu bem! Foi como lhe disse”, acrescentou, “agora mesmo. Sente que está agindo mal”.

Strether recostou-se, apoiado em um parapeito como se fosse todo ouvidos. “Então me livre disso”.

O rosto dela iluminou-se ligeiramente com a felicidade do apelo, mas, como se fosse um caso para uma ação imediata, Miss Gostrey ponderou. “Quer que o livre da obrigação de esperá-lo? Ou de encontrar-se com ele”?

“Ah, não... não é isso”, respondeu o pobre Strether, sombrio. “Preciso esperá-lo... E quero muito encontrar-me com ele. Trata-se do terror. A senhora pôs o dedo na ferida uns minutos atrás. É um fenômeno geral, mas se serve de ocasiões particulares. É isso que está operando em mim agora. Sempre levo algo mais em

consideração; isto é, algo afora o evento presente. O terror é essa obsessão pela outra coisa. Por exemplo, minha mente agora se ocupa de algo que não é a *senhora*".

Ela ouvia com adorável atenção. "Oh, não faça isso"!

"Concordo. Impeça então que aconteça".

Ela ainda refletia. "Esta é realmente uma 'ordem' sua? ... Quer que eu aceite o encargo? Garante que se renderá"?

O pobre Strether suspirou. "Se pudesse! Eis o busílis... nunca consegui. Não, não posso".

Miss Gostrey não esmoreceu. "Mas não quer ao menos"?

"Ah, imensamente"!

"Bem, então, se o senhor tentar"! ... E ela assumiu o encargo, tal como o chamara, de imediato. "Confie em mim"! Exclamou; e a consequência disso, quando eles pegaram o caminho de volta, foi fazê-lo tomar-lhe o braço, à maneira de uma velha figura paterna, dependente e benigna, sequiosa por agradar a pessoa mais moça. Se a soltou quando se aproximaram do hotel pode ter sido porque lhe ocorreu, após terem conversado um pouco mais, que a questão da idade, ou pelo menos da experiência — a qual, quanto a isso, já pendia de um lado para outro com bastante liberdade —, demandaria um reajuste. Foi de todo modo uma feliz circunstância o fato de terem chegado separadamente diante da porta do estabelecimento. A jovem deixada na cabina de vidro os observava como se na iminência de ir buscá-los na entrada. A seu lado havia uma pessoa que, por sua atitude, parecia igualmente interessada no regresso do casal, e Strether, em uma reação repentina que observamos entabular repetidas vezes, estacou ao vê-la. Ele permitiu

que Miss Gostrey designasse com o seu “Mr. Waymarsh”! Que quase lhe soou em tom de bela e profunda bravata, o que deveria ser, o que seria — ele sentiu mais do que nunca durante o breve momento em que seu olhar de boas-vindas suspensas tomava ciência da situação —, salvo por ela, sua perdição. O julgamento já o alcançara, mesmo à distância — Mr. Waymarsh mostrava-se, por *sua vez*, descontente.

II

Ele foi todavia obrigado a confessar ao amigo naquela noite que quase nada sabia sobre ela e essa foi uma deficiência que Waymarsh, malgrado a memória renovada pelo encontro, pelas lúcidas alusões e perguntas que ela lhe fez, pelo jantar que publicamente apreciaram em sua companhia e por outro passeio à cidade, ao qual ela não deixou de comparecer, para admirar a catedral ao luar — essa foi uma lacuna que o residente de Milrose, conquanto admitisse a relação com os Munsters, declarou-se incapaz de preencher. Ele não se lembrava de Miss Gostrey, e as duas ou três perguntas que ela lhe fez sobre membros de seu círculo de amizades teve, Strether observou, o mesmo efeito que ele próprio já havia sentido — o de parecer situar todo o conhecimento, por ora, do lado dessa mulher original. Interessava-lhe de fato determinar os limites de quaisquer relações que pudesse haver entre ela e seu amigo, e ocorreu-lhe que estes também haviam de ser demarcados por Waymarsh. O pensamento somou-se à sua sensação de ter ido longe demais com ela — e o fez entrever, precocemente, uma „ sequência bem mais direta. Logo teve por certeza que Waymarsh não lograria

tirar, por assim dizer, independentemente do grau de proximidade, nenhum proveito dela.

Houvera, depois desse primeiro encontro entre os três, uma conversa de uns cinco minutos no saguão, e então os dois homens seguiram para o jardim, enquanto Miss Gostrey, nesse ínterim, desaparecia de cena. Strether no devido tempo acompanhou o amigo até o quarto que havia reservado e que, antes de sair, tivera o cuidado de inspecionar; onde, ao cabo de outra meia hora, discretamente o deixou a sós. Ao sair subiu diretamente para seu dormitório, mas de imediato sentiu que as dimensões do aposento se ressentiam de sua nova condição. Ali pôde apreciar a primeira consequência do encontro. O lugar, que lhe parecera grande o bastante, agora era pequeno demais para ele. Chegara ali com algo de que teria se arrependido, teria quase se envergonhado de não reconhecer como uma emoção, ao mesmo tempo que pressupunha, porém, de modo tácito, que a emoção acabaria encontrando um escape. A verdadeira estranheza era a de que ele se sentia outra vez agitado; e essa excitação — que decerto não lhe seria fácil nomear naquele momento — conduziu-o mais uma vez para o andar térreo e fez com que andasse a esmo por alguns minutos. Retornou ao jardim; inspecionou o saguão principal, viu que Miss Gostrey escrevia cartas e saiu; ele vagou, impacientou-se e matou tempo; mas ainda teria uma sessão mais íntima com seu amigo antes que a noite chegasse ao fim.

Bem tarde — só depois de Strether ter passado uma hora no quarto com ele — é que esse sujeito se resignou a um duvidoso descanso. Conversaram em boa medida sobre o jantar e sobre a subsequente caminhada noturna — um sonho cujos efeitos românticos prosaicamente fundiram-se, para Strether, com o fato de não terem levado vestimentas mais adequadas para o frio — e esse

colóquio à meia-noite sucedeu porque a sala de fumar (quando para lá se dirigiram ao se verem livres, como o amigo lhe dissera, de sua elegante companheira) não apetecera a Waymarsh e, contudo, ir para a cama era coisa que lhe apetecia ainda menos. Gostava de dizer que conhecia a si mesmo, e agora usava essas palavras para confirmar sua convicção de que não conseguiria dormir. Ele conhecia a si mesmo bem o bastante para saber que teria uma noite inquieta a não ser que, antes disso, conseguisse ficar extremamente cansado. Se um esforço para esse fim requeria a presença de Strether até tarde da noite — consistia, ou melhor, em deter este último para a apresentação do discurso completo uma impressão de sutil disciplina, entretanto formou-se na mente de nosso amigo, ao observar Waymarsh encarapitado de calça e camisa na ponta da cama. Com as pernas compridas estendidas e as costas largas bastante curvadas, este último afagou, por um tempo quase incrivelmente longo, ora os cotovelos, ora a barba. A seu visitante ele parecia extrema quase obstinadamente desconfortável; porém, o que isso fora para Strether, desde o primeiro vislumbre que tivera de Waymarsh na entrada do hotel, senão a nota predominante? De certo modo o desconforto era tão contagiante quanto era, na mesma medida, inconsequente e infundado; o visitante sentiu que, a não ser que se acostumasse à situação — ou a não ser que o próprio Waymarsh se acostumasse — ela se tornaria uma ameaça à sua noção, engenhada e já confirmada, do agradável. Quando de início subiram para o quarto que Strether lhe selecionara, Waymarsh o examinou em silêncio com um suspiro, que para seu companheiro soou, se não o hábito da desaprovação, ao menos o desalento da expressão oportuna; e lhe ocorreu que esse quadro pudesse ser a chave para muito do que viera desde então observando. A “Europa”, começava a perceber, falhara em transmitir-lhe a mensagem; seu amigo não se afinara com ela e, ao cabo de três meses, quase que havia renunciado a qualquer esperança.

Com efeito, ele parecia no momento reiterar a conclusão ao permanecer aboletado ali com a luz do gás a refletir nos olhos. A atitude em si de algum modo expressou a futilidade de retificações específicas na forma de um fracasso de ordem geral. Sua ampla e bela cabeça e seu rosto largo, descolorido e vincado configuravam um conjunto fisionômico formidavelmente significativo, cujo meridiano superior, o impressionante sobrolho senhorial, os cabelos fartos e soltos, os olhos de um escuro fuliginoso, lembrava — até mesmo a uma geração cujo padrão sofrerá uma completa mudança — a portentosa imagem, comum em gravuras e bustos, dos vultos nacionais de meados do século. Representava o tipo particular — elemento esse dotado de poder e promessas que Strether, no princípio, associara a ele — de homem de Estado americano, o legislador treinado nos “salões do Congresso” de outrora. Em anos posteriores correra a história de que, como a parte inferior de seu semblante, fraca e ligeiramente irregular, empanava a semelhança, essa fora a razão verdadeira de ele deixar crescer a barba, quiçá capaz de estragar o conjunto para quem não estivesse a par do segredo. Ele meneava a cabeleira; fixava, com seus olhos admiráveis, o auditor ou observador; não usava óculos e tinha um modo, em parte formidável, mas também em parte encorajador (como de um congressista a seu constituinte), de não despregar o olhar de quem dele se aproximasse. Waymarsh saudava essa pessoa como se ela houvesse batido na porta e ele lhe tivesse concedido permissão para entrar. Strether, que fazia tempo não o via, apreendia-o de uma perspectiva nova, e talvez jamais lhe tivesse feito perfeita justiça até aquele momento. Sua cabeça parecia maior e seus olhos mais argutos do que teriam sido necessários para o bom êxito da incumbência; mas isso apenas queria dizer, afinal, que a incumbência em si era expressiva. O que ela expressava à meia-noite, no aposento iluminado a gás, em Chester, era que o sujeito a que ela se dedicava no fim mal se safara, com o correr dos anos, de um colapso nervoso

generalizado. Mas essa própria indicação de uma vida intensa, como se entendia a vida intensa em Milrose, teria sido, para a imaginação de Strether, um elemento de que Waymarsh poderia ter escapado com facilidade houvesse ele tão somente se permitido escapar. Infelizmente nada se assemelhava menos a uma escapada do que o rigor com que ele, na beirada da cama, abraçava sua postura de prolongada impermanência. Sugeriu a seu companheiro uma posição que sempre o preocupara quando sustentada — a de uma pessoa em um trem com o corpo inclinado para a frente. Representava o ângulo em que o pobre Waymarsh teria de sentar-se durante sua provação na Europa.

Graças ao estresse das respectivas carreiras, à tensão das profissões, à absorção e ao recato de ambos, eles não tiveram em casa, nos fins anteriores, esse breve e quase desconcertante interregno de relativa tranquilidade, um dia sequer para se encontrar; um fato que em certo grau representava uma explicação para a vivacidade com que alguns dos traços de seu amigo assomavam diante de Strether. Aqueles que perdera de vista desde a mocidade o revisitavam; outros mais impossíveis de esquecer agora lhe pareciam acomodados, contidos e na expectativa, como um grupo familiar algo petulante estacionado no umbral da casa. O quarto era estreito em comparação com o comprimento, e o ocupante da cama havia esticado tanto os pés metidos em chinelos que o visitante quase teve de pular por cima deles nas várias vezes em que saiu da poltrona para andar impaciente de um lado para outro. Foram esses os sinais que os amigos emitiram sobre as coisas de que falariam, e sobre coisas de que não falariam, e uma destas últimas em particular soou como o estalar de um giz sobre o quadro-negro. Casado aos trinta anos de idade, fazia quinze que Waymarsh não vivia com a mulher, e ficou claro entre eles, sob a luz da lamparina, que Strether não perguntaria sobre ela. O visitante sabia que os dois

continuavam separados e que ela vivia em hotéis, viajava pela Europa, pintava o rosto e escrevia ao marido cartas ofensivas, de cuja leitura o ofendido nunca se poupou — mas não lhe era difícil respeitar o gélido crepúsculo que descera sobre esse lado da vida de seu companheiro. Era um terreno em que reinava o mistério e sobre o qual Waymarsh nunca emitiu uma palavra de esclarecimento. Strether, que lhe procurava fazer justiça sempre que fosse *possível*, admirava-o em especial pela dignidade de sua discrição, e até mesmo incluía esse comportamento no cômputo de suas razões — todas elas cuidadas e numeradas — para considerá-lo, no âmbito da amizade de ambos, bem-sucedido. Waymarsh *era* bem-sucedido, apesar do trabalho intenso, da prostração, do acanhamento visível, das epístolas da esposa e do fato de desgostar da Europa. Strether teria reputado a própria carreira menos fútil tivesse sido ele capaz de inserir nela algo tão belo quanto esse longo e refinado silêncio. Não teria sido difícil abandonar Mrs. Waymarsh, e qualquer um decerto pagaria seu tributo ao ideal disfarçando com essa atitude o opróbrio de ter sido abandonado por ela. Seu marido manteve o silêncio e obteve digno emolumento; e eram esses os méritos pelos quais Strether o invejava em particular. Por sua vez, nosso amigo também dispunha de uma questão destinada ao silêncio, que lhe era caro; mas era assunto de natureza diferente e a cifra da recompensa não era alta o bastante para ser motivo de orgulho.

“Pelo que posso ver não sei por que veio para cá. Não me parece assim tão mal de saúde”. Foi sobre a Europa que Waymarsh desse modo finalmente falou.

“Bem”, disse Strether, que fez o possível para ajustar-se à dança. “Acho que não me sinto tão mal agora que estou aqui. Mas andei bastante esgotado antes de minha chegada”.

Waymarsh fitou-o com seu olhar melancólico. “Mas não se acha de volta a seu estado habitual”?

Embora não se tratasse de um comentário particularmente cético, de algum modo parecia exigir a mais pura verdade, e foi isso que chamou a atenção de nosso amigo como algo que representava a própria voz de Milrose. No passado ele fizera uma distinção mental — embora nunca de fato tivesse ousado apregoá-la — entre a voz de Milrose e a de Woollett. Sentia ser a primeira a que mais se encaixava na verdadeira tradição. Houvera ocasiões em que o timbre dela o deixara *confuso*, e o som atual, por alguma razão, produziu efeito semelhante. Tanto não era questão de somenos importância que o resultado desse atordoamento o fez outra vez tergiversar. “Essa pergunta faz pouca justiça a um homem que se sentiu tão bem quando o viu hoje à tarde”.

Waymarsh fixou em seu lavatório o olhar silencioso e distante com que Milrose em pessoa, por assim dizer, teria recebido um inesperado cumprimento de Woollett; e Strether, por sua vez, sentiu-se mais uma vez como a personificação de Woollett. “Quero dizer”, logo emendou seu amigo, “que sua aparência não está má: parece-me melhor desde a última vez que o vi”. Ainda assim, os olhos de Waymarsh não descansavam; era quase como se obedecessem a um instinto de correção, e a impressão tornou-se ainda mais forte quando, sempre enfocando a bacia e o jarro d’água, ele acrescentou: “Chegou a ganhar peso desde aquela época”.

“Receio que sim”, Strether riu: “é natural engordar com tudo o que ingerimos e eu ingeri, atrevo-me a dizer, mais do que estou habituado. Estava morto de cansaço quando embarquei”. O tom de alegria foi dos mais estranhos.

“Eu estava morto de cansaço quando cheguei”, seu amigo retorquiu, “e foi essa busca enlouquecida por descanso que acabou por liquidar-me. O fato é, Strether — e é um conforto tê-lo aqui enfim para poder dizer isso; embora não esteja bem certo de que eu tenha esperado; andei falando às pessoas que encontrei pelo caminho — o fato é que um país como este não é o país a que estou acostumado. Ah, não digo que não haja diversos lugares bonitos e antiguidades estupendas; mas o problema é que não estou em sintonia em canto nenhum por aqui. Suponho que seja esse o motivo pelo qual tirei tão pouco proveito. Não obtive nem mesmo o primeiro vislumbre do encantamento com o qual fui levado a contar”. Nisso anunciou com maior veemência: “Olhe... estou pronto para voltar”.

Seus olhos estavam presos em Strether agora, pois ele era um daqueles homens que nos encaram diretamente quando falam de si próprios. Isso obrigou o amigo a fitá-lo com atenção e, ao fazê-lo, aos próprios olhos pareceu que adquiria uma grande vantagem. “Mas que coisa genial a ser dita para um camarada que veio com a intenção de encontrá-lo”!

Nada teria sido melhor, nesse ponto, do que a tênue animação de Waymarsh. “Veio mesmo com esse propósito”?

“Bem... em grande parte”.

“Imaginei pelo que me escreveu que havia algo por trás”.

Strether hesitou: “Por trás de meu desejo de estar com você”?

“Por trás de seu abatimento”.

Strether, com um sorriso refreado por certa lembrança, balançou a cabeça. “Há vários fatores por trás disso”.

“E nenhum que lhe tenha parecido mais urgente”?

Nosso amigo pôde enfim responder em boa consciência. “Sim. Uma vez. Há uma questão diretamente relacionada com minha viagem”.

Waymarsh aguardou um pouco. “De foro demasiado íntimo”?

“Para você, não. Somente algo um pouco complicado”.

“Bem”, disse Waymarsh, depois de nova pausa. “Sou *capaz* de perder a razão neste país, mas tenho a impressão de que isso ainda não ocorreu”.

“Ah, logo saberá de tudo. Mas não esta noite”.

Waymarsh pareceu aprumar-se e segurar os cotovelos com mais força. “Por que não? ... Se não consigo dormir”?

“Porque, meu querido amigo, eu consigo”.

“Então onde fica seu abatimento”?

“Justamente nisto... que eu possa dormir oito horas”. E Strether disse que, se Waymarsh tirou tão pouco “proveito” da Europa, foi por não ter dormido direito; então, para ser justo com ele, cedeu à insistência do amigo, que queria antes acomodar-se no quarto. Com certa azáfama, ajudou-o nessa tarefa, novamente sentindo que seu papel na relação adquiria maior pertinência por meio dos pequenos gestos de diminuir o brilho da lamparina e providenciar os cobertores. De alguma maneira, causou-lhe satisfação ver que Waymarsh, que parecia estranhamente grande e obscurecido na cama, tão abrigado ali com o cobertor até o queixo como um paciente em um hospital, apresentava-se bem menos complexo. Permanecia incerto ali, tomado em suma por um

sentimento de vaga piedade, quando seu companheiro o desafiou de debaixo das cobertas. “Ela está realmente em seu encalço? E isso o que há por trás”?

Strether sentiu-se incomodado pela direção tomada pela súbita iluminação de seu amigo, mas procurou ganhar tempo. “Por trás da minha viagem”?

“Por trás da sua prostração — ou seja lá o que for. Todos sabem que ela o mantém na rédea curta”.

Strether tornou com franqueza. “Ah, ocorreu-lhe que estou na verdade fugindo de Mrs. Newsome”?

“Bem, não sei bem do que está fugindo. Você é um homem muito atraente, Strether. Viu por si mesmo”, disse Waymarsh, “o efeito que causou naquela dama lá embaixo. A não ser”, ele prosseguiu, em um tom entre o irônico e o ansioso, “que seja você quem está atrás *dela*. Mrs. Newsome veio para a Europa”? Ele fingiu um temor zombeteiro ao falar da pretendente do amigo.

A mofa o fez sorrir, ainda que de modo ligeiro. “Não, meu querido; ela está segura, graças a Deus — quando penso nisso, mais vejo que estou certo disso — em casa. Cogitou vir para cá, mas desistiu. Vim de certo modo em vez dela; e vim nesse sentido — como corretamente inferiu — em seu encargo. Pode ver, portanto, que há razões de sobra”.

Waymarsh ao menos não perdeu de vista as que havia. “Envolvendo, portanto, em particular aquela à qual se referiu”?

Strether deu outra volta pelo quarto, ajeitando o cobertor de seu Companheiro e enfim alcançando a porta. Sentia-se como um enfermeiro recompensado com o merecido descanso por ter feito

tudo corretamente. “Envolvendo mais coisas do que pretendo revelar agora. Mas não tema — saberá de tudo por mim; provavelmente acabará mais envolvido do que gostaria. Se ficarmos juntos, dependerei muito da sua opinião”.

Waymarsh reconheceu a atribuição de forma caracteristicamente indireta. “Quer dizer que não acredita que *continuaremos* juntos”?

Strether respondeu em tom paternal. “Só pensei nisso porque, quando o ouço choramingar dizendo que quer voltar para casa, vejo abrirem-se as maiores possibilidades para ações tresloucadas”.

Waymarsh retrucou — um pouco reticente — como uma grande criança contrariada. “Que vai fazer comigo”?

Foi a mesma questão que Strether fizera a Miss Gostrey, e ele perguntou-se se teria soado daquele jeito. Ao menos ele podia ser mais preciso. “Vou levá-lo para Londres”.

“Ah, mas estive lá”! Waymarsh gemeu de modo mais brando. “Não faço falta naquela cidade”.

“Bem”, disse Strether com bom humor, “acho que *a mim* poderá ser útil”.

“Tenho de ir, então”?

“Ah, mas terá de ir muito mais longe”.

“Diabos”, Waymarsh suspirou, “faça o que bem lhe aprouver! Só peço que me conte tudo antes de me levar até o fim...”

Nosso amigo mais uma vez divagou, entre alegre e arrependido, imaginando se acaso aparentara ser, em sua própria

aventura aquela tarde, uma pessoa assim tão diferente; com isso, por um instante perdeu o fio da meada... “Contar-lhe...”?

“Ora, tudo o que tem à mão”.

Strether hesitou. “Mesmo que eu quisesse, não conseguiria esconder nada de você”.

Waymarsh lançou-lhe um olhar sorumbático. “Está me dizendo então que fez essa viagem apenas por causa dela”?

“Por causa de Mrs. Newsome? Ah, certamente que sim, como disse. Em grande medida”.

“Então por que também disse que foi por minha causa”?

Strether, impaciente, sacudiu a maçaneta.

“É bastante simples. Foi por vocês dois”.

Waymarsh por fim se virou com um gemido.

“Bem, ao menos eu não me casarei com você”!

“Tampouco, por falar nisso...” Mas o visitante já havia saído com uma gargalhada.

III

Ele dissera a Miss Gostrey que provavelmente viajaria com Waymarsh no irem da tarde e, logo pela manhã, segundo parecia,

essa senhora tomara suas providências para pegar um comboio mais cedo. Ela já havia terminado o desjejum quando Strether apareceu no restaurante, mas, como Waymarsh ainda não havia descido, ele teve tempo de lembrá-la dos termos do acordo mútuo e de declarar sua discrição exagerada. Decerto ela não poderia esquivar-se bem agora, quando mais precisavam dela. Strether a alcançou quando Miss Gostrey se levantava de sua mesinha perto da janela, onde, com os jornais matutinos a seu lado, ela o fez lembrar, como lhe disse, do major Pendennis tomando café da manhã em seu clube^[1] — um elogio pelo qual a dama demonstrou profunda consideração; e então ele a deteve com ar tão suplicante como se já soubesse — sobretudo sob a pressão dos eventos noturnos — que era incapaz de prosseguir sem o seu auxílio. Era mister que o ensinasse de qualquer modo, antes de partir, a solicitar o desjejum à maneira europeia, eurgia em especial ajudá-lo na questão de solicitá-lo em nome de Waymarsh. Este último havia deixado ao amigo, através de pedidos desesperados feitos pela porta do quarto, a horrível e sagrada incumbência de providenciar-lhe bifés e laranjas — incumbência que Miss Gostrey assumiu com uma presteza que condizia com a rapidez de seu raciocínio. Como a amiga havia antes disso libertado o expatriado de tradições em comparação com as quais o bife matutino não passava da criatura do momento, cabia a ela, com sua experiência, não recuar no meio do caminho; ainda assim, Miss Gostrey fez questão de dizer que, pensando bem, sempre havia nesses casos uma escolha entre políticas divergentes. “Há ocasiões em que se deve dar-lhes a dianteira, como sabe...”!

Haviam se dirigido juntos para o jardim, a fim de aguardarem o preparo do desjejum, e Strether a achou mais alusiva do que nunca. “Ora, como assim”?

“Trata-se de cumulá-los com tamanha complexidade de relações — ou com tamanha simplicidade, se preferirmos! — que a situação *precisa* chegar a seu termo. Só lhes resta ansiar pela volta”.

“E a senhora faz questão de que voltem”! Strether concluiu, sorridente.

“Sempre. Faço com que voltem. Quanto mais rapidamente, melhor”.

“Ah, sei disso... Despacha-os para Liverpool”.

“Qualquer porto vale quando se está em uma tempestade. Sou — em conjunto com todas as minhas outras funções — uma agente de repatriação. Quero repovoar nosso combalido país. Do contrário, que será dele? Quero desencorajar os outros”.

O bem-ordenado jardim inglês, no frescor do dia, aprazia a Strether, cujos pés produziam no cascalho miúdo e compacto, encharcado de umidade crônica, o som de que tanto gostava, e cujos olhos apreciavam perder-se na densa suavidade da relva e nas curvas límpidas das veredas. “Outras pessoas”?

“Outros países. Outras pessoas... Sim. Quero encorajar a nossa gente”.

“A não vir”? Strether ponderou. “Então por que vai ao encontro dessas pessoas? — Já que não parece ser para detê-las ”?

“Ah, não posso querer que não venham. Encarrego-me de fazer com que venham com rapidez e regressem ainda mais rapidamente. Vou ao encontro delas para fazer com que tudo se encerre o mais brevemente possível e, embora não possa impedi-las de vir, tenho meu jeito de despachá-las. Este é meu pequeno sistema; e, se quer

saber”, disse Maria Gostrey, “é meu verdadeiro segredo, minha missão e função mais recônditas. Só aparento, veja bem, entretê-los e dar-lhes minha aprovação; mas já tracei meus planos e opero no entretempo à socapa. Talvez não lhe consiga dar minha fórmula, mas creio que, na prática, não me dou mal. Mando-os de volta inteiramente gastos. Para que não voltem mais. Se passarem por minhas mãos...”

“Não voltamos”? Quanto mais ela discorria, mais ele se via capaz de compreender. “Não quero sua fórmula... Como disse ontem, pressinto seus abismos. Gastos”? Repetiu. “Se é desse modo engenhoso que planeja mandar-me de volta, agradeço o aviso”.

Por um minuto, em meio às amenidades — a poesia em itens tarifados, mas, justamente por isso, um convite ao consumo para os convidados já condenados — sorriram um para o outro, num gesto de sólida camaradagem. “Acha que é sutil? Trata-se de uma historinha banal. Além disso, o senhor é um caso à parte”.

“Ah, os casos à parte... eis um argumento fraco”. Ela provou ser ainda mais fraca atrasando a partida e concordando em acompanhar os cavalheiros em sua viagem, desde que em vagões separados, para não os privar da independência; apesar disso, aconteceu que, após a refeição, ela partiu sozinha, e, mediante um acordo firmado entre os três para passarem um dia juntos em Londres, Strether e Waymarsh permaneceram em Chester mais uma noite. Maria Gostrey, durante a manhã — passada de um modo que Strether lembraria depois como o próprio clímax desse seu prelúdio —, discorreu sobre os tópicos mais variados, entre os quais o fato de que, embora nunca houvesse um momento de sua vida em que sua presença não fosse algures “requisitada”, ela não hesitaria, em nome de seu novo amigo, em ser desleal com outras pessoas. Explicou, ademais, que, onde quer que estivesse, sempre encontraria um fio a

ser apanhado, uma bainha a ser emendada, algum tipo de apetite familiar à espreita, aguardando para pular com a sua aproximação, mas capaz de ser apaziguado com um biscoito temporário. Ao assumir o risco do desvio que lhe impusera pela maneira como cuidara da refeição matinal, Miss Gostrey também arrogou a si como ponto de honra a responsabilidade de não falhar com Waymarsh; e em bravata posterior brincou que teria feito o amigo de ambos passar pelo major Pendennis — como ela fizera, aliás, sem nem ele mesmo perceber a manobra — até mesmo no clube Megatherium. O fato de ter conseguido que ele tomasse o desjejum como um cavalheiro não era nada, ela assegurou, perto do que estava por vir. Miss Gostrey o obrigara a participar na lenta e reiterada perambulação que, para Strether, em grande parte ocupou o novo dia; foi em função da habilidade feminina que ele de algum modo, entre os baluartes e as Rows^{2}, exibiu um ar de grande independência.

Os três caminharam, olharam e tagarelaram, ou pelo menos dois deles o fizeram; pois, para seu companheiro, as circunstâncias se resumiram, no fundo, a um silêncio compungido. Na realidade, embora a Strether esse silêncio parecesse carregado de audíveis murmúrios, sabia que deviam atentar para não o tomar explicitamente, senão como sinal de imperturbável tranquilidade. Não solicitaria demasiado o amigo, pois isso o faria perder a naturalidade, mas também não o deixaria muito sozinho, pois isso sugeriria a capitulação. O ambíguo mutismo de Waymarsh representava ou o aguçar da percepção ou a carência de uma; e, em alguns momentos e locais — onde as galerias baixas eram mais sombrias, as cumeeiras da frente mais estranhas, os apelos de toda sorte mais acirrados —, os outros dois o pegavam com o olhar fixo em algum objeto de interesse menor, fixando por vezes nada discernível, como se lhes concedesse uma trégua. Quando seu olhar

cruzava com o de Strether, nessas ocasiões, ele mostrava-se culpado e furtivo, e no minuto seguinte retraía-se. Receoso de provocar uma renúncia total, nosso amigo não lhe podia mostrar as coisas certas, e ficou até mesmo tentado a mostrar-lhe as erradas, para obrigá-lo a discordar em triunfo. Houve ocasiões em que até ele se sentiu acanhado de professar o doce sabor do lazer, e houve outras em que se viu pensando se seus apartes à vizinha não pareceriam ao terceiro membro do grupo bastante congêntos ao modo como Mr. Burchell, diante da lareira do Dr. Primrose, se deixara influenciar pelos altos voos descritos pelos visitantes londrinos^{3}. Sentia-se tão cativado e entretido pelas coisas mais ínfimas que várias vezes chegou ao ponto de desculpar-se — trazendo à baila os afazeres pregressos como justificativa. Sabia ao mesmo tempo que seus afazeres nada representavam para Waymarsh, e várias vezes confessou que, para disfarçar a frivolidade, fazia o que podia, portanto, por sua virtude pregressa. Independentemente do que fizesse, porém, a virtude pregressa ainda estava lá, e lhe parecia fitá-lo claramente através das vitrinas das lojas que não se pareciam com as lojas de Woollett e que claramente o obrigavam a querer coisas com as quais não sabia o que fazer. Sentia-se agora desmoralizado pela mais estranha, pela menos admissível das leis, cuja ousada maneira de atuação consistia em obrigá-lo a desejar mais desejos. Essas primeiras andanças na Europa representavam, com efeito, uma espécie de sugestão bastante assombrosa do que podia encontrar no fim do percurso. Teria regressado após longos anos, em um estágio já tão semelhante ao entardecer da vida, somente para ser exposto a isso? Foi de qualquer maneira junto às vitrinas das lojas que se sentiu mais à vontade com Waymarsh; ainda que tivesse sido mais fácil se este último não houvesse, sensatamente, se rendido ao apelo dos artigos mais úteis. O amigo vasculhava com sua sombria reticência as montras dos ferrageiros e dos seleiros, enquanto Strether exhibia maior intimidade com os negociantes de papéis de carta timbrados e gravatas

elegantes. Na verdade, mostrava-se desavergonhado na presença dos alfaiates, embora fosse justamente com relação a estes que seu conterrâneo se portava com maior arrogância. Isso deu a Miss Gostrey a oportunidade de ajudar Waymarsh a suas expensas. O enfadado causídico — era indiscutível — tinha uma concepção bem peculiar da moda; mas isso, à luz de algumas das características do efeito produzido, era o que tornava perigoso insistir sobre o assunto. Strether gostaria de saber se, naquela altura, ele achava Miss Gostrey um pouco menos elegante ou Lambert Strether um pouco mais; e parecia provável que a maioria dos comentários trocados entre esse par sobre passantes, figuras, rostos e personalidades ilustrasse, em seu raio de ação, a tendência para conversarem à moda da “sociedade”.

Será então que o que ocorria com ele naquele momento, o que já vinha ocorrendo, era que uma mulher do mundo o introduzia à sociedade enquanto um velho amigo, abandonado à margem, observava a força da corrente? Quando a mulher do mundo lhe permitiu — como uma concessão máxima — que adquirisse um par de luvas, os termos que usou a esse respeito, a proibição quanto à compra de gravatas e outros acessórios até que pudesse guiá-lo pela Burlington Arcade, foram tais que a ouvidos sensíveis soariam como provocações feitas contra injustas imputações. Miss Gostrey era dessas mulheres elegantes que podiam marcar, sem vestígio de vulgaridade, um encontro na Burlington Arcade. Assim, simples distinções sobre um par de luvas podiam de qualquer modo representar — sempre para os tais ouvidos sensíveis como os que havia em questão — possibilidades de algo que Strether só poderia desmerecer se lhes imputasse o risco de um aparente desregramento. Considerava a nova amiga, em relação ao companheiro de ambos, como um jesuíta de anágua, uma representante dos interesses de recrutamento da Igreja Católica. Para Waymarsh, a Igreja Católica —

ou seja, o inimigo, o monstro de olhos esbugalhados e longos tentáculos trêmulos e pegajosos — era exatamente a sociedade, a multiplicação de sinais distintivos, a discriminação de tipos e tons, as velhas e danadas *Rows* de Chester, alinhadas com o feudalismo; exatamente, em suma, a Europa.

Um incidente ocorrido pouco antes da volta para o almoço, porém, iluminou o caso. Depois de Waymarsh manter-se por um quarto de hora excepcionalmente calado e distante, e depois de os outros dois ficarem por cerca de três minutos observando, inclinados sobre uma antiga balaustrada que revestia a fímbria de uma das galerias, uma vista particularmente tortuosa e apinhada da rua, alguma coisa — Strether nunca soube exatamente o que — como que se mostrou excessiva para seu amigo. “Ele acha que somos sofisticados, mundanos, depravados, acha que somos todo tipo de coisa estranha”, Strether refletiu; pois eram extraordinárias as vagas medidas que em dois curtos dias nosso amigo, de modo conveniente e conclusivo, acostumou-se a congregar. Pareceu haver ademais uma conexão direta entre essa inferência e um medonho ímpeto que fez Waymarsh desabalar para o outro lado da rua. Esse movimento foi surpreendentemente repentino, e seus companheiros em princípio supuseram que ele havia avistado, ou ainda, que estivesse perseguindo, um conhecido. Em seguida, porém, viram Waymarsh atravessar rapidamente uma porta entreaberta, e então perceberam que ele se metera no estabelecimento de um joalheiro, atrás de cuja fachada o perderam de vista. De algum modo a atitude tinha uma nota de protesto, que os deixou pasmos, a encarar um ao outro. Mas Miss Gostrey rompeu em uma gargalhada. “Que houve com ele”?

“Bem”, disse Strether, “ele não consegue suportar”.

“Mas suportar o quê”?

“Tudo. A Europa”.

“Então como o joalheiro pode ajudá-lo”?

De onde estavam, entre intervalos de relógios ordenados, de» berloques pendurados bem juntos, Strether parecia discernir. “Logo veremos”.

“Ah, mas é bem isso que receio ver, caso ele decida comprar um objeto horrível”.

Strether ponderou os aspectos mais sutis. “Ele é capaz de comprar toda a loja”.

“Então não crê que devamos ir atrás dele”?

“De jeito nenhum. Além disso, não podemos. Estamos paralisados. Trocamos olhares assustados, trememos à vista de todos. Veja bem, o negócio é o seguinte: nós entendemos’. Ele decidiu proclamar sua independência”.

Ela meditou, mas riu. “Ah, mas que preço terá de pagar! Eu planejava obtê-la para ele por muito menos”.

“Não”, Strether continuou, bem-humorado agora; “não diga isso; o tipo de liberdade que a senhora negocia é cara”. Então, para justificar-se: “Não estou eu, a meu modo, tentando obtê-la”?

“Quer dizer: estando aqui, comigo”?

“Sim, e conversando como estou. Conheço-a faz poucas horas, mas Waymarsh conheço minha vida toda; e se não for estupenda a naturalidade com que lhe falo dele”, Strether parou um pouco para cogitar a hipótese, “ora, então é bastante sórdido”.

“É estupenda”! Exclamou Miss Gostrey para pôr fim à discussão. “E o senhor devia ouvir”, ela acrescentou, “a naturalidade com que trato — e sobretudo, pretendo tratar — com Mr. Waymarsh”.

Strether refletiu. “Sobre *mim*? Ah, mas não é o mesmo. O equivalente seria o próprio Waymarsh servir-me de bandeja — fornecer sua análise implacável a meu respeito. E ele nunca o faria”, enfatizou, em tom de tristeza. “Waymarsh nunca faria uma análise como essa sem sucumbir ao remorso”. Sua convicção a cativou. “Nunca lhe diria uma palavra sobre mim”.

Miss Gostrey ponderou, procurou ser razoável, mas, no minuto seguinte, sua razão, sua incansável ironia a fez ir direto ao ponto. “Claro que não. Acha que as pessoas são capazes de falar sobre qualquer coisa, de analisar sem se arrependem? Não há muitos como o senhor e eu. A razão é simples: ele é estúpido demais”.

O comentário obrigou seu amigo a protestar em nome da lealdade de tantos anos. “Waymarsh, estúpido”? Ele repetiu, de modo cético.

“Em comparação ao senhor”.

Os olhos de Strether ainda estavam cravados sobre a fachada do joalheiro, e ele esperou um momento antes de retrucar. “Estou longe de ter conquistado um tipo de sucesso como o dele”.

“Quer dizer que ele fez fortuna”?

“Sim, ele fez, acredito que sim. E eu”, disse Strether, “com as costas quase tão alquebradas, nada alcancei. Sou um perfeito fracasso”.

Por um instante Strether temeu que Miss Gostrey lhe indagasse queria dizer que era pobre; e alegrou-se quando viu que ela evitou a pergunta, pois realmente não sabia como sua amiga reagiria diante da Verdade sobre esse ponto desagradável. Ela apenas, entretanto, concordou com ele. “Graças a Deus que é um fracasso... é por isso que o tenho em tão alta conta! Tudo o mais hoje em dia é excessivamente horrível. Olhe em torno — repare nos bem-sucedidos. Daria sua palavra de honra de que gostaria de *ser* um deles? Ademais”, continuou, “olhe para mim”.

Desse modo os olhos dos dois se entrecruzaram por uns instantes. “Entendo”, devolveu Strether. “A senhora também não tem nenhum”.

“A superioridade que discerne em mim”, ela assentiu, “anuncia minha insignificância. Se conhecesse”, suspirou, “os sonhos de minha juventude! Mas foram nossas realidades que nos aproximaram. Somos combalidos irmãos de armas”.

Ele sorriu-lhe com ternura, mas sacudiu a cabeça. “Isso não altera o fato de seu preço ser alto. Já me custou...”!

Mas acabou suspendendo o fogo. “Custou-lhe o quê”?

“Bem, meu passado... de uma tacada só. Mas não importa”, ele riu. “Pagarei até meu último centavo”.

A atenção dela agora infelizmente estava voltada para o companheiro de ambos, pois Waymarsh os avistou ao sair da joalheria. “Espero que Mr. Waymarsh não tenha pagado”, ela disse, “com o último *dele*, mas estou convencida de que agiu de forma esplêndida, e por sua causa”.

“Ah, não... decerto que não”!

“Então por *mim*”?

“Também não”. Waymarsh já estava próximo o bastante para que seus amigos lhe reparassem os sinais externos, mas seu espírito parecia quase fixado na observação de nada em particular.

“Então por ele mesmo”?

“Por nada nem ninguém. Pela liberdade”.

“Mas o que a liberdade tem a ver com isso”?

A resposta de Strether foi indireta. “Que ele seja tão bom quanto eu e a senhora. Mas a seu modo”.

Ela teve tempo de apreciar o rosto do outro amigo; e, com isso, como se lhe fosse fácil, compreendeu tudo. “A seu modo... sim. Mas melhor”!

A despeito do ar circunspeto, Waymarsh mostrou-se quase sublime. Não lhes contou nada, não lhes deu nenhuma explicação pela ausência e, embora os outros dois estivessem certos de que ele fizera algum tipo de aquisição espetacular, nunca ficaram a par da natureza do objeto adquirido. Em um gesto grandioso, limitou-se a lançar um olhar carregado para as velhas cumeeiras. “E a ira dos justos”, conforme Strether tivera ocasião de observar; e essa expressão viria a definir entre eles, para a conveniência do entendimento, uma das periódicas necessidades do cidadão de Milrose. Foi Strether que enfim alegou que isso o tornava melhor do que eles. Mas Miss Gostrey já estava então convencida de que ela não queria ser melhor do que Strether.

Livro Segundo

I

AS OCASIÕES EM QUE STRETHER veria a ira dos justos em ação, associada ao exílio de Milrose, teriam sem dúvida sua devida periodicidade; mas nosso amigo tinha nesse meio tempo de criar designações para muitos outros assuntos. Em nenhuma noite de sua vida talvez, conforme ele ponderou, Strether viu-se obrigado a armazenar tantas quanto na terceira de sua curta estada em Londres; uma noite passada ao lado de Miss Gostrey em um dos teatros da cidade, ao qual ele se viu transportado, sem que erguesse um dedo, pela simples manifestação de sua curiosidade. Ela conhecia bem seus teatros, conhecia suas peças, assim como mostrara em três dias conhecer, de modo triunfal, tudo o mais, e, para seu companheiro, o momento proporcionara em ampla medida aquela apreensão do interessante que, independentemente de o interessante ter sido ou não filtrado por sua cicerone, obrigava agora sua breve temporada a chegar a seu limite. Waymarsh não os acompanhara; insinuara que assistira a peças de teatro em quantidade suficiente antes da chegada de Strether — uma afirmação tornada mais enfática quando ele esclareceu, ao ser questionado, que havia visto duas e um espetáculo circense. Questões sobre o que ele havia de fato assistido causavam-lhe uma impressão quase tão desagradável quanto aquelas acerca do que não havia. Waymarsh gostava de discriminar as primeiras; mas como fazer isso, Strether indagou de sua conselheira constante, sem discriminar as últimas?

Miss Gostrey havia jantado com ele em seu hotel, os dois, face a face, em uma pequena mesa sobre a qual as velas acesas projetavam sombras rosadas; e as sombras rosadas e a pequena mesa e o perfume suave da dama — alguma vez já sentira aroma mais doce? — Constituíram toques tão variados que ele teve dificuldade em discernir o quadro completo. Strether fora mais de uma vez ao teatro e mesmo à ópera, em Boston, com Mrs. Newsome, na condição de seu par; mas não houvera, como preliminares, nenhum jantar a dois, nenhuma luz cor-de-rosa, nenhuma fragrância de um vago adocicado; uma das consequências dessa constatação foi o fato de ele perguntar-se agora, com uma compulsão que não deixou de ter uma ponta de acrimônia, por que as coisas não se deram desse jeito. Houve outrossim quase a mesma diferença de impressão com respeito à aparência externa de sua companheira, cujo vestido fora “rebaixado”, como ele acreditava ser a expressão, nos ombros e no busto, de uma maneira bem dessemelhante da de Mrs. Newsome, ademais trazendo no pescoço uma grande faixa de veludo carmesim com uma joia antiga — tinha quase certeza de que era antiga — pregada na frente. Os vestidos de Mrs. Newsome nunca eram “rebaixados”, e ela nunca enfeitou o colo com fitas de veludo encarnado; além do mais, se acaso o fizesse, teria o adorno sido capaz de atrair e, como ele quase sentiu naquele momento, de embaralhar-lhe os sentidos?

Teria sido absurdo, da parte dele, pôr-se a rastrear as ramificações do efeito da fita de onde pendia a pequena joia de Miss Gostrey; se naquela altura já não se houvesse rendido, para dizer o mínimo, a percepções incontrolláveis. Que mais seria senão uma incontrollável percepção o fato de a faixa aveludada por algum motivo contribuir para que Strether auferisse o valor de cada um dos outros itens da aparência de sua amiga — seu jeito de sorrir e a maneira de balançar a cabeça, suas feições, seus lábios, dentes, olhos,

cabelos? Pois decerto o que um homem ciente de sua posição viril no mundo teria a ver com fitas de veludo carmesim? De jeito nenhum ele se arriscaria a contar à Miss Gostrey quanto apreciava a dela; ainda assim, não apenas se apanhara no ato — frívolo, sem dúvida, tolo e sobretudo inesperado — de apreciar a dela, como também a usara como ponto de partida para novos voos de pensamento: para trás, para a frente e para os lados. A maneira de Mrs. Newsome cingir o colo súbito lhe sugeria, em uma disposição contrária, quase tantas coisas quanto o modo de Miss Gostrey cingir o seu. Mrs. Newsome costumava usar, para ir à ópera, um vestido de seda negra — muito “bem-apanhado”, isso ele sabia — e um enfeite que sua memória também logrou identificar como um rufo. Com efeito, a peça lhe trazia recordações, conquanto fossem um tanto quanto imperfeitamente românticas. Certa feita dissera para a portadora da vestimenta — e foi o comentário mais “ousado” que jamais lhe fizera — que ela se assemelhava, com os rufos e demais quejandos, à rainha Elizabeth; em seguida, como consequência desse dito delicado e como aceitação da analogia, engenhou a fantasia de que o feitio desse tributo especial ao “floreado” passara a mostrar-se ligeiramente mais acentuado. Ao permitir que sua imaginação vagasse naquele restaurante, ocorreu-lhe que a conexão era algo patética; mas lá estava ela e sem dúvida patética, naquelas condições, era o melhor a que ele podia chegar. Não se podia, contudo, negar-lhe a existência, pois agora outra ideia parecia apoderar-se dele: a de que nenhum cavalheiro de sua faixa etária em Woollett, com respeito a uma dama como Mrs. Newsome, cuja faixa etária não diferia muito da sua, poderia ter-se aventurado em tal comparação.

Inúmeras ideias na verdade agora pareciam ocorrer-lhe, embora comparativamente poucas sejam as que, por falta de espaço, seu cronista pode ter a esperança de mencionar. Veio-lhe à mente,

por exemplo, que Miss Gostrey talvez se assemelhasse a Maria Stuart: Lambert Strether dispunha de uma candura imaginativa capaz de, por um instante, repousar satisfeita em uma antítese como essa. Acudia-lhe então que nunca outrora — não, realmente nunca — uma dama ceara com ele em um lugar público antes de ir ao teatro. A publicidade do lugar era justamente, nesse sentido, para Strether, o diferencial inusitado; o detalhe o impressionava tanto quanto a obtenção da privacidade teria impressionado um homem dotado de experiência diversa. Ele se casara, muitos e muitos anos antes, tão jovem que não aproveitara a idade natural com que, em Boston, acompanham-se as moças ao museu; e era absolutamente verdadeiro a seu respeito — mesmo após o encerramento do período de consciente isolamento que ocupou o centro de sua vida, o deserto intermediário e cinzento das duas mortes, a de sua mulher e, dez anos depois, a de seu filho — que ele nunca levara nenhuma a lugar algum. Acudiu-lhe, em especial — conquanto a admoestação já houvesse na realidade soado, e com alarde, de outras maneiras —, que o assunto de que fora tratar ainda não se lhe mostrara de modo tão patente quanto diante do espetáculo das pessoas a seu redor. A princípio fora sua amiga quem lhe dera a impressão, de modo mais direto do que obteve por si próprio — deu-a simplesmente ao dizer com intempestiva inspiração, “Ah, sim, que tipos são esses”! —, mas, depois de considerar a observação, ele passou a fazer dela largo uso próprio; não só enquanto se manteve calado durante os quatro atos, mas também enquanto conversou nos intervalos. Foi uma noite, foi uma multiplicidade de tipos e essa foi acima de tudo uma associação na qual as figuras e rostos dos camarotes se intercambiavam com os que havia no palco.

Strether sentiu como se a própria peça o penetrasse por intermédio do cotovelo desnudo de sua vizinha de assento, uma notável senhora ruiva, bela e frugalmente vestida, que conversava

com o cavalheiro ao lado em vagos dissílabos que, para seus ouvidos, do modo mais estranho do mundo, continham tanto som que se perguntava se não continham também mais sentidos; e assim reconheceu, mediante a mesma lei, do outro lado da ribalta, o que lhe aprouve tomar como a verdadeira afluência da vida inglesa. Estímulos conflitantes embaralhavam-lhe a percepção, de sorte que não saberia dizer se eram os atores ou os auditores as instâncias mais reais, e o resultado dessa mixórdia era, a cada vez, a consciência de novas relações. Independentemente de como encarasse sua missão, era com esses “tipos” que haveria de lidar. Aqueles que estavam na sua frente e ao seu redor não eram os mesmos que abundavam em Woollett, onde, aliás, começara a perceber que só devem ter existido o masculino e o feminino. Estes compunham exatamente dois tipos, mesmo com as variedades individuais. Ali, por outro lado, além da escala pessoal e sexual — que podia ser maior ou menor — aplicou-se, por assim dizer, de fora, uma série de marcas vigorosas; marcas com que seu espírito de observação se entretinha da mesma maneira tom que teria se entretido diante de um mostruário, passando os olhos de uma medalha a outra, e do cobre ao ouro. Sucedeu que havia precisamente no drama uma mulher cruel de vestido amarelo que obrigava um jovem cordato, fraco e bonito, metido em um perpétuo traje a rigor, a fazer as coisas mais terríveis. No cômputo geral Strether não sentiu receio pela dama de amarelo, mas apreensão ao perceber que nutria corta ternura pela vítima. Não tinha ido até ali, ele lembrou, para ser excessivamente benevolente, ou, na realidade, para ser de nenhuma forma benevolente com Chadwick Newsome. Será que Chad portaria um perpétuo traje a rigor? De certo modo quase esperava que sim — pois a vestimenta parecia casar-se perfeitamente com a receptividade geral daquele jovem no palco; contudo, perguntava-se ainda se, para lutar com ele com suas próprias armas, ele próprio (um pensamento quase alarmante) não teria de fazer o mesmo. Manobrar outrossim aquele

jovem — pelo menos para *ele* — teria sido, ao que parece, muito mais fácil do que seria possível fazer com Chad.

Ocorreu-lhe quando estava com Miss Gostrey que talvez houvesse coisas que ela afinal tivesse ouvido; e sua amiga admitiu, quando um pouco pressionada, que nunca tinha absoluta certeza daquilo que de fato ouvia, em distinção às coisas que, em ocasiões como a presente, adivinhava de forma extravagante. “Com a liberdade de que disponho, por exemplo, creio que tenho um palpite sobre Mr. Chad. Ele é um jovem em cujos ombros repousam as esperanças de Woollett; caiu nas mãos de uma mulher perversa e agora a família dele o encarregou de vir salvá-lo. O senhor aceitou a missão de separá-lo da mulher perversa. Está bem certo de que ela é assim tão má para ele”?

Algo no jeito de Strether mostrou que a pergunta fez com que se contivesse. “Claro que temos certeza. A *senhora* não teria”?

“Ah, não sei. Nunca sabemos — sabemos? — de antemão. Só podemos julgar a partir dos fatos. Acabo de tomar conhecimento dos seus; como vê, não estou minimamente a par deles: assim, seria muitíssimo interessante conhecê-los por seu intermédio. Se lhe convier, é tudo de que preciso. Quero dizer, se tem certeza de que *está* certo, é certo que assim não pode ser”.

“Que ele leve uma vida como essa? É evidente”!

“Ah, mas não vê que ignoro tudo sobre essa vida? O senhor nada me contou. Ela pode ser encantadora... essa mulher da vida dele”!

“Encantadora”? Strether fitou o vazio em sua frente. “Ela é vulgar, venal... afeita aos modos do mundo”.

“Compreendo. E ele...”?

“Chad? Esse pobre infeliz”?

“Que tipo de pessoa ele é, qual é seu temperamento”? Ela prosseguiu ao ver que Strether vacilava.

“Bem... é do tipo obstinado”. Foi como se por um momento fosse continuar, mas então se refreou.

Ela não se deu por satisfeita. “Gosta dele”?

Desta vez Strether foi rápido. “Não. Como *poderia*”?

“Pelo fato de estar tão atrelado a ele”?

“Pensava na mãe dele”, disse Strether após uma pausa. “Chad turvou a vida admirável dessa senhora”. Falava em tom austero. “Ela quase morre de preocupação”.

“Ah, mas isso é detestável”. Ela interrompeu-se como se para reafirmar essa verdade, mas concluiu em uma nota diversa. “A vida de Mrs. Newsome é então muito admirável”?

“Muitíssimo”.

O tom souo tão enfático que Miss Gostrey teve de conceder-se outra pausa para assimilar a afirmação. “E ele só tem a ela? Não me refiro à mulher malvada em Paris”, ela rapidamente acrescentou, “pois lhe asseguro que nem na melhor das hipóteses estaria disposta a conceder-lhe mais de uma. Pergunto se há apenas a mãe”.

“Existe também uma irmã, mais velha que ele e casada; são ambas mulheres notáveis”.

“Refere-se à sua beleza”?

Essa presteza — quase, como Strether poderia ter pensado, essa precipitação, deteve-o por uns instantes; mas ele logo se recuperou. “Mrs. Newsome, creio, é bonita, embora não mais se encontre, com um filho de vinte e oito anos e uma filha de trinta, exatamente na flor da idade. Ela casou-se, contudo, extremamente jovem”.

“E é deslumbrante”, perguntou Miss Gostrey, “para a idade que tem”?

A insistência pareceu inquietá-lo. “Não diria que é deslumbrante. Ou melhor”, continuou no momento seguinte, “digo sim. É isso exatamente o que ela é... deslumbrante. Mas não pensava na aparência”, explicou, “por mais digna de apreço que seja. Pensava... bem, em muitas outras coisas”. Parecia mirá-las como se a ponto de mencionar algumas; então, contendo-se mais uma vez, tomou outra direção. “Com respeito a Mrs. Pocock há quem discorde”.

“É assim que a filha se chama... Pocock”?

“É assim que se chama”, Strether confessou com firmeza.

“E quer dizer que as pessoas divergem em relação à beleza *dela*”?

“Em relação a tudo”.

“Mas o *senhor* a admira”?

Ele lançou-lhe um olhar como se para mostrar-lhe que não receava a verdade. “Talvez eu tenha um pouco de medo dela”.

“Ah”, exclamou Miss Gostrey, “posso vê-la daqui! O senhor talvez diga que me precipito e que a distância é grande, mas já lhe

provei do que sou capaz. Não há ninguém mais na família”, ela prosseguiu, “senão esse jovem senhor e suas duas damas”?

“Ninguém mais. O pai morreu faz dez anos, e não há outros, irmãos. Elas são capazes de dar o mundo por ele”.

“E o senhor daria o mundo por *elas*”? Strether tomou a mostrar-se inquieto; a pergunta talvez tenha lhe soado um tanto categórica demais. “Ah, não sei”!

“O senhor de qualquer maneira é capaz disso que está fazendo, e o ‘mundo’ de que elas são capazes consiste justamente em obrigá-lo a fazê-lo”.

“Ah, mas elas não podiam vir... nenhuma das duas. São mulheres muito ocupadas e Mrs. Newsome em particular tem uma vida muito cheia. Ademais sofre dos nervos... e sua saúde é frágil”.

“Está dizendo que é uma inválida americana”?

Strether refletiu. “Não há nada que ela aprecie menos de que a chamem assim, mas creio que consentiria em ser uma dessas coisas”, ele riu, “se fosse o único jeito de ser a outra”.

“Consentiria em ser americana a fim de ser uma inválida”?

“Não”, respondeu Strether, “é o inverso. De todo modo é delicada, sensível, excitável. Ela dedica-se demais a tudo...”

Ah, Maria bem o sabia! “Que nada mais lhe resta para dar? Claro que não. Veja com quem fala. Excitável? Não passo eu a vida por causa deles, serenando os ânimos? Posso ver, a propósito, o que isso indica a seu respeito”.

Strether encarou o comentário com maior ligeireza. “Ah, eu também sereno os ânimos”.

“Bem”, ela volveu, lucidamente, “precisamos de agora em diante serená-los juntos com todo o nosso empenho”. E prosseguiu: “Elas têm dinheiro”? .

Mas foi como se, impressionado pela forte imagem que ela criara, ele não tivesse dado atenção à pergunta. “Mrs. Newsome”, ele queria explicar-lhe, “não tem a sua coragem com respeito à interação social. Se tivesse vindo seria para vê-la em pessoa”.

“A mulher? Mas isso sim, requer coragem”.

“Não... trata-se de exaltação, algo bem diverso. A senhora”, ele acrescentou, obsequioso, “é quem dispõe de coragem”.

Ela balançou a cabeça. “Diz isso apenas para me confortar... para compensar minha falta de exaltação. Não tenho nenhuma das duas coisas. Disponho apenas de uma precária indiferença. Percebo, no entanto, o que quer dizer”, Miss Gostrey continuou: “se sua amiga tivesse vindo, teria se exposto a uma perspectiva mais ampla, e as perspectivas amplas, digamos de modo simples, lhe seriam intoleráveis”.

Strether pareceu achar graça naquela noção de simples, mas adotou a mesma fórmula. “Tudo lhe seria excessivo”.

“Então um serviço como esse que o senhor veio prestar-lhe...”
“Vale mais para ela do que qualquer outra coisa? Sim... muito mais. Mas desde que ele também não me seja intolerável...”!

“O estado dela não importa? Decerto que não; deixemos o estado dela fora disso; ou seja, tenhamos-lo por ponto pacífico. Vejo

que já o superou, que está acima dele; mas, ao mesmo tempo, vejo que ele também o sustenta”.

“Ah, sem dúvida que sim”! Strether riu.

“Bem, desde que o seu sustente a mim de nada mais precisamos”. Com isso ela tornou à questão: “Mrs. Newsome dispõe de dinheiro”? .

Dessa vez ele não usou de evasivas. “Ah, muito. Eis a raiz de todo mal. Não falta dinheiro no negócio. Chad vem gastando prodigiosamente uma boa parte. Mas, se ele, ainda assim, se emendar e voltar para casa, verá que mantém suas prerrogativas ali”.

Ela ouvia com todo o interesse. “E espero muito que o senhor também mantenha as suas”!

“Chad receberá a definitiva recompensa material”, disse Strether sem levar o comentário em consideração. “Está em um momento decisivo. Deve entrar no empreendimento agora... não pode demorar-se”.

“Há um empreendimento”?

“Deus, sim... vasto, valente e vigoroso. Uma prospérrima empresa comercial”.

“Um estabelecimento de grande porte”?

“Uma fábrica, sim; uma enorme produção, um enorme setor industrial. Trata-se de um produto manufaturado que, se bem administrado, pode perfeitamente converter-se em um monopólio. E um pequeno objeto que produzem — que produzem, pelo jeito, melhor do que são capazes seus concorrentes ou, pelo menos,

melhor do que eles produzem. Mr. Newsome, sendo um homem de ideias, pelo menos nesse aspecto em particular”, Strether explicou, “colocou-as em prática com imenso êxito e, em sua época, proporcionou ao local um estímulo espetacular”.

“Trata-se de um lugar então”?

“Bem, há inúmeros edifícios; quase uma pequena cidade industrial. Mas trata-se, sobretudo, de algo. Do artigo produzido”.

“E o que é esse artigo produzido”?

Strether olhou em torno como se tomado por certa relutância em responder; então a cortina, que ele viu a pique de subir, veio em seu auxílio. “Conto-lhe no próximo ato”. Mas, quando sucedeu o ato seguinte, nosso amigo afirmou que lhe contaria mais tarde — depois de saírem do teatro; pois ela imediatamente tornou ao tópico, e mesmo para ele a cena do palco vinha agora suplantada por outra imagem. Seus adiantos, porém, a deixaram intrigada, imaginando se acaso se tratava de alguma coisa ruim. E ela explicou o que queria dizer com isso: seria o artigo produzido algo impróprio, ridículo ou incorreto? Mas Strether, a esse respeito, pôde satisfazer-lhe a curiosidade. “Inconfessável? Ah, não: falamos disso o tempo todo; estamos acostumados, não nos causa embaraço. Só que, como pequeno objeto trivial, quase ridículo, do mais ordinário uso doméstico, falta-lhe... como direi? Talvez dignidade ou, pelo menos, certa distinção. Bem aqui, portanto, diante do quadro grandioso que nos cerca...!” Em resumo, ele vacilou. “Parece inadequado”?

“Infelizmente. É vulgar”.

“Mas decerto não mais vulgar do que isso”. Então, ao vê-lo tão intrigado quanto ela havia pouco estivera: “O que nos cerca”. Pareceu ligeiramente irritada. “Pelo que toma tudo isso”?

“Ora, em comparação? Como algo divino”!

“Este medonho teatro londrino? Impossível, se quer mesmo saber”.

“Ah, bem”, riu Strether, “então não quero saber”!

A réplica os deteve por uns instantes, mas ela, ainda fascinada pelo mistério da produção de Woollett, logo rompeu o silêncio: “Quase ridículo? Pregadores de roupa? Bicarbonato de sódio? Graxa de sapato”? .

A pergunta o animou. “Não está nem perto. Sabe, não creio que vá adivinhar”.

“Então como posso medir seu grau de vulgaridade”?

“Poderá medir quando eu lhe disser”... e ele a convenceu a ter paciência. Mas é bom que se diga agora, com toda a sinceridade, que Strether na sequência nada lhe revelaria. Embora ele jamais lhe tenha contado o segredo, estranhamente também ocorreu que, em função de uma imponderável lei interna, a curiosidade de Maria pela informação arrefeceu-se e sua atitude com respeito à questão converteu-se em um franco cultivo da ignorância. Na ignorância, era capaz de alimentar a imaginação, o que lhe proporcionava uma proveitosa liberdade. Podia tratar o pequeno objeto sem nome como coisa de fato inominável — podia transformar a abstenção mútua em algo terrivelmente definido. O lado portentoso disso não escapou a Strether no comentário que ela fez em seguida.

“Quem sabe se não é por ser tão ruim... se não é pelo fato de a produção *ser*, como disse, tão vulgar... que Mr. Chad não volta para casa? O estigma não o incomodaria? Não estaria mantendo a distância justamente para não se envolver”?

“Ah”, Strether riu, “ele não parece preocupado com ‘estigmas’, parece? É bastante grato ao capital gerado, e o capital é tudo que lhe importa. Sabe apreciá-lo... quero dizer, sabe apreciar a pensão que sua mãe até agora lhe deu. Ela, é claro, dispõe de meios para cortar esses fundos; mesmo assim, Chad infelizmente tem, e em larga medida, seus — recursos independentes — dinheiro que seu avô lhe deixou, o pai dela”.

“Mas essa liberdade”, perguntou Miss Gostrey, “não lhe permitiria ser exigente? Não acha que, por causa disso, ele poderia mostrar escrúpulos acerca da fonte — a fonte pública e aparente — de seus rendimentos”?

Com bom humor, Strether considerou a hipótese. “Não se pode dizer que a origem da riqueza de seu avô — e, portanto, de seus próprios dividendos — tenha sido particularmente nobre”.

“E que origem foi essa”?

Strether tergiversou. “Bem... práticas”.

“Comerciais? Infâmias? Era um velho trapaceiro”?

“Ah”, ele disse de modo mais enfático do que vivaz, “não lhe pintarei o retrato nem narrarei seus feitos”.

“Deus, que abismos! E quanto ao falecido Mr. Newsome”?

“O que tem ele”?

“Era como o avô”?

“Não... vinha de outro lado da família. E era diferente”.

Miss Gostrey não retrocedeu. “Era melhor”?

Seu amigo por um momento titubeou. “Não”.

Posto que indireta, a observação de Miss Gostrey quanto ao titubeio não foi menos enfática. “Obrigada. *Agora não vê*”, ela prosseguiu, “por que o rapaz não volta para casa? Quer encobrir a vergonha”. “Vergonha? Mas que vergonha”?

“Que vergonha? *Comment donc? A vergonha*”.

“Mas quando e onde se dá a ‘vergonha’ — onde fica qualquer vergonha — nos dias de hoje”? Strether perguntou. “Os homens a que me refiro — eles fizeram o que todos fazem; e (além de serem águas passadas) trata-se de uma questão de avaliação”.

Ela mostrou que tinha compreendido. “E Mrs. Newsome fez a dela”? “Ah, não posso falar por *ela*”!

“No meio dessas façanhas — das quais o senhor, se entendi bem, tira seu proveito, Mrs. Newsome ao menos se conservou admirável”?

“Ah, não posso falar dela”! Strether disse.

“Pensei que era dela justamente que *pudesse* falar. *Não* confia em mim”, Miss Gostrey concluiu após um momento.

A recriminação surtiu efeito. “Bem, o dinheiro dela é empregado e sua vida concebida e conduzida com um grande sentido de caridade...”

“Trata-se de um tipo de expiação dos pecados? Encanta-me”, ela acrescentou antes que ele tivesse a chance de falar, “a maneira intensa como me faz vê-la”.

“Só é preciso”, disse Strether, “que a senhora a veja”.

Maria Gostrey parecia de fato apreendê-la. “Sei disso. Mrs. Newsome é bela, apesar de tudo”.

O aparte serviu para instigá-lo. “Que quer dizer com ‘tudo’?”

“Bem, refiro-me ao *senhor*”. Nesse ponto, ela imprimiu à conversa uma de suas rápidas mudanças de rumo. “Disse que o negócio necessita de supervisão; mas não é isso justamente o que Mrs. Newsome faz”?

“Tanto quanto é possível. Habilidade não lhe falta, mas o assunto não lhe compete; ademais, anda muito sobrecarregada. Ocupa-se de muitas, muitas coisas”.

“E o senhor também”?

“Ah, sim... digamos que cumpro a minha parte”.

“Entendo. Mas o que quero saber”, Miss Gostrey corrigiu, “é se também administra o negócio”.

“Ah, não me ocupo dele”.

“Mas sim, das demais coisas”?

“Bem, é verdade... de algumas delas”.

“Por exemplo”?

Strether obsequiosamente refletiu. “Bem, temos a *Review*”.

“A *Review*? ... Vocês têm uma revista”?

“Claro que Woollett tem uma revista... na maior parte esplendidamente custeada por Mrs. Newsome e que eu edito de forma nada esplêndida. Meu nome está na primeira página”,

Strether prosseguiu, “e me sinto um tanto desapontado e magoado com a senhora por nunca ter ouvido falar da *Review*”.

Ela desconsiderou a queixa por um momento. “E que tipo de revista é a *Review*”?

Strether ainda não havia recobrado completamente a serenidade. “Bem, é verde”.

“Refere-se à cor política ou, como dizem aqui, às suas ideias”?

“Não; quero dizer que a capa é verde... do mais adorável matiz”. “E também traz o nome de Mrs. Newsome”?

Ele não respondeu de imediato. “Quanto a isso, precisa adivinhar se é do feitio de Mrs. Newsome fazer alarde; está por trás de tudo; mas age com tal delicadeza e tato...”!

Miss Gostrey compreendeu a situação. “Mas é claro que só *poderia* agir assim. Não a subestimo. Ela deve ser uma figura ilustre”.

“Sim, bastante ilustre”.

“Um vulto de Woollett... *bon!* Agrada-me a ideia. O senhor também deve ser bastante ilustre, para estar tão ligado a essa senhora”.

“Ora, não”, disse Strether. “Não é assim que funciona”.

Mas a dama não lhe deu trégua. “Eu lhe digo como funciona: o senhor decerto não quer chamar a atenção”.

“Com meu nome na primeira página”? Ele objetou com argúcia. “Ah, mas o nome não está lá porque o senhor quer”.

“Queira me desculpar... mas está ali justamente porque quero. E exatamente o que me restou fazer por mim mesmo. Julguei que de certo modo pudesse resgatar do naufrágio das ambições e esperanças, do entulho das desilusões e dos fracassos, meu único pedacinho apresentável de identidade”.

Miss Gostrey olhou para ele como se lhe fosse dizer muitas coisas, mas no fim apenas disse: “Ela quer ver seu nome ali. O senhor é o maior dos dois vultos”, emendou rápido, “porque não se considera ilustre. Mrs. Newsome, por outro lado, julga sê-lo. Porém”, prosseguiu, “ela acredita que o senhor também é. Para todos os efeitos, é a maior personalidade de que ela pôde apoderar-se”. Maria floreou, derramou-se. “Não digo isso para me intrometer, mas no dia em que ela puser as mãos em outra maior...”! Strether havia jogado a cabeça para trás em mudo contentamento a respeito de algo que o impressionou na audácia ou felicidade do comentário; enquanto isso, o entusiasmo de sua interlocutora já havia aumentado. “Portanto feche com ela...”!

“Feche com ela”? Ele perguntou pois sua amiga parecia manter-se em suspenso.

“Antes que perca essa oportunidade”.

Seus olhos se cruzaram. “Que quer dizer com ‘fechar’”?

“E que quero dizer com essa sua oportunidade? Eu lhe digo quando me contar tudo o que está escondendo. É esse o grande capricho de Mrs. Newsome”? Perguntou de chofre.

“A *Review*”? Parecia perguntar-se de que modo poderia descrever melhor a gazeta. “É seu tributo ao ideal”.

“Sei. Vocês se interessam por coisas formidáveis”.

“Interessamo-nos pelo lado impopular... ou seja, até onde nos atrevemos”.

“E o quanto se atrevem”?

“Ela, muito; eu, bem menos. Estou longe de ter a mesma confiança. Três quartos da confiança são fornecidos por Mrs. Newsome”, disse Strether, “afora, segundo lhe confidencieei, *todo* o dinheiro”.

Para Miss Gostrey a afirmação evocou uma visão dourada que por um momento lhe reteve o olhar, como se súbito estivesse ocupada em ouvir o cristalino tilintar dos dólares. “Então espero que faça algo de bom...”

“Eu nunca faço nada de bom”! Ele retrucou.

Ela limitou-se a aguardar. “Não acha que é bom ser apreciado”?

“Ah, mas não somos apreciados. Nem ao menos detestados. Fazem a gentileza de nós ignorar”.

Ela fez outra pausa. “Não confia em mim”! Repetiu.

“Mesmo quando deixo cair meu último véu... quando lhe revelo o verdadeiro segredo do cárcere”?

De novo seus olhos se cruzaram, mas o resultado foi que, após um instante, ela desviou os seus com impaciência. “Então a revista não vende? Ah, gosto disso”! Antes que ele pudesse protestar, porém, sua amiga prosseguiu: “Ela não passa de um vulto *moral*”.

Strether assentiu com bom humor. “Sim... acho que a definição lhe faz justiça”.

Mas, para sua amiga, havia uma conexão inesperada. “Como ela penteia o cabelo”?

Ele gargalhou. “De modo esplêndido”!

“Ah, isso não me diz nada. Mas não importa... eu sei. É muito bem cuidado... um verdadeiro escândalo; ostensivamente espesso e, até hoje, sem um único fio branco. Pronto”!

O realismo do retrato o fez corar, mas foi obrigado a render-se à verdade. “A senhora é o demônio em pessoa”.

“Que mais *poderia* ser? Foi com artes diabólicas que me arremessei contra o senhor. Mas não se preocupe, pois tudo que não se refere ao próprio demônio — em nossa idade — constitui um enfado e uma desilusão, e até mesmo ele, afinal, não é lá tão divertido”. Então, com um único golpe, concluiu: “Sua missão é ajudá-la a expiar... o que é bastante difícil, pois o senhor não cometeu nenhum pecado”.

“Foi ela quem não cometeu pecados”, retrucou Strether. “Eu sou o grande pecador”.

“Ah”, Miss Gostrey soltou uma risada sarcástica, “o modo como a pinta! Fez algum mal à viúva ou ao órfão”?^{4}

“Tenho pecado bastante”, disse Strether.

“Bastante para quem? Bastante para quê”?

“Bem, para ser quem sou”.

“Obrigada”! Foram interrompidos nesse momento por um cavalheiro que se ausentara durante parte da peça e que agora voltava para o desfecho, passando entre os joelhos do casal e o

encosto do assento dianteiro; mas a interrupção deu a Miss Gostrey tempo para que, antes do pedido subsequente de silêncio, manifestasse com exato propósito sua impressão sobre a moral de toda a conversa. “Sabia que o senhor tinha algo escondido na manga”! Esse propósito, porém, deixou-os por sua vez, ao cabo da encenação, tão dispostos a retomar o assunto quanto se tivessem muito a dizer um ao outro; assim, não lhes custou permitir que todos os espectadores saíssem antes deles — encontraram um interesse na espera. No hall de entrada descobriram que havia começado a chover; mesmo assim, Miss Gostrey avisou a seu amigo que não precisava levá-la para o hotel. Bastava que a pusesse, sozinha, em um coche; em Londres, em noites chuvosas como aquela, após um intenso divertimento, apreciava sobremaneira ruminar na volta em um coche solitário. Não havia ocasião melhor, ela insinuou, para readquirir o domínio de si mesma. Os atrasos causados pelo mau tempo, a disputa por veículos na porta do teatro, deu-lhes a oportunidade de se sentarem em um divã na parte posterior do vestíbulo, ao abrigo das rajadas úmidas de vento vindas da rua. Ali Maria Gostrey retomou seu livre tratamento do assunto com o qual a própria imaginação de Strether já se mostrava bastante penhorada. “O seu jovem amigo de Paris gosta do senhor”?

A pergunta, assim proferida após o intervalo de tempo, quase o sobressaltou. “Ah, espero que não! Por que *gostaria*”?

“E por que não”? Indagou Miss Gostrey. “O fato de o senhor vir em sua procura não deveria ter nada a ver com isso”.

“A senhora percebe a situação”, ele retorquiu de imediato, “melhor do que eu”.

“Evidentemente vejo o senhor inserido nela”.

“Bem, então percebe mais coisas em ‘mim’...”

“Do que o senhor mesmo é capaz? É bem provável. Não nos faculta esse direito? Mas pensava”, ela explicou, “no hipotético efeito particular produzido sobre esse rapaz pelo *milieu* em que ele vive”.

“Ah, o *milieu* de Chad...” Strether realmente sentia como, se pudesse imaginá-lo agora com mais clareza do que três horas antes.

“Vejo que a influência só pode ter sido deletéria”.

“Ora, se não foi esse meu ponto de partida”.

“Sim, mas o senhor vem de muito longe. O que dizem as cartas dele”?

“Nada. Ele praticamente nos ignora... ele nos poupa. Não manda notícias”.

“Entendo. Mesmo assim duas coisas bem distintas”, ela prosseguiu, “podem ter ocorrido, dado o lugar maravilhoso onde ele se situa. Uma é que tenha embrutecido. A outra é que se tenha refinado”.

Strether a arrostou — havia ali uma novidade. “Refinado”?

“Ah, sim”, ela respondeu com calma, “há formas de refinamento”.

O modo de dizer fez com que ele, depois de mirá-la, rompesse em uma gargalhada. “A *senhora* as conhece”!

“Em termos de indícios”, ela continuou no mesmo tom, “elas talvez representem o que há de pior”.

Strether cogitou a hipótese e então prosseguiu com maior seriedade. “Trata-se de uma forma de refinamento ele não ter respondido; as cartas da mãe”?

Sua amiga pareceu hesitar, mas terminou por esclarecer: “Ah, diria que é a maior de todas”.

“Bem”, disse Strether, “quanto a mim, estou pronto para aceitar: como um dos indícios capazes de representar o pior o fato de ele crer, conforme sei, que pode fazer o que quiser comigo”.

A observação pareceu abalá-la. “Como sabe disso”?

“Ah, não duvido. Tenho um pressentimento”.

“Pressente que ele é capaz de fazê-lo”?

“Pressinto que ele acredite ser capaz. Pode dar no mesmo”!
Strether riu.

Mas Miss Gostrey não se convenceu. “Para o senhor uma coisa jamais dará no mesmo que outra”. Ela parecia entender a que se referia, o suficiente para seguir adiante. “Disse que, se ele realmente voltar, se qualificará para receber recompensas”?

“Decerto que sim. Uma oportunidade em especial lhe será concedida — uma oportunidade que nenhum jovem em sã consciência recusaria. O negócio cresceu tanto que um cargo que nem se concebia três anos atrás, mas que o testamento paterno contemplou sob certas condições e que, de acordo com o testamento, vincula à aceitação de Chad imensos benefícios contingentes — essa vaga, satisfeitas agora tais condições, simplesmente o aguarda. Sua mãe a guardou para ele, a despeito de uma forte pressão, até o último momento. Como o cargo envolve uma bela ‘quantia’, uma

ampla participação nos lucros, naturalmente requer que ele esteja presente e disposto a fazer um grande esforço para obter um grande resultado. Foi isso que dei a entender com oportunidade. Se a perder, não se qualificará, como a senhora disse, para nada. Em resumo, estou aqui para assegurar que ele não a perca”.

Ela refletiu alguns instantes sobre o que ele dissera. “Está aqui então simplesmente para lhe prestar um imenso serviço”.

Bem, o pobre Strether estava disposto a aceitar a imputação. “Ah, se assim quiser”.

“Ele está na iminência, como se diz e caso o senhor atinja seu intento, de obter...”

“Ah, muitas vantagens”. Strether poderia contá-las nos dedos. “Com isso também quer dizer muito dinheiro”.

“Não apenas. Refiro-me ao sentido de outras coisas que lhe são igualmente importantes. Consideração, conforto e garantia — a segurança geral de estar ancorado a um elo forte. Na minha opinião, ele deseja ser protegido. Protegido, isto é, contra a vida”.

“Ah, *voilà*!” era como se tudo se encaixasse. “Contra a vida. *Na realidade*, o senhor quer levá-lo de volta para que possa casá-lo”.

“Bem, é mais ou menos isso”.

“Claro”, ela disse, “nada mais simples. Mas com alguém é especial”?

Ele sorriu, mas se pôs em alerta. “A senhora quer tudo a descoberto”!

Por um momento seus olhos voltaram a se cruzar. “Mas se é o senhor quem descobre tudo”!

Ele agradeceu o elogio concedendo-lhe a informação. “Com Mamie Pocock”.

Miss Gostrey considerou; e então, com seriedade, até mesmo com delicadeza, como se para adequar-se à estranheza: “Com a própria sobrinha”? .

“Ah, a senhora precisa encontrar um novo nome para essa relação de parentesco. E irmã do cunhado de Chad. A cunhada de Mrs. Jim”. A notícia deixou Miss Gostrey atordoada. “E quem é essa Mrs. Jim”?

“A irmã de Chad... que se chamava Sarah Newsome. Casou-se não cheguei a mencionar? — Com Jim Pocock”.

“Ah, sim”, ela respondeu em voz baixa; mas ele mencionara tantas coisas...! Então, porém, em alto e bom som: “E quem é esse Jim Pocock”? Perguntou.

“Ora, o marido de Sally. Essa é a única maneira que distinguimos as pessoas lá em Woollett”, ele explicou, bem-humorado.

“E trata-se de uma grande distinção... ser o marido de Sally”?

Ele refletiu. “Creio que dificilmente pode haver outra maior... a não ser a qual, no futuro, possa caber à mulher de Chad”.

“Então como o *senhor* se distingue em Woollett”?

“Mas *não* me distingo — exceto, como lhe disse, pela capa verde”.

Miss Gostrey cravou seus olhos nos dele, retendo-o ali por uns instantes. “Essa capa verde — ou qualquer outra — de nada serve para *mim*. O senhor é de uma duplicidade atroz”! Ainda assim, ela podia, mediante seu amplo conhecimento da realidade, perdoá-lo. “Mamie é um grande *parti*”?

“Oh, o maior que temos... é nossa moça mais bonita e inteligente”.

Era como se Miss Gostrey pudesse ver a pobre criança. “Sei bem o que *podem* ser. E tem dinheiro”?

“Talvez não em grande quantidade... mas é tão rica em outros predicados que não sentimos falta. O dinheiro em geral *não* nos faz falta, sabe”, Strether acrescentou, “na América, quando se trata de moças bonitas”.

“Não”, ela concordou; “mas também sei do que vocês por vezes sentem falta. E o senhor a admira”? Perguntou.

Ele sugeriu tratar-se de uma questão capaz de ser enfocada de diversas maneiras; após um instante, porém, optou pela mais espirituosa. “Já não lhe dei inúmeras provas de quanto admiro *qualquer* moça bonita”?

O interesse que Maria Gostrey desenvolvera pelo caso de seu amigo chegara a tal ponto que lhe sobrava pouca liberdade, e ela foi obrigada a ater-se aos fatos. “Supus que em Woollett era mister que fossem — como diria? — Irrepreensíveis. Refiro-me aos jovens destinados às belas moças”.

“Também achava isso”, Strether confessou. “Mas a senhora tocou aí em um ponto curioso — o fato de que Woollett também se acomodou ao espírito dos tempos e à crescente brandura dos

costumes. Tudo muda, e eu sustento que nossa situação é exemplar. Nós *deveríamos* preferi-los irrepreensíveis, mas somos obrigados a fazer o melhor que podemos com o que eles são. Já que o espírito da época e os costumes cada vez mais lassos os fazem ir com maior frequência a Paris...”

“É preciso recebê-los do jeito que chegam. Quando chegam. *Bon*”! Mais uma vez ela entendeu tudo, mas refletiu por um momento. “Pobre Chad”!

“Ah”, disse Strether, para animá-la, “Mamie o salvará”!

Mas, com o olhar distante, ainda perdida em seu devaneio, Miss Gostrey falou em tom de impaciência, quase como se ele não a houvesse compreendido. “É o *senhor* quem o salvará. Eis a verdade”.

“Com a ajuda de Mamie, porém. A não ser que esteja sugerindo”, ele acrescentou, “que eu possa ser mais bem-sucedido com o *seu* auxílio”!

A galhardia a fez por fim volver-lhe o olhar. “O senhor conquistará mais triunfos — pois é muito melhor — do que todos nós juntos”.

“Acho que só sou melhor desde que a conheci”! Strether retorquiu com bravura.

O esvaziamento do local, a diminuição da aglomeração e, agora, a saída relativamente silenciosa dos últimos remanescentes já os haviam obrigado a aproximar-se da entrada, colocando-os em contato com um porteiro a quem Strether pediu que providenciasse o coche de Miss Gostrey. Mas a tarefa lhes deu alguns minutos extras, que a dama claramente não estava disposta a desperdiçar. “Já

me falou do que, em função de seu êxito, Mr. Chad tem a ganhar. Mas não me contou o que está reservado para o *senhor*".

"Ah, não tenho mais nada a ganhar", declarou Strether, simplesmente.

Ela tratou o assunto de modo ainda mais simples. "Quer dizer que já obteve tudo? Que foi pago com antecedência"?

"Ora, não falemos de pagamentos"! Ele resmungou.

Alguma coisa no tom da réplica a fez deter-se, mas, como o porteiro ainda se demorava, ela teve oportunidade de tornar ao tema por outra perspectiva. "O que, em caso de malogro, o senhor tem a perder"?

Ainda assim, ele não cedeu. "Nada"! Exclamou e, com a chegada imediata do porteiro, logrou desviar o assunto enquanto se ocupavam de avançar em direção ao carro. Quando, alguns passos pela calçada adiante, sob a luz do lampião, ele depositou sua amiga no coche e ela lhe perguntou se o porteiro não lhe providenciara um segundo veículo, ele indagou antes de a porta cerrar-se: "Não me convidará para acompanhá-la"?

"Por nada neste mundo".

"Então voltarei andando".

"Na chuva"?

"Oh, a chuva me apraz", disse Strether. "Boa noite".

Por não devolver o cumprimento, ela o reteve um instante, com a mão pousada sobre a porta; então, respondeu repetindo a pergunta: "O que tem a perder"?

Strether não saberia dizer por que a questão naquele momento lhe pareceu diferente; daquela feita, só pôde enfrentá-la de outra maneira: “Tudo”.

“Foi o que pensei. Por isso mesmo, há de conseguir. E para que consiga, sou sua...”

“Ah, minha cara”! Ele sussurrou carinhosamente.

“Até que a morte”! Disse Maria Gostrey. “Boa noite”.

II

Strether fez uma visita, em sua segunda manhã em Paris, aos banqueiros da *Rue Scribe*, a quem sua carta de crédito fora endereçada, e o fez acompanhado de Waymarsh, com quem chegara de Londres dois dias antes. Os dois dirigiram-se às pressas à *Rue Scribe* no dia seguinte à chegada, mas Strether, então, não encontrara as cartas em cujo encalço se dispusera a empreender aquela incursão. Até aquele momento não recebera nenhuma; não as esperara encontrar em Londres, mas contara com várias em Paris e, desconcertado, regressara em seguida ao bulevar tomado por um senso de injúria que se pegou reputando como um princípio tão bom quanto outro qualquer. Ao deter-se no alto da rua e correr os olhos pela grande avenida estrangeira, refletiu que essa aguilhoadada em seu espírito serviria para inaugurar os trabalhos. Sua ideia era começar de imediato, mas ficou de tal modo absorvido o resto do dia que essa estreia foi obrigada a esperar. Embora pouco tivesse feito até a noite exceto perguntar-se o que faria se, felizmente, não tivesse tanto a

fazer, Strether examinou a questão sob diversos pontos de vista. O que o obrigou a dar tratos à imaginação foi uma admirável teoria de que nada que pudesse fazer deixaria de ser de algum modo relacionado com sua tarefa primordial; do contrário, representaria — caso dispusesse de algum escrúpulo, — uma completa perda de tempo. Ocorreu que ele tinha um escrúpulo — o escrúpulo de não dar nenhum passo definitivo antes de receber as cartas de crédito; mas a reflexão anterior forçou-o a descartá-lo. A bem da verdade, um único dia para sentir os pés não era pedir muito — até então só dera passeios em Chester e em Londres; ademais, tendo, como Strether muitas vezes repetira para si mesmo, Paris para contemplar, ele deliberadamente se entregou, nessas horas iniciais, à contemplação. O tempo despendido só a tornava cada vez mais grandiosa, mas, se era para ser alguma coisa, era melhor que a cidade fosse assim — e ele permitiu-se seguir até bem tarde da noite, no teatro e na volta, após o teatro, caminhando pelo bulevar repleto e cintilante, com o propósito de vê-la crescer. Daquela vez Waymarsh o acompanhara ao teatro e, como a noite, ou melhor, a madrugada (visto que a meia-noite havia soado) estava suave e animada, os dois andaram juntos, num primeiro estágio, do *Gymnase* ao *Café Riche*, em cujo terraço apinhado de gente se embrenharam em busca de algo para beber. Em virtude de alguma discussão travada com seu amigo, Waymarsh convertera a urgência de partir, na conveniência de se abandonar ao momento, e houvera sinais na meia hora em que permaneceram diante de seus copos de cerveja aguada que lhe deram ensejo para sugerir que se manteria firme ao compromisso até as últimas consequências. A sugestão se fez — pois, afinal, era seu lado mais austero que ainda resplandecia em meio às luzes do terraço — por intermédio de um silêncio solene; e de fato seguiu-se uma alta dose de silêncio crítico entre os dois, em todo o percurso, inclusive até alcançarem a *Place de l'Opéra*, no tocante à natureza de sua marcha noturna.

Naquela manhã *houve* cartas — cartas que aportaram todas juntas em Londres, no dia da partida da Strether, e que demoraram a acompanhá-lo; assim, após refrear um impulso de examiná-las ali mesmo na sala de espera do banco, o qual, por lembrá-lo da agência do correio em Woollett, afigurou-se lhe como o contraforte final de alguma espécie de ponte transatlântica, guardou-as no bolso de seu grande sobretudo cinzento com uma sensação de contentamento em levá-las consigo. Waymarsh, que recebera cartas no dia anterior, fora agraciado com outras naquele dia, e, quanto a esse particular, não conteve nenhum impulso. O único contra o qual se podia observá-lo lutando era claramente o de encerrar com demasiada brevidade qualquer visita à *Rue Scribe*. Strether o deixara ali no dia anterior, pois Waymarsh quisera ler os jornais e passara, pelos cálculos de seu amigo, várias horas ocupado com os periódicos. Assim como falava com ênfase do estabelecimento como um posto de observação superior, o cidadão de Milrose falava em termos gerais de seu detestável destino atual como uma armadilha destinada a ocultar-lhe os acontecimentos tio mundo. Para Waymarsh, a melhor definição da Europa era a de um elaborado mecanismo concebido para apartar o prisioneiro americano desse conhecimento indispensável — por conseguinte apenas suportável por meio dessas ocasionais estações de socorro, alçapões para a captura da transitória brisa ocidental. Strether, por sua vez, tornou a caminhar — seu socorro estava no bolso; na verdade, por mais que houvesse ansiado pela correspondência, seu desassossego crescera si partir do momento em que tomara ciência do sobrescrito estampado na maioria das missivas. A inquietação converteu-se, assim, em sua lei temporária; Strether sabia que deveria reconhecer, à primeira vista, o melhor lugar para acomodar-se com sua principal correspondente. Na hora que se passou ele exibiu um ar involuntário de andar à procura dessa acomodação nas vitrinas das lojas; desceu a ensolarada *Rue de la Paix*, cruzando as Tulherias e o rio Sena, permitindo-se mais de

uma pausa súbita — como se tomado por uma determinação — diante das bancas de livros na margem oposta. Em dois ou três lugares do Jardim das Tulherias demorou os olhos na cena; foi como se a maravilhosa primavera parisiense o houvesse paralisado em meio à deambulação, A diligente manhã de Paris vibrou suas notas prazenteiras — em uma brisa suave e um borrifo aromático; no adejar ligeiro, sobre a zona: ajardinada, de moças de cabeça descoberta e com caixas oblongas de alça afivelada; no aspecto de frugais anciões aquecendo-se logo cedo onde os muros do belvedere ofereciam maior tepidez; na oficialidade do uniforme azul e crachás de latão dos humildes manipulares de ancinhos e raspadeiras; nas referências quer solene do padre de andar compassado, quer brusca do soldado de calças vermelhas e botinas brancas. Ele observava essas figuras pequenas e vivazes, cujos movimentos eram como o tiquetaquear do fabuloso relógio parisiense, cobrirem uma suave linha diagonal de uma ponta a outra; o ar tinha o sabor de uma mistura preparada com arte, de algo que apresentava a natureza como um *chef* de cozinha com seu chapéu branco. O palácio das recordações de Strether não estava mais lá; e quando ele mirou o vazio irremediável que ali se instalou era como se o senso histórico de nosso amigo pudesse estar em plena ação — ação sob a qual, em Paris, esse mesmo senso com tanta frequência latejava como um nervo exposto. Ele preenchia os espaços com fugazes vestígios de cenas; capturava o brilho de alvas estátuas ao pé das quais, recostado em uma cadeira de palhinha, poderia sacar suas cartas. Mas sua perambulação levou-o, por alguma razão, para o outro lado, conduziu-o incólume pela *Rue de Seine* até o Jardim do Luxemburgo.

No Jardim do Luxemburgo ele parou; foi ali que enfim encontrou seu recanto, e ali, em uma cadeira de jardim, à vista da qual os terraplenos, as alamedas, os panoramas, as fontes, os arbustos em vasos esverdeados, as mocinhas de gorro branco e as

estridentes meninhas entregues a folguedos pareciam compor um mesmo quadro luminoso, ele passou uma hora durante a qual a taça de suas impressões pareceu verdadeiramente transbordar. Entretanto, apenas uma semana se passara desde o desembarque, e havia mais coisas em sua mente do que uns poucos dias pudessem dar conta. Mais de uma vez, nesse meio tempo, ele sentiu como se estivesse sendo admoestado; mas, naquela manhã, a admoestação mostrou-se formidavelmente pungente. Parecia que não havia ainda tomado a forma de uma questão — a questão do que estava fazendo com tamanho senso de liberdade. Se tal sentimento tornou-se mais forte quando acabou de ler as cartas, foi porque esse foi o exato motivo pelo qual a questão se impôs. Quatro das missivas eram de Mrs. Newsome, e nenhuma delas era curta; a senhora não perdera tempo, seguira em seu encalço passo a passo, expressando-se assim de tal modo que ele agora podia medir a provável frequência com que receberia notícias. Seus comunicados, ao que parecia, chegariam na velocidade de vários por semana; quiçá tosse capaz de contar com mais de um a cada remessa. Se iniciara o dia anterior com um toque de mágoa, tinha agora a oportunidade de encetar a presente manhã com o sentimento oposto. Leu as cartas com vagar e na sequência, devolvendo as outras ao bolso, embora mantendo aquelas por muito tempo reunidas no colo. Segurou-as ali, perdido em pensamentos, como se prolongando a presença do que elas lhe ofereciam; ou pelo menos para assegurar-lhes seu papel na aquisição de algum tipo de lucidez. Sua amiga escrevia admiravelmente e seu tom encontrava-se mais no estilo do que na voz — era quase como se Strether houvesse transposto toda essa distância apenas para sentir a maneira única de ela fazer-se ouvir; contudo, a clareza com que percebia a diferença se conjugava perfeitamente com a aprofundada intensidade da relação. Era a diferença, a diferença de ele estar exatamente onde estava e *como* estava, que constituía a evasão — essa diferença era muito maior do que imaginara; e o que ele enfim ruminava sentado ali era

sobre a estranha lógica de descobrir-se assim tão livre. De certo modo sentia que, para aprovar o processo, fazia-se mister refletir sobre a sua situação atual e, quando se pôs a contar os passos e a somar os itens, o total lhe pareceu correto. Strether nunca esperara — eis a verdade — sentir-se jovem outra vez, e todos os anos e outros aspectos necessários para a renovação desse sentimento constituíam, com exatidão, sua aritmética atual. Precisava adquirir certeza deles para serenar os escrúpulos.

Tudo no fundo brotou da beleza contida no desejo de Mrs. Newsome de que ele não se ocupasse de nada que não fosse essencial à sua tarefa; ao insistir para que Strether interrompesse todas as atividades, ela contribuía de tal modo para a liberdade de seu dileto que agora, por assim dizer, só lhe cabia agradecer a si própria. Nessa altura Strether não podia realmente ter concluído o pensamento com a imagem daquilo *pelo qual* talvez coubesse a ela congratular-se: a imagem que na melhor das hipóteses correspondia à cópia dele mesmo — o pobre Lambert Strether transido e engasgado, agradecido pelo respiro momentâneo, arrastado à margem ensolarada pelas correntes de um único dia. Ali estava ele, e nada havia em seu aspecto ou atitude que chamasse a atenção: era bem verdade que, se tivesse visto Mrs. Newsome aproximar-se, teria instintivamente pulado da cadeira e recuado ligeiramente. Ele daria meia-volta para ir bravamente a seu encontro, mas primeiro precisaria ter recobrado a compostura. Mrs. Newsome excedia-se em notícias do front doméstico; mostrou com que destreza manobrou em sua ausência; contou-lhe quem se encarregaria disso e quem se encarregaria daquilo, exatamente do ponto em que ele havia deixado; transmitiu-lhe em prosa e verso, na verdade, a conclusão de que nada sofreria dano. Para ele, o tom das cartas impregnava o ar, ainda que ao mesmo tempo também lhe parecesse a própria melodia das coisas vãs. Foi este último fenômeno que ele procurou justificar

— e com o êxito de, malgrado a aparência soturna, ter ao menos topado com um aspecto feliz. Strether chegou a essa conclusão ao ser obrigado a reconhecer que, duas semanas antes, o cansaço o havia vencido. Se algum dia um homem mostrou-se realmente exausto, esse homem era Lambert Strether; e não fora exatamente por causa de sua fadiga que essa maravilhosa amiga de Woollett sentiu por ele tamanha compaixão e pôs seu plano em funcionamento? Nesses instantes parecia-lhe que, se fosse capaz de agarrar-se com suficiente firmeza a essa verdade, ela de algum modo se tornaria sua bússola e seu compasso. Aquilo por que ele mais ansiava era algum tipo de ideia simplificadora, e nenhuma lhe era mais conveniente do que o fato de que estava morto e acabado. Se fora sob essa luz que pouco antes detectara em sua taça os vestígios da mocidade, tratava-se de um mero defeito na superfície de seu plano. Estava tão visivelmente exausto que isso agora serviria a seu propósito e, se fosse capaz de manter a dignidade por mais algum tempo, poderia então fazer tudo o que desejasse.

Tudo o que ele desejava se resumia, ademais, em um único privilégio — a comum e inalcançável arte de tomar as coisas tal como vinham. Pareceu-lhe ter dedicado seus melhores anos a uma ativa apreciação do modo como não vinham; mas talvez — como as coisas ali em tese seriam bem diferentes — esse longo remorso podia enfim ser sepultado. Era-lhe fácil ver que, do momento em que aceitasse a noção de seu malfadado colapso, a última coisa de que sentiria falta seriam as razões e as lembranças. Ah, se *fizesse* a soma, nenhum ábaco comportaria as cifras! O fato de que havia falhado, conforme considerava, em todos os aspectos, em cada uma de suas relações e em meia dúzia de negócios, como gostava de profusamente elaborar, poderia ter resultado, poderia ainda resultar, em um presente vazio; mas por certo também correspondia a um passado repleto. Ter perdido tantas realizações não fora nem uma

carga leve nem um jugo fácil. Naquele momento era como se a imagem retrospectiva pendesse ali, a longa e tortuosa jornada, cinzenta na sombra de sua solidão. Fora uma terrível, animada e sociável solidão, uma solidão de vida ou opção de comunidade; e, embora houvesse muitas pessoas ao redor, em seu *interior* existiram apenas três ou quatro. Waymarsh foi uma delas, e o fato agora lhe aparecia digno de consideração. Mrs. Newsome foi outra e Miss Gostrey rapidamente mostrava sinais de tornar-se a terceira. A distância, atrás delas, havia a pálida imagem de sua verdadeira juventude, cerrando ao peito duas presenças ainda mais pálidas a da jovem esposa que cedo perdera e a do jovem filho que estupidamente sacrificara. Muitas vezes dissera para si próprio que o pobre menino poderia ter sido salvo — seu filhinho apático que morrera na escola de uma difteria fulminante se naqueles anos não se houvesse entregado de maneira tão desarrazoada à perda da mulher. O ponto nevrálgico de seu remorso residia no fato de que a criança, ao que tudo indicava, não era afinal apática — fora apática, como fora enxotada e negligenciada, sobretudo porque o pai agira com inadvertido egoísmo. Decerto esse era apenas o hábito secreto do pesar, que com o tempo foi serenando; persistiu, porém, uma dor aguda o bastante para fazer com que o espírito, à vista de um belo jovem na flor da idade, estremecesse com a ideia de uma oportunidade perdida. Será que alguma vez um homem (ele parecia ter-se convertido a esse modo de questionar a si mesmo) realmente perdeu tanto e até mesmo fez tanto por tão pouco? Houvera razões particulares para que no dia anterior, entre tantos, a resposta para essa gélida questão soprasse em um de seus ouvidos. Seu nome na capa verde, ali inserido para obsequiar Mrs. Newsome, sem dúvida o pusera em suficiente evidência para impelir o mundo — o mundo como uma instância distinguível, para o bem ou para o mal, de Woollett — a perguntar quem ele era. Submetera-se ao ridículo de explicar a própria explicação. Ele era Lambert Strether porque assim

estava estampado na capa, ao passo que deveria ter sido, para a prova do menor sinal de glória, que a capa estampasse seu nome porque ele era Lambert Strether. Nosso amigo teria feito qualquer coisa por Mrs. Newsome, teria sido mais ridículo — como nesse ponto ainda poderia achar ocasião para ser; o que significa que essa aceitação do destino era tudo o que ele tinha a oferecer aos cinquenta e cinco anos de idade.

Strether presumiu que o fardo *era* pequeno porque, enfim, era pequeno — e tão mais flagrantemente odioso por não poder, pelo que ele entendia, ser considerado maior. Não fora agraciado com o dom de obter o melhor resultado de seus esforços, e se continuara a envidar mais e mais esforços — ninguém senão ele sabia quanto — parecia ter sido para poder demonstrar que outros recursos, salvo aqueles, *poderiam* ser tentados. Apareceram-lhe à lembrança velhos fantasmas de experiências, velhas rotinas e desilusões, e desgostos, velhas recuperações com suas recaídas, velhas febres com seus tremores, momentos falhados de boa-fé, outros de dúvida ainda melhor; aventuras, a maioria do tipo que podia classificar-se como lição. A mola específica que não cessara de pressioná-lo no dia anterior fora a da percepção — assombrosa em sua frequência das promessas que fizera a si mesmo e que ele, após sua visita pregressa, jamais cumprira. A recordação que hoje mais o comovia era do compromisso firmado em favor da jornada que ele, recém-casado, com a Guerra Civil havia pouco encerrada e irremediavelmente moço a despeito de tudo, imprudentemente empreendera com a criatura ainda mais moça. Fora uma decisão ousada, para a qual usaram o dinheiro reservado para as necessidades, mas que então se consagrara por meio de uma infinidade de expedientes, o maior dos quais residindo em sua promessa pessoal de tratar a ocasião como uma aliança formada com a mais alta cultura, providenciando para que, como se diz em Woollett, ela rendesse bons frutos. Ao voltar

para casa, ele julgara ter adquirido algo grandioso, e seu sistema — em conjunto com um plano inocente e complicado que envolvia leituras, rumações e até novas viagens ao cabo de alguns anos — fora o de preservar, acalentar e expandir a experiência. Como planos tais como esses, todavia não vingaram, com respeito a ganhos ainda mais preciosos, sem dúvida não causou espanto o fato de ele ter perdido o interesse naquele punhado de sementes. Enterrados durante longos anos em recessos sombrios, esses poucos brotos voltaram a germinar após quarenta e oito horas em Paris. O processo do dia anterior com efeito consistira em sentir o despertar em massa de conexões havia muito individualmente abandonadas. Mesmo nesse aspecto Strether tinha se familiarizado com breves ímpetos especulativos — devaneios repentinos nas galerias do Louvre, olhares famintos em vidros translúcidos atrás dos quais volumes de capa amarelo limão pareciam tão frescos como frutos em uma árvore.

Era nesses instantes que Strether podia indagar se, desde que basicamente nunca se fizera grande questão do fato de ele preservar o que quer que fosse, o destino que afinal lhe estava reservado não consistiria em tão somente ser preservado? Preservado em prol de algo que, nesse caso, ele não fingia, não se atreveria ainda a adivinhar; algo que o fizera hesitar e estranhar, rir e suspirar, fizera-o avançar e retroceder, em parte envergonhado de seu desejo de precipitar-se e mais do que em parte receoso de seu desejo de esperar. Ele se lembrou, por exemplo, de como regressara nos anos 1860 com dezenas de volumes de capa amarelo-limão na mente, bem como uma dúzia — selecionada também para sua mulher — na bagagem; e nada naquele momento lhe mostrara mais confiança do que essa evocação do gosto refinado. Os doze tomos continuavam em Woollett — mofados, sujos e nunca enviados para o encadernador; mas o que fora feito da pungente iniciação que eles

representavam? Agora representavam a triste e esmaecida pintura na porta do templo que ele sonhara em erigir ao bom gosto — uma construção quase nunca levada adiante. Os atuais voos de imaginação de Strether eram talvez do tipo em que esse lapso específico lhe figurava como um símbolo — o símbolo de sua prolongada rotina e de sua carência de momentos singulares, sua carência ademais de dinheiro, de oportunidade, de respeito verdadeiro. A prova definitiva do embotamento de sua consciência residia no fato de que, para renascer, a memória do compromisso de seus verdes anos tivesse sido forçada a aguardar pelo derradeiro, como ele sentia, de todos os incidentes. E se urgisse alguma prova adicional ela estava na certeza de que Strether havia parado de medir sua inadequação, uma inadequação que nesse retrospecto se espraiava, vaga e abrangente, perdendo-se nos confins como uma hinterlândia não demarcada atrás de um escarpado povoado litorâneo. Sua consciência entretivera-se naquelas quarenta e oito horas proibindo-lhe a compra de um livro; ele se absteve disso, absteve-se de tudo; como ainda não fizera uma visita a Chad, não se atreveria a dar nenhum outro passo. Mas diante dessa evidência de que as capas amarelo-limão na verdade o afetavam, Strether lançou um olhar severo em uma confissão do inconsciente de que, no imenso deserto dos anos, ele, não obstante deve ter-se apoderado delas. As capas verdes de Woollett não continham, pelo propósito a que se destinavam, nenhum tributo às letras; foi de um mero núcleo enriquecido de economia, política e ética, devidamente acetinado e, como dizia Mrs. Newsome (um pouco contra o seu ponto de vista), agradável ao toque, que compuseram uma prateleira especiosa. Assim, sem imaginar o que poderia suceder na resplandecente avenida parisiense, Strether mais de uma vez se viu perturbado pela suspeita: teria sido impossível obter de outra maneira no presente a confirmação de tantos receios. Havia “movimentos” para os quais chegara com demasia do atraso; já não se teriam dissipado, junto

com o que havia neles de divertido? Houve trechos que perdera e grandes lacunas na sequência; era como se tivesse assistido a tudo evaporar-se em uma nuvem de pó dourada. Se a casa de espetáculos não fora fechada, era por outro lado evidente que outra pessoa agora ocupava o seu lugar. Quanto ao teatro, ele tivera uma sensação desconfortável na noite anterior: embora justificasse (com uma incongruência à qual sua imaginação fazia jus) uma ida como algo que devia ao pobre Waymarsh, não podia deixar de pensar que, se realmente estivera em um teatro, deveria ter estado ali com e, como poderia ser dito, por Chad.

Nisso despontava a dúvida sobre se ele poderia tê-lo levado para assistir a uma peça como aquela, e sobre que efeito — foi uma questão de súbito aventada — poderia atribuir-se à sua peculiar responsabilidade sobre a escolha do programa. Ocorreu-lhe efetivamente no Gymnase onde se supunha em segurança — que o fato de estar acompanhado do jovem amigo teria representado um viés estranho em seu empenho pela redenção do rapaz; e isso a despeito de a cena exibida, em confronto com o palco particular de Chad, poder ser vista como um modelo de propriedade. Estava claro que não fora até Paris em nome da propriedade apenas para comparecer desacompanhado a equívocos espetáculos; contudo, era ainda mais claro que não deveria comprometer sua autoridade apreciando-os na companhia do moço desabonado. Deveria renunciar a toda diversão pelo bem da autoridade? E *poderia* tal renúncia conferir-lhe um glamour moral aos olhos de Chad? O pequeno problema se encrespara ainda mais em razão do senso bastante amplo de que Strether dispunha sobre a ironia das coisas. Havia então circunstâncias sob as quais sua dificuldade corria o risco de parecer cômica para Chad? Seria obrigado a fingir acreditar — fosse para si mesmo, fosse para o desafortunado rapaz — que havia algo capaz de tornar este último ainda pior? Um fingimento como

esse, por outro lado, não implicaria a pressuposição de que havia processos capazes de torná-lo melhor? Seu maior desassossego parecia provir da assustadora impressão de que quase qualquer concessão a Paris ameaçava lhe arruinar a autoridade. A vasta e cintilante Babilônia erguia-se diante dele como um imenso objeto iridescente, uma joia dura e brilhante em que nem as facetas deviam ser discriminadas nem as diferenças tranquilamente salientadas. Ela ao mesmo tempo faiscava, tremeluzia e dissolvia-se, e o que em dado momento nada parecia mostrar senão superfícies poderia, no instante seguinte, nada revelar exceto profundezas. Era sem dúvida um lugar a que Chad se afeiçoara; portanto, se ele, Strether, gostasse demais dali o que, afinal, com um laço como aquele, havia de ser feito dos dois? Tudo decerto dependia — uma luz no fim do túnel — de como se media esse “demais”; mesmo assim, no prolongamento da meditação que venho descrevendo, nosso amigo de certo modo sentiu que, em relação a ele, uma ligeira medida já fora alcançada. Não se pode perder de vista o fato de que não era um homem propenso a negligenciar qualquer ensejo para a reflexão. Seria, por exemplo, de alguma maneira possível gostar de Paris na proporção adequada sem gostar dela em demasia? Nada obstante, ele felizmente não havia prometido a Mrs. Newsome que deixaria de apreciar a cidade. Estava pronto para reconhecer nessa altura que um compromisso desse porte lhe *teria* atado as mãos. Era justamente em função de não o ter assumido que o Jardim do Luxemburgo — afora seu encanto intrínseco — parecia tão incontestavelmente adorável naquela hora da manhã. O único compromisso que assumira, quando tinha de arrostar a questão, era o de fazer o que estava a seu alcance.

Contudo, logo ficou um pouco aborrecido ao surpreender-se enfim recordando a linha de raciocínio na qual até então se enredara. Velhas reminiscências no *Quartier Latin* exerceram seu papel, e ele

diligentemente lembrou-se de que fora nesse cenário de quase sinistra legenda que, como muitos jovens da ficção e também da realidade, Chad iniciara seu percurso. O rapaz estava agora bem distante dali, com residência (pois era essa a ideia que fazia do lugar) no *Boulevard Malesherbes*; e talvez esse fosse o motivo pelo qual, para fazer justiça ao bairro mais vetusto, nosso amigo para lá dirigiu a atenção, sentindo que podia recorrer ao terreno do usual e do imemorial sem com isso incidir em nenhum aspecto perturbador. Não corria risco de avistar o jovem pavoneando-se em companhia daquela certa Pessoa; todavia, encontrava-se imerso na própria melodia sobre a qual mais desejava pedir conselhos — nem que fosse para saber qual devia ter sido a primeira nota natural. De repente, tornou-se-lhe evidente que no princípio acalentada, por uns poucos dias, uma visão quase invejosa acerca da romântica situação daquele rapaz. Em casa dispunha do melancólico Murger, o Murger de *Francine*, de *Musette* e de *Rodolphe*^[5], em companhia de um dos doze — em seu íntimo talvez dois ou três — volumes amarrotados e desencapados que havia na prateleira; e quando Chad escrevera, cinco anos antes, depois de uma estada que já se prolongara por seis meses, expressando sua decisão de apostar na parcimônia e na verdade, a imaginação de Strether o acompanhara docemente nessa migração, que conduziria o rapaz, conforme atestavam as confusas informações em Woollett, ao outro lado das pontes, para a *Montagne Sainte-Geneviève*. Tratava-se da região — Chad fora bastante categórico nisso — onde se podia aprender o melhor francês, além de muitas outras coisas, pelo melhor preço, e onde todos os tipos de camaradas inteligentes, compatriotas que para lá se dirigiram pelas mais variadas razões, compunham um grupo terrivelmente divertido. Embora constituído principalmente de jovens pintores, escultores, arquitetos e estudantes de medicina, o conjunto de camaradas inteligentes, de alegres conterrâneos, representava, conforme Chad sensatamente observou, uma companhia muito mais

valiosa — posto que ainda não usufruísse dela — do que a dos “insuportáveis valentões” (Strether ainda se recordava do epíteto edificante) que afluíam aos bares e bancos americanos na vizinhança da Opéra. Chad contara, na missiva seguinte — pois naquela época ainda escrevia de vez em quando —, que, acolhido por um bando de diligentes rapazes sob a tutela de um dos grandes artistas, era toda noite obrigado a dividir com eles sua mísera ceia em seus estúdios; era até mesmo instado a não descartar a hipótese de que possuía dotes artísticos como qualquer outro ali. Houve realmente um momento em que parecia dispor do dom; houve, melhor dizendo, um momento em que escrevera dizendo ser bem possível que em um mês ou dois acabasse contratado por um dos ateliês. Fora uma das épocas em que Mrs. Newsome se mostrava imensamente grata diante do menor sinal de clemência; e de fato pareceu-lhes uma bênção o fato de o moço ausente ter provado dispor de uma possível consciência — em suma, provava que se fartara da ociosidade e ansiava pela variação. O quadro sem dúvida não era nada brilhante, mas o próprio Strether, mesmo então já engajado e imerso na causa, lograra arrancar das duas senhoras uma aprovação comedida e, na realidade, como lembrava agora, certo entusiasmo austero.

Mas o que veio em seguida foi a sombria queda da cortina. O filho e irmão não vasculhara durante muito tempo a *Montagne Sainte-Genève* — ao que pareceu, o pouco, mas efetivo uso que fez do nome, como a alusão ao melhor francês, não passara de uma das manifestações de sua rude astúcia. O leve refrigério proporcionado por esses vãos devaneios não os levara, por conseguinte, muito longe. Mas dera tempo a Chad; dera-lhe a irrestrita oportunidade de deitar raízes, abrindo terreno para iniciações mais diretas e mais profundas. Strether acreditava não só que o rapaz fora comparativamente inocente antes dessa primeira migração, como também que não teriam lamentado as primeiras consequências da

migração caso não tivesse havido algum tipo de infortúnio. Durante três meses — de acordo com seus repetidos cálculos — Chad estivera disposto a tentar. E *tentara*, embora sem muita convicção — tivera sua breve hora de boa-fé. A fragilidade desse princípio no rapaz era tamanha que quase qualquer incidente de caráter suficientemente danoso teria sido mais forte. De todo modo, fora isso que visivelmente precipitara uma interessante série de impressões. Experimentadas em sequência, essas impressões — todas de Musette e de Francine, mas Musette e Francine vulgarizadas pela vasta evolução do tipo — revelaram-se irresistivelmente intensas; ele fora “acolhido”, pelo que pôde ser mais ou menos inferido na época, pois as menções eram escassas, por uma sucessão dessas raparigas ferozmente “interessadas”. Strether lera em algum canto um provérbio latino, a descrição das horas, observadas em um relógio por um viajante na Espanha; e fora induzido a aplicá-lo à número um de Chad, bem como à número dois, à número três. *Omnes vulnerant, ultima necat*⁽⁶⁾ — todas abriram feridas em sua moral, a última dera o golpe de misericórdia. A última assenhoreara-se durante mais tempo — isto é, mantivera-se senhora do que restara da refinada mortalidade do pobre sujeito. E não fora ela, fora uma de suas antecessoras que determinara a segunda migração, o dispendioso regresso e a recaída, a nova troca, como se pôde presumir, do alardeado melhor francês por alguma variação especial do pior.

Recobrando o domínio sobre si mesmo, Strether por fim estava pronto para retomar o caminho de volta; mas não sentiu que sua caminhada fora em vão. Tardou um pouco na vizinhança imediata, após ter deixado a cadeira no parque; e o resultado de toda aquela manhã fora para ele a sensação de que a campanha havia se iniciado. Tinha a intenção de medir seus passos no novo ambiente, e podiam mandá-lo se enforcar, se agora *não* estivesse ambientado. Em

nenhum momento sentiu-se como no instante em que parou diante dos livros clássicos e de assuntos gerais dispostos ao ar livre sob as velhas arcadas do *Odéon*. Achou delicado, delicioso, o efeito dos tons e matizes sobre as mesas e prateleiras compridas e apinhadas; mas a impressão — substituindo um tipo de *consumação* barata por outra — talvez tivesse sido provocada por um dos agradáveis cafés que, sob o toldo, disputavam espaço no calçamento; mas ele seguiu em frente, vasculhando as mesinhas, com as mãos firmemente cruzadas atrás. Não estava lá para provar ou consumir — mas para reconstruir. Não estava lá em proveito próprio — isto é, não diretamente; estava lá pela oportunidade de sentir o roçar de asas do espírito desgarrado da juventude. Na verdade, chegou a senti-lo; estava a seu lado; a velha arcada, por exemplo, segundo lhe soprara um sentido interno, emitia um som débil, como se muito distante, do selvagem chacoalhar de asas. Dobraram-nas sobre o busto de gerações sepultadas; mas um adejar ou dois renascia nas páginas viradas por circunstâncias de cabelos compridos e chapéu de aba desabada, cuja jovial intensidade de aspecto, no tocante ao palor excessivo, aprofundava nele o conceito e mesmo a apreciação das diferenças raciais, e cuja manipulação do volume intacto com muita frequência nada mais era do que um escutar por trás de portas cerradas. Imaginou o Chad de três ou quatro anos antes, possivelmente à procura, um rapaz que simplesmente fora — pois não se podia julgar de outro modo — demasiado vulgar para as suas prerrogativas. Pois *era* um privilégio ter sido jovem e feliz naquele lugar. Bem, a melhor ideia que podia fazer de Chad era a de que outrora o moço se entregara a tais sonhos.

Mas o compromisso atual de nosso amigo, meia hora depois, era em um terceiro andar no *Boulevard Malesherbes* — disso pelo menos não havia dúvida; e o deleite em contemplar as janelas de um terceiro andar com sacada inteiriça, pelo que podia ainda lembrar-se,

talvez tivesse alguma ligação com sua demora de cinco minutos do outro lado da rua. Havia pontos sobre os quais estava bem seguro, e um deles derivou precisamente da conveniência de — premido pela urgência dos fatos —, ter-se enfim arrojado para lá; tratava-se de um procedimento que ele, ao olhar naquele momento para seu relógio e divagar, viu com satisfação não ter sido perturbado. Anunciara sua visita... seis meses antes; havia pelo menos escrito para que Chad não ficasse muito surpreso se um dia qualquer o visse bater à sua porta. Em uma resposta breve e meticulosamente protocolar, o rapaz logo depois estendeu-lhe genéricas boas-vindas; e Strether, melancolicamente refletindo que Chad poderia ter entendido o aviso como uma sugestão de hospitalidade, um sinal de encorajamento, recorrera ao silêncio como forma predileta de reprimenda. Ademais pedira a Mrs. Newsome que não mais anunciasse a sua chegada; tinha uma ideia bastante clara de que devia atacar aquela questão, se fosse o caso, a seu modo. Para ele, um dos excelsos méritos dessa dama — e não dos menores — residia no fato de que podia confiar cegamente em sua palavra. Mrs. Newsome era a única mulher que conhecera, mesmo em Woollett, sobre quem tinha absoluta convicção de que não dominava a arte da mentira. Sarah Pocock, por exemplo, a própria filha, cujos ideais sociais, como se dizia, diferiam em muitos aspectos dos da mãe — Sarah que *era*, a seu modo, uma esteta, nunca recusara ao intercâmbio humano tal mitigação do rigor; houve ocasiões em que ele a vira recorrer de forma inegável ao expediente. Já que — apesar do que poderia custar a Mrs. Newsome, seu ponto de vista mais zeloso, ela prometera resignar-se por completo a suas restrições quanto a informar ao Chad —, ele agora observava a bela sacada inteiriça com a sensação de segurança de que, se o plano fracassasse, o erro ao menos seria todo seu. Quem sabe não haveria uma leve suspeita dessa constatação em sua parada momentânea na beira do bulevar e em plena e agradável luz do dia?

Entre as muitas coisas que ali lhe ocorreram estava a de que sem dúvidaurgia decidir se devia agir com rigidez ou de maneira superficial. Outra era se a sacada em questão de alguma forma não se mostrava como uma comodidade à qual se rendia com facilidade. O pobre Strether teve de reconhecer naquele momento que, fosse qual fosse o local onde parasse em Paris, sua imaginação reagia antes que pudesse interrompê-la. Essa reação constante cobrava um preço, digamos, das paradas; mas acumulava implicações até o ponto em que mal havia espaço onde encontrar o rumo entre elas. Que direito ele tinha, nessa conjuntura, por exemplo, de gostar da casa de Chad? Aquele edifício alto, largo e resplandecente — tinha a experiência necessária para intuir que se tratava de uma construção admirável — de certo modo perturbava nosso amigo em razão da qualidade que o tomou, como ele teria dito, “de assalto”. Strether fantasiava que, como preliminar, seria proveitoso que por um feliz acaso alguém o avistasse do alto daquelas janelas iluminadas pelo sol de março, mas de que valia pegar-se descobrindo, um momento depois, que a qualidade “assaltante”, a qualidade produzida pela medida e pela harmonia, a fina relação de cada parte com outra, e de cada espaço com outro, provavelmente nada mais era — em conluio com a presença da ornamentação, tão clara quanto discreta, e com a qualidade da pedra, de um cinza claro e frio, ligeiramente aquecida e brunida pelos anos — do que um caso peculiar, um caso tal como só poderia sentir de modo inesperado, como um tipo de provocação que lhe lançavam? Entrementes, porém, a oportunidade que se concedera — a oportunidade de ser entrevistado da sacada — tornou-se realidade. Duas ou três janelas se abriram no ar violeta; e, antes que Strether pudesse desfazer o nó atravessando a rua, um jovem surgiu olhando em torno; ele acendeu um cigarro, descartou o fósforo e, debruçado sobre a amurada, dedicou-se a apreciar a vida embaixo enquanto fumava. Sua chegada contribuiu, por sua vez, para firmar Strether na posição; e a consequência disso foi que nosso

amigo de repente viu que sua presença havia sido detectada. O rapaz, começou a olhar para ele como se em reconhecimento à circunstância de que também estava sendo observado.

Foi interessante enquanto durou, mas o interesse estava associado ao fato de que o jovem não era Chad. A princípio Strether se perguntou se talvez não pudesse ser Chad alterado pela passagem dos anos, mas depois viu que era querer alteração em demasia. Aquele jovem era bem loiro e vivaz — e com ar demasiado amistoso para ter sido obtido por correção. Strether imaginou Chad como um sujeito corrigido, mas não a ponto de ficar irreconhecível. Sentiu que já estava diante de retificações suficientes, pois se tratava de um grande aperfeiçoamento o fato de o cavalheiro à janela ser amigo de Chad. Era também jovem então, o cavalheiro à janela — era muito jovem; jovem aparentemente o bastante para divertir-se com um observador mais velho, para até mesmo querer saber o que esse observador velho te faria ao ver-se observado. Havia uma graça juvenil nessa atitude como no modo como se entregava à sacada; para Strether, havia uma graça juvenil em tudo o que, naquele momento, não se relacionasse com o seu compromisso; e a, portanto, notória associação de Chad com a juventude dera no momento seguinte um extraordinário estímulo à questão. A sacada e a distinta fachada de súbito se apresentaram, para o espírito de Strether, como algo que não parava de ascender; fixaram todo o caso de maneira bastante concreta, e, por meio de uma imagem admirável, em um patamar que ele se viu ao cabo de outro momento rejubilando-se por conceber-se capaz de alcançar. O moço seguia fitando-o, ele seguia fitando o moço; e por um rápido processo, esse conhecimento de uma privacidade altaneira assomou-lhe como o luxo supremo. A ele também estava franqueada a privacidade altaneira, e agora só conseguia concebê-la sob uma determinada perspectiva — aquela da única residência, do único lar na imensa e irônica cidade sobre o qual

podia arrogar algum direito. Miss Gostrey também tinha um lar; ela o mencionara, e tratava-se de algo que decerto o aguardava; mas Miss Gostrey ainda não havia chegado — ainda se demoraria uns dias; e o único lenitivo conferido a seu estado de exclusão era sua vista do modesto, do confessadamente secundário hotel em uma travessa da *Rue de la Paix*, onde a preocupação dela com as finanças dele o haviam instalado, um conjunto que lhe pareceu inteiramente composto de um interior gélido, de um pátio envidraçado e de escadas escorregadias, e que, ademais, expressava a presença de Waymarsh mesmo nas horas em que Waymarsh certamente se encontrava no banco. Antes de avançar ainda lhe ocorreu que era Waymarsh e somente Waymarsh, Waymarsh não apenas não diluído, mas também fortalecido, a presença que se manifestava como alternativa ao rapaz na sacada. Quando ele enfim avançou foi de certo modo para escapar a essa alternativa. Atravessar a rua e cruzar a *porte cochère* do edifício foi como conscientemente deixar Waymarsh de fora da equação. Contudo, ele ainda lhe contaria tudo a respeito.

Livro Terceiro

I

STRETHER CONTOU A WAYMARSH tudo a respeito naquela mesma noite, quando jantaram juntos no hotel; o que não precisaria ter ocorrido, ele bem o sabia, se não houvesse sacrificado para aquela ocasião uma oportunidade bem mais extraordinária. Ademais, foi exatamente com a menção a esse sacrifício que ele inaugurou o seu relato — ou, como chamaria caso tivesse mais confiança em seu interlocutor, a sua confissão. Sua confissão era a de ter sido capturado e que um dos sucessos do evento residira em sua recusa a ficar para a ceia. Em vez de tomar tais liberdades, resolvera seguir seus escrúpulos em deixar Waymarsh sozinho; além do mais, obedecera a outro escrúpulo — que se relacionava à questão de ele mesmo levar um convidado.

Waymarsh parecia, com o prato vazio de sopa na sua frente, sombriamente zeloso acerca dessa disposição de escrúpulos; Strether ainda não se habituara com seu despreparo diante das consequências da impressão que causava. Por outro lado, era comparativamente fácil explicar por que não se convencera do agrado de seu convidado. Havia um jovem que ele conhecera naquela mesma tarde em virtude de sua malfadada tentativa de encontrar outra pessoa — uma tentativa que seu novo amigo impedira na realidade de ser inútil. “Ah”, disse Strether, “tenho centenas de coisas para contar!” — E a forma como se expressou foi quase um convite para que Waymarsh o ajudasse a apreciar a

narração. Ele aguardou seu peixe, bebeu seu vinho, limpou o bigode comprido, recostou-se na cadeira, observou as duas senhoras inglesas que haviam acabado de passar — a quem teria dirigido um cumprimento se não houvesse refreado o impulso; por isso tudo o que pôde fazer — só para fazer alguma coisa — foi dizer alto e bom som “*Merci, François*”! Quando lhe serviram o prato principal. Ali estava tudo o que ele queria, tudo o que poderia transformar o momento em uma ocasião especial — tudo, exceto a possível reação de Waymarsh. A pequena, esmaecida e encerada *salle à manger* era propícia à socialização; François, dançando ao redor, todo sorrisos, não podia ser mais amistoso; a *patronne* de altas espaldas parecia sempre exuberantemente assentir com um elevar e esfregar de mãos com relação a algum comentário não expresso; a noite de Paris em suma estava, para Strether, na própria degustação da sopa, na excelência, como inocentemente lhe aprazia imaginar, do vinho, no agradável toque áspero do guardanapo e no mastigar ruidoso do pão de casca grossa. Todos esses elementos se coadunavam com sua confissão (ela sairia perfeita se Waymarsh ao menos a recebesse de modo apropriado) de que *havia* concordado em tomar o café da manhã fora, ao meio-dia em ponto, no dia seguinte. Não sabia ao certo onde; ocorreu-lhe de súbito que a delicadeza do caso residia no fato de seu novo amigo ter dito “Vamos ver; eu o levarei a um bom lugar!” — Pois não fora preciso muito mais do que isso, afinal, para que aceitasse o convite. Foi acometido no minuto seguinte, em face de seu velho companheiro, por um impulso de super-racionalizar. Sempre houvera assuntos com respeito aos quais sabia ser açulado por essa perversa tentação. Se Waymarsh os desaprovava, ele ao menos tinha suas razões para sentir-se mal; então Strether os exibia de modo ainda pior. Ainda assim, ele agora se mostrava, a seu modo, sinceramente perplexo.

Chad não estivera no *Boulevard Malesherbes* — não estava, na realidade, em Paris; ele fora informado pela zeladora; nada obstante, subira, e subira — não havia duas maneiras de dizer — tomado por uma curiosidade não só incontrollável, como ainda, se quisermos, depravada. A zeladora mencionara que um amigo do inquilino do *troisième* ali se achava temporariamente hospedado; e esse fora o pretexto para que Strether investigasse o caso mais a fundo, um experimento levado a cabo, sob o teto de Chad, mas sem o seu conhecimento. “Encontrei o amigo na verdade tomando conta do lugar, como ele mesmo disse; Chad aparentemente está no sul. Faz um mês que viajou para Cannes e, embora sua volta já seja aguardada, ela só se dará em alguns dias. Eu poderia, veja bem, ter esperado uma semana; poderia ter batido em retirada assim que soube desse fato essencial. Mas não fui embora, fiz o oposto; fiquei, demorei-me, graciei; acima de tudo, dei uma boa olhada. Eu vi, em suma; e — não sei como dizer — farejei o ar. É somente um detalhe, mas é como se houvesse algo — uma coisa muito boa — *a ser farejado*”.

O rosto de Waymarsh até então mostrara uma atenção aparentemente tão remota que seu amigo ficou um pouco surpreso ao ver que, nesse ponto, ele estava bem a seu lado. “Quer dizer um aroma? De quê?” “Um aroma delicioso. Mas nada sei”.

Waymarsh emitiu um grunhido de entendimento. “Ele mora ali com uma mulher”?

“Não sei”.

Waymarsh esperou um instante que viessem mais informações e então tornou à carga: “Ele a levou consigo”?

“E a trará de volta”? — Strether ajustou-se ao modo do interrogatório. Mas concluiu como antes. “Não sei. “

O jeito como concluiu, acompanhado como foi por outro reclinar-se, outro gole do Léoville e outra esfregadela do bigode pareceu deixai seu companheiro ligeiramente irritado. “Então que diabos *você* sabe”?

“Bem”, respondeu Strether em um tom quase alegre, “suponho que nada sei”! É possível que sua alegria constituísse um tributo rendido ao fato de que a situação a que fora reduzido fez novamente por ele o que lhe fora feito pela conversa que teve com Miss Gostrey no teatro londrino. Era de certo modo engrandecedor; e o sentido dessa amplidão nesse momento sem dúvida estava mais ou menos contido — e para o benefício de 'Waymarsh — em seu adendo à resposta. “Foi o que apurei com aquele rapaz”.

“Mas julguei que havia dito que nada apurou”.

“Nada exceto o fato de que nada sei”.

“E que proveito isso lhe traz”?

“Foi isso”, disse Strether, “que vim pedir-lhe que me ajude a descobrir. Ou seja, no tocante a tudo o que há por aqui. Tive essa sensação, no apartamento de Chad. Alçou-se sistematicamente diante de mim com toda a sua força. Além disso, foi o que o amigo de Chad praticamente me disse”.

“Praticamente disse que você nada sabe sobre o que há por aqui”? Waymarsh pareceu olhar para alguém que poderia ter-lhe praticamente dito isso. “Qual é a idade dele”?

“Bem, suponho que menos de trinta”.

“E foi preciso arrancar-lhe essa informação”?

“Ah, arranquei muito mais — já que, como disse, aceitei um convite para um *déjeuner*”.

“E pretende ir a esse ímpio repasto”?

“Se você me acompanhar. O rapaz quer vê-lo também. Eu lhe contei sobre você. Ele me deu um cartão”, Strether prosseguiu, “e o nome é um tanto engraçado. John Little Bilham⁽⁷⁾ — ele me disse que os dois sobrenomes, em virtude de sua baixa estatura, inevitavelmente acabam sendo usados em conjunto” “Bem”, Waymarsh perguntou sem atentar para tais detalhes, “o que ele fazia lá”?

“Segundo ele, não passa de ‘um pequeno artista’. O que me pareceu descrevê-lo perfeitamente. Mas ainda está na fase de estudos; você sabe que nos encontramos em meio a uma grande escola de arte — na qual ele veio passar uns bons anos. É um grande amigo de Chad e agora ocupa seus aposentos porque se trata de um apartamento muito agradável. Também *ele* é muito agradável e curioso”, Strether acrescentou, “embora não seja de Boston”.

Waymarsh já parecia bastante enfastiado desse moço. “De onde ele *é*”?

Strether refletiu. “Também não sei. Mas, como ele se definiu, ‘notoriamente’ não é de Boston”.

“Bem”, o comentário moral proveio de profundezas áridas, “é notório que nem todos podem ser de Boston. Por que”, Waymarsh continuou, “disse que ele é curioso”?

“Talvez por isso mesmo — por causa desse único pormenor! Mas na verdade”, Strether arrematou, “por tudo. Você verá quando o conhecer”. “Ah, mas não pretendo conhecê-lo”, Waymarsh rosnou, impaciente. “Por que ele não volta para casa”?

Strether hesitou. “Bem, talvez goste daqui”.

Foi como se essa resposta em particular excedesse o limite da paciência de Waymarsh. “Ele devia ter vergonha de si mesmo; e, como você admite concordar comigo, por que insiste nele”?

A réplica de Strether mais uma vez demorou. “Talvez eu concorde com você — embora ainda não admita isso. Não tenho certeza — é outra das coisas que desejo averiguar. Gostei dele, e não se pode gostar de alguém...? Mas não importa”. Ele se interrompeu. “Sem dúvida só me resta aguardar suas descomposturas”.

Waymarsh serviu-se do prato seguinte, o qual, todavia, por não ser a iguaria que se oferecera às senhoras inglesas, fez sua imaginação divagar por um momento. Mas ele logo se manifestou sobre um assunto mais ameno. “Eles dispõem de um belo imóvel ali”?

“Ah, o apartamento é adorável, cheio de objetos caros e bonitos. Nunca vi um lugar como aquele”, e o pensamento de Strether voltou-se para lá. “Para um pequeno artista...”! Na verdade, era quase incapaz de descrevê-lo.

Mas seu companheiro, que agora aparentava ser capaz de visualizá-lo, insistiu: “Então”?

“Bem, trata-se do melhor que a vida pode proporcionar. Além disso, ele tem seus deveres”.

“Então ele faz as vezes de porteiro para o precioso casal? Será que a vida”, Waymarsh inquiriu, “não poderia proporcionar-lhe nada melhor”? Então, como Strether, em silêncio, ainda parecesse ponderar, ele prosseguiu: “Ele não sabe o que *ela é*”?

“Eu não sei. Não lhe perguntei. Não pude. Era impossível. Você também não perguntaria. Ademais não quis. E você também não quereria”. Strether enfim explicou de um só golpe: “Não se pode descobrir aqui o que as pessoas realmente sabem”.

“Então por que veio para cá”?

“Bem, suponho que seja exatamente para ver por mim mesmo — sem a ajuda delas”.

“Então por que requer a minha”?

“Ah”, Strether riu, “você não é uma *delas*! Eu sei o que você sabe”. Mas, como essa sua afirmação fez que Waymarsh mais uma vez lhe lançasse um olhar duro — revelando a dúvida deste último sobre a sua implicação no caso Strether sentiu que a justificativa era fraca. O que ficou mais evidente quando Waymarsh breve retorquiu: “Olhe aqui, Strether. Pare com isso”.

Nosso amigo sorriu, também na dúvida. “Refere-se a meu tom”? “Não... para o diabo com seu tom. Refiro-me a suas sondagens. Desista de tudo. Deixe que paguem pelos próprios pecados. Estão usando você em algo para que não está preparado. Não se penteiam cavalos com uma fina escova de dentes”.

“Sou então uma fina escova de dentes”? Strether riu. “Ninguém me chamou disso antes”.

“É o que você é, não se engane. E, embora já não seja tão jovem quanto antes, conservou todos os dentes”.

Strether reconheceu o humor do amigo. “Cuidado para que eu não os finque *em você!* Mas sei que gostaria de meus amigos de Woollett, Waymarsh”, declarou; “parece-se muito com eles. Também sei”, era ligeiramente irrelevante, mas ele imprimiu ao comentário uma força inusitada, “que eles iriam gostar de você”.

“Ah, não venha jogá-los em cima de mim”! Waymarsh resmungou. Contudo, Strether manteve as mãos nos bolsos. “Como eu disse, é realmente imprescindível que Chad volte para casa”.

“Imprescindível para quem? Você”?

“Sim”, Strether respondeu de imediato.

“Porque, se conseguir, também ficará com Mrs. Newsome”? Strether encarou a verdade. “Sim”.

“E, se falhar, ficará sem ninguém”.

Podia ser desumano, mas ele permaneceu firme. “Acho que deve afetar de algum modo nossa relação. Chad tem uma importância capital — ou poderá facilmente adquiri-la se ele quiser — para o empreendimento”. “E o empreendimento tem importância capital para o marido da mãe dele”?

“Bem, meus interesses naturalmente combinam com os de minha futura esposa. E tudo se dará de modo muito melhor se dispusermos de nosso homem de confiança”.

“Se dispuser de seu homem de confiança, em outras palavras”, Waymarsh disse, “você também contrairá uma fortuna muito maior. Pelo que entendo, ela já é rica, mas se tornará ainda mais rica se

conseguirem fazer o empreendimento prosperar nas linhas mestras que você concebeu”.

“Não fiz nada”, Strether retorquiu de pronto. “Mr. Newsome — que sabia muito bem o que fazia — concebeu-as dez anos atrás”.

Ora, Waymarsh parecia indicar com uma sacudida de sua cabeleira, isso não importava. “De todo modo você se engajou ferozmente na defesa da prosperidade”.

Seu companheiro ponderou um instante sobre a justiça da acusação. “Creio que não se possa dizer que sou feroz, quando me mostro tão exposto à possibilidade, ao perigo de ser influenciado num sentido oposto ao da própria vontade de Mrs. Newsome”.

Waymarsh contemplou seriamente a suposição. “Entendo. Tem receio de ser convertido. Mas você é um farsante”, ele acrescentou, “mesmo assim”.

“Oh”! Strether rapidamente protestou.

“Sim, vem pedir-me proteção — aguça-me o interesse; e então acaba por recusá-la. Diz que espera ser repreendido...”

“Ah, mas não com tanta facilidade! Não vê”, Strether indagou, “onde reside meu interesse, como você mesmo disse? Reside em não ser convertido. Se eu for, onde fica meu casamento? Se falhar em minha missão, também falho nisso; e se falhar aí falho em tudo o mais... ficarei perdido.”

Waymarsh meditou com relutância sobre o desabafo de seu amigo. “Que me importa se ficará perdido se também estiver arruinado”? Seus olhares se cruzaram por um instante. “Fico

imensamente grato”, Strether por fim disse. “Mas não crê que a opinião de Mrs. Newsome...”?

“Deveria contentar-me? Não”.

A réplica fez com que continuassem olho no olho, mas, no fim, Strether deu outra gargalhada. “Está sendo injusto com ela. *Você precisa* conhecê-la. Boa noite”.

No dia seguinte tomou café da manhã com Mr. Bilham e, como inesperadamente sucedeu, com a presença no grupo do próprio Waymarsh. Este último anunciou às onze horas, para a surpresa de seu amigo, que, com os diabos, preferia juntar-se a ele a fazer o que quer que fosse; com isso, dirigiram-se juntos, em um estado de despreocupação que lhes era quase extravagante, ao *Boulevard Malesherbes* — um casal naquele dia tão flagrantemente ocupado, segundo se podia perceber, com o intenso encanto de Paris quanto qualquer casal entre os milhares que dele assim se ocupavam todos os dias. Os dois caminharam, perambularam, divagaram e, até certo ponto, deixaram-se perder; fazia anos que Strether não tivera uma consciência tão opulenta do tempo — como um saco cheio de moedas de ouro do qual não raro recolhia um punhado. Supunha-se recompensado pelo fato de que, assim que houvesse concluído seu assunto com Mr. Bilham, ainda disporia de horas preciosas para aproveitar como lhe aprouvesse. Não se sentiu tomado por grande urgência nesse processo de salvar Chad nem detectou mudança alguma nesse sentimento durante o tempo em que esteve sentado, meia hora depois, com as pernas sob a mesa de mogno de Chad, ladeado por Mr. Bilham numa ponta, por uma amiga de Mr. Bilham na outra, com Waymarsh acomodado de modo estupendo em sua frente e com a fantástica melodia parisiense ecoando em tons suaves e indistintos — para Strether realmente não havia nada mais doce — através das janelas ensolaradas no sentido das quais, no dia anterior,

sua curiosidade alçara voo. A sensação mais forte que o acometeu naquele momento foi tão pródiga em seus frutos que mal houve oportunidade para prová-los, e Strether teve naquele mesmo instante a plena consciência de uma precipitação no curso de seu destino. Não conhecera nada nem ninguém quando estivera na rua; mas sua perspectiva não havia agora tomado um rumo no sentido de aproximá-lo de toda gente e de todas as coisas?

“O que ele está planejando, mas o que estará planejando”? — Uma dúvida como essa lhe ocupava o fundo da mente com respeito ao pequeno Bilham; mas, ao mesmo tempo, até que fosse capaz de descobrir, era como se toda gente e todas as coisas se lhe mostrassem representadas pelo conjunto formado por seu anfitrião e pela dama que se achava à sua esquerda. A senhora à esquerda, a dama assim célere e engenhosamente convidada para “conhecer” Mr. Strether e Mr. Waymarsh — foi desse modo que ela se referiu ao caso —, era uma figura singular, uma figura que tinha bastante a ver com o fato de nosso amigo perguntar-se se a ocasião em sua essência não constituiria a mais sedutora, a mais dourada das armadilhas. Sedutor era o termo apropriado quando o repasto se revelava tão sutil ao paladar, e era mister haver objetos dourados em derredor quando Miss Barrace — assim se chamava — os observava através de um lornhão dotado de um cabo incrivelmente longo de tartaruga. Por que Miss Barrace, madura, magra e faceira, extraordinariamente alegre, conscientemente contraditória e perfeitamente descerimoniosa, lembrando-lhe um retrato setecentista de uma astuta cabeça desprovida de maquiagem — por que Miss Barrace em particular forneceria a nota de tal “armadilha” era algo que Strether se sentia incapaz de explicar na ocasião; ele piscou sob a luz da convicção de que depois viria a saber, de que saberia — como logo lhe ocorreu como que por força de uma necessidade — muito bem. Ele se perguntava o que de fato devia pensar de seus novos amigos;

já que o rapaz, íntimo de Chad e seu representante, desempenhara seu papel, na cena armada, com sutileza muito maior do que ele esperava, e já que Miss Barrace em especial, evidentemente cercada de toda espécie de consideração, não se acanhara em exhibir-se como alguém familiar. Era-lhe interessante sentir que estava diante de novas medidas, outros padrões, uma diferente escala de relações, e não havia dúvida de que lá se achava um par feliz, que não pensava do mesmo modo que ele e Waymarsh. Nada era menos calculado na questão do que o fato de que para Strether, naquele momento, ele e Waymarsh, em comparação, se encontrassem do mesmo lado.

Este último estivera magnífico — isso ao menos fora o que lhe confidenciara Miss Barrace. “Ah, seu amigo é o gênio de sua espécie, o grandioso americano de outrora — como se pode chamá-lo? O profeta bíblico, Ezequiel, Jeremias, que quando eu era uma garotinha na *Rue Montaigne* costumava visitar meu pai e que na realidade era o ministro americano junto ao Palácio das Tulherias ou outra corte qualquer. Fazia anos que não via outro igual; sua visão aquece meu pobre coração enregelado; esse tipo é maravilhoso; nos lugares adequados, o senhor sabe, fará um *succès fou*”. Por mais que lhe fosse indispensável presença de espírito para enfrentar semelhante mudança de perspectiva, Strether não deixou de indagar quais eram os lugares adequados. “Ah, no bairro dos artistas e locais assemelhados; aqui mesmo, por exemplo, como o senhor pode ver”. Ele estava perto de perguntar “Aqui? ... Estamos em um bairro de artistas”? Mas ela já havia liquidado o assunto com um aceno de seu cabo de tartaruga e um exclamar tranquilo: “Encoraje-o a vir até *mim*”. Strether ali mesmo se deu conta de quão pouco poderia satisfazê-la, pois o próprio ar lhe pareceu denso e abafado com o escrutínio de Waymarsh. Este último caíra na peça ainda mais do que seu amigo, mas, ao contrário dele, não estava aproveitando-a como deveria; razão pela qual apresentava seu admirável aspecto

sombrio. Miss Barrace mal sabia que por trás da atitude de Waymarsh estava seu grave juízo dos modos familiares da dama. Nossos amigos chegaram munidos da vaga ideia de que encontrariam Mr. Bilham disposto a levá-los a um dos recantos dos entusiastas, a fraternidade estética que se distinguia entre as atrações de Paris. Nesse sentido teriam tido o direito de insistir em sua adequada dispensa. No fim, a única condição que Waymarsh impusera fora a de que ninguém lhe pagasse nada; mas ele se viu, no desenrolar dos acontecimentos, tão prodigiosamente recompensado que, aos olhos de Strether, já acalentava uma retribuição. Strether estava consciente do que se passava com seu amigo, na mesa em sua frente; consciente quando voltaram ao pequeno salão que tanto elogiara na noite anterior, consciente sobretudo quando se dirigiram à sacada — área que era preciso ser insensível para não reconhecer como perfeita para o encerramento da refeição. Para Miss Barrace esses elementos se mostraram realçados graças a uma sucessão de excelentes cigarros — reconhecidos e elogiados como parte do suprimento providenciado por Chad antes de partir — absorvidos com um enlevo só comparável ao daquele que Strether se viu cega e quase furiosamente tentado. Podia morrer pela espada e também de fome⁽⁸⁾, e sabia que o fato de se tornar cúmplice de Miss Barrace em uma intemperança que lhe era incomum de nada alteraria a soma — tal como a que Waymarsh poderia muito facilmente fazer — dos excessos cometidos por aquela dama. Waymarsh fumara no passado, e fumara em larga escala, mas naquele momento preferiu abster-se, o que lhe dava uma vantagem sobre pessoas que tratavam com ligeireza assuntos firmemente assentados. Strether nunca experimentara o tabaco, e sentiu como se anunciasse ao amigo que tal circunstância se dera por um único motivo. E o motivo, agora lhe era claro, fora o de que nunca tivera uma dama com quem fumar.

Foi o fato de aquela senhora ali se encontrar, porém, que constituiu a estranha nota liberal; quiçá, desde que ela ali já se *encontrava*, fumar fosse a menor das liberalidades que ela podia cometer. Se Strether estivesse a cada conjuntura seguro do que Miss Barrace discorria — com Bilham em especial —, poderia ter seguido a pista das outras, para assim sobressaltar-se com elas e sentir o sobressalto de Waymarsh; mas se achava de fato com tanta frequência tão sem prumo que seu sentido acerca do leque de referências era apenas genérico, e suas ponderações e análises em várias ocasiões só lhe proporcionavam mais dúvidas. Perguntava-se sobre o significado delas, mas havia coisas que dificilmente podia supor o que significassem e a maioria de suas especulações terminava com um “Ah, não, *isso não*”! Situava-se ali bem no início de uma condição com respeito à qual, mais tarde, como veremos, encontraria motivos para parar e refletir; e assim se recordaria daquele momento como o primeiro passo do processo. O dado básico do local não residia nem mais nem menos, quando analisado — e para tanto bastava um ligeiro esforço —, que na impropriedade fundamental da situação de Chad, em torno da qual todos ali se encontravam cinicamente reunidos. Era algo que davam conseqüentemente por certo, como davam por certo tudo o que, em relação a isso, se dava por certo em Woollett — assuntos sobre os quais, em verdade, ele com Mrs. Newsome se vira reduzido ao mais profundo silêncio. O que se devia à circunstância de eles serem demasiado perniciosos para serem abordados e devia-se, ao mesmo tempo, a uma arraigada concepção dessa sua perniciosidade. Aconteceu, portanto que, quando compreendeu que a perniciosidade, em última análise e de modo talvez até insolente, constituía a matéria sobre a qual se erguia, por assim dizer, a cena em torno, o pobre Strether mal pôde escapar ao dilema de distinguir-lhe um eco indireto em quase tudo o que vinha à tona. Sabia bem que se tratava de uma exigência terrível; mas tal era, conforme pôde

depreender, a inexorável lógica que advinha de uma relação estabelecida com a vida irregular.

Era o modo como a vida irregular pesava sobre Bilham e Miss Barrace que constituía o insidioso, o delicado prodígio. Estava pronto para admitir que a relação dos dois com essa vida era transversal, pois qualquer atitude contrária por parte dele implicaria a descortesia dos maus modos; mas a transversalidade todavia combinava — *isso* era digno de nota — com o alegre desfrute de tudo o que se referia a Chad. Falaram dele repetidas vezes, invocando-lhe o bom nome e a boa natureza, e o que deixava Strether ainda mais confuso era que todas essas referências a Chad se destinavam a enaltecê-lo. Elogiavam-lhe a generosidade e aprovavam-lhe o gosto e, ao fazê-lo, sentavam-se, no entender de Strether, no próprio solo de onde essas coisas florescia. A derradeira dificuldade de nosso amigo era que ele se sentara, por ora, ao lado deles, e houve um momento supremo em que, comparada com seu colapso, a posição elevada de Waymarsh lhe pareceu deveras superior. Uma coisa era certa — percebeu que urgia chegar a uma conclusão. Carecia aproximar-se do rapaz, necessitava aguardá-lo, lidar com ele, dominá-lo, mas não podia privar a si próprio da faculdade de ver as coisas conforme elas eram. Precisava trazê-lo até *ele* — abstendo-se de percorrer ele mesmo, como se fosse, o caminho todo. Urgia de qualquer maneira ter mais claro o que — caso a conveniência o obrigasse a seguir adiante — ainda havia por perdoar. Foi sobre o detalhe dessa quantidade — e que mais podia ser esse fato senão algo desconcertante? — Que Bilham e Miss Barrace lançavam tão pouca luz. E ali se viam todos os quatro.

II

Miss Gostrey avisou-o de sua chegada assim que aportou em Paris e Strether logo lhe fez uma visita; foi somente então que pôde tornar à ideia de um paliativo. Todavia, essa ideia felizmente se lhe apresentou por inteiro desde o momento em que cruzou a soleira do modesto mezanino do *Quartier Marboeuf*, onde ela vinha amealhando, em suas próprias palavras, adquirindo em milhares de expedições e pequenas e cômicas investidas apaixonadas, o material com que construía seu ninho definitivo. Strether percebeu em um instante que era ali, somente ali, que encontraria o amparo para a impressão que tivera ao galgar pela primeira vez os degraus de Chad. Caso sua companheira não estivesse ali, para fornecer-lhe a medida adequada a seu apetite, ele poderia ter ficado um pouco assustado com a perspectiva de quanto mais de “si” havia naquele lugar. Os pequeninos cômodos apertados e entulhados, quase sombrios à primeira vista, com suas acumulações, representavam uma suprema adaptação geral às oportunidades e conjunturas. Onde quer que pousasse os olhos, Strether avistava uma peça antiga de mármore ou um velho brocado, e quase não sabia onde sentar-se com receio de incorrer em algum mau uso. A vida de sua residente súbito pareceu-lhe ainda mais carregada de espólios do que a de Chad ou mesmo de Miss Barrace; por mais que sua visão houvesse nos últimos dias se habituado com o império dos “objetos”, esta agora se ampliava diante do cenário em derredor. Então era verdade que a concupiscência do olhar e o orgulho da vida tinham seu templo e ali, no mais recôndito recanto do santuário — tão indistinto quanto uma caverna de piratas havia cintilações douradas, rastos de púrpura pontuando a escuridão; objetos todos esses que capturavam, através da musselina, em sua sublime preciosidade, a luz das janelas baixas. Nada havia de evidente neles exceto o fato de

que eram raros e ali faziam-no provar o desdém com que varriam sua ignorância — tal como uma flor que, num gesto de liberdade, lhe houvessem passado peio nariz. Mas, após fitar detidamente sua anfitriã, ele atinou com aquilo que mais importava. O círculo onde juntos se encontravam encerrava o calor da vida, e todas as questões que ali abordassem decerto se agitariam com um ânimo inédito. Uma questão surgiu logo após a troca de cumprimentos, pois a resposta dele, acompanhada de uma risada, foi rápida: “Bem, eles me pegaram”! Tratava-se de uma verdade que se refletiu em muito do que conversariam na ocasião. Ele estava muito feliz em revê-la, e foi franco ao admitir o sentimento que ela mais lhe inspirava, ou seja, que podemos passar a vida na ignorância de uma graça ignorada, mas, quando afinal a conhecemos por não mais do que três dias, devemos conservá-la — ou para sempre amargar a sua falta. Miss Gostrey era essa graça que ora se convertera em sua necessidade, e que melhor prova havia disso do que o fato de que, sem ela, ele se havia perdido?

“Que quer dizer com isso”? Ela indagou com uma despreocupação que, corrigindo-lhe como se seu amigo houvesse se equivocado quanto ao “período” de uma de suas peças, fez com que Strether novamente percebesse a movimentação tranquila que a dama executava em meio àquele labirinto que ele apenas começara a trilhar. “O que, pelo amor de todos os Pockocks, o senhor foi capaz de fazer”?

“Ora, exatamente a coisa errada. Tornei-me amigo íntimo do pequeno Bilham”.

“Ah, a essência de seu caso desde o início permitia esse tipo de coisa”. E foi somente depois desse comentário que, como se fosse um mero detalhe, ela perguntou quem, com mil diabos, era esse pequeno Bilham. Quando soube que se tratava de um amigo de

Chad, que estava morando no apartamento de Chad, durante a ausência de Chad, agindo no espírito de Chad e servindo à causa de Chad, ela revelou, entretanto, um interesse maior: “O senhor se importaria se eu me encontrasse com ele? Que fosse uma vez apenas”, acrescentou.

“Ah, quanto mais vezes, melhor: ele é divertido... e original”.

“Ele não o escandaliza”? Miss Gostrey disparou.

“De jeito nenhum! Escapamos ilesos desse perigo! Receio em grande medida, certamente, pelo fato de eu não o compreender bem; mas nem isso afeta nosso *modus vivendi*. Venha jantar comigo para conhecê-lo”, Strether continuou. “Então saberá”.

“Já anda oferecendo jantares”?

“Sim... Veja só. É justo o que eu quero dizer”.

Ela ponderou, com toda a candura: “Não está gastando dinheiro demais”? .

“Minha querida, não. Parece que me custam muito pouco. A questão é que me arrisco por eles; preciso conter-me”.

Miss Gostrey riu, após refletir de novo. “O dinheiro que não deve estar gastando para achar que é barato! Mas acho melhor ficar de fora... para todos os efeitos”.

Por um momento fitou-a como se ela o houvesse traído. “Então, não quer conhecê-los”? Era quase como se Miss Gostrey houvesse desenvolvido um senso inesperado de prudência.

Ela hesitou. “Em primeiro lugar, quem são essas pessoas”?

“Ora, o pequeno Bilham em primeiro lugar”. Ele preferiu omitir Miss Barrace por enquanto. “E Chad, quando ele chegar... Não pode deixar de conhecê-lo”.

“E quando ele chega, afinal”?

“Depois que Bilham encontrar tempo para escrever sobre mim, e ele responder. Bilham, contudo”, Strether prosseguiu, “fará um relatório favorável... favorável para Chad. Assim o moço não terá receio de vir. Veja: preciso muitíssimo da senhora... por causa de meu blefe”. “Ah, seu blefe pode passar sem mim”, ela volveu com perfeita naturalidade. “Do modo como está indo, minha presença é dispensável”.

“Ah, mas não fiz o menor protesto”, declarou Strether.

Ela ruminou a informação. “Não tem encontrado ali motivos para protestar”?

Nesse ponto ele decidiu contar-lhe toda a verdade, por mais lamentável que fosse.

“Ainda não descobri nada”.

“Então ele não está com ninguém”?

“Ninguém do tipo que me incumbi de averiguar”? Strether demorou-se um instante, “Como posso saber? E que me importa”? “Oh, oh”! e ela caiu na gargalhada. Strether na realidade surpreendeu-se com o efeito de seu gracejo. Agora compreendia que quisera fazer uma pilhéria. Ela, por sua vez, compreendera outras coisas também, mas, no instante seguinte, já havia ocultado suas conclusões. “Mas não chegou a descobrir nada”?

Ele procurou contemplar os seus achados. “Bem, Chad mora em um lugar adorável”.

“Ah, mas isso, em Paris”, ela rapidamente retorquiu, “não prova nada. Ou seja, nada *desaprova*. Não é de todo improvável, o senhor bem sabe, que essas pessoas a quem sua missão está relacionada possam ter feito *isso* por ele.”

“Exatamente. E foi no cenário de seus feitos que Waymarsh e eu nos sentamos e nos fartamos”.

“Ah, se o senhor não se permitir faltar-se aqui em cenários façanhudos”, ela voltou, “logo acabará morrendo de inanição”. Ela lhe sorriu. “Restam-lhe coisas piores pela frente”.

“Ah, *tudo* ainda me resta pela frente. Mas, de acordo com sua hipótese, essas pessoas devem ser estupendas”.

“E são”! Exclamou Miss Gostrey. “Não vê que não está assim tão destituído de fatos”? Acrescentou. “Elas foram, com efeito, estupendas”. Pareceu-lhe de alguma valia chegar a algo comparativamente concreto — uma corrente mediante a qual, outrossim, uma lembrança em seguida lhe veio à mente. “Além disso, meu rapaz admitiu que elas constituem o interesse central de nosso amigo”.

“Foi a expressão que ele usou”?

Strether fez um esforço de memória. “Não... não exatamente”. “Foi algo mais vivido? Menos”? Ele se debruçara, após ajustar os óculos, sobre um grupo de objetos de um pequeno mostruário; a questão o animou. “Foi uma simples alusão, mas, estando eu em alerta, os termos me impressionaram. ‘Sabe, são tão terríveis quanto Chad’ ... foram essas as palavras de Bilham”.

“Sabe, tão terríveis...’? Oh”! E Miss Gostrey ponderou-as. Pareceu, entretanto, satisfeita. “Bem, que mais se pode querer”?

Strether deteve o olhar sobre um ou dois bibelôs, mas tudo o obrigava a tornar à cena. “Mas foi como se quisessem me fazer ver com toda a clareza”.

Ela ficou curiosa. “*Quoi donc*”

“Ora, a isso que me referi. O encantamento. Podem nos atordoar com essa arma, entre tantas outras”.

“Ah”, ela respondeu, “o senhor se recuperará! Quero ver por mim mesma cada um deles”, ela continuou. “Quero dizer, Mr. Bilham e Mr. Newsome... Mr. Bilham naturalmente em primeiro lugar. Apenas uma vez... uma vez para cada um, será o suficiente. Mas cara a cara... por meia hora. O que Mr. Chad”, ela imediatamente prosseguiu, “está fazendo em Cannes? Cavalheiros decentes não vão a Cannes com ... bem, o tipo de senhoras a que se referiu”.

“Não vão”? Indagou Strether; o súbito interesse revelado pelos cavalheiros decentes a fez achar graça.

“Não; eles vão a outros lugares, mas não para lá. Cannes é diferente. É melhor. É o que há de melhor. Quero dizer, lá estão todas as pessoas que conhecemos — quando as conhecemos. E se *ele* as conhece, ora, isso também faz diferença. Deve ter ido sozinho. Ela não pode estar ali, com ele”.

“Não tenho a menor ideia”, Strether confessou, miserável. Parecia haver muito no que ela dissera, mas ele foi capaz, pouco depois, de ajudá-la a formar uma impressão mais precisa. O encontro com Little Bilham ocorreu, por meio de uma tranquila

combinação, na galeria principal do Louvre; e, quando, de pé com seu amigo diante de um dos magníficos Ticianos — o tremendo retrato do jovem de olhos azul-acinzentados com sua luva de feitiço singular^[9] virou-se para ver o terceiro membro do grupo aproximar-se do fundo da sala dourada e encerada, teve a sensação de afinal assumir o controle da situação. Ele combinara com Miss Gostrey — ainda em Chester, na realidade — de passar uma manhã no Louvre, e acatara a mesma ideia como se fosse do pequeno Bilham, a quem já havia acompanhado ao Museu do Luxemburgo. A fusão de ambos os planos não apresentou nenhuma dificuldade, e mais uma vez ocorreu-lhe que, na companhia de seu conterrâneo, as contrariedades em geral caíam por terra.

“Ah, ele é perfeito... é um de *nós*!” Teve a oportunidade de murmurar Miss Gostrey depois das apresentações; e Strether, enquanto seguiam adiante e paravam, e enquanto um rápido espírito de concórdia entre os dois parecia exprimir-se através de meia dúzia de comentários — Strether percebeu que logo captara o significado dessas palavras, e tomou o sinal como outra das indicações de que sua missão estava sob controle. Foi-lhe ainda mais gratificante considerar que a inteligência que então lhe servia constituía uma aquisição deveras recente. Nem no dia anterior ele teria sabido o que Miss Gostrey queria dizer — isto é, caso ela realmente se referisse ao fato, como ele presumia, de que compunham um grupo de três americanos empenhados. Ele acabara de chegar ao conceito de um americano empenhado — e com a aplicação de torneio até aquela hora inaudito —, por causa do empenho demonstrado pelo pequeno Bilham. O rapaz era seu primeiro espécime; e se o espécime o havia deixado profundamente perplexo, agora, porém, fazia-se luz. No princípio ficara impressionado com a notável serenidade do moço — e embora fosse inevitável que, em sua sisudez, sentisse que aquilo representava o rastro da serpente, da corrupção (como

convenientemente poderia ter dito) europeia, a presteza com que Miss Gostrey agora tratava tal comportamento como um velho traço bem conhecido de ambos também parecia apontar-lhe na direção de uma justificativa. Ele queria ser capaz de apreciar o espécime sem nenhum peso na consciência, e agora estava livre para dar vazão à sua estima. O que o impedira fora exatamente a maneira de o pequeno artista — pois era tão perfeito — ser mais americano do que qualquer outra pessoa. Mas, por enquanto, Strether passou a sentir-se inteiramente à vontade para entreter essa visão sob uma nova perspectiva.

Strether percebeu, como de início reparara, que cordato rapaz contemplava um mundo diante do qual não tinha preconceitos — e aquele de que nosso amigo quase instantaneamente sentiu falta foi o costumeiro juízo em prol de uma ocupação aceita. O pequeno Bilham dispunha de uma, mas se tratava de uma ocupação rejeitada; e foi por causa da ausência de alarme, ansiedade ou remorso que ele exibia em relação a esse aspecto que Strether engendrou a noção de serenidade. Ele viera a Paris para pintar — ou pesquisar, para sondar *grosso modo* esse mistério; mas o estudo lhe fora fatal no sentido de que qualquer coisa podia ser fatal, e seu poder criador definhou na proporção inversa à da ampliação de seu conhecimento. Segundo Strether apurou, o rapaz — na ocasião em que o vira no apartamento de Chad — nada salvara de seu naufrágio, exceto sua bela inteligência e seu confessado hábito de Paris. O jovem referia-se a esses itens com idêntica e afetuosa familiaridade, e era suficientemente claro que, como um traje, este ainda lhe servia. Strether julgou-os encantadores durante a hora desfrutada no Louvre, onde na verdade lhe assomaram como parte integrante da atmosfera densa e iridescente, do glamour do nome, do esplendor do espaço, das cores dos mestres. No entanto, também se faziam presentes aonde quer que o moço fosse, e no dia seguinte ao da

visita ao Louvre ainda seguiam, no curso de um passeio diferente, os passos de nosso grupo. Ele convidara seus amigos a atravessar o rio, e ofereceu-se para lhes apresentar sua indigente morada; para Strether, essa morada, de fato muito indigente, deu uma estranha e cativante dignidade às idiossincrasias do rapaz — as pequeninas e sublimes indiferenças e independências que no início lhe pareceram tão originais. Little Bilham morava na extremidade de uma alameda que desembocava de uma velha e curta rua de paralelepípedos, a qual, por sua vez, saía de uma avenida comprida e plana — rua, avenida e alameda que, todavia, tinham em comum uma espécie de penúria social; e ele mostrou-lhes seu estúdiozinho um tanto frio e desprovido, que alugara para um camarada durante o período de sua elegante escapada. O camarada era outro criativo compatriota, a quem mandara um telegrama observando que o chá lhes deveria ser servido “a todo custo”, e esse temerário repasto, e o segundo compatriota criativo, e a distante vida provisória, com suas piadas e seus hiatos, suas pinceladas delicadas e três ou quatro cadeiras, sua abundância de convicções e de bom gosto e sua carência de quase tudo o mais — essas coisas revestiram a ocasião de um fascínio ao qual nosso herói se rendeu sem nenhuma reserva.

Strether apreciou os criativos compatriotas — pois dois ou três deles chegaram logo depois; apreciou as pinceladas delicadas e as apreciações livres — cheias de alusões a bem da verdade, cheias de entusiasmos e execrações que o fizeram, como se diz, pular da cadeira; apreciou sobretudo a lenda da miséria bem-humorada, do acordo mútuo positivamente cultivado em prol do romântico, que ele de imediato associou à cena. Os compatriotas criativos exibiram uma franqueza que, para ele, excedeu até mesmo a de Woollett; eram ruiuos e tinham pernas compridas, eram curiosos e canhestros, graciosos e engraçados; faziam o estúdio reverberar sob o som do jargão, que nunca lhe souu mais notável do que quando imaginado

como língua escolhida para abordar, como supôs, a arte contemporânea. Tangiam com ímpeto a lira estética — extraindo dela notas esplêndidas. Esse aspecto da vida daqueles diletantes continha uma inocência admirável; e de quando em quando nosso amigo olhava para Maria Gostrey para ver em que medida o fenômeno a afetava. Mas, no momento, ela não emitiu nenhum sinal suplementar ao que lhe dera no dia anterior — ou seja, apenas lhe mostrou que sabia lidar com os rapazes; acolhera-os com o ar de velha desenvoltura parisiense que, um após o outro, concedia a tudo e a todos. Estupenda com relação às pinceladas delicadas, exímia quanto ao modo de preparar o chá, abalizada sobre o tema de pernas de cadeira e familiarmente reminescente daqueles que — em outra época, os numerados, os nomeados ou os caricaturados — que floresceram ou malograram, desapareceram ou chegaram lá —, ela havia aceitado de bom grado sua segunda degustação do pequeno Bilham, e até mesmo dissera a Strether, quando se despediram na tarde anterior, que, como precisaria refrescar suas impressões, preferia reservar o veredicto até a consulta das novas evidências.

A nova evidência se apresentaria, como foi o caso, em um dia ou dois. Ele logo recebeu de Maria uma mensagem contando que lhe haviam oferecido um excelente camarote no Français para a noite seguinte; em ocasiões como aquelas não parecia ser o menor dos méritos de sua amiga o fato de ela ser agraciada com tais favores. A sensação de Strether de que ela sempre estava pagando favores adiantado só se igualava à sensação de que a recompensa também nunca tardava; e tudo isso em um plano mais amplo se constituía, no seu entender, de um trânsito vivo e movimentado, o intercâmbio de valores que escapavam à sua esfera comercial. Strether sabia que sua amiga execrava, no teatro francês, qualquer acomodação que não fosse um camarote — do mesmo modo como detestava, no inglês, qualquer lugar que não fosse uma poltrona na primeira fileira; e um

camarote era o que ele, naquela altura, já se preparava para impor-lhe. Mas, quanto a esse pormenor, ela se assemelhava a Little Bilham: como ele, Miss Gostrey costumava manifestar um conhecimento antecipado das grandes questões. Essa presciência dava a ela ocasião de sempre estar um passo à sua frente, enquanto a Strether dava sobretudo a chance de perguntar-se em que pé se encontrariam suas contas no dia em que fosse submetê-las a um ajuste. Desta vez até mesmo se empenhou em manter o balanço um pouco equilibrado ao dizer-lhe que aceitaria o convite desde que ela consentisse em jantar com ele; mas o resultado de seus escrúpulos foi que, às oito horas do dia seguinte, ele se viu aguardando-a, junto com Waymarsh, sob a colunata do pórtico. Miss Gostrey, enfim, declinara o convite para jantar, e era característico do relacionamento de ambos que ela o tivesse convencido a aceitar a recusa sem lhe dar maiores explicações. A dama sempre lograva fazer com que suas mudanças de plano viessem acompanhadas de alguns de seus toques mais gentis. Fora, por exemplo, sob esse princípio que, dando a Strether o ensejo de ser mais uma vez amável com o pequeno Bilham, ela sugerira que ele convidasse o rapaz para juntar-se a eles no camarote. Com esse propósito, Strether despachara um telegrama ao *Boulevard Malesherbes*, mas até o momento de entrar no teatro, seu inquérito permanecia sem resposta. Mesmo depois de estarem algum tempo acomodados em seus assentos, entretanto, ele continuava convicto de que seu amigo, que conhecia os expedientes de Paris, apareceria no momento que lhe fosse azado. A ausência temporária do pequeno artista parecia, de mais a mais, transformar-se na ocasião perfeita para sondar Miss Gostrey. Strether estivera de fato esperando até aquela noite para tentar extrair-lhe, de alguma forma indireta, as impressões e conclusões. Ela, como se diz, optara por encontrar-se uma vez com o pequeno Bilham; mesmo após tê-lo visto em duas ocasiões, porém, ainda não dera a palavra definitiva.

Entrementes Waymarsh sentara-se diante dele com a anfitriã entre ambos; e Miss Gostrey falava de si como se fosse uma instrutora da mocidade apresentando uma das glórias da literatura aos pequenos indivíduos entregues a seus cuidados. Por sorte não havia objeções à glória e os pequenos indivíduos comportavam-se com candura; ela mesma já havia trilhado aquele caminho e comprazia-se em servir à sua inocência. Mas, no momento azado, referiu-se ao amigo ausente, por quem não restava dúvida de que era inútil esperar. “Ou ele não recebeu a sua nota, ela disse, “ou o senhor não receberá a dele; deve ter havido algum tipo de contratempo e, de mais a mais, é certo que os homens não escrevem para justificar sua ausência em um camarote”. Miss Gostrey fitava Waymarsh como se ele fosse o autor da mensagem enviada ao moço. No rosto do cidadão de Milrose se via um misto de angústia e austeridade, e ela seguiu em frente como se para confortá-lo. “Ele é de longe, o senhor sabe, o melhor de todos”.

“De todos, quem, minha senhora”?

“Ora, de toda a interminável procissão — os rapazes e moças, ou os velhos e velhas que são, no fundo; a esperança, como posso dizer, de nosso país. Todos eles passaram, ano após ano; mas não houve nenhum em particular que tive desejo de deter. Creio — os senhores não acham? — Que é preciso deter o pequeno Bilham; ele é tão exatamente... perfeito do jeito que é”. Miss Gostrey continuava a dirigir-se a Waymarsh. “É encantador demais. Oxalá ele não destruísse isso! Mas é inevitável; eles acabam destruindo; sempre destruíram”.

“Não acho que Waymarsh sabe”, Strether disse após um instante, “o que cabe a Bilham destruir”.

“Não pode ser a capacidade de tornar-se um bom americano”, Waymarsh interveio com bastante lucidez, “pois não me parece que

o rapaz progrediu muito *nesse aspecto*".

"Ah", suspirou Miss Gostrey, "como se usa em vão o nome do bom americano! Para começar, o que *ser* um bom americano realmente significa e por que a extraordinária precipitação? Não vejo nada assim no mundo tão urgente e, ao mesmo tempo, tão mal explicado. Dita a ordem, na verdade, que, antes que lhes preparemos o prato, devamos ao menos conhecer-lhes a receita. Além disso, os pobres franguinhos têm tempo! O que tenho visto com tanta frequência arruinar-se", ela continuou, "é a alegre disposição, o estado de esperança e — como devo chamá-lo? — O senso de beleza. Está certo a respeito dele", ela agora se voltava para Strether, "o pequeno Bilham nos encanta por causa desses predicados; precisamos protegê-lo". Então mais uma vez concentrou-se em Waymarsh. "Todos os outros quiseram tão terrivelmente empreender alguma coisa e de fato foram lá e inúmeras vezes atingiram seu objetivo. Depois disso, nunca mais foram os mesmos; de algum modo, o encanto sempre se quebrou. Creio que ele não se lançará nessa direção. Não fará a menor tentativa. Havemos de continuar apreciando-o justamente do modo como ele é. Não... ele é esplêndido. Nada lhe escapa. Nada o envergonha. Dispõe de toda a coragem necessária. Pense apenas no que ele poderia fazer. Para evitar acidentes, com efeito gostamos de tê-los debaixo de nossas vistas. Neste exato momento, quem sabe o que não estará planejando? Já tive meus desapontamentos — as pobres criaturas nunca estão realmente seguras; ou estão apenas quando andamos com os olhos nelas. Nunca podemos confiar nelas. Ficamos inseguros, e creio que essa é a razão pela qual sinto tanto a falta desse moço agora".

Ela soltou uma gargalhada, traindo o prazer com que elaborou o argumento — Strether, notando esse prazer no rosto da amiga,

desejou ao mesmo tempo que ela deixasse o pobre Waymarsh em paz. *Ele* mais ou menos sabia o que Miss Gostrey quis dizer; mas isso não era motivo para ela deixar de fingir diante de Waymarsh que seu amigo não sabia. Talvez fosse covarde de sua parte, mas, para não estragar o clima bastante agradável da ocasião, queria que Waymarsh não desconfiasse de sua sagacidade. Miss Gostrey o denunciou ao admiti-la; e, antes de acabar com ele ou com essa qualidade, haveria de denunciar coisas ainda piores. Ainda assim, o que ele poderia fazer? Deu com a vista em Waymarsh do outro lado do camarote; os dois trocaram olhares; algo tenso e incômodo se passou em silêncio entre eles, algo concernente à situação, mas que era preferível não abordar. Bem, o efeito de tudo isso sobre Strether foi uma reação abrupta, um derradeiro gesto de impaciência diante da própria tendência a temporizar. Para onde isso o estava levando, afinal? Foi um desses instantes de silêncio que às vezes resolvem mais assuntos do que os estrondosos eventos caros à musa histórica. A única forma de qualificar essa calma seria um sintético “Ah, com os diabos”! Com o qual a participação de Strether naquele silêncio borbulhou na surdina. Essa muda explosão representou um impulso final de queimar os seus navios. Para a musa histórica, tais navios decerto têm a aparência de meros barquinhos, mas, quando ele em seguida se dirigiu a Miss Gostrey, foi com a sensação de, pelo menos, fazer uso da tocha. “Trata-se, portanto, de uma conspiração”?

“Tramada pelos dois moços? Bom, não me arvorar a vidente ou pitonisa”, ela logo retorquiou; “e ainda que seja apenas uma mulher de bom-senso, creio que esta noite ele lhe está preparando uma surpresa. Não sei bem como... mas tenho o pressentimento”. Fitou-o por fim como se ele pudesse compreender a insinuação, por escassos que fossem os elementos aludidos. “Se quiser uma opinião, aí está a minha. E inevitável, dado quanto ele o conhece”.

“É inevitável que ele me faça uma surpresa”? Indagou-se Strether. “Só espero que não seja ruim”.

“O senhor caiu nas mãos deles”, ela respondeu, cheia de mistérios. “Quer dizer que ele está...”?

“O senhor caiu nas mãos deles”, Miss Gostrey simplesmente repetiu. Embora ela houvesse renegado o dom da profecia, jamais como naquele instante Strether tivera a impressão de estar mais próximo de uma profetisa de oráculo. A luz brilhava em seus olhos. “Agora precisa enfrentar a situação”.

Ele a enfrentou ali mesmo. “Os dois tramaram...”?

“Cada movimento do jogo. E continuaram tramando desde então. Não há dia em que ele não receba seu pequeno telegrama de Cannes”. Strether arregalou os olhos. “Como *sabe* disso”?

“Não sei, mas deduzi. Isto é, antes de me encontrar com ele, eu me perguntava o que *haveria* ali para ser deduzido. Mas assim que o vi deixei de fazer perguntas; e, no segundo encontro, minhas suspeitas se confirmaram. Compreendi tudo. Ele estava agindo — ainda está — segundo as instruções diárias do amigo”.

“Então Chad é responsável por tudo”?

“Ah não... tudo não. *Nós* somos em parte responsáveis. O senhor, eu e a “Europa’.”

“A Europa... sim”, Strether refletiu.

“A boa e velha Paris”, pareceu explicar. Mas havia mais coisas e, com uma de suas guinadas, ela arriscou. “E nosso bom e velho Waymarsh. O senhor”, declarou Miss Gostrey, “contribuiu com uma parcela considerável”.

Ele permaneceu imperturbável. “Uma parcela considerável do quê, minha senhora”?

“Ora, da maravilhosa consciência que nosso amigo tem da situação. A seu modo o senhor também ajudou a conduzi-lo para onde ele está agora”.

“E onde, diabos, ele está”?

Ela passou a pergunta adiante, com uma gargalhada. “E onde, diabos, está o senhor, Mr. Strether”?

Ele respondeu como se tivesse acabado de ponderar a questão. “Parece que nas mãos de Chad”. Com isso, ocorreu-lhe outro pensamento. “Mas é esta a maneira de ele agir — por intermédio de Bilham? Sabe que essa ideia lhe seria conveniente. E Chad, de posse de uma ideia...”!

“Sim”? Ela perguntou, enquanto Strether contemplava a hipótese. “Bem, acha que ele é (como posso dizer) monstruoso”?

“Ah, quanto o senhor quiser! Mas, para Mr. Chad, essa ideia a que se referiu não é a melhor de todas. Ele terá outras melhores. Não será apenas por meio do pequeno Bilham que atingirá seus objetivos”. A perspectiva já representava um baque nas esperanças de Strether. “Por meio de quem mais, então”?

“É o que veremos”! Mas, assim que falou, ela virou-se e Strether também; pois a porta do camarote se abrira, com um clique da *ouvreuse* no corredor, e um cavalheiro, que ninguém reconheceu, entrara a passos largos. A porta fechou-se atrás dele e, embora o rosto dos presentes denunciasse seu equívoco, sua atitude, notável em si, demonstrava absoluta confiança. A cortina havia acabado de subir e, no silêncio que se fez, o desafio imposto a Strether foi tácito,

como foi, aliás, o cumprimento, um ligeiro apertar de mãos e um rápido sorriso de desculpas por parte do visitante imprevisto. Ele discretamente assinalou que esperaria de pé, e esses detalhes, além de seu semblante, que Miss Gostrey entreviu, súbito fizeram com que ela solucionasse o problema. A dama encaixou-os todos em benefício da última pergunta de Strether, O imperturbável estranho era simplesmente a resposta — como ela nesse momento, voltando-se para o amigo, indicou. Maria a transmitiu com toda a clareza — a resposta apresentava o intruso. “Ora, por meio deste cavalheiro”! Ao mesmo tempo de fato o cavalheiro, cujo nome soou muito curto para Strether, praticamente forneceu toda a explicação. Engasgado com a surpresa, Strether repetiu o nome — até então só ele entendera. Miss Gostrey dissera mais do que ela sabia. Estavam ali na presença de Chad em pessoa.

Nosso amigo posteriormente tomaria à cena inúmeras vezes — ele a fez voltar à lembrança durante grande parte do tempo em que ficaram juntos, e eles estiveram constantemente juntos por três ou quatro dias; a nota soara com tamanho alarde durante a primeira meia hora que tudo o que sucedeu depois se lhe figurou, em comparação, como manifestações secundárias. O fato foi que sua percepção acerca da identidade do moço — tão absolutamente reprimida por um minuto — constituiu uma dessas impressões que marcam na vida; ele certamente nunca soubera de alguma que houvesse funcionado, como poderia ter dito, por meio de um impulso mais concorrido. E o impulso, embora tanto indistinto quanto multitudinário, não cessara de imediato, como se tivesse sido protegido, ainda que a um só tempo exacerbado, pela circunstância de ter coincidido com o período de silêncio decoroso. Não podiam conversar sem que incomodassem os espectadores dos camarotes abaixo; e, nesse sentido, ocorreu a Strether — como soia ocorrer-lhe — que esses eram os incidentes característicos de um alto grau de

civilização; o tributo que se paga às convenções; o risco frequente de submeter-se a condições, geralmente brilhantes, sob as quais o alívio deve aguardar a sua vez. O alívio nunca está exatamente ao alcance de reis, rainhas, comediantes e pessoas dessa natureza, e, mesmo sem ser exatamente nenhuma delas, pode-se imaginar um pouco, ao dedicar-se a uma vida de alta tensão, o que elas sentem às vezes. Com efeito, fora justamente uma vida de alta tensão a que o próprio Strether sentira dedicar-se, enquanto permaneceu sentado ali ao lado de Chad, durante a emoção prolongada daquele ato. Estava diante de um fato que lhe ocupou toda a mente, que durante meia hora lhe ocupou todos os sentidos; mas não podia, sem incorrer em algum tipo de inconveniência, demonstrar o menor abalo — e isso, outrossim, poderia ser considerado um golpe de sorte. O que ele poderia ter manifestado, se fosse para manifestar alguma coisa, era exatamente o tipo de emoção — a emoção da perplexidade — que a si próprio desde o início prometera, acontecesse o que acontecesse, manifestar o mínimo possível. O fenômeno que acabara de sentar-se ali a seu lado era o de uma metamorfose tão completa que sua imaginação, anteriormente tão ativa, sentiu-se nesse aspecto subitamente tolhida. Sua imaginação confrontara todas as contingências exceto o fato de que Chad não pudesse ser Chad, e era isso que ela agora tinha de confrontar com um mero sorriso forçado e um rubor de constrangimento.

Ele se indagava se, antes que de algum modo fosse obrigado a comprometer-se, acaso não sentiria a mente acomodar-se à nova visão; se poderia, por assim dizer, habituar-se à extraordinária verdade. Mas, ah! Se não era por demais extraordinária essa verdade! — Pois o que podia ser mais extraordinário do que essa abrupta ruptura de uma identidade? Era possível lidar com um homem que se apresentava como si próprio — não com um que se revelava outra pessoa. Existia certa paz de espírito, além do mais, em

ser forçado a indagar-se quão pouco se pode saber, em tais circunstâncias, sobre quanto lhe havia de reserva. Não passava, portanto, de um caso, de um caso sólido, como se dizia hoje em dia, de incomparável transformação, e a esperança residia tão somente na lei geral de que casos sólidos costumavam sujeitar-se a um controle externo. Talvez ele, o próprio Strether, fosse a única pessoa ciente do fato, afinal. Mesmo Miss Gostrey, com toda a sua ciência, não saberia, ou será que sim? — E ele nunca vira alguém menos ciente de qualquer coisa do que Waymarsh ao fitar Chad com seu olhar carrancudo. A falta de visão social contida na análise de seu velho amigo mais uma vez lhe mostrou, e de um modo quase humilhante, o inevitável limite implicado em qualquer ajuda direta que pudesse requerer dessa fonte. Não estava certo, todavia, de que não extraía certa compensação no privilégio, ainda não saboreado, de saber mais sobre algum assunto específico do que Miss Gostrey. Destarte, sua situação também era exemplar e ele, naquele momento, mostrava-se a esse respeito tão interessado, quase intimamente ansioso, que por um lado já entrevia a graça de, depois, contar-lhe tudo a respeito. Durante essa meia hora não requestou nenhuma assistência da amiga, e somente o fato de ela não o ter olhado uma vez sequer nos olhos, era preciso confessar, exerceu um pequeno papel em seu dilema.

Ele apresentara Chad em voz baixa logo nos primeiros minutos, e ela não agiu em nenhum momento com a formalidade requerida em um primeiro encontro; manteve-se ao contrário concentrada no palco, onde ocasionalmente encontrava um pretexto para perder-se em um momento de contemplação, ao qual convidava Waymarsh a partilhar. A faculdade deste último em participar, no fim das contas, sofria uma investida inédita; a pressão sobre ele sendo mais aguda devido, na opinião de Strether, à atitude tomada por Maria de isolá-los, a ele e a Chad, para que se

dedicassem ao intercâmbio natural. O intercâmbio, entretanto, restringiu-se a uma disposição de franca amabilidade por parte do rapaz — um gesto visivelmente próximo de um sorriso, embora estivesse muito longe de representar um sorriso aberto —, bem como à intensidade da especulação íntima de Strether, que se perguntava se não teria se comportado como um tolo. Para ele era impossível sentir-se tanto como um tolo sem de algum modo comportar-se como um. E o pior de tudo residia no fato de ele saber que se tratava de um sintoma cujo sentido lhe parecia odioso. “Se for para ficar horrivelmente consciente da impressão que possa causar no sujeito”, ele refletiu, “é porque vim para cá por tão pouco que devia parar antes de dar o primeiro passo”. Era evidente que essa sensata observação, outrossim, não parecia abalar o fato de que ele *ficaria* consciente. Tinha consciência de tudo, salvo daquilo que lhe teria sido útil.

Strether depois descobriria, nas horas de vigília noturna, que nada lhe teria sido mais conveniente do que, após um minuto ou dois, propor a Chad que buscassem um refúgio no saguão. Ele não apenas não fizera a proposta, como ainda nem tivera a presença de espírito de perceber-lhe a possibilidade. Ficara paralisado ali como um colegial sequioso de não perder um só minuto do espetáculo; ainda que a essa parte do espetáculo então apresentado não houvesse dedicado um instante sequer de sua atenção. Na verdade, não teria sido capaz, quando a cortina desceu, de fornecer a menor pista do que havia ocorrido em cena. Portanto, naquele momento também não reconhecera quanto a aceitação de seu embaraço tornava mais cômoda a posição de tolerância assumida por Chad. Mas não teria percebido, naquele mesmo instante — percebido de forma estúpida, desprovida de reação —, que o moço estava aceitando alguma coisa? O rapaz agia com humilde benevolência — fora isso pelo menos que tivera o bom-senso de descobrir sobre sua

posição; e não devemos tomar a iniciativa de dar um passo além. Se quiséssemos descrever tudo o que ocupou nosso amigo na calada da noite, teríamos de recorrer a uma pena mais ágil; mas uma instância ou duas talvez sirvam para ilustrar a riqueza de suas recordações. Strether lembrou-se de dois despropósitos que, se lhe faltara presença de espírito, foram os maiores responsáveis por isso. Ele nunca na vida vira um moço entrar em um camarote às dez horas da noite e, se posteriormente confrontado sobre a questão, não estaria preparado para pronunciar-se sobre as diferentes maneiras de empreender tal manobra. Apesar disso, estava claro para ele que Chad encontrara um jeito formidável: um fato que trazia em si a implicação de que ele, conforme se podia imaginar, sabia como fazê-lo, havia aprendido como.

Aqui, mesmo então, abundavam consequências; ele, ali mesmo e sem a menor dificuldade, revelara a Strether que havia maneiras distintas de enfrentar até mesmo as situações mais corriqueiras. Chad tinha, na mesma linha, muito mais a oferecer; com um meneio ou dois de cabeça fizera seu velho amigo observar que sua mudança assomava aos olhos, mais do que qualquer outra coisa, como uma questão das notáveis mechas grisalhas, extraordinárias para sua idade, que se mesclavam a seus cabelos negros e espessos; além de ser apropriado, esse novo traço também lhe conferia algo no sentido da caracterização e até mesmo também — entre tantas outras coisas — no do refinamento, cuja ausência fora outrora bastante sentida. Todavia Strether seria obrigado a confessar que, naquele instante, não lhe teria sido fácil, quanto a esse e outros aspectos, e diante das circunstâncias à disposição, precisar exatamente do que sentiram falta. Uma reflexão que um crítico cândido poderia outrora ter feito, por exemplo, era a de que teria sido muito mais satisfatório se o filho saísse à mãe; mas essa era uma reflexão que, naquela altura, nunca ocorreria. Estava-se longe de tais ponderações; ainda assim,

nenhuma parecença com a mãe havia sobrevivido. Teria sido difícil para o semblante e a postura de um jovem terem-se desligado mais completamente do que os de Chad, nesse ponto, de qualquer aspecto discernível, qualquer aspecto imaginável relacionado com seu ascendente materno da Nova Inglaterra. Decerto isso não passava de uma questão de probabilidade; mas produziu em Strether, nada obstante, um desses frequentes fenômenos de referência mental com os quais todas as suas faculdades estavam na realidade envolvidas.

Repetidas vezes, à medida que os dias passaram, assaltara-o a sensação de que devia comunicar-se o mais rápido possível com Woollett — comunicar-se com uma velocidade à qual só o telégrafo poderia servir; fruto realmente de sua refinada noção de que devia manter os assuntos sob controle para impedir qualquer desregramento. Ninguém senão Strether sabia fornecer uma explicação mais abalizada quando se fazia necessário nem aplicar maior zelo a um relato ou relatório; tal peso de consciência talvez fosse exatamente a razão pela qual sempre lhe faltava coragem quando se avizinhavam as nuvens explanatórias. Seu maior engenho se constituía em manter essas névoas afastadas do céu da vida. Quer dispusesse, quer não, de uma ideia elevada de lucidez, defendia a posição de que nada jamais podia ser explicado — para ninguém. O ser humano seguia adiante com a vã agitação; na maioria das vezes, porém, tratava-se de uma perda de tempo. Relações pessoais só eram relações na medida em que as pessoas fossem perfeitamente capazes de compreender ou, melhor ainda, quando não se preocupavam com não ser. A partir do momento em que se preocupavam, a vida se convertia em suor; e um suor era algo que se podia evitar livrando o campo das sementes agrestes da desilusão. Como estas facilmente cresciam com muita rapidez, apenas o cabo transatlântico agora podia alcançá-las. A cada dia, esse mecanismo teria revelado a Strether o que escapava às conclusões de Woollett.

Não estava absolutamente certo de que, após contemplar a crise no dia seguinte, ou melhor, naquela mesma noite, não seria obrigado a expedir de imediato uma breve missiva. “Encontrei-me enfim com ele, mas ó céus”! Um tipo de alívio temporário parecia pairar diante dele. Pairava de algum modo como se deixasse todo mundo preparado — mas preparado para o quê? Se decidisse prosseguir com um estilo tão mais brilhante quanto menos custoso indicaria por meio de quatro palavras: “Muito envelhecido — cabelos grisalhos”. A esse item específico da aparência de Chad, ele tornou repetidamente durante aquela meia hora silenciosa. O máximo que poderia ter dito seria: “Se é sua intenção fazer me sentir jovem...”! o que, de fato, queria dizer o bastante. Mas, para Strether sentir-se jovem, Chad devia sentir-se envelhecido, e um pecador velho e encanecido definitivamente não fazia parte de seus planos.

A questão quanto à verdadeira fase da vida a que Chadwick estava ligado foi, sem dúvida, a que mais rapidamente surgiu após a pausa que ambos fizeram, ao fim da peça, em um café na *Avenue de l’Opéra*. No momento azado Miss Gostrey mostrou-se perfeita; ela soube exatamente o que os dois queriam — ir direto a algum local para conversar; e a amiga até mesmo parecia saber o que ele desejava falar e o que estava planejando dizer para início de conversa. Ela não alegara nada disso, embora *houvesse* alegado, por outro lado, ter descoberto o desejo de Waymarsh de oferecer-lhe companhia de volta para casa; mesmo assim, Strether sentiu, depois de sentar-se diante de Chad em uma pequena mesa que seu companheiro escolhera sem hesitar, aguda e naturalmente distinta das outras que havia no esplendoroso salão, ele sentiu, portanto, que era como se ela pudesse ouvi-lo; como se, acomodada a dois quilômetros de distância, no minúsculo apartamento que ele conhecera, pudesse apurar os ouvidos com empenho capaz de capturar-lhe as palavras. Strether também descobriu que gostava dessa ideia e até mesmo

desejou que, ademais, Mrs. Newsome também pudesse escutá-lo. Pois o que se lhe impusera como necessidade de primeira ordem era não perder mais nenhum minuto, nem uma fração de minuto; era avançar, conquistar, num arroubo. Era, por assim dizer, por meio de um ataque noturno, que ele se anteciparia a qualquer maturidade forçada que uma abarrotada consciência de Paris provavelmente se encarregaria de reivindicar em nome do rapaz. Sabia muito bem, do que pudera extrair de Miss Gostrey, das precauções tomadas por Chad; mas esse era outro motivo para não perder tempo. Se era, de mais a mais, para ele ser tratado como um jovem, não seria de forma alguma antes de ter lançado seu primeiro ataque. Poderiam em seguida atar-lhe as mãos, mas apenas depois de ter sido registrado que ele tinha cinquenta anos. Nosso herói começara a sentir a importância disso antes mesmo de saírem do teatro; sentira como um forte desassossego, que o impelia a aproveitar a ocasião. Fora-lhe difícil esperar; quase cometera a indecência de trazer a questão à baila no meio da rua; pegou-se de certo modo prosseguindo — como depois injuriosamente diria — como se não houvesse para ele outra oportunidade, caso perdesse a presente. E foi tão somente depois de ter vindo com as palavras em si, sentado no divã púrpura e diante da inevitável *bock*, que pôde ter certeza de que, nesse aspecto, o presente poderia ser salvo.

Livro Quarto

I

ESTOU AQUI, COMO SABE, para fazer com que rompa com tudo, nem mais, nem menos, e levá-lo de volta; proposta que lhe peço a gentileza de considerar o mais breve possível sob uma luz favorável"! Foi quase sem voz que Strether, cara a cara com Chad após a peça, emitira essas palavras e, no fim, só a nosso amigo elas pareceram desconcertar. Pois a atitude acolhedora de Chad era a de uma pessoa que permanecia graciosamente inabalável enquanto o mensageiro, após ter comido o pó da estrada por uns bons quilômetros, enfim se aproximava. Nos poucos segundos que se seguiram, Strether sentiu como se *ele* de fato houvesse executado um tal esforço; não estava nem mesmo certo de que o suor não escorria de sua testa. Devia agradecer esse tipo de consciência aos olhos que, durante o momento de tensão, lhe cravara o jovem em sua frente. Estes refletiam — e o diabo é que refletiam na realidade com uma espécie de frágil brandura — seu próprio olhar, momentaneamente desconcertado; circunstância essa que despertou em Strether um princípio de temor de que Chad poderia apenas se dedicar — dedicar-se por inteiro-a sentir pena dele. Esse receio, qualquer receio, era desagradável. Mas tudo, então, parecia-lhe desagradável; era estranho como as coisas de repente tomaram esse rumo. Mas não era razão para abrandar a guarda o mínimo que fosse. Strether no minuto seguinte prosseguira de um modo tão loquaz, como se de fato dispusesse de uma vantagem a ser explorada. "Claro que, se quiser defender-se até o fim, estou metendo o nariz onde não fui

chamado; mas somente no sentido de que o conheço e dediquei-lhe a atenção que gentilmente permitiu que eu dedicasse quando ainda trajava jaqueta e calças curtas. Sim... eram calças curtas, sou intrometido o bastante para recordar-me disso; e do fato de que dispunha, para a sua idade — falo de tempos longínquos de pernas extraordinariamente fortes. Bem, queremos que suspenda suas atividades por aqui. Sua mãe está de todo o coração empenhada nisso, mas ela tem acima de tudo excelentes argumentos e razões. Não fui eu quem os colocou em sua cabeça — não preciso lembrá-lo de que está longe dela precisar disso. Mas eles são claros (entenda por favor que, quando o advirto, é como um amigo tanto dela quanto seu) para mim também; mas eu os compreendo, acho que posso explicá-los — ou seja, posso fazê-lo apreciá-los com imparcialidade; e esse é o motivo por que me vê aqui. É melhor saber logo do pior. É uma questão de um rompimento imediato e de um regresso igualmente imediato. Fui bastante presunçoso ao imaginar que poderia dourar a pílula. De qualquer modo me interessei de verdade pela questão. O interesse surgiu ainda em Woollett; e não me importo de dizer que este só cresceu agora que o vejo assim tão transformado. Está mais velho e (não sei bem como dizê-lo) mais fora do controle; a mim me parece que superou nossas expectativas.

“Pareço-lhe então ter mudado para melhor”? Strether recordaria que Chad, nessa altura, lhe fizera essa pergunta.

Ele também se recordaria — e durante certo tempo se aninharia no conforto concedido por sua reação — de que lhe fora “dado”, como se diz em Woollett, responder com presença de espírito: “Não tenho a menor ideia”. Durante alguns momentos acreditou ter sido positivamente duro. Estava prestes a admitir que Chad exibia um aspecto muito melhor, mas, como o comentário se atinha ao universo da aparência, ele conteve até esse impulso conciliatório e deixou

patente a sua reserva. Não era apenas a sua moral, mas também, como se fosse, o seu senso estético que sofreram com o fato de Chad estar sem sombra de dúvida — e a questão mais uma vez não tornava aos malditos cabelos grisalhos? ~ muito mais belo do que se podia ter esperado. Esse dado, porém, enquadrava-se com perfeição no que Strether dissera. Woollett não tinha nenhuma intenção de reprimir uma expansão apropriada, e o jovem apenas contribuiria para esse propósito se parasse de se comportar, como no passado, de modo tão imprudente e irrefletido. Havia uma indicação em especial de que sua contribuição para essa finalidade poderia mostrar-se ainda maior. Strether foi incapaz de acompanhar muito bem o que ele próprio dizia; apenas sabia que se agarrava à sua linha de argumentação e que, pouco a pouco, a trazia mais e mais firme; ajudou-o nisso o mero fato de ter falado sem interromper-se durante alguns minutos. Ruminou repetidas vezes durante um mês sobre o que diria nessa ocasião, e por fim lhe pareceu não ter dito nada do que havia planejado — tudo se lhe afigurava tão completamente diferente.

Apesar disso, conseguiu como que desfraldar sua bandeira à janela. Concluía com êxito essa tarefa e houve um minuto durante o qual achou que talvez a houvesse brandido com vigor, oscilando-a com grande alvoroço bem debaixo do nariz de seu companheiro. Com efeito, a façanha quase lhe deu a sensação de ter desempenhado seu papel. O alívio momentâneo — como se devido à sensação de que pelo menos nada *daquilo* poderia ser desfeito — surgiu de uma causa específica, a causa que súbito fora posta em funcionamento por meio de uma apreensão direta, de um reconhecimento surpreendente, no camarote de Miss Gostrey, e que, desde então, estivera subordinada a cada latejar de sua consciência. O que lhe ocorreu foi que, diante de uma quantidade absolutamente *nova* a ser enfrentada, simplesmente não havia como saber que

atitude tomar. A nova quantidade residia no fato de que Chad havia sido reformado. Era tudo; o que quer que isso fosse, era tudo. Strether nunca antes vira uma operação tão rematada — talvez esta constituísse a especialidade de Paris. Quem quer que estivesse presente ao processo quiçá pudesse, aos poucos, ter-se assenhoreado dos resultados; mas ele estava frente a frente, nas atuais circunstâncias, com o trabalho concluído. É bom que se diga a seu respeito que, se ele podia ser recebido como a um cão em meio a um jogo de pinos, era apenas por causa da antiga quantidade. De início pensara em tons e argumentos como instâncias a serem consideradas, mas essas possibilidades haviam no momento completamente desaparecido. De maneira nenhuma se podia calcular o que o moço em sua frente cogitaria, sentiria ou diria acerca de qualquer assunto. Fora essa a percepção que Strether tivera depois, para justificar seu nervosismo, reconstituindo-a como lhe parecera possível, da mesma maneira como reconstituíra a presteza com que Chad lhe corrigira a incerteza. A correção se dera em um tempo extraordinariamente curto e, tão logo ela fora executada, tudo o que havia de negativo no semblante e na atitude de seu companheiro cessara de existir. “Seu noivado com minha mãe tornou-se então o que eles chamam aqui de *fait accompli*”? — fora esse, tão somente esse, o toque determinante.

Bem, Strether sentira, enquanto se demorava para dar a resposta, que fora o bastante. Ele sentira ao mesmo tempo, contudo, que nada lhe teria sido menos apropriado do que uma demora excessivamente longa. “Sim”, ele disse, radiante, “foi com o compromisso acertado que segui viagem. Pode ver, portanto, o lugar que ocupo em sua família. Eu sou sua família. Ademais”, acrescentou, “tinha a impressão de que já suspeitava disso”.

“Ah, faz muito tempo que alimento minhas suspeitas, e o que disse ajuda-me a entender suas intenções. Isto é, deve querer fazer algo para celebrar um evento tão — como se diz? — Tão auspicioso. Vejo que concluiu, e com razão”, ele prosseguiu, “que carregar-me em triunfo para casa como uma espécie de presente de casamento para minha mãe representaria a maior das celebrações. Está disposto a acender uma fogueira”, ele disse, rindo, “usando-me como lenha. Obrigado, obrigado”! E riu de novo.

Tratava o assunto com perfeita naturalidade, o que fez Strether perceber como no fundo, e a despeito de um vestígio de timidez que nada realmente lhe custava, desde o início tratara com naturalidade tudo o mais. O ar encabulado fora um mero toque de bom gosto. Gente bem-educada também podia demonstrar, como um de seus melhores truques, traços de timidez. O moço inclinara-se um pouco à frente para falar, os cotovelos na mesa; e, com o movimento, a nova e inescrutável face que ele obtivera de algum modo em algum lugar se pusera mais próxima da de seu censor. Este observava com fascinação que essa fisionomia madura não fora, pelo menos à primeira vista, aquela com que o rapaz se despedira de Woollett. Strether sentiu por sua vez certa liberdade para defini-la como a de um homem do mundo — uma fórmula que sem dúvida pareceu vir agora em certa medida em seu auxílio; a de um homem rico em experiências e conhecimentos diversos. Em lampejos, em vislumbres, era possível que o passado dali despontasse; mas tais luzes eram fracas e logo se fundiam. Chad era moreno, pesado e forte; de certa maneira sempre fora rude. Será que toda a diferença assim se resumia em seu atual refinamento? Quem sabe; pois o fato de que ele *era* agora um homem refinado se fazia sentir de modo tão flagrante quanto o de um molho que se provava ou de uma mão que se tocava. O efeito era geral — emendara-lhe as feições, desenhando-as com uma linha mais precisa. Aclarara os olhos e adequara a cor e

polira os belos dentes alinhados — o principal adorno de seu rosto; e, ao mesmo tempo que lhe dera uma forma e uma superfície, quase que um desenho, também adequara a voz, estabelecera a dicção, encorajara o sorriso a ser menos comedido e seus outros movimentos a serem mais. Se antes expressava pouco com muitos gestos, ele agora manifestava o que fosse necessário com quase nenhum alarde. Foi em suma como se ele, criatura profusa talvez, mas disforme, houvesse sido posto em um molde firme, de onde saíra com sucesso. O fenômeno — Strether continuava a considerá-lo um fenômeno, um caso eminente — era tão notável que se podia tocá-lo com os dedos. Nosso amigo finalmente arrastou a mão pela mesa e pousou-a no braço de Chad. “Se me prometer aqui mesmo — dando-me sua palavra de honra — romper imediatamente com tudo, converterá o futuro em uma realidade melhor para todos nós. Desafogará também a tensão deste suspense honesto, porém não menos agudo, no qual eu por tantos anos tenho vivido à sua espera; permitirá que me entregue ao descanso. Eu lhe darei minha bênção e seguirei em paz para a cama”.

Chad de novo retrocedeu, as mãos nos bolsos, aprumando-se um pouco; conquanto sorrisse de modo um tanto ansioso, o comedimento apenas fez com que aparentasse maior seriedade. Só então Strether notou que o moço estava de fato nervoso, e relacionou a atitude com algo que teria chamado de um sinal salutar. Até aquele ponto Chad só traíra a emoção por meio do gesto repetido de pôr e tirar seu chapéu claque de abas largas. Naquele momento, o moço mais uma vez ensaiou o gesto de removê-lo, mas acabou apenas puxando-o para trás, de modo que o chapéu pendeu informalmente sobre a espessa cabeleira juvenil, salpicada de branco. Foi um toque capaz de fornecer uma nota familiar — íntima e tardia — ao discreto colóquio; e foi de fato por intermédio de semelhante auxílio trivial que Strether a um só tempo se deu conta de outro detalhe. O que lhe

determinou a observação foi uma luz tão sutil que mal se distinguiu das diversas outras, embora tenha sido, assim mesmo, vivamente decisiva. Durante esses instantes Chad sem dúvida revelou-se — bem, conforme Strether diria para si mesmo, tudo o que valia. Nosso herói teve a súbita percepção do que isso constituiria sob certos pontos de vista. Em um átimo viu Chad como um moço talhado por mulheres; e, durante um minuto inteiro, a dignidade desse atributo, sua comparativa austeridade, como ele jocosamente imaginou, infundiu-lhe uma espécie de respeito. Havia uma experiência da parte de seu interlocutor que se deixava entrever como sob o chapéu deslocado, e que se deixava entrever ademais por uma força própria, a profunda certeza proveniente de sua própria medida e qualidade, que não se promovia por intermédio da blasonaria consciente de Chad. Esse era então o aspecto dos homens marcados por mulheres — e também os homens por quem as mulheres com efeito adquirem por sua vez certa distinção. Por trinta segundos o fato apresentou-se a Strether como uma verdade relevante; uma verdade que, no entanto, no minuto seguinte, encontrara sua associação. “Por mais impressionado que um camarada fique”, Chad perguntou, “com o modo encantador como o senhor iniciou a conversa, não pode imaginar que há questões que ele gostaria de propor-lhe em primeiro lugar”?

“Ah, sim, com certeza. Estou aqui para responder o que for preciso. Acho que até posso contar-lhe coisas de seu maior interesse, acerca das quais nem teria ideia de perguntar. Podemos reservar quantos dias quiser para isso. Mas, agora”, Strether concluiu, “preciso ir para a cama”.

“Mesmo”?

Chad mostrou-se tão surpreso que ele achou graça. “Não acredita em mim? ... Depois de tudo o que me fez passar”?

O moço pareceu refletir. “Mas se não o fiz passar por muita coisa... ainda”.

“Quer dizer que há muito mais por vir”? Strether perguntou, rindo. “Mais um motivo então para que eu deva preparar-me”. E, como se para ressaltar aquilo em que, daquela vez, achava que podia confiar, Strether pôs-se de pé.

Chad, ainda sentado, segurou-lhe a mão quando o outro passava da mesa de ambos para a contígua. “Ah, vamos nos dar bem”!

O tom foi, a bem da verdade, tudo o que Strether poderia ter desejado — como foi quase tão boa a expressão com que seu interlocutor o fitou e suavemente o deteve. O problema de todos esses elementos, porém, estava no fato de eles não terem se mostrado como fruto da experiência. Sim, a experiência foi a peça que Chad lhe pregou, sem que tivesse, contudo, cometido a grosseria da insolência. Claro que a experiência era de certo modo insolente, mas não implicava ainda assim — na verdade, tratava-se do oposto — grosseria. Era como se Chad tivesse adquirido alguns anos, Strether pensou, em meio a estas últimas ponderações. Então, com uma tapinha certa no braço de seu visitante, Chad também se levantou; e dessa vez o visitante sentiu que podiam dizer que ambos *estavam* de acordo. Não estaria acordado que ele ao menos obtivera a palavra de Chad, sua própria crença em um acordo? Strether percebeu que considerava a declaração de Chad de que se dariam bem como base suficiente para dar a noite por encerrada. Contudo, depois disso, não fora diretamente para a cama; pois, quando mais uma vez saíram juntos para a noite levemente iluminada, um súbito obstáculo sobreviera de uma circunstância tão ínfima que quase poderia ter passado por um ato de inércia confirmada. Do lado de fora ainda havia pessoas, sons expressivos, luzes projetadas, e

depois de terem contemplado por um instante, através de todos esses elementos, a clara, grandiosa e arquitetônica avenida, os dois seguiram em tácita companhia ao bairro onde se localizava o hotel de Strether. “Naturalmente”, Chad aqui súbito iniciou, “naturalmente minha mãe discutiu com o senhor inúmeras coisas a meu respeito — e o senhor decerto teve muito material em suas mãos. Mesmo assim, deve ter suprido informações”.

Ele se interrompeu, deixando o amigo ligeiramente intrigado sobre a que ponto ele teria desejado chegar; e foi isso que entrementes permitiu que Strether chegasse ao seu. “Bem, nunca pretendemos entrar em minúcias. Ao menos *disso* não nos ocupamos. Sua ausência era toda a informação de que precisávamos”.

Mas Chad estranhamente insistiu, embora, sob o alto lampadário da esquina onde pararam, ele tenha a princípio dado a impressão de ter ficado comovido com a referência de Strether ao sentimento prolongado que sua ausência causou. “Quis dizer que o senhor deve ter imaginado”.

“Imaginado o quê”?

“Bem... horrores”.

Strether não deixou de notar: “horrores” era algo que quase nada dizia — superficialmente, pelo menos — dentro dessa manifestação de lógica e vigor. Mas ele precisava ater-se à verdade. “Sim, confesso que imaginamos coisas terríveis. Mas que mal há nisso, se não estávamos equivocados”?

Chad ergueu o rosto, que a luz apanhou em cheio, e foi uma dessas ocasiões em que, a seu modo extraordinário, ele mais projetou o ar de expor-se de forma deliberada. Era como se, nesses

instantes, apenas se apresentasse, sua identidade tão ajustada, sua presença palpável e sua jovem e sólida masculinidade, como se fossem itens tão significativos na ordem dos acontecimentos que assomavam a uma espécie de revelação. Era como se — e de que outra forma, senão anômala? Incapaz apesar de tudo de pensar senão muitíssimo bem de tais atributos, ele não lhes conferisse o valor adequado. Que mais poderia haver ali para Strether exceto uma sugestão de certa dignidade, de certa percepção de poder, estranhamente pervertido; algo latente e inacessível, ameaçador e talvez invejável? A insinuação no instante seguinte ganhara um nome — um nome a que nosso amigo se aferrou ao perguntar-se se na realidade não estaria lidando com um irreduzível jovem pagão. Essa ideia — sobre a qual ele quase se atirou — tinha um som que agradou a seus ouvidos mentais, de modo que a adotou de imediato. Pagão — sim, só podia ser isso, pois não? Que Chad por lógica *havia* de ser. Era o que ele tinha de ser. O que era. A ideia constituía uma pista e, ao invés de obscurecer a perspectiva, projetou ali uma certa luz. Strether deduziu sob essa claridade repentina que um pagão talvez fosse, no ponto a que chegaram, o artigo de que Woollett mais carecia. Um bom espécime do gênero não lhes faria nenhum mal; sim, ele encontrara uma brecha; e mesmo naquele momento sua imaginação prenunciava e acompanhava a primeira aparição que ali se dava do personagem nascente. Strether só foi acometido de um ligeiro desconforto quando o jovem se afastou do lampadário, pois temeu que, no silêncio momentâneo, seu pensamento fosse descoberto. “Bem, não tenho dúvida”, disse Chad, “de que chegaram bem perto. Os detalhes, como disse, não importam. Não nego que, de modo gerai, deixei-me levar. Mas estou me recuperando — estou bem melhor agora”. Nisso, eles tornaram a caminhar em direção ao hotel de Strether.

“Quer dizer”, este último perguntou quando se aproximavam da entrada, “que não há nenhuma mulher em sua vida atualmente”? “Mas, por Deus, qual o sentido disso”?

“Ora, é o cerne da questão”.

“De meu regresso”? Chad mostrava-se claramente surpreso. “Ah, está exagerando! Acha que, quando eu me dispuser a voltar, haverá alguém capaz ...”

“De impedir”, Strether de imediato emendou, “a concretização de seus desejos? Bem, achamos que havia uma pessoa — ou, quem sabe, várias — impedindo-o até agora de ‘desejar’ o que quer que fosse. É o que voltará a ocorrer, caso esteja nas mãos de alguém. Você não respondeu a minha pergunta” — ele continuou; “mas, se não estiver nas mãos de ninguém, tanto melhor. Nada o impede de partir”.

Chad ponderou. “Não respondi a sua pergunta”? Disse sem ressentimentos. “Bem, perguntas como esta sempre revelam um lado um tanto exagerado. Nunca se sabe exatamente o que o senhor quis dizer com estar nas mãos’ de uma mulher. É tudo tão vago. Pode-se estar quando não se está. Ou não se estar quando se está. E, então, não podemos nos desfazer assim das pessoas”. Ele parecia explicar gentilmente. “*Nunca* fui fisgado — com tanta firmeza; e, quanto a outros sentimentos realmente melhores em quaisquer circunstâncias, não creio que jamais os receei”. Havia algo ali que fez Strether refletir e isso deu a Chad tempo para prosseguir. Ele rompeu o silêncio com uma ideia mais proveitosa. “Não acha que posso gostar de Paris apenas pelo que a cidade é, no fundo”?

Nosso amigo por sua vez encheu-se de espanto. “Ah, se esse fosse todo o problema que há com você...!” Foi ele que deixou trair

uma ponta de ressentimento.

O sorriso de Chad mostrou-se à altura. “Mas não é o bastante”? Strether hesitou, mas acabou dizendo: “Não para sua mãe”! Dita assim, porém, a conclusão soou um tanto esquisita — em razão disso, Chad caiu na gargalhada. Strether deixou-se contaminar pelo riso, mas com extrema brevidade. “Permita-nos conservar nossa teoria. Mas, se *está* de fato tão livre e resoluto, não há mais desculpas. Mandarei uma carta pela manhã”, ele acrescentou, decidido. “Direi que *está* decidido”.

A proposta pareceu despertar em Chad um novo interesse. “O senhor corresponde-se com assiduidade”?

“Ah, constantemente”.

“E de maneira copiosa”?

Strether estava ficando um pouco impaciente. “Espero que não pareça demasiada”.

“Estou certo que não. E as respostas, recebe-as com igual frequência”?

Strether tomou a parar por um instante. “Na medida em que as mereço”.

“Minha mãe escreve”, disse Chad, “cartas adoráveis”.

Diante da *porte cochère* cerrada, Strether fitou-o por um momento. “É bem mais do que *you* faz, meu jovem. Mas que importam nossas suposições”, ele continuou, “se não *está* realmente envolvido”?

O orgulho de Chad pareceu, não obstante, um pouco ferido. “Insisto que nunca me deixei envolver. Sempre segui o meu caminho”. E acrescentou: “Até hoje”.

“Então por que está aqui? O que o prende”, Strether perguntou, “se é capaz de partir”?

A questão fez com que, depois de lançar um olhar detido, recuasse um pouco. “Acha que só o que nos prende são as mulheres”? A surpresa e a ênfase verbal foram enunciadas de forma tão clara na rua silenciosa que Strether estremeceu, antes de recordar-se de que estavam protegidos pelo idioma estrangeiro. “É isso”, o moço inquiriu, “que pensam em Woollett”? Strether mudou de cor diante da boa-fé contida na questão, sentindo que, como ele teria dito, havia posto os pés pelas mãos. Fora inepto ao descrever o pensamento de Woollett; mas, antes de ter tempo para corrigir-se, Chad estava de novo em seu encaixo. “Nesse caso, devo dizer que demonstram um espírito mesquinho”.

Para a infelicidade de Strether a acusação combinou-se de tal modo com a reflexão que ele próprio fizera, inspirado pela agradável atmosfera do *Boulevard Malesherbes*, que sua força perturbadora se mostrou quase injustamente descomunal. Se administrada por ele mesmo — e até mesmo com respeito à pobre Mrs. Newsome a repreensão seria tão somente salutar; administrada, porém, por Chad — e de um jeito bastante lógico —, esteve na iminência de arrancar sangue. Em Woollett *não* predominava um espírito mesquinho — nem nada próximo disso; todavia, haviam incontestavelmente tomado como base, e com certa presunção, algo capaz de ser usado contra eles. Em todo caso Chad lograra deter-lhes o ímpeto: o de seu visitante e até mesmo o de sua admirável genitora; com procedimentos singelos, um torneio de pulso e uma crispação de suas amplas narinas, havia realmente logrado

suspender de uma só vez o orgulhoso exame de Woollett. Não havia dúvida de que Woollett insistira na rudeza do jovem herdeiro; e o partido que ele agora tomava em meio à rua sonolenta, pelo modo como atingira a nota oposta, era o de fazer com que a insistência em tal preocupação se voltasse contra os insistentes. Era exatamente como se lhe houvessem imputado uma vulgaridade da qual ele se livrara com um gesto banal. O diabo nesse caso era que Strether sentia, ao mesmo tempo, que a mesma vulgaridade agora recaía sobre si. Um minuto antes cogitara se o moço não seria um pagão e, naquele instante, pegou-se perguntando se acaso não seria um cavalheiro. Não lhe acudiu então a ideia salvadora de que uma pessoa não podia ser a um só tempo ambas as coisas. Nada havia então no ar que fosse capaz de desafiar tal combinação insólita; tudo, ao contrário, contribuía para seu florescimento. Ocorreu-lhe, aliás, que a ideia de alguma maneira arrostava a mais difícil das questões; embora, talvez, apenas no sentido de substituí-la por outra. Não fora precisamente por ter aprendido a ser um cavalheiro que ele dominara a subsequente arte de exibir tão bela figura que mal se lhe podia falar de forma direta? Mas qual era, por tudo o que havia de mais sagrado, a pista sobre uma causa assim tão fecunda em efeitos? Strether ainda carecia de toda sorte de indícios e, entre eles, esses indícios sobre indícios. O significado de tudo isso para ele, portanto, era a necessidade de aceitar uma nova atribuição de ignorância. Já então se acostumara às advertências (em especial, as que ele próprio se impunha) acerca de quão pouco sabia; mas ele as tolerava porque, em primeiro lugar, eram pessoais e, em segundo, porque quase lhe conferiam um tributo. Strether pouco sabia sobre o que era daninho e — como os demais desconheciam quão pouco ele sabia —, sua insciência não o incomodava. Mas se nada sabia, nesse particular tão relevante, do que era bom, ao menos Chad agora estava a par de sua ignorância; e tal fato, por algum motivo, a nosso amigo afigurou-se como curiosamente público. Foi na realidade em uma situação de

exposição que o rapaz o manteve — e por tempo suficientemente longo para que Strether sentisse o toque gélido — até que em suma decidiu mais uma vez oferecer-lhe guarida. Mas, se Chad teve a bondade de acolhê-lo, ele o fez como se movido por uma simples assunção, que resumiu todo o caso. “Ah, estou bem”! E foi nessas circunstâncias que Strether, um tanto perplexo, enfim se recolheu.

II

A assunção pareceu deveras correta, a julgar pela conduta de Chad após o episódio. O moço multiplicou as atenções para com o emissário de sua mãe; o que pareceu não afetar as outras relações deste último, que notavelmente acharam um modo de afirmar-se. Os períodos em que Strether, de pena em punho, se sentou para escrever para Mrs. Newsome se mostraram descontinuados, ainda que mais ricos; e foram mais do que nunca entremeados pelas horas em que ele, embora com menor franqueza e eloquência, expôs sua situação a Maria Gostrey. Agora que realmente dispunha, como teria dito, de algo para discorrer, ele se viu, a respeito de uma estranheza qualquer talvez relacionada com essa sua dupla conexão, a um só tempo mais alerta e mais indiferente. Ele fora franco com Mrs. Newsome acerca de sua empenhorada amiga, mas passou a temer que Chad, tomando mais uma vez da pena havia muito desusada, quiçá se mostrasse ainda mais franco. Nada que viesse das mãos de Chad lhe conviria, ele percebeu, que não fosse aquilo que, em especial, *devia* vir; e o maior dos inconvenientes associados a isso residia em tratar com leviandade o relacionamento entre ambos. Foi, portanto, para evitar um acidente como esse que decidiu apresentar

ao moço os vários fatos, na sequência em que ocorreram, acerca de sua curiosa aliança. Classificou tais fatos, de modo prazenteiro e bem-humorado, como a “história toda”, e sentiu que poderia referir-se à aliança como algo engraçado desde que não descuidasse da seriedade. Agradou-lhe pensar que até mesmo exagerou as circunstâncias livres e descomedidas em que conheceu essa dama excepcional; foi escrupulosamente rigoroso sobre as condições extraordinárias em que travaram conhecimento — fora praticamente na rua; ele concebeu a ideia (sua grande inspiração!) de travar a guerra no território inimigo ao demonstrar surpresa diante da ignorância do adversário.

Strether sempre alimentara a noção de que esta última constituía a mais formidável das estratégias bélicas; havia, nesse sentido, uma urgência maior em aplicá-la, pois lhe ocorria que jamais combatera em estilo tão formidável. De acordo com essa lógica, todos conheciam Miss Gostrey: como é que Chad nunca tinha ouvido falar dela? De fato, a dificuldade, a impossibilidade, era fechar os olhos a esse fato; Strether imputou-lhe, como fato consumado, o ônus da prova contrária. O tom foi tão bem-sucedido que Chad pareceu realmente admitir que se tratava de uma pessoa cuja fama o alcançara, mas cujo conhecimento lhe fora impossibilitado por uma série de reveses. Ele ao mesmo tempo insistiu que suas relações sociais, como se podiam chamá-las, talvez não atingissem a extensão que o afluxo crescente de compatriotas faria Strether supor. Sugeriu que cada vez mais passou a recorrer a um diferente princípio de seleção; a moral de tudo isso foi que ele pouco frequentava a “colônia”. No momento certamente tinha outros interesses. Suas descobertas foram profundas; e a Strether só cabia observá-las. Ainda não era capaz de medir-lhes a profundidade. Oxalá não a descobrisse tão cedo! Pois Chad já demonstrava um apreço por inúmeros fatores concernentes ao trato

entre os dois. Ele gostava, para início de conversa, de seu futuro padraço; o que decerto não fazia parte dos planos. Strether estivera mais bem preparado para enfrentar-lhe o ódio; não esperara que o moço, em sua atual configuração, lhe desse mais trabalho do que teria dado o sujeito imaginado. Dava-lhe mais trabalho ao sugerir que, de algum modo, precisava encontrar uma forma de compensação por não estar certo de que o rapaz era assim tão desagradável. O ponto era que, se a tolerância de Chad para com seus escrúpulos se provasse insincera, se apenas representasse o melhor dos ardis concebidos para ganhar tempo, ela ainda assim concebia toda a situação como se tacitamente resolvida.

Ao cabo de dez dias isso se lhe afigurou como o desfecho de uma série de conversas longas e periódicas mediante as quais Strether informou a Chad tudo o que ele precisava saber, conferiu-lhe pleno domínio de todos os fatos e cifras. Sem nunca abreviar esses colóquios nem um minuto sequer, Chad comportou-se, apresentou-se e falou como se estivesse gravemente, talvez mesmo um tanto melancolicamente, mas ainda assim fundamental e confortavelmente, livre. Não manifestou nenhuma vulgar disposição de ceder, mas fez as perguntas mais inteligentes, em certos momentos procurou de inopino aprofundar-se nas camadas de informação fornecidas por seu amigo, justificando por meio desses toques a opinião nativa sobre suas habilidades latentes e, de todas as maneiras, exibindo o ar de quem procura situar-se, em termos reflexivos, no amplo e luminoso cenário. Ele andou de um lado para outro diante desse prospecto produtivo, tomando Strether pelo braço nos momentos em que este se interrompia, examinou com detença todos os ângulos da questão, como que inclinando a cabeça crítica para cada um deles e, enquanto tirava baforadas de seu cigarro ainda mais crítico, censurou seu companheiro sobre este ou aquele passo. Strether buscou alívio — havia horas em que era

necessário — repetindo o que já dissera; não se podia negar que Chad sabia muito bem para onde estava indo. A grande questão ainda não respondida era exatamente onde. A dúvida em nada facilitava os assuntos triviais; mas isso se tornava irrelevante quando todas as questões, afora as que ele suscitava, haviam na realidade cessado. O fato de que era livre constituía resposta suficiente, e não era de todo ridículo que sua liberdade acabasse revelando-se algo difícil de modificar. Sua metamorfose, seu adorável apartamento, seus formosos objetos, seu agradável palavreado, seu próprio apetite por Strether, insaciável e, no fim das contas, lisonjeiro — que eram esses elementos senão aspectos dessa sua liberdade”? Ele aparentava oferecê-la a seu visitante mediante essas belas formas; o que essencialmente explicava por que este último por enquanto se via, de si para consigo, um pouco desconcertado. Nesse meio tempo Strether repetidas vezes sentiu a urgência de encontrar uma maneira de reformular seu plano. Surpreendeu-se de quando em quando lançando olhares melancólicos, tímidos olhares de busca na direção da influência encarnada, a definitiva adversária, que, por meio de uma jogada pessoal, abandonou-o exatamente quando ele, inspirado por Mrs. Newsome, no fundo partira da acalentada teoria de sua palpável presença. Uma ou duas vezes expressou em segredo o desejo irritado de que a própria Mrs. Newsome viesse para confrontá-la.

Se ainda não podia obrigar Woollett a admitir que tal trajetória, que tal existência jovem e corrompida, exibisse afinal certo aspecto plausível (pois era como se lhes acenasse com a hipótese de a mundanidade escapar impune), podia ao menos comprazer-se com a declaração que melhor o preparasse para o eco mais nítido. Esse eco — tão perceptível ali no ar seco e refinado de Paris como um escandaloso cabeçalho no alto de uma notícia de jornal — parecia atingi-lo no próprio momento em que escrevia. “Ele diz que não há

nenhuma mulher”, podia ouvir Mrs. Newsome anunciar em letras garrafais, quase tão grandes quanto as da imprensa, para Mrs. Pocock; e podia divisar na fisionomia de Mrs. Pocock a resposta do feitor do periódico. Podia entrever no rosto da senhora mais jovem a lisura de sua atenção e captar o intenso ceticismo contido na pergunta feita quase em seguida: “O que pode haver então”? De modo análogo, foi impossível deixar de ouvir a clara conclusão da mãe: “Há muita disposição ali, sem dúvida, para que finjamos que não há nada”. Strether, depois de enviar sua carta, imaginou toda a cena; tratava-se de uma cena durante a qual, votando-se, como ocorreu, para cada uma das interlocutoras, não deixou menos fixa sua atenção na filha. Nosso amigo teve a forte impressão de que Mrs. Pocock aproveitaria a ocasião para reafirmar seu ponto de vista — uma convicção que se baseava, segundo ele adivinhara desde o princípio, na essencial inaptidão de Mr. Strether. No olhar que ela lhe lançara mesmo antes do embarque ficara patente que não acreditava que *ele* encontraria a mulher. Porventura ela não possuía, na melhor das hipóteses, uma crença tão somente precária na habilidade daquele homem em descobrir qualquer mulher? Não era nem o caso de ele ter descoberto a mãe — para ela, era muito mais o de sua mãe ter feito a descoberta. A pressuposição privada de que a mãe havia encontrado o homem revelava muito sobre o senso crítico de Mrs. Pocock. O homem devia a sua relativa segurança, na realidade, ao fato de que, em Woollett, ninguém contestava as descobertas de Mrs. Newsome, mas também pressentia a maneira quase irresistível como Mrs. Pocock seria impelida a dizer o que pensava da descoberta de nosso amigo. Que deem a *ela* carta branca, essa seria a moral da história, e a mulher logo seria localizada.

A impressão que ele entrementes teve de Miss Gostrey, após tê-la apresentado a Chad, foi a de uma pessoa quase assustadoramente em guarda. Viu-se de início incapaz de obter dela o que queria;

embora, se pressionado a versar sobre o que queria nessa especial conjuntura, teria dificuldade para fornecer uma explicação que não fosse precária. De nada adiantava nem nada esclarecia ter-lhe indagado, *tout bêtement*, como ela costumava dizer: “Então, gostou dele”? — Na verdade, sentia que a última coisa de que precisava era acumular evidências em favor daquele moço. Mais de uma vez nosso amigo fora visitá-la para reafirmar a impressão de que o caso de Chad — independentemente do interesse secundário que pudesse gerar — era em primeiríssimo lugar o de um milagre quase monstruoso. Constituía uma transformação do homem como um todo e constituía uma instância tão extraordinária que nada mais poderia significar — ou *poderia?* — Para o observador inteligente. “É uma conspiração”, ele declarou, “há mais ali do que nossos olhos podem enxergar”. E deu asas à imaginação. “É um embuste”!

Sua ideia a encantou. “Quem o planejou, então”?

“Bem, suponho que o responsável seja o destino que nos aguarda, a sinistra trama que nos enreda. Quero dizer que são elementos com os quais não podemos contar. Só disponho de meus poucos meios humanos. Não executamos o jogo recorrendo ao inexplicável. Empregamos toda a nossa energia no sentido de enfrentá-lo, de seguir-lhe o rastro. A verdade é que desejamos, não vê”? Ele confessou, tomado por um ar estranho, “desejamos apreciar um fenômeno assim tão raro. Digamos então que seja a vida”, procurou explicar, “digamos que seja a pobre vida, essa nossa velha conhecida, que nos pega de surpresa. Nada altera o fato de que a surpresa paralisa, ou de todo modo absorve... quase tudo que vemos, cora mil diabos, que *podemos ver*”.

Os silêncios que ela impunha nunca eram destituídos de sentido, nem de interesse. “Foi isso o que o senhor relatou, em sua carta”?

A resposta foi imediata. “Ah, minha cara, sim”!

Sua amiga então se concedeu outra pausa, enquanto ele deu outra volta pelos seus tapetes. “Se não tomar cuidado, fará com que venham correndo para cá”.

“Mas se disse que ele voltaria para casa”.

“E ele *está* decidido a voltar”? Miss Gostrey indagou.

O tom peculiar empregado na pergunta fez com que ele lançasse um olhar demorado. “Pois se não é justamente essa a questão a que dediquei tremenda paciência e engenhosidade, a fim de que todos os recursos estivessem à *sua* disposição para que — depois de conhecê-lo e depois dos eventos recentes — pudesse responder? Que mais seria isso senão o que vim hoje saber da senhora”? Ele está”?

“Não... não está”, ela declarou, por fim. “Ele não está livre”.

A revelação o deteve. “Então, durante todo esse tempo, a senhora sabia...”?

“Só sei o que vi com meus olhos; e me pergunto”, ela declarou com certa impaciência, “como o senhor também não viu. Bastou aquele nosso encontro ...”

“No camarote? Sim”, ele insistiu, um pouco perdido.

“Bem, para que pudéssemos ter certeza”.

“Certeza de que”?

Nesse ponto Miss Gostrey levantou-se da cadeira e, ante sua falta de entendimento, fitou-o com o semblante mais próximo da

consternação com que já o encarara. Até mesmo falou de modo pausado, com um vestígio de compaixão. “Adivinhe”!

Foi esse vestígio que o fez ruborizar; de modo que, por um momento, enquanto aguardavam, puderam conferir suas diferenças. “Quer dizer que apenas aquela hora que passou com ele serviu para revelar toda a história? Muito bem; de minha parte, não sou assim tão néscio que não a tenha compreendido, ou que não o tenha em parte compreendido. Não estamos discutindo de maneira nenhuma o lato de que ele fez o que quis. Também não resta dúvida nesta altura dos acontecimentos sobre o que ele mais quer. Mas não estou falando”, Strether explicou com destreza, “de nenhuma infeliz criatura com que ele ainda possa travar relações. Refiro-me à pessoa que, em sua atual circunstância, não se intimidou — à pessoa que possa de fato ser levada em consideração”.

“Mas se não me refiro a ninguém mais que ela”! Disse Miss Gostrey. Com a mesma ligeireza, foi direto ao ponto. “Julguei que o senhor julgasse — ou que lá em Woollett se julgasse — que é isso o que necessariamente fazem as infelizes criaturas. Mas isso não é necessariamente o que fazem”! Maria raciocinou, de modo vivaz. “Ainda deve existir, malgrado todas as evidências em contrário, outra pessoa — alguém que não é uma pobre infeliz, já que aceitamos o milagre. Quem mais senão alguém assim poderia constituir tal milagre”?

Ele ponderou. “Porque o milagre em si *é a* mulher”.

“*Uma* mulher. Qualquer uma. É desses fatos inegáveis”.

“Mas quer dizer ao menos que se trata de uma boa alma”.

“Uma boa alma”? Ela riu, atirando os braços. “Diria que é excelente”!

“Então por que ele nega a sua existência”?

Miss Gostrey refletiu um momento. “Porque ela é boa demais para admitir. Não percebe”, sua amiga continuou, “o que ela significa para ele”?

Era evidente que Strether começava a perceber; no entanto, percebia outras coisas também. “Mas não é isso que queremos que ele signifique para *ela*”?

“E significa. Mas o que está vendo é o modo como ele lida com as coisas. Deve perdoá-lo se não há alardeio. Débitos como esse são tácitos aqui em Paris”.

Strether bem que podia imaginá-lo; mesmo assim...! “Ainda quando se trata de uma mulher honesta”?

Mais uma vez ela reagiu com uma gargalhada. “Sim, e mesmo quando o homem também é! Sempre se age com cautela em casos desse tipo”, ela explicou com maior seriedade, “por causa do que podem parecer. Não há nada que chame mais a atenção por aqui do que uma súbita honestidade inesperada”.

“Ah, mas agora a senhora se refere a pessoas que não são boas”.

“Aprazem-me suas classificações”, ela retorquiu. “Mas, se realmente quer que lhe dê, sobre o assunto, nestas circunstâncias, o conselho mais sensato de que sou capaz, eu lhe digo: não a considere, não a julgue inteiramente em função dela mesma. Considere-a e julgue-a apenas em função de Chad”.

Ele ao menos tinha a coragem de encarar a lógica de sua interlocutora. “Porquê dessa forma começarei a admirá-la”? Era quase como se ele, por um rápido floreio de imaginação, já houvesse

começado. Mesmo assim, logo percebeu toda a complicação que o compromisso acarretava para sua prestação de contas. “Mas foi por isso que vim dar aqui”? Miss Gostrey foi obrigada a confessar que de fato não era. Mas havia algo mais. “Não se decida ainda. Há toda sorte de considerações. Ele ainda não se revelou por inteiro”.

Isso, Strether, por sua vez, reconheceu; sua sagacidade, porém, ainda lhe apontava o perigo. “Sim, mas e se ele parecer melhor à medida que for se revelando”?

Bem, Maria descobriu algo. “É possível — mas não se trata de pura especulação o fato de que ele a negou. Há um elo”, ela concluiu. “Está no esforço em fazê-la desaparecer”.

A imagem causou espanto. “Fazê-la ‘desaparecer’...”?

“Bem, quero dizer que há uma luta e que ele esconde essa luta, ao menos em parte. Não se apresse... é o único jeito de não cometer um erro de que se arrependa. Depois o senhor resolve. O fato é que Mr. Chad quer livrar-se dela”.

Nosso amigo nessa altura estava tão absorvido pela imagem que quase engasgou. “Depois de tudo que ela fez por ele”?

O olhar que Miss Gostrey lhe lançou desfez-se, no momento seguinte, em um sorriso encantador. “Ele não é tão bom quanto o senhor imagina”!

Strether guardou essas palavras, que lhe prometiam, em sua feição de advertência, uma ajuda considerável; mas o apoio que procurava derivar delas frustrava-se, a cada encontro com Chad, em face de outros fatores. O que poderia ser essa força desconcertante, Strether se perguntava, senão a pressuposição, constantemente reencontrada, de que Chad era, afinal — com efeito, quase insistia

em ser —, tão bom quanto ele imaginara? Parecia-lhe que, de algum modo, ele só podia ser tão bom a partir do momento em que não era tão mau. Houve uma série de dias, em todo caso, quando o contato com o moço — e nos limites de seus efeitos imediatos, como se nenhum outro pudesse produzir-se — lograva banir tudo o mais da consciência de Strether. Little Bilham mais uma vez permeou a cena, mas o pequeno artista tornou-se, em um grau ainda mais alto do que ele fora no início, uma das numerosas formas da relação inclusiva; uma consequência que, para nosso amigo, deveu-se a dois ou três incidentes que ainda precisamos conhecer. O próprio Waymarsh foi então arrastado pelo redemoinho; este, embora temporário, engolfou-o por completo, e houve dias em que Strether parecia topar com o amigo como um mergulhador que esbarrava em um objeto submarino. A insondável voragem os sustinha — o modo como Chad agia era essa voragem; e para nosso herói foi como se ele e Waymarsh se entreolhassem, nas profundezas subaquáticas, com os olhos redondos e impessoais de peixes silenciosos. Quase ficou firmado entre ambos que este último então lhe daria uma última chance; e o ligeiro desconforto que Strether sentiu com a permissão não deixou de assemelhar-se ao embaraço que enfrentara de pequeno na escola, quando membros de sua família compareciam às apresentações dos alunos. Não se acanhava de apresentar-se diante de estranhos, mas parentes se revelavam nefandos, e era como se, em comparação, Waymarsh agora fosse um parente seu. Quase podia ouvi-lo exclamar “Vamos, comece a tocar”! Para depois provar o antegosto de uma deliberada desaprovação doméstica. Ele havia começado a tocar, dentro de suas limitações; Chad tinha plena ciência do que ele queria; e que tipo de violência vulgar seu companheiro de peregrinação esperava dele quando havia de fato dito tudo o que tinha para dizer? Embora o afligisse a hipótese de que o significado da frase de Waymarsh fosse “Não disse que você perderia sua alma imortal”? Não lhe escapou que enfrentava um

desafio pessoal e que, como precisavam chegar ao cerne do problema, não desperdiçava mais virtudes em observar Chad do que Chad em observá-lo. O mergulho que empreendeu por amor ao dever — em que medida seria pior do que o efetuado pelo próprio Waymarsh? Pois este não precisou parar de resistir e recusar, não foi chamado a confraternizar-se de maneira nenhuma com o inimigo.

Os passeios por Paris para ver alguma coisa ou visitar alguém em algum lugar tornaram-se, conseqüentemente, inevitáveis e naturais, e os eventos noturnos na assombrosa *troisième*, o lar adorável, quando os visitantes ali compareciam e o quadro se compunha de modo mais sugestivo através da névoa do tabaco, da música mais ou menos boa e dos debates mais ou menos multilinguísticos, não se deviam distinguir daqueles da manhã ou da tarde. Nada, Strether teve de reconhecer ao afundar na poltrona com um bom charuto, poderia assemelhar-se menos a uma cena de violência do que essas ocasiões, mesmo as mais agitadas. Houve, porém, ocasiões de discussão, e nunca na vida Strether ouvira tantas opiniões acerca de assuntos tão diversos. Não faltavam opiniões em Woollett, mas apenas sobre três ou quatro temas. As diferenças estavam lá para serem confrontadas; embora poucas e profundas, eram outrossim discretas — eram, como se poderia dizer, quase tão tímidas como se causassem vergonha. Ninguém no *Boulevard Malesherbes*, por outro lado, parecia acanhar-se delas; estavam tão longe de se mostrarem embaraçados diante delas — ou, na verdade, diante de qualquer coisa — que muitas vezes pareciam tê-las inventado apenas para impedir aqueles consensos que destroem a graça da conversação. Ninguém se atrevera a exercer tal arte em Woollett, apesar de Strether lembrar-se de que houvera vezes em que ele mesmo fora tentado a ensaiá-la sem ao menos saber por quê. Agora podia perceber a razão — foi pelo desejo de promover a interação humana.

Essas lembranças, porém, conservaram-se ao largo; e a guinada tomada por seu caso no quadro geral resumia-se ao simples fato de que, se seus nervos estavam à flor da pele, era porque ele sentia falta da violência. Quando se perguntava se nenhuma jamais adviria nesse contexto era, portanto, quase como se passasse por alguém disposto a provocá-la. Seria demasiado desconcertante se fosse obrigado a recorrer a uma imagem como essa em busca de conforto; já se configurava como assaz absurdo o fato de que, com efeito, devesse ter principiado com sobressaltos e formalidades em função de um mero convite para jantar. Que tipo de sujeito grosseiro ele imaginara que Chad pudesse ser, afinal? — Strether teve a oportunidade de propor a questão, mas cuidara de propô-la em particular. Ainda podia focar, já que se tratava de um dado novo (de fato coisa de uns poucos dias), sua primitiva ausência de refinamento; mas, caso sentisse a aproximação de um observador, procurava descartar-se da lembrança como se estivesse de posse de um material ilícito. Havia ecos dessa reminiscência nas cartas de Mrs. Newsome, e houve momentos em que esses ecos o fizeram exasperar-se por causa da falta de tato de sua noiva. Strether enrubescia, claro, de imediato, mais pela explicação do que pelo contexto em que esta brotara: ocorria-lhe a tempo de salvar a compostura de que ela não poderia, na melhor das hipóteses, ser tão rápida quanto ele. O tato de Mrs. Newsome precisava levar em conta o oceano Atlântico, o serviço dos correios e a curva extravagante do globo terrestre.

Chad um dia oferecera chá a uns poucos e bons no *Boulevard Malesherbes*, um grupo que mais uma vez incluía a onipresente Miss Barrace; e, ao sair, Strether caminhara com o conhecido ao qual, em suas epístolas a Mrs. Newsome, sempre se referia como “o pequeno artista”. Tivera ampla oportunidade de mencioná-lo como a outra pessoa, por estranho que parecesse, associada à única aliança pessoal

mais íntima que a observação até então lhe permitira detectar na existência de Chad. Naquela tarde o caminho de Little Bilham não coincidia com o de Strether, mas ele fizera a gentileza de acompanhá-lo e foi em parte em razão desse espírito amável que, ao lamentavelmente começar a chover, os dois procuraram refúgio em um café, onde logo se viram sentados um na frente do outro. Strether até então não passara uma hora mais movimentada com o grupo de Chad do que a que acabara de findar-se; conversara com Miss Barrace, que o repreendera por não ter ido visitá-la, e, sobretudo, topara com uma feliz ideia para abrandar a tensão de Waymarsh. Algo talvez pudesse ser obtido em benefício deste último a partir da noção do sucesso que ele fizera com aquela dama, cujo rápido propósito do que poderia deleitá-la deu a Strether liberdade de ação. Qual teria sido a intenção dela senão indagar se podia ajudá-lo com seu fardo esplêndido, e será que a ira dos justos não poderia ser ligeiramente aplacada criando-se na mente de seu companheiro uma possibilidade de relação, mesmo que esta se travasse num mundo marcado por trivialidades? Que mais seria, salvo uma relação a ser considerada altamente decorativa e, em especial, diante da força da imagem, capaz de ser arrastada entre babados e plumas por um cupê que, na imaginação de Strether, se mostraria forrado de brocado azul-marinho"? Ele próprio nunca fora arrastado assim — nunca pelo menos em um cupê e sob os cuidados de um lacaios; andara com Miss Gostrey em fiacres, algumas vezes acompanhara Mrs. Pocock em cabriolés abertos, rodara com Mrs. Newsome em carretas de quatro assentos e, em certas ocasiões, subira a montanha em amplas carruagens; mas a aventura de Waymarsh transcendia a soma de suas experiências pessoais. De fato, não perdeu tempo em tornar patente a seu interlocutor a inadequação representada, como forma de controle geral, por essa última e extravagante contagem.

“Que espécie de jogo ele está jogando”? Ele, no momento seguinte, explicava que não aludira ao rotundo cavalheiro debruçado sobre as peças de dominó sobre quem seus olhos de início pousaram, mas ao anfitrião de pouco antes, a respeito de quem, ali no banco de veludo, renunciando por fim a toda forma de congruência, entregou-se à indiscrição. “Para onde acha que está indo”?

Little Bilham, meditabundo, fitou-o com uma doçura quase paternal. “Não gostou do que viu ali”?

Strether gargalhou — pois o tom de fato soou engraçado; deixou-se levar. “Que importância tem isso? A única coisa a que me dou o direito de gostar é sentir que consegui comovê-lo. Por isso é que lhe pergunto se estou. Essa criatura”, e ele fez o melhor que pôde para mostrar que apenas buscava a confirmação, “é honesta”?

Seu companheiro assumiu um aspecto responsável, mas assumiu-o através do esboço de um sorriso. “A que criatura se refere”?

Foi nesse ponto que trocaram olhares significativos. “É verdade que Chad está livre? Como ele conduz, então”, Strether perguntou, curioso, “a própria vida”?

“Essa criatura que mencionou é o próprio Chad”? O pequeno Bilham indagou.

Strether, aqui esperançoso, apenas meditou: “Precisamos levar um de cada vez em consideração”. Mas sua coerência falhou. “Existe uma mulher? A quem ele realmente receia, quero dizer... ou que faz com ele o que quiser”?

“Foi muito amável de sua parte”, Bilham logo salientou, “não ter perguntado isso antes”.

“Ah, não presto para esta função”!

A exclamação lhe escapara, mas tornou o pequeno Bilham ainda mais determinado. “Chad é um caso raro”! Ele brilhantemente observou. “Está terrivelmente mudado”, acrescentou.

“Então também percebeu”?

“Que ele melhorou? Ah, sim, creio que todos perceberam. Mas não estou certo”, disse, “se não gostava dele igualmente do outro jeito”. “Acha então que a transformação foi radical”?

“Bem”, disse o moço depois de uma pausa, “não estou certo de que ele tenha sido designado por sua própria natureza a tornar-se tão bom. É como uma nova edição de um livro antigo, de nossa estima — revisado e emendado, atualizado, mas não exatamente aquilo que conhecíamos e amávamos. O que quer que isso seja, aliás”, o pequeno Bilham continuou, “não creio que ele esteja, como disse, jogando nenhum jogo. Acredito que realmente queira voltar e iniciar uma carreira. Sabe, ele pode muito bem dedicar-se a uma capaz de melhorá-lo e fazê-lo crescer ainda mais. Mas aí não será mais”, prosseguiu, “o meu agradável, bastante manuseado e antiquado volume. Sei que estou sendo extremamente imoral. Receio que seria no todo um mundo engraçado — um mundo com coisas do jeito que gosto. Atrevo-me a dizer que eu mesmo deveria voltar para casa e dedicar-me aos negócios. Só que, antes disso, preferiria morrer — nada mais. E não tenho a menor dificuldade em aferrar-me à vida, e em saber exatamente o porquê, e em defender minha posição contra as novidades. Mesmo assim”, concluiu, “asseguro-lhe que não pronunciei a menor palavra contrária — para ele, quero

dizer — para Chad. Parece-me que é, de longe, o melhor que nosso amigo tem a fazer. Sabe: ele não está feliz”.

“Se eu *sei*”? Strether fitou-o. “Supunha que fosse precisamente o contrário — um caso extraordinário de equilíbrio conquistado e assegurado”.

“Bem, há muita coisa por trás”.

“Mas aí está”! Strether exclamou. “É justo aí que pretendo chegar. Fala de seu acalentado volume, alterado a ponto de ter-se tornado irreconhecível. Bem, quem é o editor”?

Bilham observou-o em silêncio por um minuto. “Chad deveria casar-se. Seria muito oportuno. Ele também quer”.

“Ele quer casar-se com ela”?

O pequeno artista interrompeu-se de novo. Strether pressentiu que o moço ocultava alguma informação, embora não soubesse qual. “Chad quer ver-se livre. Não está acostumado, sabe”, ele explicou a seu modo lúcido, “a ser tão bom”.

Strether hesitou. “Então posso tomar sua palavra de que a atitude dele é honesta”?

Seu companheiro fez, como ele, uma pausa, mas revestiu-a de um sentido mais pleno. “Por favor, *tome* minha palavra”.

“Então por que ele não está livre? Chad jurou-me que estava, mas, ao mesmo tempo, nada faz para prová-lo — exceto, claro, cumular-me de gentilezas; e não poderia agir de outra forma se não estivesse. A pergunta que lhe fiz há pouco reside exatamente na estranha sensação que me causa essa diplomacia; como se, em vez de

ceder terreno, a tática de Chad consistisse em reter-me aqui e dar-me um mau exemplo”.

Meia hora enquanto isso se passara e Strether pagara a conta. No momento o garçom estava ocupado com a operação de fornecer-lhe troco. Nosso amigo lhe devolveu uma parte dessa quantia, com a qual, depois de um enfático cumprimento, o personagem em questão retirou-se. “Foi generoso demais”, o pequeno Bilham permitiu-se observar com benevolência.

“Ah, sempre sou generoso demais”! Strether suspirou, desalentado. “Mas não respondeu à pergunta”, emendou como que para afastar-se o mais rapidamente possível da contemplação de seu infortúnio. “Por que ele não está livre”?

Little Bilham ergueu-se como se a transação com o garçom tivesse sido um sinal^{10}, e já se posicionava entre a mesa e o divã. O resultado dessa ação foi que, no minuto seguinte, já haviam saído, o satisfeito garçom mais uma vez alerta para abrir-lhes a porta. Strether se viu considerando a brusquidão de seu companheiro como um sinal de que a resposta viria assim que estivessem mais a sós, e isso ocorreu quando, depois de alguns passos ao ar livre, os dois dobraram a esquina. Ali Strether insistiu: “Por que, se ele se mostra tão bom, Chad não está livre”?

O moço olhou-o de frente. “Porque se trata de uma ligação virtuosa”.

Por ora — ou seja, por uns poucos dias —, a resposta resolvera a questão de modo tão eficaz que Strether quase sentira como se iniciasse vida nova. Devemos acrescentar, contudo, que, mercê de seu inveterado hábito de agitar a garrafa na qual a vida lhe provia o vinho da experiência, ele logo percebeu o gosto do sedimento a lhe

perturbar, como de costume, a degustação. Em outras palavras, sua imaginação já ruminara a informação de seu jovem amigo; o processo fora o suficiente para dela ter extraído uma inferência na ocasião de sua visita subsequente a Miss Gostrey. Além disso, essa ocasião fora de repente determinada por uma nova circunstância — uma circunstância a respeito da qual ele seria o último homem a manter sua amiga um dia sequer na ignorância. “Quando eu disse a Chad ontem à noite”, Strether imediatamente começou, “que, agora, sem uma resposta definitiva da parte dele, que me permitisse anunciar a nossa partida — ou pelo menos, anunciar a minha, fornecendo aos de Woollett uma data aproximada minha responsabilidade aqui se tornava incômoda e minha situação, constrangedora; depois de eu explicar-lhe isso, sabe o que foi que ele me disse”? E então, quando ela dessa vez não deu uma resposta: “Bem, que estava à espera de duas amigas especiais, mãe e filha, que devem chegar a Paris a qualquer dia, após uma ausência; e que ele gostaria imensamente de marcar um encontro com elas, para nos conhecermos e travarmos amizade; que eu lhe faça o obséquio de não conduzir nossas negociações a um ponto de crise antes de ele próprio ter a oportunidade de vê-las mais uma vez. Será este”, inquiriu Strether, “o meio pelo qual procurará safar-se? Pois devem ser essas as pessoas”, ele explicou, “com quem Chad foi encontrar-se antes da minha chegada. São as melhores amigas que ele tem no mundo, e se interessam mais do que ninguém pelo que lhe concerne. Como sou, digamos, o segundo melhor, depois delas, ele vê milhares de razões para tranquilamente arranjar um encontro. Chad até então não mencionara o assunto porque o regresso delas era incerto — parecia na verdade impossível de ser concretizado tão cedo. Mas ele mais do que sugere, acredite se quiser, que o desejo dessas damas de me conhecer tem a ver com o fato de elas terem superado todos os obstáculos”.

“Estão mortas de vontade de conhecê-lo”? Miss Gostrey perguntou.

“Estão. Elas, sem dúvida”, disse Strether, “representam a ligação virtuosa”. Ele já a pusera a par dessa questão — fora visitá-la no dia seguinte ao de sua conversa com o pequeno Bilham, e os dois esgotaram juntos os vários aspectos da revelação. Sua amiga o ajudara a juntar as peças da lógica que o pequeno Bilham deixara incompleta. Strether não o pressionara para revelar o objeto da preferência, acerca do qual fornecera uma descrição tão inesperada; inspirado por um de seus irrepreensíveis escrúpulos, deixara-se levar por um senso de delicadeza a partir do qual se furtara por completo a manter-se na busca de seu outro propósito. Como se tomado por um tênue princípio de orgulho, não permitira que seu jovem amigo mencionasse um nome; pretendia deixar claro, com sua magnífica atitude, que as ligações virtuosas de Chad não lhe diziam respeito. Desde o início não quisera ligar muita importância à dignidade do moço, mas isso não era desculpa para privá-la das pequenas compensações que pudessem surgir. Com frequência imaginara até onde sua intrusão poderia parecer interessada; por isso, não medira esforços para demonstrar que, sempre que podia, dava-se ao luxo de não se intrometer. É claro que isso ao mesmo tempo não o privava do luxo adicional do aturdimento íntimo; o qual, porém, lograra diminuir em certa medida antes de anunciar as novidades a Miss Gostrey. Quando Strether enfim fizera o anúncio foi com a observação de que, a despeito da surpresa inicial, sua amiga havia de concordar com ele que, em retrospecto, um tal relato dos fatos se encaixava com a confirmação daquelas presenças. Por certo nada, diante de tudo aquilo, poderia ter representado uma mudança maior para ele do que a ideia de uma ligação virtuosa, e como estiveram em busca da “palavra”, como diziam os franceses, que expressasse a mudança, a notícia trazida pelo pequeno Bilham

— malgrado tão demorada e estranhamente procrastinada — serviria tão bem quanto qualquer outra. Maria havia assegurado a Strether na verdade, depois de uma pausa, que, quanto mais pensava no assunto, mais achava que servia, sim; essa convicção, porém, não o impressionara tanto que, antes de se despedirem, não houvesse se aventurado a confrontar a sinceridade da amiga. Ela não acreditava na *natureza* virtuosa de uma ligação como aquela? — Com auxílio da pergunta Strether insistia para que Miss Gostrey confirmasse suas expectativas. As notícias que lhe trouxera nessa segunda ocasião eram, ademais, de tal porte que só o ajudavam a reforçar a certeza.

A imagem no início, porém, pareceu apenas diverti-la. “Disse que há duas delas? Suponho então que uma ligação com ambas praticamente só poderia ser inocente”.

Nosso amigo concordou, mas havia aí uma implicação. “Ele ainda não poderia estar no estágio de não saber de qual das duas, mãe ou filha, gosta mais”?

Ela deu mais tratos à imaginação. “Ah, mas deve ser a filha... na idade dele”.

“É possível. Mas o que sabemos sobre a dela? A moça pode ter idade suficiente”.

“Suficiente para quê”?

“Ora, para casar-se com Chad. Sabe, isso pode ser o que elas querem. E se Chad também quiser, assim como o pequeno Bilham, e se até mesmo *nós*, em caso de necessidade, pudermos consentir com a ideia — quer dizer, se a moça não for contrária à ideia de repatriação — ora, desse modo, o regresso de Chad pode não estar assim tão fora de cogitação”.

Fazia parte da rotina desses concílios, para ele, que cada comentário de sua amiga, conforme surgia, parecia cair em um poço mais e mais profundo. Strether em todo caso teve de esperar um momento antes de ouvir o eco distante do seguinte: “Não vejo por que, se Mr. Newsome quer desposar a moça, ele já não o fez ou já não anunciou a união. E, se ele se acha a um só tempo disposto a casar-se com ela e em boas relações com as duas, por que não estaria ‘livre’?”

Strether, em resposta, também se mostrou curioso: “Talvez a moça em questão não goste dele”.

“Então por que ele se refere a ambas nesses termos”?

A pergunta repercutiu na mente de Strether, mas ele tornou a enfrentá-la. “Talvez seja com a mãe que ele se acha em boas relações”.

“Em detrimento da filha”?

“Bem, se ela está tentando persuadir a filha a aceitá-lo, que outra coisa poderia fazê-lo ter maior apreço pela mãe? Embora”, Strether cogitou, “não vejo por que a filha não deva aceitá-lo”.

“Ah”, disse Miss Gostrey, “não seria porque nem todo mundo esteja tão impressionado quanto o senhor com ele”?

“Quer dizer que nem todo mundo o considera um bom ‘partido’? Foi a esse ponto que cheguei”? Strether manifestou a grave dúvida em voz alta. “Contudo”, prosseguiu, “o casamento do filho é o que a mãe dele mais deseja — ou seja, se for de serventia. Mas não são todos os casamentos de alguma serventia? As duas só podem querer”, ele já ruminara o assunto, “o que é melhor para Chad. A moça com quem ele se casar deve fazer questão de que o marido

abrace as oportunidades que lhe estão sendo oferecidas. Peio menos *a ela* não convém que ele venha a descartá-las”.

Miss Gostrey procurou ponderar. “Não... o senhor pensou bem! Mas é claro que, por outro lado, há sempre a boa e velha Woollett”. “Ah, sim”, ele refletiu, “há sempre a boa e velha Woollett”.

Ela aguardou um instante. “Talvez seja demais para a pobre moça. Ela pode pensar que o preço é alto demais; pode estar pesando uma coisa contra a outra”.

Strether, sempre irrequieto em debates como esses, deu uma meia volta. “Tudo depende de quem ela é. Naturalmente essa comprovada habilidade em lidar com a boa e velha Woollett (pois tenho certeza de que ela a possui) é um fortíssimo argumento em favor de Mamie”.

“Mamie”?

O tom de sua voz o fez estacar um instante diante dela; então, ao perceber que não se tratava de falta de memória, mas de uma súbita lembrança embaraçosa, ele enfim exclamou: “Não pode ter esquecido de Mamie”!

“Não, não a esqueci”, ela sorriu. “Não há nenhuma dúvida de que há muito ainda a ser dito sobre Mamie. Estou do lado *dela*”! Ela declarou com candura.

Durante um minuto Strether tornou a andar. “De fato ela é perfeitamente adorável, sabe. Muito mais bonita do que qualquer moça que já tenha visto por aqui”.

“É sobretudo nesses predicados que me baseio”. Ela refletiu um momento, ao modo de seu amigo. “Não tenho dúvida de que gostaria de tê-la sob minhas asas”!

Ele acalentou a ideia, embora para no fim simplesmente rejeitá-la. “Ah, mas não vá, com seu zelo, aliar-se a ela! Sou eu quem mais preciso da senhora; sabe que não pode abandonar-me”.

Mas ela não se abalou. “Gostaria que a enviassem para os meus cuidados”!

“Se a conhecessem, decerto mandariam”, ele retorquiu.

“Ah, mas não me conhecem? — A despeito de tudo o que, se entendi bem, o senhor vem lhes contando a meu respeito”?

Ele estacionara mais uma vez na frente da amiga, mas logo prosseguiu em seu curso. “E *conhecerão*, antes mesmo de eu terminar, como disse, de contar-lhes”. Então chegou ao ponto que afinal mais queria enfatizar. “O jogo dele agora parece claro. Era esse o seu objetivo — queria manter-me à disposição. Chad estava à espera delas”.

Miss Gostrey franziu os lábios. “Nada parece escapar-lhe”!

“Não tanto quanto à senhora. Está dizendo”, ele continuou, “que não percebeu...”?

“Bem, o quê...”? Ela insistiu ao ver que Strether se interrompera. “Ora, que deve haver muitos segredos entre eles... e que a trama vem se desenrolando desde o princípio; desde antes mesmo de minha chegada”.

Ela tomou um minuto antes de responder. “Quem são essas pessoas, então... se se trata de algo tão grave”?

“Pode não ser grave... pode ser alegre. Em todo caso é notório. Só não sei”, Strether precisava confessar, “nada a respeito delas. Depois da informação fornecida pelo pequeno Bilham, por exemplo, experimentei uma espécie de alívio por não me sentir obrigado a indagar-lhes o nome”.

“Ah”, ela volveu, “se acha que escapou disso...”!

A risada de Miss Gostrey produziu nele uma repentina sensação de tristeza. “Não creio que escapei. Suponho apenas que me tenham concedido cinco minutos para respirar. Atrevo-me a dizer que, na melhor das hipóteses, ainda haverá muito pela frente”. Os dois se entreolharam e, no minuto seguinte, Strether havia recuperado o bom humor. “Nesse meio tempo não dou a mínima para o nome delas”. “Nem por sua nacionalidade? ... Se são americanas, francesas, inglesas, polonesas”?

“Não faço o menor ‘caso’ da nacionalidade delas”, ele disse sorrindo, mas acrescentou quase de imediato: “Seria bonito se fossem polonesas”!

“Muito bonito, de fato”. A transição alimentou-lhes a verve. “Veja, o senhor no fundo se interessa”.

Ele em parte reconheceu a justeza do argumento. “Acho que me interessaria se *fossem* polonesas. Sim...”, pensou, “haveria certa graça *nisso*”

“Vamos torcer por isso, então”. Mas, depois, ela foi mais direto à questão. “Se a moça tiver a idade adequada, por certo a mãe não pode ter. Do ponto de vista da ligação virtuosa, quero dizer. Se a filha tiver vinte anos — e não pode ser mais nova —, a mãe deve ter pelo menos quarenta. Isso a tira do páreo. *É velha* demais para ele”.

Strether, mais uma vez detendo-se, refletiu e objetou: “Acha mesmo? Acha que alguém pode ser velho demais para ele? Estou com oitenta anos, e sou jovem demais. Mas talvez a moça”, ele continuou, “não tenha vinte anos. Quem sabe apenas dez, mas seja tão adorável que Chad se sinta impelido a promovê-la como um dos interesses do encontro. Talvez tenha somente cinco e a mãe, com vinte e cinco, seja uma jovem e encantadora viúva”.

Miss Gostrey ponderou a sugestão. “É uma viúva, então”?

“Não tenho a menor ideia”! A despeito dessa incerteza, os dois mais uma vez trocaram olhares — talvez os mais demorados daquela tarde. Estes pareceram, em seguida, demandar uma explicação; e esta foi dada dentro das possibilidades. “Só sei o que lhe contei: ele tem suas razões”.

A imaginação de Miss Gostrey alçara voo próprio. “Talvez não seja uma viúva”.

Era como se Strether tivesse suas reservas em relação à hipótese. Aceitou-a, todavia. “É por esse motivo que a ligação — tratando-se da mãe — é virtuosa”.

Mas ela pareceu não ter entendido direito. “Onde reside a virtude se — já que ela é livre — não há nada que imponha qualquer condição”?

A pergunta o fez rir. “Ah, talvez eu não queira dizer tão virtuosa assim. Está convencida de que o relacionamento só pode ser virtuoso — em qualquer sentido digno da palavra — se ela não for livre? Mas o que é feito, portanto, da posição dela”?

“Ah, mas se trata de outra questão”. Como ele nada disse por um momento, Miss Gostrey prosseguiu: “Devo dizer, de todo modo,

que tem razão sobre a pequena estratégia de Mr. Newsome. Ele vem submetendo-o à prova... vem informando suas amigas a seu respeito”.

Enquanto isso, Strether teve tempo para refletir. “Então onde fica a integridade do rapaz”?

“Bem, como dizemos, ela faz o possível para manifestar-se e afirmar-se. Veja, podemos ficar do lado dessa integridade. Podemos ajudá-lo. Mas ele já chegou à conclusão”, sentenciou Miss Gostrey, “de que o senhor serve”.

“Sirvo para quê”?

“Ora, para elas... para *ces dames*. Ele o observou, examinou-o, gostou do senhor... reconheceu que *lhes* é impreterível. É um grande cumprimento que lhe prestam, meu caro; pois tenho certeza de que são exigentes. O senhor está talhado para o sucesso. Bem”, ela declarou, com bom humor, “está desfrutando-o”!

Por um instante Strether aceitou pacientemente a conclusão, mas, súbito, tomou outro rumo. Convinha-lhe o fato de haver tantos belos objetos para admirar. Mas o exame de dois ou três logo pareceu determinar-lhe a réplica, que pouca relação tinha com eles. “A senhora não crê nisso”!

“No quê”?

“Na natureza da ligação. Em sua inocência”.

Mas ela defendeu-se. “Não finjo saber do assunto. Tudo é possível. Temos de esperar para ver”.

“Ver”? Ele repetiu com um gemido. “Já não vimos o bastante”?

“Eu não”. Ela sorriu.

“Acha então que o pequeno Bilham mentiu”?

“É o que precisamos descobrir”.

A proposta quase o fez empalidecer. “Descobrir *mais*”?

Desconsolado, deixou-se cair no sofá; mas parecia que sua amiga, ali sobranceira, tinha a última palavra. “Não foi para isso que veio: para descobrir *toda* a verdade”?

Livro Quinto

I

O DOMINGO DA SEMANA SEGUINTE foi um dia maravilhoso, e Chad Newsome fez com que seu amigo soubesse de antemão que tomara suas precauções para isso. Já se havia aventado a hipótese de o moço levá-lo para conhecer o grande Gloriani, que recebia os amigos nas tardes de domingo e em cuja residência, como regra geral, se aborrecia menos do que em outros lugares; mas o plano, que, por algum acaso, não se efetivou de imediato, agora renascia em condições mais auspiciosas. Chad assinalara que o celebrado escultor dispunha de um jardim antigo e inusitado, para o qual a estação — a primavera, afinal, ostensiva e bela — se revelava propícia; e duas ou três de suas outras observações ratificaram a expectativa de Strether de que o evento seria especial. Naquela altura, em virtude de todas as suas apresentações e aventuras, nosso herói havia se deixado levar sem restrições, acalentando a noção de que, independentemente do que o moço lhe revelasse, no fundo se revelava a si próprio. No que lhe dizia respeito, poderia de fato ter desejado que Chad agisse menos como um mero cicerone; pois não lhe escapara a impressão — agora que a imagem de seu jogo, de seu plano, de sua profunda diplomacia se firmava cada vez mais — de que o jovem se esquivava dos fatos de suas transações prodigalizando, como Strether disse para si mesmo, o que ali havia de *panem et circenses*. Continuava a sentir-se como que asfixiado pelas flores, embora, em outros momentos, chegasse à quase irritada conclusão de que isso apenas ocorria por causa de sua odiosa e

acética desconfiança contra qualquer forma de beleza. Repetidas vezes convenceu-se — pois suas reações eram atiladas — de que não alcançaria nenhuma verdade enquanto não abandonasse seus escrúpulos.

Soubera de antemão que Mme. de Vionnet e sua filha provavelmente estariam presentes; e fora essa indireta a única referência que Chad mais uma vez fizera sobre suas amigas vindas do sul. À luz da conversa que tivera sobre elas com Miss Gostrey, Strether não só ficou mais convencido de que não queria intrometer-se, como também julgou ver na natureza do silêncio de Chad uma espécie de reserva com a qual se sentiu capaz de rivalizar. Envolveu-os, essa reserva, em uma substância quase indefinível, uma consideração, uma distinção; peio menos estava — na medida das circunstâncias — na presença de damas; e a única certeza de que dispunha era a de que elas mesmas se veriam, no que lhe dizia respeito, na presença de um cavalheiro. Seria porque elas eram muito bonitas, muito inteligentes ou até mesmo muito boas — seria em virtude de uma dessas razões que Chad zelava, por assim dizer, pelo efeito que pretendia causar? Cuidaria ele de anunciá-las, conforme se dizia em Woollett, com maior impacto, mediante algum tipo de mérito de excelência imponderável — a fim de confundir o seu crítico, por mais ínfima que a crítica se houvesse apresentado até então? O máximo que esse crítico em todo caso perguntara fora se as pessoas em questão eram francesas; indagação que apenas representara o comentário adequado diante do som do nome delas. “Sim. Quer dizer, não”! Fora a resposta de Chad; mas ele imediatamente acrescentara que a fluência de ambas na língua inglesa era deveras encantadora, de modo que, se Strether estivesse à procura de um pretexto para não se congregar com elas, não encontraria nenhum. Consigo mesmo, Strether nunca na realidade se sentiu — no humor que o lugar rapidamente lhe proporcionara —

menos necessitado de desculpas. As que poderia ter encontrado teriam sido, na pior das hipóteses, inteiramente para os outros, para as pessoas que se encontravam na frente dele e cuja liberdade de ser como eram encantava-o sobremaneira. Os convidados multiplicavam-se a seu redor, e esses elementos, a liberdade dessas pessoas, sua intensidade, sua variedade, suas condições em geral, fundiam-se com a extraordinária ambientação do cenário.

O lugar em si causava grande impressão — um pequeno pavilhão afastado, de fachada despojada, uma joia de parquet polido, de finos e alvos painéis e o ocasional detalhe dourado, de ornamentação rara e delicada, situado no coração do Faubourg Saint-Germain e na orla de um conjunto de jardins anexos a nobres e antigas residências. Bem distante das ruas e a salvo das multidões, localizado na ponta de um comprido corredor e de um pátio silencioso, mostrava-se tão extraordinário para a mente despreparada, Strether logo percebeu, quanto um tesouro desenterrado; outrossim, tanto lhe fornecia, mais do que qualquer outra coisa até então, uma ideia da variedade daquela incomensurável metrópole quanto lhe varria, como se por uma última e intrépida escovada, os termos e balizas familiares. Foi no jardim, relíquia ampla e preciosa para a qual já se dirigira uma dúzia de convidados, que o anfitrião de Chad logo os recepcionou; enquanto isso, as altas árvores apinhadas de pássaros, em chilreio afinado com a primavera e o clima ameno, e os elevados muros (do outro lado dos quais sombrios *hôtels* buscavam a privacidade) falavam de sobrevivência, de tradição e de cumplicidade, de uma ordem poderosa, indiferente, obstinada. O dia estava tão agradável que quase rodo o pequeno grupo transferira-se para o espaço aberto, mas o espaço aberto era, naquelas condições, um salão revestido de pompa. Súbito Strether entreviu um convento majestoso, um convento de missões, célebre por motivos que lhe escapavam, um

seminário de jovens sacerdotes, semeado de sombras, alamedas estreitas e sinos de capela, arrojando para um dos lados seu extenso volume; teve a sensação de que havia nomes no ar, fantasmas às janelas, sinais e oferendas, uma gama inteira de expressões, espessa demais para a apreciação imediata, em volta.

Esse assalto de percepções tornara-se por um momento, no endereço do distinto escultor, quase formidável: Gloriani exibia, em tão perfeita confiança, após Chad tê-los apresentado, um belo rosto envelhecido, um rosto tal como uma carta aberta, escrita em um idioma estrangeiro. Com seu gênio estampado nos olhos, a civilidade nos lábios, a longa carreira atrás de si e as honrarias e recompensas todas ao redor, o grande artista, após um único olhar detido e umas poucas palavras de boas-vindas, assomou a nosso amigo como um deslumbrante prodígio da espécie. Strether vira em museus — no do Luxemburgo, assim como, com maior reverência, depois, na Nova York dos bilionários — o trabalho de sua lavra; também soubera que, após uma época anterior em sua Roma natal, migrara no auge da carreira para Paris, onde, com um lustro pessoal quase violento, destacou-se em meio à constelação de artistas — circunstâncias que eram mais do que suficientes para coroá-lo, aos olhos de seu convidado, com a luz, com a fantasia, com a glória. Strether, vendo-se pela primeira vez em contato com tal ordem de elementos, teve ímpeto de abrir para ela, por um ditoso instante, todas as janelas de sua mente, esteve a pique de permitir que todo o seu interior um tanto cinzento absorvesse, por uma vez sequer, o sol de um clima alheio a sua velha geografia pessoal. Ele recordaria amiúde aquele rosto de esfinge italiana, onde cada ruga era própria a um artista, onde o tempo apenas denunciava o caráter e a consagração; e recordaria, em particular, tal como se fosse a radiação penetrante ou a comunicação com o próprio espírito ilustrado, recordaria assim a maneira como, ao se deterem por um instante, um

em acolhida, o outro em resposta, os olhos do escultor o cativaram. Não os esqueceria tão cedo, tornaria a pensar neles, por mais que tivessem se mostrado apenas preocupados, indiferentes e impremeditados, como a fonte da mais profunda sondagem intelectual a que fora exposto. Na verdade, viria em grande medida a acalantar essa visão, viria a divertir-se com ela nos momentos de ócio, sem jamais, entretanto, mencioná-la para ninguém, bastante cômico de que não poderia fazê-lo sem parecer ter perdido o juízo. Fora o que essa visão lhe revelara ou a pergunta que esta lhe propusera sobre o maior dos mistérios? Fora a chama mais especial, inigualável, suprema, da tocha estética, eternamente iluminando o mundo prodigioso, ou fora, sobretudo, o longo e inabalável raio lançado por uma mente sutil, que a vida conferira à agudeza do aço? Nada no mundo teria sido mais estranho e ninguém mais que o próprio artista teria ficado mais surpreso com isso, mas, para Strether, fora como se, naquele exato momento, no tocante à tarefa acolhida, houvesse se submetido à prova. A profunda experiência humana impressa no adorável sorriso de Gloriani — ah, a terrível vida que ali se ocultava! — Relampejou sobre ele como se julgasse o estofo que o sustinha.

Chad, entretanto, depois de ter com toda a tranquilidade apresentado seu companheiro, com uma desenvoltura ainda maior virou-se e passou a cumprimentar os demais. O moço tratava com o mesmo desembaraço e a mesma destreza tanto o grande artista quanto seu obscuro compatriota; e assim também se portou em relação aos outros convidados. Strether não deixou de reparar nesse dado, cuja luz quase nova proporcionava-lhe, como resultado, outro elemento a ser apreciado. Ele gostou de Gloriani, mas nunca mais voltaria a vê-lo; quanto a isso tinha absoluta certeza. Assim, Chad, que fora impecável com ambos, constituía uma espécie de vínculo para a imaginação desesperançada, implicava toda sorte de

possibilidades — ah, se tudo houvesse sido diferente! Em todo caso Strether notou que estava, portanto, em contato com espíritos ilustres, e também ~ sim, era inegável — que não se havia deixado intimidar. Nosso amigo não fora à recepção apenas por causa do filho de Abel Newsome, mas essa presença agora ameaçava tornar-se à mente observadora uma figura positivamente central. Gloriani, na realidade, lembrando-se de algo e pedindo desculpas, seguiu no encalço do moço, e Strether se viu sozinho, entregue a várias ruminções. Uma das quais referia-se à questão sobre se ele, tendo sido posto à prova, teria passado. Teria o artista o abandonado porque chegara à conclusão de que não? Naquele mesmo dia ele realmente sentia-se capaz de superar as expectativas. Não teria se comportado direito, naquelas circunstâncias, por realmente mostrar-se tão aturdido? E por não ter ocultado por completo, segundo acreditava, de seu anfitrião que se ressentia do peso desabonador deste último? De repente, do outro lado do jardim, viu o pequeno Bilham aproximar-se, e uma parte do impulso que o animava naquele momento fez com que ele, quando os olhos de ambos se cruzaram, também tentasse adivinhar o que *aquela* moço sabia. Se houvesse dito ao outro o que então era mais crucial, teria perguntado: “*Será* que passei? — Pois é claro que sei que somos submetidos a um exame por aqui”. Bilham o teria tranquilizado, teria dito que exagerava, e acrescentaria com bastante felicidade o argumento de que ele próprio, Bilham, estava ali afinal; e Strether podia perceber, na verdade, que a presença do rapaz se impunha no local com a mesma tranquilidade que a de Gloriani ou a de Chad. Ele mesmo, depois de algum tempo, talvez deixasse de sentir-se amedrontado, compreenderia o ponto de vista de alguns daqueles rostos — de tipos tremendamente adventícios, adventícios em relação a Woollett — que já começava a perceber. Quem era toda aquela gente — os grupos e casais dispersos, as damas ainda mais estranhas a Woollett do que os cavalheiros? —, era essa a pergunta

que, quando seu jovem amigo o cumprimentou, ele se pegou formulando.

“Ah, é todo tipo de gente — de todos os gêneros e tamanhos; claro que dentro de certos limites, embora suponho que estabelecidos mais por baixo do que por cima. Sempre há artistas — ele é esplêndido e inimitável com seus *chers confrères*; e então há os *gros bonnets* de todas as espécies — embaixadores, ministros, banqueiros, generais, sabe-se lá! Até mesmo judeus. Sobretudo sempre algumas mulheres extraordinariamente agradáveis — e não muitas; às vezes uma atriz, uma artista, uma grande intérprete — porém nenhum desses monstros sagrados; e em especial as *femmes du monde* adequadas. Pode-se imaginar a história dele nesse particular — acredito que seja tremenda: elas *nunca* o abandonam. Mas ele as mantém na rédea curta: ninguém sabe como consegue; é algo lindo e delicado. Nunca há gente em excesso nem figuras destoantes; apenas uma seleta perfeita. Não há de jeito nenhum algum tipo aborrecido; sempre foi assim; ele possui um segredo. É incrível. E não se percebe. Ele trata todos da mesma forma. Não faz perguntas”. “Ah, não”? Indagou Strether, rindo.

Bilham voltou com toda a honestidade. “Se assim não fosse, como é que *eu* estaria aqui”?

“Até onde sei, meu caro, você faz parte desta perfeita seleta”.

Bem, o moço contemplou a cena. “Parece-me muita boa hoje”. Strether seguiu a direção de seu olhar. “São todas, hoje, *femmes du monde*”!

O pequeno Bilham demonstrou sua competência no assunto. “Certamente”.

Era uma categoria pela qual nosso amigo tinha certa queda; uma luz, romântica e misteriosa, sob a qual em parte gostava de apreciar o elemento feminino. “Polonesas também”?

Seu companheiro refletiu. “Creio que avistei uma portuguesa⁽¹¹⁾. Mas também vi turcas”.

A informação causou espanto, mas Strether não quis ser injusto. “Todas elas, digo, essas mulheres, parecem-me... muito harmoniosas”.

“Ah, de perto elas se revelam”! E, então, enquanto Strether, entregue de novo ao senso de harmonia, dava-se conta de que temia a aproximação, Bilham continuou: “Bem, na pior das hipóteses *está* tudo muito bem, como sabe. Se gostar, não tardará a senti-lo: é o sinal de que não *está* deslocado. Mas o senhor”, ele educadamente acrescentou, “parece dar-se conta das coisas com muita rapidez”.

Strether a um só tempo apreciou o comentário e o considerou excessivo; de modo que acabou murmurando com ar desconsolado: “Ora, não me venha com essa”.

“Bem”, seu companheiro retrucou, “ele é maravilhosamente gentil conosco”.

“Conosco, americanos”?

“Ah, não... ele não entende nada *disso*. Metade da batalha aqui reside no fato de que nunca ouvimos falar de política. Nem um pio. Quis dizer conosco: pobres jovens desafortunados de todo tipo. E a interação é sempre encantadora como esta de hoje; é como se, graças a algo que há no ar, não se note nossa miséria. Obrigá-nos a retroceder ao século passado”.

“Receio”, disse Strether, bem-humorado, “que tenha me arremessado ao futuro: ah, para muito longe”!

“Para o próximo século? Mas não seria apenas porque”, o pequeno Bilham perguntou, “o senhor esteja realmente no anterior”?

“Anterior ao século passado? Obrigado”! Strether riu. “Se lhe pergunto sobre algumas dessas senhoras não pode ser, então, porque alimente alguma esperança, como espécime do rococó que sou, de agradar a elas”.

“Ao contrário, elas adoram — todos nós aqui adoramos —, e qual seria o melhor cenário para o rococó do que tudo isso que vemos, o pavilhão e o jardim em conjunto? Há muitos colecionadores por aqui”, o pequeno Bilham sorriu ao olhar em torno. “O senhor está a salvo”!

O gracejo fez Strether novamente entregar-se à contemplação. Havia rostos que a custo ensaiava apreciar. Seriam fascinantes ou apenas estranhos? Não se devia falar de política, mas suspeitava haver um ou dois poloneses ali. O resultado disso foi uma pergunta que se lhe agitava no fundo da mente desde a chegada de seu amigo. “Madame de Vionnet e sua filha já chegaram”?

“Ainda não as vi, mas Miss Gostrey chegou. Está no pavilhão admirando uns objetos. Logo se vê que *ela* é uma colecionadora”, o pequeno Bilham ajuntou sem intenção de ofender.

“Ah, sim, ela é, e sabia que viria. E Madame de Vionnet: é igualmente uma colecionadora”?

“De mão-cheia, creio; quase celebrada”. Nessa altura, o moço trocou um rápido olhar com nosso amigo. “Já soube — graças a Chad, a quem vi na noite passada — que elas chegaram ontem

mesmo. Ele não tinha certeza de quando viriam — até o último momento. Esta, portanto, será”, o pequeno Bilham prosseguiu, “a primeira aparição pública delas — se de fato *estiverem* aqui — desde seu regresso”.

Strether rapidamente revolveu essas informações. “Chad lhe contou isso a noite passada? Para mim, quando vínhamos para cá, nada me disse”. “Mas o senhor perguntou”?

Strether mostrou-se justo. “Confesso que não”.

“Bem”, disse o pequeno Bilham, “o senhor não é uma pessoa a quem seja fácil dizer o que não queira saber. Muito embora não seja difícil, admito — seja maravilhoso”, ele emendou com benevolência, “quando quer”.

A indulgência contida no olhar de Strether fez par à sua perspicácia. “É essa misteriosa lógica, portanto, que o obrigou a mostrar-se calado com relação a essas damas”?

O pequeno Bilham avaliou a profundidade da análise. “Não me calei. Falei sobre elas naquele dia em que nos sentamos juntos no chá oferecido por Chad”.

Strether foi ao ponto. “São elas, então, a tal ligação virtuosa”?

“Só posso dizer que essa é a fama que as precede. Mas não basta? O que além da vã aparência reside na ciência do mais sábio entre nós? Eu lhe recomendo”, declarou o moço, enfático, “a vã aparência”.

Strether olhou em tomo com maior atenção e o que viu, de rosto a rosto, fez calar em sua consciência as palavras do amigo. “É algo assim tão bom”?

“E fabuloso”.

Strether fez uma pausa. “O marido morreu”?

“Meu caro, não. Está vivo”.

“Ah”! Exclamou Strether. Mas, como seu companheiro riu; “Como, então, pode ser tão bom”?

“O senhor verá com os próprios olhos. É visível”.

“Chad está apaixonado pela filha”?

“Foi o que eu quis dizer”.

Strether ponderou: “E onde reside a dificuldade”?

“Ora, não estaria justo no senhor e em mim... em nossas ideias mais formidáveis e presunçosas”?

“Ah, as minhas...”! Strether disse com um jeito estranho. Mas, como se procurasse amenizá-lo: “Quer dizer que elas não querem nem ouvir falar de Woollett”?

O pequeno Bilham sorriu. “Não é isso, exatamente, que o senhor precisa averiguar”?

A conversa os pôs em contato com Miss Barrace, que ouviu as últimas palavras. Strether já a avistara rondando desacompanhada — para ele uma atitude inédita de uma dama em uma festa. Ela pronunciou-se tão logo se encontrou a uma distância audível e retomou, através de sua comprida luneta de cabo, o comando de seus interessados e interessantes companheiros. “Como o senhor, meu pobre Strether, parece interessado na cena! Mas não poderá dizer”, declarou, alegre, “que não faço o possível para ajudá-lo.

Acabo de deixar Mr. Waymarsh instalado, lá dentro, com Miss Gostrey”.

“Agora vejo como Mr. Strether requisita o favor de suas damas”! Exclamou o pequeno artista. “Ele agora se prepara para conquistar mais uma; está prestes (não percebe?) a atacar Madame de Vionnet”.

“Madame de Vionnet? Oh, oh, oh”! Exclamou Miss Barrace em um magnífico crescendo. Havia mais ali, nosso amigo percebeu, do que os ouvidos eram capazes de discernir. Seria afinal tão somente uma piada o fato de ele agir com tamanha seriedade? Em todo caso invejava a capacidade de Miss Barrace de agir sem nenhuma. Com seus gritinhos, protestos e seu espírito alerta, movimentos semelhantes aos ademanos de uma suntuosa ave emplumada, livre para ciscar, ela parecia encarar a vida como se diante de uma vitrina abarrotada. Quase se podia ouvir, à medida que ela selecionava e apontava as mercadorias, a batidinha de seu lornhão de tartaruga no vidro das lojas. “Sem dúvida é preciso manter-se informado; só fico feliz que não seja eu quem tenha de fazer isso. Decerto que se começa assim; então, de repente, vê-se que se desistiu da empreitada. É demasiado, é difícil demais. Essa sua gente me impressiona”, ela continuou, para Strether, “porque não se deixa afetar por isso — isto é, pelas impossibilidades. Os senhores nunca as percebem. Encaram-nas com uma fortitude que representa uma lição para quem as observa”.

“Ah, mas o que obtemos, no fim”? O pequeno Bilham observou, com tristeza. “Nós nos informamos a seu respeito e preparamos o nosso relatório — quando chegamos ao ponto de prepará-lo. Mas nada se realiza”.

“Ora, o senhor, Mr. Bilham”, ela retrucou como se desse uma pancadinha impaciente no vidro, “o senhor não vale um níquel! Chegou aqui para converter os bárbaros — pois disso sei muito bem, recordo-me do senhor — e foram os bárbaros *que o converteram*”.

“Nem isso”! O moço protestou, pesaroso: “nem se deram ao trabalho. Eles simplesmente — os canibais! — me devoraram, transformaram-me sim, se quiser, mas em comida. Que sou eu senão o esqueleto descarnado de um cristão”?

“Bem, aí estamos! Apenas”, ela mais uma vez dirigia-se a Strether, “não se deixe abater por essa experiência malograda. Logo sucumbirá, mas a batalha lhe proporcionará bons momentos. *Il faut en avoir*. Sempre gosto de vê-los enquanto estão de pé. E lhe direi quem resistirá”.

“Waymarsh...”? Ele já a havia entendido.

Ela gargalhou como se provocada pela emergência da situação. “Ele se conservará firme até mesmo com Miss Gostrey: tamanha grandeza não passa despercebida. Ele é estupendo”.

“De fato é”, Strether concordou. “Não me contou nada — só disse que tinha um encontro; mas com um ar tão lúgubre que parecia que se dirigia ao cadafalso. Na surdina, à sorrelfa, então, ele surge aqui com a senhora. Chama *isso* de ‘resistir’ ”?

“Ah, espero que ele resista”! Afirmou Miss Barrace, “Mas ele me tolera, na melhor das hipóteses. Mantém-se alheio a tudo... ao menor detalhe. É delicioso! Estupendo”! Ela repetiu.

“Michelangelesco”! Emendou o pequeno Bilham. “*Ele é um sucesso. Moisés, nas alturas, trazido à cena; irresistível, colossal, muito embora, de algum modo, portátil*”.

“Ah, certamente, se por portátil estiver se referindo à maneira”, ela volveu, “como ele nos abrilhanta as carruagens. É tão engraçado sentado em seu canto, perto de mim; é como uma personalidade, estrangeira e famosa, *en exil*; de modo que todos querem saber — é muito divertido — quem estou levando para dar um passeio. Eu lhe mostro Paris, mostro-lhe tudo, e não o vejo mover um fio de cabelo. Assemelha-se a um daqueles líderes indígenas dos romances, que, quando vai a Washington para encontrar-se com o Grande Chefe Branco, permanece de pé enrolado em seu cobertor, sem emitir nenhum sinal. Pela maneira como ele enxerga as coisas eu mesma poderia ser o Grande Chefe Branco”. Encantada com a associação de sua identidade com essa personagem — combinava deveras com seu caráter —, Miss Barrace declarou que, dali por diante, adotaria o epíteto. “E o modo como ele fica lá sentado também, no fundo da minha sala, observando a sério meus convidados, como se quisesse provocar alguma coisa! Meus amigos se perguntam o que aquele homem deseja provocar. Mas ele é fantástico”, a dama mais uma vez insistiu. “Até hoje nunca provocou coisa alguma”.

A imagem, em verdade, ainda assim, firmou-se na mente de seus dois amigos, que trocaram olhares expressivos, francamente divertidos por parte de Bilham e com uma ponta de tristeza, por parte de Strether. A melancolia de nosso herói esprou-se — pois a representação tinha sua grandeza —, quando ele se deu conta do pouco que se abrigava em seu cobertor, do pouco que, naqueles salões de mármore, em nada reminiscentes do Grande Chefe Branco, ele se parecia com um aborígine verdadeiramente majestoso. Mas também chegou a outra reflexão. “Os europeus são dotados de um senso visual tão forte que, de algum modo, sempre ‘recorrem’ a ele. Há momentos em que achamos que não há nenhum outro à sua disposição”.

“Nenhum senso de moral”, explicou o pequeno Bilham, contemplando sereno, do outro lado do jardim, as várias *femmes du monde*. “Mas Miss Barrace se distingue por sua moral”, ele educadamente prosseguiu, como se falasse não menos para o ouvido de Strether do que para o daquela senhora.

“É mesmo”? Strether, sem saber direito o que fazia, perguntou-lhe de modo quase ansioso.

“Ah, não se trata de uma distinção”, ela achou graça no tom do americano mais velho, “Mr. Bilham está sendo muito gentil. Mas creio que possa dizer que disponho de uma reserva. O senhor supôs estranhas coisas de mim”? — E ela o fixou de novo, através de suas indefectíveis lunetas de tartaruga, diante do cômico interesse que havia na questão. “O senhor de fato é fantástico. Mas devo desapontá-lo terrivelmente. Não abro mão dessa minha parcela. Confesso, todavia, que conheço”, ela prosseguiu, “pessoas estranhas. Não sei como isso ocorre, não faço de propósito; parece ser a minha sina — como se eu houvesse me tornado um dos hábitos dessa gente: é extraordinário! Ouso dizer, ademais”, continuou num tom mais grave, prenhe de interesse, “que todos nós aqui, até mesmo eu, recorremos em excesso ao olhar. Mas que se pode fazer? É praxe que nos observemos — e na luz de Paris descobrimos com o que as coisas se parecem. É isso que a luz parisiense costuma mostrar. Ponha a culpa na luz de Paris — essa boa e velha luz”!

“A boa e velha Paris”, o pequeno Bilham ecoou.

“Tudo e todos se deixam conhecer por aqui”, Miss Barrace insistiu. “Mas por aquilo que realmente são”? Indagou Strether.

“Ah, adoro os ‘realmentes’ de Boston! Mas sim... às vezes”.

“À boa e velha Paris, então”! Strether suspirou, resignado, enquanto, por um instante, os três se entreolharam. Então, lançou a pergunta: “Mas é isso que faz Madame de Vionnet? Deixa-se conhecer por aquilo que realmente é”?

A resposta dela foi imediata. “Ela é encantadora. Perfeita”. “Então, por que, um minuto atrás, a senhora disse ‘oh, oh, oh!’, quando mencionei o nome dela”?

A lembrança lhe veio fácil. “Ora, somente porque ... ela é estupenda”!

“Ah, ela também”? Strether quase soltou um gemido.

Mas Miss Barrace, entretentes, viu como poderia ajudá-lo. “Por que não leva suas perguntas diretamente à pessoa dentre todas mais capaz de respondê-las”?

“Não”, advertiu o pequeno Bilham; “não faça nenhuma pergunta ainda; espere para julgar por si próprio — será muito mais divertido. Ele está vindo para levá-lo até ela”.

II

Nisso Strether percebeu que Chad estava de volta, e só a custo, depois, soube explicar, por incrível que isso parecesse, o que então havia rapidamente ocorrido. O momento lhe dizia respeito, nosso amigo sentiu, com uma força que escapava à sua capacidade de expressão, e mais tarde chegou a especular se, ao seguir adiante com Chad, não teria corado ou empalidecido. A única coisa de que tinha

certeza era que, por sorte, nada indiscreto fora realmente ventilado, e que o próprio Chad mostrava-se mais do que nunca, na expressão grandiloquente de Miss Barrace, estupendo. Era uma das circunstâncias — embora não fosse nada evidente o real motivo por que isso assim se fazia sentir — nas quais toda a mudança lhe advinha da forma mais notável. Strether lembrou, ao se aproximarem da casa, que o moço o impressionara naquela primeira noite devido à arte de entrar em um camarote. Bem, ele agora não causava menor impressão por saber como conduzir as apresentações. Essa perícia transfigurara a própria qualidade de Strether — definira-o como algo estimado; de modo que para nosso pobre amigo, consciente e passivo, era como se de fato sentisse ser entregue, passado de uma mão para outra; era positivamente como, ele diria depois, houvesse se convertido em um presente ou uma oferenda. Ao chegarem à residência, uma mulher de aparência jovem, prestes a sair, surgiu, desacompanhada, na escada; a palavra que trocou com Chad indicou de imediato a Strether que ela fizera a gentileza de ir até lá para encontrá-los. Chad a deixara ali dentro, mas ela depois avançara até metade do caminho e, então, no momento seguinte, unia-se a eles, no jardim. Se seu aspecto juvenil a princípio deixou Strether quase desconcertado, ele em seguida sentiu certo alívio por não haver tomado, como os outros, em relação a ela, nenhuma liberdade. Ocorreu-lhe de repente que aquela mulher não se prestava a isso, e, nesse meio tempo, depois de Chad tê-los apresentado, ela se dirigiu a Strether com muita simplicidade e doçura, em um inglês que lhe era claramente fácilimo, embora soasse diferente de qualquer outro que ele jamais houvesse escutado. Não era como se ela se esforçasse para falar; nada, nosso amigo pôde concluir após alguns minutos juntos, parecia representar-lhe o menor esforço; mas seu discurso, encantador, correto e singular, assemelhava-se a uma precaução para que não a confundissem com uma polaca. A Strether não escapou, outrossim, que, se tais

precauções se faziam necessárias, era porque o perigo decerto existia.

Strether posteriormente sentiria muitos outros, mas, naquela hora, não pôde deixar de sentir outras coisas também. Ela vestia-se de negro, mas de um negro que lhe pareceu leve e transparente; era excessivamente alva e, posto que notadamente magra, o rosto conservava o aspecto nutrido e os olhos, um tanto separados, transmitiam um quê de estranheza. O sorriso era discreto e natural; o chapéu, nada extravagante. Talvez só lhe tenha sido dado ouvir, por baixo das finas mangas negras, o tilintar de mais braceletes e pulseiras de ouro que jamais vira uma dama usar. Chad conduziu o encontro com absoluta graça e leveza; era dessas ocasiões nas quais Strether mais desejava alcançar tamanha naturalidade: “Eis que estão por fim face a face; foram feitos um para o outro — *vous allez voir*, e eu abençoo esta união”. Depois de ter-se deixado levar, era como se em parte se pusesse sério também. Este último impulso fora determinado por uma pergunta que fizera sobre “Jeanne”; à qual a mãe respondera que a filha provavelmente ainda estava na casa com Miss Gostrey, a quem a havia confiado. “Ah, mas a senhora sabe”, o moço replicara, “é de mister que ele a conheça”; com isso, enquanto Strether apurava os ouvidos, Chad partira como se com o propósito de conduzi-la até eles, deixando um ao outro os dois objetos de sua atenção. Espantado ao ver que Miss Gostrey já se encontrava envolvida, Strether sentiu como que se lhe faltasse um elo; mas também sentiu, com ligeiro atraso, quanto, com base nessas evidências, desejava falar à amiga sobre Madame de Vionnet.

As evidências, a bem da verdade, ainda eram escassas; o que, por falar nisso, porventura constituísse a razão de suas expectativas terem desabado. De algum modo ela não ostentava um ar de riqueza; e a riqueza fora tudo o que, em sua ingenuidade, ele havia

definitivamente prefigurado. Os dois se afastaram da casa e ele, com os olhos postos em um banco situado a certa distância, propôs que se sentassem. “Ouvi falar muito do senhor”, ela anunciou durante o trajeto; mas a resposta que ele lhe deu a fez deter-se. “Bem, sobre a *senhora*, Madame de Vionnet, sou obrigado a dizer que quase nada me contaram” — movido que estava (e como que com maior razão) pelo propósito de conduzir-se do início ao fim, com respeito ao restante de seus afazeres, com absoluta franqueza, aquelas lhe pareceram as únicas palavras que poderia enunciar com alguma presença de espírito. Não tivera em todo caso nenhuma intenção de imiscuir-se nos assuntos particulares de Chad. Nada obstante era bem possível que, naquele instante e sob a impressão da pausa efetuada por Madame de Vionnet, tivesse começado a imaginar se sua determinação de se conduzir sem rodeios já não sofreria algum abalo. Ela afinal só tivera de abrir-lhe um sorriso cheio de graça para fazê-lo perguntar-se se ele próprio não estaria saindo da linha. Quem sabe não fosse sair da linha o fato de, de um momento para outro, ter percebido, com muita clareza, que ela estava determinada a tratá-lo, como ele teria dito, com toda a gentileza. Foi isso o que se passou entre os dois enquanto, por um instante adicional, permaneceram em silêncio; pelo menos Strether não seria depois capaz de lembrar o que mais poderia ter sido. O que sem a menor sombra de dúvida arrojou-se sobre ele como uma onda foi a certeza de ter sido, em condições tão incalculáveis quanto inimagináveis, um objeto de discussão. Strether, em algum plano que lhe concernia, fora afiançado; o que a ela conferia uma vantagem que nosso amigo jamais seria capaz de alcançar.

“Miss Gostrey não depôs a meu favor”? Ela perguntou.

O que primeiro lhe causou espécie foi a forma como fora atrelado àquela mulher; gostaria de saber o que Chad lhe teria dito

sobre a amizade de ambos. De todo modo, algo ainda não decifrável obviamente sucedera. “Não sabia que ela a conhecia”.

“Bem, agora ela lhe contará tudo. Fico muito feliz que a tenha conhecido”.

Esse foi um dos pontos — o “tudo” que Miss Gostrey agora lhe contaria — que, após terem se acomodado e mesmo perante suas atuais preocupações, mais dominava a mente de Strether. Um dos outros foi a constatação, surgida ao cabo de cinco minutos, de que ela — oh, era incontestável! — *diferia* menos; *diferia*, ou seja, quase nada — bem, falando em termos superficiais, de Mrs. Newsome e até de Mrs. Pocock. Ela era muito mais jovem do que a primeira e não tão jovem quanto a segunda; mas o que havia naquela dama, se algo havia, que a tornava impossível de ser flagrada em Woollett? E no que a conversa dela, a julgar pelos momentos em que estiveram juntos no banco, não corresponderia ao que seria reputado cabível em uma festa ao ar livre em Woollett? — Exceto, a bem da verdade, por não ser assim tão brilhante”? Ela observou-lhe que Mr. Newsome ficara, pelo que pôde constatar, extraordinariamente feliz com a visita de Strether; mas não havia boa alma em Woollett que não fosse capaz de fazer um comentário como esse. Acaso haveria em Chad afinal, bem no fundo, um princípio de lealdade autóctone que o levara a associar-se, por razões sentimentais, a elementos, felizmente encontrados, que mais o fariam recordar-se do velho ar e do velho solo? Por que, portanto, criar tamanho alvoroço — Strether talvez pudesse exprimir-se assim — sobre o misterioso fenômeno das *femmes du monde*! Nesse sentido a própria Mrs. Newsome poderia ser considerada uma delas. Bilham na verdade havia declarado que, de perto, as damas dessa espécie se revelam; mas era justo nessa proximidade — estavam agora comparativamente próximos — que ele mais sentia o lado humano e familiar de

Madame de Vionnet. Ela de fato se revelara, e certamente para o alívio de Strether, mas apenas como matéria trivial. Era possível que houvesse motivos ocultos, mas mesmo em Woollett estes haviam de abundar. O único senão foi que, se ela se mostrou disposta a gostar dele — até onde se podia considerar tal suposição abonada pelos motivos ocultos —, teria sido, por outro lado, muito mais emocionante para nosso herói se houvesse revelado uma disposição mais fortemente estrangeira. Ah, não se tratava nem de uma turca nem de uma polonesa! — O que mais uma vez seria evidente para Mrs. Newsome e para Mrs. Pocock. Enquanto isso, porém, uma senhora e dois cavalheiros haviam se aproximado do banco — um incidente que então susteve outros desdobramentos.

O trio de brilhantes estrangeiros logo se dirigiu à sua interlocutora; ela ergueu-se para falar com eles, e Strether notou que a senhora que os acompanhava, posto que madura e de nada bonita, dispunha mais daquele olhar altivo e se achava mais no âmbito da referência luxuosa para o qual ele, como se poderia dizer, havia se preparado. Madame de Vionnet a saudou pelo título de “*duchesse*” e foi, por sua vez, saudada, quando começaram a conversar em francês, como “*ma toute-belle*”; pequeninos fatos que, para Strether, adquiriam valor e interesse, Madame de Vionnet, contudo, não o apresentou — uma nota que lhe soou falsa dentro dos padrões de Woollett e dentro do caráter humano de Woollett; embora tal fato não impedisse a duquesa, que pareceu confiante e senhora de si, muito conforme à ideia que Strether fazia das duquesas, de examiná-lo de alto a baixo — pois *foi* um olhar duro — como se ela quisesse, ainda assim, saber quem ele era. “Oh, sim, meu caro, está tudo certo; sou eu e quem é o senhor, com suas rugas interessantes e seu vistoso nariz (seria o mais belo ou o mais feioso do mundo?)” — Era um buquê como esse de buliçosas flores que ela parecia atirar-lhe, com todo o seu perfume. Strether quase se perguntou — ele chegara a

esse ponto — se a abstenção de Madame de Vionnet não fora suscitada por alguma conjectura sobre a influência de qualquer uma das partes. Um dos cavalheiros, de todo modo, lograra pôr-se em estreita ligação com a acompanhante de nosso amigo; era um sujeito um tanto corpulento e significativamente baixo, que usava um chapéu dobrado de maneira extravagante na aba e uma sobrecasaca abotoada de forma a sugerir um efeito de soberba decisão. Passara do francês para o inglês com rápida desenvoltura; para Strether, não era improvável que fosse um dos embaixadores. Evidentemente procurava granjear a atenção de Madame de Vionnet inteiramente para si, objetivo que alcançou em menos de um minuto — e assim a levou embora com meia dúzia de palavras, um truque administrado com uma arte social que Strether, enquanto observava os quatro darem as costas e partir, sentiu-se incapaz de emular.

Ele tornou a sentar-se no banco e, com os olhos postos no grupo, refletiu, como fizera havia pouco, sobre as estranhas comunidades que Chad conhecia. Durante cinco minutos ficou abandonado a seus pensamentos — e havia muito em que pensar; via sobretudo, de forma clara e indiferente, que outras impressões agora se sobrepunham ao sentimento de ter sido subitamente abandonado por uma mulher encantadora. Jamais sofrerá uma capitulação tão silenciosa; pouco se importava se ninguém mais fosse falar com ele. Era como se, com essa sua atitude, aderisse a um cortejo tão vasto que a falta de cerimônia de que acabara de ser vítima assumisse nesse préstimo sua posição de incidente pouco significativo. Além disso, ainda haveria incidentes o bastante, Strether sentiu quando essa etapa de suas ponderações se encerrou com a reaparição do pequeno Bilham, que num instante se pôs na sua frente com um sugestivo “Bem”? Se se viu refletido na pergunta como uma figura confusa, possivelmente abatida, ele respondeu com um “Bem”! Para provar que não se deixara abater. Claro que não;

quando o moço se sentou a seu lado, ele mostrou que se, na pior das hipóteses o atropelaram, fora para arrojá-lo ao éter, ao mais sublime dos elementos, com o qual tinha afinidade e no qual era certo que pairasse ainda uns tempos. Em nada representou uma descida à terra ele ter dito, no instante seguinte, como reação prolongada à referência: “Está seguro de que o marido está vivo”?

“Ah, sim, meu caro”.

“Mas então...”!

“Mas então o quê”?

No fim das contas, Strether teve de pensar: “Bem, sinto por eles”. Naquele momento, porém, não devotou ao assunto maior atenção. Assegurou a seu jovem amigo que se achava deveras satisfeito. Não se moveriam; estavam bem ali, onde estavam. Não queria ser apresentado a mais ninguém; tivera sua cota de apresentações. Ademais, já vira um mar de gente; gostou de Gloriani, que, como Miss Barrace não parava de dizer, era uma pessoa estupenda; não deixou de avistar a meia dúzia de outros homens notáveis, os artistas, os críticos e, oh, o grande dramaturgo — *este* era fácil de reconhecer; mas não queria — de fato não, obrigado — falar com nenhum deles; pois não só nada tinha a dizer-lhes como também estava cômico de que tudo parecia maravilhoso do jeito que estava; parecia maravilhoso porque já era... bem, já era simplesmente tarde demais. E, quando, em seguida, o pequeno Bilham, sensível e submisso, mas atento à estratégia mais próxima de consolação, disparou um “*Melhor tarde do que nunca*”! Tudo o que obteve em resposta foi um brusco “*Melhor cedo do que tarde*”! Um instante depois, com efeito, essa observação converteu-se para Strether em um fluxo silencioso de protesto que, tão logo o envolveu, proporcionou-lhe um alívio verdadeiro. As águas acumularam-se

em boa consciência, mas o reservatório se enchera depressa demais, e o toque de seu amigo causara a inundação. Coisas havia que, para suceder, precisavam vir à tona a tempo. Se não viessem à tona naquele momento, estariam perdidas para sempre. Foi a sensação gerai que lhe causaram, com seu longo e lento influxo, o que terminou por engolfá-lo.

“Não é tarde demais *para você*, sob qualquer ponto de vista, e não creio que corra o risco de perder o trem; de mais a mais, certamente podemos confiar que as pessoas — sobretudo aqui, segundo me parece, com o relógio da liberdade batendo em alto e bom som — não desprezem o olho das horas fugidias. Mesmo assim, não se esqueça de que é jovem — ditosamente jovem; regozije-se antes com isso e viva à altura. Viva tudo o que puder; é um erro não o fazer. Nem importa tanto o que fizer em particular, desde que leve a vida que escolheu. Se não, que mais *levou*? Este lugar e estas impressões — Por mais que as considere demasiado amenas para açar tanto um homem; todas as minhas impressões de Chad e das pessoas que vi no apartamento *dele* — bem, tornaram o quadro inteiro bastante claro, acabaram de transmitir-me esta mensagem. Agora reconheço. Não vi anteriormente com clareza — e agora estou velho; velho demais de todo modo para o que vejo. Ah, ao menos *posso* ver; e muito mais do que possa parecer ou eu seja capaz de expressar. É tarde demais. E é como se o trem houvesse me esperado condignamente na estação, sem que eu, porém, tivesse o bom-senso de saber que o comboio ali se encontrava. Agora ouço seu apito longínquo, sumindo a quilômetros e quilômetros de distância. O que perdemos, perdemos; não se engane. A questão — quero dizer, a questão da vida — sem dúvida não poderia ser diferente para mim; pois na melhor das hipóteses esta não passa de um molde de estanho, quer seja acanalado e afeitado, cheio de excrescências ornamentais, quer seja liso e terrivelmente sem graça, onde se

despeja essa geleia indefesa que chamamos de consciência — de sorte que assim ‘pegamos’ o formato, como proclama o grande cozinheiro, e, bem ou mal, conservamos esse ajuste compacto; vivemos, em suma, a vida que nos cabe. Ainda assim, é possível possuir a ilusão da liberdade; por isso não deixe de ter, como eu, a memória dessa ilusão. Minha estupidez ou minha inteligência, não sei ao certo, no momento adequado impediu-me de possuí-la. Claro que sou hoje um caso de reação contra esse equívoco; e a voz da reação, sem dúvida, sempre deve ser ouvida com um grão de sal. Mas essa ressalva em nada altera o fato de que a hora certa agora é sua. A hora certa equivale a *qualquer* momento que se tem a sorte de possuir. E você tem de sobra; isso é o principal, você é, como eu disse, com todos os diabos, felizmente, horrivelmente jovem. De qualquer maneira não deixe de aproveitar nada por estupidez. Claro que não o considero um tolo, ou não o atormentaria dessa forma. Faça o que fizer, desde que não cometa o *meu erro*. Pois foi um erro. Viva! ...”. De forma pausada e gregária, numa alternância de pontos finais e travessões, Strether assim se exprimira; capturara aos poucos a atenção do pequeno Bilham, que a cada etapa fora ficando mais sério e taciturno. Ao cabo da preleção o moço assumiu um ar solene, e essa transformação contrapôs-se à inocente alegria que o orador quisera imprimir. Este último, por um instante, observou o resultado de suas palavras; então, colocando a mão no joelho de seu ouvinte, disse, como se procurasse arrematar o discurso com uma pilhéria apropriada: “E agora deixe-me contar como vou ficar de olho em você”!

“Mas não sei se quero ser, na sua idade, assim tão diferente”!

“Ah, cuide entrementes de ser mais divertido”.

Bilham continuou a refletir, mas, no fim, esboçou um sorriso. “Bem, o senhor é divertido — para mim”.

“Impayable, como dizem, sem dúvida. Mas o que eu mesmo penso de mim”?

A essa altura Strether havia se levantado e agora voltava a atenção para um encontro prestes a ocorrer em pleno jardim, entre seu anfitrião e a dama com quem Madame de Vionnet se retirara, quando o abandonou. Essa senhora, que em poucos minutos parecera ter deixado os amigos para trás, aguardava o ansioso avanço de Gloriani com palavras nos lábios cuja enunciação Strether não conseguiu apreender, mas cujo eco ele achou ter decifrado em seu semblante curioso e inteligente. Nosso amigo não duvidava de que ela se dirigia a ele com presteza e cortesia, mas também de que havia encontrado alguém que lhe era páreo e, à luz do que supunha constituir a insolência latente da duquesa, apreciou o bom humor com que o grande artista lançou mão de recursos semelhantes. Pertenceria aquela dupla ao “grande mundo”? — E faria ele próprio, naquele momento, por estar assim relacionado aos dois com essa sua observação, parte dele? Havia algo de sorrateiramente tigrino no grande mundo, algo mesclado à qualidade do gramado e do ar encantador, como uma brisa das selvas. A sensação, contudo, fê-lo admirar ainda mais o casal, fê-lo invejar o tigre macho, de pelo lustroso e magnificamente marcado. Esses disparates produzidos pelos sentidos alterados, frutos da sugestão desabrochando ao sabor do instante, refletiram-se por inteiro nas palavras que em seguida dirigiu ao pequeno Bilham: “Por falar nisso sei bem com quem *eu* gostaria de parecer”!

O moço acompanhou a direção do olhar; mas então, como se com uma ponta de judiciosa surpresa, perguntou: “Com Gloriani”?

Strether na realidade já hesitava, embora não por causa da dúvida afetada por seu companheiro, na qual havia abismos de reserva crítica. Ele acabara de distinguir, na cena agora mais ampla,

algo e alguém a mais; outra impressão sobrepusera-se. Uma moça de vestido branco e chapéu de pluma, igualmente branco, de repente surgira, e o que logo se tornou claro era que ela caminhava em sua direção. Mais claro ainda foi o fato de o belo jovem a seu lado ser Chad Newsome e, mais claro de tudo, portanto, o de ela ser Mademoiselle de Vionnet, moça indubitavelmente formosa — radiante, gentil, tímida, alegre, maravilhosa — e de Chad agora, mediante evidente cálculo, estar prestes a apresentá-la a seu velho amigo. O que decerto apresentou-se como a maior das evidências foi algo a mais, algo diante de cuja pincelada única — não se trataria simplesmente de uma justaposição? — Toda imprecisão desaparecia. Era o clique de uma engrenagem — ele percebia a verdade. Naquela altura seu olhar já havia cruzado com o de Chad, onde renovou sua impressão; e a verdade, dessa forma, no tocante à pergunta de Bilham, fizera-o arrojando a resposta: “Ah, com Chad”! Era com aquele jovem extraordinário que ele gostaria de “parecer”. A ligação virtuosa estaria a seus pés, rogando-lhe a bênção; a qual seria agora concedida — de modo primoroso e intenso — a essa adorável criatura que era Jeanne de Vionnet. Chad a levou diretamente até ele, e Chad se mostrava, ah, sim, naquele momento — para a glória de Woollett ou o que quer que fosse — ainda melhor do que Gloriani. O jovem colhera aquela flor; mantivera-a na água durante a noite; e, por fim, ao brandi-la para a admiração alheia, saboreava o impacto causado. Fora por isso que Strether em princípio sentira a sugestão do cálculo — por isso que, ademais, como agora sabia, o olhar que deitava sobre a rapariga representaria, para o mancebo, um sinal do sucesso deste último. Que moço não ostentaria daquele jeito uma donzela em flor, se não dispusesse de um bom motivo? E, no momento, seu motivo não parecia nada obscuro. O próprio tipo da moça proclamava a plenos pulmões — não se haveria de querer, não se poderia querer, que ela se mudasse para Woollett. Pobre Woollett, e o que a cidade não perderia! — E o admirável Chad

também — e o que ele não ganharia! O admirável Chad havia, contudo, acabado de expressar-se de modo irretocável: “Eu lhe apresento uma boa amiguinha minha que sabe tudo a seu respeito e que tem, ademais, uma mensagem para o senhor. E este, minha cara”, ele se dirigira à moça, “é o melhor homem do mundo, que pode fazer muito por nós e a quem quero que conceda o mesmo afeto e respeito que dedica a mim”.

Ela não se moveu, as faces rubras, ligeiramente assustada, cada vez mais bela e nem um pouco parecida com a mãe. Não havia, quanto a este último ponto, nenhuma similitude, salvo a da juventude que fala à juventude, mas súbito ali residia, a bem da verdade, a impressão mais nítida de Strether. Esta se voltava, perplexa, tímida e aturdida, para a mulher com quem havia pouco conversara; era uma revelação em cuja luz já via a personagem adquirir novo interesse. Tão alva, louçã e esbelta, ela ainda assim ocultara essa outra perfeição; de modo que, para de fato ser possível crer nisso, para considerá-la em estado tão desenvolvido de maternidade, urgia entregar-se à comparação. Ou não seria essa, aliás, a tarefa que agora lhe jogavam sobre os ombros? “Mamãe encarregou-me de comunicar-lhe, antes de partirmos”, a garota explicou, “que ficaria muito feliz de recebê-lo em breve. Ela tem algo importante a lhe dizer”.

“Ela não se perdoa”, Chad interveio, “por terem sido acidentalmente interrompidos quando o senhor lhe dizia as coisas mais interessantes”. “Não é nada”! Murmurou Strether, perdido em conjecturas, fitando um e outro com um olhar cheio de ternura.

“E eu mesma devo perguntar-lhe”, Jeanne continuou com as mãos juntas como se recitasse alguma espécie de breve oração aprendida, “devo perguntar-lhe de minha parte se o senhor realmente virá”.

“Permita-me, minha querida, encarregar-me disso”! Chad declarou com alacridade em resposta ao pedido, enquanto o próprio Strether quase prendia a respiração. Havia de fato na garota alguma coisa demasiado suave, demasiado desconhecida para o trato direto; de forma que só se podia contemplá-la como se a um quadro, a custo contendo o impulso de tocá-la. Mas com Chad estava agora em terreno conhecido — com Chad podia lidar; tão agradável era a confiança que o moço liberalmente exalava sobre esse ponto, como sobre tudo o mais. Seu tom de voz, tratando-o como se já pertencesse à família, traía para seu companheiro toda uma história. Obrigou Strether a adivinhar com maior rapidez que assunto Madame de Vionnet desejaria tratar com tanta urgência. Assim, ao conhecê-lo, ela deve tê-lo achado uma criatura fácil; queria mostrar-lhe a necessidade de descobrir algum arranjo para os dois jovens, um arranjo que não impusesse a condição da transferência da filha. Ele já se via discutindo com essa senhora as vantagens de Woollett como residência para a companheira de Chad. Será que o jovem agora a encarregaria de cuidar do caso — de modo que era com uma das “amigas” de Chad que o missionário materno seria condenado a negociar? Era quase como se, por um instante, os dois homens se encarassem reciprocamente sobre a questão. Mas enfim não lhe escapava o orgulho de Chad na exibição de um tal vínculo. Fora isso que o fizera portar-se daquela maneira quando, três minutos antes, trouxera-o à baila; deixara seu amigo, quando primeiro pusera os olhos nele, impressionado diante de seu ar. Era, em suma, quando enfim sentia que Chad deixava o caso em seu encargo que ele, como antes sugerira ao pequeno Bilham, mais o invejava. Toda a exibição, contudo, não durara mais do que três ou quatro minutos, e o responsável por ela logo explicara que, como Madame de Vionnet já estava “de saída”, permitira-lhe raptar a filha por uns instantes apenas. Todos se reencontrariam de novo muito em breve; enquanto isso, Strether deveria ficar por lá e divertir-se — “Volto para

conversarmos mais longamente”. Ele levou a garota embora como a trouxera e Strether, com o doce e suave eco estrangeiro de seu “*Au revoir, monsieur*”! a soar em seus ouvidos como uma nota quase inaudita, observou-os se distanciarem lado a lado, mais uma vez sentindo como a relação de Chad com aquela moça assim adquiria uma nova inflexão. O casal se perdeu entre os outros convidados, aparentemente entrou na casa; depois do que nosso amigo se virou para o pequeno Bilham a fim de fazê-lo participar da convicção que o assoberbava. Mas este não estava mais ali; naqueles poucos minutos o pequeno Bilham, por razões que não lhe diziam respeito, havia partido; uma circunstância que, a seu modo, não deixou de produzir em Strether um efeito sensível.

III

Daquela vez Chad na realidade não cumpriria sua promessa de voltar; mas Miss Gostrey logo apareceu com uma explicação para a descortesia. Como houvera motivos derradeiros que o obrigaram a partir com *ces dames*, ele instara com ela para que fosse ao jardim zelar por seu amigo. Maria desempenhava seu papel, Strether sentiu enquanto ela sentava a seu lado, de modo a não deixar nada a desejar. Ele havia tornado a desabar no banco, sozinho de novo por algum tempo, e mais cômico da defecção dirigida pelo pequeno Bilham a seus pensamentos não expressos; a respeito dos quais, entretanto, a sua atual interlocutora mostrou-se um repositório ainda mais espaçoso. “É a filha”! Strether havia exclamado quase tão logo a avistou, e, embora sua resposta houvesse tardado a vir, ele pôde no meio tempo sentir em sua amiga o funcionamento dessa verdade.

Quem sabe não estivessem simplesmente, enquanto ela se demorava, ambos na presença de uma verdade que se espraiava como uma inundação, incapaz de ser naquele momento sorvida em uma mera xicarada; pois que mais seriam *ces dames* do que pessoas sobre quem — uma vez cara a cara com elas — Miss Gostrey podia ter-lhe contado quase tudo desde o princípio? Confidência que teria ganhado livre expressão caso ele tivesse tomado a simples precaução de fornecer-lhe os nomes. Não havia exemplo melhor — e ela parecia divertir-se muito com isso — do que o modo como ele, já tendo descoberto tanto por si mesmo, por fim lançava ao vento as precauções remanescentes. Pois elas eram, ela e a mãe da menina, ninguém menos, ninguém mais, que velhas amigas de escola — amigas que, tendo mal se encontrado durante anos, viram-se bruscamente reunidas por essa oportunidade imprevista. Era um alívio, sugeriu Miss Gostrey, sentir que não mais tateava; não estava acostumada a tatear às cegas e, como regra geral, ele devia saber, arrojava-se sem hesitar na direção de sua pista. Com a que agora tinha em mãos pelo menos não precisavam perder tempo com especulações. “Ela virá visitar-me — e é por *sua* causa”, a conselheira de Strether prosseguiu, “mas não preciso da visita para saber exatamente em que pé estou”.

Talvez não precisassem perder tempo especulando; mas Strether como de costume se achava, mesmo então, perdido na imensidão do espaço. “Com isso quer dizer que sabe em que pé ela está”?

Maria hesitou um instante. “Quero dizer que quando ela vier me visitar — agora que me recuperei um pouco do choque — não estarei em casa”.

Strether continuou em dúvida. “Chama isso, seu reconhecimento, de um choque”?

Ela deu uma de suas raras mostras de impaciência. “Foi uma surpresa, uma emoção. Não leve as coisas ao pé da letra. Mas lavo minhas mãos sobre ela”.

O rosto do pobre Strether caiu. “Ela é então impossível...”?

“É ainda mais encantadora do que a lembrança que tinha dela”.
“Então, onde está o problema”?

Ela teve de pesar a explicação. “Bem, sou eu que sou impossível. É impossível. Tudo é impossível”.

Ele a fitou por um instante. “Sei aonde quer chegar. Tudo é possível”. Os dois trocaram um olhar demorado sobre esse ponto; depois, ele continuou: “Não seria por causa daquela bela criança”? Então, como ela ainda não se pronunciara: “Por que se recusa a recebê-la”?

A resposta foi clara e não tardou. “Porque quero ficar longe desse assunto”.

O que o fez soltar um frágil lamento. “Vai abandonar-me *agora*”!

“Não; só abandonarei a *ela*. Madame de Vionnet quer que eu a ajude com o senhor. O que me recuso a fazer”.

“Mas a senhora me ajudará com ela? Bem, então...”!

A maioria dos convidados que antes ali se aglomeraram havia, tendo o chá sido servido, se dirigido para a casa, e os dois ficaram com o jardim quase inteiro para si. As sombras se alongavam, o último chilrear dos pássaros, que haviam fixado residência naquele nobre bairro cheio de espaços vazios, respondia das árvores majestosas dos outros jardins, os do antigo convento e dos velhos

hôtels; era como se nossos amigos houvessem esperado para que o encanto daquele local se revelasse com toda a sua força. As impressões de Strether ainda se faziam presentes; parecia que algo as havia “pregado” em seu cérebro, tornando-as mais intensas; mas ele logo após se perguntaria, naquela noite, o que realmente *havia* acontecido — na medida do possível conservou-se consciente de que, para um cavalheiro apresentado (e apresentado pela primeira vez) ao “grande mundo”, o mundo dos embaixadores e das duquesas, os itens perfaziam uma soma insatisfatória. Não era, porém, novidade para ele, como sabemos, que um homem (um homem como ele, de qualquer modo) pudesse ter uma quantidade de experiência desproporcional a suas aventuras; de modo que, embora sem dúvida não fosse nenhuma grande aventura sentar-se ali com Miss Gostrey e ouvi-la falar de Madame de Vionnet, a hora, o cenário, o imediato, o recente, o possível — assim como o próprio relato, cujas notas, sem exceção, não cessaram de reverberar — conferiram a esses instantes um quê de sabor histórico.

Pois se já não era história, para início de conversa, o fato de a mãe de Jeanne, vinte e três anos antes, em Genebra, ter sido colega de escola e boa amiga de Maria Gostrey, que ademais tivera oportunidade de revê-la — posto que de forma descontinuada e com um longo intervalo recente — em outras conjunturas? Vinte e três anos sem dúvida se passaram para ambas; e Madame de Vionnet — supondo-se que se casara logo após a conclusão dos estudos — não poderia ter, hoje, uma hora menos do que trinta e oito anos. A conta a deixava dez anos mais velha do que Chad — embora dez anos, outrossim, a mais do que ela aparentava ter; a idade mínima, em todo caso, que se podia exigir de uma futura sogra. Ela seria de todas as sogras a mais encantadora; a não ser, de fato, se devido a alguma perversidade ainda insuspeitada, recusasse o parentesco. Certamente não havia nenhuma razão, segundo as recordações de

Maria, pela qual da não pudesse ser encantadora; e isso mesmo a despeito do estigma do fracasso na conjuntura onde o fracasso mais soia transparecer. Não havia dúvida ali — quando realmente houvera alguma? Pois Monsieur de Vionnet fora um bruto. Havia anos vivia separada — o que, por certo, era sempre uma condição abominável; mas a impressão que Miss Gostrey tinha do assunto fora a de que ela dificilmente teria sido mais bem-sucedida caso tivesse de propósito fingido manter relações amistosas com o marido. Tinha um espírito tão benigno que não havia quem a desabonasse, mas este, felizmente, não era o caso do esposo. Ele se mostrava tão impossível que ela, com todos os seus méritos, levava ampla vantagem.

Não se afigurava menos como história, para Strether, que o *comte* de Vionnet — sendo igualmente histórico o título de condessa da dama em questão — devesse assomar naquela ocasião, sob o toque vivido de Miss Gostrey, como um altivo, distinto, refinado e impertinente réprobo, o fruto de uma ordem misteriosa; pertencia ademais à história o fato de a mão da excelente moça, sobre quem sua companheira traçara um retrato tão livre, ter sido dada pela mãe, outra figura de contornos espantosos, movida por obscuras razões pessoais; e era talvez mais do que tudo uma questão histórica a atitude obstinada dessa ordem social, que se regia por considerações tais que descartava a possibilidade de um divórcio. “*Ces gens-là* não se divorciam, sabe, assim como não emigram nem abjuram sua religião — para eles trata-se de algo ímpio e vulgar”; uma circunstância em cuja luz mais se lhe percebia a rica peculiaridade. Tudo parecia especial; para a imaginação de Strether tudo importava em uma riqueza maior ou menor. A moça da escola genebrina, uma criatura doce, interessante e solitária, depois a um só tempo sensível e violenta, atrevida, mas sempre perdoada, era filha de um francês com uma inglesa, que, tendo cedo enviuvado, de novo se casara —

de novo com um estrangeiro; em cuja convivência aparentemente não dera à filha nenhuma mostra de consolação. Tratava-se de gente — a gente do lado da mãe inglesa — de feição mais ou menos proeminente; embora também dotada de excentricidades e disparidades de tal sorte que, desde aquela época, sempre fizera Maria, quando pensava neles, perguntar-se qual era a toada daquela família. Ela de todo modo estava persuadida de que a mãe, interesseira e com uma queda para a aventura, não agira de boa-fé, só quisera livrar-se o mais rápido possível de toda responsabilidade real ou hipotética. O pai, nessa sua visão, um francês de nome conhecido, representava um caso distinto: ela se recordava com clareza de que ele havia deixado na criança uma lembrança terna, assim como uma fortunazinha assegurada que, infelizmente, fez com que ela se tornasse depois uma espécie de presa fácil. Na escola, em particular, ela revelara dispor de uma incrível inteligência (embora não do tipo erudito); poliglota como uma judiazinha (o que ela não era, oh, não!), e tagarelando em francês, inglês, alemão, italiano, em todas as línguas possíveis, conquistou uma trajetória impecável, se não na obtenção de prêmio e diplomas, ao menos no desempenho de todos os “papéis”, quer tivessem sido aprendidos de cor, quer de improviso, oferecidos pelo contido e fantasioso repertório escolar e, em especial, daqueles apresentados por todos os mistérios da raça e por todas as referências indistintas, por toda fanfarronice acerca de um “lar”, entre outras possibilidades congêneres.

Sem dúvida teria sido difícil hoje em dia, entre ingleses e franceses, designá-la e situá-la na sociedade; ela certamente se revelaria à experiência, conforme sentia Miss Gostrey, como uma daquelas figuras convenientes que dispensam explicações — espíritos com portas tão numerosas quanto a multilinguista rede de confessionários da catedral de São Pedro. Podia confessar-se a ela em romeliota, se lhe aprouvesse, e até mesmo os pecados romeliotas.

Portanto...! Mas sua narradora encobriu suas implicações com um riso; um riso graças ao qual Strether também conseguiu dissimular a sensação de tristeza que o quadro lhe provocara. Por uns instantes ele se perguntou, enquanto sua amiga tornava ao assunto, quais pecados seriam exatamente estes da Romélia. Maria de qualquer modo prosseguiu, contando que esbarrara com a jovem — mais uma vez nas proximidades de algum lago suíço — quando esta se encontrava ainda em seu primeiro estágio matrimonial, o qual não parecera, durante aqueles poucos anos intermediários, ter sido excessivamente perturbado. Sua antiga colega de escola se mostrara adorável naquele momento, para *ela* em especial, cheia de reações emotivas, de lembranças deleitosas e de lembretes divertidos; e então, quando a vira outra vez, muito depois, após um longo intervalo, ela se revelara igualmente encantadora, mas de uma maneira diferente — comovente e um pouco intrigante naqueles cinco minutos em uma estação de trem *en province*, durante os quais deixara transparecer que sua vida havia sofrido uma completa transformação. Miss Gostrey compreendera o bastante para perceber, em essência, o que acontecera e, todavia, condignamente devaneara que a amiga em si se mantivera irreprochável. Decerto havia abismos naquela mulher, mas ela escapara sem desdouro; Strether logo veria se não era verdade. Tratava-se de outra pessoa, contudo — isso ficara logo evidente muito diferente daquela pequena filha da natureza que alegrara a escola genebrina; uma criatura bastante transformada (como ocorria com as estrangeiras, em oposição às americanas) pelo casamento. A situação de Madame de Vionnet naturalmente já então se acertara; deve ter havido — tudo eram conjecturas — uma separação judicial. Ela se fixara em Paris, trouxera a filha, tocara o barco. Não era nenhum barco muito agradável — especialmente ali — de ser manobrado; mas Marie de Vionnet não perdera o prumo. Decerto possuiria amigos — e amigos excelentes. Lá estava ela de todo modo — e tudo era muito

interessante. O fato de ter conhecido Mr. Chad não provava de forma alguma que não tinha amigos; apenas indicava a qualidade dos amigos que *ele* tinha. “Dei-me conta disso”, afirmou Miss Gostrey, “naquela noite no Français; três minutos me bastaram para compreender. Era como se *a* visse — ou alguém como ela. E ao senhor também não deve ter escapado”, sua interlocutora imediatamente acrescentou.

“Ah, não... não vi ninguém como ela”! Strether retrucou, rindo. “Mas quer dizer”, ele logo prosseguiu, “que essa mulher exerceu tamanha influência sobre ele”?

Miss Gostrey havia se levantado; era hora de partirem. “Ela o preparou para a filha”.

Como tantas outras vezes, seus olhos se cruzaram longamente em franca conferência, através das lentes dos óculos, sobre o ponto em questão; em seguida, Strether tornou a lançar o olhar sobre a cena. Estavam inteiramente a sós agora. “Não teria sido ela que — na época — precipitou os eventos”?

“Ah, com certeza não perdeu um minuto. Mas esse é apenas o lado da boa mãe — a boa mãe francesa. Não esqueça isso acerca dela — que, como mãe, ela é francesa, e que, a essas mulheres, a providência concedeu um talento especial. Contudo, o fato de não ter sido capaz de iniciar com tanta antecedência quanto gostaria faz com que seja grata a todo tipo de ajuda”.

Strether ponderou a informação à medida que se dirigiam para a residência, a caminho da saída. “Ela, então, conta comigo para realizar seu plano”?

“Sim, ela conta com o senhor. Oh, e em primeiro lugar, é claro”, Miss Gostrey acrescentou, “conta com que seja capaz de... bem, de

convencê-lo”.

“Ah”, seu amigo volveu, “ela pôs as mãos em Chad quando ele ainda era jovem”!

“Sim, mas há mulheres que servem para todas as ‘estações da vida’. São do tipo mais extraordinário”.

Ela rira ao proferir aquelas palavras — as quais, porém, em seguida, também fizeram seu companheiro estacar. “Quer dizer com isso que ela tentará me fazer de tolo”?

“Bem, pergunto-me o que ela fará, dada a oportunidade”.

“O que está chamando de oportunidade”? Strether indagou. “A visita que eu farei a ela”?

“Ah, é preciso que vá a seu encontro...”. Miss Gostrey mostrou-se ligeiramente evasiva. “Não pode deixar de visitá-la. Teria ido ao encontro de outra mulher. Quero dizer, caso tivesse havido uma — de um tipo diferente. Foi para isso que veio”.

Talvez fosse verdade; mas Strether fez a distinção. “Não para ver esse tipo”.

Dessa vez ela cravou-lhe um olhar extraordinário. “Está desapontado por ela não ser pior”?

Por um momento ele sopesou a hipótese; então encontrou para ela a mais simples das respostas. “Sim. Se ela fosse pior, teria sido melhor para os nossos propósitos. Teria sido mais fácil”.

“Talvez”, ela admitiu. “Mas agora não será mais agradável”?

“Ah, a senhora sabe”, ele rapidamente volveu, “não me abalei para cá — não foi exatamente esta, aliás, a acusação que me fez? — A fim de me dedicar ao que é agradável”.

“Exato. Por isso repito o que disse no início. Deve tomar os fatos da forma como se apresentam. Além disso”, observou Miss Gostrey, “não temo por mim”.

“Pela senhora...”?

“Que o senhor vá visitá-la. Ela nada dirá sobre mim. De fato, não há o que *possa* dizer”.

Strether ponderou — embora o detalhe quase tivesse lhe escapado. Então disparou: “Ah, vocês, mulheres”!

Algo no motejo a fez corar. “Sim, aí estamos. Nós, os abismos”. Por fim, ela sorriu. “Aposto minha sorte nela”.

Ele se animou, “Pois então eu também”! Mas emendou, quando entraram na residência, que a primeira coisa que faria pela manhã seria ver Chad.

Essa foi a primeira coisa mais facilmente efetuada, pois o moço, como acabou sucedendo, apareceu no hotel mesmo antes de Strether descer para o desjejum. De hábito Strether tomava o café no salão principal; mas, quando Chad o viu descer para esse propósito, imediatamente sugeriu que fossem para um lugar que, como disse, lhes desse maior privacidade. Ele também não tomara nada — podiam ir a algum lugar juntos; e quando, após um curto trajeto ao bulevar, viram-se sentados, para a propalada maior privacidade, em meio a vinte outras pessoas, nosso amigo percebeu que, por trás da manobra de seu companheiro, havia um temor de que Waymarsh aparecesse. Fora a primeira vez que Chad revelara tamanho esforço

para “desvencilhar-se” desse personagem; e Strether se viu perguntando do que essa atitude seria sintomática. Logo descobriu que o jovem demonstrava uma boa-fé para ele até então nunca manifestada; o que, por sua vez, lançou uma luz talvez ligeiramente perturbadora sobre o que cada um vinha até então reputando como sinal de boa-fé. Era agradável pensar, todavia, que a coisa real — se aquela *fosse*, por fim, a coisa real — fosse justamente determinada, conforme parecia, pelo incremento da importância de Strether. Pois foi essa a conclusão a que rapidamente chegou — que Chad, levantando com as galinhas, corra para contar-lhe, enquanto a consciência matutina ainda estava fresca, que ele literalmente causara, na tarde anterior, uma tremenda impressão. Madame de Vionnet não descansaria, não poderia descansar, enquanto não lhe assegurasse que *aceitaria* seu convite para uma visita. Esse anúncio feito por Chad, sobre o tampo de mármore da mesa, enquanto a espuma do leite quente ainda borbulhava em suas xícaras e seu chape-chape ainda ecoava no ar, foi acompanhado pelo sorriso da mais pura urbanidade; e essa expressão em seu semblante fez com que as dúvidas de nosso amigo confluíssem, de imediato, a um repto verbal. “Veja bem” — isso foi tudo; por um momento tudo o que fez foi repetir o seu “veja bem”. Chad reagiu com todo o seu ar de franca inteligência, enquanto mais uma vez ocorria a Strether a imagem associada à primeira impressão que teve do moço, a do jovem e feliz pagão, belo e duro, mas também estranhamente indulgente, cuja misteriosa medida ele se esforçara, sob o lampião da rua, por reter. Para o jovem pagão, durante o longo olhar que ambos trocaram, foi o bastante. Strether nem precisaria ter dito mais nada. “Gostaria de saber em que pé me encontro”. Mas ele, sem esperar nenhuma resposta, acrescentou algo mais ao seu pedido. “Você comprometeu casar-se — é esse o seu segredo — com aquela moça”?

Chad meneou a cabeça com lenta afabilidade; era um dos seus modos de sugerir que havia tempo para tudo. “Não tenho nenhum segredo — embora possa tê-los! De qualquer maneira não tenho esse segredo. Não estamos comprometidos. Não”.

“O que o está tolhendo, então”?

“Quer dizer por que já não embarquei com o senhor”? Chad, começando a sorver seu café e passando a manteiga em seu pão, estava pronto para explicar. “Nada me teria convencido — nada ainda me convence — a não o manter aqui pelo tempo que consiga fazê-lo ficar. É visível o bem que a estada lhe faz”. O próprio Strether tinha muito a dizer sobre esse ponto, mas também era divertido medir a marcha da entonação de Chad. Ele nunca se mostrara mais como um homem do mundo do que naquele momento, e nosso amigo nunca perdia de vista, quando estava em sua companhia, que escava observando como, em sucessivas conexões, uma dessas personalidades se comportava. Chad manteve a classe. “Minha ideia — *voyons!* — é simplesmente que o senhor permita que Madame de Vionnet o conheça, simplesmente que o senhor consinta em conhecê-la. Posso lhe dizer com toda a tranquilidade que a tenho, mulher inteligente e encantadora que é, em alta conta. Tudo o que peço é que a deixe falar. O senhor me perguntou, em suas palavras, o que me tolhia e, bom, ela lhe explicará tudo a respeito. É ela, com mil diabos, se quer mesmo saber, que me tolhe. Mas em um sentido”, ele apressou-se da maneira mais extraordinária a emendar, “que o senhor descobrirá por si mesmo. Ela é uma excelente amiga, raios que a partam. Boa demais, quero dizer, para que eu vá embora sem... sem...”. Era sua primeira hesitação.

“Sem o quê”?

“Bem, sem estipular de uma maneira ou de outra os malditos termos do meu sacrifício”.

“Será um sacrifício, então”?

“Será a maior perda que já sofri. Eu lhe devo muitíssimo”.

Foi bela a maneira como Chad se expressou; agora, sua justificativa confessadamente adquiria — ah, de modo público, flagrante — um novo interesse. Para Strether o momento ganhava intensidade. Se Chad, então, devia tanto a Madame de Vionnet, que mais isso implicava do que o esclarecimento de todo o mistério”? Ele lhe devia as mudanças, e ela conseqüentemente se achava na posição de enviar a nota pelas despesas relativas à metamorfose. Que mais havia no fundo do que a conclusão à qual urgia chegar? Strether chegou a ela, sentado ali, enquanto mastigava um pedaço de torrada e mexia sua segunda xícara de café. E chegar a ela com o encorajamento do rosto honesto e agradável de Chad implicava cumprir outros pré-requisitos. Não, decerto nunca antes estivera na iminência de tomar aquele moço por quem ele era. Pois o que era aquilo que assim se esclarecera? Ora, tão somente o caráter de cada um; ou seja, de todos exceto — em certa medida — o do próprio Strether. Ele sentiu que todas as coisas ruins que suspeitara e nas quais acreditara por um instante enodoavam-*lhe* o caráter. A pessoa a quem Chad devia o fato de ter podido converter-se em um conforto para os outros — tal pessoa estava acima de qualquer suspeita, por causa da natureza de sua conquista e do brilho ininterrupto emitido pelo rapaz. Todas essas considerações, bastante nítidas, surgiram e desapareceram com a mesma rapidez; muito embora, ainda em meio a elas, Strether tenha sido capaz de formular uma pergunta: “Tenho sua palavra de honra de que, se me submeter à Madame de Vionnet, você se submeterá a mim”?

Chad pousou a mão firme sobre a de seu amigo. “Estamos de acordo, meu bom homem”.

Houve enfim algo quase embaraçoso e opressivo na felicidade que ele exibía — Strether começara a impacientar-se sob seu peso, como que em busca do ar puro e da postura ereta. Ele havia sinalizado ao garçom que gostaria de pagar a conta, e essa operação levou alguns instantes, durante os quais sentiu, enquanto dava o dinheiro e fingia — era muito pouco — avaliar o troco, que o estado de espírito mais animado de Chad, sua juventude, sua prática, seu paganismo, sua felicidade, sua confiança, sua impudência, fosse o que fosse, havia cientemente lavrado um tento. Bem, até então nada havia de errado nisso; por um minuto a impressão que teve da matéria em apreço cobriu nosso amigo como um véu através do qual — como se o som viesse abafado — ouviu seu interlocutor indagar se não poderia levá-lo para lá por volta das cinco. “Lá” se referia ao outro lado do rio, onde Madame de Vionnet morava, e “cinco” aludia àquela mesma tarde. Eles afinal saíram do restaurante — saíram antes de Strether responder. Na rua ele acendeu um cigarro, ganhando mais tempo. Mas já se dera conta de que o tempo não estava a seu favor. “O que ela quer de mim”? Em breve demandara.

Chad retorquiu sem pestanejar. “Tem medo dela”?

“Ah, muitíssimo. Não percebe”?

“Bem”, disse Chad, “o pior que ela pode fazer é ganhar sua afeição”. “É justamente disso que tenho medo”.

“Então não está sendo justo comigo”.

Strether ponderou: “Estou sendo justo com sua mãe”.

“Ah”, retrucou Chad, “tem medo *dela*”?

“Um pouco menos. Ou talvez ainda mais. Mas essa senhora se opõe a seus interesses domésticos”?

“Não de forma direta, sem dúvida; mas ela se mostra amplamente favorável aos daqui”.

“E quais são os que ela considera daqui”?

“Ora, os das boas relações”!

“Com ela mesma”?

“Com ela mesma”.

“E o que as torna tão boas”?

“O quê? Bem, é exatamente isso que o senhor descobrirá se consentir, como estou lhe implorando, em ir a seu encontro”.

Strether fitou-o com um resto da palidez que, sem dúvida, a perspectiva de haver algo mais a “descobrir” ajudou a promover. “Quero dizer, são boas, *como*”?

“Ah, são terrivelmente boas”.

Strether mais uma vez fraquejou, mas foi por pouco tempo. Se nada havia de errado, também nada havia agora que não estivesse decidido a arriscar. “Perdoe-me, mas, como disse no início, preciso saber onde estou. Trata-se de uma mulher má”?

“Má”? Chad repetiu, mas sem traír emoção. “É isso que está implícito...”?

“Quando se trata de boas relações”? Strether sentiu-se um pouco ridículo, e até mesmo se deu conta de que soltou uma risada sem graça ao ver-se acusado de dizer algo como aquilo. A que

realmente se referia? Seus olhos estavam tranquilos; agora contemplavam a cena em derredor. Mas alguma coisa dentro dele o fez tornar a si, embora ainda sem saber o que dizer a seu jovem amigo. As duas ou três respostas que cogitara, e uma das quais em particular, eram feias demais, mesmo à revelia de todos os escrúpulos. No entanto, por fim encontrou algo. “Ela leva uma vida sem máculas”?

Tão logo a ouviu pronunciada, a frase soou pomposa e pretenciosa; tanto que ficou feliz quando Chad a tomou apenas no sentido apropriado. O moço foi tão direto ao ponto que o efeito de sua afirmação quase que proporcionou um alívio verdadeiro. “Absolutamente sem máculas. Trata-se de uma bela existência. *Allez donc voir*”!

Estas últimas palavras continham, na prodigalidade de sua segurança, um senso tão imperioso que Strether não acrescentou nenhum tipo de assentimento; mas, antes de se separarem, haviam confirmado que Chad viria apanhá-lo aos quinze para as cinco.

Livro Sexto

I

FOI EXATAMENTE às cinco e meia — depois de os dois homens terem permanecido na sala de estar de Madame de Vionnet por não mais que uns dez minutos — que Chad, com uma olhadela em seu relógio e outra para sua anfitriã, disse de modo jovial e alegre: “Tenho um compromisso, e sei que não se zangará se o deixar a seus cuidados. Meu amigo a interessará imensamente; e quanto a ela”, ele votou-se para Strether, “asseguro-lhe, caso esteja com algum temor, que está perfeitamente a salvo”.

Ele partiu, deixando que ficassem incomodados ou não, segundo melhor se saíssem, com a garantia oferecida, e o incômodo não era algo que Strether em princípio tinha certeza de que Madame de Vionnet conseguisse evitar. Ele próprio, para sua surpresa, conseguiu; mas àquela altura já se havia acostumado a pensar em si mesmo como um homem desprovido de pudor. Ela ocupava, sua anfitriã, na *Rue de Bellechasse*, o primeiro andar de uma antiga residência ao qual nossos visitantes tiveram acesso por um pátio velho e bem cuidado. O pátio era amplo e aberto, cheio de revelações para nosso amigo sobre o costume da privacidade, o sossego dos espaços intermediários, a dignidade das distâncias e das aproximações; a casa, para seu espírito inquieto, correspondia ao estilo nobre e despretensioso dos dias de antanho, e a velha Paris da qual ele estava em perpétua procura — cuja presença às vezes sentia de modo intenso, cuja falta às vezes percebia com intensidade ainda

maior — estava no polimento imemorial da larga escadaria e nas *bels boiseries*, nos medalhões, frisos e espelhos, nos vastos espaços vazios do salão branco-acinzentado que lhe fora franqueado. Logo de início julgou enxergar Madame de Vionnet em meio de haveres que não se espalhavam em vulgar prodigalidade, mas denotavam um caráter hereditário, estimado, encantador. Enquanto despregava um pouco os olhos dos de sua anfitriã e Chad falava com desenvoltura — não acerca dele, mas de outras pessoas, gente que não conhecia, e era como se conhecesse percebeu que procurava atinar, na formação de sua ocupante, com algum tipo de glória e de prosperidade do Primeiro Império, uma espécie de esplendor napoleônico, um lustre esmaecido da grandiosa lenda; elementos que ainda se apegavam às cadeiras consulares e esculturas em bronze de seres mitológicos, aos bustos de esfinge e superfícies desgastadas de cetim lavradas com faixas alternadas de seda.

O lugar em si era ainda mais antigo — isso, ele adivinhou, pois a velha Paris continuava de certa maneira a ecoar ali; mas o período pós-revolucionário, o mundo que vagamente associava com o de Chateaubriand, de Madame de Staël ou mesmo do jovem Lamartine, deixara sua marca nas harpas, urnas e archotes, marca que se via impressa nos mais diversos e pequenos objetos, ornamentos e relíquias. Até onde recordava era a primeira vez que se achava na presença de relíquias (de qualquer importância) de uma ordem privada — antigas miniaturas, medalhões, retratos, livros; livros encadernados em couro, em cor tirante ao rosa e ao verde, com ornatos dourados na lombada, dispostos, de par com outros pertences indiscriminados, atrás do vidro de estantes com orladuras de bronze. A Strether não escaparam todos esses detalhes, que se distinguiam entre os aspectos que marcavam a diferença entre o apartamento de Madame de Vionnet e o pequeno museu de barganhas de Miss Gostrey e a adorável residência de Chad. Viu que

o primeiro se fundava muito mais em velhas acumulações possivelmente reduzidas de tempos em tempos do que em qualquer método contemporâneo de aquisição ou forma de curiosidade. Chad e Miss Gostrey haviam vasculhado e comprado e colhido e permutado, peneirando, selecionando e comparando; ao passo que a senhora da cena que se descortinava em sua frente, primorosamente passiva sob o fascínio da transmissão — transmissão pela linha paterna, ele já se decidira apenas se limitara a receber e a aceitar, imperturbável. Quando se deixara perturbar, fora no máximo por um impulso de socorrer em segredo alguma fortuna em dificuldade. Strether até mesmo podia imaginar que a necessidade tivesse obrigado essa senhora ou algum de seus antepassados a apartar-se de certos objetos, mas não cogitava a hipótese de nenhum deles ter vendido peças antigas para adquirir outras “melhores”. Essa gente não fazia diferença entre melhor e pior. Só podia concebê-la sentindo — talvez durante um período de emigração ou de gredo, pois sua imaginação era limitada e confusa nesse ponto — a pressão da escassez ou a obrigação do sacrifício.

A pressão da escassez — fosse qual fosse o papel do segundo fator — não se mostrava, contudo, presente naquele momento, pois os indícios de uma relativa comodidade afinal ainda abundavam, sinais diversos de um gosto cujas preferências talvez pudessem ser tachadas de excêntricas. Strether adivinhou pequenas predileções e exclusões, marcadas, porém, por uma profunda desconfiança referente à vulgaridade e uma postura bastante particular quanto à correção. O resultado geral de tudo isso era algo para o qual, na ocasião, não atinou com um nome para dar, mas que teria chegado mais perto de classificá-lo se o descrevesse como o ar da suprema respeitabilidade, a consciência, pequena, tranquila, reservada, mas ainda assim distinta e difundida, de uma honra pessoal. O ar da suprema respeitabilidade — tratava-se de um muro estranho e

indistinto contra o qual viera chocar-se na esteira de sua aventura. Esse ar na verdade, como ele agora percebia, acompanhara-o durante sua chegada, pairando no pátio quando o atravessara, flutuando na escada quando a galgara, soando no ribombo grave da velha sineta, a menos elétrica possível, cuja borla, antiga, mas bem conservada, Chad puxara, quando se detiveram à porta; compunha, essa atmosfera, em suma, o grau mais evidente de seu tipo específico que ele jamais tivera oportunidade de sentir. Ao cabo de um quarto de hora ele teria afiançado a esse respeito que algumas das vitrinas continham espadas e dragonas de vetustos coronéis e generais; medalhas e insígnias pregadas sobre corações que havia muito cessaram de bater; caixinhas de rapé concedidas a ministros e emissários; exemplares de obras presenteadas, com dedicatórias por autores hoje clássicos. No fundo sentia como Madame de Vionnet era diferente das mulheres que conhecera. O sentimento havia crescido, desde o dia anterior, à medida que se lembrava dela, e fora particularmente alimentado pela conversa que tivera com Chad naquela manhã. Tudo em resumo reforçava a novidade daquela dama, e nada lhe parecia mais novo do que aquela velha casa e os velhos objetos. Havia livros, dois ou três, em uma mesinha próxima de sua cadeira, mas estes não tinham as capas cor de limão com as quais seus olhos haviam começado a flertar desde que chegara e a cuja oportunidade de maior contato ele havia, já fazia quinze dias agora, completamente sucumbido. Em outra mesa, do outro lado do cômodo, avistou a famosa *Revue*; contudo, mesmo esse rosto familiar, conspícuo nos salões de Mrs. Newsome, ali mal representava uma nota moderna. No mesmo instante supôs — e depois soube que estava certo — que se tratava de um toque conferido pelas mãos de Chad. O que diria Mrs. Newsome do fato de que a “influência” interessada do filho mantinha sua espátula entre as páginas daquela revista? A influência interessada em todo

caso tinha, como se diz, ido direto ao ponto — na verdade, logo deixara a publicação de lado.

Ela estava sentada, junto à lareira, em uma pequena cadeira estofada e ataviada de franjas, um dos poucos itens modernos que havia naquela sala; e mantinha as costas firmes no encosto, as mãos espalmadas no colo, sem exibir nenhum movimento, em todo o corpo, salvo os ligeiros e refinados reajustes de expressão em seu semblante jovem e concentrado. O fogo, sob o mármore nu, baixo e acadêmico, havia queimado por completo, e a lenha se reduzira a cinzas prateadas; uma das janelas, a distância, abria-se para a paisagem amena e imóvel, de onde, em intervalos curtos, ouvia-se o som tênue, agradável e familiar, quase rústico, do chape-chape e estrepitar dos *sabots* de alguma cocheira do outro lado do pátio. Madame de Vionnet não moveria um milímetro durante a entrevista com Strether. “Não creio que o senhor acredite seriamente no que está fazendo”, ela disse; ‘mas estou mesmo assim disposta a tratá-lo como se estivesse’.

“Quer dizer com isso”, Strether logo redarguiu, “que a senhora mesma não acredita! Por mim posso assegurar-lhe que o modo como me trata não faz a menor diferença”.

“Bem”, ela disse, aceitando a ameaça com uma atitude suficientemente corajosa e filosófica, “a única coisa que realmente importa é que o senhor se dê bem comigo”.

“Mas não se trata disso”! Ele retorquiu de pronto.

A resposta imprimiu outra pausa na conversa; a qual, porém, ela interrompeu com bom humor. “Consentiria em acompanhar-me um pouco... provisoriamente... como se se tratasse”?

Foi então que percebeu como Madame de Vionnet havia decidido conduzir todo o jogo; e essa certeza foi acompanhada por uma extraordinária sensação de que ela soerguia de algum lugar abaixo dele seus belos olhos suplicantes. Era como se Strether se aboletasse à soleira de sua porta, ou à janela, e ela estivesse de pé na estrada. Por um momento deixou que a dama permanecesse ali e não conseguiu, de mais a mais, dar com a palavra. De súbito, toda a situação lhe pareceu triste, de uma tristeza que era como um sopro gélido em sua face. “Que mais posso fazer”, finalmente respondeu, “senão ouvi-la como prometi a Chadwick”?

“Ah, mas o que lhe estou pedindo”, ela volveu, de pronto, “não é o que Mr. Newsome tinha em mente”. Strether percebeu que sua interlocutora agora falava como se estivesse disposta a correr *todo* o risco. “Essa é uma ideia minha e constitui algo bem diferente”.

Na verdade, a réplica de Madame de Vionnet forneceu a Strether — por mais que o pusesse inquieto — algo da alegria ligada à confirmação de uma hipótese temerária. “Bem”, respondeu com suficiente candura, “faz algum tempo me dei conta de que a senhora havia topado com uma ideia própria”.

Ela ainda parecia fitá-lo como se de uma posição inferior, mas agora com maior serenidade. “Logo percebi a sua convicção — e isso me ajudou a confessar. Vê, portanto”, continuou, “como nos damos bem”?

“Ah, mas não me parece que atendi o seu pedido. Como poderia, se nem mesmo o compreendo”?

“Não é absolutamente necessário que compreenda; basta que não se esqueça. Saiba somente que confio no senhor — e não é por

nada afinal tão tremendo assim. Apenas”, ela afirmou com um sorriso maravilhoso, “por uma questão de cortesia comum”.

Strether fez uma longa pausa enquanto mais uma vez se sentavam face a face, como haviam se sentado, em um estado quase tão consciente, antes de a pobre dama ter atravessado a correnteza. Para nosso amigo ela agora representava a pobre dama porque claramente estava com algum tipo de problema, e o apelo que lhe fazia apenas podia significar que a dificuldade era grande. Ele não pôde evitá-lo; não era sua culpa; não havia feito nada; contudo, mediante o mínimo esforço, Madame de Vionnet havia transformado o encontro de ambos em um relacionamento. E o relacionamento se beneficiava de uma série de fatores que não estavam estritamente nele e por causa dele; havia o próprio ar em que se encontravam, a bela sala fria e delicada, o mundo exterior e o tênue chapinhar na praça, o Primeiro Império nos armários rígidos; beneficiava-se de aspectos tão distantes quanto estes e de outros bastante próximos como o fato de as mãos de sua interlocutora ainda estarem firmemente presas ao colo e o jeito de seu semblante mostrar-se mais natural quando os olhos se punham mais fixos. “A senhora decerto conta comigo para algo realmente muito maior do que está parecendo”.

“Ah, mas se já me parece bastante grande”! Ela exclamou, rindo. Ele esteve a ponto de chamá-la, como Miss Barrace, de estupenda; mas, contendo-se a tempo, acabou dizendo outra coisa: “O que Chad pretendia então que a senhora me revelasse”?

“Ah, Chad pretendia o que todo homem pretende; jogar toda a responsabilidade sobre a mulher”.

“A mulher’...”? Strether repetiu lentamente.

“A mulher de quem ele gosta... e apenas na medida da afeição que tem por ela. Na medida também — para ver a questão por outro ângulo — da afeição que ela tem por ele”.

Strether seguiu o raciocínio; então, com uma brusquidão peculiar: “E até que ponto vai sua afeição por Chad”?

“Apenas até este ponto — de assumir toda a responsabilidade diante do senhor”. Mas ela, de repente, mais uma vez mudou de assunto. “Estou aflita como se todo o nosso êxito ou nosso fracasso dependesse do que o senhor pensa de mim; e mesmo se agora consigo respirar um pouco”, ela prosseguiu de modo admirável, “sim, se na verdade me encho de coragem, é porque tenho a esperança de que não lhe pareço de todo impossível”.

“Se diz isso é evidente que eu mesmo não lhe pareço impossível”, “Bem”, ela até aí concordava, “como o senhor até agora não se recusou a ter comigo a paciência que lhe pedi...”

“A senhora chegou a esplêndidas conclusões? Perfeitamente. Mas continuo sem compreendê-las”, Strether insistiu. “Parece-me que me pede muito mais do que precisa. O que, na pior das hipóteses para a senhora, o que, na melhor das hipóteses para mim, posso fazer afinal? Não posso usar de nenhuma pressão de que já não tenha usado. Seu pedido realmente chegou tarde. Fui, dentro das minhas possibilidades, até onde o caso permite. Disse a que vim, e aqui estou”.

“Sim, aí está o senhor, para nossa sorte”! Madame de Vionnet disse, rindo. “Mrs. Newsome”, ela emendou em um tom bem diferente, “não podia imaginar que o senhor fosse capaz de fazer tão pouco”.

Ele hesitou um pouco, mas acabou dizendo: “Bem, ela agora pode”. “Quer dizer com isso...”? Mas ela também vacilou.

“O que quero dizer”?

Ela ainda titubeou. “Desculpe-me se toco no assunto, mas por que não poderia, já que estou falando de coisas extraordinárias? Além disso, não deveríamos saber”?

“Saber o quê”? Ele perseverou, já que ela, após ter assim tergiversado, mais uma vez se interrompeu.

Madame de Vionnet empreendeu o esforço. “Ela desistiu do senhor”?

Ele se surpreenderia depois ao ver como abordara a questão com calma e simplicidade. “Ainda não”. Era quase como se estivesse ligeiramente desapontado — esperava muito mais da autodeterminação de sua interlocutora. Mas prosseguiu: “É isso que Chad lhe disse que aconteceria comigo”?

Ela ficou evidentemente encantada com sua maneira de ver as coisas. “Se quer dizer se conversamos sobre isso — é evidente que sim. E a questão não teve nada a ver com meu desejo de falar com o senhor”.

“Para saber se sou o tipo de homem de quem uma mulher pode...”?

“Exatamente”, ela exultou... “que perfeito cavalheiro o senhor é! Eu sei... eu sabia. Nenhuma mulher pode. O senhor está a salvo... e tem todo direito de estar. E ficaria muito mais feliz se conseguisse convencer-se disso”.

Strether calou-se por uns instantes; quando falou em seguida, percebeu que havia, na segurança de sua resposta, um cinismo cujas causas não soube precisar. “É do que tento convencer-me. Mas é incrível”, exclamou, “que a *senhora* já tenha percebido tudo”!

Ah, ela podia responder. “Lembre-se de que, antes de conhecê-lo, já estava no caminho certo, graças a Mr. Newsome. Ele confia plenamente em sua força de caráter”.

“Bem, sou capaz de suportar quase tudo”! Nosso amigo interrompeu com rapidez. O sorriso voltou, belo e profundo, ao rosto dela, e com o resultado de fazê-lo ouvir o próprio comentário exatamente do modo como ela ouvira. Não lhe foi difícil deduzir que o comentário o entregava, mas não era isso o que tudo o mais representava? Era muito bonito imaginar em certas ocasiões que a submetia pela força: mas o que ele fizera até aquele momento fora fazê-la praticamente entender que aceitava a ligação entre ela e Chadwick? O que significava aquela ligação, ademais — posto que ligeira e circunstancial como aparentava ser — senão aquilo que ela pretendia que fosse? Nada poderia impedi-la — ele certamente seria incapaz — de torná-la agradável. Bem no fundo, por trás de tudo, estava a impressão de que Madame de Vionnet era — ali, diante dele, perto dele, de uma forma vivida e imperiosa — uma daquelas mulheres extraordinárias das quais ouvira falar com tanta frequência, sobre as quais lera e com as quais sonhara, mas com as quais, até aquele instante, nunca travara conhecimento, uma mulher cuja própria presença, feição, voz, cujo mero fato contemporâneo, do momento em que todo o quadro se apresentava, impunha-se como uma relação reconhecível. Esse jamais fora o caso de Mrs. Newsome, cujo fato contemporâneo Strether tardara a estabelecer; e ele agora sentia, ao ser confrontado com Madame de Vionnet, como fora simplória sua impressão original de Miss Gostrey. Ela certamente

constituíra um fato de rápido crescimento; mas o mundo era vasto e, a cada dia, aprendia uma nova lição. “Claro que convenho ao estilo grandioso de Chad”, ele logo emendou. “Ele não encontrou a menor dificuldade para me aliciar”.

Ao soerguer o sobrolho ela pareceu tomar a defesa do jovem rapaz, contra qualquer espécie de desconsideração. “Deve saber que Chad odiaria vê-lo prejudicado. Ele acredita que o senhor é capaz de convencer a mãe a ser mais paciente”.

Strether cravou os olhos nela, ponderando. “Entendo. Então é isso que vocês realmente querem de mim. E como devo fazer? Digame”. “Apenas lhe conte a verdade”.

“E o que é a verdade para a senhora”?

“Bem, *qualquer* verdade — sobre nós — que tenha visto por si mesmo. Deixo isso com o senhor”.

“Muito obrigado”. Strether riu com certa aspereza. “Gosto da maneira como deixa as coisas”!

Mas ela insistiu, docemente, gentilmente, como se não fosse tão ruim assim. “Seja perfeitamente honesto. Conte-lhe tudo”.

“Tudo”? Ele repetiu, perplexo.

“Conte-lhe a mais pura verdade”. Madame de Vionnet voltou a insistir.

“Mas o que é essa verdade pura? É isso exatamente o que venho tentando descobrir”.

Ela relanceou um pouco em torno, mas logo se voltou para ele. “Conte a ela, de maneira clara e exaustiva, sobre *nós!*”

Strether, enquanto isso, manteve os olhos presos nela. “Sobre a senhora e sua filha”?

“Sim... sobre mim e a pequena Jeanne. Diga-lhe”, ela fraquejou ligeiramente, “que nós lhe agradamos”.

“E qual o bem que isso me traz? Ou melhor...”, emendou, “... qual o bem que isso *lhes* traz”?

Ela o encarou com ar mais sombrio. “Nenhum; é o que está dizendo”?

Strether refletiu. “Ela não me enviou para que me agradassem”. “Ah”, ela argumentou de modo encantador, “ela o enviou para encarar os fatos”.

Ele admitiu depois de um instante que havia algo ali. “Mas como posso encará-los se não sei quais são? A senhora deseja”, teve então a coragem de perguntar, “que ele se case com sua filha”?

Ela meneou a cabeça, um gesto a um só tempo nobre e instantâneo. “Não... não se trata disso”.

“E ele mesmo não quer”?

Ela repetiu o movimento, mas agora com uma estranha luz no rosto. “Ele gosta muito dela”.

Strether queria saber. “A ponto de considerar a hipótese de levá-la para os Estados Unidos”?

“A ponto de ser bom e gentil com ela — de ser realmente carinhoso —, nada mais. Nós zelamos por ela, e o senhor precisa nos ajudar. Precisa tornar a vê-la”.

Strether sentiu-se desconfortável. “Ah, com prazer... ela é muitíssima atraente”.

A avidez materna com que Madame de Vionnet aproveitou a deixa voltaria mais tarde à mente de nosso amigo como algo dotado de graça e beleza. “Agradou-lhe realmente a adorável criatura”? Então, quando ele respondeu à pergunta com um grande “ah”! entusiasmado: “Ela é perfeita. É minha alegria”.

“Bem, tenho certeza disso — se tivesse oportunidade de conhecê-la melhor, ela seria a minha também”.

“Então”, sugeriu Madame de Vionnet, “diga isso a Mrs. Newsome”. Ele cismou mais ainda. “Que proveito isso lhes trará”? Como ela pareceu incapaz de dizer de imediato, contudo, propôs outra questão. “Sua filha está enamorada de nosso amigo”?

“Ah”, ela respondeu de forma um tanto inesperada, “gostaria que o senhor averiguasse isso”!

Ele não escondeu a surpresa. “Eu? Um estranho”?

“Mas logo o senhor não será mais um estranho. Asseguro-lhe que, quando a vir, será como se não fosse mais”.

A noção continuou a soar-lhe extraordinária. “Parece-me evidente que, se a própria mãe não pode...”

“Ora, as jovens moças e suas mães hoje em dia”! Ela o cortou de modo bastante inconsequente. No entanto, deteve-se em algo que lhe pareceu mais apropriado. “Diga-lhe que fiz bem a seu filho. Não acha que fiz”?

A perspectiva o afetou — embora mais do que pôde avaliar naquele momento, estava ciente de que lhe causou uma forte

impressão. “Ah, se for tudo obra *sua*...”!

. “Pode não ser ‘tudo’”, ela interrompeu, “mas em grande parte, sim. É o que realmente aconteceu”, acrescentou em um tom que se juntaria aos itens memoráveis daquela tarde.

“Nesse caso é maravilhoso”. Sentiu que o sorriso que lhe dirigiu provinha de um rosto crispado, que assim se manteve por uns instantes, sustentado pelo semblante dela. Por fim sua anfitriã também desistiu. “Não acha que diante de tudo isso...”

“Eu deveria salvá-la”? Foi então que lhe ocorreu a forma de satisfazê-la — e também, por outro lado, de esquivar-se. Ele ouviu a si mesmo pronunciar as palavras exorbitantes, cujo próprio eco contribuiu para determinar sua partida. “Eu a salvarei se puder”.

II

Certa noite, contudo, dez dias depois, na adorável residência de Chad, Strether sentiu que o mistério sobre o pudico segredo de Jeanne de Vionnet estava prestes a cair por terra. Durante um jantar, em companhia da jovem senhora e de sua mãe, além de outras pessoas, ele se dirigira ao *petit salon*, a pedido de Chad, com o propósito de conversar com ela. O moço fizera-o entender que se tratava de um favor pessoal — “Gostaria tanto de saber o que o senhor acha dela. Será realmente uma oportunidade”, ele dissera, “para que veja a *jeune filie* — refiro-me ao tipo humano — como ela é na realidade; e não pense que isso seja algo de que um observador dos costumes possa descuidar-se. Será uma impressão que,

independentemente do que achar, levará consigo para casa, onde não lhe faltarão elementos com que confrontá-la”.

Strether sabia muito bem com o que Chad queria confrontar e, embora anuísse à solicitação, de certo modo intuiu que até então nunca o advertiram com tanta ênfase de que estava sendo, como ele sempre expressara em silêncio, usado. Estava muito longe de levar seus pensamentos exatamente para essa direção, mas nunca o abandonou a sensação do serviço que estava prestando. Apenas imaginou que esse serviço não deixava de ser extremamente agradável aos que a ele se entregavam; e ainda na verdade esperava pelo momento em que o acharia desagradável, que o acharia em alguma medida intolerável para si mesmo. Não conseguia de maneira nenhuma ver como a sua situação se tornaria logicamente mais clara, salvo por meio de uma reviravolta que lhe desse pretexto para externar seu desagrado. Dia após dia contava com a possibilidade do desagrado, mas cada dia entrementes apresentava uma nova perspectiva, ainda mais interessante. Essa possibilidade estava agora tão distante do horizonte quanto na véspera de sua chegada, e ele sentiu com toda a segurança que, se viesse efetivamente a ocorrer, teria na melhor das hipóteses de ser algo inconsequente e violento. Ocorreu-lhe que só ficava um pouco mais perto disso quando se perguntava que tipo de serviço, em uma existência tão utilitária, estava afinal prestando para Mrs. Newsome. Quando desejava convencer-se de que ainda estava no caminho certo, refletia — e deveras com espanto — sobre a inquebrantável assiduidade da correspondência que mantinham; em relação à qual o que haveria na realidade de mais natural do que o fato de que esta devia tornar-se mais frequente conforme o problema de ambos se tornava mais complicado?

Era de todo modo certo que agora, diante da cara lembrança da missiva enviada no dia anterior, buscava conforto na pergunta: “Bem, que mais posso fazer do que isso — que mais posso fazer do que contar tudo para ela”? Para persuadir a si próprio de que lhe contava tudo, que de fato lhe contara tudo, procurava pensar em informações específicas que porventura não lhe houvesse contado. Quando, de raro em raro, tarde da noite agarrava uma, ela em geral mostrava que não fazia parte — ante um escrutínio mais minucioso — da essência do problema. Quando algo novo parecia surgir, ou algo já mencionado parecia reaparecer, ele sempre, de imediato, pegava na pena, como se tomado pelo temor de que, se não escrevesse, acabaria perdendo algum detalhe; e também para que fosse capaz de dizer a si mesmo de tempos em tempos: “Ela agora, no momento em que me preocupo, sabe o que me causa essa preocupação”. Para nosso amigo era em geral um grande alívio não ter deixado passar aspectos que deviam ser trazidos à luz e explicados; não se ver obrigado, em um estágio tão avançado quanto aquele, a exhibir algo nem mesmo encoberto ou atenuado que já não tivesse então sido exibido. Ela agora sabia: era isso que Strether dizia a si mesmo naquela noite com respeito ao fato novo do relacionamento de Chad com aquelas mulheres — sem falar do fato ainda mais novo de seu próprio relacionamento com elas, Mrs. Newsome em outras palavras sabia, naquela mesma noite, em Woollett, que ele já entrara em contato com Madame de Vionnet e que fora, em boa consciência, prestar-lhe uma visita; também sabia que a achara notavelmente encantadora e que provavelmente haveria muito mais a ser dito. Mas ela sabia, ademais, ou logo viria a saber, que ele, de novo em boa consciência, não repetira a visita; e que, quando Chad lhe rogara em nome da condessa — Strether a descrevera de modo vívido, com uma ideia no fundo da mente, como uma condessa que marcasse uma data para jantar com ela, ele respondera de maneira lúcida: “Muitíssimo obrigado — é

impossível”. Ele pedira ao moço que apresentasse suas desculpas e o fizera entender que aquela era a coisa adequada a ser feita. Ele não contara a Mrs. Newsome que prometera “salvar” Madame de Vionnet; mas, até onde aquela lembrança lhe dizia respeito, também não prometera ser um frequentador assíduo de sua residência. O que Chad havia compreendido só podia ser, na verdade, inferido a partir do comportamento de Chad, que se mostrara sobre esse aspecto tão despreocupado quanto com relação a qualquer outro. Ele sempre expressava tranquilidade quando acusava compreensão; e expressava uma tranquilidade ainda maior, se tal fato era possível, quando não acusava; ele respondera que daria um jeito; e se encarregara de cumprir a promessa servindo-se da presente ocasião — como esteve pronto a servir-se de outras — para substituir a alguma outra, a todas as outras ocasiões contra as quais seu velho amigo pudesse apresentar algum tipo de objeção curiosa.

“Ah, mas não sou uma pequena estrangeira; sou tão inglesa quanto posso ser”, fora o que Jeanne de Vionnet lhe dissera assim que, no *petit salon*, ele afundou, de forma igualmente pudica de sua parte, no lugar desocupado por Madame Gloriani com sua chegada. De cabelo empoadado e ostentando um vestido de veludo negro com renda branca, Madame Gloriani, cuja presença algo majestosa se desfazia ao menor contato na graça de algum idioma incompreensível, afastara-se para ceder o espaço ao cavalheiro indeciso enquanto lhe dirigia benignos cumprimentos que incluíam, Strether acreditava, inflexões desconcertantes, sinal de que reconhecera seu rosto de dois domingos antes. Ele em seguida salientara — aproveitando-se ao máximo da vantagem dos anos — que a tarefa de entreter uma pequena estrangeira o deixava intimidado. Havia moças que não o intimidavam — era bastante corajoso com as pequenas americanas. Foi então que ela se defendera até o fim: “Mas sou quase americana também. Mamãe queria que eu

fosse — quero dizer, *como* uma americana; pois pretendia que eu tivesse muita liberdade. Ela soube que dá excelentes resultados”.

Pareceu-lhe muito bonita — um esmaecido pastel em uma moldura oval: já pensava nela como em uma imagem furtiva em uma comprida galeria, o retrato de uma princesinha de antanho sobre a qual nada se sabia exceto que havia morrido jovem. A pequena Jeanne certamente não morreria jovem, mas era impossível, ainda assim, não a tratar com leveza. Pois era uma abordagem dura, uma abordagem como *ele* próprio, em todo caso, não suportaria fazer, mostrar-se preocupado com a questão de um moço a ela relacionado. Era ademais odiosa essa questão do moço; não se podia tratar uma pessoa como Jeanne como uma criada suspeita de possuir um “admirador”. E então os rapazes, bem, os rapazes — a coisa dizia respeito apenas a eles, ou, de qualquer modo, a ela. A moça estava alvoroçada, ligeiramente febril — a ponto de ostentar um pequeno brilho nos olhos e um par de manchas rosadas nas faces — com a grande aventura de jantar fora e com a aventura possivelmente ainda maior de conversar com um cavalheiro que ela deveria considerar muito, mas muito velho, um sujeito enrugado, de óculos, com um bigode encanecido. Assim como poucos minutos antes julgara tê-la ouvido conversando no mais belo francês, nosso amigo agora supunha que a moça se expressava no mais belo inglês que ele jamais tivera oportunidade de escutar. Perguntou-se com certa melancolia se tal acorde da lira não refletiria no espírito em si; e essa ideia havia na verdade, antes que se desse conta, começado a digressionar e a se avolumar de tal modo que ele se descobriu, distraído e extravagante, sentado a seu lado em silêncio afetoso. Nesse momento sentiu que o alvoroço dela felizmente se dissipara e que a jovem se mostrava mais à vontade. Jeanne confiava nele, gostava dele; Strether depois viria a recordar que ela lhe comunicara muitas confidências. A jovem por fim imergira no meio expectante,

onde não encontrou frio nem correnteza — nada se produziu exceto o débil ruído do mergulho que ela realizara no calor ameno, nada exceto a segurança de renovadas imersões. Ao cabo dos dez minutos que ele passaria a seu lado, sua impressão — com tudo que havia descartado e tudo que havia compreendido — estava completa. Jeanne se revelava livre, até onde podia compreender a liberdade, em parte para mostrar-lhe que, ao contrário de outras jovens de seu conhecimento, havia absorvido esse ideal. Falava de modo deliciosamente pitoresco sobre si mesma, mas a perspectiva do que ela havia absorvido foi o que mais o impressionou. Realmente constituía, como logo perceberia, um pequenino tópico de grandes proporções o fato de que, independentemente da natureza da moça, ela recebera a mais completa — ele teve de procurar a palavra, mas acabou encontrando-a — educação. Claro que não poderia em tão pouco tempo discorrer sobre a natureza dela; foi a ideia da educação que, nesse ínterim, insinuou-se em sua mente. Nunca vira tal conceito apresentar-se de forma tão nítida. Fora sem dúvida a mãe que lhe dera; mas a mãe, para tomar a questão sob um ângulo menos evidente, também lhe oferecera muitas outras coisas e, em nenhuma das duas ocasiões prévias em que se encontrara com essa mulher extraordinária, Strether sentira algo comparável ao que oferecia naquela noite. A pequena Jeanne representava um caso raro de educação; ao passo que a condessa, a quem lhe agradava atribuir tal denominação, era um caso, também raro... bem, ele não sabia bem do quê.

“Ele tem um gosto extraordinário, *notre jeune homme*”, disse-lhe Gloriani ao despregar os olhos de uma pequena tela pendurada na entrada da saleta. A celebridade em questão havia acabado de entrar, aparentemente à procura de Mademoiselle de Vionnet, mas, enquanto Strether se erguia, o outro convidado, o olhar abruptamente capturado, interrompera a marcha a fim de lançar um

olhar mais detido sobre o quadro. Tratava-se de uma paisagem, muito ínfima, mas da escola francesa (nosso amigo ficou feliz de reconhecer); a moldura se mostrava descomunal em relação à tela, e Strether nunca vira alguém olhar para algo, ele pensou, da maneira como Gloriani (com o nariz muito próximo e rápidos movimentos da cabeça de um lado para outro e de cima para baixo) examinava esse item da coleção de Chad. O artista fez seu comentário no instante seguinte, com um sorriso cortês, limpando os óculos e contemplando o ambiente — rendendo ao lugar, em suma, pela própria maneira de portar-se e por algo que Strether imaginava discernir nesse exame específico, um tributo que, para nosso amigo, resolvia muitas coisas de uma vez por todas. Strether, por exemplo, até então nunca se dera conta de como, a seu redor e à sua revelia, elas *foram* consistentemente resolvidas. O sorriso de Gloriani, profundamente italiano, ele achou, e delicadamente inescrutável, assumiu um ar durante o jantar, durante o qual não se sentaram lado a lado, de saudação indefinível; mas aquela qualidade pressentida na ocasião anterior, que pareceu virá-lo do avesso, havia desaparecido; era como se até mesmo a associação momentânea fornecida pela desconfiança mútua se houvesse rompido. Estava agora consciente de que, no fim, havia menos uma desconfiança do que uma diferença geral; sobretudo porque, no alto dessa diferença, o famoso escultor parecia acenar com um ar quase condoído, ainda que, ah, de modo tão vago! Como se da margem oposta de uma grande expansão de água. Empregando uma cortesia tão sedutora quanto vazia, ele produziu uma ponte à qual Strether não teria nem por um minuto confiado o próprio peso. Essa ideia, posto que apenas efêmera e talvez tardia, contribuiu para que se sentisse mais à vontade, e o quadro impreciso já se esfacelava — quebrava-se com o som de outra coisa sendo proferida e com o fato de Strether ter percebido, mediante um rápido girar de cabeça, que Gloriani estava agora no sofá conversando com Jeanne, enquanto em seus próprios ouvidos

soavam mais uma vez a conhecida familiaridade e o significado evasivo do “Oh, oh, oh”! que, duas semanas antes, fizera-o interpelar Miss Barrace em vão. Ela sempre exibia o ar, essa senhora original e pitoresca, que curiosamente lhe parecia a um só tempo arcaica e moderna — ela sempre exibia o ar de quem tinha uma pilhéria recentemente aprendida para contar. O ponto em questão era sem dúvida o que havia de antigo, enquanto o uso que ela fazia dele configurava a nota moderna. Agora mesmo ele sentia que a ironia bem-intencionada daquela dama estava relacionada com alguma coisa, e lhe afligia um pouco o fato de ela não se mostrar mais explícita, apenas lhe assegurando, com o prazer da observação que lhe era peculiar, que por nada neste mundo diria uma palavra a mais.

Seu único recurso era perguntar o que ela fizera com Waymarsh, embora seja preciso acrescentar que ele já adivinhava um pouco a resposta depois de ela ter-lhe dito que esse personagem estava na outra sala, entretido em uma conversa com Madame de Vionnet. A imagem de tal conjunção ocupou-lhe um pouco a mente; então, por causa de Miss Barrace, não pôde deixar de indagar; “Ela também está encantada com...”?

“Não, nem um pouco”, Miss Barrace respondeu, de imediato. “Ele não lhe convém. Ela se entedia. Não poderá ajudá-lo com seu amigo”.

“Ah”, Strether gracejou, “não se pode esperar tudo dela”.

“Claro que não — por mais estupenda que seja. Além disso, ela também não convém a Mr. Waymarsh. Ela não o roubará de mim — embora decerto não o roubasse, tendo outros assuntos para tratar, mesmo que pudesse. Nunca a vi falhar com ninguém antes. E justo esta noite, quando se acha tão magnífica, ela mesma julgaria um

pouco estranho — caso se importasse com isso. Portanto, ele é todo meu. *Je suis tranquille*”!

Aquilo estava claro, na medida do possível; mas Strether andava à cata de sua pista. “Ela lhe pareceu particularmente magnífica esta noite”? “Naturalmente. Como nunca, ou quase nunca. Não lhe pareceu? Ora, é por sua causa”.

Ele insistiu em sua ingenuidade. “Por minha causa...”?

“Oh, oh, oh”! Exclamou Miss Barrace, que insistiu na qualidade oposta.

“Bem”, ele confessou com maior perspicácia, “ela parece diferente. Está alegre”.

“Alegre”! Miss Barrace repetiu, rindo. “E tem ombros belíssimos — embora não haja nenhuma novidade nisso”.

“Não”, disse Strether, “não há nada de novo aí: sabemos que não se trata dos ombros dela”.

A sutil sensibilidade de sua companheira pelo lado divertido das situações provocou nela, entre baforadas de cigarro, um novo acesso de hilaridade; Miss Barrace parecia achar a conversação absolutamente deliciosa. “Sim, não se trata dos ombros dela”.

“Do quê, então”? Strether perguntou, amável.

“Ora, se trata *dela*... pura e simplesmente. De sua disposição. De seu encanto”.

“O encanto, sem dúvida. Mas estamos falando da diferença”. “Bem”, explicou Miss Barrace, “ela é evidentemente brilhante, como

costumávamos dizer. Só isso. Ela é múltipla. São cinquenta mulheres em uma”.

“Ah, mas apenas uma”, Strether fez questão de esclarecer, “de cada vez”.

“Talvez. Mas depois de cinquenta vezes...”!

“Oh, não chegaremos a tanto”, nosso amigo declarou; então, no momento seguinte, seguiu em outra direção. “A senhora me responderia uma pergunta simples? Por que ela não pede o divórcio”?

Os olhos de Miss Barrace o contemplaram por trás das lentes de seu lornhão de tartaruga. “E por que deveria”?

Não fora isso que ele perguntara, Strether declarou; mas enfrentou a questão: “Para casar-se com Chad”.

“Por que ela se casaria com Chad”?

“Porque estou convencido de que essa senhora lhe tem grande estima. Ela fez milagres com ele”.

“Bem, então, que mais ela poderia fazer agora? O casamento, seja com um homem, seja com uma mulher”, Miss Barrace prudentemente prosseguiu, “não é nenhum milagre, está à altura de qualquer João e Maria. O milagre é chegar a esse ponto sem se casar”.

Strether refletiu um momento sobre essa suposição. “Está alegando que não há nada melhor para nossos amigos do que apenas seguir em frente”?

Mas todos os seus comentários a faziam rir. “Nada melhor”. Strether ainda assim persistiu. “Porque se trata de algo desinteressado”?

De repente, a questão pareceu enfadá-la. “Pois é... pode-se dizer que sim. Ademais, ela jamais pedirá o divórcio. Não acredite”, ela acrescentou, “em tudo o que ouve falar sobre o marido”.

“Ele não é um crápula, então”?

“Ah, sim. Mas encantador”.

“A senhora o conhece”?

“Estive com ele. É *bien aimable*”.

“Com todo mundo exceto a esposa”?

“Com ela também, pelo que sei... com qualquer mulher, com todas elas. Espero que o senhor de todo modo”, ela insistiu, mudando rapidamente de assunto, “aprecie o cuidado que venho tomando com Mr. Waymarsh”.

“Ah, muitíssimo”. Mas Strether ainda não estava pronto. “De qualquer modo”, ele tornou a dizer, “o relacionamento é inocente”. “Entre mim e Mr. Waymarsh? Ah”, ela disse, rindo. “Não tire todo o interesse do caso”.

“Quis dizer entre nosso amigo aqui... e a senhora de quem estávamos falando”. Fora essa a conclusão a que ele chegara, como uma consequência indireta, ainda que muito próxima, da impressão que tivera de Jeanne. Era nesse ponto que queria ficar. “É inocente”, repetiu. “Está claro para mim”.

Intrigada com a declaração abrupta de seu interlocutor, Miss Barrace lançou um olhar na direção de Gloriani como se ele fosse o misterioso personagem daquela alusão. Se, no momento seguinte, ela compreendeu o sentido da frase, Strether, percebendo o equívoco momentâneo da dama, ainda assim teve tempo de indagar-se o que possivelmente havia por trás daquela outra relação. Ele já sabia que o escultor admirava Madame de Vionnet; mas será que essa admiração também representava um relacionamento cuja inocência podia ser posta em xeque? Sentia de fato mover-se no mais estranho dos ares, sobre um terreno que não era dos mais estáveis. Por um instante cravou os olhos em Miss Barrace, mas ela já se adiantara; “Está certo, refere-se a Mr. Newsome? Ora, claro que sim”! Afirmou, alegremente retomando a questão de seu outro amigo. “Ouso dizer que o senhor não entende como não me cansei das entrevistas — pois foram inúmeras — com o Touro Sentado. Mas não me cansei, sabe — ele não me incomoda; eu aguento, e nós nos damos muito bem. Sou assim, muito estranha; em geral não sei explicar. Existem pessoas supostamente interessantes ou notáveis ou o que for, que me entediam profundamente; e existem outras sobre as quais ninguém consegue entender o que há para ver nelas — e estas de fato não param de me surpreender”. Então, depois de dar outra baforada. “Ele é comovente, o senhor sabe”, declarou.

“Se sei”? Strether ecoou, “...como não? Nós devemos levá-la às lágrimas”.

“Ah, mas não me refiro ao senhor”! Ela riu.

“Pois deveria, já que o pior de todos os sinais (creio que já devo ter deixado claro) está no fato de que não pode me ajudar. As mulheres se compadecem disso”.

“Mas eu o ajudo, sim”, ela insistiu, animada.

Mais uma vez ele lançou-lhe um olhar firme; então, depois de uma pausa: “Não, a senhora não me ajuda”.

O lornhão com sua longa corrente desabou ruidosamente. “Eu o ajudo com o Touro Sentado. Já é um bocado”.

“Ah, nisso, sim”. Mas Strether hesitou. “Quer dizer que ele fala de mim”?

“De modo que eu tenha de defendê-lo? Jamais”.

“Compreendo”, Strether ponderou. “É demasiado profundo”.

“O único defeito de Mr. Waymarsh”, ela volveu, “é tornar tudo profundo demais. Há vezes em que ele se fecha em um silêncio pesado, somente interrompido após longuíssimos intervalos por um comentário qualquer. E, quando surge, esse comentário sempre se refere a algo que ele viu ou sentiu por si mesmo — nunca algo banal, o que se poderia temer e, pessoalmente, me mataria. Mas isso nunca ocorre”, Miss Barrace mais uma vez deu suas baforadas enquanto, com satisfeita complacência, apreciava sua aquisição. “E nunca sobre o senhor. Nunca falamos do senhor. Somos maravilhosos. Mas vou lhe contar o que ele faz”, ela continuou: “Mr. Waymarsh tenta dar-me presentes”.

“Presentes”? O pobre Strether repetiu, com uma pontada no coração por *ele* mesmo não ter tentado nada nesse sentido.

“Ora, como vê”, ela explicou, “ele chama atenção em minha vitória; de modo que, quando o deixo ali sentado à porta das lojas, como costume fazer quase por horas e horas — ele gosta muito disso —, só de vê-lo distingo minha carruagem das outras. Mas, às vezes, para variar, ele me acompanha às lojas; é nessas horas que luto para que não me compre presentes”.

“Ele quer regalá-la”? Strether quase engasgou por não ter pensado nisso antes. Ficou admirado. “Ah, ele está muito mais ligado à tradição do que eu. Sim”, refletiu, “é a ira dos justos”.

“A ira dos justos, perfeito”! E Miss Barrace, que até então não ouvira o termo ser empregado, aplaudiu ao reconhecer a justeza da expressão. “Agora sei por que ele não é banal. Mas continuarei impedindo-o (e se visse os itens que às vezes seleciona!) de comprar. Graças a mim, economizou centenas e centenas de francos. Só aceito flores”. “Flores”? Strether mais uma vez ecoou, com uma expressão triste. Quantos buquês seu atual interlocutor lhe havia enviado? “Flores inocentes”, ela prosseguiu, “tantas quantas ele quiser. E ele me envia exemplares magníficos; conhece as melhores floriculturas — descobriu-as sozinho; é um homem magnífico”.

“A mim, não as indicou”, seu amigo disse, sorrindo; “ele tem uma vida própria”. No entanto, Strether mais uma vez ponderou que gestos como aqueles lhe eram vedados. Waymarsh não precisava levar Mrs. Waymarsh em consideração, ao passo que Lambert Strether era, no fundo, obrigado a pensar em Mrs. Newsome. Ademais, apreciava sentir como seu amigo se alinhava à verdadeira tradição. Mas não deixou de tirar sua conclusão. “É uma ira e tanto”! Estava seguro. “Trata-se de uma verdadeira oposição”.

Ela seguiu seu pensamento, embora se mantivesse cautelosa. “É o que penso. Mas a que ele se opõe”?

“Bem, ele imagina que *eu* tenha uma vida própria. O que não é verdade”!

“Não é”? Ela tinha suas dúvidas; sua gargalhada as confirmou. “Oh, oh, oh”!

“Propriamente minha, não. Sinto que vivo apenas pelos outros”.

“Ah, pelos outros e *com* os outros! Agora mesmo, por exemplo, com...

“Sim, com quem”? Ele indagou antes que ela tivesse tempo de dizer.

O tom empregado na pergunta fez com que ela hesitasse e até mesmo, como ele supôs, modificasse a resposta. “Com Miss Gostrey, digamos. O que o senhor faz por *ela*”?

Era a vez de ele ficar intrigado. “Absolutamente nada”.

III

Madame de Vionnet, tendo nesse meio tempo entrado no aposento, havia se aproximado e Miss Barrace, com isso, em vez de arriscar uma réplica, voltou a converter-se, com um olhar que mediu a recém-chegada da cabeça aos pés, em uma alongada e inquisitiva luneta de tartaruga. Assim que pusera os olhos nela naquela noite, Madame de Vionnet lhe parecera vestida para uma ocasião grandiosa e, portanto, mais afeita à concepção que lhe viera à mente na festa de Gloriani: a ideia de uma *femme du monde* em seu habitat. Seus ombros e braços nus eram brancos e formosos; o material de seu vestido, que ele supôs composto de seda e crepe, era de um cinza prateado confeccionado com tanta habilidade que dava uma impressão de cálida suntuosidade; e, em tomo do pescoço, ela

portava um colar de esmeraldas antigas e pesadas, cujas cintilações verdejantes reapareciam, em tom mais opaco, em outros pontos de seu traje, na renda, nos detalhes esmaltados, no cetim, em substâncias e texturas de um vago esplendor. Seus cabelos, extremamente claros e delicadamente festivos, assemelhavam-se a uma ditosa imagem do espírito, uma noção do remoto, de uma velha medalha preciosa, uma moeda de prata do Renascimento; enquanto sua figura esguia e vivaz, sua jovialidade, sua expressão e determinação contribuíam para conferir-lhe um efeito que um poeta diria situar-se entre o semimitológico e o semiconvencional. Ele poderia tê-la comparado com uma deusa recém-egressa de uma nuvem matutina ou com uma ninfa marítima mergulhada da cintura para baixo em uma onda estival. Acima de tudo ela lhe sugeria a ideia de que a *femme du monde* — nos mais requintados progressos da espécie — era, como a Cleópatra da peça, diversa e multifacetada. Ela tinha aspectos, sinais, dias, noites — ou pelo menos os exibia por meio de uma misteriosa lei pessoal quando, acima de tudo, também calhava de ser uma mulher de gênio. Um dia era uma pessoa obscura e discreta, noutro, uma figura ostentosa e sem resguardo. Naquela noite Madame de Vionnet lhe pareceu ostentosa e sem resguardo, embora sentisse que a fórmula não era inteiramente adequada, porque, devido a uma das marcas do gênio, ela embaralhara todas as categorias que ele havia estipulado. Por duas vezes durante o jantar ele surpreendera Chad lançando-lhe um olhar deleitado; mas esses sinais na verdade só tornaram a despertar velhas ambiguidades — pois não estava certo se deviam ser tomados como um apelo ou uma advertência. “Veja só como me arranjei”, era o que pareciam dizer; contudo, ele mesmo não conseguia ver como, exatamente, Chad havia se arranjado. Nada obstante, quem sabe agora conseguisse.

“A senhora faria a imensa gentileza de livrar Newsome por uns instantes da responsabilidade um pouco acaçapante de Madame Gloriani, enquanto eu troco umas palavrinhas, se ele me permitir, com Mr. Strether, a quem tenho uma pergunta a fazer? Nosso anfitrião precisa falar um pouco com aquelas outras senhoras, e eu voltarei em um minuto para ajudá-los”. Ela fez essa proposta a Miss Barrace como se lhe houvesse acabado de despertar a urgência de uma obrigação especial, mas seu reconhecimento do pequeno sobressalto de Strether — como se a requisição traísse um estado de domesticidade por parte da requerente — mostrou-se tão tácito quanto o do comentário de nosso amigo; e, depois de um instante, quando a outra convidada de boa vontade se retirou, ele dispôs de algo mais em que pensar. “O senhor sabe por que Maria partiu de maneira tão súbita”? Essa foi a pergunta que Madame de Vionnet trouxera consigo.

“Receio não poder dar-lhe nenhuma razão exceto o motivo muito simples fornecido por ela em um bilhete — a urgência repentina de partir para o sui, a fim de assistir uma amiga doente cujo estado piorara”. “Ah, ela vem então escrevendo para o senhor”?

“Não desde sua partida — ela confiou-me tão somente essa breve explanação antes de sair em viagem. Fui à casa dela”, Strether explicou, “no dia seguinte ao da visita que fiz à senhora — mas ela já estava a caminho, e a *concièrge* me disse que, caso eu aparecesse, ela deveria informar-me que nossa amiga me havia escrito. Encontrei a nota quando cheguei ao hotel”.

Madame de Vionnet ouviu tudo com interesse e com os olhos fixos no rosto de Strether; então sua cabeça delicadamente ornada executou um movimento melancólico. “A *mim*, ela não escreveu. Fui fazer-lhe uma visita”, acrescentou, “pouco depois do nosso encontro, como lhe assegurei que faria quando a vi na casa de Gloriani.

Embora na ocasião ela não me houvesse alertado de que se ausentaria, acho que entendi tudo quando dei com a porta fechada. Ela se ausentou — com todo o respeito à amiga doente, e ainda não me escape o fato de que não lhe faltem amigas nessas condições — para que eu não pudesse encontrá-la. Maria não me quer ver. Bem”, ela continuou com estudada delicadeza, “não houve nenhuma pessoa de quem eu tenha gostado mais e admirado mais naqueles velhos tempos, e ela sabe disso — talvez tenha sido essa exatamente a razão de sua partida — e atrevo-me a dizer que não a perdi para sempre”. Strether ainda não havia dito nada; ele tinha um horror, como agora se dava conta, de ficar em meio a uma disputa feminina — e estava na verdade em vias de ver-se nessa situação; ademais era evidente, como também lhe ocorreu, que, se fosse levar em consideração o que havia por trás dessas alusões e manifestações, corria o risco de comprometer sua atual decisão de simplificar. Era como se, para ele, porém, tanto a delicadeza quanto a tristeza de sua interlocutora fossem sinceras. Essa sua convicção não se alterou quando ela prosseguiu; “Fico radiante com a felicidade dela”. Por mais que não restassem dúvidas quanto à imputação contida na frase, ele permaneceu calado. A imputação era que Strether constituía a felicidade de Maria Gostrey e, por um ínfimo instante, ele teve ganas de refutá-la. Só poderia fazer isso, porém, perguntando “Que acha então que se passa entre nós”? E ficou extremamente feliz no momento seguinte por não ter dito nada, pois sempre preferia parecer obtuso a mostrar presunção. Com um estremeamento interior também se furtou a considerar o que as mulheres, sobretudo as da espécie mais refinada, pensavam umas das outras. Fossem quais fossem os motivos de sua viagem, não pretendia escarafunchar nessa área; de modo que se absteve de comentar as insinuações de Madame de Vionnet. Ainda assim, embora ele a tivesse evitado durante dias, deixando a seu encargo a possibilidade de um novo encontro, ela não demonstrou nenhuma

sombra de irritação. “Bem, o que agora tem a me dizer sobre Jeanne”? Perguntou, sorrindo, com a mesma jovialidade com que se havia apresentado. No mesmo instante, Strether sentiu que ali estava o verdadeiro propósito da pequena missão de Madame de Vionnet. Mas ele a estava ensinando que era preciso dizer muito para pouco obter em resposta. “Crê que ela demonstra algum tipo de sentimento? Quero dizer, por Mr. Newsome”.

Quase melindrado, Strether pôde por fim volver sem mais demora. “Como posso descobrir esse tipo de coisa”?

Ela se manteve perfeitamente afável, “Ah, mas os dois são as criaturas mais adoráveis e o senhor (não finja que não!) descobre tudo o que há para ser descoberto no mundo. Não esteve”, ela perguntou, “conversando com ela”?

“Sim, mas não sobre Chad. Não muito, pelo menos”.

“Oh, o senhor não precisa de ‘muito’!” Declarou, encorajadora. Mas imediatamente mudou de tática. “Espero que se lembre de sua promessa”.

“A de ‘salvá-la, como disse”?

“E repito. *Fará* isso por mim”? Ela insistiu. “Não se arrependeu”?

Ele refletiu. “Não, mas estive pensando no que eu quis dizer”.

Ela enfrentou-o. “E nem um pouco no que *eu* quis”?

“Não é necessário. Basta saber o que eu mesmo quis dizer”.

“E já não sabe”?

Strether mais uma vez ponderou um instante. “Creio que deve confiar-me essa tarefa. Mas quanto tempo”, ele emendou, “a senhora me concede”?

“Parece que é muito mais uma questão de quanto tempo me concede. O nosso amigo aqui, de todo modo”, ela continuou, “não faz com que o senhor se lembre constantemente de mim”?

“Se faz, não é por falar da senhora”, Strether replicou.

“Ele nunca faz isso”?

“Nunca”.

Ela refletiu e, se o fato lhe era desconcertante, nada revelou. No minuto seguinte, de fato, havia se recuperado. “Não, não é do feitio dele. Mas o senhor *precisa* disso”?

A ênfase empregada foi estupenda e, a despeito de os olhos de Strether terem deambulado, ele agora a focalizava com maior atenção. “Entendo o que quer dizer”.

“Claro que entende”. Seu triunfo foi doce e, com efeito, dotado de matizes capazes de comover a própria justiça.

“Tenho diante de mim o que ele deve à senhora”.

“O senhor admite então que já vale alguma coisa”, ela disse, ainda com o mesmo tom discreto de orgulho.

Ele percebeu essa nota, mas seguiu em frente. “Posso ver no que o transformou, mas o que não vejo é como conseguiu fazê-lo”.

“Ah, mas essa é outra questão”! Ela exclamou, sorrindo. “O ponto é; de que adianta recusar-se a me conhecer quando conhecer

Mr. Newsome (nas condições com que me honra tê-lo descoberto) *representa* justamente me conhecer”?

“Compreendo”, ele ruminou, ainda com os olhos pregados nela. “Não deveria ter-me encontrado com a senhora esta noite”.

Ela ergueu e abaixou as mãos unidas. “Não importa. Se eu confio no senhor por que não pode confiar um pouquinho em mim? E por que também”, indagou em tom diferente, “não confia em si próprio”? Mas não lhe deu tempo para responder. “Ah, não lhe causarei nenhum problema! E de qualquer modo me alegro que tenha falado com minha filha”.

“Eu também. Mas ela não lhe serviu de nada”.

“De nada”? Madame de Vionnet pregou-lhe os olhos. “Ora, como, se é um anjo de bondade”?

“Essa é precisamente a razão. Deixe-a em paz. Não tente investigar. Refiro-me”, ele explicou, “ao que mencionou: aos sentimentos dela”.

Sua companheira refletiu. “Porque é algo que não se deve fazer”?

“Bem, porque é uma espécie de favor pessoal que lhe peço. Jeanne é a criatura mais adorável que já vi. Por isso, deixe o assunto como está. Procure não saber — nem queira saber. Mais ainda, sim, não venha a saber”.

Era um pedido inesperado, e ela o compreendeu. “Como um favor pessoal”?

“Bem, já que me pergunta”.

“Como quiser”. Ela sorriu. “Tentarei ignorar a questão. Obrigada”, ela acrescentou com uma delicadeza peculiar antes de se despedir.

O som de suas palavras ainda ecoava em seus ouvidos, fazendo-o em parte sentir como se houvesse tropeçado e ido ao chão. No próprio ato de estabelecer a sua independência, Strether, pressionado por uma percepção específica, havia de modo contraditório e nada inteligente se comprometido, enquanto ela, nesse meio tempo sutilmente consciente de sua posição vantajosa, com poucas palavras lograra cravar um minúsculo prego dourado, cuja intenção aguda não ignorou. Em vez de se libertar, enredara-se ainda mais; e seus olhos, enquanto ele ruminava essas circunstâncias, depararam com outro par de olhos que então se acercara e lhe pareceu refletir o próprio sentimento do que havia feito. Percebeu no mesmo instante que se tratava dos olhos do pequeno Bilham, que aparentemente viera conversar; e o pequeno Bilham não era, dadas as circunstâncias, a pessoa a quem seu coração mais se mostrava cerrado. No minuto seguinte estavam sentados em um canto da sala obliquamente oposto àquele em que se encontravam Gloriani e Jeanne de Vionnet, de quem a atenção benigna e silenciosa de ambos em princípio se ocupou. “Não consigo entender”, Strether havia então observado, “como um sujeito dotado de algum espírito — você, por exemplo — não se sinta seriamente abalado diante da oportunidade de admirar aquela jovem. Por que não experimenta”? Lembrando-se do tom com o qual se expusera no banco do jardim, na recepção oferecida pelo escultor, julgou que o atual comentário talvez compensasse aquelas palavras na medida em que era muito mais o tipo de coisa que poderia ser dita a um rapaz a quem se podia dar algum conselho. “Pelo menos *haveria* aí uma razão”.

“Uma razão para o quê”?

“Ora, para continuar aqui”.

“Oferecendo minha mão e fortuna a Mademoiselle de Vionnet”?

“Bem”, Strether perguntou, “a que aparição mais encantadora poderia oferecê-las? Jamais pus os olhos em criatura mais adorável”. “Ela é decididamente formidável. Quero dizer, é autêntica. Acredito que as pétalas cor-de-rosa pálidas estão ali fechadas esperando a fabulosa florescência, que se dará no tempo certo; ou seja, se abrirão à luz de um grandioso sol dourado. Infelizmente *eu* sou uma pequena vela insignificante. Qual a chance que um pobre pintor teria nesse campo”?

“Ah, você é bom o bastante”, Strether disparou.

“Certamente que sou bom o bastante. Creio que somos suficientemente bons, *nous autres*, para o que for. Mas ela é boa demais. Aí está a diferença. Não me levariam em consideração”.

Strether, encarapitado no divã e ainda encantado com a jovem donzela, cujos olhos intencionalmente pousaram nele, ele imaginou, com um vago sorriso — Strether, desfrutando toda a ocasião como que mediante um ritmo latente, por fim despertou, e a despeito do novo material que lhe era oferecido, meditou sobre as palavras de seu interlocutor. “A quem se refere? À filha e à mãe”?

“A ela e à mãe, sim. E ela tem um pai também, que, independentemente de quem seja, decerto não se pode mostrar indiferente às possibilidades que a filha representa. Além disso, há o Chad”.

Strether deteve-se um instante. “Ah, mas ele não se importa com ela — não se importa, pelo jeito, quero dizer, no sentido ao qual me refiro. *Não* está apaixonado por ela”.

“Não... mas é o melhor amigo dela; depois da mãe. Tem grande afeição pela moça. E tem suas ideias sobre o que pode ser feito por ela”. “Bem, não deixa de ser muito estranho”! Strether logo observou com um suspiro.

“Muito estranho, concordo. Aí está a beleza do caso. Não é exatamente o tipo de beleza que tinha em mente”, Bilham prosseguiu, “quando me disse palavras tão excelentes e inspiradoras no outro dia? Não me exortou, com ênfases que jamais esquecerei, a ver tudo que puder, enquanto tiver chance? — e ver *realmente*, pois deve ter sido isso que pretendeu dizer. Bem, o senhor me fez muitíssimo bem, e estou fazendo o melhor que posso. Já posso discernir uma situação”.

“E eu também”! Strether concedeu depois de uma pausa. No minuto seguinte, porém, fez uma pergunta inconsequente: “Como é que Chad se encontra tão envolvido nessa situação”?

“Ah, ah, ah”! E o pequeno Bilham desabou nas almofadas.

Lembrando-se de Miss Barrace, nosso amigo mais uma vez sentiu mover-se em um labirinto de alusões secretas, impenetráveis. Contudo, não arredou de seu argumento. “Claro que na realidade eu entendo; só que a transformação em geral ainda me surpreende. Chad, com tamanha influência sobre o futuro de uma pequena condessa! ... Não”, ele declarou, “é preciso de muito mais tempo. Além disso, você diz que gente como nós está inevitavelmente fora do páreo. O curioso em tudo isso é que o próprio Chad não está. Se a situação fosse outra, ela seria dele se ele quisesse”.

“Sim, mas apenas porque ele é rico e porque há uma possibilidade de ficar ainda mais rico. Não há nada que lhes apeteça mais do que um grande nome e uma grande fortuna”.

“Bem”, disse Strether, “não haverá grande fortuna nesses termos. Ele precisa dar os passos certos”.

“É isso”, perguntou o pequeno Bilham, “que estava dizendo a Madame de Vionnet”?

“Não... não digo grande coisa a ela. É claro, porém”, Strether prosseguiu, “que ele pode fazer sacrifícios, se quiser”.

Bilham refletiu um momento. “Ah, ele não gosta de sacrifícios; ou seja, possivelmente acredita que já fez o bastante”.

“Bem, já se trata de uma virtude”, seu companheiro observou, resolutamente.

“É exatamente isso”, o moço redarguiu depois de nova pausa, “que eu quis dizer”.

A resposta fez Strether ponderar um pouco. “Cheguei às minhas conclusões”, ele então prosseguiu; “foi na última meia hora que de fato me dei conta. Eu por fim, em suma, compreendi. Não havia entendido no começo, quando você falou comigo pela primeira vez. Nem quando Chad falou comigo pela primeira vez”.

“Ah”, disse o pequeno Bilham, “não acho que acreditou em mim naquela ocasião”.

“Sim, sim, acreditei; e em Chad também. Teria sido horrível, incivilizado de minha parte (além de um tanto inflexível), se não tivesse. Que interesse você teria em me enganar”?

O jovem ponderou. “Que interesse teria *eu*”?

“Sim. Chad *poderia* ter. Mas você”?

“Ah, ah, ah”! Exclamou o pequeno Bilham.

Ao repetir-se, a reação poderia ter soado como uma mistificação e irritado um pouco nosso amigo; mas ele mais uma vez não se enganou, como vimos, sobre onde estava, e o fato de que nada o afetava era somente outra prova de que estava disposto a continuar por ali. “Não poderia compreender sem ter visto com meus próprios olhos. Ela é uma mulher tremendamente astuta, brilhante e capaz, e com um encanto extraordinário ainda por cima — um encanto sobre o qual todos nós esta noite sabemos muito bem o que pensar. Não é toda mulher astuta, brilhante e capaz que o possui. Na verdade, é raro na maioria delas. Então aí está”, Strether continuou como se dizendo não apenas para o pequeno Bilham. “Entendo o que pode constituir uma relação — uma amizade de tal forma sublime e refinada — com uma mulher como essa. De qualquer maneira, não pode ser nada vulgar ou grosseiro — e é esse o ponto”.

“Sim, esse é o ponto”, anuiu seu interlocutor. “Não pode ser vulgar ou grosseiro. E, que Deus nos abençoe e nos guarde, *não é!* Dou-lhe minha palavra que é a coisa mais refinada que já vi na vida, e a mais distinta”,

Strether, a seu lado e encostando-se nas almofadas no mesmo instante que o pequeno Bilham, pousou-lhe um olhar momentâneo do qual, porquanto preenchesse um pequeno intervalo de tempo, o último não se apercebeu. Ele apenas olhava absorto para a frente. “Claro que o bem que isso lhe fez”, nosso amigo em todo caso persistiu, “claro que o bem que isso lhe fez {refiro-me ao modo como

a coisa toda funcionou) não é algo que finjo compreender. É preciso tomá-lo como se apresenta. Aí está ele”.

“Aí está ele”! Ecoou o pequeno Bilham. “E tudo graças a ela. Eu também não compreendo, mesmo tendo passado mais tempo com ele e desfrutado de sua intimidade. Mas sou como o senhor”, emendou; “não sou capaz de admirar e rejubilar-me quando estou um pouco no escuro. Veja, eu os observei por cerca de três anos, e especialmente neste último. Ele não estava tão mal antes disso, como suponho que o senhor acreditava...”

“Ah, não acredito em mais nada agora”! Strether impacientemente interrompeu: “ou seja, salvo aquilo era que acredito de fato! Presumo que, no princípio, para que ela tenha se interessado por ele...”

“Deve ter havido algum estofo? Ah, sim, havia estofo realmente, e muito mais do que jamais transpareceu, ousou dizer, em Woollett. Ainda assim”, o moço com toda a franqueza elaborou, “havia espaço para ela, e foi assim que ela entrou. Madame de Vionnet percebeu a oportunidade e a agarrou. É isso que me parece ter sido tão perfeito. Mas é claro”, concluiu, ‘ele gostou dela antes”.

“Naturalmente”.

“Quero dizer, eles se encontraram pela primeira vez, não sei onde nem quando — creio que foi em uma residência americana — e ela, sem a menor intenção» deixou sua marca. Então, dado o tempo e a ocasião adequados, Chad deixou a dele; e, depois *disso*, ela não andou muito melhor que ele”.

Strether não entendeu de todo. “Não muito melhor”?

“Ela desenvolveu, ou seja, um zelo, um grande zelo. Sozinha, e em sua posição desagradável descobriu ali, assim que o caso iniciou, um interesse. Tratava-se e ainda se trata de um interesse; e fez — e ainda faz — muito por ela. Portanto, ainda está empenhada. Na verdade”, disse o pequeno Bilham, pensativo, “está mais”.

A teoria de Strether de que nada disso lhe dizia respeito de algum jeito escapou ilesa ao modo como ele levou em consideração o comentário de Bilham. “Mais, quer dizer, do que ele”? Foi então que seu companheiro girou a cabeça e por um instante, seus olhares se encontraram. “Mais do que ele”? Strether repetiu.

Mas Bilham, por um momento também, hesitou. “O senhor nunca contará a ninguém”?

Strether refletiu. “A quem poderia contar”?

“Ora, eu supunha que escrevesse regularmente...”

“Para a gente de casa? ...” Strether o interrompeu. “Bem, não lhes contarei sobre isso”.

O moço por fim desviou o olhar. “Bem, então, o zelo dela é maior”.

“Oh”! Strether exclamou de maneira estranha.

Mas seu interlocutor imediatamente retrucou. “O senhor afinal não teve essa impressão? Por isso conseguiu conquistá-lo”.

“Ah, mas eu não o conquistei”!

“Ora, vamos”! Mas foi tudo o que o pequeno Bilham disse.

“Além disso, não é da minha conta. Quero dizer”, Strether explicou, “nada é da minha conta, salvo meu dever de conseguir conquistá-lo”. Pareceu-lhe, contudo, que precisava acrescentar: “Resta o fato de que ela o salvou”.

O pequeno Bilham apenas aguardou. “Pensei que era isso que o *senhor* devia fazer”.

Strether, porém, tinha a resposta pronta. “Falo — em relação a ela — dos modos e dos hábitos dele, de seu caráter e de sua vida. Refiro-me a ele como uma pessoa com quem se deve lidar, faiar e viver — falo dele como um animal social”.

“E não é como um animal social que ele o interessa”?

“Certamente; então é como se ela o tivesse salvado para *nós*”

“Consequentemente sente que devem salvá-la”? O jovem disparou.

“Ah, se devemos...”? Strether só podia rir da pergunta. Ela o trouxe de volta, entretanto, ao ponto que realmente queria enfatizar. “Eles aceitaram a situação, por difícil que seja. Não estão livres — ela, pelo menos, não está; mas contentam-se com o que lhes resta. É uma amizade, de um tipo belíssimo; e é isso que os torna tão fortes. Sentem que estão certos; e são um consolo um para o outro. É sem dúvida ela, porém, como você sugeriu, que sente mais”.

O rapaz pareceu na dúvida sobre o que teria sugerido. “Sente mais que estão certos”?

“Bem, sente que *ela* está, e a força que deriva desse fato. Ela o sustém — sustém a coisa como um todo. É maravilhoso quando se é capaz disso. E ela é estupenda, estupenda, como diz Miss Barrace; e

ele também é, a seu modo; contudo, como homem comum, pode às vezes rebelar-se e sentir como se não divisasse seu interesse au. Ela simplesmente lhe deu um tremendo impulso moral, e é fabuloso o que isso pode explicar. E é por isso que me refiro ao caso como uma situação. Se jamais houve uma situação, estamos diante dela". E Strether, com a cabeça para trás e os olhos presos ao teto, parecia imerso nessa visão.

Seu companheiro era todo ouvidos. "O senhor consegue expressá-lo muito melhor do que eu".

"Veja bem, você não está diretamente envolvido".

Little Bilham considerou: "Pensei que houvesse acabado de dizer que também não estivesse".

"Não me diz diretamente respeito, como um caso de Madame de Vionnet. Mas como dizíamos agora mesmo, para que mais vim para cá senão para salvá-lo"?

"Sim... para retirá-lo daqui".

"Para salvá-lo *por meio* dessa retirada; para ganhá-lo ao convencê-lo de que o melhor a fazer é tomar a frente dos negócios... acreditar que deve, portanto, fazer o que for necessário para esse fim".

"Bem", atestou o pequeno Bilham depois de um instante, "o senhor *já* o ganhou. Chad realmente acha que é o melhor a ser feito. Foi o que ele me disse um ou dois dias atrás".

"E é por isso", Strether perguntou, "que considera que o zelo dele é menor do que o dela"?

“Se ele gosta menos dela do que ela dele? Sim, é um dos motivos. Mas outros fatores também me deram essa impressão. Um homem, nessas condições”, o moço logo continuou, “*não* pode ser tão zeloso quanto uma mulher, o senhor não acha? São necessárias condições diferentes para que ele, talvez, possa gostar mais. Chad”, ele concluiu, “tem de pensar em seu provável futuro”.

“Está falando do futuro dele nos negócios”?

“Não... ao contrário; falo do outro, do futuro que o senhor muito apropriadamente chamou de a ‘situação’ de ambos. Monsieur de Vionnet pode viver para sempre”.

“De modo que eles não podem casar-se”?

O jovem aguardou um momento. “Não serem capazes de casar-se é tudo com o que eles seguramente podem contar. Uma mulher — de um tipo específico — pode suportar a tensão. Mas poderia um homem”? Ele propôs.

A resposta de Strether foi imediata, como se ele já tivesse, de si para consigo, cogitado o assunto. “Não se estiver desprovido de um altíssimo ideal de conduta. Mas é isso justamente o que atribuímos a Chad. E quanto a esse particular”, ele ruminou, “o fato de ele voltar para a América diminuiria a tensão? Não iria, ao contrário, apenas agravá-la”?

“Longe dos olhos, longe do coração”! Seu companheiro observou, rindo. Então, com mais ousadia: “A distância não atenuaria o tormento”? Mas antes que Strether pudesse responder: “O caso é o seguinte, não percebe? Chad precisa casar-se”! Ele arrematou.

Strether, por alguns segundos, pareceu refletir. “Toda essa conversa de tormentos não ajudou em nada a diminuir o meu”, ele disse, rompendo o silêncio. No momento seguinte, já estava de pé, com uma pergunta: “Com quem ele deve casar-se”?

Bilham ergueu-se mais lentamente. “Bem, com alguém com quem ele *possa* — uma jovem inteiramente boa”.

Os olhos de Strether, quando os dois estavam de pé, voltaram-se de novo para Jeanne. “Refere-se a *ela*”?

Seu amigo fez uma cara estranha. “Depois de ter-se apaixonado pela mãe? Jamais”.

“Mas sua teoria não consiste exatamente em que ele *não* está apaixonado pela mãe”?

Mas, como o moço mais uma vez demorou-se: “Por Jeanne pelo menos ele não está”.

“Receio que não”.

“Como *poderia* estar por qualquer outra mulher”?

“Ah, nisso estou de acordo. Contudo, por aqui não se julga que a paixão”, o pequeno Bilham advertiu-o com bom humor, “seja uma condição estritamente necessária para um casamento”.

“E que tormentos, por falar nisso, caberiam a uma mulher como essa”? E, como que pelo interesse da própria pergunta, Strether continuou, sem aguardar a resposta. “Caberia a ela a glória de ter empreendido uma transformação tão magnífica, apenas para entregar o jovem transformado a outra mulher”? Nosso amigo parecia ter chegado com isso ao ponto desejado, e os olhos do pequeno Bilham agora se voltaram para ele. “Quando é um pelo

outro que um casal renuncia a certas coisas, delas não sente nenhuma falta". Então ele disparou, consciente da nota de extravagância: "Que, juntos, enfrentem o futuro"!

O pequeno Bilham não tirou os olhos dele. "Quer dizer enfim que Chad não deve voltar"?

"Quero dizer que, se ele a abandonar...!"

"Sim"?

"Bem, ele não terá nenhuma vergonha na cara". Mas o tom de Strether soou como de mofa.

Livro Sétimo

I

NÃO FOI A PRIMEIRA VEZ que Strether sentou-se na imensa nave mal iluminada — tampouco foi a primeira vez que se entregou, quando as condições permitiram, à ação benéfica que o local proporcionava a seus nervos. Ele visitara a Notre-Dame com Waymarsh, visitara-a com Miss Gostrey, visitara-a com Chad Newsome, e descobrira que o lugar, mesmo quando estava acompanhado, representava tão intensamente um refúgio contra a obsessão de seu problema que, dada a mais nova pressão exercida por essa fonte, pareceu-lhe natural recorrer a um expediente que por ora julgou convir — de modo indireto, mas muito mais tranquilizador — a seu caso. Estava consciente de que se tratava de um alívio apenas passageiro, mas os bons momentos — se podia chamá-los assim — ainda tinham seu valor para alguém que então vivia de um modo quase desgraçadamente precário. Após ter aprendido muito bem o caminho, nos últimos tempos passou a fazer a peregrinação sozinho — saía furtivamente, quando não davam com ele, e nunca mencionava a aventura, quando tornava ao convívio de seus amigos.

Sua grande amiga, por falar nisso, ainda se encontrava ausente, ainda se mantinha ostensivamente silenciosa; mesmo ao cabo de três semanas Miss Gostrey não havia regressado. Ela lhe escrevera de Menton, admitindo que devia julgá-la excessivamente inconsequente — talvez, na realidade, terrivelmente desleal; mas lhe pediu

paciência, rogou-lhe que não a julgasse antes de ouvi-la, recorreu em suma à sua generosidade. Para ela também, sua amiga podia assegurar-lhe, a vida estava complicada — mais complicada do que podia adivinhar; além disso, antes de sumir, tomara providências quanto a ele — providências para não o deixar inteiramente desamparado quando regressasse. Ademais se não o sobrecarregava com cartas era, para ser franca, por causa de sua intuição de que ele estaria ocupado com outra correspondência, muito mais intensa. Ele próprio, ao fim de duas semanas, havia escrito duas vezes, para mostrar-lhe que podia contar com sua generosidade; mas não se esqueceu em cada uma das ocasiões do estilo epistolar de Mrs. Newsome, quando esta última evitava os terrenos delicados. Strether esqueceu seu problema, falou de Waymarsh e de Miss Barrace, do pequeno Bilham e do grupo do outro lado do rio, com quem voltara a tomar chá, e, por conveniência, referiu-se com desembaraço a Chad, a Madame de Vionnet e a Jeanne. Admitiu que continuava a vê-los (havia decididamente se tornado um frequentador assíduo do apartamento de Chad) e que não havia como negar a enorme intimidade desse moço com elas. Mas Strether tivera suas razões para não procurar descrever para Miss Gostrey sua impressão dos últimos dias. Isso seria revelar demais sobre si mesmo — e, nas atuais circunstâncias, era justamente de si mesmo que ele tentava escapar.

Esse pequeno embate derivou de certa forma do mesmo impulso que agora o conduzia ao interior de Notre-Dame; o impulso de deixar as coisas seguirem seu rumo, de dar-lhes tempo de se justificarem ou, pelo menos, de passarem. Sabia que nada o prendia àquele lugar exceto seu desejo de não estar, por enquanto, em outros determinados lugares; divertia-se pensando que esse senso de segurança, de simplificação, que adquiria toda vez que se achava ali, não deixava de ser uma concessão pessoal à covardia. O grande

templo não dispunha de um altar para seus cultos, de um canal direto para sua alma; mas constituía, mesmo assim, um bálsamo quase sagrado; pois ele sentiu, enquanto estava ali, o que não conseguia sentir em nenhum outro lugar: a sensação de que era um homem comum e fatigado desfrutando das merecidas férias. Strether estava fatigado, mas não era um homem comum — daí o infortúnio, daí o problema; ele era capaz, contudo, de abandonar seu problema na porta, como se este fosse uma moeda de cobre que houvesse depositado, à soleira, no prato de um inveterado mendigo cego. Nosso amigo percorreu a longa nave sombria, sentou-se no esplêndido coro, parou diante das apinhadas capelas do lado oriental, e o poderoso monumento exerceu seu encanto sobre ele. Podia ser tomado por um estudante maravilhado diante de um museu — que era exatamente onde, em uma cidade estrangeira, no outono de sua existência, ele gostaria de ter a liberdade para estar. Essa forma de sacrifício serviu, naquela ocasião, tão bem quanto qualquer outra; serviu para que entendesse perfeitamente como, dentro do recinto, para o verdadeiro refugiado, as coisas do mundo podiam entrar em suspensão. Talvez fosse essa a covardia — a disposição para livrar-se delas, para incorrer em petição de princípio, para não lidar com a questão sob a luz dura do lado exterior; mas seus próprios momentos de esquecimento eram breves demais, fúteis demais, para prejudicarem quem quer que fosse exceto ele próprio, e Strether sentia uma certa simpatia vaga e artificiosa por alguns dos circunstantes que avistava por ali, figuras forjadas no mistério e na ansiedade, a quem ele, à guisa de passatempo, classificava como pessoas que fugiam à justiça. A justiça reinava no lado de fora, sob a luz dura, assim como a injustiça; mas tanto uma quanto a outra estavam ausentes do ar dos extensos corredores e do brilho dos múltiplos altares.

Foi assim que, em todo caso, certa manhã doze dias depois do jantar no apartamento do *Boulevard Malesherbes*, ao qual compareceram Madame de Vionnet e sua filha, ele foi convocado para exercer seu papel num encontro que lhe causou profunda impressão. Strether tinha o hábito, durante tais contemplações, de observar aqui e ali, de uma distância respeitável, os outros frequentadores, atentando para algum traço de comportamento, de penitência, de prostração, do estado absorto, sereno, que essas pessoas podiam apresentar. Era assim que sua vaga compaixão funcionava, o limite até o qual lhe era permitido manifestá-la. A bem da verdade até então nunca sentira a responsabilidade aí associada como quando, naquela ocasião, subitamente avaliou o efeito sugestivo de uma dama cuja suprema imobilidade, à sombra de uma das capelas, ele mais de uma vez registrara enquanto realizava, e tornava a realizar, sua vagarosa circunvolução. A mulher não estava prostrada — de nenhuma maneira se curvava, mas se exibia de um modo estranhamente fixo, e sua prolongada impassibilidade indicava, à medida que ele passava por ela, e interrompia o passo, sua entrega absoluta à demanda, qualquer que fosse, que a havia conduzido até lá. Ela apenas permanecia sentada, com o olhar fito diante de si, como o próprio Strether muitas vezes fazia; mas a senhora se havia colocado, ao contrário dele, bem diante do santuário, na contemplação do qual se perdia — atitude que nosso amigo podia facilmente observar e teria adorado emular. Não se tratava de uma estrangeira a passeio, que mais recebia do que dava, mas sim de um dos conhecidos, íntimos, afortunados, para quem esses rituais tinham um método e um significado. Fazia Strether recordar-se — já que noventa por cento de suas impressões atuais derivavam de lembranças de coisas imaginadas — de uma bela, firme e absorta heroína de uma história antiga, algo que ele ouvira, lera, algo que, tivesse talento para o teatro, poderia ter escrito, recobrando a coragem e a lucidez por meio de sua meditação

esplendidamente protegida. Embora ela estivesse de costas para ele, Strether só podia imaginá-la jovem e interessante e, de mais a mais, malgrado envolta em sombras, o porte altivo de sua cabeça sugeria uma absoluta fé em si mesma, uma espécie de convicção implícita na solidez, na segurança e na impunidade. Mas para que mais uma mulher como aquela teria ido até ali senão para rezar? É preciso admitir que a interpretação de Strether acerca de tais fatos era confusa; mas ele se perguntava se a atitude dela não seria um óbvio fruto da absolvição, da “indulgência”. Ele não sabia muito bem o que a indulgência representaria em um lugar como aquele, mas não deixava de ter, em virtude de uma vaga percepção, certa ideia de quanto esse fator poderia de fato contribuir para o deleite de ritos ativos. Grande parte dessas elucubrações vinha marcada por essa simples figura furtiva que não lhe dizia respeito; mas, pouco antes de partir, ele foi surpreendido por um estímulo ainda mais profundo.

Strether havia desabado sobre um assento bem no meio da nave e, mais uma vez imbuído de seu ânimo museológico, procurava, com a cabeça pendida para trás e olhar suspenso, reconstituir um passado, na verdade reduzindo-o aos termos convenientes de Victor Hugo, cuja obra, poucos dias antes, ao de certo modo dar rédeas à alegria de viver, ele havia adquirido em setenta volumes encadernados, um milagre da pechincha, que, assegurou-lhe o livreiro, não pagava nem a capa em vermelho e dourado. Enquanto ajustava seu eterno pincenê diante das sombras góticas, ele sem dúvida parecia tomado por uma visão beatífica; mas seu pensamento por fim acabou chocando-se contra a questão de onde, em meio a tantas acumulações, se encaixaria um marco assim tão multiforme. Seriam talvez esses setenta volumes em vermelho e dourado o que de mais concreto teria a oferecer em Woollett como fruto de sua missão? Considerou a possibilidade por um minuto —

considerou-a até sentir que alguém, sem ser percebido, havia se aproximado e parado perto dele. Virando-se, viu que uma senhora estava ali de pé, como se à espera de um cumprimento, e ele saltou sobre os pés assim que viu que, com toda a certeza, tratava-se de Madame de Vionnet, que parecia havê-lo reconhecido quando passou a seu lado a caminho da porta. Percebendo certa perplexidade por parte dele, ela muito rápida e alegremente correu para desfazê-la por meio de uma arte toda sua. O aturdimento de que padeceu o pobre homem surgiu quando ele constatou que ela era a pessoa que ele estivera observando, era a figura furtiva na capela obscura e, desse modo, havia ocupado seus pensamentos bem mais do que ela podia supor. Felizmente, porém, logo lhe ocorreu que não era necessário referir-se à coincidência e que nenhum mal havia sido feito. A própria Madame de Vionnet, a bem da verdade, logo deixando claro que considerava aquele encontro o mais auspicioso dos acidentes, concedeu-lhe um “O senhor também vem aqui”? Que livrou a surpresa de qualquer traço de embaraço.

“Eu venho sempre”, disse ela. “Adoro este lugar, mas sou terrível, de modo geral, no que se refere a igrejas. As velhas senhoras que vivem nelas já me conhecem; na verdade eu mesma já sou uma delas. E assim, de todo modo, que prevejo meu fim”. Procurando uma cadeira, de sorte que ele instantaneamente puxou-lhe uma, sentou-se de novo, exclamando: ‘Ah, alegra-me muito que o senhor também aprecie...’!

Ele confessou a extensão de seus sentimentos, embora ela não tivesse deixado claro ao que se referia; ficou na verdade admirado com esse tato, o bom gosto dessa imprecisão, que simplesmente tomou como certa, nele, sua percepção da beleza. Estava consciente de quanto essa percepção era influenciada por algo suave e discreto no modo como Madame de Vionnet se trajava para comparecer a seu

local favorito e dar sua caminhada matutina — acreditava que tinha vindo a pé; o modo como seu véu ligeiramente mais espesso havia sido abaixado — um mero toque, mas que valia por tudo; a compostura estudada de seu vestido, no qual, aqui e ali, tons esmaecidos de vinho cintilavam sutilmente através do negro; a discrição sedutora de seu penteado, compacto e discreto; a nota sossegada de suas mãos, metidas em luvas cinza, dobradas sobre o colo. Para Strether, era como se ela estivesse acomodada em seu próprio terreno, cujas honras ligeiras, em um portão descerrado, ela assim graciosamente lhe fazia, enquanto toda a vastidão e mistério de suas possessões perdiam-se ao longe. Quando as pessoas se acham em pleno domínio, também podem mostrar-se extraordinariamente corteses; e nosso amigo de fato teve naquela hora uma espécie de revelação da herança daquela senhora. A figura romântica que Madame de Vionnet representava para ele suplantava de longe qualquer imagem que ela mesma podia fazer de si, e Strether novamente encontrou algum consolo na convicção de que, por mais perspicaz que fosse, aquela mulher não teria como adivinhar suas impressões. A coisa que mais uma vez o deixava apreensivo com relação a segredos de modo geral era essa paciência particular que ela parecia ter com sua falta de expressividade; se bem que, por outro lado, viu sua apreensão dissipar-se assim que, ao cabo de dez minutos, logrou conservar-se tão inexpressivo quanto era possível, sem deixar de ser afável.

Os minutos já tinham, nesse sentido, extraído os tons mais carregados do interesse especial que se agitou dentro dele com a identificação entre sua companheira e a pessoa cuja atitude diante do altar reluzente o havia deixado tão impressionado. Essa atitude se encaixava de modo admirável com a posição que, da última vez em que vira essa dama e Chad juntos, intimamente tomara sobre a conexão que havia entre os dois. Ajudou-o a manter-se firme no

ponto a que havia chegado; e, se era ali que havia decidido permanecer, em nenhum momento desde então lhe parecera mais fácil não recuar. Uma relação podia ser classificada como incontestavelmente inocente quando permitia que um de seus membros assim se comportasse. Se não fosse inocente por que ela visitava amiúde as igrejas? — Onde, se pudesse confiar na mulher que havia concebido em sua mente, jamais se disporia a exhibir o despropósito da culpa. Ela as frequentava em busca de amparo contínuo, em busca de força, de paz — proteção sublime que, quando se podia tomar o assunto sob esse ângulo, ela recebia dia após dia. Conversaram em voz baixa e em um tom tranquilo, com olhares demorados para o alto, para a altiva construção, sua história e sua beleza — coisas que, segundo confessou Madame de Vionnet, deixavam-na mais impressionada quando vistas por outra perspectiva, a do exterior do monumento. “Que tal, antes de partirmos”, ela sugeriu, “darmos outra volta, se for do seu agrado? Não tenho nada urgente para fazer, e será muito agradável admirar a arquitetura do edifício com o senhor”. Ele havia falado do grande romancista, da grande narrativa romântica e do efeito que, em sua imaginação, um e outro emprestavam ao conjunto, mencionando ademais a exorbitância de sua compra, os setenta volumes tão fora de proporção.

“Tão fora de proporção com o quê”?

“Bem, com qualquer outra especulação imprudente”. Entretanto, podia sentir, ao mesmo tempo que falava, quanto estava sendo imprudente naquele momento. Já havia tomado sua decisão e estava inquieto para sair; pois seu propósito constituía um propósito a ser expresso do lado de fora, e tinha receio de que, se demorassem ali, este ainda lhe pudesse fugir. Ela, todavia, não tinha pressa; alongava a mansa confabulação como se quisesse tirar algum

proveito do encontro, e essa atitude corroborava, de maneira precisa, certa interpretação de sua conduta, de seu mistério. Quando ela abordou, como ele teria dito, a questão de Victor Hugo, a própria voz, o ligeiro tremor de respeito para com a solenidade ao redor, parecia fazer com que suas palavras denotassem alguma coisa que não denotavam abertamente. Amparo, força, paz, uma proteção sublime — ela não encontraria nada disso com tanta abundância, pois a quantidade alcançada jamais equivaleria a qualquer fragmento que a suposta crença depositada nela por Strether podia fazer cair em suas mãos. Qualquer migalha, no longo percurso, ajudava, e, se ocorria de ela considerá-lo um objeto firme com o qual agarrar-se, não haveria como ele fugir a seu alcance. Gente em dificuldade costumava aderir ao que estava mais próximo, e ele afinal não se encontrava mais distante do que outras fontes mais abstratas de conforto. Foi com relação a isso que Strether havia se decidido; ou seja, ele resolvera dar-lhe um sinal. O sinal seria o de que, embora fosse um assunto dela, ele compreendia; de que, embora fosse um assunto dela, tinha a permissão para aderir. Já que Madame de Vionnet o considerava um objeto firme — da mesma forma que ele às vezes se julgava uma rocha — ele faria o possível para *corresponder* à sua expectativa.

O resultado foi que, meia hora depois, estavam instalados para desfrutar de um almoço antecipado em um adorável e delicioso estabelecimento na margem esquerda do rio — cuja fama, os dois sabiam, o convertera num local de peregrinação, atraindo aficionados do outro lado da cidade para render homenagem a um passado turbulento.

Strether, que já estivera ali três vezes (a primeira com Miss Gostrey, depois com Chad, e então novamente com Chad, junto com Waymarsh e o pequeno Bilham: gente que ele próprio habilmente

entretivera), sentiu um prazer agora mais intenso ao descobrir que Madame de Vionnet ainda não havia sido iniciada. Quando dissera, enquanto circundavam o edifício, pelo lado do rio, por fim agindo conforme a resolução tomada dentro da catedral, “A senhora não gostaria, caso disponha de tempo, de vir tomar o *déjeuner* comigo? Por exemplo, talvez conheça esse lugar, do outro lado do rio, ao qual podemos ir a pé” — quando dissera isso e então revelara o nome do restaurante, ela estacara como se para marcar a repentina urgência e, contudo, a profunda dificuldade, que havia em dar a resposta. Ela aceitara o convite quase como se fosse algo bom demais para ser verdade; e talvez nunca tivesse havido para seu companheiro um momento tão inesperado de orgulho — pois lhe pareceu a um só tempo tão belo e inusitado ser capaz de oferecer um tipo novo e raro de diversão a alguém dotado de tamanho domínio universal. Madame de Vionnet ouvira falar do afortunado estabelecimento, mas perguntara-lhe em resposta a uma outra questão como ele poderia supor que ela já houvesse estado lá. O próprio Strether supôs ter suposto que Chad a tivesse apresentado ao lugar, e ela mesma, no instante seguinte, para seu grande desconforto adivinhou-lhe o pensamento.

“Ah, permita-me explicar”, disse ela sorrindo. “Não costumo sair com ele em público; nunca tenho oportunidades como esta (pois de outro modo também não tenho) e se trata justamente do tipo de coisa, por eu ser uma criatura sossegada, vivendo no meu canto, que adoro fazer”. Era mais do que gentil da parte dele ter pensado nisso, embora, francamente, se lhe perguntasse se tinha tempo, a verdade era que não dispunha de um minuto sequer. Isso, contudo, não fazia a menor diferença — ela estava disposta a qualquer sacrifício. Toda espécie de tarefas — doméstica, maternal, social — aguardava-a em casa; mas aquele era um caso de primeira necessidade. Tudo o mais podia vir abaixo, mas não se tem o direito de um naco de escândalo

quando se está preparado para pagar? Foi nessa adorável base de dispendioso desvario, por conseguinte, que eles por fim se sentaram, frente a frente em uma mesinha, ao lado de uma janela disposta diante do cais movimentado e do Sena reluzente, lotado de barcaças; onde, durante uma hora, deixando-se levar, mergulhando grandes distâncias, Strether viria a sentir que havia chegado ao fundo. Ele viria a sentir muitas coisas naquela ocasião, e uma delas foi que estava muito longe daquela noite em Londres, antes do teatro, quando seu jantar com Miss Gostrey, entre os abajures cor-de-rosa, pareceu-lhe requerer muitas explicações. Daquela feita lograra reuni-las, essas explicações — as havia armazenado; mas, nesta nova ocasião, era como se houvesse passado ao largo delas, ultrapassando-as pelo alto ou por baixo — não sabia dizer de que forma; não conseguia conceber nenhuma que, em vez da sensatez, não lhe sugerisse uma marca de colapso ou de cinismo. Como poderia desejar que fosse razoável para os outros, para qualquer pessoa, que ele, por ora, enxergasse razões suficientes no simples modo como a vida ribeirinha, cintilante, limpa e ordenada, entrava pela janela entreaberta? — No simples modo como Madame de Vionnet, diante dele, o branco intenso da toalha de mesa, a *omelette aux tomates*, a garrafa de Chablis cor de palha, agradeceu-lhe com um sorriso quase infantil, enquanto seus olhos cinzentos moviam-se para lá e para cá, durante a conversa, para as regiões envoltas no suave ar primaveril, onde já se sentiam as primeiras notas do verão, e então de novo para o rosto de seu amigo e os problemas humanos que os uniam.

Os problemas humanos se multiplicaram antes de eles terem terminado — haviam se proliferado, na medida em que surgiam um após o outro, muito mais do que poderia ter previsto a livre imaginação de nosso amigo. O sentimento que lhe sobreviera antes, o sentimento que lhe sobreviera repetidas vezes, ou seja, o de que

estava sendo levado pela situação, nunca fora tão agudo como naquele momento; e ainda mais quando podia localizar o exato instante em que as presas se cravaram. O incidente preciso ocorrera naquela outra noite, após o jantar de Chad; ocorrera, como ele bem sabia, no minuto em que se interpusera entre essa senhora e sua filha, quando se empenhara tanto discutindo com ela um assunto inteiramente pessoal que a própria perspicácia daquela dama, marcada por uma significativa palavra de agradecimento, na mesma hora fez com que o jogo virasse para o lado dela. Ele novamente se mantivera distante por dez dias, mas a situação continuara fora de controle a despeito disso; e foi justamente por ela ter adquirido tamanha velocidade que ele decidira afastar-se. O que lhe ocorreu quando a reconheceu na nave da igreja foi que se manter afastado poderia impor-lhe a derrota no momento em que essa senhora contava não só com a perspicácia, mas ainda com a mão do próprio destino. Se todos os incidentes fossem alinhar-se do seu lado — e pela presente amostra sua legião parecia crescer mais e mais não havia nada a fazer senão render-se. Fora o que ele decidira de si para consigo quando propôs ali mesmo que almoçasse com ele. A que mais o êxito dessa sua proposta poderia de fato assemelhar-se salvo ao quase inevitável desastre com que um fugitivo inveterado encerra sua escapada? Desastre foi o passeio, o *déjeuner*, a omelete, o Chablis, o lugar, a vista, a presente conversação e o prazer dali extraído — para não mencionar, mistério dos mistérios, o prazer dela. Assim sendo, foi essa toada, nem tirar nem pôr, que fez valer a sua rendição. Ou, pelo menos, confirmou a tolice de permanecer afastado. Antigos provérbios soavam, em sua memória, ao tom das palavras trocadas e do tinido dos copos, ao sabor da cantiga da cidade e do chape-chape do rio. Era claramente melhor padecer como carneiro que como cordeiro^{12}. Podia-se morrer pela espada e também de fome^{13}.

“Maria ainda não voltou”? Essa foi a primeira pergunta que lhe fez; e quando ele enfim encontrou o tom adequado para responder com cordialidade, malgrado o significado que, sabia, sua interlocutora ligava à ausência de Miss Gostrey, ela já havia continuado indagando se ele não sentia terrivelmente a falta dela. Havia razões pelas quais não se sentia de modo algum seguro, mas acabou dizendo “Terrivelmente”; resposta que, para ela, como que comprovou a sua tese. “Um homem em apuros *precisa* da companhia de uma mulher”, asseverou; “se ela não vem de um jeito, virá de outro”.

“Por que me chama de homem em apuros”?

“Ah, porque essa é a impressão que me dá”. Falava com delicadeza, como se receosa de melindrá-lo agora que estava ali sentada, servindo-se de sua generosidade. “Mas *não* está”?

Ele sentiu que a pergunta o fez ruborizar, e então abominou essa ideia — abominou passar por algo tão idiota quanto alguém melindrável. A ideia de ser melindrado pela mulher de Chad, por quem no início de sua viagem nutria tamanha indiferença, era a isso que já estava reduzido? De maneira perversa, todavia, sua hesitação emprestou um estranho cunho de verdade à suposição de Madame de Vionnet; mas que estava ele realmente, senão desconcertado com a ideia de ter-lhe dado a impressão que mais gostaria de ter evitado? “Ainda não estou em apuros”. Por fim conseguiu sorrir, “Não estou em apuros agora”.

“Bem, eu sempre estou. Mas disso o senhor sabe muito bem”. Era uma mulher que, entre um prato e outro, mostrava-se graciosa mesmo com os cotovelos à mesa. Mrs. Newsome jamais adotaria essa postura, que não oferecia dificuldade a uma *femme du monde*. “Sim... agora mesmo, por exemplo”.

“A senhora me fez uma pergunta”, ele logo voltou, “na noite do jantar de Chad. Não lhe respondi daquela vez, e foi muito gentil de sua parte não ter, desde então, procurado uma oportunidade para me pressionar”.

De súbito ela era toda ouvidos. “Claro que sei a que se refere. Eu lhe perguntei o que quis dizer quando declarou, no dia de sua visita, que me salvaria. E então o senhor me respondeu — na casa de nosso amigo — que precisava esperar para ver, por si mesmo, o que queria dizer”.

“Sim, e lhe pedi tempo”, disse Strether. “E agora sinto que, do jeito como a senhora apresenta a questão, meu discurso soa bastante ridículo”.

“Ah”! Ela murmurou, em tons de atenuação. Mas teve outra ideia. “Se de fato soa ridículo, por que nega que esteja em apuros”?

“Ah, se estivesse”, ele replicou, “não seria por recear o ridículo. Não temo o ridículo”.

“O que o senhor teme, então”?

“Nada... agora”. E recostou-se na cadeira.

“Gostei do seu agora”! Exclamou ela, com uma gargalhada. “Bem, é que me ocorre precisamente neste momento que já a mantive esperando por tempo suficiente. Em todo caso já sei o que queria dizer com aquele discurso; na verdade, já sabia na noite do jantar de Chad”.

“Então, por que não me contou”?

“Porque foi difícil. Naquela ocasião, já havia lhe feito um favor, no sentido que lhe propus naquele dia em que fui visitá-la; mas não

estava certo, então, da importância que poderia adquirir”.

Ela estava impaciente. “E agora está”?

“Sim; agora vejo que, praticamente, fiz pela senhora — havia feito quando me interrogou — tudo o que estava em minhas mãos. Mas receio”, ele prosseguiu, “que a questão pode ter desdobramentos. O que fiz depois de minha visita”, explicou, “foi imediatamente escrever a Mrs. Newsome sobre a senhora, e por fim agora estou, dia após dia, aguardando a resposta dela. É essa resposta, cuido eu, que representará as consequências”.

O interesse de sua interlocutora revelava-se belo e paciente. “Compreendo... as consequências de o senhor ter intercedido em meu favor”. E aguardou, para não o apressar.

Ele reconheceu o obséquio e não tardou a prosseguir. “A senhora entende que a questão era de que *maneira* eu poderia salvá-la. Bem, minha tentativa consiste em contar-lhe que a considero digna de ser salva”.

“Compreendo... compreendo”. Sua ansiedade manifestou-se. “Como posso agradecer-lhe”? Como ele não podia responder, ela rapidamente continuou: “É verdade então que o senhor acredita nisso”?

Sua única resposta de início foi servir-lhe do prato que havia acabado de ser posto diante deles. “Eu tornei a escrever para ela, depois... Para não deixar nenhuma dúvida sobre o que eu penso. Conte-lhe tudo a seu respeito”.

“Obrigada... Não precisava tanto. ‘Tudo’ a meu respeito... sim”.

“Tudo o que me parece ter sido feito por ele”.

“Ah, e o senhor poderia ter acrescentado tudo o que também *me* parece”! Ela tornou a rir, enquanto empunhava o garfo e a faca, como se reconfortada por essas afirmações. “Mas não está seguro da reação dela”.

“Não, não vou fingir que estou”.

“*Voilà*”. Ela esperou um momento. “Gostaria que me falasse sobre ela”.

“Oh”, disse Strether com um sorriso um pouco forçado, “tudo o que necessita saber sobre ela é que é uma pessoa extraordinária”.

Madame de Vionnet pareceu ter suas objeções. “Isso é tudo o que preciso saber sobre ela”?

Mas Strether negligenciou a pergunta. “Chad não lhe contou nada”?

“Sobre a mãe dele? Sim, muito... muitíssimo. Mas não do *seu* ponto de vista”.

“Ele não pode”, nosso amigo devolveu, “ter falado nada de mau sobre ela”,

“Nem um pouquinho. Como o senhor, assegurou-me que ela é deveras extraordinária. Mas o fato de ser deveras extraordinária é justo o que não torna o nosso caso mais simples. O que eu menos desejo”, ela emendou, “é falar mal dela; mas é claro que sinto que não deve gostar de ser informada que me deve algo. Mulher nenhuma gosta de ver-se assim empenhada em relação a outra”.

Strether não tinha como refutar a sugestão. “E, no entanto, de que outra forma eu poderia ter anunciado minhas impressões? Era o que de mais extraordinário havia para dizer sobre a senhora”. “Quer dizer, então, que ela *será* generosa comigo”?

“É o que estou esperando para ver. Mas não tenho dúvida de que seria”, ele emendou, “se houvesse um meio de ela conhecê-la melhor”.

Para Madame de Vionnet, aquele pareceu ser um pensamento feliz, benfazejo. “Ah, então, isso não poderia ser arranjado”? Ela não poderia vir para cá? O senhor não poderia convencê-la? Por alguma eventualidade, já *tentou*”? Sua voz tremeu ligeiramente.

“Ah, não”, ele respondeu de pronto. “Isso não. Seria muito mais para fornecer um relato sobre a senhora — já que não se cogita a hipótese de a *senhora* ir para lá — que eu deveria voltar logo para Woollett”. A ideia logo turvou-lhe o semblante. “E está pensando nisso”? “Ah, o tempo todo, naturalmente”.

“Fique conosco... fique conosco”! Ela exclamou. “Só assim poderá ter certeza”.

“Ter certeza do quê”?

“Ora, de que ele não vai esmorecer. Não foi para impor-lhe isso que o senhor veio”.

“Mas não depende”, Strether retrucou, após um momento, “do que quer dizer com esmorecer”?

“Ah, o senhor bem sabe o que eu quis dizer”!

Mais uma vez o silêncio dele sugeriu por uns instantes uma espécie de entendimento. “A senhora dá por certas coisas

formidáveis”.

“Sim, é verdade... na medida em que não dou por certas as mais vulgares. O senhor é perfeitamente capaz de ver que seu objetivo ao vir não foi realmente fazer o que agora tem de fazer”.

“Ah, é perfeitamente simples”, Strether alegou, bem-humorado. “Eu só tinha uma tarefa a cumprir: explicar nossa situação a Chad. Explicar do modo como somente aqui no ato poderia ser feito — por meio de uma pressão pessoal. Minha querida senhora”, ele lucidamente prosseguiu, “o que eu tinha de fazer, como vê, já foi feito, e minhas razões para continuar aqui mais um dia sequer não são as melhores. Chad está a par de nossa situação e promete fazer-nos plena justiça. Está nas mãos dele agora. Quanto a mim, já descansei, já me diverti e restabeleci minhas forças; foi tudo, como se diz em Woollett, adorável. E nada foi mais adorável do que este feliz reencontro — nestas fantásticas condições que a senhora, de modo tão delicioso, aceitou. Sinto o gosto do sucesso. É o que eu queria. E meu êxito nesse aspecto era o que Chad esperava, e presumo que, se estou pronto para partir, ele também está”.

Ela meneou a cabeça, indicando uma sabedoria mais sutil e profunda. “O senhor não está pronto. Se estivesse, por que escreveria para Mrs. Newsome no sentido que me revelou”?

Strether refletiu. “Não partirei antes de receber a resposta dela. A senhora tem muito medo dela”, acrescentou.

O comentário fez com que trocassem um longo olhar, do qual nenhum dos dois se esquivou. “Não creio que o senhor acredite nisso... acredite que não tenho razões reais para temê-la”.

“Ela é capaz de rasgos de generosidade”, Strether breve redarguiu. “Bem, deixe que ela confie um pouco em mim, então. É

tudo o que peço. Deixe que reconheça, apesar de tudo, o que eu fiz”.

“Ah, lembre-se”, nosso amigo argumentou, “de que ela não pode efetivamente reconhecer nada sem ver por si mesma. Deixe Chad voltar para mostrar-lhe o que foi feito, e deixe que ele interceda junto a ela pela causa e, como se fosse, pela *senhora*”.

Ela avaliou a profundidade da sugestão. “O senhor dá sua palavra de honra de que, assim que ela se vir de novo com o filho, não fará o possível para casá-lo”?

A pergunta fez com que seu companheiro voltasse os olhos para a paisagem; depois disso, ele falou bruscamente: “Quando ela vir por si mesma o que ele...”

Mas Madame de Vionnet já o havia interrompido. “É justamente quando ela vir por si mesma o que ele se tornou é que ficará mais tentada a acertar o casamento do filho”.

A atitude de Strether, de conceder a devida atenção ao que ela dizia, permitiu que ele se dedicasse um minuto a seu almoço. “Duvido que o casamento se realize. Não será fácil”.

“Será fácil se ele ficar por lá... e ele ficará, por causa do dinheiro. O montante parece ser, como probabilidade, tão horrivelmente excessivo”.

“Bem”, Strether logo deduziu, “o casamento dele é o único mal que realmente *poderia* ser feito à *senhora*”.

Ela soltou uma risadinha inusitada. “Sem mencionar o mal que poderia ser feito a *ele*”

Mas seu amigo a fitou como se também tivesse pensado nisso. “Naturalmente surgirá a questão do futuro que a *senhora* mesma lhe

oferece”.

Ela se recostou na cadeira, mas não desfitou os olhos. “Ora, deixemos que surja”!

“O ponto está em que cabe a Chad inferir o que puder disso tudo. O fato de ele mostrar-se infenso ao matrimônio revelará a opinião dele”.

“Se ele se *mostrar*, sim...”, ela aceitou a proposta. “De minha parte, porém”, acrescentou, “resta saber a *sua* opinião”.

“Ah, não cabe a mim opinar. Não é da minha conta”.

“O senhor vai me desculpar, mas é justamente nesse ponto, já que tomou o caso em suas mãos e por ele se empenha, que é mais nitidamente da sua conta. Cuido que o senhor não está me salvando pelo interesse que tem por mim, mas pelo que tem por nosso amigo. De qualquer maneira um depende inteiramente do outro. Com toda a honestidade o senhor não pode deixar de me ajudar”, ela concluiu, “porque não pode, da mesma forma, deixar de ajudá-lo”.

O jeito calmo e suave como ela conduziu seu raciocínio assumiu um aspecto, para ele, de uma estranha beleza. O que mais o comovia era sua profunda seriedade. Não que ela a exibisse em nenhuma de suas formas portentosas; mesmo assim, pareceu-lhe jamais ter visto uma força chegar a um ponto crítico tão delicado. Deus sabia que Mrs. Newsome era uma pessoa séria; mas não se podia comparar. Strether absorveu tudo, compreendeu tudo de uma vez. “Não”, ele ponderou, “não posso, com toda a honestidade, deixar de ajudá-lo”.

Julgou ter visto uma luz delicada fulgurar em seu rosto. “O senhor o *fará*, então”?

“Eu o farei”.

Com isso ela afastou a cadeira e, no instante seguinte, estava de pé. “Obrigada”! Exclamou, com as mãos estendidas para ele e com um sentido emprestado à palavra que em nada diferia daquele que seus lábios deram, de modo tão particular, após o jantar de Chad. O prego dourado que ela então cravara afundou mais alguns centímetros. Ainda assim, ele refletiu que havia apenas, nesse ínterim, feito o que decidira fazer na mesma ocasião. No que se referia à essência do problema, ele tão só permanecera estacionado no lugar onde havia, então, fincado os pés.

II

Três dias depois Strether recebeu uma correspondência dos Estados Unidos, na forma de um pedaço de papel azul dobrado e colado, que não chegou por meio do banco, mas foi entregue no hotel por um rapazote de uniforme que, orientado pelo porteiro, interceptou-o quando ele cruzava lentamente o pequeno pátio. Embora fosse noite, a luz do sol agora se prolongava, sobretudo em Paris. O aroma das flores perfumava as ruas e uma aragem de violetas parecia nunca lhe abandonar as narinas; ele estava atento a sons e sugestões, vibrações propagadas pelo ar, tanto humanas quanto dramáticas, conforme imaginava, pois não se encontravam em outros lugares, que lhe chegavam mais e mais ao doce cair da tarde — um zum-zum longínquo, um vibrante clique no asfalto, uma voz chamando, respondendo, alhures, e tão impostada quanto a de um ator em uma peça de teatro. Jantaria no hotel com Waymarsh —

como haviam decidido, por ser mais simples e econômico; e agora matava o tempo à espera do amigo.

Leu o telegrama no pátio, quedando imóvel um bom tempo onde o havia aberto e dedicando-se, cinco minutos depois, a um novo exame. Por fim, num gesto brusco, amassou-o como se quisesse livrar-se dele; apesar disso, não o largou — mantinha-o preso à mão quando, ao cabo de outra volta pelo pátio, desabou em uma cadeira ao lado de uma mesinha. Ali, com o pedaço de papel comprimido em seu punho, escondido ainda mais, pois havia cruzado firmemente os braços, Strether permaneceu algum tempo sentado, imerso em pensamentos, com o olhar tão fixo diante de si que nem deu por Waymarsh, quando este enfim apareceu e aproximou-se. Seu amigo, na verdade, impressionado com a aparência do cidadão de Woollett, primeiro observou-o duramente por um instante e depois, como se animado por algum detalhe vivido percebido naquele quadro, voltou-se e dirigiu-se para o *salon de lecture* sem falar com ele. Mas o peregrino de Milrose permitiu-se contemplar a cena através da porta envidraçada de seu refúgio. Ainda sentado, Strether tornou a esquadrihar a missiva amarfanhada, que ele cuidadosamente alisou ao depositá-la sobre a mesa. Foi ali que deixou o papel durante alguns minutos até que, quando por fim ergueu o olhar, avistou Waymarsh observando-o do fundo. Foi nesse ponto que seus olhos se cruzaram — cruzaram-se por um instante durante o qual nenhum dos dois se mexeu. Mas Strether então se levantou, dobrando o telegrama com cuidado maior e inserindo-o no bolso de seu colete.

Conquanto alguns minutos depois os dois amigos já se houvessem acomodado para jantar, nesse meio tempo Strether não havia mencionado nada sobre o telegrama; e quando eles enfim se separaram, depois de tomar o café no pátio, ninguém havia tocado

no assunto. Nosso amigo ademais teve a impressão de que, naquela ocasião, trocaram ainda menos palavras do que o habitual; foi quase como se cada um estivesse à espera de que o outro dissesse algo. Waymarsh sempre conservava o aspecto de um chefe indígena sentado na entrada de sua tenda e o silêncio, após tantas semanas, viera a exercer seu papel naquele concerto mútuo. Embora essa nota na realidade houvesse ultimamente adquirido para Strether um tom mais intenso, nunca, como naquela noite, pareceu-lhe ter atingido tamanha plenitude. Entretanto, ocorreu que não cedeu à confiança quando seu parceiro finalmente lhe perguntou se havia algo de errado com ele. “Nada”, respondeu, “fora do normal”.

No dia seguinte, contudo, bem cedo ainda, ele encontrou ocasião para fornecer uma resposta mais condizente com os fatos. O problema persistiu durante toda a noite anterior, em cujas primeiras horas, após o jantar, já no quarto, dedicara-se à composição de uma copiosa epístola. Despedira-se de Waymarsh com esse propósito em mente, empregando menos cerimônia do que o habitual para o deixar entregue a seus próprios afazeres, mas acabou descendo de novo, a carta ainda inacabada, e saiu para a rua sem perguntar por seu companheiro. Após uma longa e incerta caminhada, tornou a subir a seu quarto com o auxílio bruxuleante de uma vela deixada acesa para ele no balcão em frente à portaria. A badalada de uma da manhã já havia soado. Ele se apoderara, ao fechar a porta, das numerosas folhas soltas de sua composição incompleta, e então, sem ao menos lê-las, rasgara-as em pedacinhos. Com isso — como se, em certa medida, graças a esse sacrifício —, dormira o sono dos justos, prolongando seu repouso muito além do horário costumeiro. Foi assim que, quando a batida de um cabo de bengala soou em sua porta, entre as nove e dez da manhã, ainda não havia terminado de se aprontar. A voz grave e animada de Chad Newsome, no entanto, logo determinou a admissão do visitante. O papelzinho azul da noite

anterior, claramente um objeto mais precioso por ter sido salvo da destruição prematura, mais uma vez alisado e impedido de voar pelo peso sobrejacente de seu relógio, agora jazia no peitoril de uma janela aberta. Chad, submetendo o local ao olhar crítico, a um só tempo descuidado e competente, que exibia aonde quer que fosse, imediatamente divisou o telegrama e, por um momento, permitiu-se fitá-lo fixamente. Depois disso, dirigiu os olhos a seu anfitrião. “Então chegou, enfim”? Strether interrompeu a ação de pregar a gravata. “Já sabe, então...? Também recebeu um”?

“Não, não recebi nada; só sei o que vejo. Vi aquilo e adivinhei. Bem”, acrescentou, “veio bem a calhar, pois justamente vim aqui esta manhã — como, aliás, teria vindo ontem, caso fosse possível — para levá-lo embora...”

“Levar-me embora”? Strether mais uma vez virou-se para o espelho.

“Levá-lo de volta, por fim, conforme prometi. Estou pronto... faz um mês, realmente. Só queria esperá-lo... como me pareceu certo. Mas vejo que já está melhor agora; está a salvo... já se recuperou por inteiro. Está com uma esplêndida aparência esta manhã, muito bem-disposto”.

Strether terminou de vestir-se; com os olhos pregados no espelho, consultou essa testemunha sobre a última questão. *Estaria* sobrenaturalmente bem-disposto? Poderia haver algo ali quem sabe para os olhos assombrosos de Chad, mas ele próprio, já fazia algumas horas, sentia-se em frangalhos. Esse julgamento, contudo, ajudou-o afinal a decidir-se; sem querer justificava sua sensatez. Mostrava uma disposição mais firme, aparentemente — já que esta irradiava dele como uma luz —, do que aquela a que se havia arrogado. Mas sua convicção ficou um pouco abalada quando se

voltou para seu amigo e observou-lhe o talhe — embora o caso decerto tivesse sido pior se Chad não parecesse dispor, dia após dia, do segredo desse esplendor pessoal. Ali estava ele em todo o seu delicioso frescor matinal — forte, esbelto e alegre, tranquilo, fragrante e impenetrável, com sua tez saudável e o belo toque grisalho em seus cabelos jovens e grossos, a palavra adequada sempre aflorando aos lábios, que pareciam mais rubros em contraste com o distinto bronzeado. Strether nunca o vira assim tão triunfante; era como se, naquele momento, para sua rendição definitiva, houvesse se composto de maneira ainda mais impressionante. Aquela, de modo preciso e um tanto estranho, era a forma como ele deveria ser apresentado em Woollett. Nosso amigo o analisou de novo — sempre estava analisando-o e ainda descobria que algumas partes dele teimavam em manter-se fora do esquadro; contudo, mesmo assim, sua imagem se formou em meio a uma névoa de elementos distintos. “Recebi um telegrama de sua mãe”, declarou Strether.

“Já imaginava, meu bom homem. Espero que ela esteja bem”. Strether hesitou. “Não... não está, sinto muito ter de lhe dizer”. “Ah”, disse Chad, “era como se adivinhasse. Mais razão, portanto, para que partamos imediatamente”.

Strether naquele momento já estava munido de chapéu, luvas e bengala, mas Chad havia afundado no sofá como se para mostrar onde desejava marcar sua posição. Continuava observando os objetos de seu companheiro; poderia estar avaliando a rapidez com que poderiam ser guardados. Poderia até ter desejado sugerir que enviaria um criado para assisti-lo na arrumação. “Que quer dizer”, Strether inquiriu, “com ‘imediatamente’?”

“Oh, em um dos navios que voltam na semana que vem. Todas as embarcações têm partido tão vazias nesta temporada que será

fácil conseguir uma cabine”.

Strether estava com o telegrama na mão; deixou-o ali depois de ter posto o relógio, e agora o oferecia a Chad, que, porém, com um gesto inusitado, recusou-se a pegá-lo. “Obrigado, mas não devo. Sua correspondência com minha mãe não é de minha conta. Estou somente do seu lado, independentemente do que for”. Diante disso, Strether, enquanto seus olhares se cruzavam, pausadamente dobrou a missiva e guardou-a no bolso; em seguida, antes de ele tornar a falar, Chad inaugurou um novo assunto. “Miss Gostrey já voltou”?

Mas quando Strether falou não foi para satisfazer a curiosidade de seu interlocutor. “Presumo que não seja o caso de sua mãe estar fisicamente debilitada; de modo geral sua saúde parece estar melhor do que nunca esta primavera. Mas ela está preocupada, ansiosa, e tal estado, nos últimos dias, parece ter chegado a um clímax. A paciência dela se esgotou, graças a nós dois”.

“Oh, ao *senhor* não”! Chad generosamente protestou.

“Desculpe-me, mas graças a mim, sim” Strether mostrou-se gentil e melancólico, mas resoluto. Podia ver à distância, por sobre os ombros de seu companheiro. “Trata-se muito particularmente de mim”.

“Mais uma razão, portanto. *Marchons, marchons*”! Exclamou com alacridade o rapaz. Seu anfitrião, porém, apenas susteve o olhar contemplativo; de forma que, no momento seguinte, Chad repetiu a pergunta anterior. “Miss Gostrey está de volta”?

“Sim, faz dois dias”.

“Então já foi vê-la”?

“Não... marquei de encontrá-la hoje”, Mas Strether não queria falar de Miss Gostrey. “Sua mãe mandou um ultimato. Se não posso levá-lo, devo deixá-lo aqui. Eu próprio, de qualquer modo, devo regressar”, “Ah, mas o senhor agora pode me levar de volta”, Chad, do sofá, respondeu, apaziguador.

Strether fez uma pausa. “Não sei se consigo entendê-lo. Por que, mais de um mês atrás, insistiu tanto para que Madame de Vionnet intercedesse em seu favor”?

“Por que”? Chad refletiu, mas ele tinha a resposta no bolso do colete. “Por que outra razão salvo o fato de que eu sabia que ela se sairia bem? Foi a forma de tranquilizá-lo e, com isso, de lhe fazer um bem. Além disso”, ele explicou com facilidade, “queria que realmente a conhecesse e sobre ela formasse a sua opinião — e pode ver agora o bem que isso lhe fez”.

“Bem”, replicou Strether, “a forma como Madame de Vionnet defendeu a sua causa, de todo modo — na medida em que lhe dei a chance —, só me fez sentir quanto ela deseja conservá-lo por aqui. Se não dá importância a isso, não vejo por que quis que eu lhe desse ouvidos”.

“Meu caro amigo”, Chad observou, “eu dou toda a importância. Como pode duvidar...”?

“Minha dúvida surgiu no momento em que você chegou esta manhã propondo que partíssemos”.

Chad arregalou os olhos e então soltou uma gargalhada. “E não é minha proposta de partir justamente o que o senhor estava esperando”?

Strether titubeou; ele deu outra volta. “Creio que o que mais esperei neste último mês é a mensagem que tenho em minhas mãos”.

“Quer dizer que receava recebê-la”?

“Bem, cuidei de meus afazeres a meu modo. E presumo que esse seu anúncio”, Strether prosseguiu, “não se deu meramente a partir do que supunha ser minha expectativa. Do contrário, não teria feito questão de me apresentar...”. Mas ele se interrompeu, estacando.

Chad levantou-se. “Ah, o fato de *ela* não querer que eu vá não tem nenhuma relação com isso! É que ela tem medo... tem medo de que eu, uma vez ali, me deixe apanhar. Mas os temores dela não têm fundamento”.

Mais uma vez deu com o olhar suficientemente perscrutador de seu companheiro. “Está cansado dela”?

Em resposta à pergunta, Chad abriu, acompanhado de um movimento de cabeça, o mais longo e inusitado sorriso que Strether já vira da parte dele, “Jamais”.

O efeito imediato que esse sorriso causou na imaginação de nosso amigo foi tão suave e profundo que, por um momento, não viu mais nada. “Jamais”?

“Jamais”, Chad repetiu, obsequiosa e serenamente.

A resposta fez seu companheiro dar vários passos a mais. “Não tem medo então”?

“Medo de partir”?

Strether deteve-se de novo. “Medo de ficar”.

O rapaz pareceu perplexo. “O senhor agora quer que eu ‘fique’”? “Se você não pegar o primeiro barco de volta, são os Pockocks que pegarão o primeiro, para vir. Foi a isso que me referi”, Strether explicou, “quando mencionei o ultimato de sua mãe”.

Chad mostrou-se mais interessado, contudo não se alarmou. “Ela agora se vale de Sarah e de mim”?

Por um momento Strether ruminou a ideia. “Ah, e pode estar certo que Mamie está incluída. É com *ela* que sua mãe está contando”. Não foi difícil para Chad entender — ele tornou a rir. “Mamie... é ela quem vai me corromper”?

“Ah”, Strether afirmou, “ela tem seu charme”.

“Foi o que me disse mais de uma vez. Bem que eu gostaria de vê-la.

Algo alegre e imperturbável, algo acima de tudo inconsciente, no modo como ele se expressou, novamente persuadiu seu companheiro da desenvoltura de sua atitude e do caráter invejável de sua posição. “Não resta dúvida de que você precisa vê-la. Também não se esqueça”, Strether prosseguiu, “que realmente fará um favor à sua irmã se a deixar vir. Conceda-lhe um ou dois meses em Paris, que, se não me engano, ela não tornou a visitar desde o casamento, e que, tenho certeza, precisa apenas de um pretexto para rever”.

Chad ouviu a sugestão, mas foi mediante sua própria experiência do mundo. “Não lhe faltou pretexto nesses anos todos, mas ela nunca aproveitou”.

“O pretexto era *você*”? Strether perguntou após um instante.

“Naturalmente... o solitário expatriado. E a quem o senhor se refere”? Perguntou.

“Ah, referia-me a *mim*. Eu sou o pretexto dela. Ou seja, pois se trata da mesma coisa, sou o pretexto de sua mãe”.

“Então por que minha mãe não vem pessoalmente”?

Seu amigo lançou-lhe um olhar demorado. “Gostaria que ela viesse também”? E, como seu interlocutor, por um momento, nada respondeu: “É muito simples. Cabe a você enviar-lhe um telegrama”. Chad continuou a refletir. “Ela virá, se eu lhe pedir”?

“É muito provável. Mas tente, e vejamos”.

“Por que o *senhor* não tenta”? Chad retrucou, alguns instantes depois.

“Porque não quero”.

Chad ponderou: “Não lhe agrada a presença dela aqui”?

Strether enfrentou a questão, mas sua resposta foi mais enfática: “Não jogue a sua responsabilidade, meu caro rapaz, sobre *meus ombros*”!

“Bem, compreendo o que quer dizer. Tenho certeza de que agiria com toda a cordialidade, mas a verdade é que não quer vê-la aqui, e eu não lhe impingirei esse truque”.

“Ah”, Strether declarou, “eu não chamaria de truque. Você tem todo o direito e seria perfeitamente compreensível”. Então acrescentou, em um tom diferente: “Além disso, você tem na pessoa

de Madame de Vionnet uma relação muito interessante, em especial para ela”.

Os olhos dos dois homens, diante dessa proposição, continuaram pregados um no outro, mas os de Chad, belos e impudentes, não desviaram um momento sequer. Ele por fim se levantou e disse algo que deixou Strether aturdido: “Ela não a entenderia, mas isso não faz nenhuma diferença. Madame de Vionnet adoraria conhecê-la. Adoraria cativá-la. Acredita que é capaz disso”.

Strether refletiu alguns instantes, afetado pela hipótese, mas terminou por descartá-la. “Ela não conseguiria”.

“Tem certeza”?

“Pode arriscar se quiser”!

Strether, bastante sereno ao proferir a última frase, lançou um apelo para que saíssem, mas o moço não se moveu. “Já mandou sua resposta”?

“Não, ainda não fiz nada”.

“Estava à minha espera”?

“Não, não foi isso”.

“Estava somente”, Chad abriu um novo sorriso, “à espera de Miss Gostrey”?

“Não... nem mesmo de Miss Gostrey. Não esperava ver ninguém. Esperei até agora para chegar a uma decisão — por mim mesmo; e, desde que evidentemente lhe devo essa informação, estava prestes a sair com a decisão tomada. Seja, portanto, um

pouquinho mais paciente comigo. Lembre-se de que, no início, foi *você* quem me pediu que tivesse paciência. Eu tive, como sabe, e veja no que deu. Fique do meu lado”.

Chad ficou sério. “Por quanto tempo mais”?

“Até que eu lhe dê um sinal. Não posso, no melhor dos casos, ou no pior, ficar aqui para sempre. Que venham os Pockocks”, Strether repetiu.

“Porque com isso ganhará tempo”?

“Sim... ganharei”.

Chad, como se ainda perplexo com a proposta de Strether, esperou um minuto. “Mas não quer voltar para minha mãe”?

“Ainda não. Não estou pronto”.

“Sente-se atraído”, Chad perguntou em um tom que lhe era peculiar, “pela vida daqui”?

“Muitíssimo”. Strether encarou a questão. “Você, que tanto me ajudou a senti-la, decerto não deve estar surpreso”.

“Não, não estou surpreso e sim radiante. Mas o que, meu bom homem”, Chad perseverou, com intencional extravagância, “isso tudo lhe acarretará”?

A mudança de posição e de relação para cada um dos dois homens acabou transparecendo de maneira tão insólita na pergunta que Chad soltou uma gargalhada assim que acabou de proferi-la — o que fez Strether rir também. “Bem, saberei que fui testado — e que passei pela prova de fogo. Mas oh”, não pôde deixar de dizer, “se no

meu primeiro mês aqui, você estivesse disposto a seguir viagem comigo...”!

“Sim”? Chad perguntou, quando o outro se interrompeu como que sob o peso da reflexão.

“Agora já estaríamos lá”.

“Ah, mas o senhor não teria tido sua diversão”!

“Eu teria me divertido durante um mês; e, se quer mesmo saber, a diversão que tive até agora”, ele prosseguiu, “é suficiente para durar até o fim dos meus dias”.

Chad achou a ideia engraçada e interessante, conquanto de certo modo continuasse sem entender; em parte talvez porque a ideia que Strether fazia de diversão desde o início exigisse muitos outros esclarecimentos. “Não seria bom se eu o deixasse aqui...”?

“Se me deixasse aqui”? Strether indagou, confuso.

“Apenas por um mês ou dois... o tempo de ir e voltar. Madame de Vionnet”, Chad propôs, sorrindo, “cuidaria muito bem do senhor nesse meio tempo”.

“Você, indo embora sozinho, enquanto eu fico aqui”? Mais uma vez, por um instante, os olhos dos dois se enfrentaram; então Strether exclamou: “Grotesco”!

“Mas eu quero ver minha mãe”, Chad logo devolveu. “Lembre-se de que faz muito tempo que não a vejo”.

“Faz tempo, de fato; e foi precisamente por isso que, no início, fiz tanta questão de que voltasse. Pois já não nos havia dado prova suficiente de quanto podia prescindir disso”?

“Ah”, disse Chad surpreendentemente, “melhorei muito agora”.

A nota de fácil triunfo contida naquelas palavras fez seu amigo rir de novo. “Ah, se estivesse pior, eu *saberia* o que fazer com você. Nesse caso, creio que o teria embarcado à força, amarrado e amordaçado. *Quanto*”, Strether perguntou, “você deseja ver sua mãe”? “Quanto”? Chad pareceu achar, na verdade, difícil de dizer.

“Quanto”.

“Ora, tanto quanto o senhor me fez querer. Daria qualquer coisa para revê-la. E o senhor não me deixou dúvida”, Chad emendou, “de quanto *ela* deseja me ver”.

Strether refletiu um minuto. “Então, se esses são seus motivos reais, não há nada que o impeça de pegar o vapor francês e zarpar amanhã mesmo. É claro que, quando se chega a esse ponto, você está absolutamente livre para fazer o que bem entender. Já que não posso impedi-lo, só me resta aceitar sua fuga”.

“Fugirei no próximo minuto então”, disse Chad, “se o senhor permanecer aqui”.

“Ficarei até o próximo vapor... depois, seguirei em seu encalço”. “E chama isso de aceitar minha fuga”? O rapaz indagou. “Certamente... não há outro nome. O único modo de me fazer ficar, portanto”, Strether explicou, “é ficar aqui comigo”.

Chad ponderou: “Ainda mais depois do que aprontei com o senhor, hein”?

“Aprontou”? Strether repetiu do modo mais inexpressivo que lhe foi possível,

“Ora, se ela enviar os Pococks é porque ela confia no senhor, e, se não confia, isso significa... bom, o senhor já sabe o quê”.

Strether decidiu após um momento que sabia e, em razão disso, declarou: “Está vendo melhor, portanto, quanto me deve”?

“Bem, se estou, como devo retribuir”?

“Não me abandonando. Ficando ao meu lado”.

“Ah, não diga...”! Mas Chad, enquanto caminhavam, como que selou o acordo por meio de algumas palmadinhas firmes no ombro de Strether. Juntos, desceram lentamente a escada e, no pátio do hotel, trocaram algumas palavras, em função das quais logo se separaram. Chad Newsome saiu e Strether, sozinho, olhou em torno em busca de Waymarsh. Mas Waymarsh aparentemente não havia descido, e nosso amigo no fim partiu sem tê-lo avistado.

III

Se às quatro horas daquela tarde Strether ainda não havia visto Waymarsh, já então se encontrava, como se para compensar a falta, envolvido numa conversa sobre ele com Miss Gostrey. Não voltara ao hotel durante todo o dia, entregando-se inteiramente à cidade e a seus pensamentos, andando a esmo e refletindo, ao mesmo tempo inquieto e absorto — e tudo isso culminou nas boas-vindas calorosas que lhe foram dadas no *Quartier Marboeuf*. “Estou convencido de que Waymarsh, sem que eu soubesse”, pois Miss Gostrey havia

perguntado, “estive em contato com Woollett: o resultado disso foi o imperioso apelo que recebi na noite passada”.

“Refere-se à carta exigindo o seu regresso”?

“Foi um telegrama, na realidade, que ainda conservo em meu bolso: uma ordem para que eu voltasse no primeiro navio”.

Visivelmente, a anfitriã de Strether por pouco escapou de mudar de cor. A reflexão salvou-lhe no último instante e estabeleceu uma serenidade provisória. Talvez em função disso foi capaz de dizer com duplicidade: “E o senhor vai...”?

“A senhora quase merece que eu vá por ter me abandonado assim”. Ela balançou a cabeça como se não valesse a pena discutir o assunto. “Minha ausência o ajudou... basta olhar para o senhor para saber disso. Agi por cálculo, e sinto-me justificada. O senhor não está mais no mesmo ponto. E a questão”, ela declarou, sorrindo, “era que eu tampouco poderia estar. Agora não precisa de ajuda para seguir adiante”. “Ah, mas ainda sinto”, ele afirmou, sereno, “que preciso da senhora”. Ela tornou a perscrutá-lo. “Juro que não o abandonarei mais, embora seja apenas para segui-lo. Vejo que já tomou seu impulso, e que pode caminhar sozinho”.

Ele anuiu com inteligência. “Sim, suponho que posso. Na verdade, foi isso que deixou Waymarsh incomodado. Ele não suporta mais a maneira como me vê lidar com a situação. Não é de hoje, e agora atingiu o clímax. Ele quer que eu desista; e deve ter escrito para Woollett dizendo que estou a um passo da perdição”.

“Ah, bom”! Ela murmurou. “Mas se trata apenas de uma suposição sua”?

“Foi a conclusão a que cheguei... mas ela explica tudo”.

“Mas ele nega? ... Ou ainda não lhe perguntou”?

“Não tive tempo”, Strether confessou. “Só me dei conta na noite passada, ao juntar as peças do quebra-cabeça, e desde então ainda não me vi cara a cara com ele”.

Miss Gostrey refletiu. “Porque está muito aborrecido? Não confia em sua reação”?

Ele ajustou os óculos. “Pareço estar furioso”?

“O senhor parece excelente”.

“Não tenho razão para me zangar”, Strether continuou. “Ele me prestou, ao contrário, um grande favor”.

Ela fez sua inferência. “Por ter precipitado os acontecimentos”? “Não há o que lhe escape”! Ele quase gemeu. “De mais a mais, quando formos tirar o assunto a limpo, Waymarsh não tentará negar ou desculpar-se. Ele agiu de acordo com sua mais profunda convicção, com a melhor das intenções e depois de muitas noites mal dormidas. Reconhecerá que é inteiramente responsável, e se considerará muito bem-sucedido; de modo que qualquer discussão que tivermos apenas estreitará nossos laços — fará transpor o abismo escuro que nos manteve tão absolutamente distantes um do outro. Teremos enfim, como resultado da ação de meu bom amigo, algo sobre o qual poderemos de fato conversar”.

Ela nada disse durante um momento. “Sua atitude diante dos fatos é estupenda! Mas o senhor é sempre estupendo”.

Ele fez uma pausa que se equívaleu à dela; então, com espírito adequado, admitiu tudo. “Não há como negar. No momento, minha

atitude é extremamente estupenda. Ouso a sério dizer que é fantástica, e não ficaria nada surpreso se não for insana”.

“Então me conte”! Foi a súplica sincera de sua amiga. Como ele, porém, em seguida nada respondeu, apenas retribuindo o olhar que ela lhe dirigia, Miss Gostrey se apresentou em um terreno mais cômodo. “O que exatamente teria feito Mr. Waymarsh”?

“Simplesmente escreveu uma carta. Uma só teria sido o suficiente. Ele lhes disse que eu precisava de supervisão”.

“E *precisa*”? Ela era toda ouvidos.

“Imensamente, E vou recebê-la”.

“Com isso quer dizer que não vai fazer nada”.

“Nada”.

“Já telegrafou”?

“Não. Pedi que Chad mandasse o telegrama”.

“Dizendo que o senhor se recusa a voltar”?

“Que *ele* se recusa. Tivemos uma conversa esta manhã e eu o convenci. Ele chegou antes de eu descer; queria me contar que estava pronto — pronto, ou seja, para o regresso. E acabou concluindo, depois de dez minutos de conversa comigo, que não regressaria”. Miss Gostrey acompanhou-o com interesse. “Então o senhor o impediu”!

Strether tornou a sentar-se em sua cadeira. “Eu o impedi. Por ora. Eis”, ele declarou, com maior animação, “onde estou”.

“Entendo, entendo. Mas onde está Mr. Newsome? Estava pronto para partir”?

“Prontíssimo”.

“E acreditava sinceramente que o *senhor* estivesse”?
“Perfeitamente, suponho; de modo que ficou surpreso quando descobriu que a mão que o fez desviar-se de seu caminho súbito converteu-se em um mecanismo que interrompeu sua marcha”.

Era uma maneira de apresentar os fatos sobre a qual Miss Gostrey podia ponderar. “Ele pensa que essa mudança foi súbita”?

“Bem”, disse Strether, “não sei dizer com certeza o que ele pensa. Não tenho certeza de nada do que se refere a ele, salvo o fato de que, quanto mais o conheço, menos se parece com a ideia que eu fazia dele a princípio. Ele é obscuro, e é por isso que estou aguardando”.

Ela refletiu. “Mas aguardando o que, em particular”?

“A resposta ao telegrama que ele enviou”.

“E o que havia no telegrama”?

“Não sei”, Strether respondeu; “era para ser, quando nos despedimos, o que lhe conviesse. Eu apenas lhe disse: ‘Quero ficar, e o único meio de fazer isso é você também ficar’. Ele pareceu interessar-se por minha disposição, e agiu em conformidade”.

Miss Gostrey inverteu a questão. “Ele quer mesmo ficar”?

“Em parte, sim. Ou seja, em parte quer ir embora. Até esse ponto, meu apelo original surtiu efeito. Entretanto”, Strether prosseguiu, “ele não vai. Pelo menos, enquanto eu estiver aqui”.

“Mas o senhor não pode (bem que eu queria!) ficar aqui para sempre”, sugeriu sua companheira.

“De jeito nenhum. Ainda assim, quero observá-lo um pouco mais. Ele não se apresenta como o caso que eu imaginava; é bem diferente. E é dessa maneira que me interessa”. Era quase como se fosse para sua própria compreensão que, de modo lúcido e deliberado, nosso amigo expusesse o assunto. “Não quero abandoná-lo”.

Miss Gostrey apenas desejava contribuir para sua lucidez. Era preciso, todavia, usar de tato e sutileza. “Abandoná-lo, quer dizer... hã... aos cuidados da mãe”?

“Bom, não pensava na mãe dele agora, mas sim no plano do qual fui o porta-voz... e que apresentei a ele — da forma mais persuasiva de que sou capaz — assim que nos encontramos; plano que foi urdido como se fosse na mais completa ignorância daquilo que, nesse último e longo período, vinha ocorrendo com ele. Não se levaram de jeito nenhum em consideração as impressões que, uma vez aqui, logo comecei a receber dele... impressões das quais, tenho certeza, estou longe de ter obtido o último sinal”.

Miss Gostrey esboçou um dos mais afáveis sorrisos de censura. “Então sua ideia é — mais ou menos — ficar por curiosidade”?

“Chame como quiser! Não me importa o nome que deem...”

“Desde que o senhor fique? Pois é evidente que não. Mesmo assim, digo que é terrivelmente divertido”, declarou Miss Gostrey; “e ver o senhor pôr o plano em prática será uma das grandes sensações de minha vida. *Está* claro que é capaz de andar sozinho”!

Ele recebeu o elogio sem se exaltar. “Não estarei sozinho quando os Pockocks chegarem”.

Ela arqueou as sobrancelhas. “Os Pockocks virão”?

“Quero dizer que é isso que acontecerá — o mais rapidamente possível — em decorrência do telegrama de Chad. Eles embarcarão, pura e simplesmente. Sarah virá falar em nome da mãe — com um efeito bem diferente da complicação em que me meti”.

Miss Gostrey ponderou, mais seriamente: “Então ela o levará de volta”?

“É bastante provável... mas veremos. Em todo caso devemos contar com essa possibilidade; e esperar que ela faça todo o possível”.

“E o senhor *quer* isso”?

“É claro que sim”, disse Strether. “Quero jogar limpo”.

Por um instante, porém, ela ficou confusa. “Se a missão agora cabe aos Pockocks, por que o senhor quer ficar”?

“Apenas para assegurar que eu *realmente* jogue limpo — e um pouco também, sem dúvida, para assegurar que eles joguem”. Strether estava radiante como nunca. “Vim para me colocar em face de fatos novos — fatos que me parecem cada vez mais em desacordo com nossa velha lógica. O caso é perfeitamente simples. Urgem novas razões — razões tão novas quanto os fatos em si; e disso nossos amigos de Woollett — quero dizer, meus e de Chad — foram informados desde o primeiro momento. Se são apresentáveis, Mrs. Pockock as apresentará; ela trará a coleção inteira. E estas serão”,

acrescentou com um sorriso meditabundo, “uma parte da diversão a que a senhora se referia”.

Sua interlocutora seguia o fluxo agora, conservando-se bem a seu lado. “Pelo que pude depreender, Mamie será a grande cartada deles”. E, como o silêncio contemplativo de Strether não representou uma negativa, ela sugestivamente emendou: “Acho que tenho pena dela”.

“Acho que *eu* tenho”! E Strether pulou da cadeira, movendo-se um pouco enquanto os olhos de sua amiga o acompanhavam. “Mas não há o que eu possa fazer”.

“Quer dizer que não há nada que se possa fazer contra a vinda dela”?

Ele explicou, após dar outra volta, o que quis dizer. “A única maneira de ela não vir é eu voltar para casa — pois creio que, uma vez por lá, possa impedir o embarque. Mas a dificuldade reside no fato de que, se voltar...”

“É claro, é claro...”, ela não teve dificuldade para compreender. “Mr. Newsome fará o mesmo, e isso”, ela ria, agora, “está fora de cogitação”.

Strether não riu; apenas exibiu um ar tranquilo, comparativamente plácido, que parecia fornecer-lhe garantias contra o ridículo. “Curioso, não é”?

Quanto ao assunto que tanto os interessava, chegaram até aquele ponto sem ventilar outro nome — sobre o qual, contudo, o presente silêncio momentâneo se mostrou repleto de alusões. A pergunta de Strether já sugeria implicações suficientes sobre o peso que este adquirira para ele durante a ausência de sua anfitriã; e, por

essa mesma razão, um único gesto da parte dela poderia valer como resposta clara. Ele, porém, obteve algo muito melhor quando sua amiga disse, depois de um minuto: “Mr. Newsome apresentará a irmã...”?

“A Madame de Vionnet”? Strether por fim pronunciou o nome, “Ficaria muito surpreso se não a apresentasse”.

Ela pareceu contemplar a possibilidade. “Quer dizer que pensou nisso, e está preparado”.

“Pensei nisso, e estou preparado”.

Foi a seu visitante que ela agora dirigiu a sua consideração. “*Bon!* O senhor é magnífico”!

“Bem”, ele respondeu após uma pausa, um pouco fatigado, mas ainda inabalável diante deia...” bem, não me faria mal ser magnífico pelo menos uma vez em minha existência desbotada”!

Dois dias depois soubera por Chad que uma comunicação chegara de Woollett, em resposta ao telegrama decisivo, desta vez uma missiva enviada ao rapaz anunciando a partida imediata para a França de Sarah, Jim e Mamie. Nesse meio tempo Strether por sua vez também telegrafara; havia procrastinado o gesto até visitar Miss Gostrey, uma entrevista graças à qual, como ocorrera tantas vezes antes, conseguira aclarar as ideias. Sua mensagem a Mrs. Newsome, em resposta à dela, compusera-se das seguintes palavras: “Creio ser melhor esperar outro mês, mas aprovo inteiramente o envio de todos os reforços”. Acrescentara que estava escrevendo uma carta, embora por certo sempre estivesse escrevendo; tratava-se de uma prática que, por estranho que pudesse parecer, continuava a consolá-lo, fazia-o sentir, mais do que qualquer outra coisa, que estava ocupado: de modo que com frequência se perguntava se de fato não havia, sob

o estresse recente, elaborado um truque vazio, uma das artimanhas especiosas do faz de conta. Não seriam as páginas que com tanta assiduidade despachava pelo correio americano dignas de um repórter sensacionalista, um mestre da nova e prodigiosa ciência de usurpar o sentido às palavras? Não estaria escrevendo contra o tempo, sobretudo para mostrar boa vontade? — Já que praticamente desenvolvera o hábito de evitar reler os próprios textos. Nesse aspecto, ainda podia ser pródigo com as palavras, conquanto seu esforço fosse, no melhor dos casos, uma espécie de assobio no escuro. Era ademais indiscutível que a sensação de estar no escuro agora o oprimia de modo mais distinto — acarretando assim a necessidade de um assobio mais nítido e altissonante. Ele assobiou longa e vigorosamente depois de ter enviado sua mensagem; assobiou mais e mais em comemoração à notícia de Chad; houve um intervalo de quinze dias no qual esse exercício o consolou. Embora fosse assaltado por pressentimentos confusos, não tinha a menor ideia do que, uma vez ali, Mrs. Pocock teria a dizer; mas não poderia — ninguém poderia — acusá-lo de negligenciar a mãe dela. Talvez pudesse ter escrito com maior desenvoltura antes, mas jamais escrevera de forma mais copiosa; e com toda a franqueza explicou a Woollett que sua intenção era preencher o vazio criado pela partida de Sarah.

O aprofundamento das trevas que o rodeavam, contudo, e o novo ímpeto, como eu descrevi, dado à sua melodia, deviam-se ao fato de que já não ouvia quase nenhuma notícia. Durante algum tempo soube que estava ouvindo menos e menos, mas agora não restava dúvida de que seguia um processo em virtude do qual as missivas de Mrs. Newsome haviam de cessar. Fazia dias que não recebia uma linha sequer, e não precisava de provas — as quais viriam, a seu tempo — de que ela não tomaria da pena depois das insinuações que a forçaram a telegrafar. Mrs. Newsome não

escreveria até Sarah reunir-se com ele e expedir o seu relatório. Era estranho, embora talvez não tanto quanto era para Woollett o comportamento de seu enviado. Constituía em todo caso algo significativo, e era notável o modo como a natureza e o comportamento de sua amiga ganhavam para ele maior intensidade justamente por meio da ruptura da comunicação. Ocorreu-lhe de fato que nunca vivera com ela de maneira mais intensa do que durante esse período de silêncio; tratava-se de um mutismo sagrado, um meio mais límpido, mais refinado, em que as idiossincrasias dela ganhavam relevo. Strether caminhava com ela, sentava-se com ela, viajava com ela e jantava face a face com ela — um raro prazer “em sua vida”, como ele talvez não pudesse deixar de dizer; e, se nunca a vira tão silenciosa, de outra sorte nunca a vislumbrara tão completamente, quase tão austeramente, fiel a si mesma: pura e, segundo o senso comum, “fria”, mas também grave, devotada, delicada, sensível, nobre. A nitidez com que ela assumia esses aspectos converteu-se para ele, nessas condições especiais, quase que em uma obsessão; e embora a obsessão fizesse seu coração bater com mais força, contribuindo na verdade para a excitação de sua vida, havia momentos em que, para abrandar o ritmo, tudo o que desejava era esquecer. Sabia ser a mais inusitada das aventuras — uma circunstância cujo papel específico somente Lambert Strether podia apreciar — que em plena Paris, de todos os lugares, o fantasma da senhora de Woollett fosse importuná-lo mais do que qualquer outra presença.

Quando tornou a encontrar-se com Maria Gostrey foi com a expectativa de uma mudança de foco. No fim das contas, porém, a mudança mal ocorreu, pois nunca conversou com ela sobre Mrs. Newsome como naqueles dias. Havia até então observado, quanto a esse particular, certa discrição e certos princípios; considerações que, no presente momento, ruíram como se as relações tivessem sido

alteradas. Não tinham, na *realidade*, sofrido nenhuma alteração, ele disse para si mesmo, pelo menos até onde podia ver; pois, se a questão naturalmente era que Mrs. Newsome havia deixado de confiar nele, nada havia que o impedisse de recuperar essa confiança. Sua atual teoria determinava que, para fazer isso, não deixaria pedra sobre pedra; e se, na realidade, contava a Maria coisas sobre ela que até então nunca havia contado era sobretudo porque se sentia honrado em gozar da estima de uma mulher como aquela. Sua relação com Maria, estranhamente, também não era a mesma; essa verdade — embora não fosse de todo desconcertante — se impusera entre eles quando se reencontraram. Estava toda contida no que Miss Gostrey, naquela ocasião, quase imediatamente lhe dissera; estava representada no comentário que ela não precisou de dez minutos para fazer e que ele não se dispôs a contestar. Strether podia caminhar sozinho, e a diferença que aí se manifestou foi extraordinária. Podia ser percebida, logo de início, no novo rumo de suas conversações e, depois, na confiança maior que ele demonstrara com respeito a Mrs. Newsome. Já parecia muito distante o tempo em que segurava sua ansiosa xicarazinha sob o influxo do cântaro daquela mulher. Agora mal provava dessa fonte, pois sentia a contribuição proveniente de outros cursos; Maria se pôs em seu lugar como um de seus muitos tributários, e não deixava de haver um estranho encanto — uma doçura melancólica o atingiu — no modo como ela se submetera à nova ordem.

Para ele foi o que marcou a precipitação do tempo ou, de qualquer modo, como gostava de conjectura? Com ironia e compaixão, o impulso da experiência; pois nem mesmo dois dias antes não se sentara a seus pés, agarrando-se à sua saia e comendo de sua mão? Foram as proporções que se alteraram, e estas sempre constituíram, nosso amigo filosofou, as próprias condições da percepção, os termos do pensamento. Era como se, com seu

minúsculo e eficiente entre sol e seu amplo círculo de amizades, seus afazeres e sua polivalência, a promiscuidade de suas relações e as tarefas e devoções que consumiam nove décimos de seu tempo e cuja brisa lateral ele apenas frugalmente usufruía — era como se ela tivesse sido relegada a um papel secundário e, com tato perfeito, houvesse consentido na depreciação. O tato nunca lhe faltou; no início fora ainda maior do que ele poderia então avaliar; mantivera-o à margem, longe do mercado, como ela se referia à imensidade de suas relações pessoais, fez do comércio entre ambos algo tão plácido, quase doméstico — o oposto do mercado como se ela nunca tivesse outro cliente. Maria fora maravilhosa com ele no princípio, com a lembrança de seu pequeno entre sol, a cuja imagem seus olhos se abriam na maioria das manhãs daquela época, mas agora tão somente se lhe afigurava como parte de uma combinação esfuziante — embora, é claro, sempre como uma pessoa por quem nunca deixaria de sentir-se empenhado. Nunca decerto lhe seria dado inspirar maior abnegação. Miss Gostrey o aparelhara para os outros e, nesse ponto pelo menos, ele não via nada que ela pudesse pedir em retribuição. Limitava-se a admirar-se, a questionar e a escutar, prestando-lhe a homenagem da especulação nostálgica. Maria o expressou repetidas vezes: ele estava muito à frente dela, precisava preparar-se para perdê-lo. Para ela restava apenas uma pequenina chance.

Sempre que ela repetia a ideia, Strether lhe fazia — pois era um toque de que gostava — a mesma pergunta: “Se eu fracassar”?

“Sim... então poderei consolá-lo”.

“Oh, para minha verdadeira *débâcle*, se ela ocorrer, não haverá consolo”.

“Mas o senhor certamente não sugere que poderá liquidá-lo”.
“Não..., muito pior: fará de mim um velho”.

“Mas isso é impossível! O que há de especial e maravilhoso a seu respeito é que o senhor, nesta altura da vida, está jovem”. Ela então sempre fazia, além disso, um daqueles comentários que deixara de adornar com hesitações e desculpas, e que tinham, pela mesma razão, a despeito da extrema franqueza neles contida, parado de produzir em Strether qualquer tipo de embaraço. Maria fazia com que seu amigo acreditasse em suas observações e, dessa forma, elas se tornavam tão impessoais quanto a própria verdade. “Trata-se de seu charme pessoal”. A resposta dele também não variava. “Claro que estou jovem... jovem por causa da viagem à Europa. Comecei a sentir-me assim, ou pelo menos a ter o privilégio da juventude, a partir do momento em que a conheci em Chester, e é isso que vem ocorrendo desde então. Nunca tive esse privilégio na idade adequada — o que significa que nunca experimentei a coisa em si. Posso sentir neste momento; senti naquele dia em que disse para Chad, 'Espere; e voltarei a sentir quando Sarah Pocock chegar. Trata-se de um benefício que, para muita gente, não deve passar de um triste espetáculo; para ser franco, não conheço ninguém, à exceção da senhora e de mim, que poderia começar a entender o que sinto. Não me embriago; não galanteio as damas; não gasto dinheiro; nem mesmo componho sonetos. Mesmo assim trato de compensar-me tardiamente daquilo que não tive antes. Cultivo meu pequeno privilégio à minha maneira. Diverte-me mais do que qualquer coisa que jamais sucedeu comigo em minha vida inteira. Digam o que quiserem — é minha rendição, meu tributo, à juventude. Cada um de nós a atribui ao que pode — é preciso atribuí-la a algo, mesmo que à vida, às condições, aos sentimentos de outras pessoas. Tenho essa impressão quando vejo Chad, a despeito de seus cabelos brancos, que apenas a fizeram mais forte nele, além de segura e

serena; e sinto o mesmo com relação a *ela*, apesar de ser mais velha do que ele, apesar da filha casadoura, do marido separado, de sua história movimentada. Embora seja bastante jovem, esse meu casal, não digo que se encontre em *pleno viço* da adolescência; pois não se trata disso. O ponto é que são meus. Sim, são a minha mocidade; porque, de algum modo, na época apropriada, nada jamais foi. O que quis dizer agora mesmo, portanto, é que tudo isso desaparecerá — antes de cumprir sua missão — se eles me desapontarem”.

Nesse ponto, bem aí, Miss Gostrey teimosamente questionava: “A que o senhor, em particular, se refere quando fala de missão”?

“Bem, o fato de eles me acompanharem até o fim”.

“Mas até que ponto”? Gostava de extrair dele tudo o que podia. “Ora, até o fim desta experiência”.

Era o máximo a que chegava. Mas a resposta habitualmente permitia que sua interlocutora desse a última palavra. “Não lembra como, nos primeiros dias depois de nos conhecermos, era *eu* quem devia acompanhá-lo até o fim”?

“Se me lembro? Com devoção, com ternura”, ele sempre se levantava nesse ponto. “A senhora está apenas fazendo a sua parte deixando que eu divague dessa forma”.

“Ah, não fale como se meu papel fosse pequeno; pois se tudo o mais fracassar...”

“A *senhora* estará sempre a meu lado”? Ele então a ajudava a erguer-se. “Ah, perdoe-me, é claro que inevitavelmente *estará*. Suas condições (é isso que quero dizer) me impedem de retribuir meu apreço”.

“E deixemos de lado (entendo o que quer dizer) o fato de eu ser tristemente, horrivelmente velha. Sou, *sim*, mas sei de um favor... que talvez possa prestar... um favor, mesmo assim, em que vou pensar”.

“E qual seria”?

Isso, em suma, não obstante, ela nunca lhe revelava. “O senhor saberá apenas em caso de fracasso. Como essa hipótese está realmente fora de cogitação, eu não me exporei”, ocasião em que, por razões também pessoais, Strether parava de insistir.

Strether publicamente cedia (era a atitude mais fácil) à ideia de que a catástrofe *estava* fora de cogitação, tornando ociosa qualquer discussão que pudesse advir. À medida que os dias passavam começou a dar maior importância à chegada dos POCOCKS; tinha até mesmo a vergonhosa sensação de que esperava por eles de forma insincera e incorreta. Censurava-se por ter se convencido de que a presença de Sarah, sua impressão e julgamento, contribuísse para simplificar e harmonizar a situação; realmente acusou a si próprio de ter tanto medo do que eles *eram* capazes de fazer que buscou refúgio, por pura petição de princípio, em uma fúria vã. Em Woollett tivera indícios suficientes do que eles eram capazes e, naquele momento, não tinha como se enganar. O que lhe parecia mais claro era que almejava por obter uma descrição sobre o estado de espírito de Mrs. NEWSOME, uma descrição que fosse mais livre e completa do que qualquer uma que, supunha, agora podia esperar da parte dela; tinha a aguda consciência de que essa especulação pelo menos estava atrelada ao anseio de provar para si mesmo que não receava afrontar a própria conduta. Se, por uma lógica inexorável, fosse obrigado a pagar por essa sua maneira de agir, estava realmente impaciente para saber o preço, e se dispunha a pagar em prestações. A primeira parcela seria precisamente a recepção que deveria dar a Sarah; em

consequência da qual, além disso, saberia muitíssimo melhor em que pé se encontrava.

Livro Oitavo

I

STRETHER PASSOU BOA PARTE desses poucos dias a vagar sozinho pela cidade, o efeito do incidente da semana precedente tendo sido o de simplificar acentuadamente suas relações conflituosas com Waymarsh. Nada disseram um para o outro sobre as ordens de Mrs. Newsome, salvo a menção feita por nosso amigo a seu companheiro sobre a partida da delegação, já em alto-mar — dando-lhe assim uma oportunidade de confessar a intervenção secreta que lhe havia imputado. Waymarsh, todavia, na ocasião, nada confessou; e, embora a atitude falseasse de certo modo as previsões de Strether, este último não deixou de perceber, bem-humorado, que ali havia a mesma base de integridade de onde originalmente brotara a impertinência daquele bom homem. Mas não perdeu a paciência com o bom homem e até lhe agradou observar como havia engordado; considerava as próprias férias tão formidavelmente amplas e irrestritas que se permitiu abrir concessões aos caprichos daqueles que se achavam confinados, agrilhoados: seu instinto, diante de um espírito tão reprimido quanto o de Waymarsh, foi contorná-lo de fininho, por receio de despertar nele o sentimento de perdas já então irrecuperáveis. Tudo era muito divertido, ele sabia, de uma diferença que se revelava superficial, conforme dizia para si mesmo — uma emancipação tão puramente relativa como a que marca a evolução do limpa-pés ao capacho; mesmo assim, a presente crise só teria a ganhar com isso e

o peregrino de Milrose, mais do que nunca, saberia estar no caminho certo.

Quando lhe contou da chegada dos Pockocks, Strether sentiu aflorar no interlocutor, a um só tempo, o impulso da compaixão e o sentimento de triunfo. Foi por isso que, no olhar que Waymarsh lhe lançara, o calor da justiça ardera de forma comedida e dissimulada. Ele o fixara muito duramente como se cheio de afeição e pena pelo amigo — o amigo de cinquenta e cinco anos cuja frivolidade fora preciso registrar; expressara-se, porém, de maneira obscura e sentenciosa, deixando ao outro a tarefa de formular a acusação. Era a essa atitude geral que ele ultimamente recorria; diante da renúncia à discussão, trataram, solenes e sombrios, de banalidades; Strether reconheceu em Waymarsh aquela espécie de ruminação portentosa para a qual Miss Barrace alegremente admitiu reservar um canto de seu salão. Era como se ele soubesse que sua operação sub-reptícia fora descoberta, e também como se lamentasse não lhe ser dada a oportunidade de explicar a pureza de suas intenções; era essa, precisamente, sua pequena forma de penitência: não escapou a Strether que seu amigo se sentia um tanto desconfortável. Se fosse desafiado ou acusado, repreendido por meter-se em assuntos alheios ou de alguma forma constrangido, ele provavelmente revelaria, a seu modo, toda a altura de seu arrazoado, toda a profundidade de sua boa-fé. Em vista de algum tipo de ressentimento contra sua linha de ação, tomaria a palavra, e a batida de seu punho sobre a mesa confirmaria sua deliberada incorruptibilidade. E, de fato, não era justamente essa batida o que Strether agora mais temia — não receava estremecer, tomado por uma ligeira dor perante aquilo que ela poderia insidiosamente demonstrar? Fosse como fosse, em todo caso, uma das marcas dessa crise foi um notório e estudado abandono das preocupações por parte de Waymarsh. Como se para compensar seu camarada por fazer as vezes da Providência, ele

passou a ignorar os movimentos de seu amigo, a renegar a pretensão de partilhá-los, a embrutecer sua susceptibilidade ao descaso e, apertando as mãos grandes e vazias e balançando o grande pé irrequieto, claramente buscou a justiça em outra direção.

Como resultado, Strether ganhou independência e, na realidade, nunca em sua estada se sentiu tão livre para ir e vir. O início do verão cobriu a paisagem com uma nova pátina, embaciando todas as distâncias; o que contribuiu para gerar um meio vasto, cálido e odoroso onde os elementos pareciam flutuar ao mesmo tempo, em perfeita harmonia, e onde as recompensas eram imediatas e o ajuste de contas, adiado. Chad tornara a abandonar a capital, pela primeira vez desde que se encontraram; o moço explicara a necessidade da viagem — sem entrar em detalhes, mas também sem demonstrar constrangimento; foi uma daquelas circunstâncias que, na vida daquele rapaz, comprovavam a variedade de seus laços. A viagem não ocupou tanto a mente de Strether quanto o que ela comprovava — uma imagem ao mesmo tempo agradável e multifacetada na qual buscou consolo. Buscou igualmente consolo no fato de o pêndulo de Chad ter desviado daquela direção para onde estava oscilando — o rápido impulso rumo a Woollett, que sua mão lograra interromper. Regozijava-se pensando que, se naquela ocasião tinha detido o relógio, foi para, no momento seguinte, promover uma ação bem mais animada. Ele próprio fez o que até então nunca fizera; por duas ou três vezes tirara o dia inteiro de folga — sem contar as outras ocasiões: duas ou três desfrutadas na companhia de Miss Gostrey e duas ou três acompanhadas pelo pequeno Bilham. Foi a Chartres e, diante da fachada da catedral, experimentou um senso geral de tranquila beatitude; foi a Fontainebleau e se imaginou a caminho da Itália; foi a Rouen munido de uma valise e cometeu a extravagância de passar a noite naquela cidade.

Uma tarde fez algo bem diferente; dando consigo nas proximidades de uma residência bela e antiga do outro lado do rio, cruzou o arco grandioso da entrada e perguntou na portaria por Madame de Vionnet. Mais de uma vez cogitara essa possibilidade, quase como se esta estivesse à sua espera, no curso de seus passeios extravagantes, bem atrás da próxima esquina. Mas perversamente ocorrera que, depois de sua manhã em Notre-Dame, Strether recuperara sua coerência (tal como ele a chamava e tencionava seguir); motivo pelo qual refletira que o encontro em questão fora fruto do acaso, mais uma vez aferrando-se à solidez de sua posição, a qual consistia precisamente no fato de que nada havia ali em reserva para ele. A partir do momento em que fosse atrás da encantadora cúmplice de sua aventura, a partir desse instante sua posição se enfraqueceria, pois estaria então agindo de forma interessada. Foi apenas depois de alguns dias que se sentiu capaz de fixar um limite: prometera a si mesmo que sua coerência se encerraria com a chegada de Sarah. Não estaríamos equivocados se concluíssemos que tal evento viria a conferir-lhe carta branca. Se não pretendiam deixá-lo em paz, não havia por que fazer papel de tolo agindo com delicadeza. Se não lhe davam crédito, ao menos podia relaxar. Se era para ser posto sob vigilância, tinha licença para provar o que sua posição *poderia* reservar-lhe de agradável. Dentro de um rigor ideal talvez fosse necessário postergar o julgamento até depois de avaliar o humor dos Pockets; e fora a um rigor ideal que ele havia efetivamente prometido submeter-se.

De repente, porém, nesse dia específico, sentiu um medo singular sob o qual todo o seu raciocínio desabou. Ele soube de chofre que tinha medo de si mesmo — mas não com relação ao efeito, sobre sua sensibilidade, de outra hora em companhia de Madame de Vionnet. O que temia era o efeito de uma única hora ao lado de Sarah Pockock, cuja presença, em noites agitadas, visitara-o

em fantásticos devaneios. Ela lhe assomava como uma criatura maior que a vida, avolumando-se à medida que se aproximava; fixava-lhe os olhos de tal maneira que, com sua imaginação registrando, após o primeiro passo, toda a cena e, mais do que tudo, o andar vigoroso, já podia vê-la abater-se sobre ele, já podia sentir as próprias faces, sob o olhar de censura daquela mulher, queimando de culpa, já concordando, à guisa de penitência, com a rendição total. Já se via, sob o comando dela, recolhido a Woollett, da mesma forma que os delinquentes juvenis são recolhidos aos reformatórios. Não se tratava, claro, de Woollett ser um local de disciplinamento; mas sabia de antemão que o salão de hotel de Sarah se transformaria em um. O perigo a que estava exposto, quando tomado por tais humores inquietos, era o de recair em alguma forma de concessão, nesse terreno, que envolveria uma ruptura drástica com o genuíno; e, se não se precavesse contra isso, correria o risco de perder completamente a sua oportunidade. Essa oportunidade estava representada com extrema clareza por Madame de Vionnet, e foi por isso que, em suma, se recusara a esperar um minuto sequer. Strether percebera de súbito que precisava antecipar-se a Mrs. Pocock. Assim, pois, ficou muito desapontado ao descobrir naquele dia, pela zeladora, que a dama em questão não estava em Paris. Ela fora passar alguns dias no interior. Nada havia de extraordinário ali, mas, para Strether, o incidente abalou sua confiança. Era como se, de repente, jamais fosse revê-la e como se, ademais, fosse responsável por essa circunstância por não ter sido suficientemente gentil com ela.

A vantagem de ter sucumbido um pouco à melancolia foi que, como que por reação, a perspectiva começou realmente a iluminar-se a partir do momento em que a delegação de Woollett despontou na plataforma da estação. Ela veio diretamente de Le Havre, tendo partido de Nova York em direção a esse porto, e também tendo,

graças a uma viagem sem transtornos, aportado com uma presteza que pegou Chad Newsome desprevenido. Embora o rapaz houvesse pretendido encontrá-los no cais, ao receber o telegrama deles, com o anúncio da imediata viagem subsequente, bem quando estava pronto para tomar o trem para Le Havre, não teve remédio senão esperá-los em Paris. Para isso, passou rapidamente pelo hotel para apanhar Strether, e até mesmo, com perfeita naturalidade, sugeriu que Waymarsh os acompanhasse — Waymarsh, que, bem no momento em que o fiacre irrompeu na entrada, estava ocupado, sob o olhar atento de Strether, em perambular pelo velho pátio. Quando soubera, por intermédio de seu companheiro (que, por sua vez, recebera em mãos um recado de Chad), da chegada iminente dos Pococks, Waymarsh, de maneira ambígua, embora, como sempre, impressionante, contemplara-o com o cenho cerrado; comportara-se de uma maneira que Strether agora já sabia decifrar como hesitação ante o tom correto a ser empregado. O único tom a que almejava era o mais completo possível — algo necessariamente difícil, em vista da ausência de um conhecimento completo. Os Pococks representavam uma medida ainda desconhecida e, como fora ele quem praticamente os obrigara a vir, também se encontrava, nesse âmbito, desmascarado. Queria sentir que havia agido corretamente, mas só pôde, no melhor dos casos, por enquanto, sentir-se dúbio. “Sabe que conto com você, imensamente, para me ajudar com eles”, nosso amigo lhe havia dito, e tomara consciência do efeito produzido por esse comentário, além de outros do mesmo naipe, acerca da sombria sensibilidade de seu companheiro. Havia insistido no fato de que Waymarsh se encantaria com Mrs. Pocock — nisso, não havia dúvida: ele fecharia com ela em todos os pontos, e ela também fecharia com *ele*, e os planos de Miss Barrace, em poucas palavras, cairiam todos por terra.

Strether tecera essa teia de otimismo enquanto esperavam no pátio por Chad; sentado, mantivera o silêncio fumando cigarros, enquanto seu companheiro de viagem, qual um leão em uma jaula, andava de um lado para outro em sua frente. Chad Newsome sem dúvida deve ter ficado impressionado, quando chegou, com a clara disparidade que havia entre os dois amigos, naquela hora; ele viria a lembrar-se, como parte dessa situação, do modo como Waymarsh os acompanhou até a rua e ali permaneceu, o semblante entre ansioso e constricto. Ele e seu amigo conversaram sobre o cidadão de Milrose, enquanto o fiacre se dirigia à estação, e Strether pôs Chad a par de boa parte da tensa noção que tinha dos fatos. Alguns dias antes, já fizera referência ao fio que, tinha certeza, seu amigo em comum havia puxado — uma certeza que em ampla medida serviu, para o moço, como fonte de curiosidade e de divertimento. O efeito dessa revelação, ademais, Strether pôde perceber, ainda se faria sentir; ou seja, percebeu como Chad concebeu um sistema de influências no qual Waymarsh desempenhara papel de destaque — uma impressão que, naquele mesmo instante, tornou a intensificar-se; com todo o peso que um fato como esse podia exercer sobre a imagem que o jovem tinha de seus parentes. Ao mesmo tempo que lhes ocorria que deviam considerar o amigo como um elemento do controle destes últimos, agora sob as ordens de Woollett, Strether na verdade sentiu que, meia hora mais tarde, saltaria aos olhos de Sarah Pocock que ele estaria tanto do “lado” de Chad quanto Waymarsh provavelmente teria dito que estava. Não havia como negar que, no momento, estava deixando levar-se; podia ser por desespero, podia ser por confiança; ele se apresentaria aos viajantes recém-chegados com toda a lucidez que havia cultivado.

Strether repetiu a Chad o que dissera no pátio a Waymarsh; que não havia nenhuma dúvida de que a irmã dele distinguiria no último um espírito afim; que não havia dúvida de que o par, baseado

em uma troca de opiniões, logo formaria uma aliança bem-sucedida. Eles se tornariam unha e carne — o que, além disso, não passava de um desenvolvimento do que Strether recordava ter dito em uma das primeiras discussões entabuladas com seu companheiro, impressionado como já estava com os elementos de afinidade que julgara encontrar entre ele e a própria Mrs. Newsome. “Eu lhe disse, num dia em que me perguntou sobre sua mãe, que ela era uma pessoa que, quando viesse a conhecê-la, certamente despertaria nele um tipo de entusiasmo especial; e esse sentimento vai a par da convicção que agora temos — essa certeza de que Mrs. Pocock o fará subir em seu barco. Pois é o barco de sua mãe que ela está tocando”.

“Ah”, disse Chad, “mamãe vale cinquenta mulheres como Sally”! “Mil mulheres; mesmo assim, quando se encontrar logo mais com ela, estará em face de uma representante de sua mãe — assim como eu. Sinto-me como o embaixador demissionário”, disse Strether, “prestando homenagem a seu sucessor”. Assim que terminou de falar, porém, sentiu que sem querer depreciara Mrs. Newsome perante o filho; uma impressão perceptivelmente refletida, como se pela primeira vez, no protesto imediato de Chad. Tendo ultimamente perdido a noção do gênio e da disposição do moço (mantendo-se apenas consciente da pouca preocupação que, no pior dos casos, ele manifestava), nosso amigo pôde examiná-lo, nessa hora crítica, com um interesse renovado. Chad fizera exatamente o que lhe prometera fazer quinze dias antes — aceitara sem discutir seu pedido de adiar a viagem. Aguardava com alegria e elegância, mas também com um ar inescrutável e talvez com um ligeiro aumento na firmeza adquirida com a nova e esmerada educação. Não se mostrava excitado nem melancólico, mas tranquilo, alerta e confiante — desoprimido e impassivelmente despreocupado, apenas um pouco menos animado que de costume. Strether sentiu nele mais do que nunca uma justificativa do

extraordinário processo para o qual, de forma insensata, franqueara a arena de seu espírito; ele soube, enquanto o carro de aluguel seguia adiante, soube como antes nem sequer suspeitara, que o presente estado de Chad não passava do resultado do que o moço havia feito e do que ele havia sido. Foram essas coisas que o tornaram o que era agora. Não fora nada fácil; havia custado tempo e trabalho; tinha, acima de tudo, o seu preço. O resultado, em todo caso, seria agora oferecido a Sally; e essa apresentação, no que lhe dizia respeito, Strether não queria perder. Seria ela capaz de perceber a mudança, de absorvê-la, ou não daria a menor importância mesmo que fosse? Strether esfregou o queixo ao perguntar-se por qual nome, quando pressionado a determinar — como tinha certeza de que seria — ele lho apresentaria. Ah, essas eram conclusões a que Sarah devia chegar por si mesma. Já que ela queria tanto ver, que visse, então, e o acolhesse. Mrs. Pocock viera montada no orgulho de sua competência; contudo, algo dizia a Strether que ela praticamente nada veria,

Que isso era, de mais a mais, o que Chad com muita perspicácia também suspeitara ficou evidente com as palavras que a seguir lhe escaparam: “Não passam de crianças; eles brincam de viver”! E a exclamação foi significativa e consoladora. Para Strether, deu a impressão de que o rapaz não havia então traído Mrs. Newsome; o que o encorajou a perguntar se estava pensando em apresentar Madame de Vionnet a Mrs. Pocock. Strether ficou em seguida ainda mais impressionado com a lucidez de Chad. “Ora, não é exatamente para isso — para dar uma espiada em meus amigos — que ela veio para cá”?

“Sim... receio que sim”, Strether inadvertidamente respondeu.

A réplica imediata de Chad denunciou a precipitação. “Por que diz que receia”?

“Bem, porque me sinto um pouco responsável. É minha palavra, presumo, que está no fundo da curiosidade de Mrs. Pocock. Minhas cartas, como suponho que tenha ficado claro desde o início, foram bastante francas. Eu certamente manifestei minha modesta opinião acerca de Madame de Vionnet”.

Tudo isso, para Chad, era maravilhosamente óbvio. “Sim, mas foram cartas generosas”.

“Nunca fui mais generoso com qualquer outra mulher. Mas se não é justo esse tom...”?

“O tom”, concluiu Chad, “que a trouxe para cá? Pode ser; mas nesse ponto não tenho do que reclamar. E nem Madame de Vionnet. Já não percebeu quanto ela gosta do senhor”?

“Oh”! E Strether sentiu, com esse gemido, um verdadeiro acesso de melancolia. “Depois do que fiz por ela”!

“Ah, o senhor fez muito”.

A urbanidade de Chad feriu-lhe o brio e, nesse momento, estava ansioso para ver que cara Sarah Pocock faria diante desse tipo de gesto, conforme ele sintetizou para si mesmo sem, contudo, conseguir prever adequadamente, a despeito dos maus presságios, qual seria. “Eu fiz isso”!

“Ora, isso não importa. A ela agrada agradar”, Chad observou, sereno.

O comentário fez seu companheiro refletir. “E está certa de que *poderá* agradar a Mrs. Pocock...”?

“Não, eu me referia ao senhor. Ela gosta de lhe agradar; até aí, se podemos dizer”, Chad afirmou, rindo, “está tudo certo. Contudo,

Sarah também não a aflige, e ela está preparada, de sua parte, para ir até onde for preciso”.

“Para agradecer”?

“Sim, e tudo o mais. Para ensejar a cordialidade de modo geral, a hospitalidade e a boa acolhida. Ela está pronta para a batalha”, Chad acrescentou, rindo de novo; “está preparada”.

Strether ponderou; então, como se houvesse no ar um eco de Miss Barrace: “Ela é estupenda”.

“O senhor nem sabe *como*”!

Aos ouvidos de Strether o comentário pareceu conter certa extravagância arraigada — quase um tipo de inconsciente soberba de proprietário; naquele momento, porém, esse lampejo não promoveu maiores especulações: havia algo bastante definitivo encerrado em uma certeza tão elegante e magnânima. Tratou-se na verdade de uma nova inspiração; e esta, ao cabo de alguns minutos, gerou outra consequência. “Bem, passarei a visitá-la com maior assiduidade agora. Quero visitá-la tantas vezes quanto eu quiser — se você me permitir; o que, até hoje, não fiz”.

“A culpa é inteiramente sua”, disse Chad, mas sem recriminá-lo. “Tentei aproximá-los e ela, meu caro amigo... nunca a vi tratar nenhum outro homem com tanta graça. Mas o senhor tem suas próprias ideias extraordinárias”.

“Bem, eu *já* tive”, Strether murmurou, enquanto sentia a um só tempo como elas haviam tomado conta dele e como, agora, haviam perdido sua influência. Seria incapaz de acompanhar a sequência até o fim, mas tudo era por causa de Mrs. Pocock. Quem sabe Mrs. Pocock fosse por causa de Mrs. Newsome, mas isso ainda precisava

ser verificado. O que lhe ocorreu foi a sensação de ter falhado miseravelmente em obter benefícios bem onde os benefícios se mostravam mais preciosos. Estivera muito mais livre para visitá-la, mas acabara deixando os bons dias passarem. Surgia quase violenta nele a determinação de não perder mais nenhum minuto, e caprichosamente refletiu, enquanto ao lado de Chad aproximava-se de seu destino, que fora Sarah afinal quem lhe teria concedido essa oportunidade. Havia incertezas sobre o que o inquérito dela poderia obter em outras esferas — mas nenhuma sobre o fato de que seria indispensável para a união de duas pessoas honestas. Bastou ouvir Chad naquela hora para ter certeza; pois Chad agora fazia questão de lembrar-lhe que os dois — o próprio moço e a outra pessoa honesta — naturalmente contavam com ele para dar ânimo e apoio. Não causou pouco assombro a Strether ouvi-lo falar como se a linha de raciocínio a que aderiram contribuiria para cativar os Pockocks. Não, se Madame de Vionnet obtivesse *isso*, obtivesse o deleite dos Pockocks, então ela seria deveras prodigiosa. Seria um belo plano se desse certo, e tudo se resumia à questão de Sarah ser realmente subornável. O precedente de sua própria aventura talvez não lhe servisse muito para prever a reação de Mrs. Pockock, pois era evidente que a índole dela fazia toda a diferença. Essa sua ideia de sua própria subornabilidade tornava-o, para ele mesmo, um caso único; com a marca adicional de que seu caso havia sido comprovado. Sempre fazia questão, no que dizia respeito a Lambert Strether, de saber o pior, e o que nosso amigo agora parecia compreender não apenas que era subornável, mas também que fora efetivamente subornado. A única dificuldade residia no fato de não saber ao certo com o quê. Era como se Strether tivesse se vendido, mas, de alguma forma, não tivesse recebido o dinheiro. O que era, porém, o tipo de coisa que só com ele ocorreria, o tipo de comércio que lhe seria natural. Enquanto pensava nesses termos, lembrou Chad de um fato que não podiam perder de vista — o fato de que,

com o todo respeito à susceptibilidade de Sarah a novos interesses, ela viria munida de um alto propósito, algo bastante firme e definido. “Ela não veio, você sabe, para ser ludibriada. Todos nós podemos ser cativantes — nada talvez nos seja mais fácil; mas ela não veio para ser cativada. Veio apenas, simplesmente, para levá-lo para casa”.

“Ah, é com *ela*, então, que eu vou”, disse Chad, bem-humorado. “Suponho que o senhor me deixe ir” E, então, como por um minuto, Strether nada disse: “Ou o senhor imagina que, depois de eu encontrar-me com ela, vou desistir da ideia”? Como essa pergunta, porém, ainda assim não arrancou uma resposta de seu amigo, logo emendou: “De todo modo, parece-me que, enquanto estiverem aqui, precisam passar muitíssimo bem”.

Foi nesse ponto que Strether falou: “Ah, aí está! Acho que, se você realmente quisesse voltar...”!

“Sim”? Perguntou Chad, para fazê-lo concluir.

“Bem, não farsa questão de garantir-lhes uma boa estada. Não faria diferença o tipo de estada que nós temos”.

Chad sempre parecia capaz de aceitar, da maneira mais calma do mundo, uma sugestão engenhosa. “Compreendo. Mas que posso fazer? Sou escrupuloso demais”.

“Sim, você é demasiado escrupuloso”! Strether suspirou ruidosamente. E sentiu por um momento como se aquele fosse o absurdo fim de sua missão.

A exclamação serviu por algum tempo para assegurar esse efeito temporário, já que Chad não apresentou nenhuma réplica.

Mas ele tornou a falar quando já avistavam a estação. “Está pensando em apresentá-la a Miss Gostrey”?

Para isso Strether estava preparado. “Não”.

“Mas não me disse que lhes contou sobre ela”?

“Creio que disse que contei à sua mãe”.

“E ela não teria contado a Sally”?

“Essa é uma das coisas que pretendo averiguar”.

“E se descobrir que ela *contou*...”?

“Então eu farei com que se aproximem, é o que quer dizer”?

“Sim”, disse Chad com grata prontidão: “para mostrar à minha irmã que não há nada ali”.

Strether hesitou. “Não sei se me importo muito com o que ela possa pensar a respeito”.

“Nem mesmo se isso representar o que minha mãe pensa”?

“Ah, o que *de fato* pensa a sua mãe”? Houve, na réplica, um tom de perplexidade.

Mas haviam acabado de chegar e uma ajuda, de certo tipo, podia afinal estar bem à mão. “Não é isso, meu caro amigo, justamente o que nós dois logo descobriremos”?

II

Strether saiu da estação meia hora depois em companhia bem diferente. Chad se incumbira de levar ao hotel Sarah, Mamie, a criada e a bagagem, todos e tudo comodamente instalados e despachados; e foi apenas depois de o quarteto ter partido que ele se enfiou em um carro de praça com Jim. Uma nova e estranha sensação tomara conta de Strether, e lhe robusteceu os ânimos; muito embora não tivesse temido nenhum extremo de violência, era como se a chegada de seus críticos pusesse em xeque seus anseios. Nada lhe parecera ter sucedido na chegada salvo o inevitável — havia dito para si mesmo; contudo, dele se apossara uma branda sensação de alívio e reconforto. Nada teria sido mais estranho do que se ver tolhido por inquietações dessa sorte diante de rostos e vozes familiares, conforme poderia ter dito; mas ele agora tinha a exata dimensão de sua intranquilidade; adquirira essa certeza assim que sentiu que sua sentença havia sido adiada. Essa impressão surgira, ademais, num piscar de olhos; surgira no sorriso de Sarah, para quem, da janela de seu compartimento, Strether e Chad efusivamente acenaram da plataforma, sorriso que ela esboçou para os dois um momento depois, ao descer do vagão, bela e viçosa em razão de sua revigorante viagem junina pela terra encantada. Fora somente um sinal, mas fora o suficiente: ela agiria com graça e discrição, estava decidida a jogar o jogo mais amplo — o que ficou ainda mais claro no cumprimento franco que ela concedeu, tão logo emergiu dos braços de Chad, ao estimado amigo de sua família.

Strether representava então, mais do que nunca, um estimado amigo da família; era algo com que ele podia de toda sorte acostumar-se; e o jeito com que reagiu a essa sugestão não deixava dúvida de que detestava a ideia de deixar de sê-lo. O atual estado de graça de Sarah não lhe era incomum — de fato raramente a vira ríspida ou reservada; o sorriso destacado em seus lábios finos, sorriso intenso e luminoso e tão prestes a entrar em combustão

quanto o riscar de um fósforo de segurança; a protrusão de seu queixo um tanto notavelmente comprido, que em seu caso expressava incentivo e urbanidade, e não, como na maioria dos outros, agressividade e provocação; o alcance de sua voz a distância, o modo como seu comportamento geral sugeria louvor e encorajamento: não passavam de elementos com que Strether viera a habituar-se no curso de seu relacionamento, mas que naquele dia lhe pareceram inéditos, como se se tratasse de uma nova pessoa. Ao tornar a vê-la na estação experimentou por um instante a vivida sensação de semelhança que havia entre ela e a mãe; podia tê-la tomado por Mrs. Newsome quando seus olhos se cruzaram na chegada do trem à gare. A impressão logo desapareceu; Mrs. Newsome era muito mais bonita; e, enquanto Sarah tendia a ganhar peso, a mãe exibia, em sua idade, a cintura de uma donzela; além disso, o queixo desta última era mais curto do que comprido, e seu sorriso, graças aos céus, era muito mais, ah, tão mais misericordiosamente vago! Strether já presenciara a reserva de Mrs. Newsome; já ouvira literalmente o seu silêncio, embora nunca a tivesse visto ser desagradável. Era esse o caso de Mrs. Pocock: ele conhecera o seu lado desagradável, conquanto nunca a tivesse visto agir de modo descortês. Ela possuía maneiras bastante ostensivas de mostrar-se afável; nada, por exemplo, era mais digno de nota do que a afabilidade que demonstrava em relação a Jim.

O traço mais marcante, de todo modo, entrevisto à janela do trem, fora o de sua testa alta e clara, essa testa que seus amigos por alguma razão sempre designaram como “fronte”; ocorreu-lhe naquela conjuntura que o seu olhar altivo parecia-se, de modo singular, com o de Waymarsh; e o brilho incomum dos cabelos escuros, afeitados e metidos em um chapéu, seguindo o elegante exemplo de sua mãe na coibição aos exageros, correspondia ao que em Woollett se classificava de “próprio delas”. Embora a analogia

houvesse se desfeito tão logo ela desceu à plataforma, durou ainda assim tempo suficiente para que ele experimentasse todos os benefícios, como se fosse, de seu refrigerio. A mulher que estava em casa, a mulher a quem ele estava unido, permaneceu tempo bastante diante de nosso amigo para lhe fornecer mais uma vez a medida da infâmia, quem sabe até da vergonha de se verem forçados a aceitar que entre ambos surgira uma “cisão”. Ele abraçara, solitário e meditabundo, essa medida; mas a catástrofe, quando Sarah irrompeu em cena, pareceu-lhe por uns meros segundos excepcionalmente medonha — ou mostrou-se, para ser mais exato, que era inconcebível; de modo que ao ter deparado com aqueles gestos amenos e familiares foi súbito obrigado a renovar seu compromisso de lealdade. Strether de repente sondara toda a extensão do abismo, e quedara boquiaberto diante do que talvez houvesse perdido.

Bem, ele agora podia, durante os quinze minutos em que ficaram na estação, pairar ao lado dos viajantes de forma tão despreocupada quanto se a mensagem que estes lhe houvessem trazido fosse a de que não perdera nada. Strether não faria Sarah escrever à mãe naquela noite dizendo que o amigo da família parecia de algum modo diferente ou estranho. Houve muitas oportunidades naquele mês em que se achou estranho, em que se achou diferente, em todos os aspectos; mas aquilo era assunto seu; ele pelo menos sabia a quem o assunto *não* dizia respeito; não era de todo modo uma circunstância na qual Sarah pudesse valer-se de suas próprias luzes desassistidas. Mesmo que ela fosse projetar essas luzes em um nível jamais experimentado, a mera gentileza a impediria de ir muito além. Ele contava com ser amável até o fim, e até mesmo por incapacidade de agir de outra forma. Nem para si mesmo conseguia justificar que estava mudado e estranho; o processo havia ocorrido em um nível bem profundo; Maria Gostrey tivera vislumbres dessa

mudança; mas como poderia, mesmo que desejasse, reconstituí-la para Mrs. Pocock? Era então esse o estado de espírito em que se encontrava, e com uma emoção mais tranquila em boa parte penhorada, ademais, com o reconhecimento imediato de que Mamie era afinal, como devia ser, uma moça bonita. Ele havia se perguntado de modo um tanto vago — revolvendo muitas coisas na agonia de seus pensamentos — se Mamie *seria* tão bonita quanto Woollett alardeava que fosse; sobre cuja dificuldade a opinião de Woollett sobrepujava de tal sorte a presença em si da jovem senhora que, como consequência, podia-se imaginar uma avalanche de outras possibilidades. Houve positivamente cinco minutos em que a última palavra parecia forçada a ater-se a uma Woollett representada por uma Mamie. Esse era o tipo de verdade de que a cidadezinha em si se imbuiria; Woollett a despacharia, confiante; assinar-lhe-ia seu triunfo; declarar-se-ia a seu favor sem pestanejar; não se conscientizaria de nenhum pré-requisito que ela não atendesse, de nenhuma questão que ela não pudesse responder.

Estava certo, não foi difícil para Strether concordar: admitindo-se que uma comunidade *pudesse* ser representada por uma jovem senhora de vinte e dois anos, Mamie convinha perfeitamente ao papel, representava-o como se estivesse habituada a ele, era a própria personagem: na aparência, na fala e no vestir. Ele se perguntava se ela, na sublime luz parisiense, uma luz fria e cheia como a de um estúdio, por vezes traiçoeira, não tomaria demasiada consciência desses assuntos; mas no momento seguinte contentou-se em saber que a consciência dela estava vazia, no fim das contas, apesar de sua envergadura, sendo mais assaz simples do que assaz variada, e que a forma mais caridosa de lidar com a moça era extrair-lhe pouco e incutir-lhe o máximo possível. Era robusta e convenientemente alta; loira, de um tipo talvez apenas um tantinho desmaiado, mas com um brilho social agradável e familiar a lhe

confirmar a vitalidade. Poderia “receber” em nome de Woollett onde quer que estivesse, e havia algo em seu comportamento, em seu tom de voz, seus gestos, seus belos olhos azuis, seus dentes perfeitos, e em seu nariz muito pequeno, pequeno demais, que imediatamente parecia dispô-la entre as janelas de um salão quente e iluminado onde as vozes se alteavam — bem naquela extremidade para a qual as pessoas acorriam para serem “apresentadas”. Essas imagens estavam ali para expressar alegria e, ao rever a donzela, diante dessa sugestão, Strether completou o quadro. Era com uma noiva feliz que Mamie mais se assemelhava, a noiva recém-saída da cerimônia religiosa, pouco antes de partir. Se não era mais a simples moça solteira, não tinha mais do que esse pouco da casada. Estava num estágio festivo, cercada por vivas e esplendor. Bem, que este lhe fosse duradouro!

Strether sentia-se feliz por Chad, que se desmanchava em atenções para atender as necessidades de seus amigos, tendo pedido ao criado que lhe desse reforço; as senhoras decerto encantavam os olhos, e Mamie não seria menos encantadora em qualquer lugar, em qualquer ocasião em que fosse apresentada. Ela se pareceria extraordinariamente com a jovem esposa do rapaz — a esposa em lua de mel, caso ele a levasse aos lugares; mas isso cabia a ele decidir, ou quem sabe a ela; não havia nada que a moça pudesse fazer a respeito. Strether lembrou-se de quando o viu chegar com Jeanne de Vionnet ao jardim de Gloriani, e o devaneio que teve a esse respeito — o devaneio agora obscurecido, turvado por outros; a recordação constituiu, nesses minutos, a única nota problemática. À sua revelia ele muitas vezes imaginava se Chad não seria, para Jeanne, o objeto de uma chama oculta. Era muito possível que a criança *estivesse* tremendamente apaixonada, e essa convicção brotava agora a despeito de seu esforço para não pensar nisso, pelo simples fato de esta ser, em uma situação complicada, uma

complicação adicional, e ainda mais diante de algo indescritível que havia em Mamie, algo que de qualquer maneira lhe emprestava diretamente a mente de nosso amigo, algo que lhe dava valor, dava-lhe intensidade e propósito, como o símbolo de uma oposição. A pequena Jeanne não estava propriamente em questão — como *poderia* estar? —, mas assim que Miss Pocock sacudiu as saias na plataforma, ajeitou os imensos laços de seu chapéu e levou com garbo aos ombros a alça de sua bolsa de marroquim e detalhes dourados, a partir desse momento a pequena Jeanne encontrou sua rival.

Foi de fato no fiacre com Jim que as impressões se adensaram, provocando em Strether uma estranhíssima sensação de distância separando-o das pessoas com quem convivera durante anos. Ao vê-las assim serem trazidas até ele era como se houvesse regressado para reencontrá-las; e a jocosa prontidão da reação mental de Jim fez com que sua própria iniciação se bandeasse para um ponto ainda mais longínquo do passado. Se havia alguém a quem tudo isso vinha a propósito, essa pessoa certamente seria Jim: seu reconhecimento instantâneo — franco e caprichoso — do que o caso representava para *si mesmo* encheu Strether de prazer. “Ora, veja só, isso tudo me apraz e se não fosse por você...! Assim ele se expressou quando, com saudável apetite, admirou as encantadoras ruas da cidade; e concluiu, após uma expressiva cotovelada, com uma palmada no joelho de seu companheiro e um “Ah, você, você... você é quem é responsável por isso”! Que se revestiu de um rico significado. Strether supôs que havia ali uma intenção de homenageá-lo, mas, com a curiosidade voltada para outro ponto, postergou o recebimento dos louros. O que acabou perguntando-se era o que Sarah Pocock, na oportunidade que já lhe fora concedida, achou do irmão — de quem ele próprio, enquanto o grupo enfim se separava na estação, seguindo em veículos diferentes, tivera uma visão na

qual pôde distinguir mais de uma mensagem. Fosse o que fosse que Sarah achasse do irmão, à conclusão a que Chad chegara acerca da irmã, do marido da irmã e da irmã do marido pelo menos não faltava segurança. Strether pressentiu a segurança e também pressentiu que, se o olhar trocado realmente constituía um intercâmbio, ele próprio produzira uma resposta bem mais vaga. O cotejo de impressões, porém, podia esperar; tudo parecia depender do efeito causado por Chad. Nem Sarah nem Mamie emitiram opinião alguma na gare — onde, afinal, tiveram muito tempo para se manifestar; e era isso que, como se para compensar a ausência de informações, nosso amigo esperava ouvir de Jim assim que estivessem a sós.

Pareceu-lhe notável ter havido aquela rápida passagem silenciosa com Chad; uma irônica troca de informações secretas com o jovem acerca de seus parentes, uma troca executada nas barbas deles e, como se poderia dizer, à custa deles — essa questão mais uma vez deixou patente o número de estágios que percorrera até então; e, ainda que o número parecesse grande, o tempo necessário pelo último não passou de um piscar de olhos. Antes disso Strether mais de uma vez se perguntara se ele mesmo não estaria tão mudado quanto Chad. Mas se em Chad se tratava de um progresso ostentoso — bem, ele não saberia como designar o efeito causado em seu organismo por sua própria dose bem mais tímida. Era preciso primeiro descobrir para onde levaria essa ação. E quanto a essa passagem sub-reptícia com o moço, afinal, o modo direto como esta se deu não continha em si nada de tão extraordinário se comparado com a alegria manifestada pelo jovem com relação aos três recém-chegados. A atitude agradou-lhe na hora, como até então Chad jamais lhe agradara; pareceu-lhe, enquanto durou a sensação, ter sido afetado por uma bela, acolhedora e perfeita obra de arte: a ponto de ter-se perguntado se eles realmente estavam à altura, se

saberiam apreciá-la e fazer-lhe justiça; a ponto de que teria sido quase um milagre se, quando estavam no maleiro esperando a entrega das bagagens, Sarah o puxasse pela manga e o levasse para o canto, dizendo: “O senhor tinha razão; não sabíamos bem o que estava querendo nos dizer, a mim e à mamãe, mas agora está claro. Chad é magnífico; que mais se pode querer? Se *este* é o tipo de coisa...”! Com o que teriam se abraçado, digamos assim, e começado a trabalhar juntos.

Ah, e quanto afinal, no caso presente, a despeito da alegria comedida de Mrs. Pocock — que era apenas genérica e nada denunciava ter percebido eles trabalhariam juntos? Strether sabia que estava sendo irracional, e atribuiu a falta de senso aos nervos: não se podia perceber tudo e falar de tudo em quinze minutos. Sem dúvida não era impossível que houvesse exagerado o estado de Chad. Entretanto, quando, ao cabo de cinco minutos no fiacre, Jim Pocock ainda assim nada dissera — ou seja, não dissera o que Strether queria saber, embora houvesse falado muito súbito ocorreu-lhe que eles ou eram estúpidos ou agiam de modo intencional. No todo a primeira hipótese pareceu-lhe mais razoável; de modo que esse era o problema que havia na alegria comedida. Sim, eles se mostrariam comedidos e alegres; fariam o melhor que podiam com o que estava à sua frente, mas não lograriam enxergar; estaria fora de seu alcance; simplesmente não entenderiam. De que adiantava terem vindo? — Se não fosse para serem inteligentes a esse ponto: a não ser, decerto, que ele estivesse completamente enganado e fora do juízo? Estaria fantasiando a questão do progresso de Chad, estaria distante da verdade? Estaria vivendo em um mundo de ilusões, um mundo criado apenas para satisfazê-lo, e não seria essa ponta de irritação — agora, diante do silêncio de Jim — o alarme soado pela impostura diante do toque da realidade? Seria a missão dos Pococks esse tributo à realidade? — Eles teriam vindo para fazer com que o

trabalho da observação, da forma como *Strether o praticava*, se espedaçasse e caísse por terra, e para reduzir Chad aos termos simplórios com que as mentes honestas podiam tratá-lo? Teriam em suma vindo para serem prudentes onde Strether estava fadado a discernir tão somente a própria insensatez?

Nosso amigo examinou a hipótese, mas logo a abandonou ao refletir que, nesse caso, também teria se mostrado insensato com Maria Gostrey e o pequeno Bilham, com Madame de Vionnet e a pequena Jeanne, com Lambert Strether, em resumo, e acima de tudo com o próprio Chad Newsome. Não teria feito mais pela realidade sendo insensato com essas pessoas do que prudente com Sarah e Jim? Jim, de fato, efe logo decidiu, estava de fora; Jim não se importava; Jim não viera nem por causa de Chad nem por causa de Strether; Jim em poucas palavras deixara a tarefa moral para Sally e na verdade agora, à guisa de recreação, aproveitava o fato de que deixara quase tudo nas mãos dela. Ele não era nada em comparação com Sally, e não tanto em razão do gênio e da força de vontade da esposa, mas sim de seu refinamento, de seu conhecimento do mundo. Conforme confessou com toda a franqueza e serenidade durante o trajeto, sentia que estava posicionado bem atrás da mulher e ainda mais atrás, se fosse possível, na retaguarda da irmã. Tipos como eles, Jim sabia, eram logo identificados e muito apreciados; porque o máximo a que um importante homem de negócios de Woollett podia almejar socialmente, e nesse sentido também industrialmente, era uma certa liberdade para participar desse estado geral de encantamento.

A impressão que lhe causou foi mais um marco na trajetória de nosso amigo. Foi uma impressão estranha, especialmente por ter sido provocada tão cedo; Strether obteve-a, ele avaliou, em menos de vinte minutos; pelo menos em menor grau pareceu-lhe um produto

dos anos em Woollett. Em geral Pocock consentia, ainda que de modo não deliberado, em ficar de fora. Isso, a despeito de ele ser um homem normal; a despeito de ser bem-humorado; a despeito de ser um destacado homem de negócios de Woollett; e o caráter inabalável dessa sua sorte o fazia manter-se, portanto perfeitamente dentro do padrão costumeiro — como claramente não se mostrava menos natural, para ele, tudo o mais a esse respeito, Jim parecia dizer que, para um destacado homem de negócios de Woollett, havia todo um lado da vida em que o perfeitamente costumeiro era não se intrometer. Para ele tudo se resumia a isso e Strether, no que dependia de Jim, também não queria outra coisa. Só que Strether, como de hábito, dava tratos à bola, e se perguntava se esse aspecto da vida de seu Pocock não estaria de algum modo ligado, para aqueles que ali estavam representados, com a questão do casamento. Não *teria* agido como seu interlocutor, caso tivesse se casado dez anos antes? Viria a agir da mesma forma se viesse a casar-se em alguns meses? Seria algum dia deixado de fora da equação com respeito a Mrs. Newsome como o próprio Jim — de um modo mais oblíquo — com respeito a Mrs. Jim?

O fato de deitar os olhos nessa direção conferia-lhe uma espécie de confiança pessoal; ele era diferente de Pocock; não só se afirmara de forma diferente como gozava, no fim das contas, de maior estima. Nada obstante, ocorreu-lhe naquele momento que a sociedade de lá, à qual Sarah e Mamie — e de um modo mais iminente, a própria Mrs. Newsome — pertenciam, era essencialmente uma sociedade feminina, e dela o pobre Jim não fazia parte. Ele mesmo, Lambert Strether, em certa medida ainda *fazia* — embora se tratasse de uma situação peculiar para um homem, ele quase nunca se esquecia de que muito possivelmente seu casamento lhe custaria o posto. Independentemente do que significasse aquela divagação, não era de fato ocasião propícia para excluir Jim, que por

certo estava entregue ao encanto de sua aventura. Pequeno e gordo e invariavelmente brincalhão, com uma tez cor de palha e destituído de sinais marcantes, ele quase passaria despercebido se sua preferência constante por roupas cinza-claro, por chapéus brancos, por charutos muito grandes e histórias muito curtas não fizesse o que pudesse por sua identidade. Havia sinais nele (nenhum dos quais dolorosos, porém) de um homem que sempre pagava pelos demais; e o principal deles talvez fosse justamente esse seu malogro em sobressair como tipo, Era esse o preço, mais do que a fadiga ou o desperdício, que ele pagava; pagava com isso e um pouco também com o esforço do humor — nunca irrelevante para as condições, para as relações, com as quais estava familiarizado.

Pocock gorgolejava de excitação à medida que avançavam pelas ruas festivas; declarou que a viagem era um golpe de sorte e ansiava por observar que não estava lá para fugir de nada; não sabia ao certo por que Sally havia decidido ir, mas ele tinha a intenção de divertir-se. Strether entreteve-o ao mesmo tempo que se indagava se Sally queria que o irmão voltasse apenas para pôr-se em pé de igualdade com o marido. Acreditava que a diversão estava evidentemente no plano de todos; e assentiu generoso à proposta de Jim de que, vendo-se os dois desocupados e irresponsáveis — as malas de seu companheiro estavam no carro com as dos outros —, deviam dar uma volta antes de seguir para o hotel. Não cabia a *ele* lidar com Chad — era tarefa de Sally; e, como seria do feitio da esposa, Jim supunha, abrir fogo sem mais delongas, não seria de todo inoportuno da parte deles conceder a ela um pouco mais de tempo. Strether, de sua parte, só desejava dar-lhe tempo; de forma que passeou com seu companheiro entre bulevares e avenidas, tentando extrair daquele material escasso alguma forma de previsão sobre a sua catástrofe. Não lhe foi difícil perceber que Jim Pocock evitava fazer julgamentos, tendo pairado bem ao largo de qualquer

espécie de polêmica e de ansiedade, deixando a cargo das senhoras toda a análise da questão que lhes competia e agora apenas protegendo-se sob pequenas doses de cinismo galhofeiro. Este logo se fez sentir de novo, esse cinismo — do qual até então Strether só vira lampejos —, no comentário ligeiramente tardio: “Bem, que o diabo me carregue se eu consentiria se *estivesse* no lugar dele”!

“Quer dizer que não consentiria se estivesse no lugar de Chad...”?

“Em abrir mão de tudo isso para voltar e ficar no comando da publicidade”! O pobre Jim, com os braços dobrados e suas perninhas estiradas no fiacre aberto, absorvia a cintilante tarde parisiense, correndo os olhos pelo panorama de um lado para outro. “Ora, eu mesmo gostaria de vir para cá para aproveitar a vida. E quero aproveitá-la enquanto *estiver* aqui também. Concordo com *você* — e você foi fenomenal, meu velho, pois pude perceber — que não devemos perturbar o rapaz. Eu não pretendo incomodá-lo; não poderia, em boa-fé. É graças a você de todo modo que estou aqui, e é claro que lhe sou muito grato. Vocês são um par perfeito”.

Havia implicações nessa fala que Strether deixou passar por enquanto. “Não acha então importante que haja alguém para dirigir a publicidade? A competência de Chad”, prosseguiu, “faz dele o homem *certo* para o cargo”.

“Onde ele arranjou essa competência”, Jim perguntou, “por aqui”?

“Ele não a arranjou por aqui, e o fantástico é que aqui também não a perdeu. Chad tem um talento natural para os negócios, e uma cabeça extraordinária. Trata-se de algo natural”, Strether explicou. “Nesse sentido é filho de seu pai e — e pois, a seu modo, ela é

igualmente estupenda — de sua mãe também. Ele tem outros gostos e inclinações; mas sua mulher e Mrs. Newsome estão seguras de que não lhe falta aptidão. É um jovem notável”.

“Aposto que sim”, Jim Pocock suspirou, despreocupado. “Mas se acreditava tanto que ele nos impressionaria, por que prolongou sobremodo a questão? Não sabe que estávamos bastante preocupados com você”?

Ainda que essas perguntas não primassem pela franqueza, Strether viu que precisava fazer uma escolha e tomar uma posição. “Porque, veja só, eu fiquei encantado. Paris me encantou. Ouso dizer que me encantou muitíssimo”.

“Ah, seu velho maroto”! Jim exclamou, animado.

“Mas nada está decidido”, Strether continuou. “O caso é mais complexo do que se pode perceber de Woollett”.

“Ah, bem, visto de Woollett o caso parece bem ruim”! Jim declarou.

“Mesmo depois de tudo que escrevi”?

Seu interlocutor refletiu. “Não foi o que pôs nas cartas que fez Mrs. Newsome nos mandar para cá? Isso, pelo menos, e o fato de Chad não ter voltado”?

Strether, por sua vez, também ponderou: “Compreendo. Sem dúvida foi inevitável que ela fizesse alguma coisa, e sua mulher veio, portanto, para tomar providências”.

“Ah, sim”, Jim concordou, “...para tomar providências. Mas Sally as toma, você sabe”, acrescentou lucidamente, “toda vez que sai de casa.

Ela nunca sai senão para tomá-las. Ademais, agora está agindo em nome da mãe, e isso faz toda a diferença". Ele então concluiu, abrindo todos os sentidos ao deleite da adorável Paris: "Não temos ainda assim em Woollett nada comparado a isso".

Strether continuou a considerar as implicações. "Sou obrigado a dizer a todos que vocês me parecem ter chegado com uma disposição de espírito muito gentil e razoável. Não mostraram as garras. Não detectei em Mrs. Pocock nenhum sinal disso. Não está furibunda", ele emendou. "Fui mesmo tolo por cismar que ela estivesse".

"Ah, você não a conhece bem o bastante", Pocock perguntou, "para saber que, como a mãe, ela nunca se trai? Nenhuma das duas se mostra furibunda; elas deixam que cheguemos bem perto. Por fora é só maciez, enquanto guardam todo o calor por dentro. Sabe o que são"? Jim prosseguiu relanceando o olhar em torno, não dando à pergunta, segundo pareceu a Strether, nem metade de sua atenção... "sabe? São quase tão intensas quanto podem ser".

"Sim", e o assentimento de Strether evidenciou a sua precipitação; "são quase tão intensas quanto podem ser".

"Não ficam andando de lá para cá, agitando a jaula", disse Jim, que parecia contente com a analogia; "e é na hora das refeições que se põem mais silenciosas. Mas sempre chegam aonde querem".

"Decerto que sim... elas sempre chegam aonde querem"! Strether respondeu com uma risada denunciadora de seu nervosismo. Não gostava de falar francamente sobre Mrs. Newsome com Pocock; e podia não ter sido sincero. Mas havia algo que queria saber, uma necessidade criada dentro dele pelo silêncio recente que ela estabeleceu e também pelo fato de ele ter dado tanto a princípio,

como agora mais do que nunca lhe parecia, e ter recebido tão pouco. Era como se uma verdade inusitada contida na metáfora de seu companheiro súbito o houvesse atropelado. Ela esteve quieta na hora da refeição; ela comera, e Sarah também, todo o prato da comunicação copiosa que recentemente lhe enviara, com suas notas vividas e agradáveis, sua engenhosidade e até mesmo sua eloquência, enquanto o fluxo das respostas foi cada vez mais escasseando. Jim, como de hábito, porém, nesse ínterim, resvalara para a superficialidade tão logo parou de falar pela perspectiva da experiência marital.

“Mas é claro que Chad tem agora a vantagem de estar lá diante dela. Se ele não mostrar tudo o que vale...”! Pockock suspirou com uma curiosa compaixão pela possível falta de recursos de seu cunhado. “Ele o convenceu direitinho, hein”? Disse, perguntando em seguida se havia algo de novo no teatro de variedades, o *Variétés*, que pronunciou à moda americana: “Varieties”. Eles falaram sobre o “Varieties” — forçando Strether a denunciar um conhecimento que mais uma vez arrancou de Pockock uma indireta tão vaga quanto uma história infantil, mas tão agressiva quanto uma cotovelada no flanco; e os dois concluíram o passeio sob a proteção de temas mais amenos. Strether esperou inutilmente até o fim por qualquer comentário de Jim sobre a transformação de Chad; e lhe teria sido difícil explicar o desalento que o atingiu com a ausência de um testemunho. Fora por isso que tomara a sua posição, até onde havia tomado uma; e, se todos se mostrassem insensíveis ao fenômeno, ele teria perdido seu tempo. Concedeu ao amigo até o último minuto, até darem com os olhos no hotel; e, à medida que o pobre Pockock apenas continuou a exibir animação, cupidez e palavras de caçoada, Strether sentiu crescer seu desprezo por ele, passou a achá-lo extraordinariamente ordinário. E se *todos* os demais também não vissem nada! Strether sabia, enquanto cogitava a ideia, que também

estava permitindo que Pocock expressasse para ele aquilo que Mrs. Newsome não teria enxergado. Continuava incomodado, sob a luz da ordinarice de Jim, em falar dessa senhora; contudo, pouco antes de o carro estacionar é que pôde medir o alcance de seu desejo em conhecer a verdadeira mensagem de Woollett.

“Mrs. Newsome esmoreceu de alguma forma...”?

“Esmoreceu...”? Jim repetiu com uma ponta de derrisão por falar de um passado que já parecia distante.

“Sob a aflição, quero dizer, de esperanças procrastinadas, de desapontamentos redobrados e, por isso, exacerbados”.

“Quer dizer se ela está abatida”? Ele tinha suas próprias categorias. “Ora, sim, está... assim como Sally. Mas elas nunca são mais enérgicas, você sabe, do que nessas horas de abatimento”.

“Ah, Sarah está abatida”? Strether murmurou com ar vago.

“É quando desanimam que mais passam a noite em claro”.

“E Mrs. Newsome passa a noite em claro”?

“Todas as noites, meu caro... por você!” E Jim o empurrou com uma pequena gargalhada, um gesto que desanuviou a imagem. Mas ele havia conseguido o que queria. Sentiu na hora que aquela era a verdadeira mensagem de Woollett. “Por isso não volte para casa”! Jim acrescentou ao descer do veículo, enquanto seu amigo, ao deixá-lo pagar prodigamente o cocheiro, permaneceu sentado com uma cisma momentânea. Strether se perguntava se aquela também era a verdadeira mensagem.

III

Quando a porta do salão de Mrs. Pocock abriu-se para Strether no dia seguinte, bem antes do meio-dia, nosso amigo ouviu uma voz encantadora que o fez vacilar antes de cruzar a soleira. Madame de Vionnet já estava em campo, e aquilo emprestava ao drama um ímpeto que ele, sozinho — a despeito da aceleração de seu próprio suspense —, teria sido incapaz de emular. Embora houvesse passado a véspera na companhia de todos os seus velhos amigos, não atinava (seria preciso confessar) com a influência que eles tinham sobre a situação. Mesmo assim era agora estranho, na luz da inesperada presença daquela senhora, que ele mais do que nunca imaginasse Madame de Vionnet como parte disso tudo. Ela estava sozinha, ele se apanhou presumindo, com Sarah, e havia uma relação entre essa circunstância — de algum modo fora de seu alcance — e seu destino pessoal. No entanto, ela apenas dizia algo simples e imparcial — aquilo que viera, como boa amiga de Chad, com o propósito de dizer. “Não há nada mesmo...? Eu ficaria tão encantada”.

Strether não teve dúvida, quando as viu na sua frente, sobre o modo como esta última havia sido recebida. Soube disso assim que Sarah se levantou para cumprimentá-lo, o rosto levemente agitado. Além disso, percebeu que não estavam, como primeiramente lhe ocorreu, sozinhas; não teve nenhuma dificuldade para reconhecer quem estava sentado com suas costas altas e largas voltadas para ele no vão da janela mais distante da porta. Waymarsh, a quem ainda não havia encontrado naquele dia, sobre quem soubera ter saído do hotel antes dele, e que havia tomado parte na noite anterior, a convite de Mrs. Pocock, transmitido por Chad, da pequena, mas

cordial recepção oferecida por essa senhora — Waymarsh, imitando Madame de Vionnet, antecipara-se a ele e, com as mãos nos bolsos e postura que denotava indiferença à sua entrada, olhava distraído para a *Rue de Rivoli*. Seu amigo sentira no ar — era extraordinária a forma como Waymarsh assinalava sua posição — que ele lograra manter-se profundamente alheado da aproximação de sua anfitriã, que registramos pelo lado de Madame de Vionnet. Era evidente que o cidadão de Milrose dispunha de tato, além de uma visão geral bastante rígida; e foi por isso que havia deixado Mrs. Pocock perseverar sozinha. Ele ali permaneceria após a saída da visitante; não restava dúvida de que aguardaria: o que mais fizera naqueles meses senão esperar? Por conseguinte, ela devia sentir que estava ao seu dispor. Ainda faltava descobrir que tipo de ajuda Sarah podia tirar dali, pois, embora fosse notavelmente inteligente, ela agora apresentava um comportamento ambíguo, a um só tempo formal e nervoso. Fora obrigada a refletir com uma rapidez inesperada; mas queria em primeiro lugar mostrar que não seria pega de surpresa. Strether chegou precisamente no momento em que demonstrava essa sua disposição. “Oh, a senhora é muito amável; mas não creio que precise de ajuda. Tenho meu irmão... e estes amigos americanos. Além disso, como a senhora sabe, já estive em Paris. Eu conheço Paris”, declarou Sarah Pocock em um tom que causou certo calafrio no coração de Strether.

“Ah, mas uma mulher, neste lugar tão fatigante, onde tudo muda a olhos vistos, uma mulher de boa vontade”, aventurou-se Madame de Vionnet, “sempre pode ajudar outra. Tenho certeza de que ‘conhece’ — mas talvez conheçamos coisas diferentes”. Era evidente que ela também não queria cometer nenhum erro; mas tratava-se de um temor de ordem diversa, mantido às ocultas. Ela sorriu para Strether à guisa de cumprimento, saudou-o com uma familiaridade maior do que a demonstrada por Mrs. Pocock;

estendeu a mão sem sair do lugar; e breve ocorreu a nosso amigo, da forma mais peculiar — sim, não havia engano que ela o levaria à perdição; ela se portava com absoluta desenvoltura e amabilidade, mas não podia evitar arruiná-lo; seus modos eram requintados, e o fato de ser exatamente como era fazia com que Sarah súbito atribuísse todo um novo fluxo de significados às evasivas de Strether. Como poderia ela saber que o estava prejudicando? Queria mostrar que era uma pessoa simples e humilde — sem prejuízo de seu eficiente encanto; mas era justamente essa atitude que parecia colocá-lo a seu lado. Ela pareceu-lhe vestida, composta, absolutamente preparada para a conciliação — com a própria poética do bom gosto aplicada para satisfazer sua ideia sobre os pré-requisitos necessários a uma primeira visita. Estava disposta a dar bons conselhos sobre costureiros e lojas; punha-se à inteira disposição da família de Chad. Strether observou o cartão de Madame de Vionnet sobre a mesa — com a coroa e o título de “Comtesse” — e não pôde deixar de imaginar certos reajustes particulares ocorrendo na mente de Sarah. Sua compatriota por certo jamais havia recepcionado uma “Comtesse” antes, e lá se achava um exemplar dessa classe que ele estivera ansiando apresentar-lhe. Mrs. Pocock atravessara o oceano especialmente para dar uma boa olhada nela; mas Strether viu nos olhos de Madame de Vionnet que essa necessidade não fora atendida de forma tão auspiciosa que lhe permitisse dispensar a ajuda dele. Seus olhos o fixavam como naquela manhã em Notre-Dame; ele na realidade notou a sugestiva semelhança do vestido, igualmente delicado e discreto. Este último parecia aludir — talvez de modo um pouco prematuro demais, ou refinado demais — à sua disposição em ajudar Mrs. Pocock com as compras. A forma como Sally a encarava, ademais, só parecia confirmar sua impressão de que fizeram bem em deixar Miss Gostrey de fora. Strether estremecia ao lembrar que por um minuto chegou a cogitar apresentar Maria como guia e exemplo. Sentiu uma

ponta de alívio, porém, com a forma como parecia vislumbrar a frase de Sarah. Ela “conhecia Paris”. Madame de Vionnet, nesse sentido, soube responder com desenvoltura. “Ah, vejo que há uma inclinação em comum, uma afinidade que é de família. Seu irmão, posto que sua longa experiência faça diferença, eu admito, tornou-se um de nós de uma maneira maravilhosa”. E ela recorreu a Strether como aquelas mulheres que eram sempre capazes de passar tranquilamente de um assunto a outro. Não estaria *ele* impressionado com o modo como Mr. Newsome se apropriara do lugar, e não estivera em condições de beneficiar-se da assombrosa *expertise* de seu amigo?

Strether sentiu coragem, pelo menos, no fato de ela ter feito vibrar tão cedo essa nota e, no entanto, perguntou-se que outra nota ela *poderia* afinal das contas emitir desde o momento em que se apresentou ali. Madame de Vionnet só poderia enfrentar Mrs. Pocock no terreno do óbvio, e que aspecto da situação de Chad era mais eminente do que o fato de que ele havia criado para si todo um novo conjunto de circunstâncias? A não ser que se escondesse por inteiro ela não poderia mostrar-se senão como uma dessas circunstâncias, um exemplo da condição domiciliada e, mais ainda, da condição confirmada de Chad. E a consciência de tudo isso, brilhando em seus olhos adoráveis, era tão clara e bela que, quando ela assim ostensivamente como que o arrastou para seu barco, produziu nele tamanha agitação silenciosa que Strether, depois, só pôde tachar a própria atitude de pusilânime. “Ah, não me trate tão bem assim! — Pois isso nos torna íntimos e, afinal, o que *há* entre nós quando me mantive tão extraordinariamente na defensiva e encontrei com a senhora não mais que meia dúzia de vezes”? Strether mais uma vez reconheceu a perversa lei que governava, implacável, os aspectos mais deploráveis de sua existência: era exatamente *assim* que as coisas sempre lhe sucediam, ou seja, que

Mrs. Pocock e Waymarsh ficassem com a impressão de que ele estabelecera uma relação na qual, na realidade, nada fora estabelecido. Naquele exato momento os dois estavam, só podiam estar imputando-lhe a total prerrogativa sobre o caso, e tudo por causa do tom que ela usara para dirigir-se a ele; ao passo que a prerrogativa que nosso pobre amigo adquirira só lhe permitia ficar preso à costa; sem mergulhar um só dedo na correnteza. Mas o princípio de temor que sentira nessa ocasião não viria, é preciso acrescentar, a repetir-se; ele surgira durante um instante, apenas para definhar e desaparecer para sempre. Somente o fato de arrostar a súplica da visitante, e de lhe responder, com os olhos brilhantes de Sarah cravados nele, já lhe *dava* acesso a seu barco. Durante o tempo restante da visita ele sentiu-se recorrer sucessivamente a cada um dos procedimentos adequados, para ajudar a conservar à tona o aventureiro esquife. A embarcação balançava a seus pés, mas Strether conseguiu manter-se firme. Ele tomou um remo e, já que lhe dariam o crédito de remador, remou.

“Seria muito mais agradável se ocorresse de nos encontrarmos”, Madame de Vionnet havia observado em outra referência à alusão de Mrs. Pocock sobre sua condição de iniciada; e imediatamente acrescentou que sua anfitriã afinal não passaria apuros com os bons ofícios de Mr. Strether bem à mão. “Presumo que seja ele quem aprendeu a conhecer sua Paris, a amá-la, melhor do que qualquer outra pessoa antes dele, e em tão pouco tempo; de modo que entre ele e seu irmão, quando se trata dessa questão, que mais a senhora poderia desejar em termos de orientação? O essencial, como Mr. Strether lhe mostrará”, ela disse, sorrindo, “é deixar-se levar”.

“Ah, não me tenho deixado levar muito longe”, Strether replicou, sentindo como se tivesse sido convocado para insinuar a

Mrs. Pocock que era assim que os parisienses conversavam. “Receio que só acabarei provando que não fui longe o bastante. Tempo não me faltou, mas devo ter agido como quem não arreda o pé do lugar”. Ele olhou para Sarah de uma maneira que imaginou que lhe seria agradável e frisou, como se sob a proteção de Madame de Vionnet, sua própria posição. “O que aconteceu foi que, durante esse tempo todo, não fiz nada que não tivesse vindo fazer”.

No entanto, o comentário logo deu a Madame de Vionnet a oportunidade de emendar: “O senhor restabeleceu a amizade com seu amigo — aprendeu a conhecê-lo melhor”. Ela correu a seu socorro com tanta graça que ambos poderiam, ao atender a uma causa comum, serem chamados ao mesmo tempo para alegar assistência mútua.

Nisso Waymarsh, como se estivesse em questão, virou-se imediatamente da janela. “Oh, sim, condessa... ele restabeleceu contato *comigo*, e suponho que *tenha* aprendido uma coisa ou duas sobre mim, embora não esteja certo de que tenha ficado muito satisfeito. Cabe ao próprio Strether dizer se acha que minhas ações fizeram jus às suas diligências”.

“Ah, quanto ao *senhor*”, respondeu a condessa, bem-humorada, “não é de forma alguma a razão pela qual ele veio à Europa — ou é, Strether? — E eu não tinha o senhor em mente. Pensava em Mr. Newsome, em quem sempre pensamos muito e com quem Mrs. Pocock, precisamente, aproveitou a oportunidade para renovar os laços. Que satisfação para os dois”! Madame de Vionnet, com os olhos postos em Sarah, corajosamente emendou.

Mrs. Pocock ouvia-a com atenção, mas Strether logo percebeu que ela não pretendia aceitar de lábios alheios nenhuma versão sobre seus movimentos ou planos. Não carecia nem de favores nem de

amparo, que apenas representavam designações diferentes para uma falsa posição; ela mostraria a seu modo o que fosse que decidisse mostrar, e isso ela expressou com um brilho agreste que o fez recordar-se das manhãs de inverno em Woollett. “Eu nunca precisei de desculpas para ver meu irmão. Tenho muitas coisas em que pensar, e imensas tarefas e responsabilidades, e nossa casa não é um lugar impossível. Há razões de sobra”, Sarah continuou, com um timbre de voz ligeiramente mais agudo, “para tudo que fazemos” — e em suma não estava disposta a entregar a menor migalha de informação. Mas ajuntou como alguém que sempre sabia como agir com brandura e oferecer uma trégua: “Eu vim porque... bem, porque é isso o que sempre fazemos”.

“Ah, mas que bom”! Exclamou Madame de Vionnet para ninguém em particular. Cinco minutos depois estavam de pé para se despedirem dela, reunidos numa atmosfera de afabilidade que não se desfez mesmo após outra troca de comentários; apenas não contavam com Waymarsh, que teve uma notória recaída em sua tendência de buscar, a seu modo meditabundo e como que com uma ligeireza instintiva ou acautelada nos passos, a posição vantajosa de uma janela aberta. O salão, envernizado e dourado, todo em damasco avermelhado e ouropel, com seus espelhos e relógios, dava para o sul; e, conquanto as venezianas estivessem cerradas para a manhã parisiense, o Jardim das Tulherias e tudo que havia além, sobre cujo panorama se erguia o hotel, podia ser divisado por entre as frestas; de modo que a presença aliciante de Paris se instilava com suas meias-tintas, suas notas frescas e convidativas, na cintilação das pontas douradas das paliçadas, no rangido do cascalho, no clique dos cascos, no estalar dos chicotes, elementos que sugeriam algum tipo de parada circense. “Parece-me ser possível”, disse Mrs. Pocock, “que eu encontre uma oportunidade para visitar meu irmão. Não tenho dúvida de que o apartamento dele é bastante agradável”. Ela

falava como que para Strether, mas o rosto estava voltado com intensa vivacidade na direção de Madame de Vionnet, e houve um momento durante o qual, enquanto ela assim a encarava, nosso amigo esperou que acrescentasse: “Decerto sou-lhe muito grata por ter-me convidado para ir até lá”. Ele imaginou que, por cinco segundos, essas palavras estiveram na ponta da língua; chegou a ouvi-las com a clareza de palavras pronunciadas; mas logo viu que não foram — soube disso quando deu com o olhar, rápido e significativo, de Madame de Vionnet, no qual leu que ela também as pressentira, mas que o recado felizmente não se havia materializado de nenhuma forma digna de resposta. Com isso, Marie ficou livre para referir-se apenas ao que fora dito.

“Alegro-me que o *Boulevard Malesherbes* possa ser um campo comum para nós duas, pois a meu ver oferece as condições mais auspiciosas para que voltemos a nos encontrar”.

“Ah, eu irei visitá-la, já que tem sido tão boa para nós”: e Mrs. Pocock olhou sua invasora bem nos olhos. O rubor das faces de Sarah havia naquela altura se reduzido a uma pequena, mas distinta mancha escarlate que não deixava de alardear sua própria intrepidez. Ao vê-la assim de cabeça alteada ocorreu a Strether que, das duas, naquele momento, era a irmã de Chad quem mais se assemelhava a uma condessa. Logo compreendeu que ela de fato devia retribuir a cortesia de sua visitante: Sally não poderia reaparecer em Woollett sem ao menos uma história como essa no bolso.

“Eu ficaria muito satisfeita se me concedesse a honra de mostrar-lhe minha pequena filha”, prosseguiu Madame de Vionnet; “e a teria trazido junto se não quisesse primeiro pedir sua permissão. Tinha a esperança de talvez conhecer Miss Pocock; soube por Mr. Newsome que ela veio com a senhora, e me alegraria muito poder

apresentá-la à minha filha. Se tiver a felicidade de encontrá-la e se a senhora me permitir, eu ousaria requestar-lhe a bondade de ser gentil com Jeanne. Mr. Strether lhe dirá”, ela manteve o tom gracioso, “que minha pobre criança é boa e cordata, e bastante solitária. Eles se tornaram amigos, para a alegria de todos, e não creio que ele pense mal dela. Quanto a Jeanne, sei que Mr. Strether fez com ela o mesmo sucesso que tem obtido aonde quer que vá”. Ela parecia pedir-lhe permissão para dizer o que vinha dizendo, ou melhor, parecia, alegre e docemente, com a desenvoltura da intimidade, tomar essa permissão como favas contadas, e ele se apercebeu, naquele momento, de que recusar-lhe ajuda seria o mesmo que, de uma forma insidiosa e grosseira, abandoná-la. Sim, ele estava a seu lado e, opondo-se com essa atitude dissimulada e pouco segura a todos aqueles que não estavam, sentiu — de modo estranho e confuso, mas também excitante e inspirador — quanto se via empenhado e até onde podia seguir adiante com tudo isso. Era como se houvesse aguardado ansioso por uma abertura pela qual ela lhe permitisse ir além, de sorte que pudesse mostrar o que podia fazer. E o que em verdade sucedeu quando Madame de Vionnet demorou-se um pouco foi que a despedida dela serviu bem a esse propósito. “Como tenho certeza de que ele jamais alardeará o próprio sucesso, sinto-me mais à vontade para contar; o que para mim é ótimo, sabe, por falar nisso”, ela observou como se apenas para ele, “considerando-se a pouca vantagem direta que esses seus triunfos tiveram sobre *mim*. Quando é que se consegue encontrá-lo? Eu continuo a esperá-lo em casa, desanimada. A senhora ao menos me terá feito a gentileza, Mrs. Pocock”, ela arrematou, “de proporcionar-me uma das raríssimas ocasiões de ver esse cavalheiro”.

“Eu certamente detestaria privá-la de um direito que lhe parece ser, tal como a senhora o descreve, natural. Mr. Strether e eu somos

velhos amigos”, Sarah assentiu, “mas não disputarei com ninguém o privilégio de desfrutar de sua companhia”.

“E, contudo, minha querida Sarah”, ele teve a ousadia de interromper, “sinto, quando a ouço dizer isso, que não faz justiça à importante verdade de que *lhe* caibo — assim como a senhora a mim — como direito natural. Teria preferido”, ele concluiu com uma risada, “vê-la brigando por mim”.

A observação fez Mrs. Pocock, súbito, perder a fala — acometeu-a uma certa falta de ar, como ele logo imaginou, em virtude da ousadia que a pegou desprevenida. Se Strether disse o que disse num rompante — malgrado todo o mal que este pudesse causar — foi porque, com todos os diabos, não queria mais ter medo dela, ou de Madame de Vionnet. Em Woollett naturalmente só a chamava de Sarah e, embora porventura nunca a tivesse conjurado com tamanha ênfase como “minha querida”, isso de alguma forma só ocorreu porque até então jamais houvera ensejo. Mas algo *lhe* dizia que agora era tarde demais (a não ser de fato que fosse possivelmente cedo demais) e que ela com isso não teria ficado nem um pouco satisfeita. “Ora, Mr. Strether...!” Sarah murmurou, de maneira indefinida, mas incisiva, enquanto suas faces coradas acendiam-se um pouco mais e ele se deu conta de que, por ora, aquela seria toda a resposta que daria. Madame de Vionnet já tinha, no entanto, corrido para acudi-lo, e Waymarsh, como se em busca de uma participação mais efetiva, tornava a reunir-se a eles. Verdade seja dita que a ajuda proporcionada por Madame de Vionnet era questionável; era sinal de que, por mais que alguém pudesse confessar-se a ela, e por maior que fosse o prazer que ela lamentasse não ter desfrutado, Marie ainda assim podia pôr insidiosamente a descoberto quanto haviam acumulado em termos de material de conversação.

“A verdade verdadeira é que o senhor sacrifica sem perdão qualquer uma de nós à velha e boa Maria. Com ela não há espaço na sua vida para ninguém mais. A senhora ouviu falar”, Madame de Vionnet perguntou a Mrs. Pocock, “da velha e boa Maria? O pior é que Miss Gostrey é de fato uma mulher maravilhosa”. “Ah, sim, sem dúvida”, Strether respondeu por ela, “Mrs. Pocock foi informada sobre Miss Gostrey. Suponho que sua mãe, Sarah, lhe contou a seu respeito; sua mãe sabe de tudo”, ele continuou, resoluto. “E eu de bom grado admito”, acrescentou, consciente da coragem contida na bravata, “que ela é tão maravilhosa quanto possa permitir que seja”.

“Ah, meu querido Mr. Strether, não cabe a *mim* ‘permitir nada que diga respeito ao assunto”, Sarah protestou de imediato; “e não estou de maneira nenhuma certa de que saiba — por intermédio de minha mãe ou de quem quer que seja — de quem estão falando”.

“Bem, ele não deixará que a senhora a veja, sabe”, Madame de Vionnet interveio, solidária. “A *mim* nunca deixa — apesar de nossa longa amizade; quero dizer: a amizade que há entre mim e Maria. Ele a reserva para os melhores momentos; guarda-a completamente para si; para nós destina apenas as migalhas”.

“Devo dizer, condessa, que *eu* tive minha cota de migalhas”, Waymarsh observou com autoridade e estendendo-lhe seu amplo olhar; o que a fez interrompê-lo antes que ele pudesse continuar.

“*Comment donc*, ele a divide com o senhor”! Ela exclamou em jocosa estupefação. “Cuide para que não se obtenha delas, antes de ir muito longe, de todas *ces dames*, uma dose excessiva, com a qual não saberá o que fazer”!

Mas ele apenas continuou com seu estilo altivo. “Posso lhe contar sobre essa senhora, Mrs., Pocock, até onde desejar saber. Eu a

vi diversas vezes, e estava praticamente presente no dia em que se conheceram. E, embora não tenha desgrudado os olhos desde então, nunca fiquei sabendo de nada desabonador sobre ela”.

“Desabonador”? Madame de Vionnet repetiu em voz baixa. “Mas se ela é a mais querida e inteligente de todas as criaturas queridas e inteligentes que existem no mundo”.

“Bem, seu retrato é bem acurado, condessa”, Waymarsh volveu, com certa graça, “embora saibamos que ela seja uma mulher experiente. Ela conhece a Europa muitíssimo bem. E sobretudo adora Strether, sem sombra de dúvida”.

“Ah, mas todas nós somos capazes disso — todas nós adoramos Strether: não se trata de um mérito”! a visitante interveio, rindo, agarrando-se a seu expediente com uma tenacidade que surpreendeu o nosso amigo; mas ele também acreditou, quando cruzou com seus belos olhos expressivos, que o futuro lhe reservava, sobre esse ponto, maiores esclarecimentos.

Entretanto, o principal efeito do tom empregado — era uma verdade contida no olhar que ele, num jogo triste e irônico, lhe retribuiu — só podia fazê-lo imaginar que, para uma mulher dizer em público coisas como essas para um homem, ela praticamente devia pensar nele como um ancião de noventa anos. O sentimento de culpa fê-lo corar, envergonhado (ele sabia), diante da alusão a Maria Gostrey; a presença de Sarah Pocock — a qualidade especial que havia nessa presença — tornara a reação inevitável; e ele tanto mais enrubescia quanto menos queria demonstrar qualquer espécie de fraqueza. Com efeito, sentiu que se traía e, vítima de um mal-estar quase doloroso, ofereceu as faces rubras a Waymarsh, que, estranhamente, parecia agora mirá-lo como se sequioso por explicar-se. Algo profundo — algo forjado sobre a amizade dos dois, velha e

velhíssima — transcorreu entre eles em meio a essa situação já bastante complexa; ele sentiu o sopro de uma lealdade que se sustinha malgrado todos os mal-entendidos dos últimos tempos. O senso de humor seco e direto de Waymarsh — tal como se podia tomá-lo — saiu das sombras para exigir justiça. “Bem, se você pode falar de Miss Barrace, *eu* também tenho direito”, seu amigo parecia afirmar com um rígido movimento de cabeça, consciente de que se com isso o estava traindo era apenas porque (ele esforçava-se por acrescentar) pretendia salvá-lo. Essa luz sombria lhe era tão próxima que parecia ecoar: “para salvá-lo, meu velho, meu pobre velho, para salvá-lo; para salvá-lo apesar de você”. Todavia, era justamente essa mensagem que lhe mostrava que estava, mais do que nunca, perdido. Outra consequência foi a de revelar de maneira inelutável que entre seu companheiro e o interesse representado por Sarah já se havia formado uma aliança. Sem dúvida nenhuma, sim: Waymarsh vinha mantendo uma relação oculta com Mrs. Newsome — tudo isso veio à tona no esgar do amigo. “Sim, você está sentindo a minha mão”, era como se proclamasse: “mas só porque isso ao menos eu *levarei* do maldito Velho Mundo: que ele o tenha feito desmoronar, mas eu lhe recolherei os pedaços”. Era como se, em suma, após um instante, não só visse tudo isso de maneira claríssima, mas também reconhecesse que, nesse sentido, o momento aliviou a tensão. Nosso amigo compreendeu e deu o seu aval; teve a impressão de que não tornariam ao assunto de outra forma. Aquilo seria tudo, e ficaria marcado nele como uma espécie de inteligente generosidade. Fora com a implacável Sarah, portanto — implacável, malgrado toda a sua graça que Waymarsh encetara às dez horas daquela manhã a campanha por salvá-lo. Bem — se ele for mesmo capaz, pobre homem, com toda a sua grande e árida generosidade! O resultado dessas impressões tumultuadas foi que Strether, de seu lado, persistia em revelar apenas o que fosse absolutamente necessário. Revelou o mínimo possível ao dizer a Mrs. Pocock após um intervalo

muito mais breve do que nosso breve exame do quadro, tal como este vinha refletido nele. “Ah, é verdade, como quiserem! — Não há Miss Gostrey nenhuma que não seja para meu proveito — nem um pedacinho. Guardo-a só para mim”.

“Bem, é muito gentil de sua parte ter me contado”, Sarah respondeu sem olhar para ele, de certo modo obrigada pelo chiste (como indicava a direção de seu olhar) a entabular uma vaga, pequena e desesperada comunhão com Madame de Vionnet. “Mas espero não sentir a falta dela”.

Madame de Vionnet logo reacendeu. “E a senhora sabe (embora talvez possa ter adivinhado), não se trata de ele ter vergonha dela. Não resta dúvida de que Maria, de certo modo, é extremamente bonita”. “Ah, mas extremamente”! Strether exclamou, rindo, enquanto ruminava acerca do papel peculiar ao qual se viu imposto.

E assim continuou, mediante cada toque acrescentado por Madame de Vionnet. “Bem, como disse, queria que o senhor tivesse reservado um pouco mais de seu tempo para mim. Não gostaria de marcar uma data, uma hora — e quanto mais cedo, melhor? Estarei em casa quando for melhor para o senhor. Pronto... não posso ser mais justa”.

Strether refletiu um instante enquanto Waymarsh e Mrs. Pocock pareciam ficar na expectativa. “Fiz há pouco uma visita à senhora. Na semana passada... quando Chad não estava em Paris”.

“Sim... e, como se deu, eu também estava fora, O senhor sabe escolher as ocasiões adequadas! Mas não espere até minha próxima ausência, pois não haverá outra”, Madame de Vionnet declarou, “enquanto Mrs. Pocock estiver aqui”.

“Essa promessa não precisará ser mantida por muito tempo, felizmente”, Sarah observou com a calma da segurança readquirida. “Ficarei pouco em Paris. Planejo visitar outros países. Pretendo encontrar vários amigos encantadores”, e sua voz pareceu acalentar a imagem das pessoas em questão.

“Mais uma razão, portanto”! Replicou sua visitante com vivacidade. “Amanhã, por exemplo, ou no dia seguinte”? Ela insistiu com Strether. “Terça seria um dia perfeito para mim”.

“Terça, então, com todo o prazer”.

“Às cinco e meia... ou às seis”?

Era ridículo, mas ocorreu-lhe que Mrs. Pocock e Waymarsh estavam em grande medida esperando sua resposta. Era de fato como se houvessem se aprumado, reunido para um espetáculo, o espetáculo da “Europa”, dado por ele e sua aliada. Bem, o espetáculo não podia parar. “Digamos quinze para as seis”.

“Quinze para as seis... ótimo”. E agora por fim Madame de Vionnet precisava partir, mas antes, sozinha, alongou um pouco mais o espetáculo. “Mas eu esperava tanto conhecer Miss Pocock. Devo perder as esperanças”?

Sarah hesitou, mas respondeu à altura. “Ela irá comigo retribuir sua visita. No momento está fora, agora, na companhia de Mr. Pocock e de meu irmão”.

“Decerto que sim... Mr. Newsome evidentemente quer mostrar toda sorte de coisas aos dois. Falou-me muito dela. Meu maior desejo é dar à minha filha a oportunidade de conhecê-la. Estou sempre atenta a oportunidades como esta. Se não a trouxe hoje comigo foi apenas porque primeiro queria ter certeza de que a

senhora consentiria”. Então, a formidável criatura arriscou mais um pedido. “Também não *lhe* seria conveniente marcar uma data próxima, para nos assegurar de que não vamos perdê-la”? Strether, de sua parte, agora esperava, pois era Sarah quem deveria desempenhar seu papel; e, enquanto esperava, lembrou-se de que ela ficara em casa — e na sua primeira manhã em Paris — enquanto Chad havia saído com os outros. Ah, ela sabia o que fazia; se ficara para trás fora por ter combinado, na noite anterior, que Waymarsh aproveitaria a ausência dos demais para fazer-lhe uma visita. Estava começando bem — para um primeiro dia em Paris; e poderia ficar mais divertido. Mas a franqueza de Madame de Vionnet, nesse meio tempo, era comovente. “A senhora talvez me ache indiscreta, mas queria tanto que Jeanne conhecesse uma jovem americana da mais adorável espécie. Veja, entrego-me inteiramente à sua caridade”.

O tom contido na súplica da visitante deu a Strether um sentimento sem igual das profundezas que se ocultavam sob as palavras, e por trás delas — ao ser proferido de um jeito que o deixou quase desconcertado, abalando sua frágil capacidade de adivinhar os motivos; mas, como Sarah, apesar disso, ainda titubeava, ele teve tempo de acenar com um sinal de simpatia pela requerente. “Deixe-me dizer então, minha cara senhora, para apoiar sua petição, que Miss Mamie pertence à espécie mais adorável do mundo — é a mais encantadora de todas”.

Até mesmo Waymarsh, conquanto dispusesse de mais coisas para dizer sobre o assunto, pôde contribuir em tempo à campanha. “Sim, condessa, a jovem americana é algo que seu país deve nos permitir a honra de dizer que *podemos* mostrar-lhe. Mas sua beleza só serve àqueles que dela sabem fazer uso”.

“Ah, então”, disse Madame de Vionnet, sorridente, “é exatamente o que quero fazer. Estou certa de que ela tem muito a

nos ensinar”.

Era extraordinário; mas não era menos o fato de Strether, inspirado pelo efeito do diálogo, ter-se apanhado impelido a outra direção. “Ah, pode bem ser! Mas não fale de sua própria filha, essa jovem preciosa, como se não fosse a mais absoluta perfeição. *Eu* pelo menos não aceitarei isso da senhora. Mademoiselle de Vionnet”, ele explicou, com esmero considerável, para Mrs. Pocock, “é a perfeição em pessoa. Mademoiselle de Vionnet é uma preciosidade”.

Talvez tenha sido um pouco exagerado, pois um “Ah”! Frio foi tudo o que Sarah respondeu.

O próprio Waymarsh, nesse aspecto, aparentemente reconheceu, com respeito aos fatos, a necessidade de uma justiça mais ampla, e foi com essa intenção em mente que ele fez um aparte a Sarah: “A beleza de Miss Jane é notável — dentro de um tradicional estilo francês.

O comentário de algum modo arrancou risos tanto de Strether quanto de Madame de Vionnet, embora no mesmo instante ele tenha lido nos olhos de Sarah, que se fixaram nos de seu interlocutor, a pergunta vaga mas inequívoca: “Até o senhor”? A reação de fato fez com que Waymarsh deliberadamente esticasse os olhos para cima da cabeça dela. Madame de Vionnet enquanto isso, porém, defendeu seu ponto de vista à sua maneira. “Realmente gostaria que visse minha pobre filha como um belo exemplo: seria muito mais simples para ilustrar o que venho querendo dizer! Ela é irrepreensível, mas não resta dúvida de que é diferente, e a questão agora reside em saber — julgando pelo jeito como as coisas vão — se ela não é afinal diferente demais: quero dizer, se não difere sobremodo do tipo esplêndido que todos aqui concordamos ser o fruto de seu magnífico país. Por outro lado, Mr. Newsome, que o conhece tão bem, tem

feito, como bom amigo, como caro e bom homem que é, tudo o que pode — para nos salvar da ignorância fatal — por minha pobre criaturinha. Bem”, ela concluiu depois que Mrs. Pocock disse, em um murmúrio ainda um pouco arrevesado, que levaria a questão à jovem senhora por quem era responsável, “bem, ficaremos sentadas, minha filha e eu, e esperaremos dia e noite, noite e dia, por sua visita”. Mas sua última deixa foi para Strether. “O senhor fala de nós de um jeito...”!

“Como se nada pudesse sair daí? Ah, algo há de sair! Tenho um enorme interesse pelo caso”! Ele acrescentou; e, como se para prová-lo, acompanhou-a no momento seguinte até sua carruagem.

Livro Nono

I

“A DIFICULDADE”, STRETHER DESCREVEU a Madame de Vionnet dois dias depois, “está em que não consigo discernir neles menor sinal de que não se trata do velho Chad cujos movimentos vinham sendo observados com pesar nestes últimos três anos do outro lado do Atlântico. Simplesmente não emitem nenhum sinal e, como política, a senhora sabe — o que aqui se chama de *parti pris*, de plano elaborado^[14] — é positivamente notável”.

Era tão notável que nosso amigo estacionou diante de sua anfitriã, cismando; ele havia levantado de sua poltrona ao cabo de dez minutos e começado, como costumava fazer com Maria em momentos de tensão, a andar de um lado para outro na sua frente. Não atrasara um minuto sequer ao encontro e estivera muito impaciente, embora não soubesse na realidade se tinha muito — ou se nada tinha a lhe contar. Em face da tribulação por que passavam, suas impressões haviam entrementes se multiplicado — sendo digno de nota, aliás, que já tivesse francamente, já quase publicamente, reconhecido a tribulação como algo que dizia respeito a ambos. Se Madame de Vionnet, aos olhos de Sarah, o havia içado a seu barco, não restava naquela altura nenhuma dúvida de que ele se mantinha a bordo e de que aquilo que havia horas mais o intrigava era o movimento da embarcação em si. Estavam juntos naquele momento como nunca estiveram, e ele não ventilava palavras de alarme nem de repreensão; estas morreram em seus lábios ainda no hotel. Tinha

muito mais a lhe dizer do que censurá-la por tê-lo metido naquela posição; o fato é que sua posição muito rapidamente se modificou a ponto de impressioná-lo como algo excitante, no todo generosamente inevitável. Que a perspectiva, contudo (dada a medida da exposição), não havia desanuviado nem a metade do que previra fora a primeira, advertência que ele lhe fornecera tão logo chegou. Madame de Vionnet retrucara benevolente que Strether estava com pressa demais, e procurara acalmá-lo observando que se ela sabia ser paciente *ele* sem dúvida também saberia. Strether na mesma hora sentiu que a presença de sua interlocutora, que seu tom de voz e tudo o mais a seu respeito contribuía para esse sentido; e era talvez uma das provas de seu sucesso junto a nosso amigo o jeito como parecia fazê-lo serenar enquanto palestravam. Depois de tê-lo explicado por que suas impressões, embora ampliadas, continuassem a desconcertá-lo, ele teve a impressão de que estiveram falando durante horas com grande familiaridade. Elas o deixaram desconcertado porque Sarah — bem, Sarah era uma mulher profunda; mais profunda do que jamais dera a conhecer. Ele não disse que isso em parte se devia ao fato de que ela puxara, como se fosse, tanto à mãe, e que, dada a profundidade de Mrs. Newsome, um eixo assim assentado talvez não estivesse tão fora do alcance; pois não foi sem uma ponta de resignação que se deu conta de que, considerando-se a crescente confiança entre as duas mulheres, logo seria forçado a explicar que, em certos momentos, já sentia como se estivesse lidando diretamente com Mrs. Newsome. Sarah por certo não tardaria a descobrir seus sentimentos — e essa descoberta naturalmente lhe daria o poder de atormentá-lo ainda mais. Do momento em que ela descobrisse que ele *podia* ser atormentado...!

“Mas *por que*”? O uso da palavra a surpreendeu.

“Porque fui criado assim — estou sempre pensando em tudo”.

“Ah, não se pode fazer isso”, ela disse, e sorriu. “Devemos ocupar nossa mente com o mínimo possível”.

“Então”, ele volveu, “precisamos ter cuidado com a escolha do que pensamos. Mas só quero dizer — pois me expressei com ênfase — que a posição dela permite que me mantenha sob vigilância. Há um componente de suspense para mim, e é capaz que Sally perceba minha agitação. Mas minha agitação não importa”, ele continuou. “Posso suportá-la. Ademais, logo cessará”.

A observação de todo modo arrancou-lhe um comentário que ele sentiu ser sincero. “Não vejo como um homem pode ser mais gentil com uma mulher do que o senhor está sendo comigo”.

Bem, gentil era o que ele queria ser; todavia, mesmo enquanto os belos olhos de sua interlocutora pousaram nele, confirmando-lhe que ela acreditava em suas palavras, Strether não perdeu a franqueza nem o senso de humor. “Quando digo suspense refiro-me, a senhora sabe”, e ele gargalhou, “ao suspense que também paira sobre mim”.

“Ah, sim ... sobre o senhor também”! O reconhecimento diminuía a magnanimidade de seu ato, mas ela apenas passou a fitá-lo com ternura ainda maior.

“Não que eu queira”, ele prosseguiu, “falar com a senhora sobre isso, pois o assunto só diz respeito a mim. Se fiz o comentário foi para explicar o tipo de vantagem de que Sarah dispõe”. Não, não; embora houvesse uma estranha tentação atualmente aí, e embora seu suspense fosse tão real que sentia alívio só de poder troçar dele, não conversaria sobre Mrs. Newsome, não procuraria ajuda de Madame de Vionnet para livrar-se da ansiedade que lhe causava o deliberado silêncio de Sarah sobre toda e qualquer referência. O efeito que ela

produziu ao representar a mãe fora produzido — e esta era precisamente a enormidade, o caráter sinistro do problema — sem que ela fizesse a menor alusão àquela senhora. Sally não trouxera nenhuma mensagem, não apontara nenhum problema, apenas respondera às suas perguntas com inútil e limitada correção. Ela havia arquitetado uma maneira de enfrentá-las — como se Strether fosse um parentezinho educado e perfunctório — que as fazia soar quase ridículas. Além disso, ele próprio não poderia insistir muito sem fazer vir a público sua carência de informações; uma circunstância acerca da qual Sarah, fiel à sua insondável política, não traía nenhuma suspeita. Por mais que essas circunstâncias lhe abalasse os nervos, sobre elas, porém, não diria uma palavra a Madame de Vionnet. E tudo o que Strether deixou de fora — bem como o que *ela* deixou, pois também tinha bons modos — mostrava que ele, ao cabo de dez minutos em sua companhia, estava mais do que nunca disposto a salvá-la. Algo de belo crescia entre os dois, na verdade, relativamente ao número de coisas que faziam questão fechada de manter ocultas. Strether teria gostado de discutir seriamente com ela o caso de Mrs. Pocock, mas se aferrava tanto à linha que considerava condizente com a honra e a delicadeza que quase se esqueceu de perguntar por suas impressões pessoais. Mas ele já sabia quais seriam, sem nem mesmo ter de importuná-la: sabia que ela se perguntava como, diante de tais qualidades, Sarah ainda assim podia mostrar-se desprovida de qualquer encanto; sem dúvida esse era um dos pontos principais que ela evitaria abordar. Teria gostado de ver como a amiga avaliava tais elementos — que indubitavelmente se faziam presentes, alguns deles pelo menos, para serem apreciados a seu bel-prazer mas negou a si mesmo o prazer de uma diversão como essa. O modo como Madame de Vionnet o impressionava naquele dia em parte já demonstrava que ela sabia fazer bom emprego de seus dotes. Como uma mulher que parecia haver adquirido seu charme por uma via bem diferente poderia

supor que Sarah dispunha de encantos? Por outro lado, Sarah não tinha obrigação de dispor de encanto nenhum, E ele sentiu de alguma maneira que Madame de Vionnet *tinha*. A grande questão nesse meio tempo era saber o que Chad pensava da irmã; que naturalmente vinha atrelada à questão do que Sarah pensava de Chad. Sobre *isso* eles podiam conversar, e com uma liberdade alcançada à custa da discrição que mantiveram noutras direções. A dificuldade, contudo, era que ainda estavam presos a conjecturas. Nos últimos dois dias Chad se revelara tão reservado quanto Sarah, e Madame de Vionnet então contou que não o vira mais desde a chegada da irmã.

“E isso lhe parece muito tempo”?

Ela respondeu com toda a honestidade. “Ah, não fingirei que não sinto falta dele. Às vezes nos vemos todos os dias. Nossa amizade é assim. Pode tirar suas próprias conclusões”! Ela disse, e abriu um sorriso coquete; um mero vislumbre de um gesto pouco frequente naquela mulher, mas que mais de uma vez o fizera refletir sobre o que, no melhor dos casos, pensava *dela*. “Mas ele está certíssimo”, Madame de Vionnet apressou-se em acrescentar, “e eu por nada o impediria de cumprir suas obrigações. Preferiria ser privada de sua companhia por três longos meses. Insisti para que os tratasse da melhor forma possível, e ele não se fez de rogado”.

Strether se voltou, subitamente consciente de algo; ela lhe parecia uma mistura assaz peculiar de lucidez e de mistério. Às vezes encaixava-se na teoria que ele mais acalentava, às vezes parecia reduzi-la a pó. Naquele momento ela ora falava como se sua arte não passasse da mais pura inocência, ora como se sua inocência não passasse da mais pura arte. “Ah, Chad está se entregando por inteiro, como fará até o fim. Que mais ele pode querer, agora que estão a seu alcance, senão obter a impressão completa? — Que é

muito mais importante, a senhora sabe, do que a minha ou a sua. Mas está apenas absorvendo informações”, Strether disse ao voltar-se; “e assim continuará, conscientemente, até se farta. Devo dizer que é perfeito”.

“Ah”, ela rapidamente retrucou, “e diz isto para mim”? E então, com maior rapidez: “Ele é capaz de qualquer coisa”. Strether fez mais do que reafirmar: “Ele é excelente. Gosto cada vez mais”, insistiu, “de vê-lo com eles”; contudo, a estranheza do tom que estavam empregando crescia cada vez mais forte nele à medida que falava. Esse tom como que punha o moço diante deles como o resultado do interesse dela e produto do gênio dela, reconhecia de tal forma sua responsabilidade no fenômeno e tornava tão excepcional o fenômeno, que mais do que nunca ele esteve a pique de pedir-lhe um relato mais detalhado do que ela então já lhe dera acerca de toda a operação. A ocasião quase a fez ponderar questões acerca da tática utilizada para alcançar tal feito e acerca da aparência de tais milagres a partir do ponto de vista singularmente privilegiado daquela mulher. Na verdade, o momento, todavia passou, dando lugar à história mais recente, e ele limitou-se a expressar sua opinião sobre a ditosa verdade. “É um tremendo conforto saber que podemos confiar nele”. E então, mais uma vez, enquanto por algum tempo sua interlocutora nada respondeu — como se ela, afinal, tivesse dúvida sobre o limite da *própria* confiança: “Refiro-me à boa apresentação que ele fará para eles”.

“Sim”, ela volveu, pensativa, “mas se fecham os olhos para o espetáculo”!

Strether por um instante mergulhou em suas próprias reflexões. “Bem, talvez isso não importe”!

“Quer dizer porque — façam eles o que bem entendam — provavelmente não lhe agradarão”?

“Ah, ‘façam o que bem entendam’...! Não farão grande coisa; especialmente se Sarah não tiver mais — bem, mais do que até agora pudemos averiguar — a oferecer”.

Madame de Vionnet refletiu. “Ah, graça não lhe falta”! A observação fez com que olhassem fixamente um para o outro por alguns instantes e, embora Strether não tivesse emitido nenhum protesto, de algum modo também não pareceu levá-la a sério. “Ela pode ser persuasiva e afável com ele; pode ser indescritivelmente eloquente. É capaz de adquirir um controle sobre ele”, ela concluiu, “bem, de uma forma que nós, o senhor e eu, não podemos”.

“Ela é *capaz* disso, sim”, e agora Strether sorria. “Mas ele passa a maior parte do tempo com Jim. Vem mostrando a cidade ao cunhado”. Ela ficou visivelmente perplexa. “Então, o que me diz desse Jim”?

Strether deu uma volta antes de responder. “Chad não lhe falou sobre Jim? Não o descreveu para a senhora antes da chegada do grupo”? Estava um pouco perdido. “Ele não lhe conta tudo”?

Ela hesitou. “Não...” E seus olhos voltaram a se cruzar. “Não como o senhor. De certa maneira o senhor me faz vê-los... ou ao menos senti-los. E ultimamente também não tenho feito muitas perguntas”, ela acrescentou; “não quis incomodá-lo”.

“Ah, nesse ponto, fiz como a senhora”, ele disse com um menear encorajador de cabeça; de modo que, como se ela houvesse respondido tudo, puderam estender-se brevemente sobre o assunto. Strether em seguida tornou a seus pensamentos, a partir dos quais tomou outra direção; estacou de novo, como se tivesse sido tomado

por uma súbita iluminação. “Veja, Jim é realmente formidável. Para mim, será ele o responsável”.

Ela não entendeu. “Pela conversão de Chad”?

“Não... justamente o contrário. Por neutralizar o sortilégio de Sarah”. Então mostrou, o nosso amigo, até onde havia elucubrado. “Jim é de um cinismo sem limites”.

“Ah, o bom Jim”! Madame de Vionnet abriu um sorriso vago. “Sim, literalmente... o bom Jim! Ele é espantoso. Tudo o que deseja, que Deus o perdoe, é nos ajudar”.

“Quer dizer”, ela estava ansiosa, “ajudar a *mim*”?

“Bem, a Chad e a mim em primeiro lugar. Mas está disposto a incluí-la também, embora sem prestar muita atenção na senhora. Só que, na medida em que presta atenção — se não se importa que eu diga a senhora lhe parece abominável”.

“Abominável”? Ela queria toda a verdade.

“A mulher perniciosa tal qual — embora decerto de uma espécie excepcionalmente superior. Medonha, deliciosa, irresistível”.

“Ah, o bom Jim! Gostaria de conhecê-lo. Eu *preciso*”.

“Sim, naturalmente. Mas será o bastante? A senhora pode, como sabe”, Strether sugeriu, “desapontá-lo”.

Ela encarou a hipótese com bom humor e humildade. “Só me resta tentar. Mas seria minha perniciosidade, então”, continuou, “o que me recomendaria a ele”? •

“Sua perniciosidade e, para ele, o charme que, dada a sua categoria, a ela só pode estar associado. Jim acha, veja bem, que Chad e eu só queríamos nos divertir, e a opinião dele é simples e irreduzível. Nada o convencerá — à luz, ou seja, de minha conduta — de que eu não tenha vindo, assim como Chad, por falar nisso, para aproveitar a vida antes que fosse tarde demais. Não é que ele esperasse isso de mim; mas homens da minha idade, em Woollett — e, em especial, os que se acham acima de qualquer suspeita têm a reputação de serem suscetíveis a estranhas rebeliões, misteriosas tentativas tardias de romper com o corriqueiro e de se apegarem ao ideal. Tem-se observado que uma longa existência em Woollett pode levar a isso; e eu assim, na visão de Jim, entrego-me à senhora, pelo que for que isso valha. Por outro lado, a mulher e a sogra dele”, Strether continuou a explicar, “não têm, como se ligadas por um código de honra, nenhuma paciência com fenômenos como esse, sejam eles tardios, sejam precoces — o que coloca Jim em oposição a seus parentes, do outro lado da mesa. Além disso”, emendou, “não sei se ele realmente quer o regresso de Chad. Se Chad não voltar...”

“Ele terá”, Madame de Vionnet parecia entender o caso, “maior liberdade de ação”?

“Bem, Chad é superior a ele”.

“Então ele agora tramará *en dessous*, para deixá-lo em paz”?
“Não... ele não ‘tramará’ nada, e também não fará nada *en dessous*. É um camarada decente e não agirá como um traidor no campo de batalha. Mas se entreterá com essa sua pequena ideia sobre nossa duplicidade, farejará o que supõe ser Paris desde a manhã até a noite, e quanto ao resto, para Chad, continuará sendo... bem, exatamente como sempre foi”.

Ela meditou. “Uma advertência”?

Sua reação foi quase de júbilo. “A senhora é tão magnífica quanto dizem”! Então, para explicar o que queria dizer: “Rodei com ele por cerca de uma hora assim que chegou, e sabe o que, com encantadora inocência, mais me fez perceber? Ora, que no fundo cogitam algo como *isso* para nosso amigo, como um progresso em relação a seu estado atual, uma verdadeira redenção; acham que ainda não é tarde demais”. Nisso, ao ver que ela havia compreendido e, mais uma vez inquieta, agora examinava corajosamente a possibilidade, ele concluiu o pensamento: “Mas agora é tarde demais. Graças à senhora”!

O comentário mais uma vez arrancou dela uma de suas misteriosas ponderações: “Ah, graças a *mim*... no fim das contas”!

Estava de pé diante dela tão radiante com sua argumentação que se permitiu gracejar: “Tudo é relativo. A senhora vale mais do que *isso*”.

“E o senhor vale mais do que tudo”, ela não pôde deixar de responder, mas então teve outra ideia: “Acha que Mrs. Pocock virá me visitar”?

“Mas decerto que sim. Isto é, assim que meu amigo Waymarsh — amigo *dela* agora — permitir”.

Madame de Vionnet ficou interessada: “Ele é amigo dela a esse ponto”?

“Ora, a senhora não viu tudo no hotel”?

A ideia a divertia. “Ah, ‘tudo’ é exagero. Não sei... não me lembro. Só me ocupei *dela*”.

“A senhora esteve esplêndida”, Strether voltou, “mas dizer ‘tudo’ não é exagero: é bem pouco. Mas encantador, a seu modo. Ela quer um homem só para si”.

“Mas não tem o *senhor*”?

“Acha mesmo que ela olhou para mim — ou mesmo para a senhora — como se tivesse”? Strether logo abandonou o tom irônico. “Veja bem: para Sarah todos devemos ter uma pessoa. A senhora tem Chad... e Chad tem a senhora”.

“Sei”, ela tirou suas conclusões. “E o senhor tem Maria”.

Bem, de sua parte, ele aceitou a imputação. “Eu tenho Maria. E Maria tem a mim. E assim por diante”.

“Mas Mr. Jim... quem é que ele tem”?

“Oh, Jim tem — ou é *como se tivesse* — a cidade inteira para si”. “Mas para Mr. Waymarsh”, ela lembrou-se, “Miss Barrace não estaria na frente de todos”?

Ele balançou a cabeça. “Miss Barrace é uma *raffinée* e não será Mrs. Pocock quem lhe arruinará a diversão. Esta apenas se intensificará — especialmente se Sarah triunfar e ela puder apreciar o espetáculo”.

“Como o senhor nos conhece bem”! Exclamou Madame de Vionnet, com um suspiro.

“Não... parece-me que somos nós mesmos que eu conheço bem. Conheço Sarah — talvez seja nesse terreno que eu tenha maior segurança. Waymarsh lhe fará companhia enquanto Chad estiver com Jim — e eu lhe asseguro que fico feliz por ambos. Sarah terá o que ela procura e pagará o seu tributo ao ideal; e ele também, do

jeito dele. Está no ar de Paris — como se pode fazer por menos? Se há algo acima de tudo que Sarah quer mostrar é que ela não veio para ser mesquinha. Ao menos isso não deixaremos de perceber”.

“Ah”, ela tornou a suspirar, “quanto nos parece ser dado perceber! Mas o que, nessas condições, será da garota”?

“De Mamie, se todos nós estamos ajeitados? Ah, quanto a esse pormenor”, disse Strether, “pode confiar em Chad”.

“Para tratá-la, quer dizer, como se deve”?

“Para dar a ela toda a atenção, depois de ter-se livrado de Jim. Ele quer extrair de Jim o que no fundo Jim não lhe pode dar, o que, no fundo, ele tirou inteiramente de mim. Quer em poucas palavras formar sua própria opinião, e a formará — a toda a força. Mas, desde que a forme, Mamie não sofrerá”.

“Ah, Mamie não pode *sofrer*”! Madame de Vionnet enfatizou, com brandura.

Mas Strether podia tranquilizá-la. “Não tema. Assim que Chad tiver terminado com ele, Jim virá até mim. E então veremos”.

Era como se por um momento ela já pudesse contemplar toda a cena; contudo, ainda esperou um pouco antes de perguntar: “Ela é realmente uma moça adorável”?

Ele havia se levantado ao pronunciar suas últimas palavras, e recolhido seu chapéu e luvas. “Não sei; estou observando. Estou, digamos, examinando o caso — e atrevo-me a dizer que virei contar-lhe o que descobrir”.

Ela hesitou. “Trata-se de um caso, então”?

“Creio que sim. E o que pretendo descobrir”.

“Mas não a conhecia antes”?

“Sim”. Ele abriu um sorriso. “Mas em Woollett ela de certo modo não constituía um caso. Ela se tornou um desde então”. Era como se tivesse expondo suas conclusões para si mesmo. “Ela se converteu em um caso aqui”.

“Assim, em tão pouco tempo”?

Ele refletiu, e gargalhou. “Não mais do que eu”.

“E o senhor se tomou um...”

“Em pouquíssimo tempo. No dia em que cheguei”.

O brilho de seus olhos refletia seus pensamentos. “Ah, mas no dia em que chegou o senhor conheceu Maria. E quem foi que Miss Pocock encontrou”?

Ele fez uma nova pausa, mas respondeu: “Ela não encontrou Chad”?

“Naturalmente... mas não pela primeira vez. Ele é um velho amigo”. Mas como Strether sacudiu lentamente a cabeça com um sorriso nos lábios, ela prosseguiu: “O senhor está dizendo que pelo menos para *ela* ele é uma nova pessoa... que ela o enxerga como um homem diferente”?

“Ela o enxerga como um homem diferente”.

“E como ela o enxerga”?

Strether desistiu. “Como podemos saber o que pensa uma mocinha perspicaz acerca de um mocinho perspicaz”?

“São todos assim tão intensos? Ela também”?

“Assim me parece... mais do que eu pensei. Mas espere um pouco... logo descobriremos. A senhora poderá julgar por si mesma”.

Madame de Vionnet pareceu por um minuto bastante disposta a tentar. “Então Mamie *virá* com ela? ...quero dizer, ela virá com Mrs. Pocock”?

“Sem dúvida. Se não fosse por outro motivo, a curiosidade dela a faria vir. Mas deixe tudo com Chad”.

“Ah”, gemeu Madame de Vionnet, virando-se com ar de cansaço, “o que não tenho deixado com ele”!

O tom de sua voz fez com que a mirasse com uma ternura que traía o que sentia de seu suspense. Mas ele tornou a opinar com segurança: “Ah, bem, confie nele. Não perca a esperança”. Mal havia acabado de falar, de fato, quando experimentou de novo o esquisito deslocamento de seu ponto de vista ecoando no próprio som de suas palavras, o que o fez soltar uma risada curta, logo reprimida. Mostrou-se ainda mais aconselhador: “Quando eles vierem coloque Miss Jeanne em primeiro plano. Deixe que Mamie a veja bem”.

Por um instante sua interlocutora parecia vê-las frente a frente. “Para que Mamie passe a detestá-la”?

Ele deu outro de seus meneios de cabeça reprovadores. “Isso não acontecerá. Confie *nelas*”.

Madame de Vionnet cravou os olhos nele, e então como se aquele fosse um ponto ao qual ela sempre precisasse tomar: “É no

senhor que confio. Mas fui sincera no hotel”, afirmou. “Queria, e quero que minha filha...”

“Sim”? Strether aguardou respeitosamente enquanto ela parecia pesar a frase.

“Bem, que ela faça o que puder, por mim”.

Os olhos de Strether cruzaram-se por um instante com os dela; então soltou uma exclamação que talvez a tenha pegado de surpresa: “Pobre criança”!

Não menos inesperado, para ele, foi ouvi-la repetir: “Pobre criança! Mas ela mesma quer muitíssimo”, ela disse, “conhecer a prima de nosso amigo”.

“É assim que ela a vê”?

“E assim que a chamamos”.

Ele refletiu de novo; em seguida concluiu, com uma risada: “Bem, sua filha a ajudará”.

E agora por fim se despediu dela, o que havia cinco minutos vinha ensaiando fazer. Mas ela o acompanhou durante parte do caminho, saindo com ele pela sala, entrando em outra e mais outra. O velho e nobre apartamento daquela senhora apresentava uma sucessão de três delas, as primeiras duas a partir da entrada, na verdade, menores do que esta última, mas cada uma, com sua atmosfera pálida e formal, reforçando a função da sala de espera e realçando a sensação da chegada. Esses cômodos lhe agradavam, deleitavam-no; ao passar mais lentamente por eles agora, na companhia de sua anfitriã, Strether sentiu-se novamente tomado por suas impressões originais. Parou, olhou para trás; o conjunto

compunha um quadro, que ele supôs doce e melancólico — repleto, mais uma vez, de indistintas sombras históricas, do longínquo, débil troar dos canhões do grande império. Eram em parte sem dúvida projeções de sua mente, mas sua mente era uma coisa com a qual, quando se via em meio àqueles velhos pisos de parquet encerados, àquelas nuanças esmaecidas de rosa e verde e àqueles candelabros pseudoclássicos, nunca podia deixar de contar. Ainda se sentia facilmente deslocado ali. A estranheza, a originalidade, a poesia — não sabia como chamar — da conexão de Chad confirmaram-lhe o lado romântico de tudo aquilo. “É forçoso que vejam isso, a senhora sabe. É *preciso*”.

“Os Pockocks”? Ela olhou em torno com ar desaprovador; parecia ver defeitos invisíveis para ele.

“Mamie e Sarah... Mamie em especial”.

“Meu velho apartamento depauperado? Mas as coisas *delas*...”!

“Ah, as coisas delas! A senhora falava há pouco sobre o que poderia ajudá-la...”

“Então lhe parece”, ela o interrompeu, “que meu velho apartamento é capaz disso? Oh”, ruminou, pesarosa, “essa *seria* uma medida desesperada”!

“Sabe do que eu gostaria”? Ele continuou. “Gostaria que Mrs. Newsome em pessoa pudesse dar uma olhada”.

Ela fitou-o um pouco perdida quanto à lógica de seu raciocínio. “Isso feria alguma diferença”?

Ela falou com tanta franqueza que, ao olhar em torno, ele não conseguiu refrear uma gargalhada. “Quem sabe”!

“Mas se o senhor lhe contou, como me disse...”

“Tudo sobre a senhora. Sim, uma história maravilhosa. Mas naturalmente há o indescritível — aquilo que somente vemos quando estamos no lugar”.

“Obrigada”! ela agradeceu com um sorriso a um só tempo triste e cativante.

“Está tudo aqui, a meu redor”, ele discorreu livremente. “Mrs. Newsome haveria de senti-lo”.

Mas ela parecia perpetuamente condenada a recair em dúvida. “Ninguém tem a percepção tão aguçada quanto o *senhor*. Não... ninguém”.

“Tanto pior então para os outros. É muito fácil”.

Haviam chegado nessa altura à sala de espera, sozinhos, pois sua anfitriã ainda não chamara os criados. O cômodo era alto e quadrado, outrossim grave e sugestivo, um pouco frio e escorregadio mesmo no verão; algumas gravuras antigas, ao seu ver preciosas, adornavam a parede. Ele estava parado bem no meio, um pouco à espera, vagamente ajustando os óculos, enquanto, encostada aos umbrais, ela apoiava suavemente a face no reposteiro. “O *senhor* teria sido um amigo”.

“Eu”? O comentário sobressaltou-o um pouco.

“Por isso que acaba de dizer. Não sou tola”. E então, abruptamente, como se a revelação fosse algo que estivesse lastreado naquele fato: “Estamos providenciando o casamento de Jeanne”.

Na hora sentiu como se estivesse diante de uma manobra em um jogo e não lhe escapou, ao mesmo tempo, que aquela não era a

forma como Jeanne deveria casar-se. Logo se mostrou interessado, embora — como em seguida veio a perceber — seus pensamentos estivessem mergulhados em absurdo torvelinho. “A senhora? A *senhora* e... outra pessoa... que não o Chad”? Evidentemente se tratava do pai daquela jovem, mas sentiu certa dificuldade em aludir àquele senhor. Não lhe pareceu, contudo, no minuto seguinte, que Monsieur de Vionnet não estivesse afinal em questão? — Já que ela prosseguiu dizendo que era de fato a Chad que se referia e que no assunto como um todo seu jovem amigo mostrara ser a gentileza em pessoa.

“Se me permite dizê-lo, foi ele mesmo quem nos pôs nesta direção. Quero dizer rumo a uma oportunidade que, até onde posso ver, é tudo com que sempre sonhei. Por todo o trabalho a que Monsieur de Vionnet jamais se dará”! Era a primeira vez que sua anfitriã falava com ele acerca do marido, e lhe teria sido difícil explicar como, súbito, o comentário o fez sentir-se muito mais próximo dela. Não era muito, na realidade — havia outros detalhes no que sua interlocutora dizia que eram bem mais efetivos; mas foi como se aquele toque único, enquanto permaneciam ali de pé, tão tranquilos naquelas salas frias de antanho, lhe revelasse o alcance da confiança que ela depositava sobre ele. “Mas nosso amigo”, sua anfitriã perguntou, “não lhe contou, então”?

“Não me disse nada”.

“Bem, foi bastante repentino — tudo se deu nos últimos dias; ademais ainda não tomou uma forma que nos permitisse fazer o anúncio. É somente para o senhor — e ninguém mais — que eu contei; queria muito que soubesse”. A impressão que o assaltara com tanta frequência desde o desembarque, a de estar cada vez mais por “dentro”, naquele instante mais uma vez o fez estremecer; mas neste maravilhoso jeito de ela deixá-lo a par continuava a existir um

elemento refinadamente destituído de remorso. “Monsieur de Vionnet aceitará o que for *preciso*. Ele fez meia dúzia de propostas — cada uma mais impossível que a outra; e não teria atinado com esta nem se vivesse até os cem anos. Chad encontrou a oportunidade”, ela prosseguiu, o rosto iluminado, levemente corado, conscientemente afetuosamente, “da maneira mais tranquila do mundo. Ou melhor, foi a oportunidade que o encontrou — pois tudo sempre o encontra; quero dizer, encontra-o em ordem. O senhor estranhará a maneira como tratamos dessas coisas — mas na minha idade”, ela disse, com um sorriso nos lábios, “precisamos aceitar as condições que nos são impostas. Os amigos de nosso jovem amigo a viram; uma das irmãs deles, uma mulher adorável — sabemos tudo a respeito dessa gente tinha dado com os olhos nela certa ocasião em que estava comigo. Ela falou com o irmão — incentivou-o; e mais uma vez nós duas fomos observadas, a pobre Jeanne e eu, sem que nos déssemos conta. Foi no princípio do inverno; continuou assim por algum tempo; sobreviveu à nossa ausência; começou de novo quando voltamos; e felizmente parece seguir muito bem. O rapaz encontrou-se com Chad, e pediu a um amigo que fosse falar com ele dizendo que tinha um interesse respeitoso por nós. Mr. Newsome tomou todas as precauções; não pronunciou palavra até se dar por satisfeito. Só então falou. É isso que nos tem ocupado faz algum tempo. Pareceu-nos apropriado; para ser sincera, pareceu-nos bem de encomenda. Há apenas um ou dois pontos a serem acertados — que dependem do pai. Mas desta vez creio que estejamos seguros”.

Strether, consciente de que estava um pouco boquiaberto, custou a desviar a atenção dos lábios dela. “E o que desejo de todo o coração”. E então, com maior ousadia: “Mas nada depende *dela*”?

“Ah, naturalmente; tudo dependia. Mas ela está feliz *comme tout*. Sempre lhe demos inteira liberdade; e ele — nosso jovem amigo

— é realmente um achado. Eu o adoro”.

Strether só queria ter certeza. “Está se referindo a seu futuro genro”?

“Futuro, se formos bem-sucedidos”.

“Ah, bem”, disse Strether, cerimonioso, “eu sinceramente desejo que sejam”. Embora a notícia tivesse promovido um efeito devastador, ele calou-se, como se não tivesse muito mais a dizer. De forma vaga e confusa, a novidade o atormentava; sentia-se até mesmo como se estivesse envolvido em algo fundo e obscuro. Ele fizera uma concessão às profundezas, mas aquelas pareciam bem maiores: e era como se, de forma opressora — com efeito, absurda ele fosse responsável por aquilo que eles agora haviam lançado à superfície. Era o que teria chamado — através de algo gélido e antigo que ali se encontrava — de fato inelutável. As novas de sua anfitriã, em suma, conquanto ele não soubesse explicar por que, representaram um choque perceptível, e a opressão que sentia pesava-lhe como um fardo do qual teria, de um jeito ou de outro, de livrar-se sem mais demora. Sentiu falta de tantas conexões que lhe teria sido intolerável tomar qualquer outra atitude. Estava preparado para sofrer as consequências — diante de seu próprio tribunal íntimo — por Chad; estava preparado para sofrê-las até mesmo por Madame de Vionnet. Mas não pela mocinha. De modo que, agora, após ter dado a resposta apropriada, só desejava sair dali. Ela o segurou uns instantes a mais, contudo, com um novo apelo.

“Eu lhe pareço muito horrível”?

“Horrível? Por que”? Mas, ao mesmo tempo que fazia a pergunta, dizia de si para consigo que aquela era sua maior mostra de insinceridade até o momento.

“Nossos acordos são tão diferentes dos seus”.

“Dos meus”? Oh, ele podia rechaçar aquela alegação também. “Não disponho de nenhum acordo”.

“Então precisa aceitar os meus; ainda mais que são excelentes. Baseiam-se numa *vieille sagesse*. Se tudo der certo, o senhor ainda ouvirá e conhecerá muito mais, e tudo, creia-me, será do seu agrado. Não tema; o senhor ficará satisfeito”. Ela, portanto, podia falar com ele sobre o que, de sua vida mais íntima — pois era nisso que redundava ele precisaria “aceitar”; ela podia, portanto, falar de maneira tão extraordinária como se em tal contexto a satisfação dele tivesse alguma importância. Tudo lhe causava assombro e tornava o caso como um todo ainda maior. No hotel, diante de Sarah e de Waymarsh, imaginara-se estar no barco de Madame de Vionnet; mas onde é que estaria agora? A questão pairou no ar até que os lábios dela a extinguiram com outra. “E o senhor acredita que *ele* — que a ama tanto — faria algo imprudente ou cruel”?

Ele se perguntou em que acreditava. “Refere-se ao seu rapaz...”? “Referia-me ao seu. Quis dizer Mr. Newsome”. No momento seguinte Strether viu acender-se uma luz tênue, cujo brilho se acentuou quando ela prosseguiu: “Ele tem por ela, graças a Deus, o mais sincero e terno interesse”.

A luz de fato resplandecia. “Ah, mas não tenho dúvida”!

“O senhor falava há pouco”, ela disse, “sobre a confiança que devemos depositar nele. Pode ver agora quanto eu confio”.

Ele queria apenas um momento — e tudo ficou claro. “Entendo... entendo”. E era como se realmente houvesse entendido.

“Ele não a magoaria por nada neste mundo, nem — supondo que ela venha a casar-se — arriscaria fazer algo capaz de prejudicar a felicidade dela. E — de propósito, pelo menos — a *mim* jamais magoaria”.

O rosto dela, com o que ele conseguiu até então apreender, dizia-lhe mais do que suas palavras; fosse por algo que se apresentasse ali, fosse por ele tão somente discernir com maior clareza, toda a história daquela senhora (aquilo, pelo menos, que ele tomava por sua história) dali emanava. Com a iniciativa que ela agora atribuía a Chad tudo fazia sentido, e esse sentido — uma luz, uma pista, era o que ele vira abruptamente surgir diante de seus olhos. Strether tornou a sentir a necessidade de partir levando consigo essas impressões; o que enfim não se revelou difícil, pois um criado, tendo ouvido vozes no saguão e chegado para auxiliá-lo, simplesmente se pôs em sua frente. Tudo o que Strether havia compreendido foi resumido, enquanto o homem abria a porta e aguardava com ar impassível, em suas últimas palavras: “Não creio, veja bem, que Chad me diga alguma coisa”.

“Não... talvez ainda não”.

“E no momento também não lhe direi nada”.

“Ah, se é isso o que acha melhor fazer. Cabe ao senhor decidir”. Ela finalmente lhe havia estendido a mão, que ele segurou por um momento. “*Quanto* não me cabe decidir”!

“Tudo”, disse Madame de Vionnet: uma observação que sem dúvida representou — de par com a fina paixão dissimulada e reprimida que ele distinguiu em seu rosto — o dado principal que Strether levou consigo, ao partir.

II

Em termos de abordagem direta, Sarah o havia abandonado na semana agora prestes a terminar com um educado afinco na frieza que, dando-lhe uma ideia mais acurada dos recursos sociais da filha de Mrs. Newsome, recordou-lhe que de modo geral as mulheres nunca cessam de surpreender. Se por um lado consolava-o sua certeza de que, durante o mesmo período, ela também não satisfizera a curiosidade de Chad, seu alívio pessoal repousava, por outro, no fato de que Chad podia ao menos seguir adiante com as várias manobras — e ele as fez proliferar de uma maneira extraordinária — destinadas a assegurar a boa estada da irmã. Não havia nenhuma manobra que, na presença dela, o pobre Strether pudesse sequer aventar, e tudo o que podia fazer quando o deixavam livre era sair para um passeio e conversar com Maria. Decerto ele a visitava bem menos agora, mas encontrou uma compensação especial em uma determinada meia hora durante a qual, perto do fim de uma jornada movimentada, vazia e dispendiosa, seus diversos compatriotas se mostraram tão bem-arranjados que dispensaram seus préstimos e obséquios. Strether estivera com eles pela manhã e ainda assim fizera uma visita aos Pockets à tarde; mas todo o grupo, ele então descobriu, havia se dispersado de uma forma que certamente soaria curiosa aos ouvidos de Miss Gostrey. Ele mais uma vez lamentou, lamentou muitíssimo, que ela estivesse excluída da cena — ela que na verdade o pusera ali; mas Maria felizmente nunca perdia o apetite por notícias. A chama pura do desinteresse queimava em sua gruta de tesouros à feição de uma lâmpada em uma câmara mortuária bizantina. Como sucedeu, foi justamente naquele dia que uma visão mais próxima pôde enfim ser oferecida para sua

sensibilidade aguçada. Por três dias, precisamente, a situação que ele estava prestes a lhe descrever havia dado sinais de equilíbrio; sua passada pelo hotel apenas confirmou essa disposição. Se o equilíbrio ao menos pudesse prevalecer! Sarah havia saído com Waymarsh, Mamie com Chad, e Jim havia saído sozinho. Mais tarde, na realidade, ele tinha um compromisso com o marido de Sarah: estava encarregado de levá-lo à noite ao teatro de variedades — que cuidou de enunciar à maneira dele: *Varieties*.

Miss Gostrey absorveu as informações. “O que os outros farão, portanto, esta noite”?

“Bem, já está combinado. Waymarsh levará Sarah para jantar no Bignon”.

Ela quis saber mais. “E o que farão depois? Não podem voltar direto para o hotel”.

“Não, não podem voltar direto — Sarah pelo menos não pode. É um segredo deles, mas eu descobri”. Então, como ela simplesmente esperou: “O circo”.

A resposta fez com que Miss Gostrey detivesse um pouco mais os olhos nele e então soltasse uma gargalhada quase extravagante. “Não se faz ninguém igual”!

“A quem? A *mim*”? Ele só queria entender.

“A todos vocês juntos... a todos nós: Woollett, Milrose e sua gente. Somos impenetráveis... e que nunca deixemos de ser! Mr. Newsome, nesse meio tempo”, ela continuou, “segue com Miss Pocock...”? “Isso mesmo... ao *Français*: para ver o lugar que a senhora apresentou a mim e a Waymarsh: um programa familiar”.

“Ah, que Mr. Chad possa apreciar o programa tanto quanto eu gostei do nosso”! Mas tudo lhe parecia significativo. “E eles passam as noites assim, esses seus dois jovens, sozinhos, desacompanhados”? “Bem, eles são jovens... mas também são velhos amigos”.

“Sim, sim. E eles jantam, para variar... no Brébant”?

“Ah, é segredo também, o lugar onde jantam. Mas tenho meu palpite de que será, com muita discrição, no apartamento de Chad”. “E ela irá desacompanhada”?

Eles se entreolharam por um momento. “Ele a conhece desde criança. Ademais”, disse Strether, com ênfase, “Mamie é uma criatura notável. É esplêndida”.

Miss Gostrey refletiu. “Quer dizer que ela espera atingir o seu objetivo”?

“De conquistá-lo? Não... não creio”.

“Ela não o quer o bastante? Ou não confia em seu próprio poder”? Mas, como ele nada respondeu, Maria prosseguiu: “Ela descobriu que não se interessa por ele”?

“Pelo contrário... acho que ela descobriu que se interessa, sim. Mas foi isso que quis dizer quando a descrevi. E com base nesse seu *suposto* interesse que ela se revela esplêndida. Mas esperemos”, ele concluiu, “para ver como ela se sai em sua estreia na vida social”.

“O senhor já me mostrou muito bem”, disse Miss Gostrey, rindo, “por onde ela entrou! Mas esse atrevido amigo de infância”, ela perguntou, “permite-se flertar com ela”?

“Não... não se trata disso. Chad também é esplêndido. *Todos são*!” Ele declarou com um súbito e inusitado tom de pesar e inveja. “São *felizes*, pelo menos”.

“Felizes”? Diante das múltiplas dificuldades que o grupo enfrentava, o adjetivo pareceu surpreendê-la.

“Bem... a mim me parece que, entre eles, sou o único que não me sinto feliz”.

Ela objetou: “Malgrado seu constante tributo ao ideal”?

Ele riu de seu constante tributo ao ideal, mas explicou-se no instante seguinte. “Quero dizer que estão vivendo. Estão indo de lá para cá. Eu já fui. Já voltei. Resta-me esperar”.

“Mas não estaria”, ela perguntou para animá-lo, “esperando *comigo*”?

Ele a fitou com toda a ternura. “Sim... se não fosse por isso”!

“E o senhor me ajuda a esperar”, ela disse. “Entretanto”, continuou, “tenho comigo uma informação que o ajudará nessa espera; eu lhe contarei em um minuto. Só que há outra coisa de que gostaria de tratar antes. Sarah me deixou fascinada”.

“A mim também. Se não fosse”, ele suspirou, mais uma vez bem-humorado, “por *isso*...”!

“Bem, o senhor deve mais às mulheres do que qualquer outro homem que eu já conheci. Que faria sem a nossa ajuda? Mas Sarah, da maneira como a vejo, deve ser formidável”.

“E *é*”, Strether concordou sem pestanejar. “Formidável! Seja o que for que aconteça, ela não terá, diante desses dias inesquecíveis,

vivido em vão”.

Miss Gostrey fez uma pausa. “Quer dizer que está apaixonada”?

“Quero dizer que ela se pergunta se não está... o que lhe veio bem a calhar”.

“Sem dúvida já veio a calhar para outras mulheres antes”! Exclamou Maria, rindo.

“Sim, mas no sentido de entrega. Mas duvido se a ideia — como tal — até hoje jamais se adequou tão bem ao sentido oposto: o da resistência. É esse o tributo *dela* ao ideal — cada um de nós tem o seu. É sua aventura romântica — e no geral me parece melhor do que a minha, E que tenha ocorrido em Paris também”, ele explicou, “neste sítio clássico, nesta atmosfera carregada e contagiosa, com uma intensidade tão repentina: bem, é bem mais do que ela esperava. Sally em suma teve de reconhecer o surgimento de uma verdadeira afinidade — e com todos os elementos típicos de um bom drama”.

Miss Gostrey acompanhava-o de perto, “Jim, por exemplo”?

“Jim. Jim é um dos principais elementos. E temos Mrs. Waymarsh. É o toque final... que empresta o tom. Todos sabemos que ele está separado”.

“E todos sabemos que ela infelizmente não está... o que também fornece o tom”. Miss Gostrey estava ali por inteiro. Ainda assim...! “E ele, também está apaixonado”?

Strether fixou-a, perlustrou todo o cômodo e então se aproximou um pouco mais. “A senhora jura que não contará a

ninguém enquanto viver”?

“Juro”. Era encantador.

“Ele acredita que Sarah realmente esteja. Mas não tem medo”, apressou-se a acrescentar.

“De ela se deixar abalar”?

“De *ele* se deixar. Agrada-lhe a situação, mas sabe que ela é capaz de resistir. Por pura bondade, está ajudando-a a atravessar a correnteza”. Maria achou graça. “A correnteza de champanhe? A bondade de jantar com ela, *tête-à-tête*, na hora em que toda a Paris se entrega às delícias profanas, e no... bem, no grande templo, como se diz, do prazer”?

“Não passa *disso*, para os dois”, Strether insistiu, “e é tudo de uma inocência suprema. A província parisiense, a hora fervilhante, o desfilarm aos olhos de Sarah dos manjares e bebidas que valem centenas de francos, iguarias que o casal mal chega a tocar — esses aspectos constituem a aventura romântica de nosso caro amigo; a aventura dispendiosa, no que diz respeito aos *francs* e aos *centimes*, os quais não lhe faltam. E o circo para coroar a noite — que nem é tão custoso, mas que Waymarsh fará o possível para tornar o mais caro possível — trata-se igualmente do tributo que *ele* paga ao ideal. Só isso lhe basta. Waymarsh dará assistência a Sarah. A conversa deles não será pior do que a nossa”.

“Bem, creio que não somos tão bons assim que não possamos lhes fazer frente”! Ela exclamou, rindo. “Mr. Waymarsh de todo modo é um velho conquistador abominável”. E, no momento seguinte, mudou de assunto: “Vejo que não lhe contaram sobre o noivado de Jeanne de Vionnet. Ela desposará — está tudo acertado — o jovem Monsieur de Montbron”.

Ele enrubesceu consideravelmente. “Então — se a senhora já sabe — a notícia já *circula*”?

“Acaso *não* me antecipam as notícias? Entretanto”, ela revelou, “o noivado será divulgado amanhã. Mas vejo que confiei demais em sua possível ignorância. O senhor soube antes de mim: não lhe causei o sobressalto que esperava”.

Ele abriu a boca, admirado com a perspicácia de sua interlocutora. “A senhora nunca erra! Sim, já *tive* meu sobressalto. Foi quando ouvi a notícia pela primeira vez”.

“Então, se o senhor sabia, por que não me contou no minuto em que chegou”?

“Porque ela me pediu que guardasse segredo”.

Miss Gostrey refletiu. “Refere-se a Madame de Vionnet”?

“Mas como uma probabilidade... não exatamente como uma certeza: uma boa causa que contava com o empenho de Chad. Então me pus à espera”.

“Não há mais por que esperar”, ela volveu. “Fiquei sabendo ontem — de modo indireto e acidental, por alguém que ouvira à gente do jovem noivo — como um compromisso fechado. Guardava a novidade apenas para o senhor”.

“A senhora imaginou que Chad não me contaria”?

Ela hesitou. “Bem, se não lhe contou...”

“Não contou. E a negociação parece ter sido quase toda obra dele. Veja só”.

“Estou vendo”! Disse Maria com ar singelo.

“Foi por isso que me sobressaltei. Fiquei surpreso”, ele continuou a explicar, “porque isso quer dizer, essa disposição da filha, que agora nada mais resta: nada exceto ele e a mãe”.

“Mesmo assim... a situação se torna mais simples”.

“Sim, mais simples”, ele teve de admitir. “Mas é aí precisamente que estamos. O fato marca um novo estágio na relação entre os dois. Trata-se de uma resposta de Chad à manifestação de Mrs. Newsome”. “E ela revela”, Maria perguntou, “o pior”?

“O pior”.

“Mas é isso que ele quer que Sarah saiba, o pior”?

“Ele não se importa com Sarah”.

Nisso, Miss Gostrey arqueou as sobrancelhas. “Quer dizer que já foi passada para trás”?

Strether percorreu a sala; ele refletira e tornara a refletir sobre a hipótese, de ponta a ponta, antes de sua visita a Miss Gostrey; mas o panorama lhe parecia cada vez mais complexo. “Chad quer que sua boa amiga saiba do melhor. Sobre a extensão de seu comprometimento, quero dizer. Ela lhe pediu um sinal, e ele pensou neste. Pronto”. “Uma concessão ao ciúme dela”?

Strether estacou. “Sim... chame como quiser. Vá pelo escandaloso — que só tomará meu caso muito mais rico”.

“Certamente, vamos pelo escandaloso — pois sou da opinião de que nossos casos não devem ser pobres. Mas vamos também pela clareza. Teria ele, em meio a essa preocupação, ou sob sua influência,

demonstrado um interesse sério por Jeanne? — Um interesse do tipo, quero dizer, capaz de ser demonstrado por um jovem rapaz livre e desimpedido”?

Bem, Strether dominava o assunto. “Creio que ele supôs ser adorável demonstrar tal interesse. Se *pudesse* demonstrá-lo, teria sido melhor”.

“Melhor do que estar ligado a Marie”?

“Sim... melhor do que o desconforto de ligar-se a uma pessoa com quem ele jamais pode esperar, exceto em caso de catástrofe, casar-se. E estava certo”, disse Strether. “Certamente teria sido melhor. Mesmo quando algo já é bom *há* em geral uma alternativa mais simpática-ou que imaginamos ser mais simpática. Contudo, a pretensão de Chad não passou de uma quimera. Não conseguiria expressar assim o seu afeto. *Está* ligado a Marie. A relação se tornou especial demais e foi longe demais. É a base de tudo, e a recente e vigorosa contribuição de Chad no sentido de determinar a vida de Jeanne é a prova final e definitiva apresentada a Madame de Vionnet de que parou de lutar contra isso. Nesse meio tempo duvido”, ele continuou, “que Sarah o tenha atacado diretamente”.

Sua companheira ponderou: “Mas ele não quer, para sua própria satisfação, que a irmã entenda os seus motivos”?

“Não... essa tarefa caberá a mim, ele deixará tudo a meu encargo. Sinto de certo modo”, ele explicou, “que todo o caso cairá sobre os meus ombros. Sim, terei de suportar cada polegada, cada grama do problema. Eles me usarão para esse fim...”! E Strether deixou-se levar pela ideia. Então, expressou-a de forma imaginativa: “Até a última gota de meu sangue”.

Maria, porém, protestou com veemência: “Ah, o senhor faça a gentileza de deixar uma gotinha para mim. Eu saberei como usá-la”! Mas ela não prosseguiu nesse caminho. No momento seguinte, apresentou outra questão. “Mrs. Pocock confia apenas em seu próprio charme no trato com o irmão”?

“Assim parece”.

“E o charme não está funcionando”?

Bem, Strether via de outra forma. “Ela faz soar a nota doméstica. Que é o melhor que pode fazer”.

“O melhor para Madame de Vionnet”?

“O melhor para os assuntos domésticos em si. O mais natural; o mais correto”.

“Mesmo quando não dá certo”?

Strether fez uma pausa. “O problema é Jim. Ele é a nota doméstica.

Ela discordava. “Mas decerto não representa a nota de Mrs. Newsome”.

Mas seu amigo contou tudo. “A nota doméstica pela qual Mrs. Newsome quer que Chad volte para casa — os negócios. Com suas perninhas bem afastadas, Jim guarda a entrada *dessa* tenda; e Jim é, para ser sincero, pavoroso”.

Maria arregalou os olhos. “E o senhor, pobrezinho, está incumbido de acompanhá-lo esta noite”.

Ah, ele não me incomoda"! E Strether riu. "Ninguém me incomoda. Mas Sarah não o deveria, mesmo assim, ter trazido. Ela não o conhece direito".

Sua amiga achou graça no comentário. "Quer dizer que não conhece o seu lado mau"?

Strether sacudiu a cabeça de modo enfático. "Não, de fato não conhece".

Ela ponderou: "Tampouco Mrs. Newsome o conhece"?

Ele respondeu com franqueza: "Tampouco ela... já que me pergunta".

Maria insistiu: "Nenhuma das duas? Mesmo"?

"De jeito nenhum. Ela o tem em alta conta". Nisso, porém, passou a defendê-lo. "Veja, Jim *tem* seu lado bom também, a seu modo. Depende do que esperamos dele".

Miss Gostrey, entretanto, não estava disposta a fazer concessões — não queria aquilo, não queria aquele homem, por nada. "Satisfaço-me", ela disse, "com que ele seja impossível; e satisfaço-me ainda mais com a ignorância de Mrs. Newsome em relação a Jim".

Strether, como consequência, teve de aceitar a postura da amiga, mas recorreu a outro detalhe. "Vou lhe dizer quem é que não ignora o caráter dele".

"Mr. Waymarsh? Não me diga"!

"Não digo mesmo. Não estou *sempre* pensando em Mr. Waymarsh; na verdade, percebo agora que quase nunca estou".

Então ele disse de quem se tratava como se fosse uma grande revelação. “Mamie”.

“A própria irmã”? Estranhamente, porém, ela ficou desapontada. “De que adianta”?

“De nada adianta, talvez. Mas aí — como de hábito — nós ficamos”!

III

Assim ficaram de novo por mais dois dias, até que Strether, no hotel de Mrs. Pocock, ao ser conduzido ao salão dessa senhora, de início achou que o criado, tendo-o levado ali e se retirado, havia se equivocado. Os ocupantes não haviam entrado, pois o cômodo parecia tão vazio quanto somente em Paris poderia parecer — sobretudo naquela bela tarde, quando o suave murmúrio da imensa vida coletiva, filtrado pelas portas, vagava entre objetos esparsos da mesma forma que o ar estival flanava em um jardim solitário. Nosso amigo olhou em torno, indeciso; observou, diante da evidência de uma mesa repleta de compras e outros itens, que Sarah havia se apoderado — sem nenhuma ajuda da parte *dele* — do último número da *Revue* de cor salmão; notou ademais que Mamie parecia ter sido mimoseada com um volume dos *Maîtres d'Autrefois*, de *Fromentin*, presente de Chad, que havia escrito o nome dela na capa; e estacou perante a visão de uma pesada carta em cujo envelope reconheceu uma letra familiar. A missiva, remetida por um banqueiro e tendo chegado durante a ausência de Mrs. Pocock, fora colocada em lugar visível e, pelo fato de seguir lacrada, possuía um poder súbito e

estranho de intensificar o alcance de sua autora. Obrigou-o a perceber a medida como Mrs. Newsome — pois dessa feita ela fora realmente generosa — comunicava-se com a filha, enquanto o mantinha à míngua; e o efeito produzido por essa circunstância foi tamanho que o fez quedar imóvel por alguns minutos, respirando a custo. Em seu próprio quarto, de seu próprio hotel, ele dispunha de dúzias de envelopes bem recheados com sobrescrito semelhante; e havia efetivamente algo no fato de tornar a ver esse sobrescrito característico que falava diretamente a seu dilema mais arraigado: já não estaria ele naquela altura deserdado sem nenhum perdão? Constituía o tipo de convicção que os traços bruscos e angulosos da caligrafia de Mrs. Newsome até então não tiveram oportunidade de lhe fornecer; de certo modo denotavam, naquele momento crítico, uma provável irredutibilidade em qualquer que tenha sido o decreto proclamado pela remetente. Em suma, ele examinou o nome e endereço de Sarah como se estivesse olhando diretamente para o rosto da mãe dela, e então desviou os olhos como se o rosto recusasse relaxar. Mas já que era como se Mrs. Newsome se achasse dessa forma mais, e não menos, presente no cômodo, e estivesse cônica, aguda e exclusivamente cônica da presença dele, nosso amigo sentiu-se a um só tempo seguro e apaziguado, intimado a ficar, tanto mais não fosse para receber a sua punição. Ao ficar, por conseguinte, ele a recebeu — esgueirando-se com passos vagos e cuidadosos pela sala e aguardando a entrada de Sarah. Ela *entraria* se Strether ficasse esperando, e ele mais do que nunca sentiu o êxito que ela obteve ao mantê-lo ali, vítima de sua própria ansiedade. Não se podia negar que Mrs. Pocock teve uma feliz intuição, do ponto de vista de Woollett, de deixá-lo dessa maneira à mercê da iniciativa dela. Podia muito bem tentar dizer que não ligava — que ela podia dar início ao colóquio quando quisesse, podia nem dar início se não fosse de seu alvitre, e que ele não tinha nenhuma confissão a lhe fazer nesse ínterim: nosso pobre amigo respirava, dia a dia, um ar

queurgia terrivelmente ser aclarado, e havia momentos em que ansiava por precipitar esse processo. Se ela fizesse o obséquo de surpreendê-lo naquela exata disposição, certamente algum tipo de cena esclarecedora surgiria em decorrência do choque.

Assim ele humildemente andava à roda da sala, levado por esse espírito, quando, de repente, estacou outra vez. Ambas as janelas da saia se abriam para a sacada, mas foi somente naquele instante que, no vidro de um dos batentes, então dobrado, apanhou o reflexo imediatamente reconhecido como o da cor do vestido de uma senhora. Alguém estivera todo aquele tempo na sacada, e essa pessoa, fosse quem fosse, estava de tal forma posicionada entre as janelas que não podia ser vista por ele; entrementes, por outro lado, os múltiplos rumores da rua haviam abafado a sua entrada, e seus movimentos. Se essa pessoa fosse Sarah veria seus anseios atendidos sem mais delongas. Poderia por intermédio de uma manobra ou duas convencê-la a fornecer o remédio para sua vã ansiedade; remédio que, no mínimo, se tudo o mais falhasse, lhe proporcionaria o alívio de escancarar a questão. Por sorte não havia ninguém disponível ali para observar que (com respeito à sua coragem), mesmo após esse raciocínio elaborado, ele ainda assim procrastinava. Estava à espera de Mrs. Pocock e da palavra do oráculo; mas precisava preparar-se de novo — o que fez no vão da janela, sem avançar nem retroceder — antes de provocar a revelação. Era Sarah que aparentemente devia expor-se aos olhos de seu visitante; ele estava naquele caso à sua disposição. A mulher, contudo, como sucedeu, acabou por mostrar-se; só que, felizmente, no último minuto mostrou-se na realidade como o oposto de Sarah. A ocupante da sacada era afinal uma pessoa bem diferente, uma pessoa que se apresentou, à segunda vista, mediante uma ligeira mudança de posição, mas ainda de costas e sempre encantadora, como sendo Mamie, bela, esplêndida e distante — Mamie sozinha

em casa, Mamie entregue a distrações inocentes, Mamie em resumo um pouco deixada de lado, mas cativante e cativada, absorta em seus pensamentos. Com os braços sobre a balaustrada e a atenção voltada para a rua, a moça permitia que Strether a observasse e também refletisse, sem que ela se virasse, sobre vários aspectos.

Mas o estranho foi que, depois de ter observado e considerado, ele simplesmente voltou para a sala sem tirar proveito de sua posição vantajosa. Permaneceu ali durante vários minutos, quase como se tomado por uma nova ideia e como se suas maquinações sobre a presença de Sarah houvessem sido suplantadas. Pois francamente, sim, havia um sentido ali, na sua descoberta da jovem perdida em solitária reflexão. Havia algo que o tocava como nunca havia sido tocado, algo que de modo silencioso, mas bastante insistente falava a seu espírito, e falava mais a cada vez que tornava a dirigir os olhos para a ponta da sacada e via que a moça continuava distraída. Seus amigos obviamente a haviam abandonado; Sarah parecia ter saído para algum canto com Waymarsh e Chad para outro com Jim. Não passou pela cabeça de Strether que Chad pudesse estar com sua “boa amiga”; ele lhe concedia a prerrogativa de supô-lo implicado em um jogo de aparências que, se tivesse sido obrigado a descrevê-lo — para Maria, digamos teria classificando-o para sua maior conveniência como bem mais sutil. Ocorreu-lhe de fato no momento seguinte que havia talvez quase um excesso de refinamento em deixar Mamie ali sozinha naquele dia ensolarado, por mais que ela pudesse na realidade ter improvisado, sob o encanto da *Rue de Rivoli*, uma pequena Paris provisional de fascinação e fantasia. Nosso amigo de toda sorte agora reconhecia (e era como se, sob a influência desse reconhecimento, a imagem de Mrs. Newsome súbito houvesse se tornado, com um arquejo profundo e audível, mais frágil e indistinta) que nunca deixara de perceber algo inusitado e ambíguo

com respeito a essa jovem senhora, algum fator ao qual, mesmo assim, podia associar um significado. Fora no máximo, esse mistério, uma obsessão — oh, uma agradável obsessão; e naquele momento acabava por encaixar-se como se por força de um mecanismo. Representava a possibilidade de um tipo de comunicação entre eles até então baldada por eventualidades e atrasos — a possibilidade ainda incerta de estabelecer com ela uma forma de relação.

Havia sempre a velha relação, fruto dos anos de Woollett, mas esta não tinha — e isso era o que havia de mais inusitado em todo o caso — nenhuma semelhança com o que agora estava no ar. Como criança, como moça ainda “em botão”, e então de novo como flor em pleno desenvolvimento, Mamie havia desabrochado perante seus olhos, livremente, nos saguões familiares cujas portas quase sempre estiveram abertas; onde nosso amigo a princípio se recordava dela como uma jovem bastante atrevida, e então bastante tímida — pois ele entabulara certa época, nos salões de Mrs. Newsome (ah, as fases de Mrs. Newsome e as fases dele próprio!), um curso de literatura inglesa reforçado por exames e chás — e, enfim, mais uma vez como uma moça muito atrevida. Mas Strether não conseguia lembrar-se de pontos em comum, não sendo da natureza das circunstâncias em Woollett pôr no mesmo cesto os mais verdes botões de rosa com as mais ressequidas maçãs de inverno. A criança dava sobretudo relevo a seu senso da passagem do tempo; embora para sua lembrança não houvessem decorrido nem dois dias desde a época em que tropeçava em seus brinquedos, naquela tarde sua experiência com mulheres notáveis — destinada, pelo que parecia, a crescer continuamente — já estava pronta, mais do que pronta, a incluí-la. Ela tinha, em resumo, mais a lhe dizer do que jamais sonhara ser *capaz* a bela moça do momento; e a prova disso residia, de modo visível, inequívoco, no fato de que ela não poderia dizê-lo a nenhuma outra pessoa. Era algo que não podia mencionar nem a seu irmão, nem à sua cunhada

ou a Chad; conquanto ele desconfiasse que, caso ela estivesse em Woollett, poderia, como um supremo tributo à idade, à autoridade e à atitude, ter-se aberto com Mrs. Newsome. Tratava-se ademais de assunto do interesse de todos; e era a força do interesse geral o que motivava a prudência de Mamie. Tudo ficou muito claro, portanto, naqueles cinco minutos, fazendo-o ver que a ela, pobre criança, a prudência era a única distração que restara. E isso de imediato lhe pareceu, para uma bela moça em Paris, um estado realmente deplorável; de modo que, movido por essa impressão, dirigiu-se à moça com um passo tão falsamente alerta, ele bem o sabia, como se houvesse acabado de entrar no recinto. Ela virou-se sobressaltada ao ouvir sua voz; por mais que pudesse estar preocupada com ele, não deixou de mostrar-se um tantinho desapontada. “Ah, pensei que fosse Mr. Bilham”!

A frase de início o surpreendeu, temporariamente obliterando seus pensamentos secretos; entretanto, podemos dizer que nosso amigo logo recobrou sua disposição íntima e que uma nova ordem de suposições começou a florescer naquele mesmo ar. O pequeno Bilham — já que, de maneira um tanto incongruente, o moço estava sendo aguardado — aparentemente se atrasara; conjuntura de que Strether viria a beneficiar-se. O casal à sacada tornou junto para a sala e, em meio à opulência dourada e carmesim, diante da ausência dos outros, Strether ali passou quarenta minutos que, mesmo naquela altura, com respeito a toda a inusitada conexão, estavam longe de parecer insignificantes. Sim, de fato, já que no outro dia ele concordara com Maria acerca da atração do escândalo, ali estava um elemento que, adicionado à sua equação, certamente não a rebaixava e que descia sobre ele como parte de um afluxo repentino. Ele decerto só viria a saber depois, ao revirá-los em pensamento, quantos elementos compunham sua impressão; mas não deixou de sentir, enquanto esteve sentado ao lado da encantadora jovem, um

ligeiro aumento de confiança. Pois ela em, no fim das contas, um encanto — e não menos graças ao hábito e à prática visíveis da liberdade e da eloquência. A moça era um encanto, ele sabia, nada obstante o fato de que, se não a tivesse achado encantadora, teria arriscado descrevê-la na linha do que seria “divertido”. Sim, ela era divertida, essa garota prodigiosa, e sem que desse por isso; Mamie era agradável, casadoura — sem jamais ter a seu lado, para todos os efeitos, um noivo que lhe apoiasse essa natureza; era elegante, majestosa, calma e loquaz, além de suave, doce e quase impropriamente tranquilizadora. Estava, se pudermos discriminar a esse ponto, vestida menos como uma jovem senhora do que como uma senhora madura — se Strether fosse capaz de supor essa senhora mais velha assim tão comprometida com a vaidade; a complexidade de seus cachos havia perdido, além disso, algo do aspecto mais solto da juventude; e ela apresentava um jeito adulto de inclinar-se um pouco para a frente, como se para encorajar e conceder recompensas, enquanto mantinha bem-posto diante de si um par de mãos surpreendentemente delgadas: a combinação de tudo isso conservava em torno dela o glamour de sua receptividade, punha-a de novo entre as janelas e sob o influxo sonoro das taças de sorvete, sugeria a enumeração de todos os nomes, de todos os senhores fulano e sicrano, espécimes gregários de um tipo único, que ela sempre tinha o prazer em “conhecer”.

Mas se tudo isso representava o que havia de divertido na moça, e se o que havia de ainda mais divertido era o contraste entre sua bela e benevolente sociabilidade — com uma sugestão de tagarelice que poderia tomá-la um tanto maçante quando atingisse a meia-idade — e sua vizinha sem brilho mas também sem nenhuma afetação, que naturalmente se associaria a uma moça de quinze anos; então Strether, por outro lado, ao cabo de dez minutos, sentiu que dela emanava uma tranquila dignidade que heroicamente a fazia

recuperar a compostura. Se o efeito que ela propunha produzir era o dessa tranquila dignidade, quase maior do que a de uma matrona de vestes volumosas, volumosas demais, tratava-se de um ideal que se passava a apreciar nela quando se a conhecia melhor. O mais extraordinário naquele momento para seu visitante foi ter sido isto, justamente, o que ele havia feito; era o que tornava assaz fabulosa a combinação obtida naquela hora tão fugaz e intensa. Era um sinal de que passara a conhecê-la melhor o fato de ter-se assegurado com tamanha rapidez de que ela, de todas as pessoas, como se podia dizer, estava ao lado do primeiro embaixador de Mrs. Newsome. Ela respondia pelo interesse *dele*, e não de Sarah; e foi precisamente um indício desse fato o que ele havia sentido nela, nestes últimos dias, como algo prestes a revelar-se. Ao ver-se enfim situada, em Paris, na imediata presença da situação e do herói correspondente — a respeito de quem Strether só podia estar referindo-se a Chad —, Mamie havia atingido (e, na realidade de um modo que lhe era absolutamente inesperado) uma mudança de base; elementos ainda mais profundos alcançaram seu íntimo, e antes de ela adquirir certeza sobre eles, Strether havia tomado ciência do pequenino drama. Quando Mamie soube onde estava, em suma, ele já havia atinado; e, naquela tarde, atinava com tudo; embora sem nenhuma palavra direta ter sido trocada entre eles naquele meio tempo acerca do assunto que o angustiava. Houvera no início, enquanto estiveram sentados frente a frente, um instante em que Strether imaginou se ela não dispararia a falar sobre a incumbência original de nosso amigo. A porta permanecia tão estranhamente entreaberta que ele havia em parte se preparado para a investida de Mamie, ou de qualquer outra pessoa. Contudo, de um jeito amistoso, familiar, com leveza de toque e felicidade de tato, a moça ficou delicadamente de fora, de modo que foi como se, acontecesse o que acontecesse, ela pudesse tratar com ele, sem se ver reduzida a, bem, a quase qualquer coisa.

Logo ficou bastante claro entre eles, por terem falado de tudo *menos* de Chad, que Mamie, ao contrário de Sarah, ao contrário de Jim, sabia perfeitamente o que havia sucedido com o moço. Logo ficou bastante claro que havia absorvido até o último milímetro a medida daquela transformação, e que queria que Strether soubesse de sua decisão de manter sigilo. Conversaram com tranquilidade — como ainda não haviam conversado — sobre Woollett; e isso no fundo fez com que o segredo ficasse ainda mais bem guardado entre eles. Pouco a pouco a hora foi adquirindo para Strether a qualidade de uma doçura triste e estranha; foi tão violenta e repentina a mudança de sua opinião em favor de Mamie e de seu valor social que esta parecia vir de um remorso por uma injustiça anterior. Na presença daquela jovem senhora, como se sob o influxo de um vago ar ocidental, punha-se saudoso do lar e novamente irrequieto; imaginava-se perdido com ela nalguma costa distante, durante uma calmaria funesta, em uma curiosa comunidade de naufragos. Aquele pequeno colóquio era como um piquenique num arrecife de coral; com sorrisos melancólicos e olhares alusivos, passavam um para o outro o parco suprimento de água doce que puderam armazenar. Para Strether foi nesse meio tempo especialmente aguda a sensação de que sua companheira de fato sabia, como já sugerimos, onde havia aportado. Tratava-se de uma localidade muito específica — *só que* ela nunca lhe diria qual; era o que Strether, sobretudo, tinha de descobrir por si mesmo. Ele contava com isso, pois seu interesse na moça não seria completo sem essa informação. Tampouco seria completo o apreço a que ela fazia jus — tão certo ele estava de que, quanto mais entendesse o seu processo, tanto mais entenderia o seu orgulho. Se nada lhe escapava, ela também sabia o que não queria, e essa certeza a encorajava. O que ela não queria? — O desconhecimento da resposta fazia com que seu velho amigo se sentisse como que privado de um prazer, de uma alegria que sem dúvida só conquistaria quando pudesse vislumbrá-la. Com modos

gentis e afáveis ela manteve-o na ignorância, e era como se o confortasse e o distraísse mediante outros meios para compensá-lo por seu silêncio. Mamie ofereceu-lhe sua opinião sobre Madame de Vionnet — de quem “ouvira falar muito”; ofereceu-lhe a sua opinião sobre Jeanne, a quem estivera “morrendo de vontade de conhecer”: revelou com uma brandura comovente que fizera com Sarah no princípio daquela tarde, após terríveis atrasos causados por toda sorte de fatores, sobretudo e como sempre, pela compra de roupas — roupas que infelizmente não durariam para sempre —, uma visita à *Rue de Bellechasse*.

Ao ouvir os nomes serem pronunciados Strether quase corou por notar que não teria conseguido pronunciá-los antes — e ainda assim tampouco teria conseguido justificar os seus escrúpulos. Mamie mencionou-os com uma facilidade que seu interlocutor estava longe de dominar e, contudo, só podia ter-lhe custado mais do que ele jamais precisou desembolsar. Foi como amigas de Chad, amigas especiais, distintas, fascinantes, invejáveis, que Mamie as descreveu, e prosseguiu graciosamente dizendo que por mais que houvesse ouvido falar das duas — embora, num toque todo seu, sem revelar nem como nem onde — achou que ambas superaram suas previsões. Desfez-se em elogios sobre elas, e o fez conforme os padrões de Woollett — os quais tornaram, assim, a conquistar o afeto de Strether. Essa sensação nunca calara tão fundo como quando sua viçosa companheira se referiu à mais velha das senhoras da *Rue de Bellechasse* como fascinante demais para ser traduzida em palavras e à mais nova como simplesmente ideal: um verdadeiro prodígio de encanto. “Será horrível”, a moça disse sobre Jeanne, “se algo vier a lhe acontecer — ela é tão perfeita do jeito que é. Um toque a mais estragaria tudo — por isso não se *deve* tocá-la”.

“Ah, mas aqui em Paris”, Strether observou, “acontecem muitas coisas com as mocinhas”. E então, em benefício da piada e da ocasião: “Mas já não chegou a essa conclusão por si mesma”?

“Que as coisas acontecem...? Ah, mas não sou mais uma mocinha. Sou uma moça grande, empedernida e calejada. Não ligo”, Mamie concluiu, rindo, “para o *que* ocorrer”.

Strether fez uma pausa enquanto se perguntava se o que devia ocorrer era ele proporcionar-lhe o prazer de descobrir que a achava mais encantadora do que nunca — uma pausa que findou quando disse de si para si mesmo que, por mais que tudo isso lhe concernisse, ela na verdade talvez já soubesse disso. Arriscou, portanto, uma questão diferente — ainda que não perdesse de vista, assim que terminou de falar, que parecia associá-la à última observação feita por sua interlocutora. “Mas suponho que tenha ouvido falar que Mademoiselle de Vionnet está para casar-se”.

Foi então que percebeu o perigo que o rondava. “Como não? O cavalheiro estava lá: Monsieur de Montbron, a quem Madame de Vionnet nos apresentou”.

“E ele lhe pareceu simpático”?

Mamie afogueou-se e empertigou-se, com extremo *donaire*. “Qualquer homem é simpático quando está apaixonado”.

“Mas a *senhorita* já lhe conquistou o coração”? Strether gracejou.

“Ah, mas isso não é necessário — é muito melhor que ele esteja apaixonado por ela; o que, graças a Deus, não tardei a descobrir por mim mesma. Está absolutamente perdido por Mademoiselle de

Vionnet — e, no que se refere a ela, eu não teria tolerado nada menos. Ela é simplesmente adorável demais”.

Strether hesitou. “E por estar apaixonada também”?

Para isso, com um sorriso que lhe pareceu estupendo, Mamie tinha uma resposta estupenda: “Ela não sabe se está ou não”.

A explicação arrancou risadas. “Ah, mas a senhorita sabe”?

Mamie não se fez de rogada. “Ah, sim, eu sei de tudo”. A visão da moça parada ali, esfregando as mãos bem tratadas e se comportando com esmero — talvez apenas com os cotovelos um pouco afastados demais —, por um momento fez com que os demais participantes do caso lhe parecessem estúpidos.

“Sabe que a pobre Jeanne não sabe o que se passa com ela”?

Foi o mais perto que chegaram de afirmar que ela, provavelmente, estava apaixonada por Chad. Para Strether, bastou; o que se confirmou com sua certeza de que, estivesse ela apaixonada ou não, exercia ainda assim um apelo dirigido a algo amplo e descomplicado contido na moça sentada em sua frente. Mamie seria gorda, gorda demais quando chegasse aos trinta anos, mas nunca deixaria de ser a pessoa que, naquela hora decisiva, se mostrara solícita e desinteressada. “Se pudermos nos conhecer melhor, como espero que possamos, creio que ela gostará de mim (pois creio que hoje lhe agradei) a ponto de confiar que eu lhe diga a verdade”.

“E a senhorita lhe *dirá*”?

“Naturalmente. Eu lhe direi que o problema dela está em sempre querer acertar. E acertar no caso dela, é claro”, disse Mamie, “significa agradar”.

“Agradar à mãe”?

“À mãe, em primeiro lugar”.

Strether aguardou. “E depois”?

“Bem, ‘depois’... a Mr. Newsome”.

Havia algo realmente colossal encerrado na serenidade dessa referência. “E somente em último lugar a Monsieur de Montbron”?

“Somente em último lugar”, ela assegurou-lhe, com bom humor.

Strether refletiu. “De modo que, no fim, todos ficariam satisfeitos”?

Ela teve uma de suas poucas hesitações, mas durou apenas um instante; foi uma das raras ocasiões em que Mamie chegou a ser quase explícita com seu interlocutor acerca do que havia entre eles. “Acho que posso falar por mim. *Eu* ficaria”.

De fato, a observação revelava muito, revelava que estava disposta a ajudá-lo, que assim, em poucas palavras, lhe consignava a verdade para que ele fizesse o que estivesse a seu alcance, em benefício de interesses próprios (que a ela, paciente e confiada, não diziam respeito) — suas palavras exprimiam de forma tão cabal tudo isso que lhe pareceu que só lhe restava responder com seu próprio entusiasmo e com a sua mais franca admiração. A admiração tinha em si algo de quase acusador, mas nada mais poderia mostrar a Mamie até que ponto ele havia compreendido. Strether estendeu a mão para despedir-se com um “Esplêndido, esplêndido, esplêndido”! E deixou-a ali, sozinha com seu esplendor, ainda à espera do pequeno Bilham.

Livro Décimo

I

TRÊS NOITES APÓS SUA ENTREVISTA com Mamie Pocock, ao ocupar, junto do pequeno Bilham, o mesmo divã macio que usufruíram na ocasião do primeiro encontro de nosso amigo com Madame de Vionnet e sua filha no apartamento do *Boulevard Malesherbes*, Strether tornou a mostrar-se favorável a uma livre troca de impressões. Essa noite tinha uma marca diferente; e, se a companhia era muito mais numerosa, então, inevitavelmente, também eram as ideias postas em ação. Sobretudo não lhe escapava, por outro lado, que ambos se moviam, nesse aspecto, dentro de um círculo mais íntimo, protegido. Os dois sabiam, em todo caso, o que realmente os interessava, e Strether começou por fazer com que seu companheiro não perdesse isso de vista. Apenas poucos dos convidados de Chad haviam jantado ali — ou seja, entre quinze e vinte pessoas, poucos se os compararmos com a grande multidão que se aglomerava às onze horas; mas o número e a densidade, a quantidade e a qualidade, a luz, a fragrância, o som, o encontro do fluxo inebriante da hospitalidade com a maré crescente de convidados, tudo isso havia desde o princípio exercido forte pressão sobre a consciência de Strether, e ele se sentiu de algum modo parte essencial da mais festiva cena (era o termo exato) a que esteve presente em toda a sua vida. Talvez já houvesse visto ajuntamentos maiores, nas comemorações de Quatro de Julho e nas velhas e queridas festas de formatura, mas nunca vira tanta gente reunida em tão pouco espaço, ou de toda forma nunca vira tamanha

heterogeneidade derivada de uma escolha tão criteriosa. Por mais numerosa que fosse a reunião, ela ainda assim era fruto de uma seleção, e o que para Strether parecia extraordinário era que, sem querer, estava a par do segredo de seu funcionamento. Ele não havia perguntado, havia procurado esquivar-se, mas Chad lhe propôs duas questões à guisa de introdução. Ele não havia respondido às questões, retrucara que concerniam apenas a seu jovem amigo; mas percebera perfeitamente que a decisão deste último já estava tomada.

Chad havia pedido o seu conselho apenas para sugerir que sabia o que fazer; e estava claro que ele nunca soubera fazer melhor do que quando agora apresentava a irmã a todo o seu círculo de amizades. Tudo se encaixou no sentido e no espírito da nota que o moço estabeleceu com a chegada dessa senhora; na própria estação de trem ele havia tomado um rumo que o conduziu sem interrupções, e que permitiu que conduzisse os Pockocks — posto que um pouco aturdidos, sem dúvida, ofegantes, sem dúvida, e deslumbrados — até a outra ponta da passagem que necessariamente lhes aprouve. Ele lhes proporcionara uma passagem violentamente agradável e impiedosamente plena; o resultado de tudo isso foi que, aos olhos de Strether, eles haviam chegado até aquele ponto sem jamais desconfiar de que não havia passagem nenhuma. Tratava-se de uma rua sem saída, por onde não podiam passar e de onde, a não ser que permanecessem pregados no lugar, teriam de retroceder diante da multidão. Aproximavam-se do fim da jornada naquela noite; a cena inteira representava o término do *cul-de-sac*. Assim ocorria quando se dispunha de uma mão firme — uma mão que manipulava os fios com uma destreza que deixava o homem mais velho cada vez mais impressionado. O homem mais velho sentia-se responsável, mas também se sentia bem-sucedido, já que as atuais circunstâncias brotaram de sua própria alegação, feita seis semanas antes, de que deveriam ficar e esperar para ver o que

seus amigos realmente teriam a dizer. Se ele não só havia determinado a permanência de Chad, mas também que ele ficasse para ver, não podia, por conseguinte, contestar o tempo empregado na tarefa. Assim, passados quinze dias, a situação em que Sarah se encontrava, e contra a qual não fizera nenhuma objeção, mais do que nunca era a de que devia acomodar-se à própria aventura como se a uma atividade de lazer — ainda que esta quiçá viesse marcada por um excesso de azáfama e de “passos largos”. Se de alguma forma se pudesse recriminar o irmão dela seria por sua desmedida no tempero dos coquetéis e pela liberalidade no enchimento das taças. Ao tratar às claras todo o processo da presença de seus parentes como uma oportunidade para a recreação, ele, decerto, deixava pouco espaço para abordar outros assuntos. O homem mais jovem sugeria, inventava, sobejava — contudo, o tempo todo com a rédea mais solta possível. Strether, durante suas próprias semanas anteriores, havia adquirido a sensação de conhecer Paris; mas tornou a vê-la de novo, e mediante nova emoção, sob a forma do conhecimento oferecido à sua colega de embaixatura.

Milhares de pensamentos inexprimíveis rumorejavam sob o influxo dessas observações; e não se achava entre os menos frequentes a suspeita de que Sarah na realidade não soubesse até onde estava indo. Nada, em sua posição, a autorizava a abandonar o ar de contentamento diante da generosidade de Chad; porém, a nosso amigo ela sempre parecia incomodada quando perdia a chance de assinalar a grande *nuance*. A grande *nuance* estava em suma no fato de que o irmão decerto deveria tratá-la bem — que ele experimentasse fazer o contrário! Mas o prodigalíssimo tratamento, entretanto, não era tudo — tratá-la generosamente não enchia a barriga^[15]; a grande *nuance* estava enfim nos momentos em que ela sentia o olhar fixo de sua admirável mãe ausente cravado entre suas escápulas. Com certeza havia ocasiões em que Strether, sempre

observador e afeito a traçar conjecturas, condoía-se dela — ocasiões em que ela lhe parecia um passageiro que, num veículo em disparada, se indagava se deveria saltar ou não. *Será* que ela saltaria, poderia saltar, seria *aquele* um lugar seguro? — Ele por vezes associava tais questões à tez um tanto macilenta de Sarah, a seus lábios finos e a seu olhar atilado. O que levava ao ponto principal: ela no fim das contas permitiria ser manipulada? No geral acreditava que Sally saltaria; mas as alternativas que tinha em relação a esse tema só serviam para alimentar ainda mais o seu suspense. Havia algo a que não podia escapar — uma convicção que de fato ganhava nitidez a partir das impressões daquela noite: a de que saberia de imediato se ela viesse a erguer a saia, fechar os olhos e arrojarse da carruagem em movimento. Ela aparecia de cabeça mais ou menos diretamente sobre ele; caberia a nosso amigo, sem sombra de dúvida, aparar a queda. Foi assim que se multiplicaram os sinais e presságios da experiência a que se imaginava destinado, mesmo através do deslumbramento da festa de Chad. E foi em parte sob a angustiada consciência dessa perspectiva que, deixando para trás os convidados nos dois salões contíguos, largando ali os rostos familiares e também o conjunto dos desconhecidos brilhantes de ambos os sexos e idiomas diversos, nosso amigo pretendia passar cinco minutos sossegado ao lado de Bilham, cuja companhia o tranquilizava e até mesmo o inspirava, e a quem, ademais, tinha na realidade algo bastante específico e importante a dizer.

Se no passado (pois sua impressão era a de que tudo já ia distante) se sentira um pouco humilhado ao notar que, conversando com um personagem tão mais novo, podia aprender uma lição de certo conforto moral, àquela altura já se acostumara com a situação — fosse ou não porque outras humilhações houvessem tornado tudo muito mais indistinto, fosse ou não por causa do próprio exemplo dado pelo pequeno Bilham em contentar-se em ser apenas o obscuro

e sagaz pequeno Bilham que era. Strether não tinha dúvida de que a situação servia bem ao rapaz, e esboçava nas horas solitárias um sorriso melancólico diante do fato de que ele mesmo, após tantos anos a mais, ainda se achava à procura de algo que lhe pudesse servir. Entretanto, como dissemos, naquele exato momento a descoberta de um canto mais isolado calhou de servir igualmente aos dois. O que garantia o isolamento era o fato de a música no salão ser admirável, com dois ou três cantores cuja audição em um ambiente particular representava um grande privilégio. A presença destes últimos emprestava distinção ao evento de Chad, e o interesse que fazia nosso amigo calcular o efeito exercido por eles sobre Sarah era na realidade tão intenso a ponto de ser quase doloroso. Naturalmente ela (motivo daquela reunião e vestida de esplendoroso escarlate que a Strether sugeria o som de uma queda por uma claraboia) agora se encontrava acomodada na primeira fileira de ouvintes, com a atenção e os olhos inteiramente absortos. Olhos que os seus não chegaram a cruzar uma vez sequer durante o opíparo jantar; embora fosse preciso esclarecer que, de modo consciente e talvez um pouco covarde, ele tivesse combinado com Chad para sentar-se no mesmo lado da mesa que sua irmã. Mas de nada adiantava agora ter chegado com o pequeno Bilham a um patamar inédito de intimidade se não fosse para atacar o assunto de frente. “Você que se sentou onde podia vê-la, o que ela está achando de tudo? Ou seja, quero dizer, em que termos ela está encarando os fatos”?

“Creio que ela os encara como prova de que a reivindicação da família é mais do que nunca justificada”.

“Não lhe agrada, portanto, o que o irmão tem para mostrar”?

“Ao contrário; agrada-lhe muito como capacidade do irmão em produzir esse tipo de evento — mais do que qualquer outra coisa

que lhe agradou nos últimos tempos. Mas ela quer que ele demonstre seus talentos em casa. Não tem o direito de desperdiçá-lo com gente como nós”.

Strether estranhou: “Ela quer levar toda a parafernália de volta para casa”?

“Toda a parafernália... com uma importante exceção. Tudo que ele ‘adquiriu’ — e do modo como ele sabe fazê-lo. Ela não vê dificuldade nisso. Ela mesma organizaria todo o espetáculo, sem deixar de admitir que, de certo modo, Woollett seria em geral o melhor lugar para apresentá-lo. Não que não fosse também de alguma maneira melhor para Woollett. A gente de lá não é melhor nem pior”.

“Nem melhor nem pior do que você e os outros convidados? Ah, pode ser. Mas uma ocasião como esta, qualquer que seja o caso”, Strether ponderou, ‘não se restringe às pessoas. É o que torna as pessoas possíveis”.

“Bem, então”, seu amigo replicou, “aí está; eis minha opinião, pelo que ela possa valer. Mrs. Pocock está ciente de tudo, e é desse modo que ela se apresenta aqui. Se tivesse dado uma olhada no rosto dela, saberia do que estou falando. Ela já se decidiu — e ao sabor da música dispendiosa”.

Strether compreendeu perfeitamente. “Breve, então, terei notícias dela”.

“Não quero assustá-lo, mas acho que é provável, sim. Contudo”, o pequeno Bilham prosseguiu, “se lhe posso oferecer uma ajuda mínima...”!

“Sua ajuda nunca será mínima”! E Strether pousou a mão sobre ele, encorajando-o a prosseguir. “De ninguém é”. Com isso, para mostrar como podia levar na esportiva, deu uma tapinha no joelho de seu companheiro. “Preciso enfrentar sozinho o meu destino, e é o que farei... ah, você verá! E, no entanto”, continuou, no momento seguinte: “Você também pode me ajudar. Uma vez me disse”, seguiu com o raciocínio, “que achava que Chad deveria casar-se. Eu não percebi naquele dia tão bem como percebo agora, que se referia a casar-se com Miss Pocock. Ainda acha que ele deve? Porque, se achar”, ele se manteve firme, “quero que mude imediatamente de ideia. Você pode me ajudar nesse sentido”.

“Ajudar o senhor a demover Chad da ideia de casar”?

“A demovê-lo em todo caso da ideia de casar-se com Mamie”.

“E com quem então”?

“Ah”, Strether volveu, “isso não sou obrigado a dizer. Mas com Madame de Vionnet — eu sugiro — quando ele puder”.

“Oh”! Exclamou o pequeno Bilham, espantado,

“Oh, precisamente! Mas não é preciso casar — não me sinto de todo modo responsável por isso. Ao passo que, no seu caso, sinto-me um pouco”.

O pequeno Bilham achou graça. “Sente-se responsável por me arranjar um casamento”?

“Sim — depois de tudo que fiz por você”!

O moço ponderou: “O senhor fez tanto assim”?

“Bem”, retrucou Strether, sentindo-se desafiado, “claro que devo me lembrar de tudo que você fez por mim. Quem sabe estaríamos quites, então. Mas ainda assim”, ele continuou, “adoraria vê-lo casado com Mamie Pocock”.

O rapaz soltou uma gargalhada. “Mas por que então, na última noite, aqui mesmo, o senhor me propôs uma união de tipo bem diferente”?

“Com Mademoiselle de Vionnet”? Bem, não foi difícil para Strether confessar. “Aquilo, admito, foi uma fantasia extravagante. Agora se trata de executar uma política prática. Gostaria de fazer algo que lhes fosse proveitoso — pois quero muito bem a cada um; e logo perceberá o trabalho que me poupará também. Ela o estima, você sabe. Você a consola. E ela é esplêndida”.

O pequeno Bilham fitava a situação como uma pessoa de apetite delicado contempla um prato abarrotado. “Do que eu a consolo”?

A pergunta só fez seu amigo impacientar-se: “Ora vamos, você sabe”!

“E o que lhe garante que ela gosta de mim”?

“Bem, o fato de que a encontrei três dias atrás, sozinha no hotel, numa bela tarde dourada, à espera de uma visita sua; e, debruçada sobre o parapeito da sacada, queria vê-lo desembarcar do fiacre. Não sei o que mais poderia querer”.

O pequeno Bilham, após um instante, viu o que ele queria dizer. “Apenas saber o que lhe garante que eu goste *dela*”

“Ah, se o que acabei de mencionar não é suficiente para inspirá-lo, você tem o coração de pedra. Além disso”, Strether alçou ainda mais o voo, “você demonstrou seu interesse pelo modo como a fez esperar, manteve-a em suspense de propósito para ver se a estima dela era grande”. Seu companheiro concedeu à engenhosidade de seu interlocutor o privilégio de uma pausa. “Eu não a fiz esperar. Cheguei na hora. Jamais a teria feito esperar”, o jovem declarou, cheio de brio.

“Melhor ainda... aí está”! E Strether, encantado, procurava convencê-lo. “Mesmo que ainda não lhe tenha feito justiça”, prosseguiu, “devo insistir para que não se demore. Queria muitíssimo poder realizar isso. Queria”, e nosso amigo falava agora com um ardor realmente sincero, “poder realizar ao menos *isso*”.

“Quer casar-me, mesmo sem que eu disponha de um tostão furado”?

“Bem, não viverei para sempre; e eu lhe dou minha palavra, aqui e agora, de que poderá dispor dos meus. Não tenho muitos, infelizmente, mas quero que fique com todos. E Miss Pocock, suponho, deve ter uns outros tantos. Gostaria”, Strether continuou, “de ser capaz de ser construtivo a esse ponto pelo menos — mais do que construtivo, expiatório. Estive oferecendo tantos sacrifícios a deuses estranhos que sinto a necessidade de deixar registrada de algum modo minha fidelidade — basicamente inalterada, afinal — a nossos santos domésticos. Sinto como se minhas mãos estivessem ensopadas com o sangue de monstruosos altares estrangeiros — de uma fé completamente distinta. Aí está — está feito”. Então, explicou um pouco mais: “Foi algo que me ocorreu porque a ideia de separá-la de Chad ajuda-me a limpar meu próprio terreno”.

O rapaz, diante disso, deu um salto no lugar, o que os fez ficar cara a cara, visivelmente bem-humorados. “O senhor quer que eu case porque conviria a Chad”?

“Não”, Strether redarguiu, “seu casamento não faz nenhuma diferença para ele. Convém apenas ao plano que eu urdi *para* ele”.

“Apenas”! E a anuência do pequeno Bilham representou, por si só, um vivido comentário. “Obrigado. Mas imaginei”, ele continuou, “que o senhor não tinha precisamente *nenhum* plano ‘para’ ele”.

“Bem, chamemos então de meu plano para mim — que também equivale, como você bem o disse, a não ter plano nenhum. A situação dele (não percebe?) agora se reduz aos fatos nus e crus, que nos saltam à vista. Mamie não quer saber dele, nem ele dela: esses dias pelo menos foram prova disso. É um fio que podemos enrolar e guardar”. Mas o prezado rapaz não estava tão certo assim. “O senhor *pode* — já que parece tão convencido. Mas por que eu deveria”?

O pobre Strether refletiu sobre a pergunta, mas foi obrigado a admitir que sua demonstração na realidade não foi das melhores. “Falando sério, não *há* nenhuma razão. O caso é meu — e eu devo lidar com ele sozinho. Só me resta minha fantástica necessidade de engolir a pílula”.

O pequeno Bilham não entendeu. “O que quer dizer com engolir a pílula”?

“Ora, a pílula que me cabe engolir. Não quero atenuar minhas condições”.

Ele falava como se por falar, e, contudo, parecia haver uma verdade obscura oculta nos interstícios; uma circunstância que logo

exerceu seu apelo junto a seu jovem amigo. Os olhos do pequeno Bilham pousaram nele durante um momento com certa intensidade; súbito, como se tudo houvesse desanuviado, ele soltou uma sonora gargalhada. Com isso parecia dizer que, se servia fingir, ou mesmo tentar, ou melhor ainda esperar ser capaz de gostar de Mamie, então estava a seu inteiro dispor. “Farei o que for necessário pelo senhor”!

“Bem”, Strether iniciou, sorrindo, “o que for necessário é tudo o que eu quero. Só sei que não há nada que me tenha agradado mais com relação a ela”, prosseguiu, “do que o jeito como, ao encontrá-la ali sozinha, ao pegá-la desprevenida e alegrar-me com vê-la tão alheada de tudo, ela derrubou meu alto castelo de cartas com a alusão que fez, alusão alegre e instantânea, ao jovem que estava por chegar. De alguma forma foi a nota de que eu precisava — o fato de ela ter ficado sozinha no hotel para recebê-lo”.

“Foi Chad, é claro”, disse o pequeno Bilham, “quem pediu ao jovem que estava por chegar — gosto da maneira como se referiu a mim! — para que lhe fizesse uma visita”.

“Foi o que pensei — pois se trata de uma iniciativa que não destoa, graças a Deus, de nossos costumes inocentes e naturais. Mas você sabe”, Strether perguntou, “se Chad está a par...”? E como seu interlocutor pareceu um pouco perdido: “Ora, do que se passa com ela”?

Nesse ponto, o pequeno Bilham o encarou com um olhar refletido; foi como se, de tudo, essa fosse a alusão que tivesse calado mais fundo. “O senhor sabe”?

Strether meneou ligeiramente a cabeça. “É aí que eu cismo. Ah, por estranho que lhe possa parecer, *há* coisas que desconheço. Apenas acreditei que houvesse em Mamie algo de muito intenso e,

no entanto, igualmente profundo, que ela estivesse guardando para si. Ou seja, comecei acreditando que Mamie *havia* guardado para si; mas ao ficar cara a cara com ela logo compreendi que havia uma pessoa a quem teria revelado o seu segredo. Até pensei se não poderia ser *eu* — mas logo vi que não contava com sua total confiança. Quando nossa jovem se virou para me receber — pois ela estava ali no balcão e eu aproximei-me despercebido — mostrou-me que estava à *sua* espera e que ficou desapontada; foi aí que comecei a ter certeza. Meia hora depois, já havia me convencido. Você sabe o que aconteceu”. Ele cravou os olhos em seu amigo — e não teve dúvida. “Não importa o que diga, vejo que está envolvido até a raiz do cabelo. Aí está você, portanto”.

O pequeno Bilham se recuperou em parte. “Eu lhe garanto que ela não me disse nada”.

“Claro que não. Pelo que sugere que eu creia que ela o tome? Mas você tem estado com ela todos os dias, você a tem visto abundantemente e tem gostado dela imensamente — mantenho minha posição —, de modo que deve ter tirado suas conclusões. Sabe bem o que ela passou e sabe que ela jantou aqui esta noite — o que deve tê-la posto à prova, mais uma vez”.

O moço arrostou a acusação; em seguida, mostrou-se plenamente recuperado. “Nunca afirmei que Mamie não tenha me tratado bem. Mas ela é orgulhosa”.

“Como deve ser. Mas não exageradamente”.

“Ela se deixa levar pelo orgulho. Chad”, o pequeno Bilham continuou, movido pela lealdade, “tem sido o mais atencioso possível. Não é fácil para um homem quando uma mulher está apaixonada por ele”.

“Ah, mas ela não está... mais”.

O pequeno Bilham ficou fitando a distância; então pulou sobre os pés como se a acuidade de seu amigo, recorrente e insistente, de fato o tivesse deixado nervoso. “Não... não está mais. E não foi de jeito nenhum por culpa de Chad. Quanto a ele, está tudo certo. Ou seja, ele estaria disposto. Mas ela chegou com novas ideias, ideias que trouxe de casa. E que foram seu principal motivo para unir-se ao irmão e à mulher dele nessa viagem. Estava determinada a *salvar* nosso amigo”.

“Ah, como eu, a pobrezinha”? Strether também se pôs de pé.

“Exatamente... Mamie passou por um mau momento. Pois não tardou a perceber que, para o bem ou para o mal, ele já se salvou, que *está*, infelizmente, a salvo. Não há nada que ela possa fazer”.

“Nem mesmo amá-lo”?

“Ela o teria amado mais se o houvesse encontrado como imaginara”.

Strether refletiu. “Naturalmente sempre nos perguntamos qual a noção que uma jovem senhora forma, quando há um jovem senhor em pauta, sobre uma história como esta e um estado de coisas como este”.

“Sem dúvida trata-se de questões obscuras para essa jovem senhora, questões que, todavia, não lhe pareceram muito corretas. Não lhe pareceram corretas por *serem* obscuras. Em todo caso Chad se mostra íntegro e bom e desconcertante, enquanto ela se preparara, se aparelhara, se havia cingido e cerrado os dentes para lidar com o oposto disso”. “Contudo, ela não defendia justamente”, Strether ponderou, “que ele *pudesse* ser endireitado, redimido”?

O pequeno Bilham contemplou toda a situação por um momento, e então disse, com uma pequena sacudida de cabeça que deixava transparecer sua ternura: “Ela chegou tarde demais. Tarde demais para o milagre”.

“Sim”, seu companheiro estava de acordo. “Porém, se o que há de pior na natureza de Chad é o fato de ele se pôr à disposição dela, em proveito dela...”?

“Ah, mas ela não quer tirar proveito, não no sentido rasteiro. Ela não quer tirar proveito da obra de outra mulher — Mamie queria que o milagre tivesse sido produzido por ela mesma. É para isso que ela chegou tarde demais”.

Strether sentiu que tudo se encaixava, mas parecia haver uma peça sobrando. “Devo dizer, você sabe, que ela pode parecer, nesses termos, melindrosa — o que vocês chamam aqui de *difficile*.”

O pequeno Bilham ergueu o queixo. “Claro que ela é *difficile* — nesses termos! O que mais elas poderiam ser, essas nossas Mamies — quando são verdadeiras, perfeitas”?

“Compreendo, compreendo”, nosso amigo repetiu, encantado com a calorosa peça de sabedoria que terminou por extrair de modo tão formidável. “Mamie é uma dessas nossas moças verdadeiras e perfeitas”.

“A melhor que há”.

“De onde se conclui”, Strether emendou, “que o pobre Chad é simplesmente bom demais para ela”.

“Ah, bom demais era o que ele no fim acabaria sendo; mas era para ter sido ela, ninguém mais, ninguém menos, a pessoa

responsável pela transformação”.

A descrição parecia muito bonita, mas não deixava de apresentar um fio solto. “Ele não lhe serviria mesmo que viesse a cortar...”

“Todos os seus laços atuais”? Ah, para essa pergunta o pequeno Bilham dispunha do mais preciso de todos os seus critérios de verificação. “Como ele poderia ‘servir’ — sob qualquer circunstância — quando vemos que está tão claramente estragado”?

A questão lhe causou prazer — um tipo de prazer atento e receptivo. “Bem, graças a Deus que *you* não está! É você quem ela deve salvar, e assim torno, diante de uma prova tão bela e cabal, a meu argumento de agora há pouco — o de que vejo em você sinais evidentes de que ela já pôs mãos à obra”.

O máximo que ele podia dizer a mais de si para si mesmo — quando seu jovem amigo se virou para sair — era que sua acusação não deparara, naquele momento, com nenhuma outra negativa. O pequeno Bilham, ao regressar para o concerto, apenas abanou suas educadas orelhas por um instante, à maneira de um terrier molhado; ao passo que Strether voltou a acalantar o sentimento — o qual, nos últimos dias, lhe trouxera bastante conforto — de que estava livre para acreditar em tudo o que, de hora em hora, o animava a seguir em frente. Sem dúvida havia deslizos e comoções nesse tipo de consciência horária, capitulações temporárias à ironia, frequentes e instintivos arrebatamentos perante a escalada crescente dos fatos observados, cujas cores e aromas ele sentia cada dia mais intensos, e aos quais podia se entregar mesmo que ao sabor do acaso. Este último recurso lhe foi oferecido, por falar nisso, na própria forma de sua percepção seguinte — a visão de um encontro imediato, na soleira da sala, entre o pequeno Bilham e a efusiva Miss Barrace, que

entrava no momento em que Bilham saía. Ela aparentemente lhe fizera uma pergunta, à qual ele respondera virando-se para indicar seu último interlocutor; na direção de quem, após outro instante de hesitação sanado pelo uso do mecanismo óptico que parecia, como seus demais ornamentos, curioso e arcaico, essa senhora cordial, sugerindo ao convidado que permanecera na sala a imagem de uma antiga gravura francesa, o retrato histórico, então se dirigiu com uma intenção à qual este último imediatamente correspondeu. Ele soube de antemão a primeira nota que ela faria soar e compreendeu, enquanto a dama se aproximava, toda a necessidade que havia em emití-la. Nada de fato se lhes oferecera de mais “estupendo” do que a presente ocasião; e foi o senso que ela possuía dessa qualidade que a fizera aparecer ali, como quase sempre, para alimentar-se. Mas, vendo seu senso tão bem alimentado pela situação circunstante, ela saiu do outro salão, abandonou a música, renunciou à encenação, desertou em uma palavra o próprio palco, de modo a refugiar-se por um minuto atrás dos bastidores com Strether e assim talvez representar o papel de um dos famosos áugures a responder, por trás do oráculo, à piscadela do companheiro. Logo ocupando a seu lado o antigo lugar do pequeno Bilham, Miss Barrace de fato não se negou a responder a muitas coisas; e começou assim que ele lhe disse — o que ele esperava ter dito sem estultícia — “Todas as senhoras têm sido extraordinariamente amáveis comigo”.

Ela manuseou o longo cabo do lornhão, varrendo a sala com o olhar; mas logo viu que não havia ninguém ali que os impedisse de conversar mais livremente. “Como poderíamos agir de outra forma? Mas não é esse justamente o seu dilema? Nós, ‘as senhoras’ — ah, somos gentis, sim, e o senhor já deve estar farto de nós! Na medida em que me vejo incluída no rol, posso dizer que eu mesma não sou louca por nós! Mas Miss Gostrey, pelo menos esta noite, deixou-o a

sós, não é”? E ela mais uma vez lançou o olhar pelo cômodo como se Maria pudesse estar emboscada ali.

“Ah, sim”, confessou Strether; “embora ela agora esteja em casa, em vigília por mim”. Mas como a resposta provocou por parte de sua companheira um de seus álacres “Oh, oh, oh”! Ele explicou que se tratava de uma vigília de suspense e de orações. “Achamos que no cômputo geral seria melhor se Miss Gostrey não estivesse presente; e de um jeito ou de outro é evidente que tudo isso lhe causa uma terrível preocupação”. Ele tornou à ideia de seu apelo junto às damas, e que elas decidissem se este se dava em razão de sua humildade ou de seu orgulho. “Ela, contudo, prefere imaginar que eu chegarei lá”.

“Ah, também me inclino a acreditar nisso”! Miss Barrace, com sua gargalhada, não queria ser deixada para trás. “Resta-nos saber aonde, não é mesmo? Entretanto”, ela alegremente ajuntou, “em termos de distância, que seja bem longe. Que a justiça nos seja feita”, afirmou, rindo, “pois suponho que todas nós realmente desejamos que seja bem longe. Sim, sim”, repetiu de seu jeito rápido e engraçado, “queremos que o senhor chegue muito, muito longe”! Em seguida, quis saber por que se decidiu pela ausência de Maria.

“Ah”, ele respondeu. “Foi ideia dela, na verdade. Por mim, Miss Gostrey viria. Mas ela teme a responsabilidade”.

“Mas isso é novo”!

“Ela demonstrar alguma espécie de receio? Sem dúvida, sem dúvida. Mas seus nervos não suportaram”.

Miss Barrace fitou-o por um momento. “Ela tem muito a perder”. Então, de forma menos severa: “Ao contrário de mim”.

“Para minha sorte...”, foi o que Strether pôde dizer. “A despeito, porém, do que *eu* tenha a perder e de *meu* apetite por responsabilidades, não deixei de sentir que o princípio desta noite seja o de ‘quanto mais, mais divertido’. Se estamos nos divertindo tanto é porque Chad aprendeu muito bem sua lição”.

“Ele aprendeu muitíssimo bem”, assentiu Miss Barrace.

“É estupendo”! Strether antecipou-se.

“E estupendo”! Ela repetiu, mais alto; de modo que, ao se entreolharem, os dois caíram na gargalhada. Mas ela logo acrescentou: “O princípio é claro. Quem não viesse, estaria perdido. Mas quando nos damos conta...”.

“Vemos que é simples como dois e dois são quatro! Do instante em que ele precisou tomar alguma atitude”.

“Uma legião de gente”, Miss Barrace foi direto ao ponto, “foi a única solução? Isto é, isto é: uma babel sonora”, ela soltou uma gargalhada, “ou nada. Puseram Mrs. Pocock no meio dessa gente, ou essa gente foi posta à roda de Mrs. Pocock, como preferir; ela está tão cercada, que não consegue mover-se. Encontra-se em um esplêndido isolamento”, sua companheira divagou.

Strether assentiu, mas não quis ser injusto. “Entretanto, cada uma dessas pessoas, por sua vez, foi apresentada a ela”.

“É extraordinário... mas isso apenas serve para cercá-la mais e mais. Mrs. Pocock está emparedada; enterraram-na viva”.

Strether pareceu por um instante contemplar a cena; mas a ideia só lhe arrancou um suspiro. “Ah, mas não está morta! É preciso muito mais do que isso para liquidá-la”.

Miss Barrace fez uma pausa como se de compaixão. “Não, não posso fingir que ela esteja liquidada — ou que para isso outras noites não sejam de mister”. Permaneceu pensativa, como se tomada pelas mesmas dúvidas. “Mas ela mantém a cabeça erguida”. Então, mais uma vez, pelo espírito da troça: “Ainda pode respirar”.

“Ela pode respirar”, ele repetiu, no mesmo ânimo. “E a senhora sabe”, prosseguiu, “o que realmente todo esse tempo vem acontecendo comigo? — em meio à perfeição da música, ao júbilo das vozes, à comoção em suma de nosso divertimento e do acerto de suas palavras? Para mim, eu lhe asseguro, o ruído da respiração de Mrs. Pocock abafa todos os outros. É literalmente tudo o que eu ouço”.

Ela o fitou, seus adornos chacoalhando. “Bem...!” Disse em voz baixa, com todo o tato.

“Bem”?

“Ela *está* livre do pescoço para cima”, Miss Barrace refletiu; “e, para ela, isso basta”.

“Para mim, basta”! Strether soltou um riso triste. “Waymarsh”, ele em seguida perguntou, “encarregou-se de apresentá-la à senhora”? “Sim... e isso é pior que tudo. Não consegui ajudá-lo. E olhe que fiz o possível”.

Strether ficou na dúvida. “E o que foi que fez”?

“Ora, não fiz nenhuma alusão ao senhor”.

“Entendo. Foi melhor assim”.

“E o que poderia ter sido pior? Pois independentemente de eu falar ou guardar silêncio”, ela gemeu baixinho, “de alguma forma

sempre acabo ‘comprometendo’. E quem mais posso comprometer senão o senhor”?

“O que mostra”, ele foi magnânimo, “que a questão foge da sua alçada. A culpa é *minha*”.

Ela ficou calada por uns instantes. “Não, a culpa é de Mr. Waymarsh. Foi ele quem a apresentou”.

“Ah, mas então”, respondeu Strether, afável, “por que ele fez isso”?

“Porque não lhe restou alternativa”.

“Oh, a senhora representa um troféu... um dos espólios de guerra? Mas por que, nesse caso, se a senhora representa um risco...”?

“Também não o exponho ao perigo? Mas não deixo de expô-lo”, Miss Barrace confessou, sorrindo. “Eu o exponho como posso. Só que para ele não é fatal. Não compromete a maravilhosa relação que Mr. Waymarsh tem com Mrs. Pocock”. E então, ao ver que seu interlocutor estava ligeiramente perdido: “Estamos falando do homem que *me* conquistou, não percebe? Para ela tirá-lo de mim foi um incentivo adicional”.

Strether percebeu, mas como se as surpresas continuassem a juncar-lhe o caminho. “Foi então ‘da’ senhora que ela o tirou”?

Miss Barrace achou graça em sua confusão momentânea. “Pode imaginar como lutei por ele! Ela acredita que triunfou. Faz parte de seu contentamento”.

“Ah, o contentamento de Sarah”! Strether murmurou, cético. “Bem, ela imagina que tem o controle da situação. E que mais esta

noite representa para ela senão uma espécie de apoteose? O vestido de Mrs. Pocock é de fato muito bonito”.

“Bonito o bastante para abrir as portas do paraíso? Pois depois de uma verdadeira apoteose”, ele emendou, “o céu é o limite. Sarah só pensa no amanhã”.

“E o senhor quer dizer que o amanhã não lhe parecerá celestial”?

“Bem, acho que de certo modo esta noite, no que se refere a ela, parece boa demais para ser verdade. Ela provou o seu manjar; ou seja, está agora mesmo entretida no próprio ato da degustação, engolindo a maior e a mais doce das fatias. Não haverá outra para ela. Eu certamente não tenho mais nenhuma. Só resta, na melhor das hipóteses, Chad”. Strether prosseguiu explicando como se para o gáudio de ambos: “Ele pode ter um naco, digamos, escondido na manga; contudo, ocorreu-me que, se tivesse...”.

“Por que se daria a todo *este* trabalho? Receio que está certo e, se me permite a franqueza, espero muitíssimo que ele possa poupar-se. Claro que não vou fingir agora”, ela acrescentou, “que não sei do que se trata”.

“Ah, todo mundo já sabe agora”, o pobre Strether admitiu, pensativo; “e é bastante estranho e bastante engraçado sentir que, aqui, neste exato momento, todos os convidados sabem e observam e aguardam”.

“Sim... pois se não é deveras engraçado”! Miss Barrace se manteve à altura. “É assim que nós *somos* em Paris”. Comprazia-se em contribuir para acentuar a estranheza. “É estupendo! Mas, como sabe”, ela declarou, “tudo depende do senhor. Não quero pôr a faca em seu pescoço, mas é a isso naturalmente que me referia quando

disse que é o alvo de nossa atenção. Para nós o senhor é o herói do drama, e estamos reunidos para ver qual será seu próximo passo”.

Strether fitou-a por um momento com o pensamento talvez um pouco turvado. “Creio que foi por isso que o herói se refugiou neste canto. Ele está apavorado com seu heroísmo — seu papel o amedronta”.

“Ah, mas nós ainda assim acreditamos em seu desempenho. É por isso”, Miss Barrace gentilmente prosseguiu, “que o senhor nos interessa tanto. Acreditamos que está à altura dos acontecimentos”. E, então, como ele não parecia entusiasmado: “Não o deixe partir”.

“Está falando de Chad”?

“Sim, faça-o ficar. Veja, com isso tudo”, e ela fez um gesto para indicar a sua admiração geral, “ele já fez o suficiente. Nós todos o adoramos aqui... é um rapaz encantador”.

“É linda a maneira como todos os senhores são capazes de simplificar quando lhes convém”.

Mas ela tinha a resposta pronta. “Não é nada em comparação com o modo como o *senhor* saberá fazê-lo quando for necessário”.

Strether estremeceu como se diante da própria voz do profeta, e calou-se por um minuto. Ele a deteve, porém, quando sua interlocutora pareceu prestes a abandoná-lo na esteira da pausa um tanto gélida a que chegaram naquela altura da conversa. “Não há positivamente nenhum sinal de um herói esta noite; o herói mantém-se esquivo, negligente, o herói sente-se envergonhado. Assim, segundo minha opinião, é da heroína que todos deviam ocupar-se esta noite”.

Miss Barrace ficou atônita: “A heroína”?

“A heroína. Embora”, Strether confessou, “jamais a tenha tratado como tal. Oh”, ele suspirou, “não sou muito bom nisso”.

Ela o tranquilizou. “O senhor faz o que pode”. Em seguida, após outra hesitação: “Creio que ela esteja satisfeita”.

Mas ele seguiu penitenciando-se. “Não me aproximei dela. Nem mesmo olhei para ela”.

“Pois não sabe o que está perdendo”.

Ele mostrou que estava ciente do fato. “Está mais formidável do que nunca”?

“Do que nunca. Faz companhia a Mr. Pocock”.

Foi a vez de Strether ficar perplexo. “Madame de Vionnet... com Jim”?

“Madame de Vionnet... com ‘Jim’”. Miss Barrace foi memorável. “E o que faz ela com ele”?

“Ah, o senhor terá de perguntar a *ele*”!

A ideia fez o rosto de Strether iluminar-se mais uma vez. “Isso será divertido”. Mas continuava sem entender. “Mas ela deve ter algum plano”.

“Claro que sim... tem vinte planos. Em primeiro lugar”, disse Miss Barrace, balançando um pouco o seu lornhão de tartaruga, “planeja cumprir o seu papel. E o papel dela é o de ajudá-lo”.

O comentário soou como algo sem precedentes; havia ligações faltando e conexões indefinidas, mas foi como se, de repente,

tivessem chegado ao fulcro da questão. “Sim; ela me ajuda muito mais”, Strether refletiu, pesaroso, “do que eu *a* ajudo”! A ideia lhe ocorreu quase como se estivesse diante da beleza, da graça, do espírito intenso e dissimulado do qual ele, como alegara, vinha procurando manter-se afastado. “*Ela* tem coragem”.

“Ah, se tem...”! Miss Barrace estava de pleno acordo; e foi como se, por um momento, pudessem avaliar, no rosto um do outro, a medida dessa bravura.

Mas, na verdade, estava tudo ali. “Como ela se devota ao caso”! “Aí está. Devota-se muitíssimo. Mas não é, ou é”, Miss Barrace acrescentou com educação, “como se o senhor tivesse tido alguma dúvida sobre isso”?

Strether súbito pareceu gostar da ideia de nunca realmente ter tido dúvidas. “Ora, é claro que o ponto está justamente aí”.

“*Voilà*”! Exclamou Miss Barrace, sorridente.

“É por isso que se veio”, Strether prosseguiu. “E é por isso que se ficou até tão tarde. E é também”, ele mostrava-se exuberante, “por isso que agora se vai embora. E essa a razão, é essa a razão...”

“É essa a razão de tudo”! Ela interveio. “É por isso que Madame de Vionnet pode ter vinte anos esta noite, a despeito do que ela aparenta e mostra, e a despeito do que fizer o seu amigo ‘Jim’. Esta é outra de suas ideias: a de mostrar-se para ele, e de mostrar-se sem nenhum rebuço, com a verdura de uma jovem mocinha”.

Strether contribuía, a distância. “Para ‘ele’? Para Chad...”?

“Para Chad, de certo modo, naturalmente, como sempre. Mas esta noite em especial para Mr. Pocock”. E, então, como seu amigo

ainda a encarasse: “Sim, se não é um ato de valentia! Mas isso não lhe falta: um alto senso de obrigação”. Não restava mais nenhuma dúvida entre eles. “Quando as mãos de Mr. Newsome se encontram tão ocupadas com a irmã...”

“O mínimo que ela podia fazer”, Strether completou, “era ocupar-se do marido da irmã? Tem razão... é o mínimo. De forma que ela agora se ocupa dele”.

“Ela agora se ocupa dele”. Era tudo o que Miss Barrace tinha a dizer. Mesmo assim, foi o bastante. “Deve ser engraçado”.

“Ah, e é”. Isso naturalmente fazia parte da equação.

Mas também os fazia retroceder. “Como ela realmente se devota ao caso”!

Em resposta à observação, a interlocutora de Strether soltou um amplo “Ah”! Talvez denotando alguma impaciência com a demora dele em acostumar-se com a ideia. Fazia um bom tempo que, para ela, isso já não era novidade.

II

Quando percebeu, certa manhã daquela mesma semana, que o caso inteiro estava realmente prestes a desabar sobre ele, a primeira coisa que sentiu foi um verdadeiro alívio. Naquela manhã ele adivinhara que algo estava para acontecer — adivinhara, sem demora, no comportamento de Waymarsh, tão logo seu amigo surgiu em sua frente durante seu frugal desjejum composto de um

café e de um pãozinho, os quais consumia na pequena e elusiva *salle à manger* já tão associada com profundas rumações. Nos últimos tempos Strether se acostumara a fazer ali suas refeições tão absortas quanto solitárias; ele comungava naquele refeitório, mesmo no fim de junho, com um friozinho suspeito, o ar de antigos tremores combinados com antigos aromas pungentes, o ar no qual tantas de suas impressões haviam amadurecido de maneira tão perversa; o próprio local entrementes renovando a mensagem que lá havia reservada para ele em razão da própria circunstância de seu estado incomum. Nosso amigo agora ficava sentado ali, soltando uns suspiros leves enquanto se servia distraidamente de sua *carafe*, refletindo acerca da maneira muito mais eficiente como Waymarsh empregava o tempo. Não podia negar que havia um triunfo todo seu no fato de ter conduzido seu companheiro até aquele ponto. Ele lembrou-se de como, a princípio, custava-lhe fazê-lo sair da cadeira; e o verdadeiro resultado disso tudo foi que, no fim, agora não havia cadeira no mundo que contivesse o seu afã. Seu afã (como Strether pintou de forma tão vivida e bem-humorada) continuava inteiramente reservado para Sarah, e parecia conter ademais a chave de todo o enigma, trazendo em sua espuma delicada e saborosa o próprio princípio, para o bem ou para o mal, do destino de Strether. Não era improvável que, no fim, os dois houvessem se unido para salvá-lo e esta, na realidade, *tinha* de ser a motivação de Waymarsh. Strether de todo modo ficava feliz de ver que, em relação ao caso, o salvamento requerido não era dos menores — constituindo, sob certos pontos de vista, um luxo descabido o fato de esconder-se ali, ao abrigo da luz forte. Havia momentos em que se perguntava com toda a seriedade se Waymarsh, em nome da velha amizade e mediante uma considerável dose de tolerância, na realidade não lhe concederia uma saída nos termos tão proveitosos como os que havia conquistado para si próprio. Não seriam os mesmos termos, claro;

mas haveria neles uma vantagem que ele mesmo jamais seria capaz de obter.

Waymarsh nunca aparecia assim tão tarde pelas manhãs, mas, tendo acabado de chegar da rua, e após uma olhadela para o refeitório sombrio, ali se apresentou com uma determinação que destoava de seu ar costumeiro, bem mais arredo. Fez questão de certificar-se, pela superfície de vidro que se abria para o pátio, que estavam a sós; e havia agora nele esse olhar, na realidade, que parecia tomar conta do salão. Estava em trajes de verão; e, salvo o colete branco, protuberante e excessivo nele, as demais peças do vestuário acentuavam, determinavam a sua expressão. Usava um chapéu de palha que seu amigo ainda não vira na cidade, e trazia uma magnífica rosa pregada à lapela. Strether de imediato compreendeu a história toda — compreendeu como, de pé fazia uma hora, a mais fresca do dia, tão agradável naquela época em Paris, ainda ofegante por causa da aventura, ele sem dúvida nenhuma havia acompanhado Mrs. Pocock ao *Marché aux Fleurs*. Strether realmente detectou, nessa mesma imagem, uma alegria que chegava a ser invejável, dada a reviravolta que parecia ter havido na posição de ambos; tão pesarosa que agora se revelava, por intermédio de uma brusca reversão da fortuna, a postura adotada pelo peregrino de Woollett. Ele se perguntou, esse peregrino, se algum dia chegou a mostrar-se tão destemido e, bem, tão evidentemente arrojado, aos olhos de Waymarsh, como este último tinha naquele dia o privilégio de mostrar-se a ele. Lembrou que, quando ainda estavam em Chester, seu amigo observara que o aspecto de Strether desmentia sua alegação de abatimento; mas certamente não poderia haver, quanto a esse ponto, um aspecto menos ligado do que o de Waymarsh à ameaça de decrepitude. Strether de mais a mais nunca adotara ares de um fazendeiro sulista dos dias de glória — que era a imagem pitorescamente sugerida pela feliz combinação entre a face

bronzeadada e o largo chapéu-panamá de seu visitante. Aprouve-lhe, ademais, pensar que esse tipo fora composto por Sarah; estava convencido de que havia um dedo de Mrs. Pocock na concepção e na compra do chapéu, assim como havia mais de um de seus belos dedos envolvidos na outorga da rosa. Ocorrera-lhe em meio ao fluxo dos pensamentos, como estranhamente as possibilidades lhe ocorriam, que *ele mesmo* nunca acordara com as galinhas para acompanhar uma mulher brilhante ao *Marché aux Fleurs*; tal prerrogativa não lhe podia ser atribuída nem com relação a Miss Gostrey nem com relação a Madame de Vionnet; a prática de acordar cedo para meter-se em aventuras não podia de maneira nenhuma ser-lhe imputada. Ocorreu-lhe na verdade que ali se concentrava sua sorte habitual: ele sempre perdia as oportunidades devido a seu costumeiro pendor por perdê-las, enquanto outras pessoas, por meio de oposta disposição, nunca as deixavam passar. E eram essas pessoas que se associavam à temperança, enquanto ele era visto como um indivíduo voraz; era ele que, de algum modo, no fim pagava a conta, enquanto os outros se limitavam a participar do banquete. Sim, ele ainda havia de seguir para o cadafalso sem saber direito por quem se sacrificava. Strether, por falar nisso, sentindo quase como se estivesse a um passo da execução agora, não deixava, porém, de extrair certo prazer da situação. E tudo funcionava pelo *fato* de ele estar ansioso — tudo funcionava pelo fato de Waymarsh, pela mesma razão, mostrar-se tão exuberante. Foi a viagem de seu companheiro, em busca do restabelecimento da saúde, em busca de mudança de cenário que se provou um sucesso — o que foi justamente o que Strether, testemunha cúmplice e esforçada, queria que tivesse sido. Essa verdade já desabrochava por inteiro nos lábios de seu amigo; benevolência que exalava deles como se pelo ardor da atividade intensa, e também um pouco pela urgência do tempo.

“Mrs. Pocock, a quem deixei no hotel faz quinze minutos, pediu-me que o informasse que gostaria de encontrá-lo aqui dentro de uma hora, mais ou menos. Ela quer vê-lo; tem algo a lhe dizer — ou acha, creio eu, que você talvez tenha: de forma que eu mesmo lhe perguntei por que não fazia uma visita. Ela ainda não lhe fez uma visita — não veio verificar onde está hospedado; e eu me encarreguei de assegurar-lhe que você ficaria feliz em recebê-la. O melhor, portanto, veja bem, é não arredar daqui até ela chegar”.

O anúncio foi feito de forma amena, embora, como era de praxe quando se tratava de Waymarsh, com alguma solenidade; mas Strether logo sentiu que mais coisas se ocultavam sob a aparente ligeireza. Era o primeiro passo, vindo daquelas bandas, na direção de um entendimento; o passo fez com que seu coração batesse mais forte; simplesmente significava que agora só cabia a ele explicar em que pé estava. Havia terminado o desjejum; afastou o prato e ergueu-se. Se não faltariam surpresas, quanto às dúvidas só restava uma: “E você, também deve esperar no hotel”? Waymarsh fora um pouco ambíguo sobre esse ponto.

Ele não se manteve ambíguo, porém, depois de ouvir a pergunta; e, no que se referia ao entendimento da situação, Strether provavelmente nunca se mostrou tão pasmo quanto durante os cinco minutos que se seguiram. Não fazia parte dos planos de seu amigo receber Mrs. Pocock; ele entendia perfeitamente bem o espírito da visita, mas a sua conexão com Sarah se limitava ao fato de ter sido — bem, como poderia dizer — um pouco responsável pela promoção do evento. Havia até imaginado (e fez com que ela soubesse disso) que Strether possivelmente não descartava a hipótese de ela já ter aparecido no hotel em outra ocasião. De qualquer modo, como se deu, fazia tempo que Mrs. Pocock estava ensaiando vir. “Eu disse a

ela”, Waymarsh observou, “que teria sido uma excelente ideia ter vindo antes”.

Strether declarou que a ideia era tão excelente quanto desconcertante. “Por que ela não *veio* antes? Temos nos visto todos os dias — bastava que dissesse a hora. Não fiz mais do que esperar”.

“Bem, foi o que eu disse a ela. Mas o fato é que Mrs. Pocock também esteve à espera”. Era da maneira mais inusitada do mundo, pelo tom que ele empregara, um novo Waymarsh que estava em sua frente — cordial, persuasivo, insistente; um Waymarsh consciente, mas com um tipo de consciência diferente de qualquer uma que ele jamais houvesse deixado transparecer, e que agora o convertia em uma figura quase insinuante. Só não dispunha de tempo para empregar todo o seu novo talento de persuasão, e Strether viria a descobrir no momento seguinte por quê. Enquanto isso, entretanto, não escapava a nosso amigo que Waymarsh estava anunciando uma iniciativa de algum modo generosa por parte de Mrs. Pocock, e desencorajava-o a fazer perguntas mais desabridas. Era seu nobre intento na verdade refrear qualquer questão desabrida. Strether mantinha o olhar bem preso nos olhos de seu velho amigo, que jamais lhe haviam transmitido assim tão surdamente tamanho acúmulo de bons conselhos e de confiança elevada. Tudo o que se passou entre eles estava mais uma vez mais estampado em seu rosto, mas agora de forma amadurecida, armazenada e finalmente descartada. “Em todo caso”, ele acrescentou, “ela agora está a caminho”.

Considerando-se a quantidade de peças que deviam encaixar-se, tudo se pôs, no cérebro de Strether, rapidamente em ordem. Ele viu na hora o que havia ocorrido e o que provavelmente ainda ocorreria; e tudo aquilo não deixava de ter sua graça. Foi justamente

essa sua liberdade de apreciação que talvez tenha inspirado o gracejo: “Mas o que ela *pretende*? — Matar-me”?

“Ela está vindo para ser *muito* gentil com você e, se me permite dizer, espero imensamente que não a trate com menor gentileza”.

Waymarsh fez a observação muito sério, como se estivesse advertindo-o, e, ao permanecer ali de pé, Strether soube que estava a um passo de adotar a atitude de um homem feliz por receber um presente. Essa dádiva — conforme se arrogava ter adivinhado o bom e velho Waymarsh — era a da oportunidade que ele, levemente ressentido, ainda não havia desfrutado; foi assim que seu amigo fez questão de oferecê-la junto com o café da manhã, em uma pequenina bandeja de prata, sem muita cerimônia mas com delicadeza — sem uma pompa opressiva; e ele apenas devia fazer uma mesura, sorrir e apreciar, devia aceitá-la, usá-la e ficar grato. Não era necessário — e aí estava a beleza do gesto — desviar-se demasiado de seus princípios. Não era de estranhar que o querido Waymarsh ali florescesse no ar ameno que ele próprio insuflara. Strether sentiu por um instante como se Sarah de fato estivesse esperando do lado de fora. Não estaria ela rondando a *porte cochère* enquanto seu amigo assim, sumariamente, preparava-lhe o caminho? Strether apenas se encontraria com ela e aceitaria os fatos, e tudo ficaria melhor no melhor dos mundos possível. Jamais tinha estado tão a par das intenções de alguém como, à luz daquela manifestação, ele agora estava ciente das de Mrs. Newsome. Havia passado de Sarah a Waymarsh, mas Sarah a havia recebido de sua mãe, e não havia nenhuma ruptura na corrente que agora o alcançava. “Ocorreu alguma coisa em particular ele perguntou depois de um minuto, “que a fez tomar essa decisão tão repentina? Houve algum imprevisto em casa”?

Pareceu-lhe que Waymarsh, ao ouvir aquilo, pregou-lhe um olhar ainda mais duro. “Imprevisto”? Sofreu uma breve hesitação; mas então falou com firmeza: “Vamos embora de Paris”.

“Embora? Isso é inesperado”.

Waymarsh mostrou que não estava de acordo. “Parece, mas não é. O propósito da visita de Mrs. Pocock na verdade é explicar-lhe por que *não é*”.

Strether não sabia absolutamente se contava com uma vantagem, qualquer uma, não importava qual; mas desfrutou naquele momento — como se pela primeira vez na vida — a sensação de dispor de uma. Perguntou-se — era engraçado — se não seria esse o sentimento que experimentavam os despudorados. “Posso garantir que aceitarei de bom grado qualquer explicação. Ficarei encantado em receber Sarah”.

Um brilho sombrio cobriu os olhos de seu camarada; mas o que o deixou impressionado foi a maneira como essa cintilação, no momento seguinte, apagou-se mais uma vez. Era como se isso viesse combinado com outro tipo de conhecimento, era como se viesse impregnado, como se poderia dizer, do aroma de flores. Strether de fato, naquele instante, lamentou a perda — ah, aquele velho conhecido, aquele querido olhar sombrio! Algo simples e direto, pesado e vazio, havia se eclipsado a um só tempo; algo pelo que se fizera tão conhecido a seu amigo. Waymarsh de certo modo não *seria* mais seu amigo sem a graça ocasional da ira dos justos, sem o direito a manifestar a ira dos justos, e esse direito — precioso para a estima de Strether e bem ao alcance de Mrs. Pocock — também lhe parecia ter sido confiscado. Strether evocou a ocasião, no início de sua viagem, quando, naquele mesmo lugar, seu amigo veio lhe dizer, de maneira honesta, mas cheia de maus presságios, para desistir de

tudo — e, em meio a essa evocação, sentiu que por muito pouco não imprimiu a mesma nota. Waymarsh estava se divertindo — era essa a verdade que mais o incomodava, a de que ele estava se divertindo ali mesmo, estava se divertindo na Europa, sob o amparo de circunstâncias que em última instância desaprovava; e tudo isso o punha em uma posição falsa, sem uma escapatória possível — nenhuma, pelo menos, mediante um estilo elevado. Estava praticamente ao alcance de todos — de todos salvo o pobre Strether que podiam, em vez de tomar qualquer atitude, contentar-se com fazer o melhor possível das explicações que lhe cabiam. “Não voltarei diretamente para os Estados Unidos. Mr. e Mrs. Pocock e Miss Mamie planejam fazer uma pequena viagem antes de regressar, e faz alguns dias que estamos falando de unir forças. Decidimos viajar juntos no fim do mês. Mas partimos amanhã para a Suíça. Mrs. Pocock quer apreciar os aspectos pinturescos. Ainda não teve a chance de ver muitos”.

Era corajoso a seu modo também: ele não guardava nada para si, confessava tudo o que havia para ser confessado, deixando apenas algumas conexões para serem feitas por Strether. “Foi Mrs. Newsome quem telegrafou para a filha, ordenando que regressasse imediatamente”?

O estilo elevado na verdade, diante disso, apenas soergueu ligeiramente a cabeça. “Nada sei dos telegramas de Mrs. Newsome”.

Nessa altura eles se entreolharam fixamente — e, durante esses poucos segundos, um evento, em absoluta desproporção com o tempo decorrido, sucedeu. Ocorreu que Strether, ao cravar os olhos no amigo, desconfiou da sinceridade de sua resposta — e algo mais seguiu-se a *isso*. Sim — Waymarsh estava bem a par dos telegramas de Mrs. Newsome: por que mais teria jantado com Sarah no Bignon? Strether de repente sentiu como se fosse a própria Mrs. Newsome

quem oferecera o jantar; e, nessa medida, sentiu que ela não só sabia do encontro, como também, nessa linha de raciocínio, o havia encorajado e abençoado. Teve uma visão rápida e indistinta de cabogramas diários, questões, respostas, sinais: mas bastou para que distinguisse o dispêndio em que, assim totalizado, a dama de Woollett estava disposta a incorrer. Não menos vivida foi sua lembrança de quanto, durante seus longos anos de observação, essas extravagâncias já haviam custado a Mrs. Newsome. Não havia como negar que ela agora chegava a seu ápice, e Waymarsh, que se imaginava um comediante independente, era na realidade, ao forçar sua bela voz natural, um coadjuvante onerado. Toda a questão da viagem de seu amigo mostrava a Strether que ela já concordava em tratá-lo com maior familiaridade e isso, mais do que tudo, privava-a de qualquer aura especial de consideração. “Você não sabe”, ele perguntou, “se Sarah recebeu instruções para me convencer a seguir com o grupo para a Suíça”?

“Nada sei”, disse Waymarsh, da maneira mais viril possível, “dos assuntos privados de Mrs. Pocock; mas suponho que ela esteja agindo em conformidade com princípios que contam com meu maior respeito”. Foi de fato suficientemente viril, mas a nota falsa voltara a soar — como, aliás, só podia ocorrer com uma resposta tão lamentável como aquela. Strether cada vez mais se convencera de que ele sabia de tudo o que havia negado, e agora era castigado perpetrando uma segunda lorota. A que posição mais falsa — considerando-se o homem em questão — poderia alguém ser submetido pelo espírito mais vingativo do mundo? Waymarsh terminou por esgueirar-se por uma passagem onde, três meses antes, certamente teria entalado. “Mrs. Pocock provavelmente está preparada para responder todas as suas perguntas. Mas”, ele continuou, “mas...!” Titubeou.

“Mas o quê? Não devo fazer perguntas demais”?

Waymarsh manteve o ar grandioso, mas o mal estava feito; não conseguiu, por mais que tentasse evitar o rubor. “Não faça nada de que possa lamentar-se depois”.

Tratava-se de um eufemismo, Strether adivinhou, para amenizar outro pensamento que lhe viera aos lábios; foi uma brusca recaída na retidão e foi, portanto, a voz da sinceridade. Ele recorreu a um tom de súplica e isso, de imediato, para nosso amigo, fez uma diferença e reabilitou-o a seus olhos. Voltaram à sintonia que lograram manter, naquela primeira manhã no salão de Sarah e na presença de Madame de Vionnet; e foi mais uma vez, afinal, possível reconhecer uma grande demonstração de boa vontade. Só que a quantidade de satisfação que Waymarsh até então havia tido como certa agora dobrava, decuplicava. O que ficou nítido quando ele em seguida afirmou: “Claro que não preciso dizer que gostaria muito que você viesse conosco”. Foi nessa hora que as implicações e expectativas de seu amigo cresceram aos olhos de Strether a ponto de se tornarem quase pateticamente desmedidas.

Este último deu uma tapinha no ombro do primeiro enquanto agradecia o convite, desconsiderando a possibilidade de unir-se aos Pockets; expressou mesmo assim a alegria que sentia ao vê-lo partir de novo de forma tão arrojada e desenvolta: na verdade quase se despediu dele ali mesmo. “Claro que nos veremos novamente antes de sua partida; mas, por ora, já lhe digo que sou muitíssimo grato por ter tomado de modo tão conveniente as providências que veio me contar. Agora quero caminhar pelo pátio — o velho e bom pátio que foi testemunha de nossos passos nesses últimos dois meses, atento ao som de nosso corre-corre e nossos tropeços, nossas dúvidas e nossas decisões: ficarei ali, muito impaciente e excitado (por favor, informe a Sarah), até ela ter a bondade de apresentar-se.

Não receie me deixar sozinho com ela”, ele disse, e riu. “Eu lhe asseguro que não a magoarei. Também não suponho que ela *me* magoará: já faz algum tempo estou numa situação que me preserva de qualquer outro mal. Além do mais, não é *isso* que o preocupa — mas não, não tente explicar-se! Estamos acertados como estamos; e este, aparentemente, é o grau de sucesso que nossa aventura garantiu a cada um de nós. Parece que não estávamos muito acertados antes; mas nos recuperamos, pensando nisso, bem rapidamente. Desejo-lhe uma excelente viagem pelos Alpes”.

Waymarsh já parecia mirá-lo como se estivesse ao pé dessas montanhas. “Não sei se *devo* realmente ir”.

Era a consciência de Milrose expressa pela própria voz de Milrose, mas, ah, era tão frágil e desprovida de emoção! De repente Strether sentiu vergonha por ele, e procurou ser mais enfático; “Pelo contrário: *deixe-se* levar — siga por todos os caminhos mais agradáveis. Há momentos preciosos — que, em nossa idade, podem não se repetir. Que não tenha de dizer a si mesmo, no próximo inverno em Milrose, que não teve coragem de vivê-los”. E, então, seu companheiro acrescentou, enigmaticamente: “Não decepcione Mrs. Pocock”.

“Decepcionar”?

“Você é de imensa valia para ela”.

Waymarsh contemplou a ideia como se fosse uma daquelas coisas que eram verdadeiras, claro, mas que soavam irônicas ao serem ditas. “Sou de bem mais valia do que você”.

“Esta nada mais é do que a sua prerrogativa, do que a sua oportunidade. Além disso”, disse Strether, “eu também contribuo, a meu modo. Sei bem o que eu faço”.

Waymarsh não havia tirado o seu panamá e, agora de pé, junto à porta, seu último olhar lançado sob a sombra do chapéu mais uma vez cobria-se de trevas e de advertências. “Assim como eu! Olhe aqui, Strether”.

“Sei o que vai dizer: Desista”!

“Desista”! Mas a exortação carecia da antiga intensidade; nada mais restava dela; desapareceu dali junto com ele.

III

Curiosamente a primeira coisa que, cerca de uma hora mais tarde, Strether se pegou fazendo na presença de Sarah foi emitir uma eloquente observação sobre esse malogro do amigo deles em reproduzir o que havia sido, a olhos vistos, sua maior distinção. Era como se o bom homem o houvesse sacrificado — ele naturalmente aludia ao estilo elevado — em prol de alguma outra vantagem; a qual decerto só a Waymarsh cabia determinar. Podia ser simplesmente pelo fato de ele mostrar-se fisicamente muito mais saudável do que quando chegou — tudo o mais soando bastante prosaico, bastante alegre e vulgar em comparação. E felizmente, se se chegasse a isso, sua melhora na saúde em si valia mais do que qualquer estilo que se pudesse supor ter-lhe custado. “A senhora sozinha, minha querida Sarah”, Strether arriscou, “parece ter feito tão bem para ele, nestas três últimas semanas, quanto todo o restante da viagem em conjunto”.

Tratava-se de um risco porque, de certo modo, dadas as condições, não deixava de haver “graça” no espectro de referências, o que se intensificou com a atitude de Sarah, com a clara reviravolta que se deu com a chegada dela. A chegada de Mrs. Pocock foi realmente o mais engraçado de tudo — o espírito no qual ele sentiu sua presença tão logo ela chegou, as nuvens escuras que se dissiparam assim que ele se sentou com ela no pequeno *salon de lecture* que havia em grande parte, nessas semanas, testemunhado o declínio das vivas discussões que no início mantivera com Waymarsh. Foi algo imenso, quase tremendo, que Sarah houvesse aparecido: essa verdade se lhe impôs apesar de ele, por si só, em ampla medida já a ter intuído. Strether fizera o que tinha prometido a Waymarsh — havia percorrido e tornado a percorrer o pátio enquanto aguardava a chegada da irmã de Chad, adquirindo com o exercício uma quantidade de luz que naquele momento lhe parecia inundar a cena. Ela se decidira por aquele passo para dar-lhe o benefício da dúvida, para ser capaz de dizer à sua mãe que lhe havia, a um ponto quase abjeto, aplainado o terreno. A dúvida estava na possibilidade de ele acusá-la de não ter feito isso — e a advertência possivelmente fora sugerida pelo espírito mais desinteressado de Waymarsh. Em todo caso Waymarsh por certo jogara todo o seu peso na balança — mencionara a importância de defender o amigo contra uma injustiça. Sua amiga dera ouvido ao apelo, e foi no espírito desse nobre ideal que ela na realidade ali se acomodou, ansiosa. Sarah demonstrou cálculo preciso na maneira rígida como segurava a sombrinha no alto e à distância de um braço, quase como se tivesse chegado ali para fincar sua bandeira; nas diferentes precauções que tomara para não aparentar nervosismo; na agressiva serenidade com que se limitava a esperar por sua iniciativa. Não lhe restaram mais dúvidas a partir do momento em que ele percebeu que ela não trouxera nenhuma proposta; que cuidava de mostrar que não viera senão para receber. A dama viera

para receber sua rendição, e Waymarsh devia ter-lhe deixado bastante claro que ela não faria por menos. Ele discerniu, nesse seu anfitrião, cinquenta coisas nesse cenário apropriado; mas a que mais lhe saltou à vista foi que o amigo em comum não tivera exatamente a firmeza que seria esperada da parte dele. Waymarsh, entretanto, pedira-lhe que fosse amável com ela e, ao deambular pelo pátio à sua espera, Strether havia remoído com afincos as diferentes maneiras de atender ao pedido. A dificuldade residia no fato de que, se fosse amável, não se mostraria — para os propósitos dela — consciente. Se ela queria vê-lo lúcido — e tudo nela alardeava esse desejo —, conseqüentemente devia saber que havia um preço a ser pago. De sua parte, ele *estava* consciente — só de que aspectos em demasia; de modo que restava a Sarah escolher o que mais lhe convinha.

Todavia, esse aspecto por fim se definiu e, no mesmo instante, os dois se viram bem no âmago da questão. Nem importava bem o que havia levado a isso; quando Strether queixou-se da partida de Waymarsh, e a queixa naturalmente conduziu a uma referência à intenção semelhante por parte de Mrs. Pocock, o salto manifestado alcançou, ou quase, a suprema lucidez. A luz de fato se tomou depois disso tão intensa que Strether mal podia ter entrevisto, sob esse brilho prodigioso, qual dos dois havia na realidade precipitado os eventos. Fez-se tão intensa entre eles, naquele ambiente estreito, que foi como se algo houvesse de repente ido com estrondoso chape ao chão. Sua submissão se daria na forma de um compromisso por exonerar-se no prazo de vinte e quatro horas. "Basta uma palavra sua para que ele venha conosco — ele me deu sua palavra de honra": a observação veio por ordem, fora de ordem, com respeito a Chad, logo após o estrondo. Tornou a ecoar repetidas vezes durante o tempo que levou para Strether perceber que estava ainda mais firme em sua posição do que havia suposto — tempo que recorreu à baixeza de prolongar um pouco dizendo-lhe que estava bastante

surpreso com a atitude que atribuía ao irmão. Sarah não foi nada engraçada no fim — ela foi perfeita; e ele pôde ver com clareza de onde extraía sua força — a força que a animava. Ainda não lhe havia ocorrido que sua interlocutora, mui nobre e designadamente, seguia uma fonte oficial. Sarah agia em nome de interesses maiores e mais claros do que seu pobre e frágil equilíbrio pessoal, seu pobre equilíbriozinho parisiense. Strether viu crescer a consciência que tinha da pressão moral exercida pela mãe dela em função dessa prova cabal de sua força protetora. Sarah ganharia apoio, sairia fortalecida; não precisava de forma nenhuma compadecer-se dela. O que mais uma vez se teria tornado evidente, caso houvesse cogitado, era que, como Mrs. Newsome em essência representava uma pressão moral, a presença desse elemento quase equivalia à presença dela, em pessoa. Não era, talvez, como se ele se sentisse lidando diretamente com ela, mas era sem sombra de dúvida como se ela estivesse sendo direta com *ele*. De algum modo ela o alcançava através do longo braço do espírito e, nesse sentido, Strether era obrigado a tomá-la em consideração; mas ele, por sua vez, não a alcançava, não a fazia levá-lo em conta; ele só alcançava Sarah, para quem ele aparentemente pouco importava. “Algo claramente se deu entre a senhora e Chad”, ele disse em seguida, “e sinto que devo saber um pouco mais a respeito. Ele põe tudo”, perguntou, sorrindo, “nas minhas mãos”?

“O senhor veio a Paris”, ela volveu, “para pôr tudo nas *dele*”?

Mas ele contentou-se em dizer, após um instante, sem prolongar o assunto: “Ah, está certo. Isto é, está certo que Chad lhe tenha dito... bem, o que for que possa ter dito. Eu assumo toda a responsabilidade... do que ele realmente me imputar. Mas preciso falar com ele antes de termos outra conversa”.

Ela hesitou, mas manifestou seu sentimento. “É absolutamente necessário que tenhamos outra conversa”?

“Claro, se for para que eu lhe dê alguma palavra definitiva sobre o assunto”.

“Está decidido então”, ela retorquiu, “a constranger-me a novos encontros, apenas para expor-me a novas humilhações”?

Ele a fixou com vagar. “Mrs. Newsome a instruiu a romper comigo, mesmo diante do pior, para todo o sempre”?

“As instruções que obtive de Mrs. Newsome são, se me permitir, assunto meu. O senhor sabe perfeitamente bem quais eram as suas, e pode julgar por si mesmo as consequências por tê-las tomado como as tomou. De todo modo, o senhor pode ver claramente (chego a ponto de afirmar) que, se não desejo me expor, desejo ainda menos expor a *ela*” Sarah já havia dito mais do que pretendia; mas, embora houvesse se interrompido, a cor que lhe subiu às faces mostrou a seu interlocutor que, de um momento para outro, diria tudo o que tinha para dizer. De fato, Strether agora sentia a suprema importância de saber de tudo, “Que mais sua atitude representa senão uma afronta para mulheres como *nós*? Refiro-me ao fato de presumir que possa haver uma dúvida — como se entre nós e alguma outra pessoa — sobre a quem ele deve obrigação”?

Ele refletiu um instante. Era uma acusação grande demais para ser confrontada por inteiro; não apenas por causa da questão em si, mas pelos dolorosos abismos que ela implicava. “Claro que se trata de obrigações de tipo bem diferente”.

“E o senhor alega que ele deva assumir seja qual for — por essa outra pessoa”?

“Refere-se a Madame de Vionnet”? Ele não pronunciou o nome para confrontá-la, mas com o objetivo de, mais uma vez, ganhar tempo — tempo que precisava para absorver algo ainda maior do que sua exigência de um momento antes. Não foi de imediato que conseguiu perceber tudo o que havia por trás da provocação de Sarah; mas, quando enfim percebeu, apanhou-se refreando um som surdo e indistinto, um som que talvez mais se aproximasse de um grunhido jamais conhecido por suas cordas vocais. Tudo o que estava encerrado no fato de Mrs. Pocock ter-se recusado a admitir o menor indício de uma transformação em Chad — tudo o que emprestara intenção a essa recusa — pareceu-lhe ter sido reunido em um grande fardo e atirado, junto com as palavras dela, em sua cara. Assim o míssil o fizera perder o fôlego; o qual, porém, ele logo recuperou. “Mas por quê, visto que, quando uma mulher é a um só tempo tão encantadora e tão benfazeja...”

“Podemos despidoradamente sacrificar mães e irmãs a seus pés, e podemos forçá-las a cruzar o oceano para que possam sentir mais de perto, e para que presenciem com os próprios olhos, *como* o senhor realiza esse feito”?

Sim, foi desse modo rápido e brutal que ela o interrompeu, mas ele tentou não titubear sob seu jugo. “Não creio que tenha feito nada assim tão calculado, como diz. Tudo se deu como uma espécie de parte indistinguível de todo o resto. A sua vinda tem estreita relação com o fato de eu ter vindo antes, e minha vinda deve-se a nosso estado geral de espírito. Essa nossa disposição geral derivou, por sua vez, de nossa peculiar ignorância, de nossos estranhos equívocos e confusões — a partir dos quais, desde então, uma inexorável onda de luz parece ter-nos trazido essa compreensão, porventura ainda mais estranha. Seu irmão hoje não lhe *agrada*”, ele prosseguiu, “e a

senhora não fez um claro relato para sua mãe sobre o resultado de tudo isso”?

Não resta dúvida de que o tom de suas palavras também colocou diante dela inúmeras considerações; isso ao menos teria sido o caso se a pergunta contida no fim de sua explanação não lhe fornecesse uma forma direta de ajuda. Tudo, no estágio a que haviam chegado, a ajudava, pois tudo traía nele uma base de intenção. Ele notou (como era curioso!) que seria considerado menos monstruoso se ao menos pudesse mostrar-se mais destemperado. O que o deixava tão exposto era justamente seu velho e infeliz hábito da introspecção, o que o deixava exposto era ter *cogitado* tal ofensa. A despeito das acusações de Sarah, Strether não tinha nenhuma intenção de irritá-la e, no fim, por ora só podia transigir com o ponto de vista indignado de sua interlocutora. Não esperava encontrar Mrs. Pocock tão inflamada, e provavelmente entenderia melhor as razões de seu agastamento se pudesse saber o que se passara entre ela e Chad. Até então a singular opacidade que Sarah lhe atribuía, sua surpreendente recusa em segurar o bastão que ela lhe estendia, só poderiam ser atribuídas a um comportamento extravagante. “Deixo que o senhor se convença”, ela volveu, “de que é sua essa bela obra que descreveu. Quando algo já foi pintado com cores tão encantadoras...”! Mas se conteve, e seu comentário sobre a descrição que ele fez soou com toda a força: “Como pode sequer compará-la a uma mulher honesta”?

E ali estava por fim! Ela apresentou a questão de uma forma mais crua do que Strether, por causa de seus próprios desígnios mais variados, jamais precisou apresentar; mas, em essência, tratava-se da mesma questão. Era tremendo... tremendo; e ela tratava o assunto, pobre senhora, como se fosse uma trivialidade. Ele começou a perceber, como agora sabia fazer, que esboçava um sorrisinho

estranho, e no momento seguinte pegou-se falando como Miss Barrace. “Desde o início ela me pareceu estupenda. Também achava que, no fim das contas, a senhora concordaria que ela representava algo bastante novo e bastante benéfico”.

Sua réplica, porém, só fez com que Mrs. Pocock ganhasse uma excelente oportunidade para expressar o seu escárnio. “Bastante novo? Sinceramente, gostaria de ter visto”!

“Quero dizer”, ele explicou, “que poderia ter ficado impressionada com seus modos amáveis e refinados — uma verdadeira revelação, como me pareceu; sua grande singularidade, sua distinção em todos os sentidos”.

Ele percebeu que, com essas palavras, estava sendo um pouco “precioso”; mas sentiu que eram necessárias — sem elas, não poderia ter-lhe apresentado toda a verdade sobre o caso; ainda por cima, pareceu-lhe que agora não ligava mais. Mas não foi o bastante, pois ela atacou o flanco exposto de seu argumento. “Uma ‘revelação’... para *mim*? Vim ter com essa mulher em busca de uma revelação? O senhor me fala de ‘distinção’ — o senhor, que já teve oportunidade de gozar desse privilégio? — Quando a mulher mais distinta que qualquer um de nós já conheceu sofre, solitária, o insulto de sua inacreditável comparação”!

Strether fez um esforço para não se intimidar, mas deixou correr os olhos pela saleta. “Foi sua mãe quem fez questão de dizer que se considera insultada”?

A resposta de Sarah veio tão direta, tão “a propósito”, quanto poderia ter sido dita que no mesmo instante Strether pressentiu de onde vinha. “Ela confia em meu julgamento e em rainha sensibilidade para manifestar o seu ponto de vista, e assegurar a sua

dignidade pessoal”. Eram as próprias palavras da senhora de Woollett — ele as teria reconhecido em meio a milhares de outras; seu presente de despedida para a filha. Mrs. Pocock, por conseguinte, falava com conhecimento de causa, e o fato o comoveu profundamente. “É naturalmente terrível, assaz terrível, que Mrs. Newsome de fato se sinta insultada. Eu dei provas suficientes, ou assim se poderia imaginar”, ele acrescentou, “de minha profunda admiração por ela”.

“Por obséquio me explique: que prova o senhor deu que poderia ser considerada, como *afirma*, ‘suficiente’? O fato de que considera essa pessoa daqui tão infinitamente superior a ela”?

Strether mais uma vez refletiu; esperou. “Ah, minha querida Sarah, é preciso que *deixe* comigo essa pessoa daqui”!

Suavemente, com um quase gemido, ele fez esse apelo na ânsia de evitar todo tipo de réplica grosseira, de mostrar como, de maneira até mesmo perversa, se aferrava a seu fio de razão. Contudo, sabia que talvez fosse a declaração mais categórica que jamais fizera em roda a vida, e a reação de sua convidada era praticamente um atestado de sua importância. “Terei muitíssimo prazer em atendê-lo. Deus sabe que não a queremos! O senhor foi bem habilidoso em não discutir”, ela observou em um tom ainda mais elevado, “o que penso sobre a vida deles. Se considera que é algo de que se pode *falar*, congratulo-o por seu tato”!

A vida a que Sarah aludiu era, decerto, a de Chad e de Madame de Vionnet, que assim aproximava de uma forma que o fez estremecer ligeiramente; pois nada lhe restava a fazer exceto aceitar a implicação que havia por trás do comentário. Só podia, nada obstante, atribuir à própria inconseqüência o fato de, tendo se prestado durante semanas à observação das manobras daquela

mulher brilhante, agora sentir-se magoado quando ouvia qualquer tipo de imputação vinda de lábios alheios. “Tenho-a em altíssima conta, ao mesmo tempo que realmente acho que a ‘vida’ dela não é assunto meu. O assunto me concerne apenas na medida em ele afeta a vida de Chad; e o que aconteceu, não percebe? é que a vida dele foi afetada de uma forma magnífica. Só se conhece uma guloseima ao comê-la”. Ele tentava, sem muito sucesso, ilustrar seus argumentos com um pequeno gracejo, enquanto ela o deixava seguir adiante, como se para vê-lo afundar cada vez mais. Ele prosseguiu, todavia, muito bem, fez o melhor que pôde sem dispor de novas informações; de fato não deveria adotar uma posição tão firme até que pudesse restabelecer a comunicação com Chad. Ainda assim, sempre podia falar em nome da mulher a quem prometeu, com tanta firmeza, “salvar”. Não era bem o ar da salvação de que Madame de Vionnet precisava; contudo, com o avanço do desalento, em que mais isso se transformava senão na lembrança de que, na pior das hipóteses, urgia perecer *com* ela? E era algo bastante simples — era rudimentar: não podia abandoná-la. “Vejo nela mais méritos do que a senhora provavelmente terá a paciência de ouvir. E sabe”, ele inquiriu, “como me sinto quando se refere a Madame de Vionnet nesses termos? É como se a senhora tivesse algum motivo para não reconhecer tudo que ela fez pelo seu irmão, e assim fechar os olhos para os dois lados da questão, a fim de que, seja qual for o que surgir primeiro, não tenha dificuldade para livrar-se do outro. Se me permite dizer, com o mínimo de honestidade, não vejo como consiga livrar-se do lado que lhe está mais próximo”.

“Próximo de mim... esse tipo de coisa”? E Sarah jogou a cabeça para trás como se procurasse impedir qualquer tipo de aproximação.

O gesto fez com que seu próprio amigo se mantivesse ao largo e ele, por um momento, respeitou a distância. Então, num último

esforço de persuasão, ele a atravessou. “A senhora me dá sua palavra de honra de que não aprecia a bela transformação de Chad”?

“Bela”? Ela mais uma vez repetiu. E de fato estava preparada. “Para mim é abominável”.

Fazia alguns minutos que sua retirada parecia iminente, e Sarah já se encontrava perto da porta que se abria para o pátio, de cuja soleira emitira a sua opinião. Seu eco soou tão forte que durante algum tempo nada mais se ouviu. Por causa disso, Strether falou com menos bravura; ele acusou ter entendido, mas foi só. “Oh, se é o que a senhora pensa...”!

“Não há nada mais a dizer? Tanto melhor. É o que penso”! Ela saiu em seguida, cruzando o pátio, atrás do qual, do outro lado do arco avantajado da *porte cochère*, a pequena vitória que a havia trazido de seu hotel estava estacionada. Sarah arrojou-se decidida ao veículo, e o modo como interrompeu a entrevista, o espinho agudo de sua réplica tiveram uma intensidade que no início deixaram Strether paralisado. Ela se retirou como que por intermédio de uma corda retesada, e custou um minuto inteiro para nosso amigo recuperar-se do sentimento de que havia sido alvejado. Não tinha nada, esse sentimento, da agudez do espanto, mas sim, muito mais, da certeza; o seu caso lhe fora exposto tal como ele, até então, só expusera para si mesmo. Sarah partira, de toda forma; já estava longe — a passos largos e ar altivo, sem dúvida nenhuma levada por seu orgulho e sua desenvoltura; alcançara a carruagem antes que ele conseguisse detê-la, e o carro já estava em movimento. Strether parou na metade do caminho; permaneceu no pátio observando-a partir sem deixar de notar que ela não olhou sequer uma vez para trás. Da maneira como via, o caso podia muito bem ter chegado ao fim. Cada um dos movimentos dela, em sua clara intenção de ruptura, reafirmava, reforçava essa ideia. Sarah desapareceu na rua

ensolarada, enquanto ele, plantado ali no pátio comparativamente mais cinzento, apenas continuou olhando para a frente. O caso provavelmente *tinha chegado* ao fim.

Livro Décimo Primeiro

I

STRETHER FOI TARDE DA NOITE ao *Boulevard Malesherbes*, não só porque teve a impressão de que seria inútil ir mais cedo, mas também porque, mais de uma vez durante o dia, não deixara de informar-se com a zeladora. Chad não aparecera e também não deixara nenhum recado; ele aparentemente tinha assuntos a tratar naquela altura dos acontecimentos, como lhe havia ocorrido que tivesse — o que o fez manter-se ausente. Nosso amigo chegou a inquirir acerca de seu paradeiro no hotel da *Rue de Rivoli*, mas a única notícia que obteve ali foi a de que todos estavam fora. Com a ideia de que o moço teria de voltar para dormir Strether foi bater em seu apartamento, para o qual Chad todavia ainda não havia retornado quando, alguns minutos depois, na sacada do prédio, seu visitante ouviu soar a badalada das onze horas. O criado já o havia alertado sobre a reaparição do jovem; ele tinha, Strether soube, subido rapidamente para vestir-se e saído para jantar em seguida. Strether passou uma hora esperando por ele — uma hora cheia de estranhas sugestões, persuasões, reconhecimentos; um dos quais viria a recordar-se, ao fim de sua aventura, como sendo o mais significativo de todos. Um abajur de luz suave e uma poltrona confortável lhe haviam sido providenciados por Baptiste, criado dos mais sutis; o romance com sua capa macia amarelo-limão, com páginas ainda não rompidas e com o corta-papel de marfim cruzado sobre ele como uma adaga no cabelo de uma *contadina*^[16] havia sido arrastado para o interior do ameno círculo luminoso — um círculo

que, por alguma razão, pareceu-lhe ainda mais ameno depois de Baptiste ter observado que, se monsieur nada mais desejasse, ele se retiraria para seu quarto. A noite estava cálida e pesada e aquele único abajur lhe bastava; o grande esplendor da cidade iluminada, que se elevava para o alto e se espalhava a distância, chegava vindo do bulevar e, pela vaga perspectiva dos aposentos sucessivos, realçava os objetos, conferindo-lhes dignidade. Strether se sentiu seguro como até então nunca se sentira; ele já estivera ali sozinho, vasculhara livros e gravuras, invocara, durante a ausência de Chad, o espírito do local, mas nunca naquela hora mágica e nunca mediante o júbilo de uma dor tão íntima e aguda.

Ele passou bastante tempo à sacada; debruçou-se sobre o parapeito como tinha visto debruçar-se o pequeno Bilham no dia de sua primeira visita, como tinha visto Mamie no dia em que o próprio Bilham talvez a tivesse avistado da rua; voltou-se para os aposentos, os três que se localizavam na frente e cuja comunicação se dava por meio de portas largas; e, enquanto perambulava e descansava, tentava ressuscitar a impressão que essas salas lhe trouxeram três meses antes, a fim de recapturar a voz com a qual elas então lhe pareceram falar. Essa voz, Strether precisava admitir, calara-se a seus ouvidos — o que ele tomou como sinal de sua própria transformação. Ele ouvira, outrora, apenas que fora *capaz* de ouvir; e o que agora lhe restava a fazer era pensar naquela ocasião de três meses antes como um ponto de um passado remoto. Todas as vozes tinham mais substância e significado; elas o cercavam à medida que caminhava — era essa maneira de falarem em conjunto que o deixava inquieto. Ele se sentia estranhamente melancólico como se houvesse vindo para praticar algum malfeito e, por outro lado, excitado como se lá estivesse para obter a alforria. Mas era essa liberdade o traço que mais convinha à hora e ao lugar; era ela que o reconduzira à sua própria mocidade havia muito perdida. Strether

teria sido incapaz de explicar, hoje, tanto por que sentia falta da juventude quanto por que, após tantos anos, devesse preocupar-se com isso; a verdade fundamental acerca do apelo daquilo tudo naquele momento era que tudo aquilo, sem embargo, representava a essência de sua perda, trazia-a ao seu alcance, diante de seus dedos, transformava-a, em um grau inaudito, em uma matéria dos sentidos. Foi nisso que ela se converteu naquele momento singular, essa sua mocidade perdida — uma estranha presença concreta, cheia de mistérios, mas também cheia de realidade, algo que podia manusear, saborear, cheirar, e cuja respiração profunda ele positivamente podia ouvir. Estava no ar de fora como no de dentro; estava na demorada contemplação à sacada, naquela noite estivai, da vasta vida noturna de Paris, o incessante rumor, movimentado e suave, abaixo, das pequenas carruagens iluminadas que, em sua urgência, sempre lhe sugeriram a imagem de jogadores abrindo caminho para as mesas, como os que vira noutros tempos em Monte-Carlo. A imagem estava em sua frente, quando ele enfim se deu conta da presença de Chad, vindo por trás.

“Ela me disse que você pôs tudo em *minhas* mãos”, ele, depois disso, não tardou em oferecer essa informação; o que situava o caso independentemente do ponto onde o moço parecia, por ora, disposto a deixá-lo. Outros elementos, com essa vantagem de contarem com a noite quase toda pela frente, vieram à baila, apresentando ademais o efeito peculiar de tornar a ocasião, em vez de algo apressado e febril, uma das oportunidades mais amplas, fáceis e serenas com que a aventura de Strether haveria de regalá-lo. Desde cedo estivera à procura de Chad e somente então conseguira alcançá-lo; mas agora o atraso era recompensado pelo fato de se ver em um confronto tão excepcional. Claro que ambos tiveram a chance de se congraçarem nas várias vezes anteriores; estiveram frequentemente, desde aquela primeira noite no teatro, face a face diante do problema comum; mas

nunca tão a sós quanto agora — a conversa até então nunca fora tão absolutamente deles. E, se muitas coisas se deram entre eles nenhuma chamou mais a atenção de Strether do que a surpreendente verdade sobre Chad, verdade que tantas vezes fora compelido a registrar: a de que com o moço tudo felizmente redundava no fato de que sabia viver. Essa certeza estava estampada em seu sorriso satisfeito — um sorriso que satisfazia exatamente no grau apropriado — quando seu visitante se virou, na sacada, para saudar o recém-chegado; seu visitante na verdade sentiu na hora que aquele encontro apenas serviria para comprovar essa habilidade. Nada assim restava a fazer senão render-se a um dom tão consagrado; pois de que valia essa habilidade se os outros não se rendessem? Por sorte não queria impedir Chad de viver, pois sabia muito bem que, mesmo que quisesse, teria sido feito em pedaços. Foi em essência por reduzir sua vida pessoal a uma função totalmente subsidiária à do jovem que ele foi capaz de conservar a integridade. E o grande ponto, acima de tudo, o sinal de que Chad dispunha do conhecimento em questão, era que as pessoas conseqüentemente se convertiam, não apenas com alegria apropriada, mas também tomadas por um impulso sincero e espontâneo, em afluentes de seu estuário. Em menos de três minutos de conversa, portanto, Strether sentiu que não fora à toa que esperou com tanta ansiedade. A impressão se fez mais intensa, afluiu abundantemente, enquanto observava a relativa contenção de seu amigo. Essa era exatamente a feliz circunstância desse amigo; ele “pendurava” sua excitação, ou qualquer emoção que o assunto envolvesse, como pendurava a roupa; e nenhuma outra disposição seria mais satisfatória para a ordem doméstica. Cabia ao próprio Strether, em resumo, intuir uma analogia pessoal com a lavadeira levando para casa os triunfos da calandra.

Após Strether tê-lo inteirado da visita de Sarah, descrita em detalhes, Chad respondeu sua questão com perfeita candura. “Eu de fato sugeri que ela fosse conversar com o senhor — disse que não podia deixar de fazer-lhe uma visita. Tudo se passou em dez minutos, na noite passada. Foi nossa primeira conversa franca — realmente a primeira vez que ela me abordou diretamente. Sarah sabia que eu sabia qual era a linha que vinha seguindo com o senhor; conhecia ademais todo o seu esforço para tornar as coisas mais fáceis para ela. Assim eu falei em seu nome com toda a sinceridade — disse-lhe que o senhor estava ao seu dispor. Assegurei-lhe que eu também estava”, o moço prosseguiu, “observei que, a qualquer momento, podia ter vindo a mim. A dificuldade dela foi simplesmente não ter encontrado a ocasião ideal”.

“A dificuldade foi que simplesmente”, Strether redarguiu, “ela percebeu que tinha receio de você. Sarah não tem o menor receio de mim; e foi justamente quando viu como fico nervoso ao pensar nisso que encontrou, com razão, sua melhor oportunidade para atormentar-me o máximo possível. Acho que ela no fundo está feliz por você ter colocado tudo em minhas mãos, possivelmente tão feliz quanto você ficou colocando”.

“Mas o que foi que eu fiz, meu caro”, Chad perguntou, refutando a clarividência de seu amigo, “para que Sally tivesse medo de mim”? “Você foi ‘estupendo, estupendo’, como nós dizemos — pobres espectadores, que assistimos à peça do fundo da plateia; e foi isso que, de modo admirável, a deixou nesse estado. E o efeito foi ainda mais efetivo quando percebeu que você não fazia nada de propósito — quero dizer, com o propósito de lhe causar temor”.

Chad deitou um amável olhar retrospectivo sobre o que poderia tê-lo motivado. “Mas eu só quis ser gentil e cordial, honrado e atento — é só o que ainda quero ser”.

Strether sorriu diante dessa clareza tranquilizadora. “Bem, certamente não há nada melhor a fazer do que deixar que eu assumo todo o ônus. Só assim conseguiremos reduzir a quase nada o desgaste e os ataques que você, pessoalmente, sofreria”.

Ah, mas Chad, com sua concepção mais ampla de cordialidade, não podia aceitar essa proposta! Os dois permaneciam na sacada, onde, após um dia de grande calor prematuro, podiam aspirar o delicioso ar da meia-noite; recostaram-se, um de cada vez, contra a balaustrada, em perfeita harmonia com as cadeiras e os vasos de flores, os cigarros e a luz das estrelas. “O ônus não é *realmente* seu — depois de termos concordado em esperar juntos e em fazer, juntos, um balanço da situação. Foi isso que eu disse a Sally”, Chad continuou, “que apenas estivemos, que ainda estamos, deliberando em conjunto”.

“O fardo não me amedronta”, Strether explicou; “não foi para livrar-me dele que vim para Paris. Parece-me que vim para dobrar-me sobre as pernas dianteiras como um camelo que se ajoelha para facilitar a subida ao costado. Mas suponho que você enquanto isso tenha feito um bocado de deliberações íntimas — acerca das quais não quis aborrecê-lo; só queria saber em primeira mão de você a que conclusão chegou. Só peço isso; estou pronto para aceitá-la, seja qual for”.

Chad virou o rosto para o céu, soltando uma baforada fleumática. “Sim, eu percebi”.

Strether aguardou um instante. “Acho que posso dizer que não o incomodei; desde nossa primeira hora ou duas (quando apenas lhe pedi que tivesse paciência), não tornei a abrir a boca”.

“Ah, o senhor tem sido muito bom”!

“Então nós dois temos sido — cumprimos as regras. Nós lhes fornecemos as condições mais favoráveis”.

“Ah”, Chad exclamou, “condições esplêndidas! Tiveram a chance, a chance...”, ele pareceu divagar, enquanto fumava, com os olhos presos nas estrelas. Era como se estivesse, numa brincadeira silenciosa, lendo o horóscopo de seus amigos. Strether no meio tempo perguntava-se que chance seria, e seu interlocutor finalmente revelou. “Tiveram a chance de simplesmente deixar-me só; cabia-lhes, quando realmente me enxergassem com os próprios olhos, chegar à conclusão de que eu podia muito bem seguir como estava”.

Com a cabeça, Strether assentiu, muito lúcido, à exposição, sem que o uso do plural (representando tanto Mrs. Newsome quanto a filha) lhe reservasse qualquer ambiguidade. Aparentemente, Mamie e Jim não estavam representados; e isso serviu para aumentar sua impressão de que Chad lia seus pensamentos. “Mas elas chegaram à conclusão oposta: decidiram que você *não* podia seguir assim como estava”.

“Não”, Chad continuou na mesma toada; “não aceitam isso nem por um minuto”.

Strether, por sua vez, fumava, absorto. Era como se aquele lugar, por ser alto, realmente constituísse algum tipo de atalaia moral da qual pudessem contemplar o passado recente. “Nunca houve a *menor* possibilidade, você sabe, de que aceitassem”.

“Claro que não... nenhuma possibilidade verdadeira. Mas se estivessem dispostas a considerar a hipótese...”!

“Mas não estavam”. Strether já havia decidido. “Não foi por você que vieram, mas por mim. Não foi para verem com os próprios olhos o que você está fazendo, mas o que eu estou. O primeiro

estágio de sua curiosidade estava destinado, por causa de meu atraso criminoso, a dar lugar a uma segunda ramificação; é nesta última, se me permite usar a alegoria e não faz caso de minha alusão hostil, que nos últimos tempos encontram-se quase sempre empoleiradas. Quando Sarah embarcou, em outras palavras, era atrás de mim que elas estavam”.

Chad reagiu com clemência e lucidez. “É um negócio e *tanto* esse em que o meti”!

Strether tornou a fazer uma pausa breve; que terminou com uma resposta que pareceu inibir, de uma vez por todas, esse apelo à penitência. Em todo caso Chad viria a portar-se, quando tornassem a se ver, como se o assunto estivesse encerrado. “Eu já estava ‘envolvido’ quando você me encontrou”.

“Ah, mas foi o senhor”, o jovem disse, rindo, “quem *me* encontrou”. “Eu só o localizei. Foi você quem me descobriu envolvido. De todo modo, era inevitável que viessem. E não deixaram de divertir-se muito”, Strether declarou.

“Bem, essa foi minha intenção”, disse Chad.

Seu companheiro na realidade logo procurou ser justo consigo próprio. “E a minha também. Foi o que tentei fazer esta manhã mesmo... quando Mrs. Pocock esteve comigo. Ela se compraz, por exemplo (quase tanto quanto com qualquer outra forma de diversão), com não ter, como sugeri, receio de mim; e acho que a ajudei nesse sentido”.

Chad fitou-o, muito interessado. “Ela foi muito grosseira”? Strether refletiu. “Bem, ela foi o que era preciso ser: definitiva. Foi... no fim das contas... cristalina. E eu não senti nenhum remorso. Foi capital que viessem”.

“Ah, eu mesmo ansiava tanto por esse reencontro; de modo que, se fosse somente por *isso...*!” O remorso de Chad também não era grande.

Mas pareceu ser tudo o que Strether queria. “Mas não foi essa reaproximação o grande fruto, o maior fruto, da visita”?

Chad mostrou-se aparentemente agradecido pela forma como seu velho amigo expôs a questão. “O senhor não conta o fato de que também lhe cortavam as asas... *se é que lhe cortaram*. Suas asas, meu caro, foram cortadas”?

Parecia que lhe perguntava se havia apanhado um resfriado ou machucado o pé, e Strether por um minuto limitou-se a fumar. “Quero vê-la de novo. É de mister que eu a reveja”.

“Claro que é”. Chad, então, hesitou: “O senhor se refere... à minha mãe”?

“Oh, à sua mãe... isso depende”.

Era como se as palavras de Strether tivessem levado Mrs. Newsome para longe. Chad, contudo, empenhou-se, apesar disso, para chegar lá. “Do que depende, em sua opinião”?

Strether, em resposta, dirigiu-lhe um olhar grave. “Estava falando de Sarah. Apesar da rejeição dela, definitivamente preciso revê-la. Não podemos nos despedir assim”.

“Vejo que ela foi mesmo terrivelmente grosseira”.

Strether deu outra baforada. “Ela foi o que tinha de ser. Quero dizer: quando não estão satisfeitas, só podem ser... bem, o que admito que foram. Nós lhes demos ensejo”, ele prosseguiu, “para

que se satisfizessem: e elas se aproximaram, examinaram bem a oportunidade e a rejeitaram”.

“Pode-se levar o cavalo à fonte...”! Chad sugeriu.

“Mas não se pode fazê-lo beber: exato. E a maneira como Sarah não se mostrou satisfeita — a maneira como, para ser fiel ao provérbio, se recusou a beber — não nos deixa, nesse sentido, nenhuma esperança”. Chad fez uma pausa; em seguida afirmou, em tom consolador: “É evidente que nunca contamos com a possibilidade de elas se darem por satisfeitas”.

“Não sei, não”, Strether ponderou. “Fui obrigado a chegar a esse extremo. No entanto”, ele rechaçou a ideia, “não resta dúvida de que *minha* atuação foi absurda”.

“Há certamente momentos”, disse Chad, “em que o senhor me parece bom demais para ser verdade. Mas, se estiver mesmo sendo verdadeiro”, emendou, “não há como eu possa fugir da responsabilidade”. “Sou verdadeiro, mas inacreditável.

Sou extravagante e ridículo... nem para *mim* mesmo consigo explicar-me. Como elas, portanto, poderiam compreender-me”? Strether indagou. “Por isso não discuto com elas”.

“Sei. São elas que discutem *conosco*”, apontou Chad, com fleuma surpreendente. Strether mais uma vez tomou nota desse ar sereno, mas seu jovem amigo já havia prosseguido. “Em todo caso, ficaria muito envergonhado se não o advertisse mais uma vez de que deve, afinal, refletir muito bem sobre tudo. Quero dizer, antes de abrir mão de forma irrevogável...” Com isso, como que refreado por um senso de delicadeza, parou de insistir.

Ah, mas Strether queria que ele continuasse. “Diga tudo, diga tudo”. “Bem, na sua idade, e pensando naquilo que, ao fim e ao cabo, minha mãe pode fazer pelo senhor e ser para o senhor”.

Em razão de seu escrúpulo natural, Chad foi só até esse ponto; de modo que Strether, após um instante, ofereceu-lhe uma ajuda.

“O fato de que não disponho de um futuro assegurado. O pouco que tenho a mostrar que os convença de que sei cuidar de mim mesmo. A maneira, a maneira maravilhosa, como ela certamente saberia cuidar. Sua fortuna, sua bondade e o contínuo milagre de ela ter resolvido ir tão longe. Mas é claro, claro...”, ele concluiu. “Há esses fatores evidentes”.

Chad havia, entretantes, pensado em outro. “E o senhor realmente não tem interesse...”?

Seu amigo voltou-se lentamente para ele. “Você está disposto a voltar”?

“Estou se o senhor agora disser que devo. O senhor bem sabe”, ele continuou, “que eu estava pronto seis semanas atrás”.

“Ah”! Strether exclamou. “Isso foi quando você não sabia que *eu* não estava! Você hoje está disposto porque agora sabe”.

“Pode ser”, Chad redarguiu, “mas estou sendo sincero. O senhor faia de levar o fardo às costas, mas por quem me toma quando pensa que sou capaz de permitir que pague por tudo”? Continuavam encostados contra o parapeito, e Strether deu algumas palmadinhas de encorajamento em seu braço — como se quisesse dizer-lhe que dispunha dos meios necessários; mas era mais uma vez em torno desse tópico de preço e aquisição que o senso de justiça do moço continuava a pairar. “O que isso no fundo significa para o

senhor, se me perdoa dizê-lo, é que irá renunciar ao dinheiro. Possivelmente uma bela quantia”.

“Ah”! Strether exclamou, rindo, “se fosse apenas para o gasto, você ainda assim poderia dizer o que disse! Mas eu, de meu lado, também devo alertá-lo para o fato de que você também abrirá mão do dinheiro; e que (devo supor) não é possivelmente apenas uma bela quantia”.

“Certo; mas eu disponho de certos recursos”, Chad voltou após um instante. “Quanto ao senhor, meu caro...”

“ ...não se pode dizer”, Strether interrompeu-o, “que eu disponha de ‘recursos’: certos ou incertos? Verdade. Mesmo assim, não morrerei de fome”.

“Oh, o senhor não pode *morrer de fome*”, Chad salientou, tranquilamente; e assim, nessas agradáveis condições, continuaram a conversar; embora tenha havido, por falar nisso, uma pausa durante a qual o companheiro mais jovem pareceu pesar a delicadeza de ali mesmo prometer ao mais velho algumas providências contra a possibilidade recém-mencionada. Presume-se, porém, que ele tenha julgado melhor evitar qualquer proposta nessa linha, pois, ao fim de outro minuto, os dois enveredaram por uma direção bem diferente. Strether mudara de assunto tornando à passagem de Chad com Sarah, e perguntando se eles chegaram, naquela ocasião, a fazer algum tipo de “cena”. Quanto a isso Chad respondeu que, ao contrário, mantiveram a categoria; acrescentando ademais que Sally não era afinal uma dama que cometeria o equívoco de não se portar com dignidade. “As mãos dela estão atadas, como vê. Foi assim que desde o início lhe tomei a dianteira”, ele observou, sagaz.

“Quer dizer que ela deixou que você ficasse à frente”?

“Bem, por uma questão de decência comum, eu não podia fazer por menos; só que minha irmã não poderia supor, presumo, que eu tomasse tamanha dianteira. E comecei a tomá-la mesmo antes de ela perceber alguma coisa”.

“E ela passou a gostar disso”, disse Strether, “assim que o viu passar à frente”!

“Sim, a situação lhe agradou... o que também me surpreendeu”. Com isso, Chad atentou: “Mas *eu* não lhe agrado. Ela me detesta, na verdade”.

Strether ficou mais interessado. “Então, por que ela quer a sua volta”?

“Porque quando odiamos, desejamos triunfar e, se Sarah conseguir prender-me habilmente ali, *obterá* todos os louros”.

Strether ouviu, atento, a explicação, mas não pôde deixar de fazer uma ponderação. “Certamente... de algum modo. Mas o triunfo de nada valerá se você, vendo-se assim enredado, consciente da animosidade dela e possivelmente também, em menor grau, de seu próprio ressentimento, se mostrar hostil ao chegar lá”.

“Ah”, disse Chad, “a *mim* ela consegue suportar — em casa, pelo menos, poderia suportar-me. O triunfo dela reside em manter-me ali. Ela me odeia aqui, em Paris”.

“Em outras palavras, ela odeia...”

“Sim, *isso* mesmo”! Chad logo entendeu aonde seu amigo queria chegar; o que constituiu a menção mais próxima até então feita acerca de Madame de Vionnet. O prejuízo à precisão, porém, não impediu que ficasse no ar a certeza de que era por essa senhora

que Mrs. Pocock tinha antipatia. O que ajudava a comprovar a rara intimidade que a unia a Chad. Até aquele momento ele jamais chegara tão perto de descerrar o último véu desse fenômeno do que quando a apresentou mergulhada e abismada no sentimento que ela própria suscitava em Woollett. “E vou lhe contar quem também me odeia”, ele imediatamente prosseguiu.

Strether percebeu de imediato a quem ele se referia, mas seu protesto não foi menos rápido. “Ah, não! Mamie não odeia... bem”, conteve-se a tempo, “ora... ninguém. Mamie é encantadora”.

Chad sacudiu a cabeça. “É isso que me preocupa. Está claro que não gosta de mim”.

“Até onde vai sua preocupação? O que faria por ela”?

“Creia-me: ela me cativaria se estivesse cativada por mim”, Chad declarou.

A afirmação fez seu amigo parar um instante. “Você me perguntou, há pouco, se não tinha ‘interesse’ por determinada pessoa. Portanto me provoca a devolver-lhe a questão. *Você* não tem interesse por uma outra pessoa”?

Chad fixou-o longamente sob a luz da janela. “A diferença é que eu não quero”.

Strether não entendeu. “*Não quer*”?

“Eu tento... ou seja, foi o que *procurei* fazer. Fiz o melhor que pude. A notícia não deve surpreendê-lo”, o moço continuou com destreza. “Foi o senhor quem me pôs nesse caminho. Já estava decidido”, ele emendou, “mas o senhor reforçou minha decisão. Seis semanas atrás achei que tinha chegado a uma conclusão”.

Strether foi direto ao ponto: “Mas não chegou”!

“Não sei... é o que *quero* saber”, Chad afirmou. “E se houvesse suficientemente acalentado, por mim mesmo, o desejo de voltar, creio que poderia ter descoberto”.

“Quem sabe...”, Strether ponderou. “Mas tudo o que consegui foi desejar ter desejado! E mesmo assim”, prosseguiu, “até o momento em que seus amigos chegaram. Ainda quer manter-se impassível”? Mas como Chad, com um som um pouco plangente, um pouco cômico, no todo vago e equívoco, enterrou o rosto por uns segundos entre as mãos, esfregando-o de uma forma curiosa que cheirava a evasão, ele pressionou: “*Quer*”?

Chad por um momento manteve a postura, mas no fim ergueu os olhos e então redarguiu, abruptamente: “Jim é duro de roer”! Declarou.

“Ah, não estou lhe pedindo que insulte ou descreva seus parentes, ou sobre eles se pronuncie de qualquer maneira; simplesmente lhe pergunto mais uma vez se *agora* está pronto. Disse-me que já viu tudo. É a isso que viu que não consegue resistir”?

Chad abriu um sorriso estranho — o esboço mais próximo que se delineou em seu rosto de um sorriso perturbado. “O senhor não conseguiria obrigar-me a *não* resistir”?

“De onde se depreende”, Strether prosseguiu como se não o houvesse escutado, “de onde se depreende que fizeram por você, creio (não meras tentativas, mas como algo definitivo e bem-sucedido), mais do que eu tenha visto um ser humano fazer por outro”.

“Ah, decerto fizeram muitíssimo”, Chad declarou, equânime. “E o senhor também”.

Foi novamente sem prestar atenção a esse comentário que seu visitante continuou. “E nossos amigos de lá não querem saber de nada disso”.

“Não, simplesmente não querem”.

“Eles o reivindicam, como se fosse, na base da intolerância e da ingratidão; e o meu problema”, Strether prosseguiu, “foi ter-me negado a ajudá-lo com a intolerância”.

Chad ponderou: “Se o senhor se negou, eu naturalmente também o fiz. Aí está”. Em seguida, ele prosseguiu, com certa brusquidez, formulando uma pergunta incisiva: “Agora, diria que ela não me detesta...”?

Strether hesitou. “ ‘Ela’ ... ”?

“Sim... minha mãe. Estivemos chamando de Sarah: o que dá no mesmo”.

“Ah”, Strether objetou, “não dá no mesmo quando se trata de ela odiar *você*”

Embora tivesse titubeado por um momento, Chad respondeu de modo admirável: “Bem, se odeiam minha boa amiga, acaba dando na mesma”. Strether ficou satisfeito com a nota de verdade inelutável contida no comentário, sentiu como se não precisasse de mais nada. Com ela, o moço defendia de maneira inédita sua “boa amiga”, admitia identidades profundas entre eles, das quais supunha conseguir libertar-se, apesar do risco de poder ser a qualquer momento arrastado para o centro do sorvedouro. Nesse

meio tempo, ele havia continuado: “O fato de que o odeiam... isso também conta muito”.

“Ah”, disse Strether, “sua mãe não me odeia”.

Chad, porém, manteve-se fiel a seu argumento — fiel, ou seja, em relação a Strether. “Ela passará a odiá-lo se não se cuidar”.

“Bem, eu me cuidarei. Estou, afinal, tomando minhas precauções. É justamente por isso que desejo revê-la”, nosso amigo explicou.

O que fez Chad tornar à questão: “Rever minha mãe”?

“Rever... por enquanto... Sarah”.

“Aí está, então! Juro que não consigo entender”, acrescentou com resignada perplexidade, “o que o senhor *ganha* com isso”.

Ah, mas não havia tempo para explicações! “É porque você não tem, eu acredito sinceramente, imaginação. Tem outras qualidades. Mas nenhuma imaginação, não vê? nenhuma mesmo”.

“Receio que sim. Compreendo perfeitamente”. Era uma ideia que lhe despertou o interesse. “Mas o senhor mesmo não teria imaginação em excesso”?

“Oh, *pelo contrário...*!” De modo que, após um instante, sob o influxo da réplica e como se por fim tivesse encontrado ali mesmo uma razão para escapular, Strether fez menção de se retirar.

II

Um dos eventos da tarde agitada que teve após a visita de Mrs. Pocock foi uma hora em que passou, pouco antes do jantar, em companhia de Maria Gostrey, a quem nos últimos tempos, apesar da atenção continuamente desviada para outros assuntos, ele de nenhuma forma havia negligenciado. E a prova disso estava no fato de que no dia seguinte, no mesmo horário, mais uma vez desfrutava de sua companhia — sem deixar, outrossim, de reparar que ela era toda ouvidos. Pois continuava invariavelmente ocorrendo, a propósito, que cada uma de suas grandes escapadas o reconduzia para lá, onde sua amiga fielmente o aguardava. Nenhuma dessas excursões foi no geral mais empolgante do que o par de incidentes — o fruto do pequeno intervalo desde sua última visita — sobre o qual se pôs a contar. Ele fora falar a Chad Newsome tarde da noite e havia tido naquela manhã, como sequência a essa conversa, outro particular com Sarah. “Mas todos estão de partida”, ele declarou. “Por fim”. Ela fixou-o um pouco atônita. “Todos? ... Mr. Newsome também”? “Ah, ainda não! Sarah, Jim e Mamie. Mas Waymarsh foi junto — por causa de Sarah. É de uma beleza impressionante”, Strether continuou; “estou sempre me surpreendendo; é uma alegria atrás da outra. Mas não deixa de ser uma surpresa também”, emendou, “que (não adivinha?) o pequeno Bilham também vá. Mas ele foi, é claro, por causa de Mamie”.

Miss Gostrey ficou na dúvida. “Por causa dela? Quer dizer que já assumiram um compromisso”?

“Bem”, Strether respondeu, “digamos então que tenha sido por *mim*. Ele faz tudo por mim, assim como eu faço, por falar nisso, tudo por ele. Ou por Mamie. Não há o que *ela* não faça por mim”.

Miss Gostrey soltou um suspiro profundo. “O modo como o senhor fala das pessoas, como se fossem regidas por uma lei de submissão”!

“Por um lado, é certamente maravilhoso. Mas, por outro, é largamente compensado pelo modo como não falo. Desde ontem não falo de Sarah desse jeito, muito embora tenha conseguido revê-la esta manhã, como logo lhe contarei.-Os outros, contudo, seguem adiante. Mamie, por essa nossa abençoada regra, não pode deixar de ter alguém”. “Mas o que há para o pobre Mr. Bilham? Quer dizer que se *casarão* por sua causa”?

“Quero dizer que, por essa mesma lei abençoada, não importa nem um pouco se eles casam ou não — de forma nenhuma precisarei me preocupar”.

Ela percebeu, como de costume, o que ele queria dizer. “E Mr. Jim? — quem lhe cabe nessa equação”?

“Oh”, Strether teve de admitir, “não consegui resolver *isso*. Ele se lançou, de hábito, no mundo; o mundo que, afinal, segundo ele mesmo afirma — pois suas aventuras foram prodigiosas parece-lhe perfeito. Felizmente quando está ‘por aqui’, como ele diz, vê o mundo em toda parte; e a aventura mais prodigiosa de todas as que empreendeu”, ele continuou, “foi, é claro, a dos últimos dias”.

Miss Gostrey, muito atenta, já fez a conexão. “Ele voltou a encontrar-se com Marie de Vionnet”?

“Ele foi, sozinho, no dia seguinte à festa de Chad — não lhe contei? — tomar chá com nossa amiga. A convite dela... inteiramente a sós”.

“Como o senhor”! Maria exclamou, sorrindo.

“Ah, mas ele é muito mais maravilhoso do que eu, quando fala dela”! E então, como sua interlocutora mostrasse até onde podia acreditar nisso, recorrendo para tanto a velhas lembranças dessa mulher estupenda: “O que eu teria adorado era vê-la partir para a Suíça”.

“Para a Suíça, com o grupo”?

“Por causa de Jim e da simetria. Se fosse, aliás, factível por uma quinzena ela teria ido. Ela está disposta”, ele prosseguiu, fiel ao novo quadro, “a tudo,”

Miss Gostrey acompanhou-o no minuto seguinte. “Ela é perfeita demais”!

“Ela *irá*, creio”, ele continuou, “à estação esta noite”.

“Para vê-lo partir”?

“Com Chad, de forma esplêndida, como parte da atenção geral que estão dispensando. E ela faz o que faz”, a imagem pairava na sua frente, “com uma graça tão sutil, uma alegria tão livre que é capaz de ainda deixar Mr. Pocock levemente aturdido”.

A imagem o manteve tão transfigurado que sua amiga, depois de um instante, fez um comentário amistoso. “Como em resumo deixou um homem mais sóbrio levemente aturdido, O senhor está de fato apaixonado por ela”? Disparou.

“Que importa o que eu sei”? Ele disse. “A importância é mínima — não tem quase nada a ver com nenhum de nós dois”.

“Mesmo assim”, Maria continuava a sorrir, “eles vão, os cinco, como estou entendendo, enquanto o senhor e Madame de Vionnet ficam”.

“Oh, e Chad”. Ao que Strether acrescentou: “E a senhora”.

“E eu”! Ela soltou outro pequeno gemido de impaciência, dentro do qual algo irreconciliável parecia lentamente irromper. “A *minha* permanência, de certa forma me parece, não é lá muito vantajosa para mim. Em face de tudo o que fizeram desfilar diante de meus olhos, sinto-me colhida por um tremendo sentimento de privação”.

Strether hesitou. “Mas essa sua privação, o fato de que se manteve distante de tudo foi — ou não? — decisão sua”.

“Ah, sim; foi necessário — ou seja, foi melhor para o senhor. Só quis dizer que aparentemente não lhe sou mais útil”.

“Como pode dizer isso”? Ele indagou. “Não sabe como me tem sido útil. Quando não for mais...”

“Sim”? Ela disse, quando ele se interrompeu.

“Bem, eu *farei* com que saiba. Até lá, não se preocupe”.

Ela refletiu uns instantes. “Então o senhor definitivamente aprecia minha permanência”?

“Não ajo como se apreciasse”?

“O senhor certamente me trata com gentileza. Mas faz isso”, disse Maria, “por mim. Como vê, a estação avança, e Paris está ficando um tanto quente e empoeirada. As pessoas estão se dispersando, e algumas delas, alhures, exigem a minha presença. Mas se o senhor quiser que eu fique...”!

Ela discursou como se conformada à palavra de seu amigo, mas este de súbito sentiu, com uma intensidade inesperada, que sua

presença era fundamental. “Quero que fique”.

Maria reagiu como se essas palavras lhe bastassem; como se lhe trouxessem, lhe dessem algo que compensasse sua situação. “Obrigada”, ela simplesmente respondeu. E, então, quando ele a fixou com maior rigidez: “Muitíssimo obrigada”, repetiu.

O agradecimento como que causou uma ligeira suspensão no fluxo da conversa, e fez com que ele se detivesse um pouco mais. “Por que, há dois meses, ou seja lá quando foi, a senhora de repente saiu correndo? O motivo que me apresentou após sua ausência de três semanas não foi o verdadeiro”.

Ela não se esquecera. “Nunca supus que o senhor acreditasse naquilo. Contudo”, prosseguiu, “o fato de não ter adivinhado a razão foi o que o ajudou”.

Ele desviou o olhar quando ela disse isso; abandonou-se, até onde o espaço lhe permitia, a uma de suas vagarosas deambulações. “Pensei muitas vezes nisso, mas nunca a ponto de sentir-me capaz de adivinhar. E pode ver a consideração que tive pela senhora por ter-me até agora absterido de perguntar”.

“Por que então *agora*”?

“Para mostrar-lhe como sinto a sua falta quando não está aqui, e as consequências que sofro com sua ausência”.

“As consequências”, ela riu, “não parecem ter sido extremas! Porém”, emendou, “se realmente nunca descobriu a verdade, eu lhe contarei”. “Nunca descobri”.

“Nunca”?

“Nunca”.

“Bem, eu portanto saí correndo, como diz, para não me meter na confusão de estar aqui se Marie de Vionnet lhe contasse algo desabonador sobre mim”.

Ele a encarou como se continuasse na dúvida. “A senhora mesmo assim teria de enfrentar a situação quando regressasse”.

“Oh, se tivesse razão para acreditar que ela havia dito algo muito ruim, eu o teria abandonado de vez,”

“Foi então”, ele continuou, “por ter suspeitado que ela seria clemente que a senhora arriscou voltar”?

Maria manteve-se firme. “Eu lhe sou agradecida. Por mais que se visse tentada, ela não nos separou. Esse é um dos motivos”, ela prosseguiu, “por que eu a admiro tanto”.

“Que seja, então, um dos meus também”, disse Strether. “Mas por que ela se veria tentada”?

“Quais são as eternas tentações das mulheres”?

Ele refletiu — mas naturalmente não precisou pensar muito. “Os homens”?

“Ela assim o teria, com isso, mais à disposição. Mas viu que não precisava disso para mantê-lo por perto”.

“Ah, ‘ter-me à disposição’ ”! Strether suspirou com alguma ambivalência. “Eu estaria às suas ordens, minha cara”, ele declarou, galante, “sob qualquer circunstância”.

“Ah, ‘tê-lo’ à disposição”! Ela ecoou, imitando-o. “Para que eu realmente o tenha ao meu dispor”, ela disse com menos ironia, “basta que o senhor formule um desejo”.

Ele estacou diante dela, cheio de ânimo. “Formularei cinquenta”.

O que de fato arrancou-lhe, não sem alguma inconveniência, outro de seus pequenos gemidos. “Ah, está vendo como o senhor é”!

Foi assim, como se de fato fosse, que ele continuou a ser até o fim da visita; e, como que para mostrar quanto ela ainda lhe poderia ser útil, tornou ao assunto da partida dos Pockocks, fornecendo-lhe uma vivida imagem, com centenas de toques que somos incapazes de reproduzir, do que havia ocorrido naquela manhã. Durante dez minutos Strether conferenciara com Sarah no hotel dela, dez minutos reconquistados, por uma pressão irresistível, daquele tempo que ele já lhe havia descrito como tendo sido extinguido por Miss Pockock, ao cabo da entrevista que tiveram no hotel dele, com auxílio da grande esponja do futuro. Nosso amigo conseguiu abordá-la ao aparecer sem ser anunciado, descobrindo-a em sua sala de estar com uma costureira e uma *lingère*, cujas contas ela parecia acertar com certo engenho e que logo se retiraram. Então ele lhe explicou como havia cumprido, na noite anterior, sua promessa de encontrar-se com Chad. “Eu disse a ela que assumiria toda a responsabilidade”.

“Assumiria toda a ‘responsabilidade’?”

“Ora, para o caso de ele não regressar”.

Maria fez uma pausa. “E quem assume a responsabilidade se ele regressar”? Ela perguntou, com uma alegria um pouco sombria.

“Bem, creio que seja obrigado a assumir a responsabilidade por tudo”.

“Pelo que suponho está dizendo”, sua companheira ponderou após um momento, “que agora definitivamente entende que está

abrindo mão de tudo”.

Ele não se fez de rogado. “Talvez dê no mesmo. Mas Chad, depois do que ele viu, não quer mais voltar”.

Nisso ela podia acreditar, mas desejava, como sempre, esclarecer um ponto. “Mesmo assim, o que foi que ele *viu*, afinal”?

“Viu o que querem dele. E isso bastou”.

“E o contraste é tão desfavorável com o que Madame de Vionnet quer”?

“O contraste existe... só isso. Tremendo, consumado”.

“Existe talvez, portanto, principalmente em relação ao que o *senhor* quer”?

“Oh”, disse Strether, “o que eu quero escapa-me ao cálculo e até mesmo à compreensão”.

Mas sua amiga ainda assim seguiu adiante. “O senhor ainda quer Mrs. Newsome — depois do jeito como o tratou”?

Foi a abordagem mais direta sobre essa dama (esse era o patamar em que se encontravam) a que já se haviam permitido; mas não pareceu ser inteiramente por causa disso que ele demorou a responder. “Imagino que este seja, afinal, o único jeito que pôde conceber”.

“E isso a torna mais desejável”?

“Eu a desapontei terrivelmente”, Strether achou pertinente mencionar.

“Evidente que sim. Isso é básico; para nós, faz muito tempo que deixou de ser novidade. Mas não é quase tão elementar”, Maria continuou, “o fato de o senhor ainda dispor do remédio adequado? Leve-o consigo, arraste-o de volta, como acredito que ainda possa fazer, e deixará de contribuir para aumentar o desapontamento de Mrs. Newsome”.

“Ah, nesse caso”, ele deu uma risada, “teria contribuído para aumentar o seu”!

Mas a hipótese ainda não a preocupava. “Depende do que o senhor chama de contribuir. Pois não chegou aqui, creio eu, com o propósito de me agradar”.

“Ah”, ele insistiu, “a senhora sabe que isso também me influenciou. Não posso separar as razões — é tudo uma coisa só; e talvez seja por isso mesmo, como disse, que estou perdido”. Mas Strether logo declarou que nada disso realmente importava; sobretudo quando ele, segundo afirmava, não *havia* ainda “chegado” a lugar nenhum. “Quando atingimos por fim esse ponto delicado, ela usou de clemência, deu-me outra chance. O embarque deles, não vê? Só ocorrerá dentro de cinco ou seis semanas, e não contavam com Chad (ela admite) nessa turnê. Ainda há a possibilidade de ele unir-se ao grupo, na última hora, em Liverpool”.

Miss Gostrey refletiu. “Como pode haver essa ‘possibilidade’ se o senhor não a concede? Como ele pode unir-se ao grupo em Liverpool se tudo o que faz é afundar cada vez mais nessa situação que se criou aqui”?

“Chad deu à irmã (como ela me contou ontem e eu expliquei à senhora) a palavra dele de que fará o que eu disser”.

Maria encarou-o. “Mas se o senhor nada disser”?

Bem, ele, como de hábito, tornou a andar enquanto respondia. “Esta manhã eu disse algo. Eu dei a Sarah a minha resposta — aquela que havia prometido depois de ela ter-me contado que ele *havia* prometido. Se a senhora lembra, o que ela quis de mim ontem foi o compromisso, a ser assumido naquele exato momento, de fazê-lo cumprir o juramento do irmão”.

“Bem”, Miss Gostrey inquiriu, “o propósito de sua visita foi, então, o de apresentar a sua recusa”?

“Não; foi o de pedir, por estranho que lhe possa parecer, outro adiamento”.

“Ah, essa é fraca”!

“Exato”! Ela se mostrara impaciente, mas, nesse ponto pelo menos, sabia aonde queria chegar. “Se *estiver* sendo fraco, pretendo descobri-lo. Se não descobrir, terei o consolo, a pequena glória, de julgar-me forte”.

“E todo o consolo que, imagino”, ela volveu, “o senhor *terá*”!

“Em todo caso”, ele prosseguiu, “ganharei um mês. Como a senhora disse, Paris pode ficar, dia após dia, mais quente e poeirenta; mas há coisas piores. Não receio ficar; o verão pode ser divertido a seu modo peculiar e selvagem (ou civilizado, quem sabe?); não há estação mais pitoresca. Acho que me agradará muito. E então”, ele disse, sorrindo com benevolência, “a senhora também ficará”.

“Ah”, Maria objetou, “o fato de eu ficar não será nem um pouco pitoresco, pois quero crer que serei a coisa mais sem graça de que disporá. Mas é igualmente possível”, ela continuou, “que ninguém mais fique. Madame de Vionnet pode muito bem, não pode? decidir ausentar-se — e Mr. Newsome também; a não ser que o senhor de

fato tenha obtido deles uma declaração contrária. De modo que, se o senhor pretendia ficar com eles”, era dever de sua amiga fazer a sugestão, “poderá ver-se em apuros. É evidente que, se os dois permanecerem”, ela manteve o argumento, “contribuirão imensamente para o ar pitoresco. A não ser, claro, que o senhor queira encontrá-los em outra localidade”.

Embora a hipótese lhe tenha parecido auspiciosa, Strether falou em seguida com maior ponderação: “Quer dizer que eles provavelmente viajarão juntos”?

Não foi preciso pensar muito. “Acho que, se viajassem, estariam tratando o senhor com absoluta desconsideração; embora, afinal”, emendou, “seja difícil medir agora o grau exato de consideração que mais se ajusta a seu caso”.

“Minha atitude em relação a eles é naturalmente extraordinária”, Strether confessou.

“Precisamente; por isso, devemos perguntar que espécie de conduta da parte deles combinaria com a do senhor. Sem dúvida terão de elaborar uma linha de conduta que não empalideça diante da sua. A mais elegante porventura seria”, ela em seguida arriscou, “a de se recolherem a condições mais reservadas, convidando o senhor ao mesmo tempo para partilhar de seu isolamento”. Ele fitou-a como se tivesse detectado nela o surgimento de outra fagulha de irritação (embora generosa, voltada para o seu bem); e o que ela disse no momento seguinte em parte justificou sua impressão. “Não tenha receio de confessar que o que o está detendo é a perspectiva agradável de uma cidade vazia, com muito lugar à sombra, refrescos gelados, museus desertos, passeios noturnos ao Bois e nossas deslumbrantes damas à sua inteira disposição”. E Miss Gostrey disse mais. “O mais elegante de tudo, quando pensamos bem, seria Mr.

Chad ausentar-se por algum tempo sozinho. É desse ponto de vista uma pena”, ela concluiu, “que não vá ter com a mãe. O senhor ao menos teria o que fazer nesse meio tempo”. A ideia de fato ocupou-a por um momento. “Por que ele não faz uma visita à mãe? Uma semana que fosse, nesta altura, seria o suficiente”.

“Minha querida”, Strether replicou — e, para sua própria surpresa, ele tinha a resposta na ponta da língua —, “minha querida, a mãe dele o visitou. Mrs. Newsome esteve aqui, durante este mês, com uma intensidade que Chad não pode ter deixado de sentir; ele a recebeu com prodigalidade, e ela fez com que ele reouvesse sua gratidão. A senhora sugere que ele volte para casa em busca de mais felicitações”?

Bem, ela conseguiu, no instante seguinte, rechaçar a ideia. “Sei. É o que o senhor não sugeriria... o que não sugeri. E o senhor sabe do que está falando”.

“Assim como a senhora, minha cara”, ele observou com delicadeza, “se pelo menos tivesse posto os olhos nela”.

“Em Mrs. Newsome”?

“Não, em Sarah... o que, para Chad e para mim, conveio ao propósito”.

“E conveio de uma maneira”, ela refletiu, compreensiva, “tão extraordinária”!

“Bom, a senhora está vendo”, Strether explicou até certo ponto, “que o que temos é o espírito inflexível da mãe — que Sarah nos serviu frio, sem que com isso perdêssemos nada. É assim que sabemos o que ela pensa de nós”.

Maria o havia acompanhado, mas fez uma pausa. “O que nunca entendi, se me permite dizer, é o que o senhor pensa (quero dizer o senhor, pessoalmente) *dela*. Ao fim e ao cabo o senhor não tem nenhum interesse”?

“Isso”, ele respondeu sem perda de tempo, “é o que até mesmo Chad perguntou na noite passada. Ele me perguntou se não me importo com a perda... bem, a perda de um futuro opulento. O que, ademais”, ele apressou-se em acrescentar, “é uma questão perfeitamente natural”.

“Eu chamo sua atenção, mesmo assim”, disse Miss Gostrey, “para o fato de que não foi isso que perguntei. Arrisquei indagar, sim, se sua indiferença diz respeito à própria Mrs. Newsome”.

“De modo algum”, ele falou com toda a convicção. “Foi bem o contrário. Desde o início preocupei-me com a impressão que tudo por aqui poderia ter sobre ela — o que me oprimiu, assombrou, atormentou. Só cuidava em fazê-la ver o que eu via. E fiquei desapontado não apenas com a recusa dela em ver quanto com achar que tudo se devia à perversidade de minha insistência”.

“Quer dizer que ela o chocou tanto quanto o senhor a chocou”? Strether pesou a questão. “Eu provavelmente não sou tão impressionável. Por outra, fui muito mais longe para lhe agradar. Ela, por sua vez, não cedeu um milímetro”.

“De modo que agora por fim se encontram”, Maria indicou a moral que se podia extrair, “no triste estágio das recriminações”.

“Não... só contei à senhora. Fui um cordeirinho com Sarah. Só apoiei minhas costas contra o muro. É para lá que naturalmente cambaleamos quando nos sentimos tão violentamente acuados”.

Ela o observou durante um instante. “Jogado fora”?

“Bem, desde que sinto como se tivesse ido ao chão, acho que devo ter sido jogado fora”.

Ela considerou o caso, mas mais na esperança de esclarecê-lo do que de providenciar consolo. “A questão é que suponho que o senhor a tenha desapontado...”

“Desde o primeiro dia de minha chegada? Receio que sim. Admito que até eu me surpreendi comigo mesmo”.

“E então, é claro”, Maria continuou, “eu tenho muito a ver com isso”.

“Com minha surpresa”?

“Pode ser”! Ela exclamou, soltando uma gargalhada. “Se sua delicadeza o impede de dizer que fui *eu* quem me surpreendi. Naturalmente”, acrescentou, “o senhor sabia que sua viagem lhe reservava surpresas”.

“Naturalmente”! Ele apreciou a lembrança.

“Mas as surpresas eram para ser todas para o senhor”, ela continuava a esmiuçar o caso, “e nenhuma para *ela*?”

Strether se deteve diante de sua interlocutora como se Maria tivesse posto o dedo na ferida. “Este é exatamente o problema dela — o fato de que não admite surpresas. Creio que essa circunstância a descreve e a representa; e vai ao encontro daquilo que acabei de dizer — que ela é, como a pinteí, uma mulher dotada de um belo espírito inflexível. Ela havia, de próprio alvitre, maquinado tudo antecipadamente, deliberando não só para si, mas para mim também. Sempre que faz isso, veja bem, não sobra espaço para mais

nada; não há margem, como se fosse, para alteração. Está tão cheia, tão comprimida quanto pode aguentar; e, se quisermos introduzir um novo elemento ou tirar algo dali..." "Temos de refazer a mulher toda, da cabeça aos pés".

"Como resultado", Strether observou, "temos de nos livrar dela, tanto moral quanto intelectualmente".

"O que parece ser", voltou Maria, "praticamente o que o senhor fez".

Mas seu amigo jogou a cabeça para trás. "Nem sequer consegui tocá-la. Ninguém consegue. Vejo isso agora como jamais vi; e ela se mantém firme com uma perfeição que lhe é peculiar", ele prosseguiu, "sugerindo realmente que não devemos ensaiar a menor mudança em sua composição. Foi, em suma", concluiu, "a mulher toda, como a chamou, esse ser inteiriço, de um só bloco moral e intelectual, que Sarah trouxe para mim, para pegar ou largar".

O comentário arrancou de Miss Gostrey um pensamento mais profundo. "Imagine ser levado, à ponta de baioneta, a lidar com um ser inteiriço, de um só bloco moral e intelectual"!

"É o que na verdade eu *fazia* por lá. Mas, de algum modo, em casa, não me havia dado conta".

"Suponho que nunca percebemos de antemão", Miss Gostrey assentiu, "num caso como esse, as dimensões, como o senhor descreveu, do bloco. Ele vai avultando pouco a pouco. Foi avultando mais e mais diante de seus olhos até que por fim pode vê-lo por inteiro". "Posso vê-lo por inteiro", ele repetiu, distraído, enquanto seus olhos pareciam contemplar um iceberg, particularmente amplo, num gélido e azul mar setentrional. "É magnífico"! Exclamou num tom vagamente peculiar.

Mas sua amiga, que estava acostumada com esse tipo de divagação, manteve o fio da meada. “Não há nada de tão magnífico — pelo modo como nos faz notá-la — em não ter imaginação”.

A observação de pronto tirou-o de seu devaneio. “Ah, aí está! Foi o que disse na noite passada a Chad. Que ele mesmo, quero dizer, não tem nenhuma”.

“Pareceria então”, Maria sugeriu, “que ele tem, afinal, algo em comum com a mãe”.

“O que ele tem em comum é esse jeito de fazer-se notar, como a senhora disse. E, contudo”, acrescentou, como se a questão fosse interessante, “notamos outras pessoas também, mesmo quando estas dispõem de muita imaginação”.

Miss Gostrey continuou com suas sugestões: “Madame de Vionnet”.

“Ela, sim, tem bastante”.

“Certamente... e de um tipo bem antigo. Mas há diferentes maneiras de se dar a conhecer”.

“Sim, sem dúvida, acaba dando nisso. A senhora, por exemplo...” O tom de voz de seu interlocutor era amistoso, mas ela não quis nem saber. “Ah, eu não *me* faço notar; de forma que não precisamos discutir o meu tipo de imaginação. A sua, por exemplo”, ela disse, “é monstruosa. Ninguém o supera”.

Por um momento ele ficou abalado. “Chad também pensa assim”. “Ai está, então — embora ele não tenha do que reclamar”!

“Ah, ele não reclama”.

“O que mais se poderia querer! Mas, por falar nisso”, Maria prosseguiu, “a questão veio à tona”?

“Bem, ele me perguntou o que eu teria a ganhar”.

Ela fez uma pausa. “Então, como também lhe fiz a mesma pergunta, posso dar o *meu* caso por encerrado. Oh, o senhor *tem*” ela tomou a dizer, “grandes reservas de imaginação”.

Mas ele havia deixado o pensamento voar por um instante, e acabou pousando em outro lugar. “E Mrs. Newsome, todavia (é um feito memorável), também tem exercido a imaginação; ela, ou seja, imaginou e aparentemente ainda imagina coisas horríveis sobre o que eu devia ter descoberto. Eu fui despachado, no ponto de vista dela (extraordinariamente intenso, afinal), com a missão de descobri-las; e o fato de que não descobri, de que não consegui descobrir, de que, como ela evidentemente pressentiu, não havia descoberto nada — isso tudo, é claro, não ‘convinha’, como se diz, com seus pressupostos. Foi demais para ela. Daí a decepção”.

“Quer dizer que o senhor devia comprovar que o próprio Chad era uma pessoa horrível”?

“Devia comprovar que a mulher era”.

“Um horror”?

“Comprovar que ela era tal como Mrs. Newsome a imaginou”. E Strether se interrompeu, como se incapaz de adicionar outra pincelada a seu quadro.

Sua companheira, entretantes, veio com uma ideia. “Foi obtusa a forma como ela imaginou — o que dá no mesmo”.

“Obtusa? Ah”! Strether exclamou.

Mas ela insistiu: “Foi mesquinha”.

Ele, no entanto, tinha uma hipótese melhor. “Não poderia ter sido senão por ignorância”.

“Bem, intensidade e ignorância — o que quer de pior”?

Strether talvez se sentisse constrangido com a pergunta, mas deixou passar. “Sarah nada mais ignora... agora; e ela defende a teoria do horrível”.

“Ah, mas ela é intensa — e só isso às vezes basta. Se de todo modo não basta, nesse caso, para negar o encanto de Marie, basta ao menos para negar que se trata de uma boa pessoa”.

“E o que eu sustento é que ela é boa para Chad”.

“Mas não sustenta”, ela gostava de deixar bem claro, “que ela seja boa para o *senhor*”

Strether, porém, foi era frente sem atentar para o comentário. “Foi por isso que insisti na vinda de nossos amigos — para que vissem com os próprios olhos se ela representa mesmo uma má influência”. “E agora que já viram, não admitem por nada neste mundo que ela seja boa”.

“Em geral acham”, ele logo reconheceu, “que também para mira ela representa uma má influência. Mas nisso são coerentes, é claro, porquanto mantêm uma clara concepção do que é bom para nós dois”.

“Para o senhor, para início de conversa”, Maria, toda receptiva, atinha-se à questão, “de modo que possa apagar de sua existência e, se possível, de sua lembrança a famigerada criatura cuja sombra abominável aos olhos deles eu devo projetar, e isso muito mais do

que extirpar o mal mais patente (e por conseguinte menos ameaçador) incorporado na pessoa com quem o senhor forjou sua aliança. Isso, contudo, é comparativamente simples. Afinal, o senhor pode muito bem, na pior das hipóteses, abrir mão de mim”.

“Afinal posso muito bem, na pior das hipóteses, abrir mão da senhora”. A ironia foi tão óbvia que não precisou ser reforçada. “Afinal posso muito bem, no pior dos casos, até mesmo esquecê-la”.

“Digamos então que seja praticável. Mas Mr. Newsome tem muito mais para esquecer. Como *ele* seria capaz”?

“Ah, aí voltamos ao ponto! É isso justamente o que eu precisava forçá-lo a fazer; justamente onde devia ter trabalhado com ele e fornecido ajuda”.

Ela aceitou a ideia em silêncio e sem atenuação — quiçá por causa da familiaridade que tinha com os fatos; e sua mente fez uma inferência inesperada. “Lembra-se de quando dizíamos em Chester e em Londres que eu o ajudaria a superar os obstáculos”? Sua amiga falou como se discorresse sobre coisas muito longínquas e como se houvessem passado semanas nessas cidades.

“É exatamente isso o que a senhora está fazendo”.

“Ah, mas o pior — pois o senhor deixou margem para isso — pode estar por vir. O senhor ainda pode sucumbir”.

“Sim, ainda posso sucumbir. Mas a senhora poderá guiarme...”?

Ele havia titubeado, mas ela esperou. “Guiá-lo...”?

“Pelo tempo que eu puder suportar”.

Ela também hesitou. “Mr. Newsome e Madame de Vionnet podem, como estávamos dizendo, ausentar-se. Quanto tempo o senhor acha que pode aguentar sem os dois”?

A resposta de Strether a essa questão deu-se na forma de outra pergunta: “A senhora acha que eles fariam isso para fugir de mim”?

A réplica foi abrupta: “Espero que não me ache grosseira se eu lhe disser que acredito nisso, sim”.

Ele mais uma vez cravou os olhos em sua interlocutora — pareceu, por um instante, tomado por um pensamento tão forte que mudou de expressão. Mas sorriu. “Mesmo depois do que me fizeram”? “Depois do que ela fez”.

Diante daquilo, porém, com uma gargalhada, Strether recuperou o equilíbrio. “Ah, mas ela não fez nada ainda”!

III

Dias depois dessa visita Strether tomou o trem de uma estação — bem como *para* uma estação — selecionada quase a esmo; dias como aqueles, independentemente do que viesse a ocorrer, estavam contados, e ele fora tomado por um impulso — bem simplório, sem dúvida — de dedicar a jornada inteira de um deles ao ruralismo francês, com sua verdura fresca tão característica, que até agora só havia contemplado pelo pequeno vidro oblongo de uma tela. Para nosso amigo, aquela ainda era, em grande medida, uma terra de fantasia — o pano de fundo da ficção, a ambientação da arte, o

berçário das letras; praticamente tão distante quanto a Grécia, mas quase tão consagrada. Aos olhos de Strether as histórias românticas pareciam tecer-se a partir de elementos igualmente suaves; e, mesmo depois daquilo por que ele ultimamente havia, como sentia, “passado”, ainda podia regalar-se um pouco com a oportunidade de conhecer alguma coisa em algum lugar que lhe recordasse um certo Lambinet⁽¹⁷⁾ bem pequeno que o havia encantado muitos anos antes, num antiquário de Boston, e que, de um modo quase absurdo, nunca havia esquecido. A tela lhe fora oferecida, lembrava-se bem, por um preço que fora autorizado a considerar o mais baixo jamais pedido por um Lambinet, um preço mediante o qual nunca se sentiu mais pobre por ter de reconhecer, mesmo assim, que estava fora de suas possibilidades. Ele devaneara — havia torcido e retorcido estimativas durante uma hora: fora a única aventura de sua vida relacionada com a aquisição de uma obra de arte. A aventura, devemos notar, era modesta; mas a memória, distante da razão e movida por associações inesperadas, provou ser doce. Para ele, o pequeno Lambinet continuou sendo o quadro que *teria* comprado — a criação particular que o fez, por um minuto, vencer sua natureza frugal. Estava ciente de que, caso viesse a rever a peça, talvez levasse um tombo ou um choque, e nunca mais teve a esperança de que a roda da fortuna tomasse a apresentar-lhe o quadro, tal como o havia admirado no espaço marrom-avermelhado, iluminado pela claraboia, do santuário íntimo da Tremont Street. Mas era coisa bem diferente ver a mistura rememorada separar-se e regressar a seus elementos originais de presenciar a restituição à natureza de todas aquelas circunstâncias remotas: o dia empoeirado em Boston, os fundos do armazém *Fitchburg*, o sacrário marrom-avermelhado, a bela imagem em verde, o preço escandaloso, os choupos, os salgueiros, os juncos, o rio, o céu ensolarado e raiado de prata, o horizonte do bosque umbroso.

A respeito de seu trem específico ele quase nada observou salvo o fato de que faria algumas paradas, depois de sair da *banlieue*; confiava que o ar ameno do dia lhe sugeriria onde saltar. Sua teoria acerca dessa excursão é que podia saltar em qualquer lugar — mas não antes de uma hora de trajeto —, desde que sob o influxo de uma nota específica. Ela despontou, essa nota — o clima, o ar, a luz, a cor e seu estado de espírito: tudo contribuía — ao cabo de oitenta minutos; a composição parou bem no lugar ideal, e ele se viu descendo as escadas com a segurança de quem tinha um compromisso nas redondezas. Talvez sentíssemos que, para sua idade, ele se divertia com elementos assaz modestos, se não reparássemos mais uma vez que seu compromisso se resumia a antiquadas idiossincrasias bostonianas. Ele não teria ido longe sem dispor da confiança instantânea de que o compromisso seria perfeitamente respeitado. A moldura dourada e oblonga dispunha suas linhas concêntricas; os choupos e os salgueiros, os juncos e o rio — um rio cujo nome não sabia, nem pretendia saber — ajustaram-se a uma composição perfeitamente rematada que havia entre eles; o céu era todo prateado e turquesa e verniz; a aldeia à esquerda era toda branca e a igreja à direita, cinzenta; estava tudo ali, resumindo — era o que ele queria: era a Tremont Street, era a França, era o seu Lambinet. Além disso, podia passear naquele cenário com absoluta liberdade. Foi o que fez, com o coração aos pulos, durante uma hora, rumando para o horizonte sombreado do bosque, tão distraído em seus devaneios e em seu ócio que não teria estranhado se, atravessando-o, topasse com a parede marrom-avermelhada. Era assombroso, sem dúvida, que seu gosto pelo ócio não carecesse de mais tempo para sazonar; mas o fato é que tomara os últimos dias; vinha na realidade edulcorando-se desde a partida dos Pockets, Strether caminhou e caminhou como se para mostrar para si próprio que não tinha mesmo muitos afazeres; nada tinha a fazer exceto escapar para a encosta do morro onde se espreguiçaria ouvindo o

farfalhar dos choupos, e de onde — no decorrer de uma tarde bem aproveitada, uma tarde impregnada, outrossim, da sensação do livro que levava no bolso — adquiriria o exato comando da cena, sendo com isso capaz de escolher corretamente o pequeno albergue rústico para sua experiência gastronômica. Havia um trem de volta a Paris às nove e vinte, e Strether já se via provando, ao término da jornada, de algum tipo magnífico de fritura acompanhado por um vinho autêntico, realçados por uma rústica toalha de mesa branca e por um belo piso polido; depois disso, podia, se quisesse, caminhar indolente ao crepúsculo até a estação, ou então optar pela *carriole* local e conversar com o cocheiro, um cocheiro de fala expansiva que naturalmente só podia estar usando um gorro de tricô e uma túnica rija e asseada — um cocheiro que, em suma, sentado na boleia, lhe contaria o que pensavam os franceses, e que o faria lembrar-se, como na realidade todo o episódio incidentalmente faria, de Maupassant. À medida que a cena desenrolava em sua frente, Strether ouvia brotar dos lábios do bom homem sons de expressiva intenção, que, pela primeira vez em solo francês, não lhe despertavam nenhum temor. Nosso amigo havia temido Chad, Maria e Madame de Vionnet; temera principalmente Waymarsh, em cuja presença, uma vez que se associavam sob as luzes da cidade, nunca ventilara livremente, sem alguma contrapartida, suas palavras ou sua dicção. Em geral a contrapartida era ter de enfrentar, no instante seguinte, o olhar de Waymarsh.

Tais eram as liberdades com que sonhava a sua imaginação depois de ele ter escapado para a encosta do morro que indiscutível e mui afetuosamente o aguardava à sombra dos choupos, a encosta que comprovou, durante duas murmurantes horas, o acerto de sua ideia. Dominava-o uma sensação de triunfo, de uma harmonia supersutil nas coisas; o que ainda não lhe havia sucedido de acordo com seus planos. Deitado na relva, Strether se deu conta, sobretudo,

de que Sarah realmente havia partido, de que a tensão havia arrefecido; a paz contida nesses pensamentos podia ser ilusória, mas pairou assim mesmo sobre ele naquela tarde. Durante meia hora, fez com que adormecesse; Strether chegou aos olhos seu chapéu de palha (o havia comprado em lembrança ao de Waymarsh) e mais uma vez se perdeu em seu Lambinet. Foi como se houvesse descoberto que estava extenuado — extenuado não por causa da caminhada, mas do exercício interno que, no todo, havia sofrido tão poucas interrupções nos três últimos meses. Foi isso mesmo: tão logo o grupo partiu, ele se deixou tombar; aquele ademais era o resultado de sua queda, e agora estava chegando ao fundo. Manteve-se exuberantemente quieto, apaziguado e entretido diante do que havia encontrado no término da descida. Era em grande parte a razão que apresentara a Maria Gostrey para não partir: a imensa profusão, a um só tempo fosca e deslumbrante, da Paris estivai, com parte do peso de suas colunas e cornijas sustada para ele, e com sombra e ar fresco no tremular de toldos tão largos quanto avenidas. Veio-lhe com toda a nitidez à memória que, como prova de sua liberdade, fora ter com Madame de Vionnet na tarde seguinte ao dia em que fizera tal observação. Acabou voltando lá dois dias depois, e o efeito das duas visitas, o vestígio do par de horas passado em sua companhia, foi o da plenitude e o da assiduidade. O corajoso propósito da assiduidade, tão forte dentro dele desde o momento em que se viu vítima das suspeitas de Woollett, situou-se mormente no plano teórico, e um dos temas de suas cogitações à sombra dos choupos foi o da origem daquela timidez que ainda o mantivera cauteloso. Strether por certo havia se livrado disso agora, dessa singular timidez; no que ela teria se convertido caso não a houvesse precisamente eliminado no decorrer da semana?

Ocorria-lhe agora na verdade, tão claro quanto água, que, se ainda se mantivera cauteloso, fora por uma só e única razão. Com

efeito, receara faltar com a boa-fé; quando se corre o risco de gostar daquela mulher em demasia, o mais seguro a fazer é esperar pelo menos até obter o direito de gostar tanto. À luz dos últimos dias o risco mostrou-se bastante elevado; de modo que não deixou de ser igualmente animador o fato de esse direito também ter sido estabelecido. Pareceu-lhe que essa segunda circunstância fora, em cada uma dessas ocasiões, de grande valia: como poderia ter feito mais, ele em todo caso se perguntava, do que imediatamente participar àquela dama que, se não se importasse, preferiria evitar os assuntos cansativos? Nunca, como então, sacrificara uma braçada de tão altos interesses do que quando lhe fizera essa proposta; nunca abrira o caminho para assuntos comparativamente mais frívolos do que quando se dirigira daquela forma à inteligência de Madame de Vionnet. Foi somente mais tarde que se lembrou de como, ao esconjurar tudo que não fosse agradável, também havia esconjurado quase tudo o que haviam conversado até aquele momento; foi somente depois que lhe ocorreu que, em virtude desse novo tom, o nome de Chad nem sequer fora mencionado. Um dos elementos que mais lhe colaram à lembrança, naquela tarde na encosta do morro, foi o da deliciosa facilidade com que Marie se ajustara ao novo tom; ali, deitado de costas, pensou em todos os tons que ela saberia executar em caso de precisão e, de qualquer modo, em até onde poderia contar com ela para portar-se à altura das novas demandas. Strether havia se esforçado para fazê-la entender que, estando desinteressado de tudo agora, ela também deveria estar, e ela mostrara ter compreendido, e ele mostrara que estava grato, e fora como se, para todos os efeitos, aquela fosse a primeira visita que ele lhe fazia. Haviam se encontrado outras vezes, mas isso nem contava; era como se, caso houvessem sabido quanto *realmente* tinham em comum, teriam evitado um grande número de assuntos relativamente enfadonhos. Bem, evitavam-nos agora, incluindo as graciosas fórmulas de agradecimento e os elegantes “Não há de

quê"! E foi espantoso o que ainda podia ser dito sem se fazer nenhuma alusão ao que até então se passara. Talvez fosse apenas, em última análise, um truque de efeito; mas contribuiu para que eu parecesse ter dito: "Não quero que goste de mim, se é essa a questão, por causa de nada óbvio e atabalhoado que tenha, como dizem, 'feito' pela senhora: quero que goste de mim — bem, que goste de mim, com os diabos, pelo que bem quiser. Assim, nesta conformidade, gostaria que a senhora não fosse apenas a pessoa que vim a conhecer através de minha ingrata conexão com Chad — e, aliás, que poderia haver de *mais* ingrato no mundo do que isso? Por favor, seja para mim, com todo o seu tato e toda a sua confiança admiráveis, o que for necessário para que possa mostrar-lhe quanto atualmente me agrada pensar que a senhora é". Não era uma solicitação fácil de ser aceita; mas, se ela não tinha aceitado que *mais tinha* feito, então, e como as horas que passaram juntos correram tão tranquilas, suaves, mas lentas, fundindo-se liquefeitas com sua bendita ilusão de ócio? Por outro lado, Strether reconhecia que talvez não estivesse de todo errado em sua atitude anterior, mais rigorosa, a que o fizera ficar atento para o risco de faltar com a boa-fé.

Assim ele seguiu examinando o quadro (era como via sua situação) durante todo o resto do dia vagabundo; de sorte que o encanto não só se manteve inalterado, como continuou de fato pairando mais do que nunca sobre ele quando, perto das seis, descobriu-se em amistoso colóquio com uma mulher robusta, de gorro branco e voz sonora, na porta do *auberge* da maior das aldeias, uma aldeia que se lhe apresentou como algo torto, feito de branco e azul, fincado em meio a um verde cúprico e banhado por um rio que corria por trás (ou pela frente: impossível dizer); nos fundos, porém, do jardim de uma hospedaria. Nosso amigo tivera outras aventuras antes disso; continuara subindo a colina, depois de

espantar o sono; admirara, quase ardentemente, outra antiga igreja, com seu teto inclinado e coloração indistinta de ardósia por fora e acabamento caiado, com flores de papel, por dentro; perdera e tornara a achar o caminho; cavaqueara com camponeses cuja experiência mundana o surpreendera; adquirira de repente uma impávida facilidade de exprimir-se em francês; com o cair da tarde, degustara uma *bock* suave, muito pálida e parisiense, no café da aldeia mais distante, que não era das maiores da região; e, nesse meio tempo, não havia cruzado uma única vez a oblonga moldura dourada. A moldura havia retrocedido para ele a seu bel-prazer; mas tal era a sua sorte. Strether finalmente tornara a descer ao vale, para ficar perto das estações e dos trens, dando as costas para as terras de onde viera; e foi desse modo que ele por último parou diante da estalajadeira do *Cheval Blanc*, que, com uma bruta solicitude que soou como o estrépito de tamancos sobre um chão de pedras, concordou em providenciar-lhe uma *côtelette de veau à l'oseille* e um transporte subsequente. Se, após ter percorrido muitos quilômetros, não dava conta de quanto estava fatigado, também não perdia de vista que estava contente. Mesmo assim, conquanto houvesse passado o dia inteiro sozinho, nunca lhe pareceu que estivesse, como então estava, tão envolvido com os demais e situado bem no centro de seu drama. Talvez seu drama pudesse ser dado como encerrado, com a catástrofe a custo evitada, mas eis que este se mostrava vivo de novo quando ele assim lhe dava a sua maior chance. Strether só teve por fim de afastar-se para sentir, por estranho que pudesse parecer, que o drama ainda estava em curso,

Pois ali estivera no fundo, durante todo o dia, o encanto do quadro — no fato de que se tratava essencialmente, mais do que tudo, de uma cena e de um palco, e de que o próprio espírito da peça estava no farfalhar dos salgueiros e na tonalidade do céu. Sem que ele se desse conta, a peça e as personagens lhe haviam povoado todo

o espaço, e de alguma maneira parecia bom que elas se oferecessem, nas condições assim fornecidas, com uma espécie de inevitabilidade. Foi como se as condições as tornassem não apenas inevitáveis, mas muito mais naturais e adequadas, pois ficava no mínimo mais fácil e agradável de enfrentá-las. Em lugar algum as condições haviam manifestado sua diferença sobre as de Woollett como agora lhe pareciam manifestar no pequeno pátio do *Cheval Blanc*, enquanto ele tratava com sua anfitriã de providenciar um clímax confortável. Eram simples e escassas, parcas e humildes, mas eram o “cerne” da questão, como ele teria dito; muito mais até do que o nobre e antigo salão de Madame de Vionnet, onde rondavam os fantasmas do Império. “O” cerne era o núcleo que implicava o maior número de elementos da espécie com que tivera de lidar; e era estranho sem dúvida, mas assim era — a implicação aqui se fez completa. Não houve uma única de suas observações que tivesse de algum modo ficado de fora; não houve um único sopro da fresca brisa noturna que não constituísse de algum modo uma sílaba do texto. O texto dizia simplesmente, quando condensado, que, em lugares como *aqueles*, as circunstâncias se davam dessa maneira, e que, segundo elas, se alguém fosse escolhido para percorrer a cena, essa pessoa devia prestar contas com aquilo que alcançara compreender. Entrementes, em todo caso, já bastava o fato de elas terem chamado a atenção — no tocante ao aspecto da aldeia — como mistura de tortuosidade, de branco e azul, inserida em um verde cúprico; existindo de fato, nesse aspecto, um muro externo ao Cavalo Branco que fora pintado numa tonalidade das mais improváveis. Isso fazia parte do contentamento — como se para mostrar que a diversão era inofensiva; assim como bastava, ademais, que o cenário e a peça aparentemente se fundissem na pródiga descrição que a boa mulher entabulou a respeito do que podia ser feito pelo apetite de seu visitante. Ele sentiu em suma uma confiança, e esta era geral, era tudo o que desejava sentir. Sua confiança não sofreu nenhum abalo

mesmo quando a estalajadeira mencionou que havia acabado de pôr a mesa para duas pessoas, as quais, ao contrário do Monsieur, chegaram pelo rio — em um barco próprio; um casal que lhe havia perguntado, meia hora antes, o que ela podia fazer por eles, e então seguira remando para examinar alguma coisa rio acima — um passeio do qual logo retornaria. O Monsieur talvez pudesse, se fosse de seu agrado, passar para o (por assim dizer) jardim, onde ela lhe serviria, se ele desejasse — pois havia mesas e bancos à farta — um “bitter” antes da refeição. Ali ela também o manteria informado sobre a possibilidade de um transporte para a estação, e ali ele desfrutaria em todo caso do *agrément* do rio.

Devemos explicar sem mais delongas que o Monsieur desfrutou do *agrément* de tudo e, em particular, durante os vinte minutos subsequentes, de um pequeno pavilhão privativo no perímetro do jardim, quase debruçando-se sobre o rio, testemunha, em seu estado um tanto dilapidado, de muitos doces encontros. Não passava de uma plataforma, ligeiramente elevada, com um par de bancos e uma mesa, um gradil de proteção e um teto avançado; mas comandava toda a imensidão azul-cobalto do rio, que, dobrando um pouco acima, saía do campo de visão para ressurgir bem mais no alto; e que claramente era destino apreciado nos domingos e em ocasiões festivas. Strether acomodou-se ali e, embora faminto, sentiu-se em paz; a confiança que havia construído aprofundou-se com o marulho das águas, a ondulação da superfície, o rumorejo dos juncais na margem oposta, o frescor leve e difuso e o ligeiro balanço de dois pequenos barcos amarrados a um rústico atracadouro, bem próximo. O vale do outro lado combinava o cobre esverdeado das terras e o tom de pérola vitrificado do céu, um céu sustentado por uma cortina de árvores que pareciam achatadas, como em uma espaladeira; e, posto que o restante da aldeia se espriasse pela vizinhança, o panorama desolado fez com que a visão de um dos

barcos se mostrasse convidativa. Com um rio como aquele o observador sentia-se levar corrente abaixo antes mesmo de pegar nos remos — cujo manejo indolente, aliás, teria servido para compor a impressão mais completa. A sensação se intensificou a tal ponto que nosso amigo se pôs de pé; mas o impulso, por sua vez, fez ver como estava cansado, e, ao encostar-se em um poste e seguir contemplando a distância, ele avistou um detalhe que, de chofre, chamou-lhe a atenção.

IV

O que ele viu foi exatamente o que tinha de ver — um barco avançando pela curva com um homem empunhando os remos e uma senhora que, na popa, segurava uma sombrinha cor-de-rosa. Foi como se, de repente, essas figuras, ou algo semelhante a elas, fossem necessárias ao quadro, houvessem sido buscadas mais ou menos o dia todo, e agora se oferecessem à vista mansamente, no ritmo lento da corrente, a fim de ocupar a medida necessária. O casal seguia devagar, rio abaixo, evidentemente em direção ao atracadouro próximo ao observador e revelando-se a ele com bastante clareza como sendo as duas pessoas para quem sua anfitriã já vinha preparando a refeição. Strether não hesitou em considerá-las duas pessoas muito felizes — um jovem senhor em mangas de camisa, uma jovem senhora elegante e despreocupada, que haviam sido agradavelmente transpostos de outra região e, tendo se acostumado com a redondeza, aprenderam a aproveitar o que aquele recanto particular tinha a lhes oferecer. O ar adensou-se, à medida que a dupla se aproximava, tomado por outras sugestões; a sugestão de

que eles eram experientes, familiares, assíduos — a de que aquela, de todo modo, não podia ser a sua primeira vez. Os dois sabiam o que fazer, ele vagamente intuiu — e essa constatação tornou-os ainda mais idílicos, ainda que, no exato momento em se produziu essa impressão, o barco tenha começado a perder o rumo ao ser deixado à deriva pelo remador. Mesmo assim tinha chegado bem mais perto — perto o suficiente para que Strether devaneasse que a dama à popa havia por alguma razão percebido que ele estava lá a observá-los. Ela havia feito um breve comentário sobre isso a seu companheiro, que, porém, não se virara; era na verdade quase como se nosso amigo tivesse ouvido a mulher pedir ao moço que não se movesse. Algo ocorrera a essa dama fazendo com que o curso da embarcação oscilasse, e esta continuou a oscilar enquanto eles se mantiveram parados. O pequeno fenômeno foi súbito e rápido, tão rápido que por um breve instante a percepção de Strether sobre o incidente distinguiu-se do agudo sobressalto que acabou sentindo. Ele também tinha, naquele minuto, compreendido algo, compreendeu que conhecia a senhora cuja sombrinha, deslocada como se fosse para ocultar-lhe o rosto, constituía tão belo ponto rosado na cena iluminada. Tratava-se de um prodígio, uma chance em um milhão, mas, se ele conhecia a senhora, o cavalheiro, que ainda se conservava de costas e afastado, o cavalheiro, o herói sem casaca daquele idílio, que havia respondido ao sobressalto de sua companheira, era, para completar o milagre, ninguém menos, ninguém mais do que Chad Newsome.

Chad e Madame de Vionnet, como ele, passavam o dia no campo — embora fosse esquisito como um dado da ficção ou da farsa que acontecesse de o campo deles ser exatamente o de nosso amigo; ela fora a primeira a reconhecer, a primeira a sentir, do outro lado do rio, o choque (pois parecia redundar nisso) do assombroso incidente. Com isso, Strether tomou consciência do que estava

ocorrendo — de que o reconhecimento dela era ainda mais estranho para o casal no barco, de que seu impulso imediato fora o de controlar a situação e de que ela estava discutindo com Chad, de modo tenso e rápido, sobre os riscos da traição. Ele viu que os dois não esboçariam reação se pudessem ter certeza de que seu observador não os havia reconhecido; de modo que por alguns segundos este último também hesitou. Era uma crise pungente, fantástica, que havia surgido como se num sonho, e só precisou durar alguns segundos para ele sentir que era horrível. Cada um dos lados, portanto, procurava *sondar* o outro por alguma razão que parecia ferir a tranquilidade, como uma nota estridente, não deliberada. Mais uma vez cuidou que, dentro do contexto, só restava uma coisa a fazer — resolver o impasse por meio de algum sinal de surpresa ou de alegria. Foi o que fez em seguida, com alarde, agitando o chapéu e a bengala, e chamando-os em voz alta — uma exibição que respirou aliviado por ver correspondida. O barco, em meio à correnteza, ainda navegou um pouco a esmo — o que pareceu natural, porém, enquanto Chad se virava, pondo-se parcialmente de pé; e sua boa amiga, depois de um momento de perplexidade e assombro, começava a acenar alegremente com a sombrinha. Chad sentou-se de novo, empunhando os remos, e a embarcação fez meia-volta, enquanto a surpresa e a amabilidade enchiam o ar, e o alívio, conforme Strether continuava a imaginar, suplantava a mera violência. Nosso amigo desceu à margem tomado por esse sentimento peculiar que era o da violência contornada — a violência de o terem “esnobado” ali mesmo, a natureza por testemunha, na pressuposição de que ele não saberia de nada. Strether os aguardou com um semblante do qual, sabia bem, fora incapaz de apagar a ideia de que os dois teriam seguido adiante, como que cegos e alheios a tudo, perdendo o jantar e desapontando a estalajadeira, se ele próprio houvesse adotado uma linha de conduta similar. Isso pelo menos foi o que lhe obscureceu

momentaneamente a visão. Mais tarde, após seus amigos terem atracado, e ele tê-los ajudado a desembarcar, o mero milagre do reencontro ajudou a extinguir o mal-estar.

Era muito melhor, dos dois lados, no fim das contas, tratar como insensata extravagância do destino o fato de a situação tornar-se flexível por causa das explicações postas em jogo. O porquê de a situação quase ter ficado tensa — despropósitos à parte — era algo que naturalmente não cabia pensar no momento e, na realidade, no que nos diz respeito, somente Strether, mais tarde e em particular, ocupou-se dela. O pobre homem viria a refletir mais tarde e em particular que fora principalmente *ele* quem oferecera as explicações — e que, no mais, encontrara comparativamente pouca dificuldade era oferecê-las. Nosso amigo viria a cismar, nesse meio tempo, que o casal talvez secretamente suspeitasse que ele tivesse tramado a coincidência, esforçando-se como podia para dar-lhe uma aparência de acidente. Essa possibilidade — com a imputação que os dois lhe fariam — decerto não merecia um segundo de atenção; contudo, todo o incidente era tão nitidamente (por mais que disfarçassem) embaraçoso que ele quase permitiu que lhe viessem aos lábios justificativas para sua própria presença naquele local. Se negar qualquer intenção teria sido indiscreto, sua presença não deixava de representar, ou quase, uma grosseria; e a única saída que havia para qualquer um deles estava em Strether, naquele ensejo, evitar qualquer espécie de negativa. Nada do tipo, até onde se ouviu falar ou se viu chegar à superfície, esteve em questão; superfície e elocução voltaram-se apenas para a sorte ridícula que os unia, para a *invraisemblance* geral da ocasião, para o feliz acaso de o casal ter, ao passar, encomendado o jantar, para o feliz acaso de ele próprio não ter jantado, para o acaso ainda mais feliz de seus pequenos planos, seus horários, o trem, em suma, que tomariam *là-bas*, de tudo isso casar-se de modo a poderem regressar juntos a Paris. Mas o acaso

mais feliz de todos, o acaso que arrancou de Madame de Vionnet seu mais claro e alegre “*Comme cela se trouve*”! Foi o anúncio feito a Strether, quando todos já estavam acomodados à mesa, a notícia que lhe deu a estalajadeira sobre a carruagem para a estação, com a qual ele agora poderia contar. A notícia decidia a questão para seus amigos; o transporte — a *incrível* sorte de tudo aquilo! — também lhes convinha; e nada lhes parecia mais delicioso do que o fato de ele estar ali para garantir-lhes o retorno. De ouvi-la falar, parecia tratar-se de um detalhe quase artificialmente vago para os dois, um pormenor a ser estabelecido; mesmo que Strether viesse a lembrar-se depois de que Chad prontamente intercedeu para afastar essa implicação, rindo da frivolidade de sua companheira e fazendo questão de frisar que, apesar do deslumbramento que era passar o dia na companhia dela, ele sabia muito bem o que fazia.

Strether viria a recordar, além do mais, que essas palavras para ele acabaram representando a única intervenção de seu amigo; e na realidade viria a lembrar, adiante, em subsequentes ponderações, como muitos pormenores, por assim dizer, encaixaram-se. Um deles, por exemplo, estava no fato de que a demonstração de surpresa e alegria daquela mulher magnífica fora expressa inteiramente em francês, que ela parecia falar com um comando sem precedentes de torneios idiomáticos, guardando com isso, como poderia ser dito, certa distância de seu amigo, disparando de repente em pequenas tiradas brilhantes que ele mal e mal pôde acompanhar. A questão do francês de Strether nunca se impusera entre eles; era algo que ela jamais teria tolerado — para uma pessoa experiente, não passava de um assunto enfadonho; mas o efeito atual foi inusitado, quase encobrendo a identidade daquela dama, restituindo-a a uma classe ou raça caprichosa, a cuja intensa audibilidade ele já estava, naquela altura, habituado. Quando ela se manifestava em seu inglês encantador, ligeiramente excêntrico, pelo qual a conhecia melhor,

parecia-lhe uma criatura (única entre milhões) dotada de uma linguagem bem particular, um verdadeiro monopólio de uma nuance especial de fala, graciosamente fácil para ela, mas de uma cor e de uma cadência que eram a um só tempo inimitáveis e obra do azar. Madame de Vionnet recuperou esses seus atributos quando, após o grupo ter-se acomodado no salão da hospedaria, ela se deu conta, digamos, do que lhes viria a acontecer; era inevitável que aquele ímpeto jaculatório sobre a incrível coincidência devesse por fim esgotar-se. Foi então que a impressão de Strether adquiriu uma forma mais acabada — a impressão, destinada apenas a consolidar-se, a mostrar-se completa, de que havia algo que precisavam assumir, algo que tinham de levar adiante da melhor forma possível, e de que era ela quem, de um jeito em geral admirável, estava fazendo isso. Não estranhava, é claro, que precisassem assumir certas coisas; a amizade, a ligação que havia entre eles demandava uma dose de explicação — os vinte minutos que passou com Mrs. Pocock teriam deixado isso claro, caso não estivesse claro o bastante, antes. Contudo, a generosa teoria de nosso amigo, como sabemos, fora a de que os fatos não lhe diziam respeito, e continham, além do mais, na medida em que precisava lidar com eles, uma beleza intrínseca; e isso não só o deixava preparado para tudo, como também o eximia de qualquer mistificação. Quando chegou ao hotel naquela noite, contudo, viu que, no fundo, não estava preparado ou eximido; e já que falamos daquilo que ele, após o regresso, havia de recordar e interpretar, seria conveniente de imediato dizer que a verdadeira experiência dessas poucas horas se revestiu, sob o influxo daquela visão tardia — pois apenas se deitou quando já estava amanhecendo do aspecto que melhor convém a nosso propósito.

Ele então soube mais ou menos como havia sido afetado — na ocasião soubera apenas em parte. Não faltaram motivos na realidade depois de eles terem, como dissemos, se acomodado no salão; pois

sua consciência, embora refreada, experimentou seus momentos mais dramáticos no novo ambiente, uma queda acentuada para um estado de boêmia inocente e afetuosa. Estavam com os cotovelos sobre a mesa, deplorando o fim prematuro dos dois ou três pratos; lapso que tentaram compensar abrindo outra garrafa enquanto Chad pilheriava de maneira um pouco entusiasmada, talvez um pouco fora do contexto, com a estalajadeira. Em suma, tudo aquilo havia demonstrado que a ficção e a farsa *estavam*, inevitavelmente, no ar, e não como simples termo de comparação, mas como resultado do que se havia dito; também no geral se recusavam (embora fosse uma atitude desnecessária, naquela altura dos acontecimentos) a reconhecer isso — ainda que, caso não tivessem recusado, Strether não soubesse ao certo o que poderiam ter feito. Continuou sem saber ao certo mesmo uma hora ou duas depois da meia-noite, nem mesmo depois de, no quarto de hotel, ter permanecido muito tempo no escuro sentado no sofá e olhando para a frente. Dessa posição privilegiada, tinha plena consciência de tudo, podendo tirar as conclusões que lhe coubesse tirar. A conclusão a que continuava chegando era a de que houvera simplesmente uma *mentira* naquele caso encantador — uma mentira que podia agora, por estar afastado e decidido, indicar com exatidão. Foi com a mentira que eles comeram e beberam e conversaram e riram, que esperaram com alguma impaciência a chegada da *carriole*, e então subiram no veículo e, acalmando-se a olhos vistos, percorreram os cinco ou seis quilômetros em meio ao lusco-fusco da noite estival. A refeição e a bebida, recursos em si, foram providenciais; a conversa e as risadas também; e foi ao longo do regresso um tanto tedioso à estação, ao longo da espera, dos atrasos subsequentes, da submissão à fadiga, do silêncio que se fez no compartimento sombrio do trem com suas muitas paradas, que ele se preparou para as reflexões que estavam por vir. Fora uma encenação, o comportamento de Madame de Vionnet, e mesmo que houvesse naquela medida vacilado perto do

fim, mesmo que sua amiga tivesse deixado de acreditar naquilo, como se tivesse alguma dúvida ou Chad houvesse encontrado um momento para perguntar-lhe à socapa de que adiantava tudo aquilo, mesmo assim, foi a ideia de uma encenação que ficou em sua mente, de forma encantadora, com um jeito de ato final na conclusão de que era mais fácil persistir na farsa do que abandoná-la.

Do ponto de vista da presença de espírito foi algo de fato extraordinário, extraordinário não só por causa da presteza, da esplêndida convicção, mas do modo como a decisão dela foi tomada de imediato, sem que houvesse tempo para confabular com Chad, sem que houvesse tempo para nada. A única consulta que fizeram um ao outro teria sido no barco, no breve instante antes de acusarem o reconhecimento do espectador à margem, pois, se não ficaram a sós um momento desde então, tudo o que comunicaram entre si só pode ter sido comunicado em silêncio. Isso fez parte da impressão profunda que Strether experimentou, para não falar do forte interesse, ao perceber que eles podiam comunicar-se dessa forma — que Chad em particular tivesse conseguido alertá-la que deixava o caso em suas mãos. O moço tinha por hábito servir-se dos outros, como Strether sabia muito bem, e na verdade ocorreu-lhe em meio a essas rumações que ainda não havia presenciado uma ilustração tão nítida de seu famoso *savoir-vivre*. Era quase como se ele houvesse satisfeito a vontade de sua amiga ao deixá-la mentir sem corrigi-la — quase como se, em verdade, fosse aparecer naquela manhã para acertar, entre ele e Strether, a questão. Claro que não viria; era daqueles casos em que um homem era obrigado a aceitar a versão feminina, mesmo quando esta soava fantástica; se ela, com mais nervosismo do que queria aparentar, havia preferido, como podemos dizer, fingir que haviam saído de Paris naquela manhã, sem nenhum plano definido salvo o de voltar no fim do dia — se ela assim avaliou, como se dizia em Woollett, a necessidade deles, é

porque sabia melhor do que ninguém o que estava fazendo. Havia fatores, mesmo assim, que não se podiam ignorar e que tornavam esquisitas essas providências — o fato bastante evidente, por exemplo, de que ela não podia ter iniciado o dia com aquele vestido, com aquele chapéu, com aqueles sapatos e até mesmo, por falar nisso, com aquela sombrinha cor-de-rosa, como estava no barco. De onde mais proveio a quebra de sua segurança conforme a tensão aumentava ~ de onde mais surgiu o ligeiro embaraço à sua fabulação do que do conhecimento de que não podia exhibir, com o cair da noite e nem ao menos um xale para agasalhar-se, uma aparência que se ajustasse à história? Madame de Vionnet confessou que estava com frio, mas apenas para responsabilizar a própria imprudência, sobre a qual Chad lhe permitia fantasiar como bem entendesse. O xale dela e o casaco de Chad, bem como o restante das peças femininas e masculinas, as que eles vestiram no dia anterior, estavam em um lugar que só os dois conheciam — um recanto sossegado, sem dúvida — onde estiveram passando as vinte e quatro horas, para onde haviam planejado regressar aquela noite, de onde vieram tão extraordinariamente para dar com a vista de Strether, um local cuja tácita negação da existência consistira, por conseguinte, na essência daquela comédia. Strether viu quando ela súbito percebeu que não podiam dar a impressão de que voltariam para lá nas barbas dele; no entanto, para ser honesto, à medida que escarafunchava mais e mais o assunto, não deixava de ficar um pouco surpreso, como Chad talvez tivesse ficado, com o surgimento de um tal escrúpulo. Strether julgou até mesmo adivinhar que ela nutriu esse escrúpulo mais por causa de Chad do que em causa própria, e que, como o moço perdeu a oportunidade de respaldá-la, ela teve de continuar com a farsa, enquanto seu companheiro se enganava sobre os motivos que a levaram a agir assim.

No entanto, Strether ficou bastante contente que, a bem da verdade, não tivessem se despedido no *Cheval Blanc*, que ele não tivesse sido reduzido ao papel de dar-lhes a bênção para que tornassem a seu idílico retiro rio acima. Nas atuais circunstâncias fora obrigado a simular mais do que gostaria, mas isso não era nada, percebeu, comparado cora o que lhe teria sido exigido se tivessem optado pelo plano alternativo. Teria sido capaz de, literalmente, encarar a alternativa? Teria sido capaz de tirar o melhor partido dela com eles? Era isso o que estava tentando fazer naquele momento; mas com a vantagem de que o tempo que agora podia dedicar ao tema contrapunha-se ao seu sentimento daquilo que, acima e além do fato central, fora forçado a engolir. Era essa quantidade de fingimento envolvida e tão vivamente exemplificada que mais ofendia seu estômago espiritual. Ele, sem embargo, passou dessa reflexão sobre a quantidade (para não mencionar o que pensava sobre esse órgão) — para a outra faceta do espetáculo: a profunda, profunda certeza da intimidade revelada. Foi a esse ponto que ele mais voltou durante sua inócua vigília: a intimidade, nesse contexto, parecia com isso — e com que mais se poderia querer que parecesse? Estava tudo bem quando lamentava que parecesse tanto com um embuste; quase enrubesceu, no escuro, diante do modo vago como vestiu essa possibilidade, como uma menininha a vestir sua boneca. Strether obrigou-os (e sem que eles tivessem culpa por isso) a momentaneamente desnudá-la, para ele, de toda a sua vagueza; de forma que não deveria enxergá-la agora do jeito que seus amigos simplesmente, fossem quais fossem as túbias atenuações, a ofertavam? A própria questão, é preciso acrescentar, fez com que se sentisse sozinho e com frio. Havia o lado embaraçoso de tudo isso, mas Chad e Madame de Vionnet ao menos dispunham um do outro para conversar, o que lhes serviria de consolo. Com quem ele poderia falar de tais coisas? — A não ser de fato, como sempre e em quase qualquer circunstância, com Maria? Previu que recorreria

mais uma vez a Maria Gostrey no dia seguinte; embora não se pudesse negar que temia um pouco a sua reação. “Que diabos — é o que eu quero saber agora — o senhor estava supondo”? Ele reconheceu por fim que realmente estivera esse tempo todo tentando não supor coisa nenhuma. A bem da verdade, seu esforço fora inútil. Ele se pegou supondo inumeráveis maravilhas.

Livro Décimo Segundo

I

STRETHER NÃO PODERIA ter dito que houvesse, nas horas que se passaram, definitivamente esperado por isso; porém, mais tarde, naquela manhã — ainda que de fato não depois das dez, o horário em que descera do quarto ao ver que o porteiro exibiu, com a sua chegada, um *petit bleu* entregue após o envio da correspondência, nosso amigo reconheceu na imagem o primeiro sintoma de uma série. Ele soube então que no fundo sempre julgara ser mais provável que Chad desse um sinal antecipado do que sinal nenhum; e tomou o telegrama como sendo justamente prova disso. Estava tão convicto que abriu o *petit bleu* ali mesmo, na brisa agradável da *porte cochère* — apenas curioso para ver em que ponto, daquela conjuntura, o moço cederia. Sua curiosidade, contudo, foi mais do que recompensada; a minúscula missiva, cuja borda colada ele romperia sem atentar para o endereço, não fora de forma nenhuma enviada pelo rapaz, mas pela pessoa que, no caso atual, logo lhe pareceu mais digna de interesse. Fosse digna ou não de seu interesse, ele correu à agência do correio mais próxima, o grande estabelecimento que havia no bulevar, com uma determinação que quase traía seu receio pelo risco de um atraso. Talvez imaginasse que, se não fosse imediatamente, pudesse cuidar que talvez não fosse mais. Ele de todo modo manteve, no bolso interno inferior de seu paletó, a mão firmemente agarrada à missiva azul, amassando-a num gesto mais carinhoso do que áspero. Compôs a resposta, no bulevar, também na forma de um *petit bleu* — o que se produziu

rapidamente, sob a pressão do local, visto que, à semelhança do próprio comunicado de Madame de Vionnet, sua nota restringiu-se ao mínimo. A senhora havia indagado se lhe faria a imensa gentileza de vê-la aquela noite, às nove e meia, e ele respondera, como se fosse a coisa mais natural do mundo, que estaria presente na hora estipulada. Ela acrescentara uma linha de pós-escrito, dizendo que poderia encontrá-lo em outro lugar e no horário que preferisse; mas Strether não deu importância a isso, sentindo que, se era para vê-la, que fosse onde já a vira em sua melhor forma. Podia nem ir ao seu encontro; essa foi uma das reflexões que fez depois de escrever a resposta e antes de depositar o envelope cerrado na caixa do correio; não precisava ver mais ninguém; agora era um momento tão bom como qualquer outro para pôr fim ao assunto, deixar as coisas como estavam (já que sem dúvida não poderia torná-las melhor) e pegar o caminho de volta para casa, na medida em que ainda parecia restar-lhe uma. Por uns minutos essa alternativa foi tão penetrante que se ele no fim acabou depositando a missiva talvez tenha sido porque a pressão do lugar exerceu sua influência.

Não houve nenhuma outra pressão, contudo, salvo aquela comum e constante, familiar a nosso amigo sob a rubrica dos *Postes et Télégraphes* — o não sei que no ar desses estabelecimentos; a vibração da vasta e estranha vida da cidade, a influência dos tipos humanos, os atores tramando suas mensagens; a presteza das pequenas mulheres de Paris conjurando, pretextando Deus sabe lá o quê, cravando as medonhas canetas públicas, pontudas como agulhas, nas medonhas mesas públicas, salpicadas de areia: instrumentos que simbolizavam, para a inocência demasiado imaginativa de Strether, algo mais agudo em termos de costumes, mais sinistro em termos éticos, mais feroz em termos da vida nacional. Muito lhe aprouve pensar, depois de expedida a mensagem, que agora se havia aliado às fileiras do feroz, do sinistro

e do agudo. Ele mantinha uma correspondência que cruzava a metrópole, bem no espírito geral dos *Postes et Télégraphes*; e era como se a aceitação desse fato tivesse vindo de algo em seu estado de espírito que se coadunava com as ocupações de seus vizinhos. Estava imerso na típica fábula parisiense, assim como os outros, pobres criaturas — como poderiam ser diferentes? Não eram piores do que ele, em suma, nem ele pior do que os outros — ainda que, curiosamente, também não se mostrasse melhor; havia em todo caso cumprido sua missão, de modo que saiu para começar, a partir daquele instante, o seu dia de espera. O mais importante, ele sentia, era ver a sua correspondente em sua melhor forma. Isso fazia parte daquela fábula típica, a parte mais significativa no que lhe dizia respeito. Strether gostava do lugar onde Madame de Vionnet vivia, o cenário que sempre a enquadrava, amplo, alto e distinto: todas as vezes que a contemplava, sentia um prazer de um matiz diferente. Mas o que estava fazendo com nuança de prazer naquele momento, e por que, com maior lógica e propriedade, não a obrigava a assumir quaisquer que fossem a desvantagem e a penalidade que a situação impunha? Ele podia ter proposto, como se deu com Sarah Pocock, a fria hospitalidade de seu próprio *salon de lecture*, onde o abatimento deixado pela visita de Sarah ainda parecia perdurar e onde os matizes de prazer eram escassos; podia ter sugerido um banco de pedra nos jardins poeirentos das Tulherias, ou uma cadeira alugada nos fundos dos *Champs Élysées*. Tais arranjos teriam sido um pouco austeros e, naquelas circunstâncias, somente a austeridade não seria sinistra. Ele instintivamente buscava uma forma de disciplina para impor ao reencontro — um incômodo que fossem obrigados a suportar, algum tipo de perigo ou ao menos uma grave inconveniência a que fossem submetidos. Isso daria a impressão — que o espírito exigia, mas em cuja ausência como que sofria e suspirava — de que alguém estava pagando por algo em algum lugar e de algum modo, que pelo menos não singravam juntos o rio

prateado da impunidade. Mas, em vez disso, ir visitá-la naquela noite, como se, no fim das contas... bem, como se estivesse tão ao corrente da situação como todo mundo: isso tinha quase nada em comum com qualquer forma de disciplina.

Mesmo quando sentiu que essa objeção se dissipava, no entanto, a diferença na prática foi mínima; o longo decurso de seu intervalo tingiu-se da cor prevista, e se conseguisse viver hora após hora sob o domínio do sinistro, ficaria provado que a tarefa não era afinal tão difícil quanto imaginava. Recorreu em espírito à sua antiga tradição, aquela em que se formou e que após tantos anos sofrera pouquíssimos abalos; a noção de que a condição do malfeitor, ou pelo menos a felicidade dessa pessoa, apresentava um problema especial. O que o surpreendia agora era a facilidade da coisa toda — pois nada na realidade parecia ser mais fácil. Foi uma bonança na qual se refestelou ao longo do dia; abandonou-se por completo; nem mesmo procurou, por qualquer razão, mascarar-la de dificuldade; nem sequer visitou Maria — o que de certa forma seria uma consequência desse mascaramento; contentou-se em flunar, mandriar, fumar, sentar-se na sombra, sorver refrescos e consumir gelados. O dia terminou quente, com trovoadas eventuais, e ele algumas vezes voltou ao hotel somente para descobrir que Chad não passara por ali. Nunca tivera tanto a sensação, desde que saíra de Woollett, de que se comportava como um vagabundo, embora tivesse havido ocasiões em que acreditou ter chegado ao fundo do poço. Encontrava-se em uma profundidade inédita, sem previsão, quase sem inquietude, do que traria à tona. Quase se perguntou se não estava com um aspecto de gente baixa e corrompida; enquanto fumava, imaginou uma cena na qual os Pockocks, tendo regressado por algum motivo acidental e urgente, passavam pelo bulevar e davam com ele nessas condições — a julgar por seu estado, claramente teriam tido um bom motivo para ficarem escandalizados.

Mas o destino não lhe concedeu sequer esse castigo; os Pockets nunca passaram e Chad não deu o menor sinal. Strether entretanto se conservou afastado de Miss Gostrey, reservando-a para o dia seguinte; de modo que, à noite* sua irresponsabilidade, sua impunidade, sua fartura, haviam adquirido — não havia outro termo para designá-las — um tamanho gigantesco.

Entre nove e dez horas, finalmente, no quadro alto e iluminado — naqueles dias se deslocava, como em uma galeria, de uma tela artificial para outra — ele respirou fundo: estava tão claro desde o início que o encanto de sua extravagância não se romperia. Não seria obrigado, ou melhor, a tornar-se responsável — isso estava admiravelmente no ar: ela o chamara precisamente para que não se esquecesse, de modo que pudesse seguir com a vantagem (vantagem já estabelecida, não é mesmo?) de considerar sua provação, a provação das semanas da estada de Sarah e o clímax subsequente, como coisa morta e enterrada. Não queria sua amiga apenas assegurar-lhe que ela agora estava no comando; que deveria deixar de lado as preocupações, pois só lhe restava colher os louros e continuar prestando sua generosa assistência? A iluminação em sua sala bela e solene era fraca, embora fosse suficiente, como tudo sempre era; o calor impediu o acendimento das lâmpadas, mas havia um par de candelabros cintilando sobre a lareira como altos círios num altar. Todas as janelas estavam abertas, as cortinas inúteis oscilando vagamente, e ele tornou a escutar, vindo do pátio deserto, o débil gorgolar da fonte. Mais além, como se de uma distância enorme — depois do pátio, depois do *corps de logis* da fachada — ouvia-se, como se excitada e excitante, a elusiva voz de Paris. Strether sempre fora sensível a súbitos arroubos imaginativos relacionados a assuntos como esses — estranhos sobressaltos de sentido histórico, suposições e presságios que não forneciam nenhuma garantia salvo a de sua intensidade. Assim foi que, na

véspera das grandes datas registradas, os dias e as noites da revolução, os sons reverberaram, os presságios, as premissas eclodiram. Eram o cheiro da revolução, o cheiro do clamor público — ou talvez, simplesmente, o cheiro do sangue.

Era naquele momento indescritivelmente estranho, "sutil", ele teria arriscado dizer, que essas sugestões continuassem a atravessar a cena; mas sem dúvida se tratava do efeito das trovoadas, que ecoaram o dia todo, sem que a tempestade caísse. Sua anfitriã estava vestida como que para épocas tempestuosas, e convinha ao tipo de imaginação que acabamos de atribuir a nosso amigo que ela trajasse o branco mais simples e vaporoso, de feitio tão antiquado, se não se enganava, como o usado por Madame Roland a caminho do cadafalso. Acentuou o efeito um pequeno *fichu* ou echarpe de cor preta, de crepe ou gaze, a cingir-lhe pitorescamente o colo e completar como que por um toque místico a nobre e patética analogia. Na realidade, o pobre Strether não atinava que tipo de analogia lhe seria mais apropriado conforme a encantadora senhora, acolhendo-o e fazendo-o sentir-se (como só ela sabia fazer) bem-vindo de uma forma simultaneamente grave e familiar, deslocava-se pelo aposento magnífico com sua imagem quase repetida no piso polido, que havia sido completamente despojado para o verão. As sensações associadas a esse lugar, todas prontamente recuperadas; o lampejo aqui e acolá, naquela luz esmaecida, do cristal, do ouro e do parquet, com a serenidade da nota que ela própria emitia no centro de tudo — esses elementos eram a princípio de uma delicadeza como que fantasmagórica, e no momento seguinte ficou claro que, fossem quais fossem os motivos de sua visita, não fora para buscar uma impressão que anteriormente lhe escapara. Nutrida desde o princípio, essa crença afiançou-lhe (curiosamente parecendo tornar tudo mais simples) a importância dos objetos, a importância deles para ambos. Não, talvez nunca mais os visse novamente — era

muito provável que fosse a última vez; e certamente jamais veria nada semelhante. Logo regressaria a um lugar onde tais coisas não existiam, e não deixaria de ser um pequeno consolo para a memória e para a imaginação poder dispor, sob essa ênfase, de uma pequena parcela armazenada. Já sabia que evocaria a percepção hoje sentida de forma tão aguda como se aquilo fosse algo muito, muito velho, a coisa mais velha que jamais tocou; e, ao mesmo tempo que via sua amiga como a maior das atrações, também sabia que a memória e a imaginação jamais deixariam de servir à causa dela. Aquela senhora podia querer o que quisesse, mas isso escapava às suas intenções, pois os elementos de antanho — as tiranias da história, as características do tipo, os valores, como diziam os pintores, da expressão — funcionavam em seu favor dando-lhe a oportunidade suprema, a oportunidade dos poucos, os de fato prodigamente poucos, e bons, a oportunidade de portar-se com perfeita naturalidade numa grande ocasião. Ela jamais lhe parecera mais simples e natural do que naquela noite; ou, se aquilo fosse a perfeição da arte, não lhe causava — o que dava no mesmo — nenhum desdouro.

O fato verdadeiramente extraordinário estava na maneira como se mostrava, sem nenhum detrimento de sua simplicidade, tão diferente de uma ocasião para outra. Os caprichos (estava certo de que ela acreditava nisso) constituíam antes de tudo uma falta de educação, e esse juízo da parte dela era em si um fator que concorria mais para a estabilidade das relações do que qualquer outra coisa com que ele tivera de contar em suas relações passadas. Se sua atitude, por conseguinte, era bem diferente da que exibira na noite anterior, não havia nenhuma violência nessa mudança — tudo se ajustava à razão e à harmonia. A figura que tinha diante de si era doce e profunda, ao passo que aquela com que se encontrara na ocasião de que a presente entrevista constituía uma consequência

direta era uma pessoa consignada ao movimento e à superfície, e pródiga em ambos; mas em nenhum dos dois aspectos foi mais notável do que em sua capacidade de transpor os intervalos, e essa característica hoje se agregava com tudo aquilo que ele admitia deixar em suas mãos. O único senão era que, se fosse deixar tudo em suas mãos, por que exatamente ela o teria chamado? Havia antecipadamente pensado em uma explicação vaga, na probabilidade de sua amiga querer reparar algum erro, querer de alguma forma discorrer sobre a fraude cometida havia tão pouco tempo contra sua presumida credulidade. Tentaria ela seguir adiante com a farsa ou se proporia a cancelá-la? Procuraria pintá-la com cores mais ou menos alegres; ou cruzaria os braços? Ele logo compreendeu pelo menos que Madame de Vionnet, por razoável que fosse, não padecia de nenhuma confusão vulgar, e desse modo foi forçado a considerar que a eminente “mentira” dela e de Chad afinal simplesmente representava um inevitável tributo ao bom gosto, do tipo que ele mesmo não gostaria que deixassem de prestar-lhe. Longe do casal, ao longo de sua vigília, havia estremecido em face da quantidade de comédia envolvida; ao passo que em seu atual estado de espírito só lhe restava indagar se não gostaria de vê-la retomar a peça. Não gostaria de forma alguma; nada obstante, pela milésima vez, podia confiar nela. Isto é, podia confiar-lhe a reparação do engano. A forma como ela apresentava os fatos — só Deus sabia a razão — remia-os de toda a sua fealdade; mesmo assim também sabia apresentá-los, mediante uma arte toda sua, com absoluta isenção. Madame de Vionnet deixou o assunto, em todo caso, exatamente onde estava — onde as últimas vinte e quatro horas o haviam colocado; apenas aparentando rodeá-lo, mediante torneios respeitosos, ternos, quase piedosos, enquanto abordava outra questão.

Ela sabia que não o havia ludibriado; esse ponto, antes de se despedirem na noite anterior, tinha ficado bastante claro; e, como o convocara para avaliar em que medida isso fazia diferença para ele, em cinco minutos Strether percebeu que havia sido sondado e testado. Ela havia combinado com Chad, após sua partida, que procuraria, para satisfação própria, assegurar-se do tamanho da diferença, e Chad, como era de hábito, havia deixado que sua companheira procedesse como bem lhe aprouvesse. Chad invariavelmente deixava que os outros agissem como quisessem quando intuía que a medida de algum modo faria a sorte pender para o seu lado; e a sorte de algum modo sempre pendia para seu lado. O curioso foi que Strether mais uma vez, diante desses fatos, sentiu resignar-se; os fatos mais uma vez esfregavam na sua cara que o casal que tanto lhe ocupava a atenção era íntimo, que sua intervenção por certo havia ajudado a consolidar essa intimidade e que, em suma, deveria aceitar as consequências. Ele próprio certamente havia se tornado, com suas intuições e seus equívocos, com suas concessões e suas reservas, com sua ridícula mescla (como deveria parecer-lhes) de medo e bravura, com o espetáculo geral de sua arte e inocência, quase um elo suplementar e certamente um precioso território comum onde o casal podia encontrar-se. Foi como se pudesse ouvi-los falar quando ela fez uma referência relativamente direta. “Nas duas últimas vezes em que o senhor esteve aqui me absteve de fazer-lhe um pedido”, disse, numa transição abrupta — pois antes estiveram apenas fingindo que conversavam sobre o encanto do dia anterior e sobre o interesse dos campos visitados. O esforço foi reconhecidamente vão; não foi para falar disso que ela o havia chamado, impacientemente lembrando que tinham feito com esse propósito tudo que podiam quando ele fora visitá-la após a partida de Sarah. O que não lhe havia pedido daquela vez fora que declarasse que partido tomava em relação a ela: sua amiga estivera baseando-se no que Chad lhe contara sobre o

encontro que os dois homens tiveram às altas horas no *Boulevard Malesherbes*. O pedido vinha assim acompanhado da lembrança das duas ocasiões em que ela tinha, desinteressada e misericordiosa, evitado incomodá-lo. Mas naquela noite precisava incomodá-lo, e rogava que lhe permitisse arriscar-se. Não devia ligar caso o enfadasse um pouco, pois ela havia afinal se comportado — não havia? — muitíssimo bem.

II

“Ah, está certa, certíssima”, ele quase impacientemente afirmou; sua impaciência sobrevinda, ademais, não da pressão, mas dos escrúpulos que a jovem senhora exibia. Era cada vez mais claro o tom com que ela discutira o assunto com Chad; era cada vez mais intensa a ideia de que se inquietara com sua capacidade de tomar um “partido”. Sim, a questão fora saber se Strether seria capaz de apoiá-los mesmo diante do que a cena do rio mostrara e, conquanto o moço decerto tivesse opinado em favor da recuperação de seu amigo, a última palavra da dama deve ter sido a de que preferiria ver por si mesma. Era isso, sem sombra de dúvida; ela estava vendo por si mesma. Naquele momento lhe punham na balança o partido que podia ou não tomar; e Strether refletiu, ao ter plena consciência disso, que devia mostrar-se bem preparado. Queria muito ser capaz de parecer que apoiava fosse o que fosse; e havia conquistado um certo comando da situação mediante esse seu desejo de não demonstrar espanto. Ela estava disposta a tudo, mas ele também não deixava de estar; ou seja, em um quesito parecia ser o mais preparado dos dois, já que, a despeito de toda a inteligência de sua

interlocutora, ela não conseguiu esclarecer de imediato — o que era surpreendente — por que havia enviado o telegrama. A Strether cabia a vantagem de que, ao dar-lhe “toda a razão”, podia seguir com o inquérito. “Posso perguntar-lhe, por mais encantado que eu esteja de ter vindo, se não deseja dizer-me alguma coisa especial”? Ele falou como se ela estivesse esperando a pergunta — não realmente com desconforto, mas com natural interesse. Então viu que ela ficou um pouco desconcertada, ficou até mesmo surpresa com o detalhe que havia negligenciado — o único até então; tendo de alguma maneira presumido que ele saberia, que reconheceria, que evitaria mencionar certos detalhes. Mas fixou-o por um instante como se para sugerir que, se queria que falassem de tudo).

“Egoísta e vulgar... é assim que eu devo parecer-lhe. O senhor fez tudo por mim, e eis-me aqui pedindo mais e mais. Mas não é porque esteja amedrontada”, ela continuou, “embora eu *esteja*, como uma mulher na minha posição sempre está. Quero dizer que não é porque vivemos aterrorizadas... não é por isso que somos egoístas, pois estou pronta para dar-lhe minha palavra esta noite que não me importo; não me importo com o que ainda possa acontecer e com o que eu tenha a perder. Não peço que levante um só dedo para acudir-me de novo, nem quero voltar a falar do que já conversamos, isto é, do risco que corro ou de minha segurança, da mãe dele, ou da irmã, ou da moça com quem deve casar-se, ou da fortuna que pode ganhar ou perder, ou do que for que ele possa fazer de certo ou de errado. Se, depois do auxílio que o senhor prestou, uma pessoa não sabe tomar conta dela mesma ou se é incapaz de morder a língua, ela deve renunciar a toda pretensão de constituir um objeto de interesse. É em nome daquilo com que eu *verdadeiramente* me importo que o chamei aqui. Como posso ser indiferente”, ela perguntou, “ao que pensa de mim”? E como ele se viu incapaz de responder de

imediatamente: “Ora, o senhor *precisa* mesmo nos deixar, afinal? Seria possível pedir-lhe que fique... de modo que não o perdêssemos”?

“Possível me pedir que eu fique vivendo aqui com os senhores em vez de voltar para casa”?

“Não conosco’, se tem alguma objeção, mas perto o bastante, em algum lugar onde possamos visitá-lo... bem”, Madame de Vionnet concluiu admiravelmente, “quando sentirmos que é *preciso*. Como podemos deixar de sentir essa necessidade? Muitas vezes, ao longo destas últimas semanas”, perseverou, “senti que precisava vê-lo quando não pude. Como deixar de sentir a sua falta agora, quando percebo que pode nos deixar para sempre”? Então, como se a sinceridade do apelo, ao pegá-lo desprevenido, claramente o tivesse feito vacilar: “De mais a mais onde *fica* a sua casa’ agora... que foi feito dela? Causei uma mudança em sua vida, eu sei que sim; transtornei todas as suas ideias também; no seu sentido de — como posso dizer? — das convenções e possibilidades. Fico de certo modo desgostosa...”, ela se interrompeu.

Mas ele queria ouvir. “Desgostosa com o quê”?

“Oh, com tudo... com a vida”.

“Ah, isso é demais”, ele afirmou, rindo, “ou muito pouco”!

“Muito pouco, precisamente”, estava ansiosa. “É a mim mesma que eu detesto — quando vejo que, para ser feliz, é preciso que nos apropriemos tanto da vida dos outros e que, ainda assim, não somos felizes. Fazemos isso para ludibriar nossa consciência e calar a boca — mas a medida, na melhor das hipóteses, só nos faz ganhar um tempinho extra. A maldita consciência está sempre lá, sempre nos trazendo uma nova ansiedade. O resultado é que não podemos *receber*, nunca podemos, felicidade alguma, de nenhum tipo. Dar é a

única coisa segura a ser feita. É o que nos proporciona menos enganos”. Por mais que suas palavras soassem interessantes, comoventes, surpreendentemente sinceras, ela ainda o intrigava e inquietava — de tão perfeito o tremor em sua voz antes serena. Sentia como já se sentira diante dela: que sempre havia algo por trás das aparências, e muito mais por trás disso. “O senhor pelo menos sabe”, ela acrescentou, “onde se encontra”.

“E a *senhora* também deve saber, portanto; pois o que nos uniu a esse ponto não foi exatamente aquilo que nos vem dando? A *senhora* é responsável, como fiz questão de frisar, por nos engendrar o dom mais precioso que já vi ser engendrado”, Strether disse, “e, se esse seu espetáculo não lhe traz nenhuma paz de espírito, então só pode ter *nascido* para atormentar-se. Mas é preciso”, concluiu, “que se acalme”.

“E que pare de atormentá-lo, sem dúvida — que deixe de empurrar para o senhor até mesmo o deslumbramento e a beleza daquilo que fiz; o senhor apenas quer que lhe permita ver nossa história como coisa terminada, e bem terminada, e que o deixe partir em paz, numa paz equivalente à minha! Sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida”, ela nervosamente repetiu, “ainda mais quando não posso realmente fingir que acredito que *não* tivesse sido capaz de, por si só, ter feito o que fez. Não faço de conta que o senhor se sinta vítima do que aconteceu, pois este é evidentemente seu modo de agir, o melhor que há — concordamos com isso. Sim, como disse”, continuou após um instante, “preciso acalmar-me, preciso confiar em minha obra. Pois então, eis que faço o que pede. *Estou* calma. Esta será a última impressão que levará daqui. Quando disse mesmo que partiria”? Perguntou, numa transição abrupta.

Ele fez uma pausa antes de responder — pois esta sua última impressão ficava cada vez mais embaralhada. Sentiu uma vaga

decepção, um tipo de desmoronamento maior do que o que fez ruir seu entusiasmo na noite anterior. O alento proporcionado pelo bem que causou, se é que fez tanto assim, não estava à altura de um grande final feliz. As mulheres eram, portanto, infinitamente absorventes, e lidar com elas era como caminhar sobre as águas. O problema dela, no fundo, por mais que tergiversasse e por mais que negasse, era o próprio Chad. Era de Chad que afinal sempre tivera receio; a estranha força de sua paixão estava na própria força de seu medo; ela se agarrava a *ele*, Lambert Strether, como se a uma comprovada fonte de segurança e, por mais generosa, por mais graciosa e fiel que procurasse ser, por mais requintada que fosse, temia o dia em que não o tivesse mais ao seu alcance. Junto com essa impressão, a mais nítida que já sentira até o momento, Strether sentiu um calafrio quase estarrecedor ao pensar que uma criatura tão excelente também pudesse ser, por um conluio de forças misteriosas, uma criatura tão explorada. Pois ao fim e ao cabo *era* um mistério: ela apenas fizera de Chad isso que ele era — então por que podia pensar que o havia tornado infinito? Ela fizera com que se tornasse um homem melhor, com que se tornasse o melhor dos homens, fizera o que podia ser feito; mas curiosamente ocorria a nosso amigo que ele, todavia, não deixava de ser Chad. Strether sentiu como se fosse, ao menos um pouco, responsável pela transformação; sua nobre apreciação havia, por assim dizer, consagrado a obra de sua amiga. A obra, posto que admirável, não deixava de ser de uma ordem estritamente humana, e era em suma maravilhoso que o companheiro das meras alegrias mundanas, dos confortos, das aberrações (dependendo da classificação) dentro da experiência comum, fosse estimado de uma forma tão transcendente. Uma ideia como essa podia animá-lo ou deixá-lo desconfiado, como às vezes ficamos diante de segredos alheios que calam fundo dentro de nós, mas havia ali um elemento irreduzível que lhe pareceu quase cruel. Não foi o abalo da noite anterior; isso já pertencia, ou quase, ao

passado — tais abalos eram um detalhe; a verdadeira coerção era ver um homem sendo adorado de forma tão inefável. Lá estava de novo — eram as mulheres, eram elas; se lidar com elas era como caminhar sobre as águas, por que se surpreender quando a maré subia? E a maré nunca subiu tanto quanto ao redor daquela mulher. No instante seguinte percebeu que ela lhe dirigia um olhar longo e demorado, e logo após se deu conta de que havia expressado tudo o que pensava. “É uma questão de vida ou morte para a senhora”!

A observação fez com que ela desviasse o olhar, e logo entendeu por quê. Um espasmo tomou conta de seu rosto, as lágrimas que já era incapaz de conter brotaram de início em silêncio, e então, como os sons que repentinamente escapam de uma criança, romperam em arquejos e suspiros. Ela cobriu o rosto com as mãos, renunciando a qualquer tentativa de manter a compostura. “É como o senhor me vê, é como o senhor me vê”, ela disse, recuperando o fôlego, “e é assim que eu *sou*, é assim que devo considerar-me, e é claro que nada disso importa”. A emoção dela pareceu de início tão incoerente que Strether ficou perdido, sentindo que a magoara e, no entanto, que a magoara com a verdade. Precisava escutá-la em meio a um silêncio que não fez esforço para atenuar, considerando-a duplamente pesarosa em meio a tamanha elegância difusa e sombria; consentindo no silêncio como havia consentido com tudo o mais, até mesmo experimentando uma vaga ironia interior em face a um campo tão vasto, a um fardo tão refinado de bem-aventurança. Não podia dizer que importava, *sim*; pois agora sabia, de todo modo, que tinha de ser fiel até o final — quase como se o que pensasse dela não tivesse nada a ver com isso. Além do mais, era na realidade como se não pensasse nela de forma nenhuma, como se não pudesse pensar em nada afora a paixão, madura, abissal e lastimável, que ela representava, e as possibilidades que deixava transparecer. Parecia-lhe mais velha naquela noite, visivelmente menos imune ao toque do

tempo, mas continuou sendo, como sempre, a criatura mais sutil e admirável, a mais jubilosa aparição que lhe fora dado conhecer em toda a vida; e ainda assim podia vê-la naquele momento como uma pessoa vulgarmente atormentada, como uma criada chorando por seu jovem amante. A única diferença era que julgava a si própria como uma criada não julgaria; e a fraqueza dessa ciência, a desonra desse julgamento, só parecia fazê-la afundar cada vez mais. No entanto, o colapso foi seguramente breve e, de certo modo, ela conseguiu recobrar-se antes da sua intervenção. “Claro que, para mim, é uma questão de vida ou de morte. Mas isso não é nada. Não se trata disso”.

Ele manteve-se calado por mais alguns instantes, como se refletindo sobre o que poderia ser. “Sinto que ainda há algo que eu posso fazer”.

Mas, com um meneio de cabeça brusco e triste, enxugando as lágrimas, ela por fim descartou a sua ajuda. “Não faz diferença. Claro que, como disse, com o seu jeito estupendo o senhor está agindo em seu próprio interesse; e os seus interesses me concernem tanto (por mais que num gesto ímpio ensaie tocá-los com meus dedos trêmulos) quanto se fossem matéria ocorrida em Tombuctu. É o fato de que não me destrata, embora não lhe tivesse faltado oportunidade — é essa sua magnífica paciência que faz com que esqueçamos os modos. A despeito de sua paciência, mesmo assim”, ela continuou, “o senhor prefere qualquer coisa a ficar aqui conosco, mesmo que pudesse. O senhor faria qualquer coisa para não ser confundido conosco — uma acusação a que pode facilmente responder, em benefício de seus próprios modos. Pode dizer ‘De que adianta falar de coisas que, na melhor das hipóteses, são impossíveis’? De que *adianta*, de fato? É apenas uma pequena insensatez da minha parte. O senhor falaria se o pressionassem. E

não quero dizer agora que falaria *dele*, mas por ele...”! Positivamente, estranhamente, amargamente a Strether parecia que ela renunciava, naquele momento, a “ele”. “Se não liga para o que penso do senhor, ocorre que eu ligo para o que pensa de mim. E com o que *possa* ter pensado”, ela acrescentou. “O que até talvez *tenha* pensado”.

Ele ganhou tempo. “O que eu pensei...”?

“O que pensava antes. Antes disso. *Não* pensava...”?

Mas ele já a havia interrompido. “Não pensei em nada. Nunca penso um centímetro além do que sou obrigado”.

“Isso não é verdade, acredito”, ela retorquiu, “a não ser pelo fato de que é indubitavelmente capaz de puxar o freio quando as coisas ficam feias *demais*; ou ainda, eu diria, para impedi-lo de protestar, belas demais. Em todo caso, mesmo na medida em que isso seja verdade, nós presumimos que o senhor fez a sua avaliação e cumpriu, portanto, com seu dever. Feias ou belas — chame como quiser o senhor vivia muito bem sem elas, e é aí que somos detestáveis. Nós o entediamos — é esse o ponto. E é bem merecido... diante do que lhe custamos. Tudo o que pode fazer *agora* é deixar de pensar nisso. E eu que queria parecer-lhe... bem, sublime”!

De imediato, seu convidado só conseguiu repetir as palavras de Miss Barrace. “Mas a senhora é estupenda”!

“Sou velha, abjeta e medonha”, ela prosseguiu sem dar-lhe ouvidos. “Abjeta sobretudo. Ou velha sobretudo. É pior quando estamos velhas. Não me importo com o que acontecer — deixemos que as coisas *aconteçam*. Pronto. É meu destino... sei disso; o senhor não pode ver melhor do que eu. Tudo tem de acontecer como tiver de acontecer”. Com isso tornou ao ponto ao qual, cara a cara com

ele, quase havia sucumbido. “Claro que, mesmo se fosse possível, o senhor não quer ficar ao nosso lado. Mas pense em mim, pense em mim...”! Exclamou, num suspiro.

Strether defendeu-se repetindo algo que já havia dito, mas que ela não levou em consideração. “Há algo que, creio, ainda posso fazer”. E estendeu a mão para despedir-se. Ela mais uma vez desconsiderou a oferta; prosseguiu insistindo. “Isso não vai ajudá-lo. Nada pode ajudá-lo”.

“Bem, talvez possa ajudá-la”.

Madame de Vionnet sacudiu a cabeça. “Não há um grão de certeza acerca de meu futuro — pois a única certeza que há é que sairei perdendo no fim”.

Ela não lhe deu a mão, mas o acompanhou até a porta.

“É uma notícia reconfortante”, ele disse, rindo, “para o seu benfeitor”.

“O que *me* reconforta”, ela volveu, “é que o senhor e eu podíamos ter sido amigos. É isso... só isso. Agora entende quando sugeri que quero tudo. Também quis o senhor”.

“Ah, mas eu sempre *fui* todo seu”, ele disse, à porta, com uma ênfase que pôs fim à conversa.

III

Strether planejara ver Chad no dia seguinte, e previu aparecer ainda cedo; não tendo em geral nenhuma cerimônia acerca de visitas feitas ao *Boulevard Malesherbes*. Teria sido mais natural dirigir-se para lá do que Chad ter ido a seu pequeno hotel, tão parco de atrações; contudo, de repente, na última hora, pareceu-lhe preferível dar uma chance ao moço. Ocorreu-lhe que, no curso inevitável dos acontecimentos, Chad “se apresentaria”, como Waymarsh costumava dizer — Waymarsh que de algum modo já parecia coisa do passado. O rapaz não viera no dia anterior, pois ficara combinado entre ele e Madame de Vionnet que ela deveria falar ao amigo antes; mas agora que essa etapa fora cumprida, ele decerto viria; e o amigo não teria de esperar muito. Seguindo esse raciocínio, Strether acreditava que as partes interessadas teriam se encontrado antes, e que a parte mais interessada de ambas — e seria ela, afinal — teria comunicado à outra o teor de seu apelo. Chad logo saberia que o mensageiro de sua mãe estivera com sua amiga e, embora talvez não fosse muito fácil conceber como ela qualificaria o encontro, o jovem ao menos se sentiria suficientemente autorizado a agir. O dia não trouxe, contudo, cedo ou tarde, nenhuma notícia dele, e Strether sentiu, em decorrência disso, que uma mudança havia na prática ocorrido em sua relação com o casal. Talvez fosse um juízo prematuro; ou talvez apenas significasse — como poderia dizer? — que o fabuloso par sob seu amparo decidira retomar a excursão interrompida. Os dois talvez tivessem regressado ao interior, e regressado com o sentimento de que não havia nada a temer; essa hipótese com efeito combinava mais com o espírito de Chad de que a reprovação não foi a recompensa da entrevista requisitada por Madame de Vionnet. Ao cabo de vinte e quatro horas, ao cabo de quarenta e oito, não deram nenhum sinal; de modo que Strether passou o tempo, como havia passado antes, em companhia de Miss Gostrey.

Ele lhe propôs alguns passeios; tornara-se um especialista em diversão; fazia alguns dias que vinha experimentando a estranha sensação de que a guiava por Paris, de que a conduzia pelo Bois, de que lhe mostrava as embarcações de aluguel a vapor — aquelas de onde melhor se desfrutava o ar do Sena — numa atitude que poderia ser a de um tio gentil fazendo as honras da capital a uma sobrinha inteligente do interior. Até mesmo encontrou meios de levá-la a lojas que ela não conhecia, ou que fingiu desconhecer; enquanto ela, por sua vez, agia como uma donzela caipira, toda passiva, modesta e grata — chegando na verdade a emular o comportamento rústico ao mostrar-se ocasionalmente fatigada ou espantada. Strether descrevia essas operações, detalhando-as até mesmo para ela, como um alegre interlúdio; a prova disso estava no fato de que os dois companheiros não tornaram a dizer nesse meio tempo uma única palavra sobre o assunto que discutiram à farta. Ele de saída declarou a própria saciedade, e ela rapidamente pegou a indireta; tão dócil acerca disso e de todo o resto quanto seria a sobrinha obediente e perspicaz. Até então não lhe contara nada sobre sua última aventura — pois era assim que agora classificava a visita à *Rue de Bellechasse*; deixou todo o caso temporariamente de lado e centrou a atenção na bela aquiescência de sua amiga. Maria evitava interrogá-lo — ela que durante tanto tempo fora só perguntas; abandonou-se a seu comando ao entender que o mero silêncio gentil seria a melhor forma de expressão. Ela sabia que o conhecimento de Strether sobre a situação havia evoluído — isso não lhe escapou; mas deu a entender que, fosse o que fosse que tivesse ocorrido com ele, não era nada comparado com o que vinha ocorrendo com ela. Nisso — embora pudesse parecer pouco aos olhos de um observador desinteressado — residia o grande interesse, e Maria o acolheu com uma nova franqueza, avaliando-o gravemente de hora em hora nesse espírito de aceitação muda. Por mais que sua amiga o tivesse comovido antes, ele de sua parte deixara-se comover de novo; ainda

mais que, embora pudesse estar apropriadamente a par do princípio que regia o próprio comportamento, não tinha como saber ao certo qual regia o dela. Ou seja, Strether sabia, de algum modo — conquanto fosse de maneira imperfeita e resignada —, o que ele mesmo estava tramando; ao passo que era obrigado a tentar a sorte naquilo que chamava para si próprio de elucubrações de Maria. Tudo de que precisava era que ela o estimasse por aquilo que vinham fazendo, e, mesmo que viessem a fazer muito mais, não deixasse de estimá-lo por isso; o frescor essencial de uma relação tão descomplicada era um refrigério para a dor causada pelas demais relações. As demais relações agora lhe pareciam horrivelmente complexas; elas se recobriam de farpas, inimagináveis antes, que espetavam e tiravam sangue; um fato que conferiu à hora que passou em companhia de sua amiga em um *bateau-mouche*, ou sob a sombra vespertina dos *Champs Élysées*, algo do prazer inocente que se podia extrair do manuseio do mármore macio. Sua relação pessoal com Chad — a partir do momento em que compreendeu seu ponto de vista — fora das mais simples; contudo, mesmo esta também lhe pareceu cheia de farpas depois de um terceiro e um quarto dia terem passado sem novidades. Era como se por fim, porém, seu interesse acerca de tais indicações houvesse arrefecido; então sobreveio outro dia vazio, e ele parou de fazer perguntas ou de preocupar-se.

Em sua imaginação ele agora se reconhecia, ao lado de Maria Gostrey, como João e Maria no bosque^[18]; os dois não tinham escolha senão confiar nos misericordiosos elementos da natureza para seguir em paz. Já sabia que era muito bom nos adiamentos; bastou abandonar-se de novo ao ritmo de um deles para mais uma vez experimentar sua agradável atração. Divertia-se dizendo para si mesmo que podia muito bem, apesar de tudo, estar caminhando para a morte — para uma morte resignada; sinais profundos de um silêncio sepulcral, de um encanto melancólico povoavam a cena para

ele. Isso significava o adiamento de todo o resto — em muito colaborando para o sereno lapso de vida; e, em especial, o adiamento do futuro ajuste de contas — a não ser, é claro, que o ajuste de contas não passasse da extinção em si. Ele o encarava, esse ajuste de contas, por cima dos ombros da experiência acumulada que também o encarava; e era possível deslizar mui indolentemente até ele através dessas cavernas de Kublai Khan. Estava de fato por trás de tudo; não se fundira com o que Strether havia feito; a apreciação final de sua própria obra — a apreciação imediata de determinado ponto — daria maior virulência ao ajuste de contas. O ponto naturalmente se resumia a Woollett, e ele, na melhor das hipóteses, veria apenas o que sobrasse de Woollett quando visse a cidade com novos olhos. E essa revelação não indicaria o encerramento de sua carreira? Bem, o fim do verão traria a resposta; o suspense que pairava sobre Strether tinha a exata doçura da demora vã; e nosso amigo dispunha, é preciso mencionar, de outras distrações além da companhia de Maria — inúmeras ruminções solitárias em tudo tranquilas exceto por um detalhe. Havia arribado ao porto, o mar vasto por trás, e agora apenas restava saltar em terra. Havia uma questão, no entanto, que lhe vinha incessantemente ao espírito enquanto se debruçava no costado do navio, e era um pouco para livrar-se dessa obsessão que prolongava seus passeios com Maria. Era uma questão pessoal, mas que só poderia ser resolvida na presença de Chad; era na realidade o principal motivo para querer rever o rapaz. Depois disso nada mais importava — era um fantasma que só descansaria ao emitir certas palavras. Só que o moço deveria estar ali para ouvi-las. Depois que ele as escutasse não restaria mais nenhuma questão; nenhuma, ou seja, em relação a seu problema particular. Depois disso, não teria mais importância (nem para si mesmo) se agora o acusassem de falar porque fora privado de seus direitos. Ali estava o refinamento de seu escrúpulo supremo: não queria levar em consideração o que lhe fora confiscado. Não queria tomar uma atitude porque havia perdido

algo, porque estava ferido, arrependido ou na miséria, porque o haviam maltratado ou estava desesperado; queria tomar uma atitude porque estava lúcido e tranquilo, porque de si para consigo continuava sendo em essência o mesmo Strether de sempre. Foi por isso que, enquanto nada fazia senão praticamente esperar Chad manifestar-se, não cessava de repetir em silêncio: “Você foi descartado, meu velho; mas o que isso importa”? A sensação de vingança o teria enojado.

Tais nuances de sentimento por certo apenas refletiam a iridescência de seu ócio; e logo se dispersaram diante da nova luz trazida por Maria. Antes de a semana chegar ao fim ela lhe trouxe uma notícia fresca, e quase a revelou de supetão quando Strether foi visitá-la à noite. Naquele dia ele ainda não fora a seu encontro, embora tivesse planejado aparecer a tempo de convidá-la para jantar em algum lugar ao ar livre, em um dos muitos terraços ou jardins que abundavam naquele verão em Paris. Aconteceu, porém, que começou a chover, de modo que ele, desconcertado, mudou de ideia; jantou sozinho no hotel, um pouco aparvalhado e aborrecido, e, para compensar o insucesso, foi depois fazer-lhe uma visita. Não tardou a perceber que havia ocorrido algo; a impressão era tão forte na atmosfera do pequeno e profuso aposento que nem precisou dizer o que pensava. Vagamente iluminada, toda a cor do lugar, com seus valores incertos, encontrava-se em uma nova comunhão — circunstância que fez o visitante parar alguns instantes, contemplativo. Era como se, ao fazê-lo, pudesse sentir uma presença recente — um reconhecimento que sua anfitriã, por sua vez, adivinhou. Mal precisou confessar — “Sim, ela esteve aqui, e desta vez eu a recebi”. Foi só depois de um minuto que acrescentou: “Não havendo, se o entendi bem, nenhum motivo *agora...*”

“Nenhum motivo para recusar-se a recebê-la”?

“Nenhum... se o senhor fez o que precisava fazer”.

“Eu certamente já fiz”, Strether disse, “de modo que não precisa achar que está se intrometendo. Não há nada entre mim e ela agora salvo aquilo que nós mesmos pusemos ali, e nenhum centímetro de espaço para mais nada. A senhora, portanto, está apenas conosco, tão generosamente quanto sempre esteve — embora sem dúvida esteja agora, se ela veio visitá-la, mais do nosso lado do que antes. Claro que, se ela veio”, ele emendou, “foi para ter uma conversa com a senhora”. “Foi para conversar comigo, sim”, Maria volveu; a resposta fez crescer sua certeza de que ela sabia o que ele próprio não lhe havia contado. Não teve dúvida, ademais, de que sua amiga sabia de coisas que ele próprio não poderia ter contado; pois a consciência desses fatos estava agora estampada no rosto dela, vindo acompanhada por um traço de tristeza que para ela indicava o fim de todas as incertezas. Ocorreu-lhe, sobretudo, que Maria desde o início dispunha de um conhecimento que, segundo ela acreditava, ele não dispunha, um conhecimento cuja aquisição imediata talvez fizesse uma diferença. Não era inconcebível que essa diferença representasse o fim de sua independência e o forçasse a uma mudança de atitude — em outras palavras, que significasse uma reviravolta em favor dos princípios de Woollett. Ela de fato previra a possibilidade de um choque que o despachasse de volta aos braços de Mrs. Newsome. Era verdade que ele próprio não demonstrara, nas semanas anteriores, ter recebido nenhum choque, mas a possibilidade, entretanto, estivera no ar. Assim, Maria era agora obrigada a perceber que o choque havia ocorrido e que ele não retrocedera. Strether havia de repente adquirido certeza sobre um ponto longamente estabelecido; apesar disso, também não ensaiara nenhuma reaproximação com Mrs. Newsome. Madame de Vionnet havia com sua visita iluminado esses aspectos, e o que agora persistia no rosto da pobre mulher era uma luz um pouco imprecisa

da cena que se passara entre as duas. Embora a luz, como sugerimos, não representasse o brilho da alegria, Strether talvez tenha enxergado os motivos para isso através da névoa imposta por sua própria modéstia natural. Ela se mantivera firme nesses meses todos; não tinha interferido em nenhuma das vezes — e não faltaram ocasiões — em que poderia ter interferido em proveito próprio. Havia fechado os olhos para o sonho de que o rompimento com Mrs. Newsome, a punição de seu amigo — o noivado, o relacionamento em si, rompido sem remissão — pudesse fornecer-lhe alguma vantagem; e, para impedir-se de promover esses desastres, foi forçada a seguir uma linha particular, difícil, mas rígida, e jogar limpo. Não pôde deixar de sentir, portanto, que, muito embora, no fim de tudo, os fatos em questão houvessem sido solidamente confirmados, o terreno de que dispunha para a exaltação pessoal, para o que poderia ser chamado de exaltação interessada, conservou-se bastante vago. Não foi difícil para Strether imaginar sua amiga perguntando-se, nas horas que antecederam, se ainda não lhe caberia uma boa dose de incerteza. Cumpre-nos acrescentar, porém, sem mais delongas, que ele guardou segredo acerca de tudo que imediatamente intuiu nessa ocasião. Limitou-se a perguntar qual o pretexto alegado por Madame de Vionnet para ir visitá-la; e, sobre esse ponto, sua companheira estava preparada.

“Ela queria ter notícias de Mr. Newsome, a quem aparentemente não vê faz alguns dias”.

“Ela, portanto, não foi viajar de novo com ele”?

“Ao contrário”, ela respondeu, “parecia pensar que ele pudesse ter viajado com o *senhor*”

“E a senhora lhe contou que nada sei dele”?

Ela sacudiu a cabeça, com sua habitual complacência. “Nada sei do que o senhor sabe. Apenas sugeri que o procurasse”.

“Pois não o vejo faz uma semana — e é claro que tenho minhas dúvidas”. Seu espanto pareceu crescer naquele momento, mas apenas prosseguiu. “Mesmo assim, atrevo-me a dizer que consigo descobrir o paradeiro dele. Ela lhe pareceu”, ele perguntou, “ansiosa”? “Ela sempre está ansiosa”.

“Depois de tudo o que fiz por ela”? E seu rosto iluminou-se com uma de suas últimas exhibições ocasionais de contentamento. “E pensar que foi isso, justamente, o que eu vim impedir”.

Ela entendeu o que ele quis dizer, mas não deixou de replicar: “O senhor considera, então, que ele não está seguro”?

“E eu ia justamente perguntar-lhe que opinião tem de Madame de Vionnet sobre esse aspecto”.

Maria lançou-lhe um olhar breve. “Que mulher pode estar segura? Ela me contou”, acrescentou — e foi como se inspirada pela observação —, “sobre o extraordinário encontro campestre. Depois disso, *à quoi se fier*”?

“Foi, como fruto do acaso, no capítulo de todas as coisas possíveis e impossíveis”, Strether admitiu, “deveras extraordinário. Mesmo assim, mesmo assim...”!

“Ela mesmo assim não se deixou abalar”?

“Ela nunca se abala”.

“Bem, como o senhor também não se abala, podemos ficar descansados”.

Ele pareceu concordar com a amiga, mas abriu uma exceção. “Estou preocupado com o desaparecimento de Chad”.

“Ah, o senhor o terá de volta. Mas agora pode ver”, afirmou, “por que fui para Menton”. Ele já a fizera entender que nesse meio tempo fora capaz de juntar dois com dois, mas havia algo na natureza dela que a obrigava a esclarecer tudo. “Queria evitar que me perguntasse”.

“Que lhe perguntasse...”?

“Sobre a questão que o senhor por fim (na semana passada) descobriu por si mesmo. Não queria ter sido obrigada a mentir por causa dela. Era demais para mim. Sempre se espera que um homem faça isso “ faça isso, quero dizer, por uma mulher; mas não uma mulher por outra; a não ser talvez na intenção de que esta lhe pagasse na mesma moeda, um modo indireto de proteger a si mesma. Eu não preciso de proteção, de modo que me senti livre para fugir a seu ‘jugo’, para esquivar-me de seu escrutínio. A responsabilidade era tremenda. Ganhei tempo e, quando voltei, não precisei mais passar pelo teste”.

Strether refletiu, sereno. “Sim; quando a senhora voltou, o pequeno Bilham já havia me ensinado o que se espera de um cavalheiro. Foi como um deles que ele mentiu”.

“E como o senhor foi acreditar nele”?

“Bem”, disse Strether, “foi apenas uma mentira técnica — ele disse que a ligação era virtuosa. Foi um jeito de ver as coisas que me fez dar tratos à bola. A ideia me fascinou. Atingiu-me em cheio e, como pode ver, ainda não a digeri por completo”.

“O que eu vejo, o que eu vi”, Maria retorquiu, “é que o senhor consegue engalantar até mesmo a virtude. O senhor foi estupendo — foi generoso, como tive a honra de dizer-lhe antes; mas se quiser mesmo saber”, confessou, pesarosa, “eu nunca soube exatamente em que pé andava. Houve momentos”, procurou explicar, “em que o tomei como um grande cínico; outros, em que me impressionou por causa de sua grande ambivalência”.

O amigo ponderou: “Tive minhas fases. E divagações”.

“Sim, mas sempre há de se ter uma base”.

“Pareceu-me que a beleza dela era o que supria essa base”.

“A beleza dela como pessoa”?

“Bem, a beleza dela em relação a tudo. A impressão que causava. A variedade de que dispõe é imensa, bem como a harmonia”.

Ela o fitou com um de seus olhares de profunda complacência — um olhar totalmente desproporcional com a irritação que ao mesmo tempo sentia. “O senhor é perfeito”.

“E seu julgamento é sempre muito pessoal”, ele disse, bem-humorado; “mas foi assim que fiz minhas inquirições e divagações”. “Só quis dizer que, para o senhor”, ela explicou, “ela foi desde o princípio a criatura mais adorável do mundo; nada mais simples. Mas o fundamento era estranho”.

“Por causa do que forjei a partir dele”?

“Por causa do que o senhor não forjou”.

“Bem, não estamos falando de quantidades fixas. E para mim havia — e ainda há — esses fatores de estranheza. A idade maior, o mundo, as tradições, as associações diferentes; suas outras oportunidades, responsabilidades e padrões”.

A amiga ouviu com respeito sua lista de disparidades; mas então as descartou com uma única tacada. “Nada disso vale quando uma mulher é ferida. É horrível. E ela foi”.

Strether, por sua vez, reconheceu o fato. “Ah, claro que percebi que ela se feriu. Foi isso que nos ocupou tanto; esse foi o nosso grande caso. Mas de alguma forma não consegui imaginá-la comendo poeira. E de ser posta em tais apuros por ninguém menos do que o nosso pequeno Chad”!

“Mas não era esse ‘seu’ pequeno Chad justamente o grande prodígio”?

Strether admitiu: “Claro que me vi cercado por prodígios. Tudo se passou de forma muito fantasmagórica. Mas o ponto foi que nada disso era realmente assunto meu — da maneira como vejo. Mesmo agora, ainda não é”.

Miss Gostrey virou-se ao ouvir essas palavras, e podia muito bem ter sido por causa do impacto de ver mais uma vez como a filosofia de seu interlocutor lhe reservava pouco, em termos pessoais. “Ah, se ao menos *ela* pudesse ouvi-lo”!

“Quem? Mrs. Newsome”?

“Não, ela não; já que, segundo me disse, não importa agora o que Mrs. Newsome ouve ou deixa de ouvir. Ela já não ouviu tudo”?

“Quase tudo... sim”. Ele refletiu um momento, mas continuou: “Queria então que Madame de Vionnet pudesse ouvir-me”?

“Madame de Vionnet”. Ela havia se voltado para ele. “Ela pensa justamente o contrário disso que o senhor acabou de afirmar. Não tem dúvida de que a censura”.

Nosso amigo revirou a cena conforme as duas mulheres lado a lado assim pareciam oferecer-lhe. “Ela deveria saber...”

“Deveria saber que o senhor não a censura”? Miss Gostrey perguntou, quando ele se interrompeu. “A princípio estava convencida de seu mau juízo”, continuou, quando ele não se manifestou. “Deu por certo, pelo menos, como qualquer mulher na posição dela daria. Mas em seguida mudou de ideia; passou a confiar em sua confiança...”

“Em minha confiança”? Estava curioso.

“Ora, na sublimidade dela. E continuou acreditando nisso, eu presumo, até que o incidente do outro dia lhe abriu os olhos. E como o senhor agora”, disse Maria, “já pode ver...”

“Ela não consegue impedir-se”, ele interveio, “de pensar nisso? Não”, ponderou; “suponho que isso não lhe saia da cabeça”.

“Seus olhos estavam, portanto, *cerrados*? Aí está! Porém, se o senhor a vê como a mulher mais adorável do mundo, não faz nenhuma diferença. E se quiser que diga a ela que ainda a vê assim...”! Miss Gostrey, em suma, oferecia seus préstimos até o último instante.

Era uma oferta que merecia sua consideração; mas ele acabou por decidir-se. “Ela sabe perfeitamente a opinião que tenho dela”.

“Uma opinião não muito favorável, já que não quer mais revê-la. Ela me disse que o adeus foi definitivo. Disse que o senhor encerrou o caso”.

“De fato”.

Maria fez uma pausa; então falou como se se dirigisse à consciência de seu visitante. “Ela não teria encerrado o caso com o senhor. Acha que o perdeu — e que, apesar disso, poderia ter feito mais pelo senhor”.

“Ah, ela me fez o bastante”! Strether exclamou, rindo.

“Marie acredita que ela e o senhor poderiam, em todo caso, ter sido amigos”.

“E ainda podemos. É por isso”, ele disse, ainda gargalhando, “que preciso ir embora”.

Foi como se Maria pudesse sentir que, isso posto, havia feito o melhor que podia em prol de cada um. Mas ainda tinha uma ideia. “Devo dizer-lhe isso”?

“Não. Não lhe diga nada”.

“Muito bem, então”. E, com um suspiro, acrescentou: “Pobre criatura”!

Seu amigo hesitou, as sobrancelhas erguidas: “Quem? Eu”?

“Oh, não. Marie de Vionnet”.

Ele aceitou a retificação, mas continuou hesitante. “A senhora sente tanta pena dela assim”?

A pergunta a fez refletir durante um instante — até mesmo a obrigou a falar com um sorriso nos lábios. Mas não voltou atrás. “Eu sinto pena de todos nós”.

IV

Não tardou para que Strether restabelecesse contato com Chad, e acabamos de ver que ele falara a Miss Gostrey sobre essa sua intenção ao saber por ela da ausência do moço. Não foi ademais apenas a certeza assim adquirida que o animou a agir; foi a necessidade de fazer casar sua conduta com outra afirmação feita — o motivo descrito à sua amiga como o mais urgente para a sua partida. Se era para partir por causa de alguns dos relacionamentos envolvidos em sua estada, poderia parecer pedante continuar a portar-se de forma fria em relação a eles. Tinha de fazer as duas coisas; precisava ir ter com Chad, mas urgia partir. Quanto mais pensava na primeira das duas obrigações, mais se via insistindo sobre a necessidade da segunda. Ambas lhe soaram igualmente urgentes durante todo o tempo em que ficou sentado em frente de um pequeno e tranquilo café, no qual arribou assim que saiu do mezanino de Maria. A chuva que estragara sua noite com ela havia cessado; pois ainda sentia que a noite tinha sido estragada — conquanto não fosse inteiramente por causa da chuva. Era tarde quando deixou o café, mas não tarde demais; não conseguiria de todo modo ir direto para a cama, e podia passar pelo *Boulevard Malesherbes* — um caminho um pouco mais longo — a caminho do hotel. Ainda guardava dentro de si a pequena circunstância que originalmente fizera toda a diferença para ele — a inesperada

aparição do pequeno Bilham à sacada do místico *troisième* na ocasião de sua primeira visita, e o efeito disso sobre sua impressão do que tinha pela frente. Recordava-se de como havia protelado, espreitado, e do reconhecimento por parte do jovem desconhecido, que ali se mostrou com tamanha franqueza e que enfim logo o fez subir — eventos esses que o incentivaram a dar seu primeiro passo direto. Desde então tivera oportunidades, umas poucas vezes, de passar pelo prédio sem subir; mas nunca mais passou por lá sem sentir de novo como ele lhe falara ao coração, daquela feita. Nesta noite ele se deteve assim que deu com os olhos no edifício: era como se seu último dia curiosamente repetisse o primeiro. As janelas do apartamento de Chad abriam-se para a sacada — duas delas iluminadas por dentro; e uma figura havia saído e ocupado o lugar do pequeno Bilham; uma figura cuja brasa do cigarro ele podia distinguir sobre o parapeito e que olhava diretamente para ele. O fato não representou, contudo, nenhuma reaparição de seu jovem amigo, pois logo viu que o vulto, naquela escuridão amena, tinha a constituição mais robusta de Chad; de maneira que foi a atenção de Chad que ele, depois de ter avançado pela rua e ter acenado, facilmente capturou; sendo de Chad outrossim a voz que, ecoando na noite com vivacidade e aparente alegria, saudou-o e convidou-o a subir.

O fato de o jovem estar visível ali, naquela mesma posição, de certo modo confirmava para Strether, como havia informado Maria Gostrey, que ele estivera afastado e em silêncio; e nosso amigo resfolegou pesado em cada andar — pois o elevador, naquela hora, já não funcionava — diante das implicações disso. Durante uma semana ele se mantivera ostensivamente distante, distante dali e da companhia de todos; mas agora estava mais do que nunca de volta, e a atitude na qual Strether o havia surpreendido era mais do que um regresso — tratava-se, com toda a clareza, de uma rendição

deliberada. Não fazia nem uma hora que ele tinha chegado, de Londres, de Lucerna, de Homburg, pouco importava — embora a imaginação de seu visitante, ao subir a escada, buscasse preencher a lacuna; e depois de um banho, algumas palavras trocadas com Baptiste e uma ceia fria e leve constituída de uns poucos ingredientes franceses, cujos restos podiam-se distinguir no círculo luminoso de uma lamparina, chique e ultraparisiense, saíra para tomar a fresca e fumar um cigarro, e estivera ocupado, no momento da chegada de Strether, em recuperar, como poderia ser dito, o domínio sobre a sua vida. Sua vida, sua vida! — Strether parou de novo, no último lance de escada, diante da impressão um pouco esbaforida que a vida de Chad causava sobre o emissário da mãe de Chad. Ela o arrastava, essa vida, em horas incomuns, escadaria dos ricos acima; mantinha-o acordado após dias longos e calorentos; transformava, a ponto de tornar irreconhecível, essa noção simples, sutil, convenientemente uniforme que outrora havia reputado como sua própria vida. Por que deveria importar-lhe que Chad fosse robustecer-se com a agradável prática de fumar em balcões, de beliscar saladas, de sentir deliciosamente reafirmadas suas condições particulares, de renovar a confiança por meio de comparações e contrastes? Não havia resposta a essa questão salvo o fato de que ainda estava, ou quase, comprometido com sua missão — como até então talvez nunca tivesse percebido. A certeza o fez sentir-se velho, e ele compraria a passagem de trem — sentindo-se, por certo, ainda mais velho — no dia seguinte; mas havia, nesse meio tempo, subido quatro lances de escada, contando o do mezanino, à meia-noite e sem o auxílio de um elevador, por causa da vida de Chad. O moço, enquanto isso, tendo-o ouvido chegar e na ausência de Baptiste, que havia dispensado, já o esperava à porta; de forma que Strether viu claramente diante de si a causa pela qual pelejava e que, por ter mal e mal alcançado o *troisième*, trazia-o também um pouco ofegante.

Chad o recebeu, como sempre, com um elegante misto de cordialidade e cerimônia — na medida em que a cerimônia se traduzia por respeito; e, depois de ele ter expressado a esperança de que o deixasse acomodá-lo aquela noite, Strether se viu em plena posse da chave, digamos, dos últimos acontecimentos. Se tinha acabado de considerar-se velho, Chad, bem na sua frente, considerava-o mais velho ainda; o moço queria hospedá-lo aquela noite porque seu amigo estava velho e alquebrado. Ninguém jamais poderia acusar o locatário daquele imóvel de falta de gentileza; um locatário que, se viesse realmente a dar-lhe guarida, estava disposto a dobrar os cuidados. Nosso amigo de fato teve a impressão de que, com o mínimo encorajamento, Chad proporia conservá-lo ali para sempre; uma impressão no colo da qual parecia repousar uma de suas próprias hipóteses. Madame de Vionnet queria que ele ficasse — então, por que não agradar a ambos? Nada o impedia de instalar-se como uma relíquia na *chambre d'ami* de seu jovem anfitrião, e viver essa temporada à custa dele: dificilmente haveria uma conclusão mais lógica para o aspecto físico que fora forçado a apresentar. Houve literalmente um minuto — foi bastante estranho — durante o qual entreteve a ideia de que, se *estava* desempenhando um papel (pois só lhe restava desempenhar), não deixava de ser contraditório. Pois o sinal de que as forças interiores a que havia obedecido eram coerentes estava (na falta, sempre, de alternativas) no seu dever de promover a boa causa vigiando-a de perto. Esses pensamentos, durante os seus primeiros minutos ali, ocuparam-lhe a mente; mas quase todos se dissiparam assim que mencionou o propósito de sua visita. Ele viera despedir-se — mas não era tudo; por isso, do momento em que Chad aceitou suas despedidas, a demanda por uma declaração mais ideal deu lugar a outro ponto. Ele passou ao restante do assunto. “Você será cruel, como sabe — será culpado da pior infâmia —, se um dia vier a abandoná-la”.

Essas palavras, proferidas naquela hora solene, proferidas no local que estava impregnado da influência dela, constituíam o restante do assunto; e, quando ele se ouviu dizê-las, sentiu que era a primeira vez que transmitia a sua mensagem. Essa mensagem logo pôs sua visita atual sobre um terreno sólido, e o resultado de tudo isso foi dar-lhe a oportunidade de realmente ocupar-se do que chamamos de a chave dos últimos acontecimentos. Chad não demonstrou embaraço, embora tivesse ficado preocupado com ele após o encontro no campo; alimentara receios e dúvidas acerca do bem-estar de seu amigo. Deixara-se perturbar, como se fosse, apenas em razão *dele*; de fato se ausentara para dar-lhe tranquilidade e — se não era, ao contrário, para causar-lhe maior transtorno — queria evitar de vexá-lo ainda mais. Ao vê-lo, porém, bastante abatido, punha-se agora, com seu característico bom humor, à sua inteira disposição, e o que Strether mais do que tudo imediatamente percebeu foi que seu amigo se esmeraria em fornecer-lhe garantias sem fim de sua boa intenção. Foi isso que se deu entre eles durante toda a estada do visitante; de modo que, longe de ser obrigado a enveredar por uma trilha conhecida, descobriu que seu anfitrião estava ávido por concordar com tudo. A acusação de crueldade não lhe poderia ter sido apresentada de maneira mais enfática. “Oh, é claro! ... se eu fizer alguma coisa *desse* tipo. Espero que creia que estou de pleno acordo”.

“Quero que estas sejam”, disse Strether, “minhas últimas palavras. Não posso oferecer mais nenhuma, você sabe; e não vejo como possa fazer mais (em todos os aspectos) do que já fiz”.

Com alguma ingenuidade, Chad tomou a observação como uma alusão direta. “O senhor foi visitá-la”?

“Ah, sim... para despedir-me. E se me restassem dúvidas quanto à verdade do que eu lhe disse...”

“Ela as teria eliminado? Mas é certo”, Chad mais uma vez compreendeu! “que sim”. Ficou até mesmo um instante caído. Mas rompeu o silêncio: “Ela deve ter sido extraordinária”.

“Foi mesmo”, Strether candidamente admitiu — quase tudo isso dito como uma referência às condições criadas pelo incidente da semana anterior.

Os dois pareceram rememorar-lo por um instante; e isso veio a refletir-se no que Chad afirmou em seguida: “Não sei o que o senhor realmente pensou esse tempo todo; nunca soube de fato — pois tudo, para o senhor, parecia possível. Mas é claro... é claro...”. Sem perder o fio, quase sem nenhum motivo salvo o da compaixão, ele sucumbiu, deteve-se. “O senhor entende, afinal. As palavras que eu dirigi ao senhor no início foram as que *precisavam* ser ditas. Só há um jeito — não é? — quando tratamos de tais coisas. No entanto”, ele sorriu ao formular sua última tirada filosófica, “vejo que não fiz nenhum mal”. Strether olhou nos olhos dele tomado por uma miríade de pensamentos. O que era que o tornava naquela ocasião, tarde da noite e após uma intensa jornada, tão repetidamente, tão substancialmente jovem? Strether viu no momento seguinte o que era — ele tornava a ser mais jovem do que Madame de Vionnet. De imediato, porém, nosso amigo não disse nada daquilo em que estava pensando; disse algo bem diferente. “Você *esteve* mesmo muito longe”?

“Estive na Inglaterra”. Chad respondeu, lépido; porém, nada mais acrescentou senão para dizer: “Às vezes é preciso sumir”.

Strether não queria mais detalhes — queria apenas, como se fosse, explicar a sua pergunta. “Claro que você é livre para fazer o que bem entender. Mas gostaria que, desta vez, não fosse por *minha* causa”. “Por receio de causar-lhe um aborrecimento realmente

grande demais? Meu bom homem”, Chad proclamou, rindo, “o que eu não faria pelo senhor”?

Strether replicou, bem-humorado, que viera justamente para colher os frutos de uma tal disposição de espírito. “Mesmo correndo o risco de ficar no seu caminho, houve uma razão especial, você sabe, que me fez esperar”.

Chad compreendeu a indireta. “Ah, sim... para que nós, caso fosse possível, causássemos uma impressão ainda melhor”. E ele ali ficou, a desfiar alegre seu completo conhecimento da situação. “Contenta-me saber que, para o senhor, nós obtivemos sucesso”.

Havia uma agradável ironia em suas palavras, com a qual seu convidado, tenso e irredutível, não atinou. “Se senti que carecia do tempo que me restava — o tempo em que eles ainda estavam do nosso lado”, continuou a explicar, “sei agora por que fiz questão de que fosse assim”.

Strether falou com a mesma seriedade, a mesma clareza de um demonstrador diante do quadro-negro, e Chad, como um pupilo inteligente, conservou os olhos fitos nele. “O senhor queria passar por tudo, até o fim”.

Durante alguns instantes, nosso amigo mais uma vez nada respondeu; desviou os olhos, e estes se perderam janela afora, em meio à noite escura. “Vou descobrir pelo banco para onde estão sendo encaminhadas as cartas deles, e minha palavra final, que escreverei pela manhã e que aguardam como se fosse meu ultimato, não tardará a chegar”. A luz do pronome plural refletiu no rosto do seu companheiro, que ele tornou a fixar; e então concluiu o seu raciocínio. “Claro que devo, em primeiro lugar, justificar o que vou fazer”.

“E suas justificativas são excelentes”! Chad declarou.

“Não se trata de aconselhá-lo a ficar”, disse Strether, “mas até mesmo de impedi-lo, se possível, de pensar em voltar. Deixe-me, portanto, rogar-lhe por tudo o que lhe é mais sagrado”.

Chad mostrou-se surpreso. “O que o faz julgar-me capaz...”?

“Você não seria apenas, como eu disse, cruel; você seria”, seu interlocutor continuou no mesmo tom, “um criminoso da pior espécie”.

Chad encarou-o com maior firmeza, como se para detectar uma possível suspeita. “Não sei o que o fez pensar que me cansei dela”.

Strether também não sabia ao certo, e tais impressões, para a mente cismática, sempre se revelavam demasiado sutis, demasiado oscilantes, para produzir uma prova imediata. Ele experimentou, não obstante, diante do próprio modo como seu anfitrião aludiu à saciedade como um motivo imaginável, um leve sopro de mau presságio. “Sei quanto ela pode fazer por você. Mas ainda não acabou. Não a abandone pelo menos até que ela termine”.

“Para só *depois* abandoná-la”?

Chad continuava a sorrir, mas Strether reagiu com ligeira secura. “Não a abandone *antes*. Aproveite tudo o que tiver para ser aproveitado... Não digo”, acrescentou, um pouco mais sorumbático, “que depois será o momento adequado. Mas como, de uma mulher como essa, você sempre terá algo a aprender, não creio que minha sugestão seja desabonadora”. Chad deixou que ele continuasse, demonstrando o respeito devido, demonstrando também, porventura, uma cândida curiosidade diante do tom mais brusco de seu interlocutor. “Lembro-me bem, sabe, de como você era”.

“Um asno deplorável, não era”?

A resposta veio pronta, como se Strether houvesse apertado um botão; exibia uma generosidade tão atilada que ele até mesmo estremeceu; por isso, levou algum tempo para replicar: “Naquela época você certamente não valeria tudo o que me fez passar agora. Você se definiu melhor. Seu valor quintuplicou”.

“Bem, e isso não seria o suficiente...”?

Chad arriscou pilheriar, mas Strether se manteve impassível. “O suficiente”?

“Supondo que queiramos viver dos bens que acumulamos”? Em seguida, porém, como seu amigo manifestou frieza com relação à piada, com a mesma tranquilidade mudou de atitude. “Eu naturalmente nunca, por um instante sequer, esquecerei o que devo a essa mulher. Eu lhe devo tudo. Dou minha palavra de honra”, declarou com franqueza, “que não estou nem um pouco cansado dela”. Strether, nesse ponto, limitou-se a fitá-lo: o jeito como a mocidade se expressava nunca deixava de surpreendê-lo. O jovem tinha boas intenções, embora ainda pudesse causar um grande mal; contudo, falava de estar “cansado” dela quase como se falasse que enjoara de comer cordeiro assado ao jantar. “Até hoje não me trouxe um minuto sequer de enfado — nunca careceu, como às vezes se dá até mesmo com a mais sagaz das mulheres, de tato. Nunca fez a menor alusão a essa habilidade — como as mulheres também mencionam às vezes; mas sempre contou com ela. Nunca esteve mais presente, esse seu tato”, ele galantemente salientou, “do que nos últimos tempos”. E o moço prosseguiu, escrupuloso: “Nunca foi nada que eu pudesse chamar de um fardo”.

Por um momento Strether não disse nada; então falou em tom grave, com o aprofundamento de sua secura: “Oh, se não lhe fizesse justiça...”!

“Eu seria uma besta, hein”?

Strether não perdeu tempo confirmando-lhe a suposição; isso, visivelmente, os teria levado longe. Se nada restava a fazer senão repetir, não custava repetir. “Você lhe deve tudo — muito mais do que ela jamais lhe deverá. Você, em outras palavras, tem obrigações para com ela, e de grande monta; e não conheço nenhuma — na medida em que se apresentam suas outras obrigações — que lhe seja mais imperiosa”.

Chad fitou-o, afável. “E o senhor por certo conhece as outras, hein? — já que foi o senhor mesmo quem as apresentou”.

“Muitas delas... sim... e fiz o melhor que pude. Mas nem todas — do momento em que sua irmã tomou meu posto”.

“Ela não o substituiu”, Chadolveu. “Sally decerto assumiu um posto; mas este nunca foi, eu vi desde o começo, o seu. Não teria sido possível”.

“Ah, é claro”, Strether admitiu, com um suspiro, “eu sabia. Creio que está certo. Ninguém no mundo, imagino, agiria de modo mais solene. Eis o que sou”, ele acrescentou, com outro suspiro, como se bastante farto, àquela altura, dessa verdade. “Criei-me assim”.

Chad pareceu ponderar um instante sobre a forma como seu interlocutor se criou; nesse ponto, poderia tê-lo examinado de alto a baixo. Sua conclusão lhe era favorável. “O *senhor* nunca precisou de

ninguém para torná-lo melhor. Nunca houve ninguém capaz disso. Teria sido impossível”, o moço declarou.

Seu amigo hesitou. “Perdoe-me, mas houve *alguém*”.

Chad exibiu suas dúvidas, sem deixar de achar graça. “De quem se trata, então”?

Strether retribuiu, ainda que debilmente, o sorriso. “De mulheres... também”.

“Mulheres”? Chad encarou-o e soltou uma gargalhada. “Ah, não creio que, para uma obra como essa, houvesse a necessidade de mais de uma! De forma que o senhor exagera. E o que é mais cruel, por falar nisso”, acrescentou, “é o fato de que vai privar-me de sua companhia”.

Strether já se preparava para partir, mas, diante do comentário, deteve-se. “Está com medo”?

“Medo...”?

“De fazer alguma coisa errada. Quero dizer, quando eu não estiver por perto”. Antes que Chad pudesse responder, porém, ele prosseguiu: “Sou mesmo um prodígio”, observou, soltando uma risada.

“Sim, seus mimos nos estragam para todos os estúpidos...”! A resposta poderia ter soado, da parte de Chad, com sua ênfase extrema, como um comentário quase excessivamente generoso e extravagante; mas foi feito com a clara intenção de tranquilizar, trazia consigo um protesto contra a descrença e uma promessa, positiva, de ação. Apanhando um chapéu no vestíbulo ele saiu com o amigo, desceu as escadas, tomou-lhe o braço, afetuosamente, como

se para ampará-lo e guiá-lo, tratando-o não exatamente como um senhor alquebrado e enfermo, mas como um nobre excêntrico que falava ao coração; acompanhou-o até a esquina seguinte, e depois até a próxima. “Não precisa me dizer nada, não precisa me dizer nada”! Era isso o que mais uma vez, enquanto avançavam, quis fazer Strether compreender. Isso que ele não precisava dizer representava agora, por fim, na camaradagem da separação, tudo, absolutamente tudo o que lhe cabia saber. Ele sabia de tudo — para Chad, isso era evidente; compreendia, intuía, evocava as suas promessas; e os dois demoravam-se sobre esse ponto como haviam demorado em seu trajeto ao hotel de Strether, na noite do primeiro encontro. Este último recebia, naquela hora, tudo o que podia, já tendo dado tudo o que tinha para dar; estava depauperado como se houvesse gastado seu último sou. Mas havia apenas um detalhe a respeito do qual, antes de se despedirem, Chad parecia disposto a barganhar. Seu companheiro não precisava, como havia sugerido, dizer-lhe coisa alguma, mas ele próprio talvez devesse mencionar que se vinha mantendo informado sobre a arte da publicidade. O anúncio pegou Strether de surpresa; e ele se perguntou se não foi o renovado interesse no tema que levou o moço, com uma estranha inconsequência, a Londres. Em todo caso, Chad aparentemente estivera examinando o assunto e encontrara ali uma revelação. A publicidade cientificamente elaborada se mostrava, portanto, como a grande força do futuro. “Ela realmente faz o truque, o senhor sabe”.

Estavam cara a cara sob a luz do lampião, como estiveram naquela primeira noite, e Strether, sem dúvida, pareceu perdido. “Quer dizer que ela afeta a venda do artigo anunciado”?

“Sim — mas afeta-o de maneira extraordinária; superando realmente as nossas previsões. Quero dizer, é claro, quando é usada da maneira que, em nossa era prospérrima, ela *pode* ser usada. Eu

mesmo cheguei a algumas pequenas conclusões; embora não tenha ido muito mais longe do que o senhor, quando me apresentou o tema de forma tão original, tão terrivelmente vivida — e tudo, ou quase tudo, naquela primeira noite.

É uma arte como qualquer outra, e infinita como todas as artes”. Ele continuou como se por brincadeira — quase como se achasse graça da expressão de seu amigo. “Nas mãos, naturalmente, de um mestre. O homem certo precisa estar no comando. Com o homem certo para fazer funcionar *c’est un monde*”.

Strether o observava quase como se, ali mesmo na calçada, num rompante, houvesse encetado uma dança fantástica. “É isso que você tem em mente, ou seja, o fato de que você mesmo, no caso em questão, seria o homem certo”?

Chad havia aberto o paletó e fincado cada um de seus polegares nas cavas do colete; nessa posição, tamborilava os dedos livres. “Ora, quem mais seria esse homem do que aquele por quem o senhor mesmo, segundo declarou, me tomou ao chegar aqui”?

Strether sentiu uma leve vertigem, mas fixou a atenção. “Ah, sim, e não resta dúvida de que, com seu talento natural, você teria muito em comum com ele. Nos dias de hoje a publicidade é claramente o segredo dos negócios. É bem possível que — se vier a dedicar-se de corpo e alma ao ofício — caberá a você fazer com que todos sigam a toada. Sua mãe exige que você se dedique de corpo e alma, e é justamente nisso que reside a força de sua posição”.

Os dedos de Chad continuaram a tamborilar o peito, mas ele pareceu menos animado. “Ah, já discutimos a posição de minha mãe”. “Foi o que pensei. Por que, portanto, volta ao assunto”?

“Só porque ele fez parte de nossa discussão original. Para voltar aonde começamos, meu interesse é puramente platônico. Aí está o fato, de qualquer modo — o fato da possibilidade. Refiro-me ao dinheiro envolvido”.

“Ah, ao diabo com o dinheiro envolvido”! Exclamou Strether. E então, como o sorriso fixo do jovem pareceu adotar um ricto um pouco esquisito: “Você quer abandonar sua amiga pelo dinheiro envolvido”?

Chad manteve o nobre esgar, bem como sua atitude geral. “A despeito de sua imensa ‘solenidade’, o senhor não está sendo muito gentil. Não me deixei absorver por suas palavras — mostrando como o tenho em alta conta? O que tenho feito, o que estou fazendo, senão manter-me fiel a ela até a morte? O único senão é que”, explicou, bem-humorado, “no que se refere à fidelidade, não conseguimos deixar de pensar no ponto aonde a morte chega. Mas não se preocupe com isso. Assiste a um sujeito grande satisfação”, ele elaborou, “avaliar o tamanho suborno contra o qual desferirá o pontapé”.

“Ah, se tudo o que deseja, portanto, é um terreno para chutar, o suborno será gigantesco”.

“Ótimo. Então lá vai”! Chad desferiu um pontapé com força extraordinária, mandando para os ares um objeto imaginário. Era como se houvessem, por conseguinte, mais uma vez descartado a questão, estando livres para se ocuparem do que realmente lhes importava. “É claro que vou despedir-me do senhor amanhã”.

Mas Strether nem pensava nisso; ainda estava com a impressão — que o pontapé só serviu para aumentar — de haver assistido a um reles fandango ou a uma giga. “Você é incansável”!

“Ah”, devolveu Chad ao se separarem, “é o senhor quem me anima”.

V

Dois dias depois Strether teve, porém, de enfrentar outra separação. Enviara mais cedo uma nota a Maria Gostrey, convidando-se para o café da manhã; em decorrência disso, ao meio-dia, ela o aguardava na fresca penumbra de sua pequena sala de jantar em estilo holandês. Esse recanto ficava nos fundos da casa, com vista para uma parte de um velho jardim que havia sido salvo da destruição moderna; e embora ele já houvesse, em mais de uma ocasião, se refestelado naquela pequena mesa hospitaleira, de peculiar polimento, o lugar nunca lhe pareceu tão consagrado ao ameno conhecimento, ao encanto íntimo, à ordem provecta, a um esmero quase augusto. Sentar-se ali era (como já havia dito à sua anfitriã) ver a vida refletida durante alguns instantes em uma superfície de estanho idealmente conservada; o que convinha bem à vida, valorizava-a, cativando a atenção e confortando os olhos. Fosse como fosse, Strether agora se sentia bem à vontade — sobretudo porque se tratava da última vez — com o efeito encantador (sobre o tampo desguarnecido de toalha e orgulhoso de sua superfície perfeita) da pequena louça antiga e dos antigos talheres, que combinavam com as peças mais substanciais dispostas pelo aposento. Os notáveis exemplares de louça de Delft, em especial, tinham a dignidade de retratos familiares; e foi em meio a esses objetos que nosso amigo se expressou com resignação. Chegou a falar com certo humor filosófico. “Não resta mais nada a esperar;

parece que completei meu trabalho. Disse-lhes tudo o que pensava. Fui ter com Chad, que esteve em Londres e voltou. Ele me disse que o animo e eu, com efeito, pareço ter desagradado a todos. Pelo menos, a ele consegui estimular. Está visivelmente agitado”.

“O senhor me estimulou”, Miss Gostrey disse, sorrindo. “Eu também estou visivelmente agitada”.

“Ah, sua agitação vem da época em que nos conhecemos. A mim me parece que, pelo contrário, consegui acalmá-la. Pois o que é isso tudo”, ele perguntou lançando um olhar em torno, “senão um remanso da paz de antanho”?

“Queria de todo o coração”, ela imediatamente retrucou, “ser capaz de convencê-lo de que se trata de um refúgio para o descanso”. Nisso se entreolharam sobre a mesa como se o ar estivesse carregado de coisas não ditas.

Quando tomou a palavra em seguida, Strether pareceu, a seu modo, abordar algumas delas, “O problema é que não produziria em mim o mesmo efeito que, sem dúvida, ainda produz na senhora. Não há uma verdadeira harmonia”, explicou, ajeitando-se no encosto, mas com os olhos postos em um pequeno melão maduro, “entre mim e o que me rodeia. No seu caso, há. Levo tudo demasiado a sério. A senhora, não. Sinto-me deslocado (pois é aí que chegamos) aqui”. Então, num aparte: “O que ele pode ter ido fazer em Londres”? Perguntou.

“Ah, todos nós temos o direito de ir a Londres”, Maria respondeu, gargalhando. “Eu mesma estive lá”.

Sim, ele aceitou a lembrança. “E a senhora me trouxe de volta para cá”. Seus pensamentos seguiam numa direção oposta, mas sem mágoa. “Quem foi que Chad trouxe? Ele está cheio de ideias. E eu

escrevi para Sarah”, acrescentou. “Foi a primeira coisa que fiz esta manhã. De modo que estamos quites. Estou preparado para enfrentá-los”.

Ela negligenciou certas partes de seu discurso em prol de outros. “Marie me disse no outro dia que a ele não falta nenhum dos predicados de um imenso homem de negócios”.

“Aí está. Chad é filho do pai dele”!

“Mas, e *que* pai”!

“Ah, o mais apropriado, desse ponto de vista! Mas não é o pai que há nele”, Strether acrescentou, “que me preocupa”.

“O que é, então”? Nosso amigo voltou-se para seu desjejum; naquele momento partilhou o delicioso melão, saboreando uma fatia generosa que ela lhe serviu; foi somente depois disso que considerou a sua pergunta. Mas foi apenas para dizer que lhe diria em breve. Ela esperou, observou, cuidou dele e o entreteve, e foi talvez com a ideia de entretenimento em mente que em seguida lhe recordou que ele nunca havia designado o nome do artigo produzido em Woollett. “Lembra que falamos disso em Londres — naquela noite, no teatro”? Antes que ele respondesse que sim, porém, ela o assaltou com outros assuntos. Ele lembraria, não teria esquecido — isso e aquilo daqueles primeiros dias? Strether recordava-se de tudo, trazendo à baila com bom humor até mesmo os pormenores sobre os quais Maria não guardava mais nenhuma lembrança, detalhes que ela negava com veemência; e tornando sobretudo ao grande interesse daqueles primeiros dias, a dúvida que ambos tinham sobre como ele se “sairia”. Estavam tão certos de que se sairia muito bem — que presumiram que só poderia ir muito longe. Bem, foi o que sem dúvida aconteceu — já que chegou até ali. Na verdade, foi tão longe

quanto poderia ter ido, e agora devia estar pensando na possibilidade de retroceder. Ele descobriu ali mesmo a imagem que convinha à sua história recente; era como uma das figuras do velho relógio de Berna. Estas também saíam de um lado, na hora delas, davam seu passeio desengonçado aos olhos do público e então se retiravam pelo outro lado. Ele também dera seu pequeno passeio “ e agora também o aguardava uma modesta retirada. Strether se dispôs, se ela realmente quisesse saber a revelar o nome do grande produto de Woollett. Seria um comentário perfeito a tudo aquilo. Nesse ponto sua amiga o interrompeu; ela não só não tinha nenhuma vontade de saber como não saberia por nada neste mundo. Havia renunciado aos produtos de Woollett — malgrado o bem que estes lhe tivessem feito. Não queria ter mais notícias sobre eles, e mencionou o fato de que a própria Madame de Vionnet, pelo que sabia, vivia muito bem sem a informação que ele estava prestes a fornecer. Ela nunca consentiu que lhe contassem, conquanto pudesse ter aceitado saber, sob pressão, pelos lábios de Mrs. Pocock. Mas era um assunto sobre o qual Mrs. Pocock aparentemente tinha pouco a dizer — sobre o qual nunca disse palavra — e agora pouco importava. Claramente nada mais importava a Maria Gostrey naquela altura — salvo, ou seja, um ponto delicado ao qual ela chegou a tempo. “Não sei se o senhor considera a possibilidade de que, deixado a sós, Mr. Chad possa afinal voltar. Pelo que acabou de me dizer sobre ele, presumo que essa hipótese tenha passado por sua cabeça”.

Seu convidado manteve os olhos, gentis, mas atentos, presos nela, como se prevendo o que viria em seguida. “Não creio que será por dinheiro”. Então, como ela pareceu titubear: “Quero dizer, não creio que seja por isso que ele a abandonará”.

“Então ele vai abandoná-la”?

Sem pressa, cauteloso agora, Strether esperou um instante, prolongando esse seu último e delicado estágio, rogando-lhe de várias maneiras sugestivas e silenciosas que tivesse um pouco mais de paciência e compreensão. “O que a senhora ia me perguntar há pouco”?

“Há algo que ele possa fazer que, para o senhor, ponha um fim às suas desavenças”?

“Com Mrs. Newsome”?

Ela concordou apenas com a cabeça, como se tivesse tido um pudor de pronunciar o nome, mas acabou acrescentando: “Ou há algo que ele possa fazer que a convença...”?

“A fazer as pazes comigo”? A resposta veio, por fim, com uma sacudida definitiva de cabeça. “Não há nada que alguém possa fazer. Está acabado. Tanto para ela quanto para mim”.

Maria hesitou, ligeiramente cética. “O senhor tem certeza sobre ela”?

“Ah, sim... agora tenho. Muita coisa aconteceu. Não sou mais o mesmo para ela”.

Suspirando fundo, ela entendeu o que ele queria dizer. “Está certo. De modo que como ela não é mais a mesma para o *senhor*...”

“Ah”, ele interrompeu, “mas ela continua igual”. E como Miss Gostrey mais uma vez hesitou: “Ela é, mais do que nunca, a mesma. Mas agora sou capaz de fazer algo que não podia, antes — eu a vejo tal como ela é”.

Ele falava com ar grave, como se motivado por um sentimento de responsabilidade — já que precisava expressar-se; e o efeito foi

ligeiramente solene, de forma que ela apenas soltou um “Oh”! Grata e satisfeita, contudo, mostrou com suas palavras seguintes que aceitava a observação de seu amigo. “Por que, então, o senhor quer voltar para casa”?

Ele havia afastado o prato, ocupado com outro lado do dilema; refugiando-se de fato nesse lado e sentindo-se tão empenhado que logo se viu de pé. Foi estimulado com antecedência pelas palavras que, supunha, ela lhe dirigiria, e teria gostado de impedi-la, para poder lidar com a questão de modo mais brando; contudo, aquilo o animava a ser ~ posto que da forma mais serena possível — dissuasivo e concludente. Deixando por ora a questão de lado, discorreu um pouco mais sobre Chad. “Ele não poderia ter sido mais enfático na noite anterior do que quando concordou comigo sobre a infâmia que seria renegá-la”. “Foi o que disse a ele — que se tratava de uma infâmia”?

“Oh, claro! Descrevi-lhe com detalhes a vil criatura que ele seria, e ele concordou comigo”.

“De modo que foi realmente como se o senhor o tivesse encostado contra a parede”?

“Sim, mais ou menos...! Eu lhe disse que o amaldiçoaria”.

“Ah”, ela sorriu, “o senhor de fato chegou lá”. Então, tendo refletido de novo: “O senhor não pode, depois disso...”! Mas ela limitou-se a perscrutar-lhe o rosto.

“Voltar a pedir a mão de Mrs. Newsome”? Ela vacilou novamente, mas conseguiu recobrar-se. “Nunca acreditei, sabe, que o senhor houvesse feito o pedido. Sempre achei que a proposta tivesse partido dela e, desse modo, eu posso entender. O que quero dizer é que”, ela explicou, “diante de um tal espírito — o espírito das

maldições! — O rompimento não tem mais conserto. Basta que ela saiba o que o senhor disse ao filho para nunca mais erguer um dedo”.

“Eu fiz”, disse Strether, “o que pude fazer... ninguém poderia ter ido mais longe. Ele jura a sua devoção e o seu horror. Mas não sei se o salvei. Chad fez juras demais. Pergunta como podemos imaginar que tenha se cansado dela. Mas ele tem toda a vida pela frente”.

Maria percebeu o que seu interlocutor queria dizer. “Ele aprendeu que deve agradar”.

“E foi nossa amiga que o ensinou”. Strether pressentiu a estranha ironia.

“Assim, dificilmente a culpa é sua”!

“De todo modo é o risco que ele corre. Ou seja”, disse Strether, “é o risco que ela corre. Mas ela sabe disso”.

“Sim, ela sabe. E o senhor achou”, perguntou Miss Gostrey, “que havia outra mulher em Londres”?

“Sim. Não. Isto é, não pensei em nada. Pensar me dá medo. Parei de pensar”. E ele estendeu a mão para ela. “Adeus”.

O gesto a lembrou de sua pergunta não respondida. “Por que o senhor quer voltar”?

“Não sei. Sempre haverá algo”.

“Com uma grande diferença”, ela disse enquanto segurava sua mão. “Uma grande diferença — sem dúvida. Mesmo assim verei o que posso fazer”.

“É possível que faça algo tão bom...”? Mas, lembrando-se do que Mrs. Newsome havia feito, ela se deteve.

Mas foi o bastante para fazê-lo compreender. “Tão bom quanto este lugar neste momento? Tão bom quanto o que a senhora faz, ao menor toque”? Ele demorou um minuto para responder, pois, a bem da verdade, o que havia ali na oferta que ela lhe fazia — pois era uma promessa de serviços esmerados, de cuidados reconfortantes estendendo-se até o fim de seus dias — não deixava de ser tentador. Sentiu-se protegido e aquecido, abrigado sob um teto, repousando firmemente sobre uma escolha. E o que regia essa escolha eram a beleza e o conhecimento. Era inoportuno, era quase estúpido, demonstrar desprezo por tais qualidades; ainda assim, sem embargo, na medida em que elas lhe davam essa oportunidade, tratava-se de uma oferta momentânea. De resto, ela compreenderia — ela sempre compreendia.

Era bem possível, mas, nesse meio tempo, ela insistiu. “Não há nada, sabe, que eu não faça pelo senhor”.

“Oh, sim... eu sei”.

“Não há nada”, ela repetiu, “no mundo”.

“Eu sei. Eu sei. Mesmo assim preciso ir”. Ele conseguiu, enfim, dizer: “Para ter razão”.

“Para ter razão”?

Miss Gostrey repetira as palavras em um tom levemente desaprovador, mas ele sentiu que ela já havia atinado. “Como vê, é aí que reside a minha única lógica. A de não ter tirado nenhum proveito pessoal de toda a história”.

Ela refletiu. “Mas, com as impressões maravilhosas que o senhor obteve, há de ter tido um grande proveito”.

“Um grande proveito”, ele concordou. “Mas nenhum comparado com o seu. É a senhora quem me deixaria numa situação equivocada”! A honestidade e a polidez a impediram de fingir ignorância. Mesmo assim, podia dissimular um pouquinho. “Mas por que o senhor precisa ser tão terrivelmente correto”?

“A senhora mesma — se eu devo partir — seria a primeira a querer que eu agisse assim. E não consigo ser diferente”.

Dessa forma, portanto, ela foi obrigada a resignar-se, se bem que sob protesto. “Não é tanto o fato de o senhor ser ‘correto’ — é a terrível perspicácia para aquilo que o torna correto”.

“Ah, mas a senhora não é melhor do que eu. Não consegue resistir quando lhe aponto a verdade”.

Ela por fim soltou um longuíssimo suspiro, trágico e cômico ao mesmo tempo. “É impossível resistir ao senhor”.

“Pois aí estamos”! Disse Strether.